MAPPA
DE
PORTUGAL
ANTIGO, E MODERNO

PELO PADRE

JOAÕ BAUTISTA DE CASTRO,

Beneficiado na Santa Basilica Patriarcal de Lisboa.

TOMO SEGUNDO.

PARTE III. E IV.

Nesta segunda ediçaõ revisto, e augmentado pelo seu mesmo Author: e trata da Historia Ecclesiastica, Literaria, e Militar do Reino.

LISBOA,
Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LXIII.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

CORRECÇÕES, E ADDIÇÕES.

NAõ obſtante ficarem já pelo corpo da obra advertidos alguns erros, e equivocações da primeira impreſſaõ, e addicionadas outras noticias que lhe faltavaõ; agora offereço aqui ſeparadamente mais emendas, e advertencias, deixando à perſpicacia dos leitores prudentes outras muitas, que elles com facilidade poderáõ corregir.

Em ſemelhante aſſumpto, que pela mayor parte ſe compoem de informações differentes, naõ he facil a hum Author, que naõ as póde examinar todas com os olhos, ſer taõ exacto como quizera. Trabalhey quanto me foy poſſivel para que eſta obra ſahiſſe perfeita, ſem embargo das conhecidas repugnancias, e ingratos deſcuidos, que experimentey em muitas peſſoas, as quaes podendo neſta parte promover a gloria da Naçaõ, parece que por meſquinhez, ou aſſinte fazem capricho de naõ quererem que ſe adiante com o ſeu auxilio os eſtudos alheios; eſpecialmente quando eſtes involvem materias, e pontos, que naõ he facil poder abrangellos a curta esféra de hum ſó braço.

Porém todas as difficuldades diſſimuley, pelo dezejo que tenho de ſervir a Patria, a cujo devido obſequio ſacrifico o meu deſvélo, e diligencia. E baſtaria para me naõ fazer retroceder do meu intento na empreza que tomey, a benignidade dos poucos que para ella cooperaraõ com affecto. Diſtinguioſe eſte particularmente no meu amigo, e companheiro o M. R. Beneficiado Joſeph Caetano de Almeida Bibliothecario delRey Fideliſſimo; pois informado deſte meu literario projecto, com ſingular zelo naõ ſe contentou ſó de me franquear toda a boa copia de livros, que me foraõ precizos, mas ſe dignou animarme, participando-me com liberalidade muitos importantes monumentos conducentes a illuſtrar eſta minha obra, extrahidos do copioſo cabedal de erudiçaõ, que o ſeu infatigavel eſtudo tem recolhido.

Com igual agradecimento devo tambem publicar o grande zelo do M. R. P. Fr. Francifco de Oliveira, Religiofo confpicuo da Ordem dos Prégadores, e filho memoravel da Cidade de Béja, o qual fem me conhecer mais que pela noticia das fracas producções do meu trabalho, quiz acreditar a minha applicaçaõ honrando-me, folicitando a minha correfpondencia, e com ella enriquecendo-me de muitas advertencias, e noticias, que frequentemente me communica, em que moftra naõ fó o pleno conhecimento, que tem da Hiftoria do noffo Reino, mas o generofo coraçaõ, e genio de que he dotado, como affim o publicaõ tambem por experiencia alguns dos noffos Efcritores; [1] pois conhece quanto he honrofo, e eftimavel refundir nos outros com generofidade a erudiçaõ adquirida, com que fe poffa utilizar o publico.

Igualmente me naõ devo efquecer do Senhor Francifco Xavier de Santarem, e a mefma memoria farey de todos os mais fujeitos, que contribuirem benevolos, e zelofos com fuas advertencias; porque fó affim errarey menos, e poderá efta obra confeguir pelo tempo adiante aquella perfeita utilidade, que agora talvez lhe falte por minha infufficiencia. Paffemos a notar o mais importante.

NO TOMO I.

Pag. 75. As dezoito Villas de que fe compõem a Comarca de Béja, faõ as feguintes: *Agua de Peixes*, *Albergaria*, *Alvito*, *Beringel*, *Faro*, *Ferreira*, *Ficalho*, *Moura*, *Odemira*, *Oriola*, *Portel*, *Serpa*, *Torraõ*, *Vidigueira*, *Villalva*, *Villa de Frades*, *Villa nova da Baronia*, *Villa Ruiva*.

Pag. 150. Aqui fe deve agregar a famofa fonte de Alvito, que nafce debaixo do caftello onde habitaõ os Condes, com a qual fe regaõ muitas hortas, e moem muitas azenhas. Tam-

---

[1] Barbofa na Bibliot. tom. 4. p. 139. Pereira na Chron. do Carmo tom. 2. pag. 308. Cardofo no Diccion. Geogr. tom. 1 p. 141. tom. 2. pag. 124. e 767. Soufa na Agiol. Lufit. tom. 4. pag. 201. e 690 Bellem na Chron. dos Algarv. tom. 1. p. 179. Ignacio Jofeph Magro na Farmacop. Pacenfe tom. 1.

Tambem na Villa de Agua de Peixes ha a famosa, e fertil fonte na quinta do Duque de Cadaval, a que chamaõ o Olho de Pedro.

Pag. 154. Todas as aguas de Monchique nascem da fonte chamada a Foya, e dalli vem huma ribeira, que bate no dormitorio das Caldas; porém adverte-me na sua carta o R. P. Fr. Francisco de Oliveira, que quando lá estivera, nunca experimentara, nem ouvira dizer as propriedades de se secar em Dezembro.

Pag. 185. A moeda chamada *Espadins de ouro* a mandou lavrar ElRey D. Joaõ II. na Cidade de Béja, e na rua a que ainda chamaõ da moeda, cuja entrada fica na praça da parte do Occidente.

Pag. 276. Sobre o successo dos degolados de Monte-mór o velho me escreveo o R. P. Fr. Francisco de Oliveira, dizendo-me, que o examinara com o literato, e insigne Poeta Francisco de Pina dalli natural, o qual assentára ser veridico; e que em memoria de tanto prodigio ainda se representava na dita Villa todos os annos a 10 de Agosto o sobredito caso, formando-se hum exercito fingido de Mouros, e outro de Christãos, que nas gargantas poem hum sinal vermelho para memoria do successo.

Pag. 400. O Principe D. Joaõ primogenito delRey D. Affonso V. jaz na Capella do Rosario no Convento da Villa da Batalha, como se diz no *Claustro Dominicano tom.* 1. *pag.* 315.

TOMO II.

Pag. 2. n. 2. O templo dedicado ao Deos *Endovelico* quer o P. Fr. Francisco de Oliveira, que fosse onde hoje chamaõ S. Miguel do Landroal.

Ibid. Deve-se accrescentar o templo de *Diana* erecto no sitio onde está a Igreja de S. Agueda termo da Villa nova da Baronia, cuja inscripçaõ alli achada fez conduzir o sobredito Fr. Francisco de Oliveira incansavel indagador das antiguidades do Reino para o frontispicio da nova casa do despacho da Misericordia da mesma Villa em o anno de 1761.

Pag. 8. n. 15. Naõ só do S. Aprigio, mas

 de

de Angelo, e Isidoro de Béja se achaõ hoje os retratos em primorosos paineis collocados na Igreja da Graça da mesma Cidade por industria, e diligencia do mencionado Fr. Francisco de Oliveira, que tudo que for honrar a sua patria he para elle o obsequio o mais estimavel.

Pag. 45. n. XVI. O Senhor D. Jorge morreo no anno de 1550, e naõ no de 1511.

Pag. 112. Onde está Hospicio lea-se Convento.

Pag. 126. O Convento Xabregano de S. Francisco de Béja existia alli já no anno de 1271 segundo o testamento delRey D. Affonso III. que lhe deixou certa esmola, como consta do *tom. 1. das Provas da Historia Genealogica da Casa Real pag. 56.*

Pag. 127. Advirta-se que em Alvito naõ ha Convento Xabregano, mas só hum Hospicio onde residem tres Religiosos. Este de Nossa Senhora dos Martyres fica fóra da Villa, e delle falla o *Diccionario Geografico do P. Luiz Cardoso tom. 1.*

Pag. 125. Em Alvito se assina hum Convento aos Religiosos Trinitarios, e agora me escreve o R. Fr. Francisco de Oliveira, que em Alvito nunca houvera Convento de Trinos. O que ha he só hum Hospicio, em que se recolhe o Reitor, que he Paroco da Matriz unica da Villa, com hum Sacerdote, e hum Leigo Procurador; e por mais diligencias, que fizeraõ, nunca poderaõ obter fundaçaõ de Convento; e se assistem mais de tres Frades, a Camera os manda despejar, conforme o ajuste que fizeraõ. A ultima sentença, que o Baraõ, e moradores de Alvito alcançaraõ, para que os Padres da Trindade naõ fundassem alli Convento da sua Ordem, naõ obstante terem para isso Breve de Clemente VIII. foy passada no anno de 1655.

Pag. 133. n. 6. O Convento de Nossa Senhora da Victoria, e naõ de S. Victoria, he hoje huma das Freguezias do termo de Béja. As suas rendas no anno de 1445 foraõ applicadas para o Convento de Santa Clara da mesma Cidade, donde se infere, que já antes do anno de 1503 naõ hávia alli Communidade.

Pag.

Pag. 140. n. 3. S. Adofinda primeiro foy cafada, e depois Religiofa, como prova *D. Antonio Caetano de Soufa no tom.* 4. *do Agiol. pag.* 438.

Pag. 141. n. 8. No termo de Béja entre a ribeira de Marcabron, e Villa de frades houve no tempo dos Godos o mais celeberrimo Convento Benedictino dedicado a S. Cucufate. Delle ainda exiftem ruinas de columnas, torre, abobedas, e outros veftigios de grande edificio. Confervou-fe no tempo dos Arabes com Igreja, altares, e imagens. Chamava-fe vulgarmente o Môfteiro de S. Covádo, e era cabeça de todos os mais Conventos da Provincia do Alentejo. O feu Superior fe intitulava Abbade dos Abbades, e de hum delles fe refere huma carta no *tom.* 2. *do Agiologio Lufitano pag.* 583. mandada ao Summo Pontifice, em que lhe dizia affim: *Abbas Abbatum de S. Cucufato mittimus ad te noftrum legatum. Noftri opideni nolunt quod ego, nec ego quod illi. De billis in billis venimus ad capillis. De me fac quod vis, dummodo fim Abbas. Vale.*

Pag. 143. n. 14. De S. Faufto ha huma Ermida fóra da Villa do Torraõ, com o qual tem o povo muita fé.

Pag. 157. n. 7. O V. Irmaõ Mercenario Fr. Antonio de S. Pedro morreo em Offuna Cidade de Andaluzia, onde jaz, a 30 de Julho de 1622, como confta do feu epitafio, que allega *Soufa no Agiologio tom.* 4. *pag.* 375.

Pag. 163. n. 4. Por feguir a Duarte Nunes diffe, que o V. Arcebifpo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres falecera no anno de 1592; porém D. Antonio Caetano de Soufa no *tom.* 4. *do Agiologio Lufitano pag.* 206. e Barbofa na *Bibliotheca*, allegando a fua infcripçaõ fepulchral, que fe lê em Vianna, dizem que fallecera a 16 de Julho de 1590.

Pag. 159. Entre os veneraveis fervos do Senhor defta Provincia merece efpecial memoria a V. *Maria do Lado* natural do Louriçal fete leguas de Coimbra, a qual depois de fundar na fua patria, e cafas natalicias hum Recolhimento de De-

vo-

votas, que em continuo lausperenne veneraſſem o Santiſſimo Sacramento; que hoje ſe acha reduzido a Moſteiro de Religioſas Clariſtas, falleceo com opiniaõ, e ſinaes de predeſtinada a 29 de Março de 1632. Delle ſe lembra Cardoſo no *tom.* 2. *do Agiol. Luſit. pag.* 750. e mais largamente Souſa no *tom.* 4. do meſmo *Agiol. pag.* 642.

Pag. 172. n. 2. Ainda na praça deſta Villa da Vidigueira ſe conſervaõ as caſas onde eſte Varaõ Apoſtolico naſceo.

Ibid. Aqui ſe deve fazer memoria de *S. Aprigio* Biſpo da Cidade de Béja, e de grande honra para ella, naõ ſó pelas ſuas virtudes raras, mas pela profunda intelligencia da ſagrada Eſcritura, em que floreceo no Seculo VI. e imperio dos Godos; e delle ſe lembraõ muitos, que refere Barboſa na *Bibliot. tom.* 1. *pag.* 432.

Pag. 174. n. 6. Deſte Santo ha na Provincia do Alentejo duas Freguezias huma no termo de Béja, e outra no de Montemór. Ha mais tres Ermidas com a meſma invocaçaõ: huma no termo de Coruche, que no anno de 1534 foy Paroquia: outra no termo de Mertola, e outra no termo de Villa nova da Baronia junto à ribeira do Xarrama.

Pag. 177. n. 15. O Doutor Franciſco de Negreiros Alfeiraõ Ex-Vigario geral de Béja collocou na Igreja dos Monges de S. Paulo de Monte-mór huma excellente imagem deſta Santa no anno de 1759.

Pag. 178. A eſta Provincia ſe deve ajuntar a memoria da Madre Soror Maria Joanna filha da Cidade de Evora, e Religioſa no Moſteiro do Louriçal, que falleceo a 25 de Março de 1754 com grandes demonſtrações de virtuoſa, e ſinaes de predeſtinada.

Pag. 179. A V. Soror Maria Perpetua da Luz ſerve de grande decoro a eſta Provincia Tranſtagana, e com eſpecialidade à Cidade de Béja donde foy naturál. Era Religioſa no Moſteiro da Eſperança da meſma Cidade, e dotada de muitas virtudes praticadas em grão heroico. Falleceo a 26 de Agoſto de 1736.

Pag.

Pag. 194. n. 27. A cabeça de S. Fabiaõ Papa diz o Agiologio Lusitano, que existe em Cazevel na Igreja Paroquial de S. Joaõ Bautista; porém em Roma he venerada na Igreja de S. Sebastiaõ às Catacumbas a cabeça deste Santo; e agora me escreve o P. Fr. Francisco de Oliveira, segurando-me que vira com o mesmo titulo, e nome outra na cella dos Guardiões de S. Antonio de Abrantes. Hum só foy o Pontifice S. Fabiaõ, huma só deve ser a sua cabeça; será precizo revelaçaõ para sabermos qual he a verdadeira.

Pag. 223. n. 73. Todas estas Reliquias, de que tambem faz memoria o *Agiol. Lusit. tom.* 4. *pag.* 605. se conservaõ presentemente em hum cofre dentro em hum armario, que na enfermaria do Convento mandou fazer o P. Guardiaõ Fr. Jorge de Campomayor no anno de 1757.

Pag. 224. Na Abbadia de Urros, que fica na Provincia Transmontana, e Comarca do Moncorvo, se conservaõ em huma Ermida as veneraveis reliquias de S. Apollinar Bispo, e Martyr, pelas quaes obra Deos muitos prodigios continuamente, especialmente nas pessoas quebradas, como se refere no *Agiol. Lusit. tom.* 4. *pag.* 642.

Pag. 240. A estas milagrosas Imagens se deve ajuntar a que se venera no termo da Villa de Chacim com o titulo da Senhora de *Balsamaõ*, por ser Santuario muy frequentado de toda a Provincia Transmontana, cujos devotos recorrem com fé a esta veneranda, e formosa imagem da Senhora pela experiencia dos prodigios, que ella lhes faz continuamente, e delles se lembra o Author do *Santuar. Marian. tom.* 5. *pag.* 598.

Pag. 250. n. 33. Outra imagem da Senhora com o mesmo titulo do Rosario se venera na Matriz de Santa Maria de Béja, a qual por huma grande peste, que afligia a Cidade, fizeraõ seus Cidadões voto de a levarem todos os annos em procissaõ na primeira Oitava da Pascoa ao Convento de Santa Clara extra muros, o que ainda se pratica segundo

a in-

a informaçaõ que por carta nos deu o R. Padre Fr. Francifco de Oliveira.

Pag. 261. n. 32. Aqui accrefcentarey a veneraçaõ, que os povos da Cidade de Béja, e Villas da fua Comarca coftumaõ ter com devoçaõ efpecial a varios Santos.

Béja a N. Senhora das Neves diftante da Cidade meia legua, a cuja fagrada imagem recorrem os Cidadões nas faltas de agua, trazendo a dita Imagem proceffionalmente para a Cidade. *Alvito* ao Senhor Jefus das Almas. *Albergaria* a N. Senhora do Oiteiro. *Agua de Peixes* ao Senhor S. Jofeph. *Beringel* à Senhora da Conceiçaõ. *Faro* a S. Luiz Bifpo de Tolofa. *Ferreira* à Senhora da Conceiçaõ. *Ficalho* a S. Marcos. *Moura* à Senhora do Carmo. *Odemira* à Senhora da Piedade além do rio. *Oriola* a S. Bartholomeu do Oiteiro. *Portel* à Vera Cruz do Marmelal. *Serpa* a S. Antonio no Convento Xabregano. *Torraõ* a S. Domingos na Igreja Matriz. *Vidigueira* à Senhora das Reliquias no Carmo. *Villa de Frades* a S. Antonio dos Affores. *Villalva* a S. Bartholomeu entre as vinhas. *Villa nova da Baronia* a S. Noitel. *Villa ruiva* ao Senhor da Ladeira.

Pag. 269. n. 16. Por ordem delRey Fideliffimo já naõ exiftem no Convento da Batalha Dominicano os eftudos, mas fim no de Santarem; fervindo o da Batalha para creaçaõ dos Noviços, que forem para a India.

Pag. 382. Advertem-me, que à Praça de Mertola nada lhe faz frente, como tambem o naõ faz Xerez à Praça de Moura; e que o Caftello de Ferreira fe acha arruinado, e perdido.

Pag. 436. n. 85. Os offos do inclyto D. Payo Peres Correa fe trasladaraõ antigamente para a Igreja Matriz de Tavira; e ignorando-fe o fitio do jazigo, fe defcobriraõ no anno de 1724 por diligencias do Doutor Juiz de Fóra Joaõ Leal da Gama, como refere *Barbofa na Bibliot. tom. 3. p. 537.* e feu Irmaõ nos *Faftos da Lufit. tom. 1. p. 485.*

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS DESTE ſegundo Tomo.

PARTE III.

PAR-

PARTE IV.

MAPPA DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

Do eſtabelecimento, e progreſſos da Religiaõ em Portugal.

1 NTES de darmos noticia do eſtabelecimento, e progreſſos da Fé Catholica em o noſſo Reino, havemos de ſaber, que na abençoada prole de Tubal, primitiva aſcendencia dos Luſitanos, ſe conſervou largo tempo a ley natural, a fé, e religiaõ, que aquelle Patriarca enſinou, com as ceremonias deſtinadas para o culto de

hum ſó Deos verdadeiro , (1) até que pela entrada dos Gregos , Fenices , e Romanos ſe introduzio , e fomentou em noſſas terras a idolatria.

2 O que ſe acha em pedras , e inſcripções antigas he , que na Luſitania deſde aquelle tempo dos Gregos , e Romanos havia templos dedicados a varios deoſes da gentilidade : templo a *Minerva* nas prayas de Lisboa ; templo a *Venus* em Evora ; templo a *Jupiter* no Torraõ ; templo ao celebre deos *Endovelico* junto de Terena no Alentejo ; templo de *Proſerpina* em Villa Viçoſa ; templo , e idolo de *Vulcano* em Santiago de Cacem ; templo a *Iſis* em Braga ; templo a *Ceres* em Guimarães ; templo ao *Sol* , e à *Lua* na Serra de Cintra ; templo , e eſtatuas a *Tiberio* , a *Trajano* , a *Nero* , a *Agripina* , e a outras mentiroſas divindades gentilicas. (2)

3 Porém he obſervaçaõ , que naõ merece deſprezo , reparar , que entre a mayor turba daquelles falſos deoſes naõ ha hiſtoria memoravel , que attribua aos primitivos Luſitanos ſerem elles poſitivamente os que lhes erigiſſem eſtatuas , ou dedicaſſem ſitios para ſe lhes edificar templos : todos foraõ introduzidos , e maquinados por Gregos , e Romanos. Dos Callaicos , e Celtibéros eſcreve Eſtrabo , que deſprezavaõ a multidaõ dos deoſes. (3) O famoſo templo de Hercules , erecto na Betica pelos Tyrios , foy deſtruido pelos Luſitanos , (4) acçaõ , que nenhum idolatra emprendera.

4 Prova-ſe tambem , que ſendo Geryaõ Rey da Luſitania , e fazendo-ſe memoria de hum templo ſeu levantado em noſſos paizes , onde ſe faziaõ conſultas ,

---

(1) Largamente o prova Yañes na Eſpaña en la Santa Biblia tom. 1. cap. 23. e de Faria , e Mariana o moſtra Fonſeca na Evora glorioſa n. 336. (2) Reſend. de Antiquit. Luſit. Brito na Monarq. Luſitan. tom. 1. (3) Strab. lib. 3. *Callaicos perhibent nihil de diis ſentire . . . Celtiberos autem , & eos , qui ad Septentrionem eorum ſunt vicini , innominatum quemdam Deum venerari.* (4) Monarq. Luſitan. part. 1. pag. 114.

ſultas, e ſe ouviaõ reſpoſtas, conſta que foy fabricado por Gregos, e naõ por Luſitanos. (1) Mas quando alguns dos noſſos prevaricaſſem da ſua primitiva Fé, foy em tempo muy poſterior, e quaſi quando a Providencia Divina tinha preparado o fim medio da vinda de Chriſto, para que a luz do Evangelho lhes amanheceſſe mais cedo, e foſſe nelles mais breve a noite da idolatria. (2)

5 Aſſim ſabemos que foraõ os Luſitanos os primeiros de toda Heſpanha, que promptamente ſe converteraõ, e abraçaraõ a verdadeira Religiaõ, annunciada pelo Apoſtolo Santiago Mayor, e depois confirmada pelo Apoſtolo S. Paulo, e alguns de ſeus diſcipulos. Da vinda de Santiago a Heſpanha já naõ ſe póde duvidar com fundamento depois de taõ doutos Tratados, que ſe tem eſcrito, baſtando ſó os dous grandes volumes, que ſobre eſte ponto compoz, e publicou o laborioſo Academico D. Manoel Caetano de Souſa, onde ſe vê diffuſamente a evidencia irrefragavel dos argumentos, e a impenetravel força de mais de ſeiſcentos Authores de todas as nações, que aſſeveraõ concordes a vinda daquelle Santo Apoſtolo a Heſpanha, (3) além de huma taõ antiga, e conſtante tradiçaõ, que ha neſta materia.

6 Querer tambem negar a vinda de S. Paulo, ſeria temeridade, por ſer aquella expediçaõ Apoſtolica neſtas partes occidentaes hum facto plenamente aſſegurado com os relevantes teſtemunhos de muitos

---

(1) Ruſo Feſt. Avien. *Ora maritima* verſ. 261. apud Yañes allegad. tom. 1. cap. 24. n. 15. pag. 285. (2) Reſend. lib 4. de Antiq. pag. mihi 236. *Quòd ſi nebuloſo infelicis gentilitatis ævo ſuperſtitionibus addicti Luſitani fuere, certè, Euangelica luce radiante, morati diù non ſunt, quin veri Dei cultum, & religionem amplecterentur.* (3) Suppoſto que o allegado Academico D. Manoel Caetano eſgotaſſe eſte aſſumpto, com tudo depois delle eſcreveo o erudito Yañes, accreſcentando algumas outras razões, fundamentos, e authoridades, que merecem ſer viſtas no tom. 2. da Eſp. en la S. Biblia.

Santos Padres, e hum quaſi innumeravel computo de outros Eſcritores. (1)

7 O anno da primeira Miſſaõ Evangelica dizem huns que fora o de 41 de Chriſto, outros o de 35, ou 36 depois da admiravel Aſcenſaõ do Senhor. (2) E ſendo Braga a primeira terra de Heſpanha, que mereceo a gloria de ſer allumiada com as luzes do Evangelho, nella ficaraõ logo pelo Apoſtolo Santiago convertidos alguns, dos quaes eſcolhendo o Santo nove diſcipulos, deixou dous para continuarem a promulgaçaõ da verdadeira Fé, ſendo hum delles S. Pedro de Rates, primeiro Biſpo de toda a Heſpanha: e partindo para C,aragoça, levantou a Caſa ſanta do Pilar. Depois, tornando a Braga, conſagrou outra Igreja a Maria Santiſſima, e embarcando na Corunha com os ſete diſcipulos *Torcato*, *Theſifonte*, *Secundo*, *Indalecio*, *Cecilio*, *Eufraſio*, e *Heſyquio*, voltou a Jeruſalem, onde foy martyrizado por Herodes Agrippa.

8 Recolhendo entaõ os diſcipulos com muitas lagrimas o truncado corpo do Santo Meſtre, partiraõ com elle de Joppe, e chegando prodigioſamente à Cidade de Iria Flavia, chamada hoje do Padraõ, lhe deraõ decente, e religioſa ſepultura. Daqui conſtando-lhe que S. Pedro, Principe dos Apoſtolos, fora livre por hum Anjo da prizaõ, em que eſtivera, e aſſiſtia já em Roma, ſe foraõ lá a darlhe conta do ſuccedido, e elle conſagrando-os em Biſpos, os enviou outra vez a Heſpanha, em que diſcorrendo ſeparados por varias povoações, continuaraõ tambem em noſſas Provincias a fundaçaõ da Chriſtandade, evangelizando o Reino do Ceo, deſterrando

---

(1) Baron. in Martyrol. Roman. a 22. de Março. Natal Alexand. e outros, que allega Tamayo in *Dextr.* Eſculan. Hiſtor. de Valença liv. 2. cap. 1. Arnold. Theatr. converſ. gent. pag 47. Diffuſamente o Meſtre Yañes tom. 2. da Eſpaña en la S. Biblia pag. 252 n. 150. & ſeqq. (2) Monarq. Luſitan. liv. 5. cap. 3. Bozius de Signis Eccleſiæ tit. 1. lib. 4. ſign. 6. cap. 1. Far. tom. 1. part. 3. cap. 1,

terrando a idolatria, convertendo muita gente, fundando Igrejas, e eſtabelecendo os Ritos, e ceremonias, que ſe haviaõ de uſar nos divinos Officios conformes à Igreja Romana (1) até acreditarem a meſma doutrina, que prégavaõ, com a expoſiçaõ eſpontanea das proprias vidas a crueis martyrios. (2)

9 Como nas couſas Eccleſiaſticas dos primeiros ſeculos nos informaõ as Hiſtorias confuſamente, he muy difficil averiguar o eſtado, e governo Eccleſiaſtico da primitiva Igreja Luſitana; mas ſendo certo, que o furor dos Imperadores Romanos naõ permittiaõ outros templos, nem outros ſimulacros, que os das ſuas falſas divindades, de crer he, que os Templos dos Chriſtãos Portuguezes ſeriaõ ou as grutas eſcondidas, ou particulares Oratorios, onde concorreriaõ occultos a fazer ſuas orações, e ſacrificios, porém ſempre perſeguidos do Gentiliſmo; mas com tanta conſtancia na Fé, que a ennobreciaõ com ſeu ſangue, confeſſando intrepidamente innumeravel multidaõ de Martyres a verdadeira Religiaõ de Chriſto diante dos meſmos tyrannos.

10 Aſſim ſe hia multiplicando o Chriſtianiſmo, e alargando pouco a pouco os Oratorios em Templos, exercitando-ſe nelles o religioſo culto, e mais funções Eccleſiaſticas ordenadas pelos Biſpos. E poſto que Diocleciano, perſeguidor cruel dos Chriſtãos, mandaſſe em Heſpanha por Daciano, ſeu feroz miniſtro, derrubar os Templos, ſempre todavia ficaraõ alguns; até que no ſeculo terceiro regenerado no ſanto lavatorio do Bautiſmo o grande Imperador Conſtantino, reſtituindo a paz univerſal à Igreja, reedificou, e fundou novos Templos, com que

(1) Baron. in Martyrol a 15. de Mayo Labbé Concil. tom. 10 col. 53. onde ſe allega a celebre Epiſtola de S. Gregor. VII. eſcrita a noſſos Reys, e aos de Heſpanha. Filippe de la Gandara nos Triunfos Eccleſiaſticos de Galiza produz huma Relaçaõ da jornada do Santo Apoſtolo, que julga pela mais certa, mas afaſta-ſe de Baronio. (3) Vaſæus ad ann. 37. Cardoſo no Agiolog. Luſit. tom. 3. pag. 275.

que a Fé Catholica começou a ir lentamente respirando das continuas perseguições, que padecia, (1) e o estado Ecclesiastico tomou formalidade no seu governo jurisdiccional, querendo alguns Escritores, que a primeira divisaõ de Bispados feita em Hespanha fosse a de Constantino, o qual constituindo seis Bispos Metropolitanos em toda ella, dera a todos por destrictos muitas Cidades, (2) ficando em nossas terras por Metropoles Braga, e Merida, e por suffraganeas as seguintes.

BRAGA.	*MERIDA.*
Astorga.	*Béja*
Tuy.	*Lisboa.*
Coimbra.	*Evora.*
Iria Flavia.	*Ossonoba.*
Britonia.	*Calliabria.*
Viseu.	*Salamanca.*
Lamego.	*Coria.*
Idanha	
Orense.	

11 Mas como a vinda de Constantino a Hespanha, e a divisaõ dos Bispados attribuida a elle sejaõ factos duvidosos, e que muitos contradizem, (3) he provavel, que antecedentemente tivessem as Cidades de Hespanha já determinados Bispos, e que a divisaõ das nossas Provincias Ecclesiasticas estivessem dispostas conforme a divisaõ temporal, que os Imperadores tinhaõ feito em nossas terras, (4) o que

(1) Euseb. Histor. Eccles. liv. 10. cap. 15. & de Præpar. Euang. liv. 4. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 24. Marian. liv. 6. cap. 15. Padilha cent. 4. tom. 1. c. 46. Garibay liv. 7. c. 48. Aguirre tom. 2. Concil col. 301. num. 15. No modo de assinar as Igrejas suffraganeas às Metropoles ha muita variedade (3) Labbé tom. 5. Concil. col. 876. Baron. ad ann. 680. §. 9 Moral. liv. 10. cap. 32. (4) Assim se collige da Epistola 3. de Santo Anacleto Papa, que allega a Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 5.

que ſe póde tambem provar pelas Actas do Concilio Eliberitano, celebrado no anno de Chriſto 305. antes do bautiſmo de Conſtantino, ou, ſegundo a opiniaõ de outros, no anno 324. junto a Granada, e hum dos primeiros que ſe congregou naõ ſó em Heſpanha, mas em toda a univerſal Igreja depois do que os Apoſtolos celebraraõ em Jeruſalem, no qual entre os dezanove Biſpos, que aſſiſtiraõ, ſubſcreveraõ os Biſpos Portuguezes *Singio* de Braga, *Vicencio* do Algarve, *Januario* de Alcacer do Sal, e *Quinciano* de Evora. (1)

12 Neſtas convenientiſſimas aſſembleas ſe congregavaõ os Biſpos para determinarem, e reſolverem os pontos tocantes à verdadeira obſervancia da Fé, e confirmar nella aos Catholicos, eſtabelecendo varios Canones da diſciplina Eccleſiaſtica, corroborando-ſe cada vez mais o animo dos Prelados, e ſeu vigilante zelo para ſe opporem a qualquer erro, ou abuſo, que produziſſe a infidelidade. Aſſim ſe vio na diligencia, e conſtancia, com que procederaõ dous Biſpos noſſos, *Urſacio* de Merida, e *Ithacio* do Algarve contra a ſeita de Priſciliano, moſtrando-ſe taõ zeloſos da Religiaõ, que o Concilio celebrado em C,aragoça para eſte intento lhes encommendou a execuçaõ da ſentença contra aquelle inimigo da Igreja, em que os dous ſabios, e virtuoſos Prelados ſe houveraõ valeroſamente contra os portentoſos esforços dos ſequazes daquella hereſia, valendo-lhes naõ pouco a authoridade do Imperador Graciano, para haver de ſe deſterrar de Heſpanha, e de noſſas Provincias aos hereges. (2)

13 Acabado o poderoſo dominio dos Romanos, entrou nova perturbaçaõ em noſſos paizes com a invaſaõ dos Alanos, Vandalos, e Godos, alguns dos quaes, ſendo ſectarios dos pernicioſos dogmas Arianos,

---

(1) Baron. tom. 2. ad an. 305 Pineda liv. 12 c. 14. Padilha part. 1. cent. 4. cap. 35. (2) Monarq. Luſitan. liv. 5. cap. 28.

nos, perſeguiaõ fortemente o Chriſtianiſmo, tratando com deſcortezia aos Miniſtros Eccleſiaſticos, e com deſacato as ſagradas Imagens, e Reliquias, confiſcando as rendas das Igrejas, privando-as dos ſeus privilegios, e deſterrando aos Biſpos orthodoxos, entre os quaes ſe ſingularizou o noſſo Biſpo Santo Olympio, o qual com ſeus Sermões, e publicas diſputas foy acerrimo flagello de taõ infernal ſeita.

14 Para atalhar eſta aſſolaçaõ querem alguns, que o Arcebiſpo Pancracio celebraſſe em Braga o primeiro Concilio Nacional, em que ſe acharaõ varios Biſpos ſuffraganeos, que andavaõ diſperſos, e deſterrados das ſuas Igrejas por cauſa da furia, e terror dos barbaros. (1) Alli ſe determinou, que cada hum no ſeu Biſpado fizeſſe eſconder os corpos, e Reliquias dos Santos em lugares ſinalados até Deos permittir mayor ſocego à Chriſtandade. Verdade ſeja, que naõ faltaõ tambem Eſcritores, que tem eſte Concilio por apocryfo. (2)

15 Afroxando algum tanto a ferocidade deſtas Nações, e determinando ſeus Principes reſidir em noſſas terras, tornou a paz da Igreja Luſitana a tomar alento; porque os Reys Godos já conſentiaõ aos Chriſtãos o uſo dos Sacramentos, e a frequencia dos Templos, ajudando a eſta paz ElRey Theodorico, a quem deveo muito o ſocego do eſtado Eccleſiaſtico, para que tambem concorria o valor de muitos Santos Prelados, que ſempre trabalhavaõ, para que os Chriſtãos perſeveraſſem conformes na pureza da Ley Evangelica. Taes foraõ *S. Juliaõ* Biſpo de Evora, *Aprigio* de Béja, *Idacio* de Lamego, e o famoſo *Paulo Oroſio*; e nos ſeculos mais poſteriores *S. Martinho* Biſpo de Dume, e *S. Frutuoſo* de Braga.

No

(1) Monarq. Luſit. liv 6. cap 2. e 3. Cunha, Biſpos do Porto, part. 1. cap 3. (2) S. Nicolas nos Siglos Geronymian. tom. 3 ann. Chriſt. 414 c. 33. e outros, que allega o Academico Pereira Leal na Diſſert. Exegetica.

16 No dominio dos Suevos, e Godos teve o estado Ecclesiastico em nossas Provincias outras divisões; porque ElRey Theodomiro, grande defensor da Religiaõ Catholica, fazendo celebrar na Cidade de Lugo hum Concilio no anno 569, rogou aos Bispos alli congregados, que sendo em toda a Galiza muy dilatadas as Dioceses, e governadas por poucos Bispos, havia grande descommodo nos Pastores, e nas ovelhas; e assim determinou o Concilio, que a Sé de Lugo, e a de Braga fossem Metropolitanas, e que houvesse mais Cathedraes, repartindo as Paroquias, que tocaraõ a cada Cathedral. (1) A terceira divisaõ foy feita por ElRey Wamba, que quasi confirmou a do Concilio de Lugo, (2) e com esta reforma permaneceo o estado Ecclesiastico em toda Hespanha até o anno 714, em que succedeo a invasaõ dos Arabes.

17 Toda esta santa paz se perturbou com a lamentavel entrada dos impios Saracenos, os quaes, posto que no principio da sua conquista naõ fossem taõ asperos de soffrer, porque deixavaõ aos Christãos ter algumas Igrejas de pobre fabrica, e celebrar nellas os divinos Officios às portas fechadas, a troco de lhes remirem estas liberdades com tributo taxado a seu gosto, sendo o Mosteiro de Lorvaõ Benedictino hum dos que Deos quiz conservar intacto com particular providencia no meyo dos infieis para sustentar em Portugal o lume da Fé em tempo taõ calamitoso; (3) donde he de crer, que os Christãos Sacerdotes usassem da Liturgia, e Rito Gotico, que por esta mistura dos Arabes se veyo a chamar *Muzárabe*, determinado pelos nossos Bispos no primeiro Concilio de Braga, deduzido de Santiago,

(1) Loaysa na Collecçaõ dos Concil. de Hesp. Argot. Mem do Arceb. de Brag. tom. 2. docum. 1. (2) Monarq. Lusit. liv. 7 cap.7. Padilha cent. 7. cap. 52. (3) Chronic. de Cister liv. 6 cap. 29 Bened. Lusitan. tom. 2. pag. 316. Fr. Jeronym. Rom. Histor. Eccles. de Hesp. liv. 4. cap. 6.

e praticado até Gregorio VII. que foy o que introduzio o Romano, (1) todavia crefcendo o poder dos Mouros, e lavrando as calamidades, padeceo a Igreja terrivel oppreffaõ, como exaggera Ifidoro Pacenfe.

18 Com efte infame jugo paffavaõ os Portuguezes afflictos, e tyrannizados, até que pelos annos 750 de Chrifto lhes moftrou o Ceo efperanças de liberdade no animo delRey D. Affonfo o Catholico, o qual entrando por Galiza com feu cunhado o valerofo D. Fruella, chegou victoriofo às prayas do Douro à cufta de afperos combates. Continuavaõ os affaltos dos Barbaros, de cujas correrias fobrefaltados os Bifpos ainda fe naõ podiaõ confervar em pacifica paz, fendo-lhe precifo valerfe do recondito das brenhas para falvar as vidas, donde vigiavaõ todavia pela pureza da Fé, permittindo Deos, que para mayor animo da fua conftancia fuppriffem os milagres celeftes, onde faltavaõ as forças humanas. Tomou finalmente verdadeiro alento, e esforço o Chriftianifmo em noffos paizes, vendo-fe defendido por Principes Portuguezes, que empenhados em facudir das noffas terras os infieis, lograraõ fublimes triunfos; e convertendo as Mefquitas em Templos, o Alcoraõ no Santo Evangelho, a fuperftiçaõ Mahometana no culto do verdadeiro Deos, reduziraõ as Igrejas ao feu antigo, e melhorado focego, e animaraõ aos Bitpos a que refidiffem nas fuas Diocefes, accrefcentando outras pelo tempo adiante, as quaes prefentemente faõ as feguintes.

BRA-

(1) Grancolas, Comment. Hiftor. Brev. Rom, liv. 1. cap. 11.

B R A G A.

19 ESte he o mais antigo Arcebiſpado de toda Heſpanha, como provaõ graviſſimos Authores, (1) e o ſeu primeiro Prelado foy S. Pedro de Rates, conſtituido pelo Apoſtolo Santiago Mayor. Sempre eſtes Arcebiſpos uſaraõ do honorifico titulo de Primaz: prerogativa, que os Sereniſſimos Reys Catholicos deſejaraõ ſempre avocar ao ſeu Arcebiſpo de Toledo; e ſendo taõ poderoſos na Curia Romana, nunca o puderaõ conſeguir, nem nos ſeſſenta annos, que intruſos governaraõ eſte Reino, ſinal mais que evidente da falta de ſua juſtiça; e correndo a cauſa ha tantos annos, nunca a poderaõ fazer ſentenciar, contentando-ſe com a duvida de o poder ſer a ſeu ſavor na opiniaõ de alguns. Tem continuado o governo deſta Metropole em cento e vinte e cinco Arcebiſpos até o preſente, que he o Senhor D. Gaſpar, filho delRey D. Joaõ V. ſagrado neſta ſuprema Dignidade em 25 de Julho de 1758. Tem por ſuffraganeos os Biſpados ſeguintes: *Porto*, *Viſeu*, *Coimbra*, *Miranda*.

L I S B O A.

20 A Dignidade Archiepiſcopal começou do reinado delRey D. Joaõ I. por Bulla de Bonifacio IX. anno 1393. conforme a melhor opiniaõ, e foy ſeu primeiro Arcebiſpo D. Joaõ Eſcudeiro; porém a Dignidade Epiſcopal foy primeira, e ſeu primeiro Biſpo foy o glorioſo S. Manços; de ſorte, que conta trinta e oito Biſpos até D. Martinho, que foy aquelle, a quem o povo de Lisboa indevidamente precipitou da torre da Sé; e Arcebiſpos

(1) Cunha, Trat. da Primazia da Igreja Bracharenſ Bar. oſ. de Poteſt. Eccleſ. tit. 3. cap. 8. Sebaſt. Cæſ. Hierarch. Eccleſ. part. 1. diſp. 4. § 5. num. 53. 54. e 70. Maced. Flores de Heſpanha.

numéra vinte e tres. Depois no reinado feliz del-Rey D. Joaõ V. ſe dividio o Arcebiſpado em duas Dioceſes por Bulla de Clemente XI. em 7 de Novembro de 1716, ficando a parte Occidental conſtituida Patriarcado, e eleito em primeiro Patriarca D. Thomás de Almeida, que tinha ſido Biſpo do Porto, e depois paſſou à Dignidade Cardinalicia: a outra parte de Lisboa Oriental ficou com o titulo de Arcebiſpado; porém Benedicto XIII. a inſtancias do meſmo Soberano ſupprimio eſte Arcebiſpado por Bulla do primeiro de Setembro de 1741, e fez que exiſtiſſe hum ſó Cabido Patriarcal, e que as ſuas Dignidades gozaſſem groſſas prebendas, e grandes privilegios, como mais largamente diremos na quarta Parte. Tem por ſuffraganeos os ſeguintes Biſpados: *Leiria*, *Lamego*, *Guarda*, *Portalegre*, além de outros Ultramarinos.

EVORA.

21 FOy erecta em Metropolitana eſta Igreja por Paulo III. a inſtancias delRey D. Joaõ III. anno 1540, e foy ſeu primeiro Arcebiſpo o Cardeal D. Henrique, do qual até o preſente ſe numeraõ quatorze Prelados diverſos. Era antes ſuffraganea de Lisboa, que tinha começado a governar D. Sueiro do anno 1166, deſde que ElRey D. Affonſo Henriques a tirou da infame ſujeiçaõ dos Mouros, e até eſte tempo a haviaõ já governado vinte e tres Biſpos, dos quaes o primeiro foy S. Manços, e o ultimo Juſtino, que morreo no anno 715. Hoje tem por ſuffraganeas *Faro*, e *Elvas*.

22 Guardou ſempre Portugal eſta Religiaõ pura, podendo ter a gloria de que nenhum Hereſiarca lhe pudeſſe ſemear a zizania da hereſia entre o graõ do Evangelho, que deſde os primeiros tempos cultiva com tanto credito da Igreja. He verdade, que a ſeita Ariana inficionou eſte Reino no go-

verno

verno dos Suevos, mas foy por pouco tempo; (1) de maneira, que foy a ultima terra de Hespanha, onde entrou, e a primeira donde sahio.

23 Luthero, e Calvino abrazaraõ a mayor parte dos Reinos do Norte com aquelle fogo do inferno, que se accendeo com as suas doutrinas erroneas; mas Portugal ficou sempre isento destes contagios, porque a vigilancia do Santo Tribunal da Inquisiçaõ, a rectidaõ dos Prelados, o zelo dos Reys affugentaõ com o castigo, com a doutrina, e com o exemplo a perversidade de taes monstros: e he para notar, que depois do Papa Urbano VIII. erigir em Roma huma Cadeira de Controversia, nenhum Principe Catholico o imitou primeiro, que nosso Rey D. Affonso VI. estabelecendo-a na Universidade de Coimbra no anno 1664, julgando que aos Reys de Portugal lhe competia mais que a nenhum Catholico Monarca naõ só conservar o seu Reino puro na Fé, mas fazer com que os seus subditos fossem scientes, e capazes de destruir, converter, e ensinar os infieis. (2)

24 Por isso raro será o lugar descuberto no Universo, onde naõ chegassem os Portuguezes com o motivo de converter Gentios, e trazellos ao gremio da Igreja pelo conhecimento de Christo, rompendo para este fim mares de difficuldades, cujo beneficio naõ deixou de conhecer, e agradecer aos nossos Monarcas o Papa Julio III. na Bulla *Non dubitamus*, do anno 1550. (3)

Nem

(1) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 12. Maced. Flor. de Hesp. cap. 9. excel. 6. (2) D. Fr. Isidoro da Luz no Opuscul. de sacris Traditionib. prælud. 4. n. 28. (3) *Orbis terrarum anteà ignotus, magna ex parte nunc cognitus, & quod plus est, Deo, ac vobis per agnitionem christianæ veritatis acquisitus est, ut illud tamdiù expectatum videre nostris temporibus cœperimus*: In omnem terram exivit sonus eorum &c. *Quod quoniam vestro ministerio Deus omnipotens fieri voluit, vos proptereà in conspectu divinæ Majestatis gratos, & acceptos filios fuisse agnoscimus; vobisque, ac cæteris, qui eidem Deo tale obsequium, & illis populis in tenebris jacentibus*

25 Nem he pequena preeminencia gozar Portugal da primazia em muitas cousas Ecclesiasticas, como bem adverte o insigne Chronista Brandaõ; (1) porque o primeiro Bispo, que houve em Hespanha, constituido por Santiago, foy em Braga *S. Pedro de Rates*: o primeiro Martyr de toda a Europa foy o mesmo *S. Pedro*: as primeiras Martyres de Hespanha foraõ nove irmãs, filhas de C. Atilio Bracarense: o primeiro Anacoreta da Europa foy *S. Felix* junto a Rates: o primeiro Fundador da Ordem da Santissima Trindade foy *S. Joaõ da Mata*, Portuguez, segundo a opiniaõ de alguns: o primeiro Fundador da Ordem de S. Jeronymo em Hespanha foy o *Veneravel Fr. Vasco*, Portuguez: o primeiro Fundador da Ordem dos Hospitalarios foy *S. Joaõ de Deos*, natural de Monte mór o Novo: a primeira Instituidora da Ordem da Conceiçaõ, e Tribunal do Santo Officio em Castella foy *D. Brites da Silva*, Portugueza: o primeiro que fundou em Italia a Ordem dos Amadeos, foy o *Beato Amadeo*, irmaõ de D. Brites. Tambem o Convento mais antigo, que a Religiaõ de S. Bento teve em toda a Hespanha, foy o de Lorvaõ, assim como a de S. Domingos em Santarem, a de S. Francisco em Alemquer, e a da Companhia de Jesus em Santo Antaõ em Lisboa.

26 Hum grande volume pudera-mos escrever, se entrasse-mos a expressar o grande amparo, e protecçaõ, com que os Christianissimos Monarcas Portuguezes tem admittido em seu Reino quasi todas as Ordens Religiosas, enriquecendo-as com grandeza, e maõ naõ só liberal, mas prodiga, ficando este catholico zelo como legado hereditario de pays a filhos; porque tambem raro será o Principe, ou Infante Portuguez, que naõ tenha concorrido para

---

centibus tantum beneficium, nempè salutis æternæ, præstiterunt, unà cum universa christiana Religione valdè debemus. (1) Monarq. liv. 9. cap. 9.

ra taõ pias erecções com liberaes diſpendios. (1) E ſendo a devoçaõ das couſas ſagradas hum dos mayores ſinaes da verdadeira Fé; nenhum Reino ſe poderá prezar de mais devoto, que o de Portugal, e por conſequencia nenhum mais Catholico.

27 Ao *Santiſſimo Sacramento do Altar* que Naçaõ Catholica ha, que o venere com mayor decencia, grandeza, e affecto, do que a Portugueza? O Padre Abrahaõ de Gorgis Jeſuita, e natural do Monte Libano, que foy Martyr na Ethiopia, vindo em certa occaſiaõ para eſte noſſo Reino, e dizendoſe-lhe que já eſtava em terras delle, pondo-ſe de joelhos, beijou a terra com grandiſſima reverencia, e copia de lagrimas; e perguntandoſe-lhe a cauſa daquelle exceſſo, reſpondeo, que o fazia, por ſer o Reino de Portugal taõ devoto do Santiſſimo Sacramento. (2)

28 Bem pódem confirmar eſta devoçaõ as demonſtrações do ſentimento, que os Portuguezes tem moſtrado nos roubos ſacrilegos da ſacroſanta Euchariſtia aquellas vezes, que neſte Reino tem acontecido, que foraõ quatro, a ſaber: a primeira na Cathedral de Coimbra anno 1362; a ſegunda na Cathedral do Porto anno 1614; a terceira na Paroquial Igreja de Santa Engracia de Lisboa anno 1630; a quarta no Moſteiro de Odivellas anno 1671, (3) remunerando em deſaggravo deſtes grandes inſultos feſtas, e ſolemnidades votivas, eſtabelecidas pela mayor Nobreza do Reino.

A de-

(29) Souſa, Hiſtor. de S. Dom. part. 1. liv. 2. cap. 4. Faria na Europ. part. 1. cap. 4. §. 12. e cap. 3. §. 22. e part. 2. cap. 2. §. 26. e part 3. cap. 1 §. 169. Eſper. Hiſtor. Seraf. part. 1. liv. 2 cap. 1. e liv. 3. cap. 13. Mariz, Dialog. 2. cap. 15 Dial. 5. cap. 3. Conde da Ericeir. Portug. reſtaur. liv. 12. fin. Maced Flor. de Heſp. cap. 9 Vieir. tom. 11. num. 158 (2) Telles, Hiſtor. Ethiop. liv. 3 cap. 10. Maced. nas Flores de Heſp. e Joaõ Pinto Ribeiro. (3) Agiolog Luſit tom. 3 pag 394. Jard. de Portug. pag. 598. Pereir. de Man. Regia part 2. cap 56. num. 24. Barboſ. in Addit. ad Collect cap. Afferte de Præſumption. Pegas, Tratado eſpecial deſte deſacato.

29 A devoçaõ ao Myſterio da *Santiſſima Trindade* he eſpecial no affecto dos Portuguezes. (1) E que diremos do culto, e veneraçaõ a *Maria Santiſſima*? Bem ſabido he, que o Reino de Portugal começou feudatario a eſta Senhora, e que ſeus inclytos Monarcas foraõ continuando com eſte reconhecimento, fazendo cada hum algum ſinal de obſequio, com que a veneraõ. Sufficiente prova deſte zelo he o grande numero dos Templos, que lhe tem erecto; pois naõ ſó todas as Cathedraes de Portugal ſaõ dedicadas a eſta puriſſima Virgem, mas quaſi todas as Igrejas Matrizes das Cidades, e Villas, além de outros muitos Templos, e Altares. (2) Nem he das menores confirmações as feſtividades, que lhe tem conſagrado, eſpecialmente a dos *Prazeres*, e *Conceiçaõ*. Naquella foy a Igreja Portugueza primeira que nenhuma da Chriſtandade a que feſtejou as alegrias da Senhora na Reſurreiçaõ de ſeu unigenito Filho: (3) no Myſterio da Conceiçaõ tambem foy Portugal o primeiro, que tómou a Maria Santiſſima por Padroeira do ſeu Reino, fazendo com eſte exemplo, que outros Principes Catholicos imitaſſem taõ religioſo, e devoto culto. (4)

30 O meſmo affecto ſe obſerva na devoçaõ de outros particulares Santos, para cuja veneraçaõ, e feſtivos applauſos parece ſempre aos Portuguezes pouco o mayor diſpendio. A' viſta temos a mayor demonſtraçaõ em todos os Templos deſte Reino, e com eſpecialidade nos de Lisboa, onde preſentemente eſtá o culto Divino taõ ſubido de ponto, que parece naõ ſó competir, mas exceder ao aſſeyo, e grandeza da meſma Roma. Seria objecto de compaixaõ ver aqui demolir as ſagradas fabricas dos Templos

(1) P. Fernand. Alma inſtruid. tom. 2. pag. 1006. (2) Ibid. tom. 1. pag. 761. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 8. (3) Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 581. (4) Maced. Eva, e Ave part. 2 pag. mihi 290. Santuar. Marian. tom. 1. liv. 1. tit. 11. Fernand. Alm. inſtr. tom. 1. pag. 766.

plos antigos, em que a meſma antiguidade do deſenho recommendava reſpeito, ſe depois naõ viſſemos das meſmas ruinas reſuſcitar outras de novo com taõ melhorada idéa, e goſto de arquitectura. A verdade he, que em nenhuma parte do mundo ha tanta cubiça de ajuntar dinheiro, como ha em Portugal ambiçaõ de o gaſtar com Deos.

31 Que Igreja ha entre a multidaõ de tantas, que em hum dia feſtivo naõ tenha ſemelhança com a que ſe deſcreve no Apocalypſe de S. Joaõ? As paredes cubertas de ouro, e ſeda; os coros cheyos de armonias; os Altares brilhando com chuveiros de luzes; nas caçoulas recendendo o almiſcar; as flores nos ramalhetes: tudo ſuſpenſaõ dos ſentidos, incentivo da devoçaõ, e paſmo dos eſtrangeiros. (1)

32 Naõ de balde eſtá promettido ao Reino de Portugal ſer o Imperio univerſal do mundo, e a ſeus Chriſtianiſſimos Monarcas ſerem os Moyſés, os Gedeões, os Sanſões, e finalmente os Joſués, que tirem do meſmo mundo os perſeguidores da Chriſtandade, e reſtituaõ à verdadeira Igreja de Deos os Lugares Santos da noſſa Redempçaõ. Toda eſta felicidade deſtinada por Deos para Portugal ſe concorda com as Hiſtorias, e vaticinios, que por diffuſos deixamos de referir, (2) pois já he tempo de paſſarmos a outro Capitulo.

(1) P. Scherer, Hiſtor. Geograf. tom. 1. pag. 66 *Multum apud exteros commendatur Luſitanorum pietas, & munificentia in Deum, & Deo dicatos Religioſos, quorum Cœnobia ſunt ſplendida, at longè ſplendidiſſima eorum Templa: utpotè quorum Altaria magnam partem ex mero, ſolidoque argento conſtructa, & gemmis pretioſis exornata ſunt,* (2) Bocarr. Anacephaleoſ. da Monarq. Luſit. eſtad. 1. eſtanc. 127. Vieir. tom. 13. Palavra do Pregad. empenhada Agiolog. Luſit. tom. 3. pag. 496. col. 2.

CAPITULO II.

Das Ordens Militares, que exiſtem em Portugal, e de outras que ſe extinguiraõ.

1 ESta eſpecie de Religiaõ inſtituida, e obſervada pelos Principes Catholicos, na qual ſe compadece o nome de Religioſo com o de Soldado, he hum dos mayores luſtres, que adornaõ, e augmentaõ o eſplendor do noſſo Reino; porque tem todos os ſeus votos fundados na perſeguiçaõ dos inimigos da Cruz de Chriſto, e mayor auge da Ley Evangelica, para cujas victorias cooperaraõ ſempre com heroicos esforços noſſos Soberanos Monarcas, tomando tanto a peito os Religioſos Militares defender a Fé, que a elles deve o noſſo Reino a total expulſaõ dos Mouros, a reſtituiçaõ das terras, que hoje poſſuimos, e a liberdade, e paz de que gozamos. Primeiramente daremos noticia das Ordens Equeſtres, que hoje permanecem, e depois renovaremos a memoria das que pereceraõ com o tempo.

§. I.

Ordem Militar de Aviz.

2 TEve eſta inclyta Milicia ſeu principio na uniaõ de certos Cavalheiros Portuguezes, que ambicioſos de honra, e gloria obraraõ taes acções contra os Mouros em varias terras deſte Reino, e na conquiſta de Lisboa, que ſe fizeraõ acredores, de que ElRey D. Affonſo Henriques os favoreceſſe, dando-lhe rendas para augmento, e conſervaçaõ de taõ util, e honrada liga. Naquelles primeiros

meiros tempos naõ teve outro titulo, e nome mais, que a *Ordem nova*, o qual durou em quanto naõ se lhe deu lugar certo, e conhecido para seu estabelecimento.

3 Vendo ElRey a utilidade destes Cavalheiros, para mayor firmeza os reduzio a fórma Regular, dando-lhes a Regra de S. Bento com a Reformaçaõ de Cister, para o que ajuntou em Coimbra todos os Prelados do Reino com o Cardeal Ostiense, Legado *à latere* do Papa Alexandre III. que convieraõ na determinaçaõ delRey, e elegeraõ para primeiro Mestre a seu irmaõ bastardo D. Pedro Affonso. Succedeo isto no anno 1147. (1) Ganhada Evora aos Mouros anno 1166 pelo famoso Giraldo Sem pavor, mandou ElRey que esta nova Ordem passasse para aquella Cidade, e lhe assinou o sitio, que depois se chamou, e conserva o nome de *Freiría*, por causa de fundarem alli a sua primeira Igreja. Desde entaõ principiou a intitularse a *Ordem de Evora*, cujo titulo conservou por todo o tempo, que aqui permaneceo.

4 Verdade seja, que existindo ainda em Evora, ElRey D. Affonso Henriques, a sujeitou à Ordem de Calatrava, em cuja obediencia esteve até o tempo delRey D. Joaõ I., e segundo affirma Fr. Jeronymo Roman, (2) se denominou *Ordem de Calatrava*; e porque o lugar de Evora já naõ era conveniente, por ficar afastado da habitaçaõ dos Mouros, governando ElRey D. Affonso II. a fez trasladar para o sitio de Aviz, em que hoje permanece desde o anno 1211, e naõ 1181 como diz Barbosa allegado. No anno 1213 se separou em Provincia distincta a Ordem de Aviz em Portugal da de

C ii Ca-

(1) Monarq Lusitan. liv. 11. cap. 1. Barbos. de jur. Eccl. liv 1. cap. 41 n 80. Tamburin. de jur. Abb. tom. 2. disp. 24. q. 5. Villasboas, Nobil Portug. cap. 18. Fr. Jacinto de Deos, Escudo das Ord. Militar. part. 1. §. 10. (2) Roman, Histor. da Ord. de Aviz cap. 4.

Calatrava em Castella, (1) e por Bulla de Eugenio IV. se eximio totalmente da subordinaçaõ de Castella depois de precederem muitas queixas dos Mestres de Calatrava ao Concilio de Basiléa, devendo-se esta isençaõ a ElRey D. Joaõ I. Os Mestres, que teve, foraõ os seguintes.

I. *D. Pedro Affonso*, irmaõ illegitimo delRey D. Affonso Henriques, foy nomeado pelo Legado *à latere* anno 1162, e no anno 1165 se meteo Monge em Alcobaça, por cuja causa os Cavalleiros da Ordem elegeraõ a

II. *Gonçalo Viegas*, filho de Egas Moniz. Grande duvida se offerece aqui com o que escreve Fr. Jeronymo Roman no Catalogo dos Mestres de Aviz, dizendo, que este Gonçalo Viegas fora o primeiro, e que pelos annos 1142 já era Mestre desta Ordem, a qual governou mais de trinta e oito annos; e que em tempo deste Mestre nem a Ordem estava sujeita à de Calatrava, nem tinha confirmaçaõ solemne da Sé Apostolica; porque com a authoridade dos Bispos se conservava o estado pelo acharem bom, e proveitoso à Igreja. Elle foy o què transferio o Convento para Evora, e augmentou a Ordem. Naõ se sabe quando morreo, mas provavelmente se crê que estará enterrado na Igreja de S. Miguel em Evora. Seguio-se

III. *D. Fernando Annes*. Consta que este Cavalleiro ajudara a conquistar o Algarve, como Mestre da Cavallaria de Evora; e cuidando que nesta Cidade ficaria a Ordem, começou a fortificar o Castello, e pedio a approvaçaõ ao Papa Innocencio III. que lha concedeo no anno 1201. (2) Por consentimento delRey D. Sancho sujeitou a Ordem, e a incorporou à de Calatrava, vendo que tambem professava a Regra de S. Bento. Elle passou o Convento

(1) Figueiroa, Plaça univ. pag. 122, num. 231. (2) Fr. Jeronym. Rom. allegad.

vento de Evora para Aviz, e illuſtrou aquelle deſerto, fundando huma rica Villa com ſeu Convento, e Caſtello. Governou vinte e dous annos, e morreo no de 1219.

IV. *D. Fr. Fernando Rodrigues Monteiro*, e naõ *Metella*, como diz o Author da Evora glorioſa, (1) nomeando-o por primeiro Meſtre da Ordem, que ſe deve entender dos que foraõ eleitos em Aviz. Governou eſte Meſtre dezoito annos, e morreo no de 1237.

V. *D. Fr. Martim Fernandes* ſuccedeo ao antecedente no anno 1238, reinando D. Sancho Capello, e foy o ſegundo dos Meſtres aſſim chamados em Portugal, em cujo tempo ſerviraõ pouco as Ordens Militares por andar o Reino inquieto. Parece que a eleiçaõ deſtre Meſtre naõ devia ſer muy juſtificada, porque de Calatrava vieraõ examinalla, como ſe vê de hum aſſento, que allega a Chronica da Ordem de Calatrava, feito aos 22 de Agoſto do dito anno de 1238. Todavia ficou confirmado em Meſtre, e elle com a ſua Cavallaria de Aviz foy ajudar ao Santo Rey D. Fernando no anno 1248, quando lhe cercaraõ Sevilha, de que ſe recolheo victorioſo, e utilizado. Naõ ſe ſabe quando morreo, mas ainda vivia no anno 1256.

VI. *D. Fr. Joaõ Portario.* Deſte Meſtre naõ faz mençaõ o Catalogo de Fr. Jeronymo, e em duvida o allegaõ alguns dos noſſos Eſcritores. (2)

VII. *D. Fr. Fernaõ Soares.* Governou o Meſtrado em tempo delRey D. Affonſo III. A Chronica deſte Monarca diz, que o Meſtre de Aviz D. Lourenço Affonſo ganhara no Algarve a Villa de Albufeira, e que por iſſo ElRey a dera à Ordem. Naõ podia ſer o tal Meſtre, mas ſim D. Fernaõ Soares, que

---

(1) Fonſeca, Evora glorioſ. num. 75. (2) Apud Fr. Joſeph da Purificaçaõ no Catalog. dos Meſtres de Aviz, que vem na Collecçaõ Academ. do anno 1722.

que vivia, e governava no anno 1260, em que a tal terra ſe ganhou aos Mouros.

VIII. *D. Fr. Simaõ Soares.* Governou quatorze annos, alcançando o reinado delRey D. Affonſo III. e D. Diniz. Morreo no anno 1290.

IX. *D. Fr. João Peres.* Governou onze annos, e morreo no de 1301.

X. *D. Fr. Lourenço Affonſo.* O Catalogo dos Meſtres de Aviz, que expende o Author do Eſcudo das Ordens Militares, antepoem eſte Meſtre a D. Joaõ Peres, cuja Chronologia naõ ſeguimos. Deſte D. Lourenço Affonſo naõ ha mais memoria, que ter governado dez annos, e morrer no de 1310.

XI. *D. Fr. Garcia Pires.* Tambem eſte Meſtre naõ vay no lugar da ſerie de Fr. Jeronymo, e Fr. Jacinto de Deos; porém agora ſeguimos ao Academico Fr. Joſeph da Purificaçaõ.

XII. *D. Fr. Gil Martins.* Entre as peſſoas excellentes deſta Ordem foy D. Fr. Gil, o qual ainda que governou pouco mais de cinco annos na Religiaõ, moſtrou bem ſeu valor, e prudencia, do qual dá teſtemunho a Bulla da fundaçaõ da Ordem de Chriſto, que neſte tempo ſe inſtituio a ſupplicas delRey D. Diniz no anno 1319. Aqui encontramos outra difficuldade na Chronologia. Diz o Academico Fr. Joſeph da Purificaçaõ no ſeu Catalogo, que eſte D. Gil Martins governara até o anno de 1325, em que renunciou à inſtancia delRey D. Diniz o ſeu Meſtrado, para ſer inſtituido primeiro Meſtre da nova Ordem de Chriſto. Conſta porém, que a Cavallaria de Chriſto foy inſtituida no anno 1319, e D. Gil Martins morreo a 13 de Novembro de 1321 como conſta da ſua ſepultura, que eſtá em Thomar na Igreja da Ordem, donde ſe moſtra evidente equivocaçaõ do ſobredito Academico.

XIII. *D. Fr. Vaſco Affonſo.* Governou a Ordem dez annos pouco mais, ou menos.

XIV. *D. Fr. Gil Peres.* Foy eleito no anno 1332.

XV.

XV. *D. Fr. Affonſo Mendes* no de 1334.

XVI. *D. Fr. Gonçalo Vaz.* Eſte Meſtre ſe achou com a ſua Cavallaria em varias batalhas por ElRey D. Affonſo IV.

XVII. *D. Fr. Joaõ Rodrigues Pimentel.* Foy Cavalleiro brioſo, e de governo. Governou deſde o anno 1341 até o de 1343. Celebrou neſte anno Capitulo com ſeus Freires, e Commendadores.

XVIII. *D. Fr. Sancho Soares.* Succedeo ao antecedente.

XIX. *D. Fr. Diogo Garcia.* Governou cinco annos.

XX. *D. Fr. Joaõ Affonſo.* Succedeo, e morreo no anno 1353.

XXI. *D. Fr. Egas Moniz.*

XXII. *D. Fr. Martinho de Avelar.* Foy eleito no anno 1357, e governou perto de ſete annos.

XXIII. *O Infante D. Joaõ*, que depois veyo a ſer Rey primeiro deſte nome, foy eleito no anno de 1364, tendo naõ mais de ſete annos de idade. A Ordem o ajudou muito para a inveſtidura do Reino, e elle depois de coroado a ampliou muito mais, fazendo-a izenta da ſujeiçaõ de Calatrava, naõ conſentindo que vieſſem Viſitadores de Caſtella tomar reſidencia em Aviz; mas naõ chegou a completar eſta iſençaõ por cauſa da morte.

XXIV. *D. Fr. Fernando Rodrigues de Siqueira.* Depois que o Infante D. Joaõ foy acclamado Rey, tomou a adminiſtraçaõ do Meſtrado anno 1386, e no ſeu tempo veyo de Caſtella o Meſtre de Calatrava D. Gonçalo Nunes de Guſmaõ para viſitar a Ordem de Aviz, na qual achando os Cavalleiros conſpirados, e mais politicos que obedientes, proteſtando da reſiſtencia que lhe faziaõ, voltou para Caſtella, donde ſe queixou ao Concilio de Baſiléa, e com effeito alcançou hum Breve no anno 1436 para que a Ordem de Aviz reconheceſſe ſubordinaçaõ à de Calatrava; porém achando-ſe no dito Concilio

D.

D. Affonſo Pereira, Embaixador delRey D. Duarte, e que depois foy Marquez de Valença, alcançou do Papa Eugenio IV. huma Bulla de perpetua iſençaõ para eſta Ordem da de Calatrava. Neſte Cavalleiro acabaraõ os Meſtres, que ſahiraõ do corpo da Ordem, e ſe crearaõ na obſervancia Regular; porque daqui para diante o Meſtrado ſuccedeo aos que ſahiaõ da Coroa Real, para que mantiveſſem, e conſervaſſem ſeus eſtados honorificamente, como convinha a filhos, ou netos de Reys.

5 Morto o Meſtre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, reinando D. Duarte, ſe tratou logo de prover o Meſtrado de Aviz no Infante *D. Fernando*, que foy o primeiro Adminiſtrador, no anno de 1434. Em tempo deſte Senhor ſe alcançaraõ muitas couſas para a Ordem. Primeiramente, que ſe cazaſſem os Cavalleiros della, começando dos que tocaſſem ao habito depois de paſſadas as Bullas. No anno de 1443 morreo eſte virtuoſiſſimo Infante em Africa depois de hum rigoroſo cativeiro, deixando para a ſua Ordem a grande gloria de haver tido por Meſtre, e Senhor della hum Principe Santo. Seguio-ſe o Infante D. Pedro, filho primogenito do Infante D. Pedro, Regente que foy deſte Reino; e por morte deſte ElRey D. Joaõ II., e depois o Principe D. Affonſo ſeu filho, o qual naõ poſſuio a adminiſtraçaõ do Meſtrado mais que anno e meyo, pela intempeſtiva, e deſgraçada morte, que lhe ſuccedeo em Santarem. Succedeo-lhe finalmente o Senhor D. Jorge anno 1492, e por ſua morte ſe annexaraõ na Coroa as tres Ordens Militares do Reino, tomando os Senhores Reys o titulo de perpetuos Adminiſtradores dellas.

6 Depois dos Meſtres em todas as Ordens Militares ſegue-ſe o lugar honrado dos Commendadores Móres, os quaes levaõ o eſtoque diante do Meſtre, e a bandeira, quando vaõ à guerra. Ha muy pouca memoria deſtas couſas nas Hiſtorias do

Rei-

Reino. Poremos aqui aquelles, que achamos.

D. Simaõ Ermigues foy Commendador mór no anno 1226.

D. Pedro Yanes no de 1260.

D. Egas Martins no de 1268.

D. Joaõ Martins no de 1290.

D. Lopo Affonso no de 1296.

D. Arias Peres no de 1300.

D. Affonso Mendes no de 1321.

D. Vasco Esteves no de 1330.

D. Joaõ Soares no de 1332.

D. Vasco Martins no de 1349.

D. Fernando Rodrigues de Siqueira no de 1370.

D. Lopo Vasques no de 1386.

D. Garcia Rodrigues de Siqueira no de 1431.

D. Pedro da Silva no de 1492.

D. Luiz de Alencastre no de 1514.

Todos estes Commendadores administraraõ a Ordem nos impedimentos dos Mestres.

7 Antigamente o Prior do Convento naõ era mais que hum Cura daquella Freguezia para administrar os Sacramentos aos Cavalleiros, e freguezes da Villa. Depois crescendo a Ordem, e vendo que o Prior do Convento, conforme as mais Ordens Militares, era Pay espiritual de toda ella, a de Calatrava, como muy curiosa em tudo, quiz que o Prior tivesse suprema authoridade, e que nos Capitulos da Ordem occupasse o lado esquerdo do Mestre, porque o direito era do Commendador mór, e que fosse no espiritual como he o Bispo no seu Bispado, e que os Clerigos, que hiaõ providos nos Beneficios, fossem por seu exame, e nomeaçaõ, cuja regalia durou até ElRey D. Joaõ III. instituir o Tribunal da Mesa da Consciencia. Leaõ X. por Bulla de 15 de Março de 1515 lhes concedeo insignias Pontificaes, Roquete, Bagò, Mitra &c. com jurisdiçaõ especial no espiritual nas Villas de Noudar, e Barrancos, além da temporal do Con-

vento de Aviz. O primeiro D. Prior, de que ha memoria, he D. Fr. Gonçalo no anno de 1349 em tempo do Meſtre D. Joaõ Rodrigues Pimentel, como ſe moſtra pelo Capitulo, que eſte Senhor celebrou. Bem deſejara-mos expender hum Catalogo dos D. Priores, mas naõ o encontrámos até agora certo, por iſſo nos abſolvemos delle.

8 Tem celebrado eſta Religiaõ os Capitulos ſeguintes.

I. No anno 1343 pelo Meſtre D. Joaõ Rodrigues Pimentel, e ſe celebrou em Aviz.

II. No anno 1414 no meſmo Convento de Aviz pelo Meſtre D. Fernando Rodrigues de Siqueira, e ſe tratou alli o modo de ſe eximir eſta Ordem da de Calatrava.

III. No anno 1445 pelo Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro.

IV. No anno 1469 pelo Principe D. Joaõ, Adminiſtrador da Ordem.

V. No anno 1482 em Evora pelo meſmo Principe D. Joaõ.

VI. No anno 1488 no meſmo Convento.

VII. No anno 1503 em Setubal no Hoſpital da Annunciada pelo Meſtre D. Jorge; e eſte foy o ultimo Capitulo, que ſe celebrou.

9 Ha neſta Ordem quatro Juizes. I. O Prior da Igreja de Benavente. II. O Prior de Santa Maria de Eſtremoz. III. O Prior da Matriz de Moura. IV. O Vigario da Matriz de S. Miguel de Aveiro. As Dignidades ſaõ ſeis. I. O Meſtre, ou em ſeu lugar o Adminiſtrador. II. O Prior mór. III. O Commendador mór. IV. O Claveiro, e a eſte compete diſtribuir o mantimento dos Cavalleiros, quando eſtá no Convento, e tomar conta dos gaſtos que ſe fazem. V. Alferes mór. VI. Sacriſtaõ mór. As inſignias do Meſtre ſaõ eſtas: Eſtoque, Bandeira, que de huma parte tem pintada a Virgem Santiſſima, e da outra a Cruz de Aviz de cor verde com

duas

duas Aguias aos lados inferiores de cor parda; e o Sello da Ordem.

10 Consiste o seu patrimonio em quarenta e oito Commendas muy rendosas dentro, e fóra do Mestrado, a saber, dentro do Mestrado: *Aviz*, *Benavilla*, *Cabeçaõ*, *Coruche*, *Cano*, *Cabeço de Vide*, *Alter Pedroso*, *Benavente*, *Defesa do Hospital*, *Ervedal*, *Figueira*, *Mora*, *Galveas*, *Pavia*, *Jerumenha*, *Seda*, *Fronteira*, *Alandroal*, *Alvarinha*, *Veiros*, *Alcanede*, *Alpedriz*, *Pernes*. Fóra do Mestrado: *Freiría de Evora*, *Borba*, *Béja*, *Estremoz*, *Moura*, *Mouraõ*, *Serpa*, *Sousel*, *Olivença*, *Albufeira*, *Aveiro*, *Penella*, *Seixo Amarello*, *S. Meice*, *Seixo do Ervedal*, *Santiago de Varzea*, *Cazal*, *S. Vicente da Beira*, *Meymea*, *Oriz*, *Noudar*, *Alcaçova de Santarem*, *Montargil*. (1)

11 O habito destes Cavalleiros era antigamente composto de hum escapulario curto com capello de cor preta. ElRey D. Affonso IV. pedio ao Papa Innocencio VI. transmutasse o capello em Cruz verde, o qual no anno 1353 concedeo a transmutaçaõ. Além da Cruz, usavaõ no Convento, e fóra delle nos actos Ecclesiasticos de hum habito branco com a mesma Cruz dos peitos, e cauda comprida. (2) Tem esta Ordem hum Mosteiro de Religiosas Commendadeiras em Lisboa, chamado Nossa Senhora da Incarnaçaõ, fundado no anno 1630, de que hoje he Commendadeira a Senhora D. Magdalena de Bourbon. (3)

D ii §. II.

---

(1) Poyares no Diccion Geograf. pag 57. (2) Fr Jacinto de Deos no Escudo de Cavalleir. pag. 128. (3) Lima, Geogr. Histor. part. 1. p. 544. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2 pag. 237.

§. II.

Ordem Militar de Christo.

1 EXtincta a famosa Religiaõ Equestre dos Templarios pelo Papa Clemente V. no anno 1311 pretendeo logo ElRey D. Diniz instituir outra Ordem neste Reino intitulada de Nosso Senhor Jesu Christo, cujos Cavalleiros peleijassem contra os Mouros inimigos da Fé. Para isto supplicou ao Papa Joaõ XXII. successor de Clemente V. quizesse convir na erecçaõ da nova Cavallaria; o qual assentindo a taõ pia supplica, expedio huma Bulla em Avinhaõ de França, que chegou, e se publicou em Santarem, onde ElRey estava, a 5 de Mayo de 1319.

2 Logo mandou ElRey desembaraçar no Algarve o Castello de Castro-Marim, e alli fez estabelecer a nova Ordem, para onde foy D. Fr. Gil Martins, seu primeiro Mestre, que vinha nomeado na Bulla, por ser Cavalleiro valeroso da Ordem de Aviz, e se mandou que os novos Cavalleiros se governassem pelas Constituiçções da Ordem de Calatrava, as quaes observaraõ pelo espaço de cento e dezanove annos, até que o Infante D. Henrique, oitavo Mestre, lhes deu outras Leys, que saõ as que hoje observaõ.

3 Qual fosse o habito, que primeiramente usaraõ os Cavalleiros desta Ordem, nem a Bulla da instituiçaõ o declara, nem outra qualquer memoria; porém mandando o Pontifice, que se vivesse pelas Constituiçções de Calatrava, he crivel que seguissem neste ponto tambem o que aquella Ordem usava, que era escapulario, ou bentinho branco por insignia essencial da Religiaõ. Depois com o exemplo das Ordens antigas usaraõ de huma Cruz vermelha assentada sobre branco desde o anno de 1330, e

El-

ElRey D. Manoel no Capitulo, que mandou celebrar em Thomar no anno de 1503, deu a fórma do que hoje se pratíca bordado nos mantos, ou nos vestidos da parte esquerda.

4 Nos lugares publicos, e tempo da guerra para mayor authoridade usavaõ de bandeira branca quadrada com Cruz vermelha, que se conserva em Thomar na Igreja da Ordem. Tinhaõ tambem os Mestres por preeminencia levàr diante de si nos actos publicos o Commendador mór com hum estoque ao hombro, pegando-lhe pela ponta, e as guarnições voltadas para as costas. O D. Prior nos lugares publicos tem o da maõ direita, e lhe andaõ annexas preeminencias Episcopaes. Antigamente tinhaõ mayor jurisdicçaõ.

5 Em tempo delRey D. Fernando se mudou esta Ordem para a Villa de Thomar, que tinha sido cabeça da Ordem dos Templarios; e ainda que alli viviaõ os Freires conventualmente, ElRey D. Joaõ III. no anno de 1530 os reduzio a observancia Monacal com Estatutos tirados da Regra de S. Bento, e de Cister, e foy seu Reformador o Padre Fr. Antonio Moniz da Silva, Religioso da Ordem de S. Jeronymo. Os Mestres, que houve nesta inclyta Ordem até se unir à Coroa, foraõ os seguintes.

I. *D. Gil Martins.* Começou a governar a Ordem desde o anno de 1319 com admiravel direcçaõ, e muy correspondente ao conceito, que ElRey fazia da sua capacidade. Congregou Capitulo geral, que foy o primeiro desta Ordem, na Cidade de Lisboa nas casas, que tinhaõ sido dos Templarios, e se chamaõ as Escolas Geraes. Faleceo a 13 de Novembro de 1321, e jaz em Thomar na Igreja de Santa Maria dos Olivaes.

II. *D. Joaõ Lourenço*, varaõ de grande esforço, e brio. Celebrou duas vezes Capitulo geral, em que determinou cousas muy uteis para a Ordem, e governou cinco annos.

III.

III. *D. Martim Gonçalves.* Foy dotado de muitas prendas naturaes, e adquiridas. Procurou a communicaçaõ dos privilegios da Ordem Teutonica com a de Christo. ElRey D. Affonso IV. o estimou muito, e em hum privilegio, que concedeo a esta Cavallaria, lhe chama: *Magnifico*, *estrenuo*, *e poderoso Cavalleiro.* Governou oito annos, e morreo no de 1335.

IV. *D. Estevaõ Gonçalves*, irmaõ do antecedente, foy grande flagello dos Mouros, e augmentou muito a Ordem em bens temporaes, tirando muita fazenda, que tinha sido dos Templarios, e andava sobnegada. Governou nove annos, e morreo no de 1344.

V. *D. Rodrigo Annes*, grande Cavalleiro, e de muito valor. ElRey D. Affonso IV. fez delle grande estimaçaõ; porém dissabores, e aleivosias o fizeraõ renunciar, depois de ter governado a Ordem doze annos.

VI. *D. Nuno Rodrigues*, de illustre descendencia. Em seu tempo se passou o Convento de Castro Marim para Thomar, onde celebrou o primeiro Capitulo geral, a que presidio o D. Abbade de Alcobaça, conforme a authoridade da Bulla da erecçaõ. Governou quinze annos.

VII. *D. Lopo Dias de Sousa*, sobrinho da Rainha D. Leonor de Menezes. Assim o nomea Fr. Jeronymo Roman, e o Author do Escudo das Ordens Militares; porém o Padre D. Luiz de Lima lhe chama *D. Diogo Lopes de Sousa.* (1) Sendo eleito de muy tenra idade, naõ quiz o Papa Bonifacio IX. confirmar a approvaçaõ, e assim passados treze annos, governando-se neste espaço de tempo o Mestrado por particular Administrador, completando o dito D. Lopo Dias de Sousa vinte e cinco annos, foy confirmado na antiga eleiçaõ, e veyo a gover-nar

---

(1) Lima, Geogr. Histor. tom. 1. pag. 532.

nar vinte annos com reputaçaõ de grande valor, e morreo na Villa da Covilhã no anno 1418, donde foy trasladado para o Convento de Thomar, onde jaz.

VIII. *O Infante D. Henrique*, filho delRey D. Joaõ I. Aqui tinha-mos occasiaõ de nos alargar mais, referindo as acçőes defte grande, e inclyto Meftre, por ferem todas fingulares; mas a brevidade nos fupprime; e porque os outros Meftres, ou Adminiftradores, que fe lhe feguiraõ, foraõ ou Infantes, ou filhos de Infantes, baftará nomearlhes unicamente os nomes.

IX. *O Infante D. Fernando*, Duque de Vifeu.

X. *D. Diogo*, filho do dito Infante.

XI. *O Senhor D. Manoel*, que depois foy Rey.

XII. *O Senhor Rey D. Joaõ III.*

Daqui por diante, como efta Milicia fe incorporou na Coroa, foraõ feus Meftres os Soberanos Reys, prezando-fe muito della, pois fó com o feu habito fe ornaõ.

7 As outras Dignidades faõ a de D. Prior, Commendador mór, Claveiro, Sacriftaõ mór, e Alferes. Os Capitulos geraes, que tem celebrado, faõ os feguintes.

I. No anno 1321, fendo Meftre D. Gil Martins.

II. No anno 1326 em Thomar por D. Joaõ Lourenço.

III. No anno 1326 em Lisboa.

IV. No anno 1372 em Thomar por D. Nuno Rodrigues.

V. No anno . . . em Thomar pelo Infante D. Henrique.

VI. No anno 1492 ibid. por ElRey D. Manoel.

VII. No anno 1503 ibid. pelo mefmo Rey.

VIII. No anno 1523 ibid. por ElRey D. Joaõ III.

IX. No anno 1538 em Lisboa no Hofpital de todos os Santos, governando ElRey D. Sebaftiaõ, e pre-

e presidio nelle D. Fr. Vicente, Prior de Thomar.

X. No anno 1573 em Santarem pelo mesmo Rey.

7 O patrimonio desta Ordem he muy rendoso, porque se compoem de quatrocentas e cincoenta e quatro Commendas, e vinte e huma Villas, e Lugares, que os Serenissimos Reys lhe doaraõ para manter, e conservar o lustre de seus progressos, correspondente ao de sua erecçaõ. (1)

§. III.

Ordem Militar de Malta.

1 A Sempre famosa, e esclarecida Ordem Militar de S. Joaõ do Hospital de Jerusalem, chamada hoje de Malta, (por ser esta Ilha a cabeça da tal Religiaõ, e existir nella o seu Graõ Mestre) teve principio na Santa Cidade de Jerusalem, e no Pontificado de Urbano II. donde vindo alguns Cavalleiros a Portugal no anno pouco mais, ou menos de 1130, doze annos depois que começou a ter fórma de Religiaõ, (2) o victorioso Rey D. Affonso Henriques lhes deu naõ só entrada, mas os honrou com varios privilegios, e doações de terras, estimando taõ opportunos hospedes, muy proprios à expulsaõ dos Mouros, em cuja fadiga continuamente lidava, sendo sempre bem succedido.

2 Pouco a pouco se foy augmentando a Ordem neste Reino, e os Cavalleiros, que tinhaõ nelle o governo, se intitulavaõ *Priores do Hospital* até os annos

---

(1) Veja-se Brito, Chron. de Cister part 2. Duarte Nun. Chronic. delRey D Diniz. Tamburin. Barbos. e outros apud Figueiroa na Praça universal disc. 3. §. 238 Villasboas, Nobiliarq Portug. cap. 18. Fr Jacinto de Deos no Escud. das Ordens Militar. § 21 e tambem a Vieirá na Histor. do Futuro n. 299 ondè em grande credito desta Ordem refere ser visto S. Francisco Xavier com o manto branco, e a Cruz vermelha no peito. (2) Fr. Luc. de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 1. pag. 222 Soares da Silv. Memor. delRey D. Joaõ I. pag. 618.

nos de 1340, pois já daqui para diante achamos nomeados os Priores do Hospital com o titulo de *Priores do Crato*, erecçaõ que se deve ao Graõ Mestre Elion de Villanova em tempo delRey D. Affonso IV. (1) Para mayor intelligencia devemos saber, que esta sagrada Milicia está espalhada, e distribuida por toda a Christandade, e se compoem de Graõ Mestre, Dignidade principal, e de illustre preeminencia, o qual tem o honorifico tratamento de Cardeal, e os seus vassallos seculares o trataõ por Alteza. A este sublime, e venerando Magisterio tem subido até agora quatro nobilissimos, e benemeritos Cavalleiros Portuguezes, que vem a ser.

I. *Fr. D. Pedro Affonso de Portugal*, filho natural delRey D. Affonso Henriques, o qual foy eleito no anno de 1194 em XI. Mestre. Renunciou o governo no anno de 1196, e passou a Portugal, onde morreo na Villa de Santarem em o primeiro de Março de 1207, jaz na Igreja de S. Joaõ de Alporaõ da mesma Villa, e Ordem.

II. *Fr. D. Luiz Mendes de Vasconcellos*, Ballio de Acre, eleito em LIV. Mestre a 17 de Setembro de 1622. Occupou o throno naõ mais que cinco mezes, porque morreo em 7 de Março de 1623, e jaz no commum jazigo dos Graõ Mestres.

III. *Fr. D. Antonio Manoel de Vilhena*, Ballio de Acre, eleito em LXV. Mestre a 19 de Julho de 1722. Morreo a 12 de Dezembro de 1736.

IV. *Fr. D. Manoel Pinto da Fonseca*, eleito em LXVII. Mestre em 18 de Janeiro de 1741. Governa presentemente.

3 Compoem se mais esta Ordem de tres classes de professores. I. *Cavalleiros de justiça*, os quaes para serem admittidos devem mostrar ao menos cem annos de antiga nobreza qualificada, e reconhecida

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. pag. 11. Far. na Europ. tom. 2. part. 3. cap. 3.

com rendas, e armas notorias. II. *Capellães*, e estes se dividem em Capellães Conventuaes, que assistem em Malta, e em Capellães de obediencia, que assistem nas Igrejas da Religiaõ, providos por algum Prior, Ballio, ou Commendador. III. *Serventes de armas, ou de Estagio*, e saõ os que administraõ os publicos officios da Religiaõ. Tambem consta a Ordem de *Confrades*, e *Donatos*, aos quaes se concede a Cruz da Ordem, menos a parte superior.

4 Para o bom regimen deste Militar Imperio ha em Malta sete Ballios Conventuaes, a que tambem chamaõ *Pilheres*, que saõ huns Conselheiros de Estado, e Governadores, ou Presidentes das Linguas, ou Nações, em que a Religiaõ se acha dividida.

I. *A Lingua, ou Naçaõ de Provença* tem por seu Ballio Conventual ao *Graõ Commendador*, ao qual incumbe a superintendencia dos celeiros. Nesta Naçaõ ha dous grandes Priorados, o de Santo Egidio, e o de Tolosa, e a Balliagem Capitular de Manoasca.

II. *A Lingua de Alvernia* tem por seu Ballio Conventual ao *Marichal*, que he Principe, e superior a todo o Militar, e nelle ha o Graõ Priorado de Alvernia, e a Balliagem de Daveset.

III. *A Lingua de França* tem por seu Ballio Conventual ao *Hospitalario*, que tem todo o governo do Hospital, e seus ministros. Consta de tres grandes Priorados, o de França, o de Aquitania, e o de Capitania, ou Champanha, e a Balliagem Capitular da Morea, e o Thesoureiro geral.

IV. *A Lingua de Italia* tem por seu Ballio Conventual ao *Almirante*, o qual tem o mando sobre as expedições maritimas. Nesta Lingua ha sete grandes Priorados, o de Roma, Lombardia, Veneza, Pisa, Barleta, Messina, e Capua: quatro Balliagens Capitulares, a de Santa Eufemia, a de Santo Estevaõ, a da Trindade de Veneza, e a de S. Joaõ de Napoles.

V.

V. *A Lingua de Aragaõ, Catalunha, e Navarra* tem por ſeu Ballio Conventual ao *Graõ Conſervador*, que preſide, e exercita a ſuperintendencia de toda a fardagem dos ſoldados. Conſta de tres grandes Priorados, o da Caſtellania de Amposta, o de Catalunha, e o de Navarra; e as Balliagens Capitulares de Malhorca, e Caſpe.

VI. *A Lingua de Alemanha* tem por ſeu Ballio Conventual ao *Graõ Ballio*, que tem por exercicio viſitar a Cidade antiga de Malta, e o Caſtello de Gozo. Conſta de quatro grandes Priorados, o de Alemanha, o de Bohemia, o de Hungria, e o de Dacia, com a Balliagem Capitular de Brandemburg.

VII. *A Lingua de Portugal, Caſtella, e Leaõ* tem por ſeu Ballio Conventual ao *Graõ Cancellario*, o qual póde eleger hum Vice-Cancellario para fazer as ſuas vezes de Secretario de Eſtado de toda a Religiaõ. Neſta Lingua ha dous grandes Priorados, o de Portugal, chamado do Crato, que hoje digniſſimamente poſſue o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro, e as Balliagens de Leça, Acre, Lango, e Negroponte; e o Priorado de Caſtella, e Leaõ.

5 No Priorado do Crato tem havido até o preſente trinta e tres Graõ Priores, poſto que nem todos tiveraõ o titulo de Priores do Crato, ſenaõ do tempo delRey D. Affonſo IV. para diante. De todos daremos noticia abreviada no Catalogo ſeguinte.

I. *D. Fr. Ayres.* Occupou eſta Dignidade em tempo delRey D. Affonſo Henriques.

II. *D. Fr. Mem Gonçalves* em tempo delRey D. Sancho I.

III. *D. Fr. Pedro Affonſo* em tempo delRey D. Affonſo II.

IV. *D. Fr. Gonçalo Egas* no meſmo tempo.

V. *D. Fr. Rodrigo Gil* em tempo delRey D. Sancho II.

VI. *D. Fr. Fernando Lopes* em tempo delRey D. Affonſo III.

VII. *D. Fr. João Garcia* no mesmo tempo.

VIII. *D. Fr. Affonso Pires Farinha* no mesmo tempo.

IX. *D. Fr. Vasco Martins* no tempo delRey D. Diniz.

X. *D. Fr. Garcia Martins*, a que chamaõ vulgarmente o Santo, Commendador de Leça, viveo no mesmo reinado.

XI. *D. Fr. Estevaõ Vasques Pimentel* no mesmo reinado.

XII. *D. Fr. Alvaro Gonçalves Pereira*, esclarecido tronco da Real Casa de Bragança, viveo em tempo delRey D. Affonso IV.

XIII. *D. Fr. Pedro Alvares Pereira*, filho do antecedente.

XIV. *D. Fr. Alvaro Gonçalves Camelo* em tempo delRey D. Joaõ I.

XV. *D. Fr. Lourenço Esteves de Goes* no mesmo tempo.

XVI. *D. Fr. Nuno de Goes* no mesmo tempo.

XVII. *D. Fr. Henrique de Castro* em tempo delRey D. Affonso V.

XVIII. *D. Fr. Vasco de Ataide* no mesmo reinado.

XIX. *D. Fr. Diogo Fernandes de Almeida* em tempo delRey D. Joaõ II.

XX. *D. Fr. Joaõ de Menezes.* Foy Mordomo mór dos Reys D. Joaõ II., e D. Manoel.

XXI. *D. Fr. Gonçalo Pimenta* em tempo delRey D. Joaõ III.

XXII. *O Infante D. Luiz*, Duque de Béja, filho segundo delRey D. Manoel.

XXIII. *O Senhor D. Antonio*, filho bastardo do Infante D. Luiz.

XXIV. *O Cardeal Alberto*, Archiduque de Austria.

XXV. *Victor Amadeo*, Principe de Piamonte, e depois XII. Duque de Saboya.

XXVI.

XXVI. *O Cardeal Infante D. Fernando.*

XXVII. *D. Fr. Jeronymo de Brito* em tempo delRey D. Joaõ IV.

XXVIII. *D. Fr. Braz Brandaõ* no mesmo tempo.

XXIX. *D. Fr. Joaõ de Sousa* em tempo delRey D. Pedro II.

XXX. *D. Fr. Joaõ Mascarenhas*, primeiro Marquez de Fronteira.

XXXI. *D. Fr. Manoel de Mello* no mesmo tempo.

XXXII. *O Sereníssimo Senhor Infante D. Francisco.*

XXXIII. *O Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro* goza presentemente desta alta Dignidade, confirmada por Bulla Pontificia desde Março de 1743, em cujo decoroso emprego entrou com zelo taõ providente, que logo em 16 de Junho do mesmo anno nomeou por Visitador do seu Graõ Priorado ao Excellentissimo, e Reverendissimo D. Fr. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, Bispo de Nankim, e filho dos suburbios da mesma Villa do Crato, o qual com prompta, e expedita vigilancia naquella empreza deixou acreditada naõ só a sua virtude, e sciencia, mas o grande conceito, que o Serenissimo Senhor fizera da sua capacidade.

6 Porém sendo preciso retirarse para Nankim o dito Bispo, foy logo nomeado o Doutor Fr. Joaõ de Azevedo, Collegial do Real Collegio dos Militares de Coimbra, Lente da Cadeira de Codigo, e Desembargador da Relaçaõ do Porto, o qual no anno de 1744 completou a visita com aquella reputaçaõ, que se esperava da sua virtude, confirmada pelo continuo acerto de seu espirito, integridade, e prudencia, cujas acções lhe souberaõ grangear a eleiçaõ, com que Sua Magestade o nomeou no anno de 1744 para Visitador de Palmella, além de o ter constituido Juiz geral das Tres Ordens Milita-

res,

res, elevando-o finalmente a Bispo de Portalegre.

7 Naõ contente o Sereniſſimo Senhor com eſtas demonſtrações de ſeu religioſo zelo, acertadiſſimo na eſcolha de taõ eſpeciaes Viſitadores, cuida particularmente com empenho catholico em mandar todos os annos Miſſionarios às terras do ſeu Priorado, e que as Igrejas delle ſejaõ providas nos ſujeitos mais benemeritos, pois ordinariamente naõ as dá, ſenaõ precedendo exame de oppoſitores por concurſo. Zela, e attende a que o culto Divino ſe obſerve com toda a perfeiçaõ, e decencia, ſupprindo liberaliſſimo com todos os ornamentos preciſos naquellas Igrejas, em que faltaõ, para que ſe naõ falte ao aſſeyo do culto, e eſplendor dos Templos.

8 He o Graõ Prior do Crato hum geral Provincial da Religiaõ de Malta com dignidade quaſi Epiſcopal no deſtrito de ſeu Priorado; e aſſim tem juriſdiçaõ civil, e criminal nos Cavalleiros, que reſidem neſte Reino, (com dependencia porém do Graõ Meſtre, e Convento, para que delle ſe appella) além da eſpecial juriſdiçaõ, que tem no dito Priorado, e habitadores delle, poſto que naõ ſejaõ Maltezes. A reſpeito deſte deſtrito tem hum Proviſor Vigario geral, que admitte a Ordens, paſſa Reverendas, e lhe exercita a juriſdiçaõ Epiſcopal *in temporalibus*, & *ſpiritualibus*.

9 Conſta mais de hum Tribunal, chamado Meſa Prioral do Crato, onde ſe zela da ſua fazenda, ſe conſultaõ Miniſtros, e ainda os Officiaes das Ordenanças das terras do dito Priorado, e das mais, em que a Ordem tem Commendas, em razaõ da eſpecial graça, e Decreto delRey paſſado a 18 de Abril de 1744. (1)

10 A reſpeito dos Maltezes tem mais eſte Priorado dous Juizes ordinarios, que ou haõ de ſer Cavalleiros

---

(1) Acha-ſe eſte Decreto regiſtado no liv. 14. da Secretaria do Conſelho de Guerra a fol. 121.

valleiros do habito, ou pessoas Ecclesiasticas, hum no Porto, outro em Lisboa, além de hum Conservador para defender os privilegios da Religiaõ, cargos, que muitas vezes costumaõ andar unidos na mesma pessoa do Provisor, como hoje se acha. Deste Juiz ordinario se appella para a Assemblea, Tribunal de Malta em Lisboa; dentro do qual se completaõ as tres instancias, sendo precisas, como concedeo o Santo Papa Pio IV. à Religiaõ de Malta pela Bulla *Circumspecta*; (1) e com effeito no anno de 1738, sendo Juizes Joaõ Marques Bacalháo, Manoel Gomes de Oliveira, Antonio Coelho Meireles, e Antonio Sanches Pereira, se julgou em hum recurso posto pelo Promotor da Assemblea, e o Procurador da Religiaõ desta Monarquia contra o Auditor da Nunciatura, que quiz fazer compulsar huns Autos, em que era parte Cavalleiro Maltez, determinando-se na Coroa, que elle fazia notoria força, e violencia, por quanto o Nuncio naõ tem jurisdiçaõ para commetter ao Auditor nas causas entre os Maltezes, por estar concedido por amplissimos privilegios da Sé Apostolica, que as causas entre estes Religiosos movidas sejaõ pelos Juizes della finalmente determinadas, sem que se possa appellar, senaõ pelos graos declarados na mesma Constituiçaõ; naõ sendo permittido aos Religiosos appellar para a Sé Apostolica, omittidos os ditos gráos, por se relaxar a disciplina Regular em desprezo dos Prelados, o que os Nuncios Apostolicos naõ devem alterar; como está declarado pela sagrada Congregaçaõ dos Regulares em 8 de Novembro de 1593.

11 Pela Ordenaçaõ do Reino *liv.* 2. *tit.* 1. *in princip.* se manda, que as pessoas Religiosas naõ tendo neste Reino Superior ordinario, respondaõ perante as justiças seculares; porém isto naõ tem lugar a respeito dos Religiosos Maltezes, por terem Su-

(1) Bullar. de Cherub. Bulla 36. num. 9. §. 8.

Superior em o Graõ Prior, e juizo ordinario para conhecer das suas causas, como se julgou ultimamente no Juizo da Coroa a 20 de Fevereiro de 1721 a favor do Commendador D. Lopo de Almeida contra Miguel Rodrigues Barros, declarando-se no Acordaõ, que assim se tinha julgado muitas vezes; e com effeito naõ só se tem julgado a respeito dos Religiosos, mas tambem a respeito das Religiosas Maltezas de Estremoz, que se naõ póde negar serem verdadeiras filhas da Religiaõ de Malta.

12 Neste Graõ Priorado tem Malta quatro Balliados, que administraõ Cavalleiros Portuguezes, chamados Ballios Capitulares, e Graõ-Cruzes, porque só os Ballios pódem usar de huma grande Cruz de panno branco, que lhes cobre todo o peito. Balliado he o mesmo que Commenda, e nesta Religiaõ ha quatro lotes de Commendas. *Commenda de Cabimento*, que he aquella, que toca a cada Cavalleiro conforme a sua antiguidade. *Commenda de Melhoramento*, que he a de mayor lote, a que se sóbe tambem por antiguidade. *Commenda de Graça*, que he a que de cinco em cinco annos póde o Graõ Mestre dar a qualquer Cavalleiro, porque de cinco em cinco annos tem elle huma Commenda em cada Priorado. *Commenda Magistral*, que he a que dá o Graõ Mestre a quem lhe parece, porque em cada Priorado tem huma Commenda com este titulo. E nenhum Cavalleiro, ou Servente de armas póde conseguir Commenda de cabimento, ou de graça, sem fazer primeiro tres caravanas.

13 As Commendas, que a Religiaõ tem neste Reino, saõ vinte e cinco, a saber:

O Graõ Priorado do Crato, a Balliagem de Leça, as Commendas de S. Braz em Lisboa, de Fontes, do Barro, de Fergim, do Chavaõ, de Moura Morta, de Poyares, de Vera Cruz, de Algozo, de Rocor, de Tavora, de Villa Cova, de Oliveira do Hospital, de S. Joaõ da Curbeira, de Elvas e Montoito, de S. Joaõ

de Alporaõ , de Ancemil , de Aguas Santas , de Trancozo , de Torres Vedras , de Oleiros , de Sernancelhe , da Covilhã , de Aldea Velha.

Tem mais o Graõ Prior do Crato dominio diſpotico ſobre treze Villas , a ſaber : *Crato , Gafete , Toloſa , Amieira , Gaviaõ , Belver , Envendos , Carvoeiro , Proença , Certã , Pedrogaõ pequeno , Oleiros , Alvaro.*

14 O habito deſtes Cavalleiros he tunica preta , e comprida , com huma Cruz de panno branco oitavada ſobre o lado eſquerdo. O manto , ou a tunica he como hum roupaõ de mangas largas , que ſe vem eſtreitando até os bocaes , e ſe prendem atraz, e repreſenta a tunica do Bautiſta. A Cruz , ou as oito pontas della ſignifica as oito bemaventuranças. Do hombro eſquerdo lhes pende hum cordaõ tecido de ſeda preta , e branca , em que ſe vem bordados os Myſterios da Paixaõ de Chriſto. No exercicio das armas , e nas occaſiões de campanha , ou caravana , uſaõ de humas ſobreveſtes encarnadas curtas de feitio de cottas com Cruzes brancas ſem pontas. Do primeiro ſobredito ornato uſaõ , quando reſidem em Convento , porque fóra delle prevalece o traje das Cortes.

15 Finalmente tem a Ordem de Malta neſte Reino hum Moſteiro de Religioſas em Eſtremoz , que fundou o Infante D. Luiz , filho delRey D. Manoel , ſendo Graõ Prior do Crato , por Breve de Paulo III. de 1545. E porque naõ havia neſte Reino Capellães da Ordem , que podeſſem aſſiſtir às Religioſas na adminiſtraçaõ dos Sacramentos , foraõ chamados os Religioſos de S. Franciſco aſſiſtentes na dita Villa para Miniſtros de conſciencia , que actualmente exercitaõ. (1)

(1) Fr. Luc de S. Cathar. na Malta Portug. liv. 2. cap. 8. Fonſec. Evora glorioſa num. 708.

§. IV.

Ordem Militar de Santiago.

1 DEve esta preclara Ordem Militar a sua introducçaõ neste Reino ao invicto Rey D. Affonso Henriques, o qual vendo o soccorro, e valimento, que o Apostolo Santiago fazia nos exercitos dos Christãos contra os Mouros, começou a invocallo na tomada de Santarem, de cuja victoria agradecido, admittio, e favoreceo muito os Cavalleiros desta Milicia, dando-lhe muitas terras, e Commendas. Depois seu filho D. Sancho I. a illustrou grandemente, fazendo-lhe mercê das Villas de Palmella, Almada, Arruda, e Alcacer do Sal.

2 Augmentou-se mais esta Religiaõ em tempo delRey D. Sancho o Capello, e seu irmaõ ElRey D. Affonso III. porque florecendo entaõ o grande Mestre della D. Payo Peres Correa, e ganhando aos Mouros muitas terras, e quasi todo o Algarve, deraõ nossos Reys muitas das sobreditas terras à Ordem de Santiago, com as quaes enriquecida, reinando já ElRey D. Diniz, intentou eximilla da obediencia, que davaõ os Cavalleiros existentes em Portugal ao Graõ Mestre, que residia em Castella.

3 Os motivos, e as causas que houve para esta isençaõ, foraõ muitas, que por varias vezes se representaraõ na Curia Romana, (1) as quaes julgadas por forçosas, expedio o Papa Nicoláo IV. hum Breve a 17 de Setembro de 1288 muy favoravel à Ordem de Santiago deste Reino, pelo qual mandou, que os Commendadores de Portugal, e seus bens se apartassem da obediencia, e dominio do Graõ Mestre de Castella, e podessem eleger Mestre Provincial, como com effeito juntos os Com-

(1) Monarq. Lusitan. liv. 6. cap. 59.

Commendadores Portuguezes de Santos o Velho de Lisboa no anno de 1291 elegeraõ a D. Joaõ Fernandes.

4 Sabendo isto o Graõ Mestre de Castella, que entaõ era D. Pedro Fernandes Matta, procedeo contra o de Portugal novamente erecto, valendo-se dos Pontifices Celestino V., e Bonifacio VIII. successores de Nicoláo, para que derogassem o Breve da isençaõ. Procederaõ os Papas com censuras, mas reclamando os Cavalleiros Portuguezes, obtiveraõ outros Breves, e favores dos mesmos Summos Pontifices, com que foraõ continuando na eleiçaõ dos seus Mestres Provinciaes, até que ElRey D. Diniz lhes deu posse, entregando as Commendas do Reino ao Mestre Portuguez, para que da sua maõ as désse aos benemeritos; e averiguados pelo Pontifice Joaõ XXII. os fundamentos, que havia para se eximirem de Castella os Cavalleiros Portuguezes, houve por bem passar a Bulla da separaçaõ no anno de 1320, que era o quarto de seu Pontificado.

5 Na tutoria delRey D. Affonso V. tornou à porfiar Castella; porém Ruy da Cunha, que no anno de 1140 se achava em Roma com o caracter de Embaixador, e o Mestre Fr. Joaõ Manoel, Provincial do Carmo, que depois foy Bispo da Guarda, alcançaraõ do Papa Eugenio IV. a isençaõ para sempre, mandando com censuras, que se pozesse perpetuo silencio neste ponto; e assim dahi por diante continuaraõ a fazer suas eleições dos Mestres sem mais instancia contraria. Os Mestres, que tem havido depois da isençaõ de Castella, saõ os seguintes.

I. *D. Joaõ Fernandes* eleito no anno de 1292 no primeiro Capitulo Provincial, que se celebrou em Lisboa no Mosteiro de Santos. Governou sómente anno e meyo.

II. *D. Lourenço Anes Carnes* eleito no anno 1292. Começou o edificio do Convento de Alcacer do Sal, e governou vinte e tres annos.

 III.

III. *D. Pedro Escacho* foy eleito no anno de 1316 em Mertola. Daqui mudou o Convento para Alcacer do Sal. Adquirio para a Ordem muitos privilegios, e lhe servio de grande utilidade. Governou pacificamente dez annos e meyo. O Author da *Evora gloriosa* num. 32. lhe chama *D. Pedro Estaço*, e diz que fora o primeiro Mestre depois da separaçaõ de Castella; porém em huma, e outra noticia se equivoca.

IV. *D. Garcia Peres.* Naõ se sabe em que anno foy eleito: sabe-se sómente que governou dezaseis annos.

V. *D. Vasco Anes.* Foy o primeiro Mestre, que visitou todos os lugares, e terras da Ordem com grande utilidade della. Morreo no anno de 1367, e governou quatorze.

VI. *D. Gil Fernandes de Carvalho*, Alferes delRey D. Fernando. Governou vinte annos.

VII. *D. Estevaõ Gonçalves.* Foy hum dos valerosos Cavalleiros, que ElRey D. Fernando poz nas fronteiras do Reino contra Castella. Parece que morreo no anno de 1382, e governou dez annos.

VIII. *D. Fernando Affonso de Albuquerque*, bisneto, ainda que por bastardia, delRey D. Diniz. Foy Cavalleiro de grande estimaçaõ, e governou oito annos.

IX. *D. Mem Rodrigues de Vasconcellos.* A sua eleiçaõ foy confirmada pelo Papa Bonifacio IX. por ser canonica, e naõ outra, que fizeraõ os Commendadores da Ordem, de que se originaraõ varias inquietações. Governou dezanove annos, e morreo no de 1415.

X. *O Infante D. Joaõ*, filho delRey D. Joaõ I. Transferio a Ordem de Alcacer do Sal para a Villa de Palmella, e depois de ter levantado grande parte dos edificios, morreo no anno de 1442. Governou vinte e sete annos.

XI. *D. Diogo*, filho do antecedente, a quem suc-

ſuccedeo nos bens, e dignidades. Viveo pouco, e naõ ſe ſabe o tempo que governou.

XII. *O Infante D. Fernando*, filho delRey D. Duarte. Foy eleito em Alcacer do Sal por Bulla Pontificia. Acabou a Igreja, e Convento de Palmella, e outras obras, que eſtavaõ começadas. Governou dez annos.

XIII. *D. Joaõ*, filho do ſobredito. Herdou tudo o que poſſuia ſeu pay, e naõ ha delle mais memoria.

XIV. *O Principe D. Joaõ*, que depois foy Rey II. do nome. Poz na ultima perfeiçaõ o Convento de Palmella, e o completou no anno de 1482.

XV. *O Principe D. Affonſo*, filho delRey D. Joaõ II. Pouco tempo logrou o Meſtrado, por morrer intempeſtiva, e deſgraçadamente em Santarem no anno de 1491.

XVI. *D. Jorge*, filho baſtardo delRey D. Joaõ II. Sendo de doze annos, lhe fez ElRey ſeu pay a mercê do Meſtrado, precedendo para iſſo Capitulo, que a Ordem celebrou em Santarem, e alli no mez de Abril de 1492 tomou juramento aos Cavalleiros, preſente todo o Capitulo. Celebrou-o no anno de 1508 no Convento de Palmella com muita ſolemnidade, reformando, e accreſcentando os eſtatutos da Ordem por Bulla Pontificia. Morreo no anno de 1511, e jaz no Convento de Palmella.

6 Por morte do Senhor D. Jorge incorporou Adriano VI. no anno de 1522 o Meſtrado deſta Ordem na Coroa Real, e aſſim deſde ElRey D. Joaõ III. tem continuado até o preſente na Mageſtade delRey D. Joſeph I. que he o XXVII. Meſtre da Ordem depois da ſua ſeparaçaõ. O Author da *Corografia Portugueza* no tom. 3. tranſcreve huma Relaçaõ dos Meſtres deſta Ordem Militar, de que diz haver memoria no Convento de Palmella; mas he dos Meſtres, em quanto a Ordem eſteve ſubordinada a Caſtella, e ainda eſſa he diminuta, e naõ faz men-

mençaõ alguma dos que governaraõ só em Portugal, que he o que nos pertence.

7 Depois da dignidade de Graõ Mestre segue-se a de Prior mór de Palmella, ao qual estaõ annexas insignias Pontificias, e jurisdiçaõ quasi Episcopal, que lhes concedeo o Papa Leaõ X. pelo Breve, que passou no anno de 1516. O insigne Academico D. Luiz de Lima diz, (1) que o primeiro Prior fora D. Joaõ de Braga; porém na Historia desta inclyta Ordem, escrita por Fr. Jeronymo Roman, que conservamos em nosso poder, consta que o primeiro Prior mór de Palmella fora *D. Christovaõ*, a quem se seguiraõ *Martim Dias*, *André Peres*, *D. Fernando*, *D. Gonçalo*, *D. Martinho II.*, *D. Pedro I.*, *D. Pedro Anes II.*, *D. Lourenço Anes*, *D. Gonçalo*, *D. Pedro Dias III.*, *D. Luiz da Rosa*, *D. Joaõ Fernandes*, *D. Joaõ de Braga*; de sorte, que antes deste tinhaõ precedido treze.

8 As Commendas, com que liberalmente enriqueceraõ esta Ordem os Senhores Reys, bem mostraõ o seu pio, e generoso animo, que ainda para Reinos mais populosos, e opulentos seria hum grande reconhecimento do muito, que a estimavaõ. A Geografia Historica lhe assina cento e cincoenta Commendas. Professaõ os Cavalleiros desta Ordem os tres votos essenciaes de pobreza, obediencia, e castidade conjugal, conforme o privilegio de Paulo III. O seu habito he huma Cruz vermelha bordada sobre o manto branco, ou sobre os vestidos, com as guarnições à maneira das espadas antigas com huma concha no meyo.

9 Tem finalmente esta Milicia sagrada hum Mosteiro de Religiosas situado fóra dos muros de Lisboa, para onde vieraõ da Igreja de Santos o Velho, e se governa por huma Commendadeira, que sempre he das principaes Senhoras do Reino, e he hoje

(1) Geograf. Historic. tom. 1.

hoje a Excellentissima Senhora D. Maria Rosa de Portugal, mulher que foy do Conde de Pombeiro.

§. V.

De outras Ordens Militares, que houve no Reino, e já naõ existem.

1 A *Ordem da Aza de S. Miguel.* Foy instituida por ElRey D. Affonso Henriques no anno de 1167 em Alcobaça, em memoria de ser conquistada a Villa de Santarem aos Mouros em 8 de Mayo do mesmo anno, dia da Appariçaõ de S. Miguel Archanjo, cujo poderoso braço cuberto de huma aza foy visto peleijar em sua defensa. Trataõ desta Ordem os Authores abaixo allegados. (1)

2 *A Ordem da Espada.* Foy instituida por ElRey D. Affonso V. no anno de 1459, tomando por divisa huma torre com huma espada no alto, e admittindo vinte e sete Cavalleiros em contemplaçaõ dos annos que tinha, quando foy conquistar Féz. (2)

3 *A Ordem da Frecha.* Foy instituida por ElRey D. Sebastiaõ no anno de 1576, da qual naõ houve mais que hum Cavalleiro, natural de Guimarães. Começou o dito Rey a fundar hum Templo para cabeça da Ordem junto da Alfandega de Lisboa, de que hoje naõ ha memoria: alguma existe disto na sumptuosa Igreja de S. Vicente de Fóra, pois nella pelos frizos ha frechas aspadas. (3)

A Or-

---

(1) Tamburin tom. 2. disp. 24. q. 5. n. 78. Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 19. e liv. 5. cap. 19. Brand. na Monarq. Lusitan. liv. 11. cap. 22. liv. 10. cap. 23. Agiolog Lusitan. tom 2 pag. 49. e tom. 3. pag. 127. Benedict. Lusitan. tom. 2. pag. 183. Nobiliarq. Portug. cap. 18 Escudo das Ord. Milit. § 16 Plaça univers. de las sciencias pag. 125. (2) Nobiliarq. Port. allegad. Histor. Gener. de las Relig. y Ord Milit. part. 6. tom. 8. cap. 42. col. 70. Histor. Geneal. da Casa Real Port. tom. 3. pag. 9. (3) Faria nos Commentar. das Rim. de Camões tom. 4. pag. 119.

4 *A Ordem de S. Juliaõ do Pereiro.* Teve por Author a hum Ermitaõ Portuguez, chamado Amando, no tempo do Conde D. Henrique, o qual vivia em huma pequena Ermida junto das ribeiras do rio Coa, e da Villa do Pereiro, termo de Pinhel, que aconſelhou a erecçaõ da Cavallaria a hum nobre mancebo por nome D. Soeiro, que foy ſeu primeiro Superior. Paſſou-ſe eſta Religioſa Milicia para Caſtella, e exiſte hoje com o titulo de Alcantara. (1)

5 *A Ordem da Madre-Silva.* Teve principio no reinado delRey D. Joaõ I. em huns Moços fidalgos, que com beneplacito delRey tomaraõ por diviſa a Madre-Silva, e ſe diſtinguiaõ em acções valeroſas. (2)

6 *A Ordem dos Namorados.* Principiou no meſmo tempo delRey D. Joaõ I. no valor de certos Cavalleiros Portuguezes, dos quaes conſta que na batalha de Algibarrota obraraõ maravilhas. (3)

7 *A Ordem dos Templarios.* Foy eſta Militar Ordem huma das mais celebres, que houve no Orbe Chriſtaõ, e floreceo aſſim em grandes acções de valor, como em opulencias. Diſtribuida por toda a Chriſtandade, entrou em Portugal no anno 1126, onde foy ſeu primeiro Meſtre D. Galdim Paes, natural de Braga. Aqui teve eſta Milicia muitas Commendas, e Igrejas, até que o Papa Clemente V. por varias queixas, que houve dos Cavalleiros, principalmente dos exiſtentes em França, extinguio eſta Religiaõ no anno de 1311 no Concilio Vienenſe. Os que exiſtiaõ em Portugal naõ foraõ comprehendidos naquelles crimes; porém como a Ordem ſe extinguio, lhes foraõ confiſcadas as fazendas,

(1) Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 37. Benedict. Luſit. tom. 1. pag. 178. Plaça univ. de las ſciencias pag. mihi 120. n. 222. Brito, Chronic. de Ciſter liv. 5. cap. 3. Mariz, Dialog. 2. (2) Nobiliarq. Portug. pag. 172. Eſperança, Hiſtor. Serafic. liv. 1. cap. 36. (3) Fr. Jacinto de Deos no Eſcud. das Ord. Militares §. 59. pag. 227.

das, e elles passaraõ para a nova Milicia de Christo, que em seu lugar se estabeleceo neste Reino. (1)

CAPITULO III.

De todas as Ordens Religiosas, e mais Congregações, que ha neste Reino, com a expressaõ dos Conventos, e Mosteiros, que tem cada huma, e annos das suas Fundações.

1 NAõ he pequena gloria de Portugal, sendo hum Reino de taõ estreitos limites, agazalhar, e sustentar com tanta decencia muitas sagradas Jerarquias, que constituem as Ordens Religiosas da Igreja de Deos, fundando outras de novo, que saõ como fruto proprio do terreno Portuguez, às quaes suppre a caridade do povo, quando por especial instituto lhes faltaõ as rendas, estabelecendo por hipotheca da sua subsistencia a Providencia Divina. Esta piedade, e religioso cuidado he muy antigo no coraçaõ dos Portuguezes: (2) por ora mostraremos com individuaçaõ este ponto; e porque o melhor modo para naõ escandalizar a harmonia destas Legiões Angelicas he seguir a serie alfabetica, pois assim deixamos a cada huma em seu direito de preferencia, e antiguidade, por ella regularemos esta noticia.

(1) Monarq. Lusit. liv. 9. cap. 11. e outros muitos, que allega Fr. Jacinto de Deos no Escudo das Ordens Militar. pag. 77. Veja se a Collecçaõ Academica do anno 1722, onde vem hum Catalogo dos Mestres da Ordem do Templo Portuguezes. (2) Sousa na Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 2. cap. 4. Macedo nas Flor. de Hesp. cap. 9. excel. 8. e 9. e na Eva, e Ave part. 2. cap. 66.

§. I.

Agostinhos Calçados.

2 QUerem os Chroniſtas deſta ſagrada Religiaõ, (1) que S. Profuturo Arcebiſpo de Braga, e diſcipulo de Santo Agoſtinho introduziſſe eſta Ordem em Portugal pelos annos de 393, pouco depois de a ter fundado em Tagaſte o meſmo Santo Doutor, e que o Eremita Alemaõ Santo Ancirado fundaſſe em Pena-firme pelos annos de 850, o primeiro Convento deſta Ordem Auguſtiniana em Portugal, (2) onde S. Guilherme Duque de Aquitania, vindo em peregrinaçaõ a Santiago de Galiza, habitara algum tempo, e reedificara o clauſtro, e officinas, que ainda hoje perſeveraõ. (3)

3 O que temos por indubitavel he, que eſta exemplariſſima Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho entrou em Lisboa no anno de 1147 aos 25 de Outubro, dia em que tambem entrou na meſma Cidade triunfando dos Mouros o invicto Rey D. Affonſo Henriques. Plantaraõ eſta ſagrada Ordem no Eremitorio de S. Gens, na raiz do monte do meſmo Santo, hoje mais conhecida pelo nome de Noſſa Senhora do Monte, dous Eremitas, de cujo nome naõ conſta, conſtando ſómente que tinhaõ eſtado no Eremitorio de S. Vicente do Algarve.

4 Com beneplacito do Biſpo de Lisboa D. Gilberto fundaraõ eſtes dous Eremitas o Eremitorio de S. Gens, promettendo obediencia ao meſmo Biſpo, por naõ gozarem ainda neſſe tempo do privilegio da iſençaõ, que lhes concedeo depois o Papa Bonifacio

(1) Fr. Ant. da Purific. Chronol. Monaſt. procem. cap. 2. pag. 12. e outros muitos apud Barboſ. Deciſ. Apoſtol. Collect. 325. (2) Cardoſ. Agiolog. Luſitan tom. 1. pag. 345. (3) Fr. Jeronym. Roman nas Centur. da Ord. ad ann. 1264, e Fr. Joaõ Marq. no Defenſor. da meſma cap. 17. §. 2.

cio VIII. na Bulla *Sacer Ordo* de 21 de Janeiro de 1298, (1) e assim nem Igreja tinhaõ, mas só Oratorio, em que se encommendavaõ a Deos, sujeitos às obrigações das Paroquias, como os mais fieis, e sem dependençia de outro Superior entre si mais, que do Prior, que elegia a familia do Mosteiro com approvaçaõ do Ordinario.

5 Neste estado foraõ vivendo os Eremitas de S. Gens, engrossando-se com sujeitos habeis para os seus ministerios, até que naõ cabendo já neste Eremitorio, reedificaraõ, ou fundaraõ outro no territorio de Pena-firme, termo de Torres vedras, no anno de 1226, subordinado tambem ao Bispo de Lisboa. Chegou o anno de 1256, em que o Papa Alexandre IV. na sua Bulla *Licèt* de 9 de Abril (2) unio à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho varias Congregações de Eremitas Augustinianos, sujeitando todos a hum Geral, com faculdade de se dividir a Ordem em Provincias, nomeando-se logo quatro, Italia, Alemanha, França, e Hespanha.

6 Houve nesta de Hespanha suas difficuldades em admittirem os Bispos Provincial, em quanto de todo os naõ izentava delles o Pontifice, as quaes duvidas cessaraõ, firmando-se o privilegio de isençaõ, a que resistio o Bispo de Lisboa D. Joaõ Martins Soalhães no espaço de cinco annos, desde o de 1298 até o de 1303. No de 1304 era já Provincial de Hespanha Fr. Sancho de Rada, Prior actual no Convento de Santo Agostinho de Lisboa. Já naõ existiaõ no Eremitorio de S. Gens os Eremitas de Santo Agostinho; existiaõ sim no sitio, em que ao presente vivem, por terem deixado o seu primeiro domicilio por justas, e urgentes causas, como decla-

(1) Consta do Bullario Empoli p. 44 constit. 10. apud Barbos. Decis. Apostol. collect. 325. num. 9. (2) Apud Laert. Cherub. in Bullar. tom. 1. p. 84.

rou o meſmo Biſpo na ſua Proviſaõ de 8 de Julho de 1306. (1)

7 A eſte tempo naõ tinha neſte Reino a Ordem, além do deſerto de S. Gens, mais que o Eremitorio de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ de Pena-firme, e o Convento de Santo Agoſtinho de Lisboa, e o de Villa-Viçoſa, fundados todos antes de ſe radicar a Provincia de Heſpanha. Depois de eſtabelecida ſe fundaraõ os Conventos de Santo Agoſtinho de Torres Vedras, e o de Santarem, até que alterada Heſpanha com as guerras delRey D. Fernando, e D. Joaõ I. naõ conſentiraõ eſtes na uniaõ dos Conventos deſte Reino com os mais de Heſpanha, mas ſó na ſujeiçaõ de hum Prior Geral do deſtricto deſte Reino, até que veyo a convir a Ordem em que fizeſſem Provincia à parte no anno de 1477.

8 Correndo o anno de 1535 mandou ElRey D. Joaõ III. zeloſo pay das Religiões, reformar eſta, eſcrevendo para iſſo ao Prior Geral da Ordem em Caſtella, que entaõ era o Padre Gabriel Veneto, o qual mandou aquelles dous Apoſtolicos Varões Fr. Franciſco de Villa-Franca, e Fr. Luiz de Montoya Religioſos de grande exemplo, experiencia, e virtude, dando principio à tal Reforma no Convento de Lisboa. (2) Os privilegios, e indultos, que os Summos Pontifices tem concedido a eſta ſagrada Ordem, ſe poderáõ ver nos Authores, que trataõ diſſo. (3) A Provincia de Portugal conſta dos Conventos ſeguintes.

Con-

---

(1) Cunha na Hiſtor. de Lisboa, e vida deſte Prelado. (2) Cardoſ. no Agiolog. Luſit. tom. 2. p. 263. (3) Barboſ. allegad Figueiroa na Plaça univerſ. diſc. 3. §. 2. num. 96. Caſſan. Catalog. glor. mund. part. 4. confid. 17. Tambur. de jur. Abbat. tom. 2. diſp. 24. quæſt. 4.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	Situaçaõ.	Fundaçaõ.
N. Senhora da Graça.		
1 Fundaçaõ.	Lisboa.	1147
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1291
3 Fundaç. ou Reedific.	Ibid.	1556
N. S. da Assumpçaõ.	Pena-firme.	1226
Santo Agostinho.	Villa-Viçosa.	1270
Santo Agostinho.	Torres Vedras.	1367
Santo Agostinho.	Santarem.	1376
N. Senhora dos Anjos.	Montem. o Velho.	1494
N. Senhora da Graça.	Evora.	1512
N. Senhora da Graça.	Castello-branco.	1526
Colleg. de N.S. da Graça.	Coimbra.	1543
N. Senhora da Graça.	Tavira.	1544
N. Senhora da Luz.	Arronches.	1570
Santo Agostinho.	Leiria.	1576
N. Senhora da Graça.	Loulé.	1574
Santo Agostinho.	Porto.	1592
Colleg. de S. Agostinho.	Lisboa.	1594
Colleg. de N.S. do Popul.	Braga.	1595
N.S. de Penha de França.	Lisboa.	1603
N. Senhora da Piedade.	Lamego.	1630

Mosteiros de Religiosas.

S. Monic. ou Menin. Jesus	Evora.	1460
Santa Cruz.	Villa-Viçosa.	1529
Santa Monica.	Lisboa.	1586
Santa Anna.	Coimbra.	1610

§. II.

§. II.

Agostinhos Descalços.

1 A Santa Reforma de Agostinhos Descalços principiou em 2 de Abril de 1663, cuja introducçaõ teve origem na religiosa piedade da Serenissima Senhora D. Luiza Rainha de Portugal, mulher delRey D. Joaõ IV. a qual desejando retirarse do seculo, e fundar semelhante Reforma, communicou este seu pensamento com o seu Confessor o insigne Fr. Manoel Poeiros, Religioso neste tempo de Nossa Senhora da Graça, o qual naõ sómente lhe approvou aquelle santo projecto, mas lhe persuadio, que para a subsistencia do tal Mosteiro se lhe fazia preciso haver outro de Religiosos da mesma Ordem.

2 Este conselho admittio a Serenissima Rainha, e fazendo-o pôr em execuçaõ, foy o dito Confessor o primeiro, que com licença do Geral da Ordem vestio o habito da Reforma, e se chamou Fr. Manoel da Conceiçaõ. Com elle tambem vestiraõ o mesmo habito cinco Religiosos do mesmo Convento de Nossa Senhora da Graça, insignes em letras, e em virtudes. Fez-se esta funçaõ em dia de Nossa Senhora dos Prazeres na Ermida de D. Gastaõ Coutinho, onde se descalçaraõ, e tomaraõ posse do Convento chamado do Monte Olivete no sitio do Grillo, legua e meya de Lisboa, que a sobredita Rainha tinha mandado edificar para os novos Religiosos.

3 O respeito, e grande veneraçaõ, que todos tributavaõ a esta admiravel Princeza, fez assustar, e impedir algumas objecções, que se levantaraõ contra esta Reforma, a qual desde entaõ continúa com grande augmento, e exemplo, confirmandolhe o Papa Clemente X. no anno 1675 todos os seus

Con-

Conventos. Daõ estes Religiosos obediencia a hum Vigario Geral, que totalmente os governa, e gozaõ dos mesmos privilegios, e indultos, que os Summos Pontifices concederaõ aos Eremitas de Santo Agostinho. Consta dos seguintes

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete.	Valle de Xabregas.	1663
N. Senhora das Merces.	Evora.	1669
N. S. da Conceiçaõ.	Montem. o Novo.	1671
N. S. da Consolaçaõ.	Estremoz.	1671
N. S. da Boa-Hora.	Lisboa.	1674
N. Senhora da Piedade.	Santarem.	1675
O Bom Jesus.	Porto de Mós.	1676
N. S. da Assumpçaõ.	Sobreda.	1677
N. Senhora da Orada.	Monsarás.	1679
Santa Maria.	Portalegre.	1683
N. S. do Bom Despacho.	Mampedrozo do Porto.	1745

Hospicios.

N. Senhora dos Pobres.	Loulé.	1695
S. Nicoláo de Tolentino.	Mora.	1711
N. S. da Boa-Hora.	Setubal.	1...
N. Senhora dos Anjos.	Grandola.	1727
Jesus Maria.	Coimbra.	1731
Santa Rita.	Lisboa.	1748

Mosteiro de Religiosas.

Nossa Senhora da Conceiçaõ.	Valle de Xabregas.	1663

§. III.

§. III.

Arrabidos.

1 A Penitente, e obſervante Provincia da Arrabida foy erecta em Portugal pelo Veneravel Padre Fr. Martinho de Santa Maria, natural de Cartagena de Levante, o qual encontrando-ſe na romaria de N. Senhora de Guadalupe com o Illuſtriſſimo D. Joaõ de Lancaſtre, Duque de Aveiro, ſeu parente, e convidado por elle para vir fundar na Serra da Arrabida, e na Ermida, que alli tinha o Duque, obtida licença do Padre Geral Fr. Joaõ Calvo, ſe poz em execuçaõ a nova fabrica no anno de 1539, ou de 1542. (1)

2 Logo ſe aggregaraõ Religioſos de varias partes, varões de grande penitencia, e entre elles Fr. Joaõ de Aguila, e S. Pedro de Alcantara, filhos da Provincia de S. Gabriel de Caſtella, e aſſim perſeveraraõ naquelle ſitio primeiro, que foy no alto da Serra, e ſe foraõ fundando outros Conventos de ſorte, que no anno de 1545 já era Cuſtodia, quando o Veneravel Fundador faleceo no Hoſpital de todos os Santos em Lisboa. Depois à inſtancia do Cardeal D. Henrique concedeo Pio IV. a erecçaõ em Provincia no anno 1560. Conſta preſentemente dos Conventos ſeguintes.

Con-

(1) Chronic. deſta Prov. liv. 1. cap. 13. e outros, que allega Cardoſo no Agiolog. Luſitan. tom. 1. pag. 17. donde o tirou o Author do Santuar, Marian. tom. 7. pag. 266. Clauſtr. Franc. pag. 12. e 60.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. S. e Santo Antonio.	Mafra.	1717
S. Pedro de Alcantara.	Lisboa.	1672
S. Joseph de Ribamar.	Termo de Lisboa.	1559
N. Senhora da Arrabida.	Junto a Azeitaõ.	1542
S. Catharina de Ribamar.	Termo de Lisboa.	1634
N. S. da Boa-Viagem.	Termo de Lisboa.	1551
Santa Cruz.	Termo de Cintra.	1560
N. Senhora da Piedade.	Caparica.	1558
N. Senhora da Conceiçaõ.	Alferrara.	1576
N. Senhora dos Prazeres.	Palhaes.	1601
Madre de Deos.	Verderena.	1591
S. Cornelio.	Olivaes.	1674
N. Senhora da Conceiçaõ.	Azoya.	1584
O Espirito Santo.	Loures.	1573
N. Senhora dos Anjos.	Torres Vedras.	1570
S. Miguel.	Gaeiras.	1602
Santa Maria Magdalena.	Alcobaça.	1566
Santo Antonio.	Leiria.	1652
Santo Antonio.	Torres Novas.	1591
Santa Maria de Jesus.	Val de Figueira.	1623
Santo Antonio.	Santarem.	1590
N. Senhora da Piedade.	Salvaterra.	1626

Hospicios, e Enfermarias.

N. S. da Conceiçaõ.	No Hosp. de Lisboa	1542
N. S. do Porto Seguro.	Cascaes.	1695
S. Antonio Hosp. e Enf.	Caldas.	1663
N. Senhora Hosp. e Enf.	Setubal.	1589
N. Senhora da Arrabida.	Azeitaõ.	. . .
Santo Antonio.	Minde.	1733
Santo Antonio.	Torres Vedras.	1646
A Enfermaria.	Santarem.	1570
N. S. da Assumpçaõ.	Torres Novas.	1662

§. IV.

Bentos.

1 TAõ antiga he a Monaſtica Religiaõ Benedictina em Portugal, que ha mais de mil e duzentos annos, que teve nelle principio no Moſteiro de Lorvaõ, vivendo ainda o Proto-Patriarca S. Bento, como ſe collige de huma antiquiſſima memoria, que allega Fr. Bernardo de Brito. (1) De Italia mandara o glorioſo Patriarca a Heſpanha doze Monges pelos annos 537 por ſupplicas, que lhe fez a Rainha D. Sancha, mulher de Theudes, ou Theodorico, Rey Godo, a qual tendo fundado o Moſteiro de S. Pedro de Cardenha, diſtante duas leguas de Burgos, metteo de poſſe delle aos taes Monges.

2 Daqui para effeito de dilatarem a ſua Religiaõ, paſſaraõ alguns a Portugal, e chegando a Coimbra, eſcolheraõ perto do rio Mondego o ſitio de Lorvaõ, onde edificaraõ o primeiro Convento Benedictino deſte Reino, ſendo Lucencio hum dos primeiros Abbades Fundadores, que depois ſubio à dignidade de Biſpo Conimbricenſe; (2) e como traziaõ Reliquias dos Martyres S. Mamede, e S. Pelagio, dedicaraõ a Igreja à memoria dos taes Santos. O anno deſta fundaçaõ foy algum dos que correm entre os de 537 até 543, em que morreo o eſclarecido S. Bento.

3 Fundado o Moſteiro, começaraõ a florecer os novos Monges em tanta virtude, que foraõ tidos

---

(1) Brito, Chronic de Ciſter liv 6. cap. 29. *Domus noſtra Lurbani conſtructa fuit vivente Patre noſtro Benedicto, & dedicata Sanctis Martyribus Mameti, & Pelagio &c.* (2) Monarq. Luſitan. liv 6 cap. 12. Benedict. Luſitan tom. 1. trat. 2. part. 2. cap. 1. Cunha, Catalog dos Biſp. do Port. part. 1. cap. 4. Cardoſ. Agiolog. Luſitan. tom. 2. pag. 504.

dos em summa veneraçaõ por toda a Hespanha, de fórma, que quando se celebravaõ Concilios, eraõ os Abbades deste Convento chamados a elles, como sujeitos de muita importancia. Ainda com a entrada dos Mouros se conservaraõ com os mesmo respeito milagrosamente, sem nunca os barbaros lhe fazerem damno em bens, nem pessoas. Os Reys de Leaõ favoreceraõ este Convento com muitos donativos, e confirmações de privilegios; e depois que Portugal foy senhoreado por Monarcas Portuguezes, estes fizeraõ o mesmo; de sórte, que o Mosteiro, que hoje he da Religiaõ Bernarda, foy a fertil mina, donde pelo tempo adiante emanou a mayor parte dos Conventos Benedictinos deste Reino, em o qual houve tempo, que se contavaõ cento e sessenta.

4 até o anno de 1400 perseverou esta santa Ordem em sua regular observancia, depois descahindo de seu primitivo fervor, por varios motivos, que para isso teve, principalmente pelos Commendatarios perpetuos, que os Reys nomeavaõ para Administradores dos Conventos, e confirmavaõ os Pontifices, cujo indulto obteve o Cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa dos Papas Julio II., e Leaõ X. chegou a tal estado, que no anno de 1500 todos os Conventos de S. Bento estavaõ em poder de Commendatarios, que ordinariamente eraõ Clerigos seculares, e naõ cuidavaõ mais, que em desfrutar as rendas dos Mosteiros; do qual principio nasceó tal estrago às Communidades, que foy necessario ao zelo de D. Antonio da Silva, ultimo Commendatario do Mosteiro de S. Thyrso de Riba d'Ave, procurar pelos annos de 1549 a reformaçaõ do seu Convento, conseguindo que do Mosteiro de Monserrate viessem por ordem do Geral de Castella dous Religiosos, que foraõ Fr. Pedro de Chaves, e Fr. Placido de Villalobos, natural de Lisboa, os quaes se houveraõ com tanta prudencia, e felicidade, que

dentro em quatro annos concluiraõ o tal negocio.

5 Pareceo taõ admiravelmente esta Reforma, que o Cardeal Henrique pedio ao Santissimo Papa Pio V. reformaçaõ para os mais Conventos Benedictinos, o que lhe foy concedido por Bulla de 22 de Julho de 1659, ficando desde entaõ unidos todos os Mosteiros a hum só corpo de Congregaçaõ com a formalidade do habito, escapulario, capello, e coroa differente dos antigos Claustraes, e governados por hum Geral independente do de Castella, o qual reside na Casa de Tibães, como cabeça da Congregaçaõ, naõ só por ser mais antiga, mas por ficar quasi no centro dos mais Conventos do Minho. Tem o dito Geral, que tambem se chama D. Abbade, sobre o seu Couto jurisdiçaõ de Capitaõ mór, Coudel mór, Alcaide mór, e Ouvidor, e suas amplissimas preeminencias se pódem ver nas eruditas Chronicas desta Religiaõ, (1) a qual consta dos Conventos seguintes.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
S. Martinho de Tibães.	1 legua de Braga.	562
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1080
S. Bento da Saude.	Lisboa.	1598
Collegio de S. Bento.	Coimbra.	1551
S. Bento da Victoria.	Porto.	1596
S. Thyrso de Riba d'Ave.	4 leguas do Porto.	713
2 Fundaçaõ.	Ibid.	965
3 Reedificaçaõ.	Ibid.	1094
Santa Maria.	Pombeiro.	900
2 Fundaçaõ.	Ibid. (Sousa.	1041
Salvador de Paço de Sousa.	1 leg. de Arrifan.de	1088
S. Miguel de Refoyos.	Basto.	669

S.An-

(1) Fr. Leaõ de S. Thom. na Benedictin. Lusitan. Yepes, Chronic de S. Bento, e outros allegados por Barbos. Decis. Apostol. Collect. 484. Tambur. de Jure Abbat. tom. 2. disp. 24. quest. 5. num. 58.

S. André de Rendufe.	2 leguas de Braga.	1107
Salvador de Travanca.	2 leguas de Amar.	1009
S. Bento dos Apostolos.	Santarem.	1571
S. Joaõ da Pendurada.	6 leguas do Porto.	1024
S. Romaõ.	Neiva.	1100
Salvador de Ganfey.	Termo de Valença.	690
2 Reedificaçaõ.	Ibid.	1018
S. Miguel de Bostello.	Termo de Arrifana.	1039
Santa Maria de Carvoeiro.	2 leguas de Vianna.	805
Salvador de Palme.	2 leguas de Barcel.	1028
S. Joaõ de Arnoya.	3 leguas de Amar.	1033
S. Martinho do	Couto.	1177
Santa Maria de Miranda.	Ponte de Lima.	659
S. Joaõ de Cabanas.	2 leg. de Caminha.	564
Colleg. de N. S. da Estrella.	Lisboa.	1572

Mosteiros de Religiosas.

Santa Maria.	Ferreira d'Aves.	1059
Salvador de Vairaõ.	4 leguas do Porto.	1110
N. S. da Assumpçaõ.	Semide.	1150
Santa Anna.	Vianna.	1502
S. Bento.	Porto.	1518
S. Bento.	Ibid.	1550
S. Bento.	Monçaõ.	1550
S. Bento.	Coimbra.	1555
O Bom Jesus.	Viseu.	1560
S. Bento.	Murça.	1587
Santa Escolastica.	Bragança.	1590
N. S. da Purificaçaõ.	Moimenta da Beira.	1596
Salvador.	Braga.	1602

§. V.

§. V.

Bernardos.

1 NAõ menos que tres famoſos Santos foraõ os Fundadores deſta eſclarecida Ordem em Portugal. O glorioſo Precurſor S. Joaõ Bautiſta apparecendo viſivelmente a S. Bernardo eſtando em Claraval no anno de 1119, lhe revelou que ſeria muito do agrado de Deos que elle mandaſſe fundar neſte noſſo Reino hum Convento da ſua Regra. Poz logo em execuçaõ o Melliflυo Santo o que lhe fora inſinuado, e eſcolhendo alguns Religioſos de exemplar vida, chamados *Boemundo*, *Aldeberto*, *Joaõ*, *Bernardo*, *Siſinando*, *Rolando*, e *Alano*, os enviou com carta de recommendaçaõ ao Santo Joaõ Cerita, que fazia vida ſolitaria em huma Ermidinha no territorio de Lafões, pouco diſtante do rio Vouga, onde ſe fundou depois o Convento de S. Chriſtovaõ.

2 A eſte Santo Anacoreta tambem lhe foy revelado pelo meſmo Santo medianeiro o intento, e vinda dos Religioſos, e o quanto era conveniente que elle, como pratico da terra, os inſtruiſſe. Chegados que foraõ, os conduzio à Corte, que entaõ era em Guimarães, e à preſença delRey D. Affonſo Henriques, a quem communicou tudo; o qual, como Principe taõ Catholico, naõ tendo diante dos olhos mais que o augmento do culto Divino, eſtimou muito aos Religioſos Francezes, e lhes deu ampla licença para fundarem Convento no ſeu Reino, e no lugar, que o Ceo determinaſſe, conforme as inſtrucções, que lhes havia inſinuado o ſeu Santo Prelado.

3 Com eſta faculdade partiraõ de Guimarães, e chegaraõ ao rio Baroſa, que corre pouco mais, ou menos legua e meya apartado de Lamego, e na deſ-

descida de humas serras, onde agora chamaõ o Pinheiro, fizeraõ quatro cellinhas, e huma Ermida, que dedicaraõ à honra do Salvador do Mundo, e aqui os deixou o Santo Eremita Joaõ, e elles em continuas orações, e jejuns ficaraõ esperando o sinal do Ceo para a sua nova fabrica. Em breve tempo viraõ cumpridas as suas esperanças, porque a 13 de Abril de 1121 junto daquelle sitio desceo hum resplandor a modo de rayo, que de noite allumiava todos aquelles montes em circuito.

4 Reconhecido entaõ ser aquelle o sinal do Ceo promettido, cercaraõ com balizas todo aquelle terreno, em que a claridade se estendia, e alli fundaraõ o primeiro Convento da Ordem neste Reino, dedicando-o a S. Joaõ Bautista, e lançando a primeira pedra nos alicerces o invicto Rey D. Affonso Henriques a 21 de Junho de 1122, achando-se presente o Bispo de Lamego, que benzeo a pedra, e o Santo Abbade Joaõ Cerita com outros Religiosos. Depois se foraõ estabelecendo os mais Conventos, sendo o de Alcobaça hum dos mais magnificos, e opulentos do Reino, em cuja primitiva fundaçaõ chegaraõ a viver juntos novecentos e noventa e nove Religiosos.

5 Porém como em tanta multidaõ succedia haver algum embaraço, porque naõ cabiaõ todos no Coro, nem Refeitorio, nem hum só Prelado podia dar assenso a tantos subditos, dividiraõ-se em Decadas, ou Decanias, dando-se a cada dez Religiosos hum velho por Prelado, e com esta repartiçaõ nunca faltavaõ no Coro aos divinos louvores de dia, e de noite em todas as horas. (1) Verdade seja, que segundo a mais provavel opiniaõ, estes Monges naõ viviaõ todos juntos no mesmo Convento de Alcobaba, mas divididos em differentes quintas, e lugares circumvisinhos, se ajuntavaõ na Igreja

---

(1) Brito, Chronic. de Cister liv. 3. cap. 22.

ja para rezar, e celebrar alternativamente os divinos Officios em todas as horas. (1)

6 Durou este celestial concerto muitos annos sem interpolaçaõ alguma, até que veyo a affroxar, e diminuir por causa de huma peste, que affligio o Reino, e assim esteve interrupta esta perenne assistencia do Coro alguns tempos: depois no anno de 1672, sendo Geral da Ordem o Padre Fr. Antonio Brandaõ, introduzio novamente este santo, e louvavel estylo, dividindo os Religiosos em turmas, cada huma de seis, que sem intermissaõ estaõ continuamente louvando a Deos de dia, e de noite, e depois que todos os Conventos de Cister foraõ unidos em Congregaçaõ pelo Papa S. Pio V. no anno de 1580 a instancias delRey D. Sebastiaõ, e do Cardeal Henrique, ficou o Convento de Alcobaça constituido cabeça da Ordem. (2)

7 Governa-se ella por hum Abbade, que ordinariamente assiste em Alcobaça, e de tempo immemorial anda nelle annexo, o titulo, e preeminencia de Esmoler mór delRey. (3) Trata-se com insignias de Bispo, e he senhor no espiritual, e temporal de treze Villas, e muitos Lugares, que cahem debaixo do seu senhorio, nas Igrejas das quaes apresenta Beneficios simplices, e Curados. Até o tempo delRey D. Joaõ III. visitava o Abbade a Ordem Militar de Christo: hoje he o Abbade Geral de toda a Ordem de Cister immediato ao Papa, e absoluto Reformador de todos os Mosteiros, que ha da sua Religiaõ neste Reino. Até o governo do Cardeal Henrique foraõ os Abbades perpetuos, depois se começou a eleiçaõ dos triennaes, que presentemente se usa. Consta dos Conventos seguintes.

Con-

---

(1) Bluteau no Vocabular. verb. *Lausperenne.* (2) Barbos. alleg Collect. 489 n. 17. (3) Monarq. Lusitan. liv. 17. cap. 9 Lima, Geograf. Histor. part. 1. pag. 421.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Santa Maria.	Alcobaça.	1148
Coll. de N.S. da Conceiç.	Junto a Alcobaça.	1648
Santa Maria.	Tamaraes.	1171
Santa Maria.	Ceiça.	1174
S. Paulo.	. . . .	1163
Santa Maria.	Maceiradaõ.	1200
Santa Maria.	Bouro.	1169
Santa Maria.	Fiaens.	889
Santa Maria.	Hermelo.	666
Santa Maria da Estrella.	Serra da Estrella	1161
S. Joaõ Bautista.	Tarouca.	1122
S. Pedro das	Aguias.	1145
Santa Maria de	Aguiar.	1170
S. Christovaõ.	Lafões.	1123
N. Senhora do Desterro.	Lisboa.	1591
Santa Maria.	Salzeda.	. . .
O Espirito Santo.	Coimbra.	1550

Mosteiros de Religiosas.

Santa Maria.	Lorvaõ.	537
Santa Maria.	Arouca.	1222
S. Bento de Castris.	Termo de Evora.	1169
S. Diniz.	Odivellas.	1294
Santa Maria.	Cellas.	1217
Santa Maria.	Almoster.	1300
S. Bernardo.	Portalegre.	1518
Santa Maria.	Cós.	. . .
N. Senhora da Piedade.	Tavira.	1509
N. Senhora da Nazareth.	Lisboa.	1653
N. S. da Assumpçaõ.	Tabosa.	1685

§. VI.

Brigidas.

1 FOy esta Religiaõ estabelecida no Reino de Suecia por Santa Brigida no anno de 1344, cuja Regra, como affirma a mesma Santa, foy dictada por Christo Senhor nosso. O Papa Urbano V. a approvou no anno de 1370, e seus successores a confirmaraõ. Com a heresia de Gustavo de Bassia padeceraõ muito suas Religiosas, e muito mais as que estavaõ estabelecidas em Inglaterra por causa do scisma de Henrique VIII. que lhes arrazou os Conventos, e tomou todas as rendas, de que se sustentavaõ.

2 Desta sórte desamparadas foraõ para Flandes, depois para França, e em fim por occasiaõ das guerras, que entaõ havia, lhes foy preciso andar desterradas trinta e sete annos por varias Provincias da Gallia Belgica, até que aportando as peregrinas Inglezas em Lisboa por inspiraçaõ Divina, se hospedaraõ no Convento da Esperança a 4 de Mayo de 1594. Depois Isabel de Azevedo, mulher nobre, e moradora ao Mocambo, lhes deu casas, onde fizeraõ sua Igreja, a qual em 17 de Agosto de 1651 padeceo a ruina de hum incendio, (1) porém logo a 2 de Outubro do mesmo anno se começou a fabricar o Convento, em que hoje habitaõ, a que chamaõ das Inglesinhas, de cuja Ordem ha outro em Marvilla junto a Lisboa de Religiosas Portuguezas fundado pelo Arcediago Fernaõ Cabral.

Mosteiros.

S. Salvador de Sion.	Lisboa.	1651
N. Senhora da Conceiçaõ.	Marvilla.	1660

§. VII.

(1) O Author do Santuar. Marian. tom. 1 pag. 205. diz, que este incendio fora em 9 de Agosto de 1652. Desta Religiaõ trata Barbosa nas Decisões Apostolicas Collect. 384.

§. VII.

Brunos.

1 A Sagrada, e admiravel Religiaõ da Cartuxa tomou o nome de hum deserto assim chamado na Diecese de Grenoble em França, onde S. Bruno natural de Colonia a fundou no anno de 1084: e deixando por agora os motivos, que teve este insigne Heróe da santidade para instituir, e emprender modo de vida taõ aspero, que por extenso referimos no seu elogio, he de saber, que até o anno de 1587 naõ se conhecia em Portugal esta Religiaõ, cuja noticia, e entrada devemos às piedosas diligencias do Senhor D. Theotonio de Bragança, filho do Duque D. Jayme, e de D. Joanna de Mendoça.

2 Tinha este illustrissimo Cavalheiro estudado em Pariz, e communicado naquella Corte, e na Cidade de Catalunha com os Religiosos deste santo Instituto; e depois que a Divina Providencia o elevou à dignidade de Arcebispo de Evora, que foy pelos annos de 1587, saudoso do grande exemplo, e edificaçaõ daquelles Monges, emprendeo trazellos para mais perto, e que no fertil jardim de Portugal florecessem tambem aquellas candidas assucenas da virtude. Para este effeito escreveo a França ao Padre Geral, ou Graõ Prior de toda a Ordem Cartusiana, que entaõ era D. Jeronymo Marchant, que lhe assignasse Religiosos para virem fundar em Portugal. Deu elle esta incumbencia ao Prior da Casa de *Scala Dei*, que existe em Moréa do Arcebispado de Tarragona, e lhe chamavaõ D. Luiz Telmo, sujeito de grandes prendas, e virtudes, o qual com titulo de Prior veyo para este Reino, trazendo por companheiros os Padres D. Jeronymo Ardio, e D. Francisco Monroi, e aos Conversos

Fr. Silvestre, Fr. Joaõ Vellis, e Fr. Paulo.

3 Chegados a Evora, foraõ hospedados nos Paços junto a S. Francisco em dia da Natividade de Nossa Senhora do anno de 1587, onde estiveraõ quasi onze annos em fórma de Convento, aceitando Noviços, e exercendo as mais obrigações da Religiaõ, em quanto se naõ punha capaz, e prompto o sumptuoso Convento, que o Arcebispo lhes mandara edificar, para o qual se mudaraõ em 15 de Dezembro de 1598. (1)

4 A fundaçaõ da outra Casa de Laveiras teve seu principal motor no Illustrissimo D. Jeronymo de Ataide, filho dos Condes da Castanheira, Capellaõ mór delRey D. Filippe II., e depois Bispo de Viseu, o qual propondo esta fundaçaõ ao Capitulo geral, deu este plenissima commissaõ ao Veneravel D. Luiz Telmo para admitilla. Veyo elle a Lisboa conferir este negocio com o Bispo, o qual dandolhe humas casas, que tinha no sitio da Pampulha, mandou o Padre D. Luiz fazer huma Capella, onde se celebravaõ os Divinos Officios; porém por falta de assistencia naõ se pôde adiantar a fabrica.

5 Vendo os Religiosos o embaraço, que havia para se augmentar o edificio, trataraõ de se mudar para huma quinta de Laveiras, termo de Lisboa, no anno de 1598, a qual quinta tinha sido de D. Simoa Godinho, mulher de cor preta, mas muy rica, nobre, e principal da Ilha de S. Thomé, com quem casara certo fidalgo Portuguez, e vindo para Lisboa, havia ficado viuva, e sem successaõ. Distribuindo os seus bens em obras pias, deixou a quinta de Laveiras para se fundar hum Convento de Frades pobres a arbitrio da Mesa da Misericordia. Houve muitos empenhos, porque cada huma das Religiões mendicantes a pretendia, até que El-Rey Filippe II. alcançou de Roma licença de transacçaõ

(1) Fonseca, Evora gloriosa num. 677.

acçaõ para os Padres da Cartuxa, e a confirmaçaõ de hum censo de cem mil reis, que todos os annos pagava a Coroa à dita D. Simoa. (1)

6 Com esta mercê foy crescendo a fundaçaõ, e vieraõ os Fundadores da Cartuxa de Evora. No anno de 1612, sendo eleito Prior della D. Basilio de Faria, adiantou muito esta fabrica; e no anno de 1736, sendo Prior D. Luiz de Brito, fundou nova, e excellente Igreja em sitio mais alto, correspondente ao plano do novo claustro, que tinha feito o Cardeal Sousa, em cuja obra tem gasto mais de sessenta mil cruzados extrahidos de esmolas, que a sua zelosa diligencia, e virtude acompanhada de hum raro attractivo dos animos tem grangeado em grande augmento da Religiaõ, e culto Divino.

Casas.

Scala Cœli.	Evora.	1587
Vallis Misericordiæ.	Laveiras.	1598
Hospicio.	Lisboa.	1719

§. VIII.

Capuchos.

1 ENtre as oito Provincias da Religiaõ Serafica existentes neste Reino participa o sexto lugar a Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, intitulada da *Observancia mais estreita*, a qual, se a considerarmos em seus radicaes principios, teve origem no anno de 1392, reinando ElRey D. Joaõ I. Vieraõ da Provincia de Santiago Fr. Diogo Arias, e Fr. Gonçalo Martinho, herdeiro da Casa dos Condes de Altamira, os quaes com o favor delRey fundaraõ aqui alguns Conventos, sendo o primeiro Nossa Senhora do Mosteiró, mais de huma legua de Valença do Minho.

No

(1) D. Joseph de Valles no Instit. de la Sagr. Relig. de la Cartux p. 469.

2 No anno de 1482, ſendo Vigario Provincial Fr. Joaõ da Povoa, Confeſſor delRey D. Joaõ II. pediraõ os Religioſos, que moravaõ neſtes Conventos, mais outros para viverem em eſtreita Reformaçaõ, e com o favor do Geral Fr. Franciſco dos Anjos, e induſtria do dito Vigario Provincial, que eraõ affectos aos Reformados, além dos taes Conventos lhe foraõ dados outros, em os quaes ſujeitos à Provincia de Portugal, viveraõ ſempre em eſtreita obſervancia.

3 Correndo o anno de 1565, ſendo Geral Fr. Luiz Puteo, com o favor de Fr. André da Inſua, filho deſta Reformaçaõ, foy erecta em Cuſtodia de Santo Antonio; e no de 1568, por Bulla de S. Pio V. impetrada pelo Cardeal Henrique, foy levantada em Provincia, ſeparando-ſe da de Portugal. No anno de 1705 ſe erigio outra Provincia ſeparada chamada da *Conceiçaõ.* Ambas conſtaõ dos Conventos ſeguintes.

Provincia de Santo Antonio.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Santo Antonio.	Lisboa.	1570
Santo Antonio.	Caſtanheira.	1402
S. Antonio da Pedreira.	Coll. de Coimbra.	1602
Santo Antonio.	Penella.	1576
S. Antonio da Merciana.	Aldea-Galega.	1600
N. Senhora do Amparo.	Alverca.	1553
S. Catharina da Carnota.	Alanquer.	1408
N. Senhora dos Anjos.	Sobral.	1597
S. Antonio do Pinheiro.	Chamuſca.	1519
N. Senhora do Loreto.	Tancos.	1572
N. S. da Conceiçaõ.	Cantanhede.	1675
Santo Antonio.	Certã.	1635
N. Senhora do Cardal.	Pombal.	1707
S Anton. da Cruz de pedra	Bemfica.	1640
2 Reedificaçaõ.	Ibid.	1846
S. Joſeph.	Sernache.	1699

Pro-

Provincia da Conceiçaõ.

Santo Antonio.	Viana do Minho.	. . .
S. Antonio da Estrella.	Coll. de Coimbra.	1612
Santo Antonio.	Ponte de Lima.	1707
Santo Antonio.	Viseu.	1635
S. Francisco.	Lamego.	1568
S. Bento.	Arcos de Valdevez.	1677
Santo Antonio.	Serem.	1635
Santa Maria de Mosteiró.	2 leguas de Valença	1392
S. Francisco.	Moncorvo.	1569
S. Francisco.	Villa-Real.	1573
Santo Antonio.	Caminha.	1618
Santo Antonio.	Villa Cova.	1712
S. Francisco do Monte.	Viana do Minho.	1392
S. Francisco de Orgens.	Termo de Viseu.	1407
Santa Maria da Insua.	Termo de Caminha	1392
Santo Antonio.	Pinhel.	1731
N. S. da Conceiçaõ.	Hospicio de Lisboa	1707

§. IX.

Capuchos Francezes, e Italianos.

1 OS Religiosos Capuchinhos Francezes, que pertencem à famosa Provincia de Bretanha no Reino de França, introduziraõ-se neste Reino com o designio de passarem às Missões das Conquistas delle no anno de 1647 por industria do Padre Fr. Cyrillo de Mayene, o qual conseguio delRey D. Joaõ IV. licença para fundar em Lisboa o primeiro Hospicio, que he o unico em Portugal, fundado na Freguezia de Santos com o titulo de

N. Senhora dos Anjos da Porciuncula.	Lisboa.	1648

Os

2 Os outros Religiosos Capuchos Italianos se congregaraõ em Lisboa com licença delRey D. Pedro II. no anno de 1686, para daqui disporem as Missões para as Conquistas, e para este ministerio vem de varias Provincias de Italia, e se sujeitaõ a hum Superior. Existiraõ primeiramente na Ermida de Nossa Senhora do Paraiso, onde haviaõ estado as Commendadeiras de Santos: depois ElRey D. Joaõ V. lhes deu outro sitio em parte mais eminente fóra dos muros da cerca do antigo, applicandolhe de esmola mais de cincoenta mil cruzados para a nova fabrica a supplicas do Irmaõ Fr. Francisco, Religioso de grandes virtudes.

N. S. da Porciuncula.	Lisboa.	1689
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1739

§. X.

Carmelitas Calçados.

1 ATé o anno de 1250 naõ foy conhecida em Portugal esta taõ antiga Religiaõ, que he huma das quatro Mendicantes, e que entrou neste Reino, governando-o D. Sancho II. Aportaraõ aqui certos Cavalheiros Maltezes, que traziaõ comsigo para seus Padres espirituaes alguns Carmelitas; e como estes Cavalheiros já eraõ senhores de algumas Villas, e Lugares neste Reino, entre as quaes se contava a Villa de Moura no Alentejo, nella fundaraõ Convento para os Religiosos no sobredito anno de 1250, que foy o primeiro da Provincia de Portugal, e esta teve o titulo de Provincia no anno de 1423. (1)

2 O insigne Jorge Cardoso naõ dá tantos annos de

(1) Pereir. Chronic. dos Carmelit. tom. 1. part. 2. num. 322. Sá; Memor. Historic. part. 1. cap. 6.

de antiguidade em nosso Reino a esta esclarecida Religiaõ, pois diz, (1) que no tempo que entraraõ os Carmelitas na Villa de Moura, e estabeleceraõ alli Convento, pertencia Portugal à Coroa de Castella, e assim que naõ se póde contar daqui a sua antiguidade, mas só desde o reinado delRey D. Joaõ I. quando o victorioso Condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou em Lisboa o famoso Convento do Carmo, que foy pelos annos de 1389: mas nisto naõ tem razaõ taõ grave Escritor, como está manifesto, pois a antiguidade das Religiões naõ se toma pelo governo, e dominio dos Reys, mas pelos annos da posse, e introducçaõ das terras. Consta dos seguintes

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. Senhora do Carmo.	Moura.	1250
Santa Maria do Carmo.	Lisboa.	1389
Santa Anna.	Collares.	1450
N. Senhora das Reliquias.	Vidigueira.	1495
S. Miguel.	Béja.	1526
N. Senhora da Luz.	Evora.	1669
Coll. de N. S. da Conceiçaõ	Coimbra.	1540
N. Senhora do Soccorro.	Alagoa no Algarve.	1551
S. Gregorio Magno.	Torres Novas.	1558
S. Romaõ.	Alverca.	1600
N. Senhora do Soccorro.	Camarate.	1602
N. Senhora do Carmo.	Setubal.	1652

Mosteiros de Religiosas:

N. Senhora da Esperança.	Béja.	1542
N. S. da Conceiçaõ.	Lagos.	1558
N. S. da Natividade.	Tentugal.	1591
S. Joseph.	Guimarães.	1704

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 214.

§. XI.

Carmelitas Descalços.

1 PRetendendo a gloriosa, e Mystica Doutora Santa Teresa renovar a primitiva Regra, que deu aos Carmelitas Santo Alberto, instituio a Reforma em Avila sua patria no anno de 1562, e tomou por companheiro desta santa empreza a S. Joaõ da Cruz. Pio IV. approvou a tal Reforma, Gregorio XIII. no anno de 1580 a separou dos Calçados; e Gregorio XV. os fez participantes de todas as graças, e privilegios das Religiões Mendicantes, declarando a esta por huma das quatro. (1)

2 Hum anno antes que a Santa falecesse, expedio para a fundaçaõ de Portugal ao Veneravel Padre Fr. Ambrosio Mariano, e ao Padre Fr. Gaspar de S. Pedro com outros religiosissimos Companheiros, os quaes chegaraõ a Lisboa no primeiro de Outubro de 1581, e logo no sitio, e bairro da Pampulha fundaraõ o primeiro Conventinho com a invocaçaõ de S. Filippe, que ao depois passou para habitaçaõ dos Religiosos de S. Joaõ de Deos, e os Carmelitas vieraõ para a Igreja de S. Crispim. Finalmente elegeraõ o sitio da rua larga, que vay de Santos para Alcantara, e alli se estabeleceraõ. (2) Consta esta Provincia dos Conventos seguintes.

Con-

---

(1) Fr. Joaõ de Santa Mar. na Chron. dos Carm. Descalç. Figueiroa na Plaça Univ. pag. 137 Garma no Theatr. Univ. de Hesp tom. 2 cap. 22. (2) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 521. Fonseca, Evor. gloriof. num. 706.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. S. dos Remedios.	Lisboa.	1581
N. Senhora da Piedade.	Cascaes.	1594
N. Senhora do Carmo.	Figueiró.	1600
S. Joseph.	Coimbra.	1603
N. S. dos Remedios.	Evora.	1606
N. Senhora do Carmo.	Aveiro.	1613
N. Senhora do Carmo.	Porto.	1619
Santa Cruz.	Bussaco.	1630
N. Senhora do Carmo.	Vianna.	1647
Santa Teresa.	Santarem.	1648
N. S. da Incarnaçaõ.	Adolhalvo.	1648
N. Senhora do Carmo.	Braga.	1653
Santa Teresa.	Setubal.	1661
Corpus Christi.	Lisboa.	1648
S. Joaõ da Cruz.	Carnide.	1681
N. Senhora do Carmo.	Tavira.	1745

Mosteiros de Religiosas.

Santo Alberto.	Lisboa.	1584
Santa Teresa.	Carnide.	1642
S. Joaõ Evangelista.	Aveiro.	1658
N. S. da Conceiçaõ.	Lisboa.	1681
S. Joseph.	Evora.	1681
S. Joseph, e Maria.	Porto.	1704
Santa Teresa.	Coimbra.	1739

§. XII.

Carmelitas Descalços Alemães.

1 INtroduziraõ-se estes Religiosos em Portugal no mesmo anno de 1708, em que a soberana Rainha D. Marianna de Austria chegou a este Reino. Considerou esta piedosa Princeza quanto era preciso haver aqui Religiosos, que administrassem os Sacramentos, especialmente o da Penitencia, aos individuos da naçaõ Alemã residentes em Lisboa, e este zelo Catholico, e amor nacional a persuadio communicar este pensamento com o Padre Fr. Leopoldo de Santa Teresa, Carmelita Descalço Alemaõ, que tinha vindo por companheiro do Bispo da Persia D. Fr. Elias. Com este projecto mandando vir de Alemanha mais tres Religiosos, lhes alugou humas casas junto à Ermida de S. Pedro Gonçalves no largo do Corpo Santo, onde estiveraõ alguns annos exercendo com grande caridade o ministerio, para que foraõ destinados.

2 Depois se passaraõ para a Ermida da Ascensaõ de Christo, que está na calçada do Combro, e no anno de 1723 se mudaraõ para humas casas sitas ao pé do monte de Santa Catharina, nas quaes habitaraõ até ao anno de 1737, em o qual a soberana Rainha, depois de vencidos certos embaraços, mandou alli mesmo fundar a 26 de Março hum Templo dedicado ao glorioso Martyr S. Joaõ Nepomuceno, e Santa Anna, com hum Hospicio para os ditos Religiosos da Provincia de Austria, onde presentemente residem sujeitos ao seu Padre Geral da Congregaçaõ de Italia em grande beneficio espiritual da naçaõ Alemã.

Hospicio.

S. Joaõ Nepomuceno.	1 Lisboa.	1 1737

§. XIII.

§. XIII.

Clarislas.

1 A Ordem da gloriosa Virgem Santa Clara entrou neste Reino pelos annos pouco mais, ou menos de 1250, sendo humas virtuosas Portuguezas de Lamego, que viviaõ em Communidade, as primitivas, que abraçaraõ esta Regra, a qual lhes concedeo o Papa Alexandre IV. no anno de 1258. Depois se foraõ fundando outros Mosteiros, e os que actualmente existem, saõ os seguintes.

Mosteiros.

Santa Clara.	Guimarães.	1548
N. Senhora do Amparo.	Villa-Real.	1602
Santa Clara.	Vinhaes.	1659
Santissimo Sacramento.	Louriçal.	1640
S. Luiz.	Pinhel.	1596
As Chagas.	Lamego.	1588
Madre de Deos.	Barro.	1671
O Salvador.	Evora.	1606
N. Senhora da Graça.	Torraõ.	1570
Santa Apollonia.	Lisboa.	1718
Santa Martha.	Ibid.	1580
Santo Crucifixo.	Ibid.	1666
N. S. da Assumpçaõ.	Bragança.	1 . .

§. XIV.

Conceiçaõ de Maria.

1 ESta Ordem foy instituida pela illustre, e virtuosa Portugueza D. Brites da Silva, irmã do Beato Amadeo, a qual no anno de 1484 em Toledo nos Paços chamados de Galiana lhe deu principio

cipio com doze Religiosas Dominicas do Mosteiro de S. Domingos o Real. Innocencio VIII. lhes confirmou no anno de 1489 o habito, que he manto, e escapulario azul com saya, ou tunica branca, segundo tinha apparecido a Senhora em Tordesilhas à dita D. Brites. Naufragou o navio, em que vinhaõ as Bullas; porém estas unicamente salvas por milagre, foraõ entregues pelos Anjos nas mãos da bemaventurada Fundadora; e por conta deste prodigio se conservaõ ainda no Sacrario do Mosteiro da Conceiçaõ de Toledo. (1)

2 Faleceo a Veneravel D. Brites em 17 de Agosto de 1490, e depois de varios progressos, que teve a Ordem, no anno de 1511, o Papa Julio II. a fez restituir ao primeiro estado da sua fundaçaõ, habito, e Officio Divino, com sujeiçaõ porém à Ordem Serafica, por ser esta especial Defensora da Immaculada Conceiçaõ de Maria. (2) Passados dez annos, no de 1521 intentou introduzilla em Portugal Isabel Fuzeiro, mulher nobre de Villa-Viçosa, e de facto edificou hum Mosteiro para Religiosas desta Ordem; mas falecendo antecipadamente, naõ se completaraõ os seus designios, porque no anno de 1555 foy habitado pelas Religiosas Claristas. Depois no anno de 1625 se começou a estabelecer esta Ordem no Reino, principiando por Braga, e consta dos seguintes

Mos-

---

(1) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. pag. 325 (2) Eusebio Gonçalv. na Chron. da Relig. Seraf. apud Figueiroa, Plaça univ. pag. 133. num. 20. da ultima impressaõ Fr. Apollinar. da Conc. Claustr. Franc. cap. 30. e 37. Fr. Jeronym. Roman. Republ. del mund. tom. 1. lib. 6. cap. 31. Fr. Henriq. Chron. dos Eremit. da Serra de Ossa tom. 1. pag 31 Sous. Agiolog. Lusitan. tom. 4. Gubernatrix tom. 2. de Orbe Serafic. lib. 11. cap. 8. Orbaneja na Vida de S. Indalecio pag. 178. com outros que allega.

Mosteiros.

Invocação.	*Situação.*	*Fundação.*
N. S. da Conceição.	Braga.	1625
N. S. de Penha de França.	Ibid.	1652
N. Senhora dos Anjos.	Chaves.	1685
N. S. da Conceição.	Arrifana de Sousa.	1716
N. S. da Conceição.	Loulé.	1688
N. S. da Conceição.	Carnide.	1694

Recolhimento.

Porta Cœli, e S. Damaso.	Pontevel.	1632

§. XV.

Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

1 O Instituto de Conegos Regulares teve principio na Igreja Latina pouco depois do anno de 362 por Santo Eusebio, Bispo de Vercelli. Depois S. Martinho o introduzio em França, e Santo Agostinho em Africa na Sé de Hippone. Daqui he provavel, (1) que passassem a Hespanha os discipulos de Santo Agostinho, quando pelos annos de 430 foraõ lançados daquella Provincia pelos Vandalos; e assim como S. Gelasio passou a Roma nesta occasiaõ, e fundou na Igreja Lateranense o Mosteiro de Conegos Regulares, assim a Portugal viriaõ outros com o mesmo designio; donde se vê, que naõ he taõ moderno este santo Instituto, como quer Fr. Jeronymo Roman, que lhe dá principio pelos annos de 1117, em que floreceo S. Rufo, (2) pois em Portugal ha Conventos desta Ordem fundados muito antes.

Con-

---

(1) Severim de Faria no Disc. 4. da Origem das Vestes Sacerdotaes. (2) Rom. na Republ. Christ. liv. 10. cap 16. tom. 1.

2 Confirma-se mais a antiguidade deste Instituto em o nosso Reino, porque nas mais das Cathedraes delle viveraõ regularmente na sua primitiva, de que saõ testemunhas as Igrejas de Braga, Lisboa, Lamego, Porto, Viseu, Guarda, Coimbra, e ainda as Collegiadas de Guimarães, Cedofeita, Lessa, e outras, que todas foraõ de Conegos Regrantes; (1) e tornando da Casa Santa D. Tello, Arcediago da Sé de Coimbra, com o seu Bispo Mauricio, achou os Conegos reduzidos à vida secular, e naõ lhe soffrendo o animo ver perder o santo Instituto, que professara, ajuntou outros Clerigos virtuosos, que o quizeraõ seguir, e fundou fóra dos muros de Coimbra hum Mosteiro com o titulo de Santa Cruz.

2 Fundado o Mosteiro no anno de 1131, e entrando nelle o mesmo B. Tello com onze Companheiros, (2) elegeraõ por seu primeiro Prior a S. Theotonio, que já o havia sido da Collegiada de Viseu, tambem de Conegos Regrantes. Floreceo logo neste Convento a santidade, e a sciencia em illustres varões, sendo hum dos grandes ornamentos, e brazões desta Ordem poder numerar por filho ao glorioso Santo Antonio; e pela grande fama destes Religiosos, eraõ elegidos para Arcebispos, e Bispos das Cathedraes do Reino, e outros para reformar Mosteiros já edificados. Tanta era a opiniaõ deste Convento, que naõ se fallava por toda a parte, senaõ delle, por cuja causa os Soberanos Reys de Portugal o dotaraõ com taõ liberal, e prodiga maõ, que sahindo das rendas deste Convento as dos Bispados de Leiria, e Portalegre, e o que se applicou para fundar a Universidade de Coimbra, ainda ficaraõ ao Mosteiro de Santa Cruz mais de setenta mil cruzados de renda.

Por

(1) Chronic. dos Conez. Regr. liv. 5. cap. 10. (2) Barbos. Decis. Apost. Collect. 109.

4 Por muitos annos permaneceo este, e os mais Mosteiros do seu instituto em exemplar observancia; veyo porém com o tempo a affroxar pelos motivos, que dissemos da Religiaõ Benedictina, e o piissimo Rey D. Joaõ III. com faculdade da Sé Apostolica mandou reformar o Convento de Santa Cruz pelo famoso Fr. Braz de Barros, da Ordem de S. Jeronymo, que depois subio à dignidade de primeiro Bispo de Leiria. a cuja Reforma deu principio a 13 de Outubro de 1527, e com tanta felicidade sublimou esta santa, e Canonica Ordem a tal perfeiçaõ, que logo se vio nella outra Cartuxa, e a antiga observancia; o que moveo aos Priores Commendatarios de S. Vicente, e Grijó a largarem os seus Mosteiros para se reformarem, e unirem ao de Santa Cruz debaixo de huma Congregaçaõ; o que foy confirmado por Paulo III., e se obteve faculdade para os mais fazerem o mesmo, tanto que fossem vagando, estabelecendo-se a fórma do seu governo com Priores triennaes, e hum Geral de toda a Congregaçaõ, que juntamente he Prior de Santa Cruz, Prelado do seu isento, e Cancellario da Universidade de Coimbra, o qual nos actos, e gráos de Doutoramento tem o primeiro lugar, e se lhe capta benevolencia primeiro que ao Reitor.

5 Ultimamente se mandou reformar esta Congregaçaõ por Breve do Santissimo Papa Innocencio XIII. passado em 1723 à instancia do soberano Rey D. Joaõ V. como taõ zeloso do bem espiritual das Religiões, e com especialidade desta, nomeando logo o Pontifice para Reformador, e Visitador com preceito formal de obediencia ao Reverendissimo Padre Fr. Gaspar da Encarnaçaõ, Missionario Apostolico do Seminario de Varatojo, varaõ illustre por sangue, virtudes, e desengano do mundo, que deixou, e todas as honras, e dignidades, que já tinha, e as que podia esperar.

6 Continúa esta Reforma ha trinta e nove annos

com grande exemplo, e obſervancia, e tem abraçado o ſeu Inſtituto varios Senhores da primeira Nobreza do Reino attrahidos das virtudes, que alli vem praticar, por cujos progreſſos louvou, e confirmou o Santiſſimo Papa Benedicto XIV. em ſua Conſtituiçaõ, e motu proprio de 1742 tudo o que o Reverendiſſimo Reformador tinha obrado; pois nas grandes expreſsões, e elogios, com que honrou eſta Reforma, deu a mais irrefragavel prova da grande utilidade della, e grande ſerviço, que fazem a Deos eſtes Religioſos.

7 Os Conventos de Conegos Regrantes foraõ muitos neſte Reino; porém no tempo dos Commendatarios ſe extinguiraõ a mayor parte delles, paſſando alguns a Commendas, e Igrejas Seculares, outros ſe uniraõ a Conventos de diverſas Religiões. Os que ſe uniraõ ao de Santa Cruz, foraõ dezaſete, a que accreſceraõ tres, que ſe fundaraõ depois, e por todos fazem vinte, dos quaes ſó quatorze ſaõ habitados, e os ſeis eſtaõ unidos a outros, como ſe vê no Mappa ſeguinte.

Conventos de Religioſos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ*	*Fundaçaõ.*
Salvador de Moreira.	Concelho da Maya	862
Salvador de Grijó.	Comarca da Feira.	922
Santa Maria de Villa boa.	Conc. de Bemviver	992
S. Martinho de Caramos.	Conc. de Felgueir.	1068
S. Simaõ da Junqueira.	Termo de Barcellos	1072
S. Jorge.	Junto a Coimbra.	1084
Santa Maria de Landim.	Termo de Barcellos	1096
Santa Maria de Refoyos.	Ponte de Lima.	1120
Salvador de Paderne.	Arcebiſp. de Braga.	1130
Santa Crúz.	Coimbra.	1131
S. Vicente de Fóra.	Lisboa.	1147
S. Agoſtinho da Serra.	Villa nova do Porto	1538
Collegio de S. Agoſtinho.	Coimbra.	1593
S. Theotonio.	Vianna.	1631

Con-

Conventos, que a estes estaõ unidos.

Santa Maria de Oliveira.	Unido a S. Vicente.	1033
S. Miguel de Villarinho.	Ao de Landim.	1070
S. Pedro de Folques.	Ao Coll. de Coimb.	1086
Santa Maria de Muhya.	A Santa Cruz.	1103
Santo Estevaõ de Villela.	A S. Agost. da Serra.	1118
S. Martinho de Crasto.	A Santa Cruz.	1136

Mosteiro de Religiosas.

S. Felix.	Chelas.	1192

§. XVI.

Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista.

1 OS primeiros alicerses, que esta santa Congregaçaõ lançou neste Reino, foraõ em casa do Prior de Santa Maria dos Olivaes, huma legua de Lisboa, onde no anno de 1421 o Veneravel Mestre Joaõ Vicente, natural de Lisboa, Medico delRey D. Joaõ I. Fysico mór do Reino, e que depois foy Bispo de Lamego, e de Viseu, se ajuntou elle, e mais cinco Sacerdotes de boa, e exemplar vida, com o projecto de reformar o Clero relaxado. Daqui passaraõ ao Porto no anno de 1423 com o mesmo intento, e os favoreceo muito o Bispo D. Vasco, recolhendo-os na Igreja de Santa Maria de Campanhã, huma legua fóra da Cidade.

2 Depois o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, reduzindo o Mosteiro de Villar de Frades, que tinha sido de Monges Benedictinos, a Igreja Paroquial, collou nella ao Veneravel Mestre em 25 de Fevereiro de 1425. Aqui se congregaraõ os outros Companheiros, e começaraõ a exercer taes actos de virtude, que adquiriraõ o nome de *Bons homens de Villar.*

3 No anno de 1430 o Veneravel Fundador passou a Roma, e em 15 de Janeiro do anno seguinte obteve do Papa Martinho V. hum Breve, que confirmava a nova Congregaçaõ. Neste meyo tempo chegou de Veneza D. Affonso Nogueira, hum dos primeiros Companheiros do Veneravel Mestre, o qual por sua devoçaõ tinha ido visitar a Casa de S. Jorge de Alga, fundada pelo insigne Veneziano D. Antonio Corrario, que instituio nella a regularidade dos Conegos reformados no anno do 1408. (1)

4 Com a communicaçaõ, que o devoto Portuguez (o qual depois foy Bispo de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa) teve com aquelles Conegos, alcançou delles a Regra, e formalidade do habito, das quaes cousas agradados os Padres de Villar, escreveraõ a Roma ao Veneravel Fundador, para que confirmasse a nova Ordem à imitaçaõ da de S. Jorge de Alga. He Alga huma pequena Ilha do mar Adriatico, a qual dista duas milhas da Cidade de Veneza.

5 Facilmente conseguio este negocio do Papa Eugenio IV. muy affecto ao Veneravel Mestre, porque em 18 de Mayo de 1431 se passou o Breve para a nova Congregaçaõ se estabelecer em Villar de Frades com os mesmos privilegios, e graças concedidas aos Conegos de S. Jorge de Alga, e com o mesmo habito azul, de que hoje usaõ os nossos, porque até entaõ se vestiaõ de pardo. (2)

6 Foy esta Casa de Villar até o anno de 1461 cabeça da Congregaçaõ, sendo o seu Reitor Capitaõ mór, Senhor donatario, e Ouvidor do Couto de Manhente, onde faz audiencia, e preside às eleições dos Juizes no primeiro de Janeiro. Depois a instancias da Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V. se mudou o nome, que tinhaõ de Co-

(1) Tambur. de jur. Abbat. tom. 2. disp. 24. q. 4. num. 32. (2) A'cerca deste habito azul veja-se o que diz Cardoso no Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 160.

Conegos de S. Salvador de Villar, para o de Conegos de S. Joaõ Evangelista, e a Casa de S. Bento de Xabregas junto a Lisboa começou a ser cabeça de Congregaçaõ, e o seu Reitor Geral della, que tudo confirmou o Papa Pio II. no anno de 1471, aggregando-lhe de novo, além das graças, que já tinha, as presentes, e futuras da Ordem de S. Jeronymo em Hespanha.

7 Viveraõ sempre os filhos desta sagrada Congregaçaõ com taõ bom exemplo, que o Papa S. Pio V. lhes mandou pedir por Breve de 28 de Março de 1568 sujeitos para reformarem a Congregaçaõ de Veneza, (1) como de facto foraõ cinco, de que resultou professar a Congregaçaõ de Italia os tres votos essenciaes, como as mais Religiões, naõ se entendendo isto com a nossa de Portugal, que ainda hoje saõ Conegos Seculares, que vivem em commum, sem mais Regra, que os Estatutos feitos pelo seu santo Fundador o Veneravel Mestre Joaõ. Consta esta Congregaçaõ dos Conventos seguintes.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Salvador de Villar.	2 leguas de Braga.	566
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1070
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1425
Santa Cruz de Val de Rey.	Lamego.	1596
Santo Eloy.	Lisboa.	1284
S. Bento.	Xabregas.	1455
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1600
S. Joaõ Evangelista.	Evora.	1485

N. S.

(1) Veja-se o Padre Joseph da Natividade de Seixas no seu erudito Opusculo Theologico Juridico de *Sæcularitate Canonicorum &c.* explanat. 2. n. 15. Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 701. c 220. Fr. Franc. de Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1.

N. S. da Confolaçaõ.	Porto.	1491
N. S. da Affumpçaõ.	Arrayolos.	1527
Coll. de S. Joaõ Evangel.	Coimbra.	1631
O Efpirito Santo.	Feira.	1560

§. XVII.

Congregaçaõ de Clerigos Agonizantes.

1 INtroduzio em Portugal efte Inftituto o virtuofo Padre Manoel de Jefus Maria, que antes de Sacerdote fe chamava Manoel de Beça Leal, natural da Freguezia de S. Joaõ de Nefpereira, Comarca de Pena-fiel, Bifpado do Porto, o qual defenganado das vaidades, e promeffas do mundo nos poucos annos, que o havia experimentado, por infpiraçaõ celefte determinou retirarfe ao deferto; e naõ contando mais que vinte e quatro annos de idade, no de 1677 foy bufcar no Alentejo o folitario fitio da Tomina, diftante da Villa de Moura cinco leguas, em hum valle cercado de afperas montanhas, que dividem Portugal de Caftella. Alli começou huma vida contemplativa, e fanta, corroborando fua primeira vocaçaõ com varias mortificaçóes, e penitencias continuamente. Aggregaraõfelhe alguns Companheiros, os quaes lhe perfuadiraõ que fe ordenaffe de Sacerdote, como com effeito o ordenou o Bifpo de Targa D. Fr. Bernardino de Santo Antonio no anno de 1683.

2 Para mais decente commodidade dos feus fantos, e efpirituaes exercicios, erigio hum Conventinho com fua Ermida; porém como o commum inimigo defejava demolir, e extinguir aquella nova atalaya da virtude, urdio tal enredo, que ElRey D. Pedro II. mandou ao Defembargador do Porto Francifco Barrofo de Faria foffe arrazar aquella obra, por fer erecta fem fua permiffaõ. Foy o prudente Miniftro; mas vendo, e obfervando naquelles varóes

rões penitentes hum proceder virtuoso, e edificativo, suspendeo a execuçaõ, e deu parte ao Tribunal competente do quanto serviaõ ao bem das almas dos rusticos habitadores daquellas visinhanças aquelles Anacoretas.

3 Daqui resultou começar ElRey mais bem informado a proteger com affecto ao virtuoso Padre, e sua nova Congregaçaõ, fazendo-lhe a merce de o admittir à sua presença algumas vezes, de que sempre ficava edificado da sua virtude, que até no semblante reverberava. Tinha elle formado seus Estatutos, e para haver de os confirmar pela Sé Apostolica, passou a Roma no anno de 1704, sendo-lhe preciso repetir esta jornada tres vezes sempre a pé, lutando, e soffrendo com singular paciencia innumeraveis trabalhos, e contratempos, até que a Santidade de Clemente XI. em 23 de Dezembro de 1709 lhos confirmou com os tres votos simplices, sendo o seu especial Instituto assistir aos enfermos de morte até espirarem, em cujo exercicio foy o fervorosissimo Instituidor exacto, e exemplar observante, excitando-o o bem das almas a sahir muitas vezes de dia, e de noite a agonizar os moribundos em taõ remotas distancias, que bem mostrava ser o seu zelo solido, radicado em verdadeira caridade.

4 Achando-se finalmente em Lisboa, e em casa do Doutor Manoel Guerreiro Camacho com huma doença de predestinado, soltou o espirito da prizaõ corporea, e voou ao premio eterno de seus trabalhos em 28 de Novembro de 1720, com sessenta e sete annos de idade depois de receber os Ecclesiasticos Sacramentos com grandes preparações. O Ceo depositou em sua alma hum copioso thesouro de virtudes, porque o animo era lizo, e sincero; o coraçaõ candido, e humilde; a vida austéra, e penitente; abominador de embustes, perseverante na oraçaõ, mortificado nas paixões do animo: assim se experimentou na constancia imperturbavel,

com

com que soffreo algumas penosas injurias, que os seus mesmos (dispondo-o a Providencia) inventaraõ para o perseguir. Jaz na Igreja do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa depositado em hum caixaõ no carneiro, que está na entrada da Capella do Rosario da parte direita.

5 A Communidade lhe fez hum Officio solemnissimo com todas aquellas honras, que se costumaõ fazer aos Religiosos mais graves da mesma Provincia. Muitas pessoas, que tinhaõ conhecimento das suas virtudes, concorreraõ a pedir reliquias, mas só se concedeo o seu barrete ao Reverendo Desembargador Francisco Barroso de Faria, seu especial devoto. Consta o que temos dito naõ só da attestaçaõ, e assento do livro dos obitos, que está na Sacristia do mesmo Convento a fol. 21. vers. mas tambem da informaçaõ, que nos communicou o zeloso, e Reverendo Padre Paulo de S. Joseph, benemerito professor desta pia Congregaçaõ, a qual consta das seguintes

Casas.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. S. das Necessidades.	Tomina.	1709
N. Senhora do Alcance.	Mouraõ.	1718
N. Senhora de Sacaparte.	Alfayates.	1726
S. Pedro.	Arronches.	1729

§. XVIII.

Congregaçaõ das Covas de Monfurado.

1 NA Freguezia de Santiago do Escoiral, termo de Monte mór o Novo, huma legua distante da Villa para o Sul, está hum sitio, a que chamaõ as Covas de Monfurado pelas grandes concavidades, que alli abrio a natureza. Nestas asperas

ras brenhas, e bem no meyo de huma serra foraõ no anno de 1710 habitar dous Eremitas; cujo exemplo, arrependido das verduras da sua mocidade, imitou no anno de 1713 o Irmaõ Balthasar da Incarnaçaõ, a quem acompanhou tambem o Irmaõ Francisco da Cruz. Vestidos pois de hum desprezivel burel, começaraõ a viver asperrimamente, mortificando-se com taõ exquisitas penitencias, que eraõ venerados pelos habitadores daquelles contornos.

2 Succedeo a morte do Irmaõ Francisco da Cruz, que dando sinaes de predestinado, fez augmentar a fama dos outros Companheiros; e como a virtude onde existe, logo exhala suave fragrancia de admiravel attractivo, foraõ concorrendo varios sujeitos, que em breve tempo fizeraõ sua Ermidinha, e a dedicaraõ a Nossa Senhora do Castello, mandando o Illustrissimo Ordinario de Evora benzella a 11 de Fevereiro de 1725, para se celebrarem nella os Officios divinos, os quaes se começaraõ a fazer com tanta perfeiçaõ pelas pessoas capazes, que se tinhaõ aggregado, que muita gente concorria de muito longe a dar graças a Deos, por verem convertido aquelle covil de feras em morada de Anjos.

3 Chegou à Corte a noticia do exemplar procedimento destes virtuosos solitarios, e a impulsos de excessiva, e piedosa benevolencia, os tomou debaixo da sua protecçaõ o Serenissimo Senhor Infante D. Antonio, e a seu exemplo toda a Nobreza os favoreceo muito. Ordenado o Irmaõ Balthasar de Sacerdote no anno de 1732, e constituido Director da Congregaçaõ, instavaõ fortemente os Monges por Estatutos fixos: fabricou-os o Padre Balthasar inspirado pela fortaleza do seu espirito, e aspereza da sua vida penitente, totalmente fóra do caminho ordinario, e das forças humanas, e assim foy preciso à incomparavel piedade do Serenissimo Senhor Infante mandar consultar os melhores homens de virtude, prudencia, e letras, os quaes entendendo

bem que o nimio rigor coſtuma affroxar com o tempo, formaraõ huns Eſtatutos muito do agrado de Sua Alteza, e dos meſmos Monges, que o Ordinario approvou a 4 de Junho de 1738.

4 No anno ſeguinte a 18 de Janeiro deraõ ſujeiçaõ ao Illuſtriſſimo Cabido de Evora, por eſtar entaõ *Sede vacante*, e profeſſaraõ todos nas mãos do Conego Simaõ Joſeph Silveiro Lobo, Deputado do Santo Officio, e neſta obſervancia vivem com grande edificaçaõ. O ſeu habito conſta de tunica interior parda, habito exterior preto de panno groſſo, capello, eſcapulario, manto curto com huma palma debuxada no hombro eſquerdo, e no meyo do eſcapulario, como em memoria do deſerto de S.Paulo primeiro Eremita, e ſeu Protector.

Caſas.

N. Senhora do Caſtello.	Monfurado.	1725
2. Fundaçaõ.	Ibidem.	1743

§. XIX.

Congregaçaõ do Senhor Jeſus da Boa Morte, e Caridade.

1 SUppoſto que eſta piedoſa Congregaçaõ principiou a eſtabelecerſe em Lisboa com os Monges das Covas de Montemór, que em companhia do Padre Balthaſar vieraõ dar principio à Irmandade da Caridade no anno de 1736, reconhece todavia por ſeu principal motor ao Irmaõ Antonio dos Santos, natural de Camarate, e official de Canteiro, mas de eſpiritos taõ pios, e catholicos, que edificando por ſuas mãos huma Ermida, em que collocou a devota Imagem do Senhor Jeſus da Boa Morte, que elle meſmo tinha erecto no ſitio de Buenos Aires no anno de 1728, offereceo ao dito Padre Balthaſar,

thasar, e mais Irmãos a tal Ermida para seu Hospicio.

2 Aceitaraõ os Padres a offerta, e começaraõ a fazer cubiculos para sua habitaçaõ, deitando logo o habito ao devoto Antonio dos Santos, e continuando a trabalhar nas mesmas obras com singular zelo, de fórma que concorrendo muitos individuos, está hoje em grande augmento, exercitando a principal clausula do seu Instituto, que he pedir em Communidade, cantando o Terço pelas ruas, para os pobres prezos, e mais necessidades particulares. O Eminentissimo Cardeal Patriarca lhe approvou no anno de 1743 os seus Estatutos, que saõ differentes dos dos Padres das Covas, ainda que o habito he o mesmo, excepto no capello, porque o naõ tem, e as capas saõ mais compridas: trazem barbas, como os das Covas, e tem como elles confessionario publico com porta para a estrada. Consta presentemente de huma só

Casa.

O S Jesus da Boa Morte.	1 Lisboa.	1 1736

§. XX.

Congregaçaõ de Marianos Conceicionistas.

1 O Veneravel Padre Fr. Estanisláo de Jesus Maria, natural de Polonia, deu principio a esta Ordem no ermo Corabiense pelos annos de 1679, em huma Congregaçaõ de Terceiros Franciscanos, que a Serenissima Republica Poloneza tomou debaixo da sua protecçaõ. A Santidade do Papa Innocencio XI. pela Bulla *Exponi nobis &c.* de 6 de Setembro de 1686 lhe approvou a Regra.

2 Consiste ella na observancia das dez virtudes Evangelicas, ou beneplacitos da Immaculada Vir-

 gem

gem Senhora noſſa, reveladas à Chriſtianiſſima Raínha Santa Joanna Valeſia, (1) e em dilatar o culto ao ſantiſſimo Myſterio da Conceiçaõ da Senhora, encommendando juntamente a Deos com ſuffragios as almas do Purgatorio. Os Summos Pontifices Innocencio XII. no anno de 1699, e Innocencio XIII. no de 1723 approvaraõ a ſobredita Regra com grandes indultos, cujo Veneravel Inſtituidor concluindo ſeus dias no anno de 1701 cheio de virtudes, e merecimentos foy gozar o glorioſo premio da Bemaventurança, como piamente ſe crê.

3 Neſte Reino a introduzio o Padre Fr. Caſimiro de S. Joſeph, Polonez, Varaõ de exemplar virtude, o qual tendo ſido já duas vezes Ex-Prepoſito Geral da meſma Ordem em Polonia, paſſou a Portugal pelos annos de 1752, com o ſanto intuito de promover os cultos de Maria Santiſſima em o Myſterio da ſua Puriſſima Conceiçaõ. Soube elle, que na Provincia de Tras os Montes, meya legua diſtante da Villa de Chacim, havia a Ermida de Noſſa Senhora de Balſemaõ, onde viviaõ congregados alguns Eremitas com admiravel edificaçaõ dos Fieis, aos quaes ſe aggregou.

4 Tinha alli eſtabelecido para aquelle modo de vida penitente, e contemplativa o Irmaõ Antonio de S. Joſeph, natural do Oiteiro, hum Hoſpicio com ſeus dormitorios pelos annos de 1732, onde com o attractivo da milagroſa Imagem da Senhora de Balſemaõ concorria muita gente. Perſuadidos entaõ os ditos Eremitas das grandes virtudes, que viaõ obſervar em o novo hoſpede Religioſo, abraçaraõ pelos annos de 1754, com licença do Biſpo de Miranda, que entaõ era D. Fr. Joaõ da Cruz Salgado, o ſeu Inſtituto, e Habito, o qual he de cor de cinza nos veſtidos interiores, branco nos exteriores, e negro nos barretes, e chapeos. O Eſcapulario da Imma-

(1) Torres, Chron. Seraf. part. 6. liv. 4. cap. 15.

Immaculada Conceiçaõ, que trazem por dentro, he azul claro celeste, com a Imagem da Senhora, e as fitas, ou ligaduras do Escapulario saõ encarnadas. Cingem-se com o cordaõ de S. Francisco, e nelle pendente da parte esquerda a Coroa das dez virtudes da Virgem, que consta de dez contas negras.

5 Desta fórma continuando o exemplar Fr. Casimiro com a observancia da sua Regra na uniaõ dos mais Congregados em grande utilidade espiritual, faleceo no anno de 1755 com evidentes demonstrações de predestinado. Presentemente existem quatorze Religiosos, e consta de huma só

Casa.

N. S. de Balsemaõ. 1 Chacim. 1 1732

§. XXI.

Congregaçaõ da Missaõ.

1 FOy instituida esta Congregaçaõ nos Reinos de França no anno de 1625 por S. Vicente de Paulo, e canonicamente approvada no anno de 1632 por Urbano VIII. pela Bulla *Salvatoris nostri* de 12 de Janeiro, e confirmada por Alexandre VII. no anno de 1655 com especial Regra, e Constituições, que comprehende quarto voto de permanencia na Congregaçaõ, só dispensavel pelo Pontifice, ou pelo Superior Geral da Congregaçaõ. O fim he exhortar aos fieis, prégando-lhes a palavra divina; instruillos na Doutrina Christã nos povos, para onde forem chamados, ou onde os destinar o Ordinario, a quem reconhece respectivamente cada Casa, quanto às funções destinadas ao proximo, por ser esta Congregaçaõ do corpo Clerical, e naõ do numero das Ordens Religiosas.

2 Tem tambem por obrigaçaõ coadjuvar aos Sacerdotes,

cerdotes, para que se instruaõ naquellas sciencias, que seu estado requer, e admittir por dez dias em suas Casas aos que estaõ proximos a se ordenar *in Sacris*, applicando-os à Oraçaõ mental, sagrada Escritura, e Theologia Moral, com outros exercicios pertencentes ao Sacerdocio, Ceremonias da Missa, e Ritos Ecclesiasticos. Da mesma sorte recebem por oito dias a qualquer Clerigo, ou Secular, que querendo regular sua vida, se sujeitar às suas instrucções, e documentos.

3 Em Portugal a introduzio o Padre Joseph Gomes da Costa, natural do Arcebispado de Braga, o qual tendo entrado na Congregaçaõ da Missaõ em Roma, impetrou da Santidade do Papa Clemente XI. hum Breve em 13 de Março de 1716 para poder fundar a Congregaçaõ neste Reino, especialmente no Bispado da Guarda. Chegou a Portugal, e achando melhor commodidade de fazer sua primeira fundaçaõ em Lisboa, alcançou licença delRey, passada em Alvará de 14 de Janeiro de 1717, e declaraçaõ do Eminentissimo Cardeal Patriarca ao Breve Pontificio, de lhe naõ prejudicar à concessaõ a variaçaõ do lugar por Decreto de 7 de Abril de 1717.

4 Desembaraçados, e dispostos estes principios, vieraõ logo de Italia para esta fundaçaõ quatro Sacerdotes com dous Irmãos Leigos da mesma Congregaçaõ, e se estabeleceraõ no sitio, e quinta de Relhafolles, onde começaraõ a exercer as funções do seu Instituto; porém como depois quizesse Sua Magestade, que a nova Casa da Congregaçaõ estivesse em tudo subordinada ao Eminentissimo Cardeal Patriarca de Lisboa, naõ quizeraõ os ditos Padres condescender com esta absoluta determinaçaõ delRey.

5 Faleceo o Padre Joseph Gomes em 2 de Novembro de 1725, e vendo os mais Padres impossibilitado o seu estabelecimento, voltaraõ em diversos tempos para Italia, excepto o Padre Joseph Joffreu

freu Catalaõ, e o Irmaõ Leigo Joaõ Bautista Marquisio Italiano, os quaes ajudados de alguns Padres Portuguezes, foraõ todavia continuando com os exercicios espirituaes de Ordenandos. E sem embargo de que ElRey impetrou Breve Pontificio, para que podessem livre, e licitamente passar a esta Casa da Congregaçaõ da Missaõ sujeita ao Senhor Patriarca quaesquer individuos da Congregaçaõ da Missaõ sujeita ao seu Padre Geral, ninguem quiz entrar nella.

6 Estava já como frustrada, e desfeita esta fundaçaõ, quando no anno de 1738, em que Sua Magestade quiz celebrar com extraordinaria grandeza a Festa, e Oitavario da Canonizaçaõ de S. Vicente de Paulo, no ultimo dia 26 de Julho concedeo o dito Senhor ao Padre Joffreu licença para se fundar esta Congregaçaõ sujeita ao Superior Geral della, residente em Pariz. Ficou logo por Superior o Padre Joseph Joffreu, e vieraõ em diversos tempos sujeitos da mesma Congregaçaõ de França, Italia, e Catalunha, e se começaraõ a admittir Noviços, e continuar as funções, e exercicios do dito Instituto com admiravel edificaçaõ, e utilidade de todos; e para mayor estabelecimento, ElRey D. Joaõ V. com a sua costumada generosidade dotou esta Casa de abundantes rendas. Em 19 de Janeiro de 1743 faleceo o Padre Joffreu, e foy nomeado para Superior o Padre Salvador Barreira: presentemente governa o Padre Manoel Carvalho.

Seminario.

S. Joaõ, e S. Paulo. | Lisboa. | 1717

§. XXII.

Congregaçaõ de Oliveira.

1 EXiste esta Congregaçaõ de Terceiros Sacerdotes no destricto da Freguezia de Santa Eulalia de Oliveira, meya legua distante da Cidade do Porto, a qual fundou o Reverendo Padre Antonio Leite de Albuquerque, Conego do Algarve, no anno de 1679, dando-lhe Estatutos, que fez com o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas. ElRey D. Pedro II. protegeo esta Congregaçaõ, consignando-lhe cincoenta mil reis de renda na Alfandega da dita Cidade annualmente. Innocencio XII. no anno de 1700 os isentou da jurisdiçaõ Ordinaria, e ficaraõ subordinados immediatamente ao Geral de toda a Serafica Religiaõ. O seu habito he formado de huma oppa preta com murça parda, e cordaõ Franciscano. Tem por Instituto acudir à necessidade dos Clerigos pobres, cegos, e entrevados do Bispado do Porto, a quem soccorrem com toda a caridade, e para cujo adjutorio saõ applicadas todas as suas rendas patrimoniaes. Rezaõ em Coro, e fazem outros exercicios espirituaes com geral edificaçaõ.

Recolhimento.

N. S. da Conceiçaõ.	Meya leg. do Porto.	1679
Hospicio.	Porto.	. . .

§. XXIII.

§. VIII.

Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri.

1 DEu principio a esta admiravel Congregaçaõ em Roma na Igreja de Santa Maria de Vallicella pelos annos de 1550 o extatico Florentino S. Filippe Neri, e foy approvada por Gregorio XIII. em a Bulla de 13 de Julho de 1575, (1) e confirmada por Paulo V. em 24 de Fevereiro de 1612. Consta de Sacerdotes seculares, sem outra especial obrigaçaõ, que a de obediencia ao seu Prelado, a que chamaõ Preposito, e cada Casa se governa independente, e sem subordinaçaõ respectiva, por serem Familias separadas. (2)

2 Em Portugal a introduzio o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, filho da Ilha de S. Miguel, varaõ de sublime espirito, e desengano do mundo; de rara persuasaõ no pulpito, e direcçaõ no Confessionario, por cujos predicados, sendo Capellaõ da Capella Real delRey D. Joaõ IV. foy eleito Confessor da Casa Real, e seu Prégador, (3) e subiria a outras dignidades promettidas, se a sua humildade naõ as repudiasse. Desprezando todas as bem merecidas estimações, que ElRey, e a Nobreza faziaõ da sua pessoa, porque o ardor do seu zelo se encaminhava só ao bem das almas. Para mais livremente se empregar neste santo exercicio, foy elle com o Veneravel Padre Francisco Gomes occupar o pequeno Collegio, que nas Fangas da Farinha tinhaõ deixado os Religiosos Dominicos Irlandezes, quando se passaraõ para o do Corpo Santo; e a 16 de Julho de 1668 deraõ principio ao seu Instituto, lançando-se a roupeta hum ao outro.

(1) Apud Tambur. de jur. Abbat. tom. 2 disp. 24 quæst. 6 num. 2. Miræus de Congregat Cleric. in communi viv. cap. 10. pag. 85. e cap. 11. (2) Barbos Decis Apost. Collect. 542. (3) Franc. Affonso de Chaves na Descripç. da Ilha de S. Miguel pag. 353.

3 Aqui estiveraõ até o anno de 1674, no qual tendo crescido o numero dos Congregados, em 14 de Agosto se mudaraõ para à Igreja do Espirito Santo, como diz o Author do Santuario Mariano, sem embargo que a Geografia Historica diga, que no anno de 1671 tomaraõ posse. Clemente X. a 6 de Mayo de 1671 approvou os Estatutos desta Congregáçaõ, e a 24 de Agosto de 1672 confirmou especificamente os Estatutos particulares do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, desde o qual tempo tem feito taõ admiraveis progressos, e tem produzido taõ esclarecidos sujeitos, que nas seis Casas, que hoje possue no Reino esta resplandecente, e sagrada Palestra do espirito, tem levantado ao zenith da mayor exaltaçaó as letras, e as virtudes, podendo ter juntamente a gloria de ver com brevidade venerado nos Altares (como efficazmente se espera, e solicíta) taõ virtuoso Fundador, que falecendo a 20 de Dezembro de 1698 em idade de setenta e dous annos com a opiniaõ competente aos seus merecimentos, foy seu corpo achado inteiro, e incorrupto a 26 de Abril de 1727, sendo examinado com huma junta de Medicos na presença do Arcebispo de Lacedemonia D. Joaõ Cardoso Castello, Provisor do Patriarcado.

Oratorios.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
O Espirito Santo.	Lisboa.	1270
2 Reedificaçaõ.	Ibid.	1668
N. Senhora do Villar.	Freix. de espadacin-(ta.	1673
Santo Antonio.	Porto.	1680
N. S. da Assumpçaõ.	Viseu.	1688
N. S. da Assumpçaõ.	Braga.	1689
N. S. da Conceiçaõ.	Estremoz.	1697
N. S. das Necessidades.	Alcantara.	1745

§. XXIV.

§. XXIV.

Dominicanos.

1 NA jerarquia das Religiões Mendicantes tem esta preclarissima Ordem o primeiro lugar, como declarou a Santidade de S. Pio V. na Bulla de 27 de Agosto de 1566, (1) e he chamada Religiaõ dos Prégadores, por assim o profetizar o Veneravel Abbade Joaquim, quando disse: *Consurget in Ecclesia Dei novus Ordo docentium*, (2) verificando-se mais com a revelaçaõ, que o Fundador S. Domingos teve, quando os bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo lhe disseraõ: *Vade, & prædica; nam ad hujusmodi munus obeundum à Deo electus es.*

2 Neste Reino entrou pelos annos de 1217, e a estabeleceo o Veneravel D. Fr. Sueiro Gomes Portuguez, a quem o glorioso S. Domingos havia encarregado, e mais a tres Companheiros a Missaõ Evangelica de Hespanha. Depois que este famoso Prégador semeou o graõ da palavra divina por Catalunha, Barcelona, Ç,aragoça, e outras terras de Castella, alargando mais sua jornada, passou a Portugal a tempo, que o achou interdicto por causa das grandes dissensões entre ElRey D. Affonso II., e as Santas Infantas D. Teresa, Sancha, e Branca suas irmãs.

3 Achava-se sómente desassombrada de excommunhões a Villa de Alenquer, e foy esta a primeira povoaçaõ do Reino, que teve a dita de ouvir explicar a Doutrina Evangelica da boca deste novo Missionario. Divulgou-se a fama da sua virtude, e da efficacia de sua persuasaõ, da qual agradada a San-

(1) Tambur. ubi supr. quæst. 4. num. 56 Barbosa, De jur. Apost. Collect. 372. (2) Yañes, España en la S. Biblia tom. 1. pag. 264.

Santa Infanta D. Sancha, fez com que aquelle Varaõ Apoſtolico fundaſſe alli Convento da ſua Ordem, o qual logo ſe poz em execuçaõ. Daqui emanaraõ as outras ſagradas fabricas da virtude, que ſe foraõ eſpalhando pelo Reino, as quaes ſe governaraõ ſubordinadas à Provincia de Caſtella até o anno de 1392, em que ſe deſmembraraõ, e fizeraõ Provincia à parte, e conſta dos ſeguintes

Conventos de Religioſos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. Senhora das Neves.	Montejunto.	1218
N. S. da Oliveira.	Santarem.	1225
S. Domingos.	Coimbra.	1227
2. Reedificaçaõ.	Ibid.	1547
N. S. dos Fieis de Deos.	Porto.	1239
S. Domingos.	Lisboa.	1242
N. S. dos Martyres.	Elvas.	1267
N. Senhora das Neves.	Guimarães.	1271
S. Domingos.	Evora.	1286
N. Senhora da Victoria.	Batalha.	1388
S. Domingos.	Bemfica.	1399
N. S. da Miſericordia.	Aveiro.	1423
N. Senhora da Piedade.	Azeitaõ.	1435
S. Domingos.	Villa-Real.	1524
N. S. da Conſolaçaõ.	Abrantes.	1509
N. Senhora da Luz.	Pedrogaõ grande.	1476
N. Senhora da Serra.	Almeirim.	1500
S. Gonçalo.	Amarante.	1543
N. S. da Eſperança.	Alcacevas.	1541
Santo Antonio.	Montem. o Novo.	1564
Santa Cruz.	Vianna.	1559
S. Sebaſtiaõ.	Setubal.	1562
S. Paulo.	Almada.	1561
Santa Joanna.	Lisboa.	1699
S. Martinho.	Mancelos.	1551
Santo André.	Anſede.	1559

S.

S. Thomás Collegio.	Coimbra.	1566
S. Domingos.	Lisboa.	1659

Mosteiros de Religiosas.

S. Domingos das Donas.	Santarem.	1246
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1280
Corpus Christi.	Vil. nov. do Porto.	1345
Salvador.	Lisboa.	1392
Jesus.	Aveiro.	1461
Santa Anna.	Leiria.	1498
N. S. da Saudaçaõ.	Montem.o Novo.	1506
Annunciada.	Lisboa.	1539
N. Senhora do Paraiso.	Evora.	1516
N. Senhora da Rosa.	Lisboa.	1519
S. Joaõ Bautista.	Setubal.	1529
N. S. da Consolaçaõ.	Elvas.	1528
N. Senhora da Graça.	Abrantes.	1541
Santa Catharina de Sena.	Evora.	1547
N. S. da Assumpçaõ.	Moura.	1562
O Santissimo Sacramento.	Lisboa.	1612
N. Senhora da Oliva.	3 leguas de Viseu.	1640
N. S. do Bom Successo.	Junto a Lisboa.	1639
Santa Rosa.	Guimarães.	1680

§. XXV.

Franciscanos.

1 OS primeiros Religiosos da esclarecida Ordem dos Menores, que pozeraõ os pés no Reino de Portugal, foy o mesmo Serafim dos Patriarcas S. Francisco de Assis com seus Companheiros Fr. Bernardo, e Fr. Maffeu no anno de 1214, aos quaes trouxe a Hespanha o ardente desejo de padecer martyrio em Marrocos; mas naõ podendo seguir sua derrota por causa de enfermidade, que

lhe

lhe ſobreveyo, paſſou o Santo a Galiza a viſitar o bemaventurado corpo de Santiago. (1)

2 De caminho entrou neſte Reino pela Provincia de Tras os Montes, e demorando-ſe algum tempo em Bragança, alli querem alguns que fundaſſe a primeira Colonia Serafica. (2) Depois paſſou a Guimarães, e logo a Coimbra, onde, ſegundo noſſas Chronicas, viſitou a Rainha D. Urraca, mulher delRey D. Affonſo II., à qual com eſpirito profetico prometteo a permanencia do Portuguez Imperio.

3 Voltando a Italia, no primeiro Capitulo Geral, que ſe celebrou em Aſſis no anno de 1217, com parecer dos Religioſos nelle congregados, mandou a diverſas partes da Chriſtandade alguns, cabendo a Portugal dous, que foraõ os Santos Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, ambos Italianos, e ſujeitos de grande virtude, dos quaes tendo noticia a muy Catholica, e Santa Infanta D. Sancha, que vivia na ſua Villa de Alenquer, os mandou logo chamar, dando-lhes hum quarto do ſeu Palacio para ſua habitaçaõ, e alli fundou Fr. Zacharias o ſegundo Convento da Ordem neſte Reino, e S. Gualter o terceiro em Guimarães, para onde foy chamado, e perſuadido daquelle devoto povo. (3)

4 No decantado Capitulo das Eſteiras, que ſe celebrou no anno de 1219 em Aſſis, e em que ſe acharaõ cinco mil Capitulares, ficou a Cuſtodia de Portugal ſujeita à obediencia da Provincia de Caſtella, e aſſim permaneceo até o anno de 1233, em que a Provincia de Heſpanha ſe dividio em tres, chamadas de Caſtella, Aragaõ, e Santiago, e a eſta ul-

---

(1) Gonzag. apud Cunha, Catalog. dos Biſp. do Port. part. 1. cap. 14. (2) O Padre Fr. Manoel de Monforte na Chron. da Provinc. da Piedade liv. 3 cap. 16. diz, que o primeiro Convento, que S. Franciſco fundara em Portugal, fóra o de Coimbra. e nega que foſſe eſte de Bragança. (3) Eſper. Hiſtor. Serafic. liv. 2. Wading. tom. 1. ad ann. 1217.

ultima ficou unida a de Portugal, e com a mesma sujeiçaõ; porém no anno de 1378 lha negou, levantando-se em corpo de Provincia separada por dous motivos: o primeiro pelas travadas guerras, que por este tempo se principiaraõ entre Portugal, e Castella: o segundo pelo lamentavel scisma, que entaõ houve, seguindo a Provincia de Portugal ao verdadeiro Pontifice Urbano VI., e os de Castella ao Antipapa Clemente VII.

5 Assim permaneceraõ alguns annos, até que eleito Martinho V., e acabado o scisma, se unio toda a Igreja Catholica à sua obediencia, e querendo os Castelhanos unir tambem à sua Provincia Serafica a deste Reino, como a separaçaõ havia sido taõ justificada, determinou o Pontifice, que ficassem separadas, tomando, e conservando a Religiaõ neste Reino o titulo de Provincia de Portugal, fecunda prole em taõ numerosos Conventos, donde tem sahido todas as mais Provincias de Reforma, e Recoleiçaõ Franciscana em grande credito desta chamada de Portugal, que presentemente consta dos seguintes

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
S. Francisco.	Lisboa.	1217
2 Ampliaçaõ.	Ibid.	1246
3 Reedificaçaõ.	Ibid.	1528
4 Reedificaçaõ.	Ibid.	1709
5 Reedificaçaõ.	Ibid.	1742
S. Francisco.	Porto.	1233
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1344
S. Francisco.	Santarem.	1242
S. Francisco.	Alanquer.	1216
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1222
S. Francisco.	Coimbra.	1217
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1247

3 Fun-

2 Fundaçaõ.	Ibid.	1602
S. Boaventura Collegio.	Ibid.	1665
S. Francifco.	Guimarães.	1216
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1274
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1322
S. Francifco.	Leiria.	1234
S. Francifco.	Guarda.	1236
S. Francifco.	Covilhã.	1235
S. Francifco.	Bragança.	1214
N. S. das Virtudes.	Azambuja.	1419
Santa Chriftina.	Tentugal.	1437
Efpirito Santo.	Cartaxo.	1525
S. Antonio de Ferreirim.	Tarouca.	1525
Efpirito Santo.	Gouvea.	. . .
Santo Onofre.	Golegã.	1519
Santo Antonio.	Trancofo.	1569
N. S. da Conceiçaõ.	Matofinhos.	1478
Santa Sita.	Aceiceira.	. . .
Santo Antonio.	Figueira.	1527
N. S. da Incarnaçaõ.	Villa do Conde.	1522
S. Payo do Monte.	Vil.nov. da Cerveira.	1392
S. Francifco.	Thomar.	1625
O Bom Jefus.	Valhelhas.	1548
Santa Catharina.	Alanquer.	1623
N. S. da Porta do Ceo.	Tilheiras.	. . .
S. Luiz.	Montem. o Velho.	1645
S. Francifco.	Mezaõ frio.	1734
Santo Chrifto da Barca.	Almeida.	1734

Mofteiros de Religiofas.

Santa Clara.	Lisboa.	1292
Santa Clara.	Santarem.	1259
Santa Clara.	Porto.	1256
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1416
Santa Clara.	Coimbra.	1286
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1314
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1649

San-

Santa Clara.	Villa do Conde.	1317
Santa Clara.	Amarante.	. . .
Santa Clara.	Guarda.	. . .
S Francisco.	Ponte de Lima.	1360
N. Senhora da Ribeira.	Cernancelhe.	1460
Santa Iria.	Thomar.	1467
N. Senhora de Campos.	Montem. o Velho.	1495
N. Senhora da Subserra.	Castanheira.	1520
N. Senhora da Esperança.	Lisboa.	1534
Madre de Deos.	Miragaya.	1533
O Espirito Santo.	Torres Novas.	. . .
N. S. do Sepulchro.	Trancoso.	1539
N. Senhora do Couto.	Gouvea.	1539
N. Senhora da Piedade.	Braga.	1547
Santa Anna.	Lisboa.	1561
N. Senhora da Esperança.	Abrantes.	1548
N. S. da Consolaçaõ.	Figueiró.	1549
N. S. da Conceiçaõ.	Alanquer.	1533
N. S. da Misericordia.	Caminha.	1561
Madre de Deos.	Vinhó.	1568
N. Senhora dos Poderes.	Via Longa.	1561
S. Francisco.	S. Vicente da Beira.	1564
Calvario.	Lisboa.	1618
Madre de Deos.	Guimarães.	1673

§. XVII.

Hospitalarios de S. Joaõ de Deos.

1 DEve este caritativo Instituto a sua origem ao prodigioso, e singular Patriarca Portuguez S. Joaõ de Deos, o qual nascendo na Villa de Montemór o Novo a 25 de Março de 1495, foy taõ applaudido no Ceo, que este poz luminarias, apparecendo sobre as casas, em que nascera, huma resplandecente columna de fogo, e ouvindo-se repicar os sinos da sua Paroquia, sem intervir impulso humano, tendo juntamente revelaçaõ das excellencias

do recem nascido o santo Varaõ de Valença, Eremita da Serra de Ossa. (1)

2 Aos oito annos da sua idade, deixando a patria, se passou a Castella, onde se empregou em differentes exercicios até à idade de quarenta e dous annos, que completou no de 1537, no qual a 8 de Novembro, dia, em que a Igreja celebra a Oitava de Todos os Santos, e o martyrio dos quatro Coroados de Roma, o coroaraõ Maria Santissima, e S. Joaõ Evangelista com huma coroa de espinhos; e assim coroado lançou o primeiro alicerse à sua Religiaõ, principiando nesse mesmo dia a fundaçaõ do Hospital de Granada, (2) o qual governou até os cincoenta e cinco annos de sua vida, que finalizou em 8 de Março de 1550, cujo ditoso fim annunciaraõ ao povo todos os sinos de Granada, dobrando por mãos invisiveis, para que de alguma sorte correspondesse a morte com o nascimento. (3)

3 Passados vinte annos, nove mezes, e vinte e tres dias depois do seu felicissimo transito, approvou S. Pio V. esta Religiaõ à instancia de seus filhos pela Bulla *Licèt ex debito*, expedida no primeiro de Janeiro de 1571, (4) de cuja approvaçaõ se devem contar os annos da sua antiguidade, como contra varias opiniões de alguns Authores declarou a Sagrada Congregaçaõ dos Ritos por Decreto do anno de 1742. (5)

4 Tem gerado esta fecunda, e caritativa Mãy mais de cento e noventa filhos singulares na virtude, cujas vidas se lem na sua Chronologia Hospitalaria, entrando neste numero muitos, que mereceraõ

---

(1) Santos, Chronolog. Hospitalar. tom. 1. liv. 2. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 32. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 459. (2) Barbos. Decis. Apost. Collect. 385. (3) Sant. citad. liv. 3. cap. 31. Fr. Henriq. Chron. dos Erem. da Serra de Ossa tom. 1. pag. 33. (4) Laert. Cherub. in Bullar. tom. 2. Constit. 143. pag. 353. (5) Consta do Compendio dos Privilegios impresso no fim das Constituições da mesma Religiaõ.

cerão a coroa do martyrio, e não entrando os muitos, que voluntariamente tem sacrificado as suas vidas na assistencia dos enfermos em occasiões de peste.

5 Não ha muitos tempos, que vimos arder ainda nos corações de seus filhos o incendio da caridade deste Santo Patriarca, pois convidando o Padre Geral de Hespanha por carta circular de 15 de Outubro de 1743 aos Religiosos daquelle Reino para irem assistir aos feridos da peste, que havia nas Praças de Ceuta, e Peñon de Vellez de Gomera, se offerecerão mais de cem, como nos consta por certidão authentica do Secretario Geral de 13 de Dezembro do dito anno; e depois da data desta se offerecerão, e instarão com repetidas supplicas Communidades inteiras, não os intimidando as lastimosas noticias, que chegavão dos que hião morrendo na empreza, em que gloriosamente acabarão dezanove as suas vidas.

6 Dentro de tão pouco tempo se tem propagado esta Religião de sorte, que conta hoje dezoito Provincias, de que se compoem as duas Congregações de Italia, e Hespanha, com dous Geraes independentes hum do outro, e divididas por Paulo V. no Breve, que principia: *Piorum virorum*, de 12 de Abril de 1608, por virtude do qual se celebrou em Madrid o primeiro Capitulo Geral da Congregação de Hespanha em 20 de Outubro do mesmo anno, e sahio eleito Geral o Veneravel Padre Fr. Pedro Egypciaco, Varão de admiraveis virtudes. (1)

7 No anno de 1606 antes desta divisão vierão dous Religiosos de Hespanha a este Reino para fundarem o primeiro Convento na propria casa, em que nasceo o Santo Patriarca, que logo comprarão com esmolas, e nelle fundarão hum pequeno Tem-

O ii plo,

(1) Ssntos no Bullar. part. 1. pag. 114.

plo com hum Hofpital, (1) e defte tempo fe deve eftabelecer a epoca da fua fundaçaõ, fem embargo de que depois fe fez outro Templo mayor, em que poz a primeira pedra D. Francifco de Mello, fobrinho do Arcebifpo de Evora D. Jofeph de Mello em 24 de Junho de 1625, ficando debaixo do Prefbyterio do Altar mór a mefma cafa do Santo, que hoje eftá reduzida a Ermida, mas com as mefmas paredes, para a qual fe defce por huma formofa efcada.

8 O Convento de Lisboa he fundaçaõ de D. Antonio Mafcarenhas, Deaõ da Sé, hoje Bafilica de Santa Maria, Commiffario da Bulla, e Prefidente da Mefa da Confciencia, do qual tomaraõ poffe os Religiofos no anno de 1629. Com eftes dous Conventos, e alguns Hofpitaes, que os Senhores Reys defte Reino lhes entregaraõ, para nelles lhes curarem os feus foldados, (podendo-fe ter propagado muito mais efte taõ pio Inftituto, pois o Santo além de fer noffo natural, e o unico Patriarca, que temos, he a fua Religiaõ taõ celebre em Hefpanha) ainda affim foy erecta em Provincia no duodecimo Capitulo Geral, que fe celebrou em Madrid a 3 de Mayo de 1671, e foy o feu primeiro Provincial o Padre Fr. Eftevaõ da Silva, Varaõ de elevado talento, e grande caridade. Tem efta Provincia os Conventos, e Hofpitaes feguintes.

Conventos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
S. Joaõ de Deos.	Montem.o Novo.	1606
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1625
S. Joaõ de Deos.	Lisboa.	1629

Hof-

(1) Sant. na Chronol. tom. 2. liv. 2. cap. 22.

Hospitaes.

S. Joaõ de Deos.	Elvas.	1645
S. Joaõ de Deos.	Campo-mayor.	1645
N. Senhora da Gloria.	Moura.	1650
S Joaõ de Deos.	Estremoz.	1671
N. S. da Conceiçaõ.	Castello de Lisboa.	1673
S. Joaõ de Deos.	Olivença.	1676
Santo André.	Montem. o Novo.	1677
S. Joaõ de Deos.	Castello de Vide.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Lagos.	1696
S. Joaõ de Deos.	Salvaterra da Beira.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Penamacor.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Almeida.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Caminha.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Monçaõ.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Bragança.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Chaves.	. . .
S. Joaõ de Deos.	Miranda.	. . .

§. XXVII.

Jeronymos.

1 A Ordem moderna de S. Jeronymo se renovou em Portugal no anno de 1355 pelo Veneravel Padre Fr. Vasco Martins da Cunha, de illustre ascendencia, que havia feito vida Monastica Eremitica na Italia em companhia dos Monges do Santo Sepulchro, os quaes vindo da Palestina no seculo decimo, e sendo derivados da Religiaõ, que o Doutor Maximo instituira em Belém, tinhaõ fundado diversos Mosteiros por toda a Italia.

2 Por morte de seu Mestre, que era Varaõ santo, e dotado de espirito profetico, passaraõ alguns Monges para Hespanha, e entre elles o Veneravel Fr. Vasco, todos com o pensamento de resuscita-

rem

rem a Ordem de S. Jeronymo. (1) O Padre Fr. Vasco no anno de 1355 veyo para a Serra de Cintra, e no sitio, em que está o Convento de Penha longa, fabricando cellas junto a huma Ermida de Nossa Senhora da Piedade, que alli havia, viveo santamente com varios discipulos, que se lhe aggregaraõ.

3 No anno de 1390 os patrocinou ElRey D. Joaõ I., e lhes comprou o sitio de Penha-longa por tres mil e oitocentos, e lhes edificou o primeiro Convento, que tiveraõ no Reino. (2) Mandando porém o Veneravel Fundador a Roma hum seu Companheiro chamado Fernandianes pela confirmaçaõ da Ordem, o Papa Bonifacio IX. a approvou no primeiro de Abril de 1400, e deste anno se começa a contar a fundaçaõ dos Conventos, que saõ os seguintes.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
S. Jeronymo.	Penha-longa.	1400
S. Jeronymo do Mato.	Term. de Alanquer.	1400
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1500
S. Marcos.	Term de Coimbra.	1451
N. S. do Espinheiro.	Evora.	1452
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1566
N. Senhora de Belém.	Junto a Lisboa.	1497
N. Senhora da Penna.	Cintra.	1509
Santa Marina da Costa.	Guimarães.	1177
N. S. da Conceiçaõ.	Val bemfeito.	1534
S. Jeronymo Collegio.	Coimbra.	1550

Mosteiro.

Jesus.	Viana do Alentejo.	1560

§. XXVIII.

(1) Monarq. Lusit. tom 8. p. 239. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 280.

§. XXVIII.

Minimos de S. Francisco de Paula.

1 FUndou o milagroso S. Francisco de Paula a sua Religiaõ na Cidade de Calabria sua patria no anno de 1435. Alexandre VI. lhe approvou a Regra pela Bulla *Meritis Religiosæ*, de 26 de Fevereiro de 1493, mudando-lhe o nome, que tinhaõ seus Congregados, de Ermitães Penitentes no de Minimos. Ultimamente a Santidade de S. Pio V. no anno de 1567 a declarou Religiaõ Mendicante, na qual se estabelece por quarto voto a obrigaçaõ de perpetua vida quaresmal.

2 Neste Reino a introduzio Fr. Ascenso Vaquero, Religioso Leigo, natural da Villa de la Palma, e Conventual no Convento de Nossa Senhora da Consolaçaõ da Villa de Utrera, Provincia de Andaluzia, o qual a 13 de Julho de 1717 alcançou delRey hum Decreto para poder fundar hum Hospicio, onde assistissem alguns Religiosos de virtude. Com effeito se estabeleceraõ no sitio da Pampulha defronte do Convento de S. Joaõ de Deos, e no anno de 1719 lhes concedeo licença o Senhor Patriarca para terem Ermida com porta para a rua.

3 Vieraõ logo de Castella varios Religiosos dignos de toda a estimaçaõ pelas suas virtudes, e letras, entre os quaes saõ memoraveis o Padre *Fr. Francisco da Penha*, que morreo nesta Corte, e jaz depositado com grande distinçaõ no Mosteiro Carmelitano de Santo Alberto: o Padre *Fr. Marcos da Cruz*, o qual a 31 de Mayo de 1733 com huma morte de predestinado entre as maravilhas, que obrou, deu bastante prova da sua virtude: e finalmente o Irmaõ Fundador *Fr. Ascenso* concluindo os seus dias a 3 de Janeiro de 1738, teve na sua morte as estimações, que lhe grangearaõ as suas virtudes,

dés, o ſeu exemplo, e a candidez do ſeu animo. Preſentemente eſtá ſeparada eſta Religiaõ da juriſdicçaõ de Caſtella, com Provincia à parte ſubordinada ao Provincial Portuguez. Conſta eſta Religiaõ unicamente no noſſo Reino do ſeguinte

Hoſpicio.

S. Franciſco de Paula. 1 Lisboa. 1 1719

§. XXIX.

Miſſionarios Apoſtolicos.

1 O Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Religioſo Franciſcano da Provincia dos Algarves, Varaõ de grande eſpirito, deſengano do mundo, e de efficaz perſuaſaõ no pulpito, querendo inſtituir particular Seminario de Prégadores da Penitencia, recorreo ao Padre Geral Fr. Joſeph Ximenes Samaniego, pedindo-lhe faculdade para o novo Inſtituto, o qual lha concedeo no anno de 1675, e logo no de 1679 o Summo Pontifice Innocencio XI. lhe approvou os Eſtatutos em 3 de Novembro. Para eſta nova Inſtituiçaõ lhe deſtinou a ſua Provincia o Convento de Varatojo, que diſta hum quarto de legua de Torres Vedras ao lado de hum oiteiro, que o eſconde da Villa, e delle tomou poſſe a 6 de Março de 1680.

2 Depois creſcendo o numero dos ſujeitos deſta nova Recoleiçaõ, e experimentando-ſe o grande fruto, que produziaõ as Miſsões deſtes Prégadores Evangelicos, eſtabeleceraõ outro Convento em Setubal no ſitio de Brancanes, de que ElRey D. Joaõ V. ſe conſtituio Padroeiro, e Protector por Alvará de 20 de Agoſto de 1713.

Se-

Seminarios.

S. Antonio de Varatojo.	Torres Vedras.	1470
N. Senhora dos Anjos.	Brancanes.	1682
N. Senhora dos Anjos.	Hospicio Lisboa.	1725
S. Francisco.	Hospicio Lisboa.	1761

§. XXX.

Paulistas.

1 O Instituto dos Eremitas da Serra de Ossa no Alentejo he antiquissimo : as mesmas Bullas dos Pontifices Paulo III., e Gregorio XIII., que lhe approvaraõ, e confirmaraõ a Regra, encarecem a sua antiguidade. O certo he, que esta Serra foy habitada dos primeiros Christãos convertidos por S. Manços, os quaes em distinctas brenhas da Serra começaraõ a fazer vida solitaria de Anacoretas, e neste estado perseveraraõ por todo o seculo terceiro.

2 No principio do quarto seculo passaraõ ao estado de Cenobitas, persuadindo-os a isso o Santo Varaõ Anacoreta chamado Lazaro, e alcançando licença do Bispo de Evora Aurino, edificaraõ o primeiro Convento na sobredita Serra; e porque neste se naõ podiaõ já accommodar tantos Eremitas, se resolveraõ a fazer segunda fundaçaõ em hum valle, que tomou o nome de Lazaro em respeito do Santo Fundador, que muitos annos conservou até o trocar pelo de Val de Infante por causa do motivo, que explica o insigne Cardoso. (1) Finalmen-

(1) Veja-se Barbos. nas Decis. Apost. Collect. 374. Chronic. dos Coneg. Regr. liv. 4. cap. 13. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 495. e tom 3. pag. 383. Corogr. Portug. tom. 2 pag. 449. Fonseca, Evor. glorios. num. 672. Plaça univers. pag. 94. Fr. Henriq. Chronic. dos Eremit. tom. 1. pag. 101. & seq.

te depois de varios progreſſos o Papa Gregorio XIII. no anno de 1578 à inſtancia do Cardeal Henrique approvou os eſtatutos deſta Ordem, que conſta dos ſeguintes

Conventos de Religioſos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ*	*Fundaçaõ.*
S. Paulo.	Serra de Oſſa.	315
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1182
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1434
4 Fundaçaõ.	Ibid.	1578
Santo Antaõ.	Val de Lazaro.	321
2 Fundaçaõ.	Val de Infante.	1372
N. S. da Conſolaçaõ.	Alferrara.	1383
Santa Cruz.	Rio Mourinho.	1400
Santa Margarida.	Junto a Evora.	1400
N. Senhora da Roſa.	Caparica.	1410
S. Paulo.	Elvas.	1418
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1593
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1603
4 Fundaçaõ.	Ibid.	1660
N. Senhora da Luz.	Montes claros.	1407
S. Paulo.	Portel.	1420
N. S. do Amparo.	Val bom.	1435
2 Fundaçaõ.	Villa-Viçoſa.	1593
S. Juliaõ.	Alanquer.	1441
N. Senhora da Ajuda.	S. Marcos.	1439
2 Fundaçaõ.	Tavira.	1606
N. S. da Conſolaçaõ.	Serpa.	1440
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1617
S. Paulo.	Collegio de Evora.	1578
Santo Antonio.	Souzel.	1605
Santiſſimo Sacramento.	Lisboa.	1647
N. S. da Soledade.	Collegio de Borba.	1704
S. Paulo.	Coll. de Coimbra.	17...

§. XXXI.

§. XXXI.

Piedosos.

1 A Santa Provincia da Piedade neste Reino procede da de Santiago de Castella, e foy seu Fundador o Veneravel Padre Fr. Joaõ de Guadalupe com seus Companheiros Fr. Pedro Melgar, Fr. Joaõ Abulense, e Fr. Angelo Pinciano, os quaes vindo a Portugal pelos annos de 1500, e patrocinados pelo Duque de Bragança D. Jayme, erigiraõ em Villa-Viçosa a sua primeira Casa, que lha confirmou Alexandre VI. Informado depois sinistramente Julio II. pelos Padres Claustraes, que perseguiaõ a estes zeladores da Regra Evangelica, determinou o Pontifice extinguillos; porém favorecidos do sobredito Duque, delRey, e do mesmo Pontifice já inteirado da verdade, permaneceraõ dezasete annos sujeitos à Provincia de Santiago.

2 No anno de 1517 por Bulla de Leaõ X. se constituio Provincia separada, e fructificou de maneira, que em todo o Reino levantou Conventos, onde com grande edificaçaõ dos povos se conservaõ nos observantes principios de seu nascimento, tendo a gloria de ser a primeira Capucha do universo, que della tomou o nome. Porém no anno de 1673 por Bulla de Clemente X. se separou della a Provincia da Soledade, sendo Geral Fr. Francisco Maria Rhini. Constaõ ambas dos seguintes Conventos.

Provincia da Piedade.

N. Senhora da Piedade.	Villa-Viçoſa.	1500
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1547
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1606
N. S. da Conſolaçaõ.	Termo de Borba.	1505
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1548
3 Fundaçaõ.	Ibid.	. . .
S. Franciſco.	Elvas.	1518
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1591
Santo Antonio.	Portalegre.	1522
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1570
Santo Antonio.	Alter do Chaõ.	1595
Santo Antonio.	Fronteira.	1613
Santo Antonio.	Eſtremoz.	1637
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1662
Santo Antonio.	Redondo.	1605
Santo Antonio.	Evora. (vora.	1576
Bom Jeſus de Valverde.	Legua e meya de E-	1544
S. Franciſco.	Portel.	1547
Santo Antonio.	Junto de Moura.	1684
N. S. da Aſſumpçaõ.	Junto da Vidig.	1545
Santo Antonio.	Béja.	1609
S. Antonio da Eſperança.	Tavira.	1612
Santo Antonio.	Faro.	1620
Santo Antonio.	Loulé.	1546
2 Fundaçaõ.	Ibid. (maõ.	1675
N. S. da Eſperança.	Vil. nov. de Porti-	1530
S. Franciſco.	Lagos.	1518
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1560
S. Vicente.	Cab de S. Vicente.	1516
Hoſpicio.	Lisboa.	1640

Provincia da Soledade.

S. Anton. de Val de Pied.	Front. do Porto.	1569
Santo Antonio.	Perto de Aveiro.	1524
S. Antonio dos Olivaes.	Perto de Coimbra.	. . .
Santo Antonio.	Ourem.	1600
N. S. da Annunciada.	Thomar.	1645
Santo Antonio.	Abrantes.	1526
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1571
3 Fundaçaõ.	Ibid.	1599
N. S. da Caridade.	Sardoal.	1571
Santo Antonio.	Castello-branco.	1562
Santo Antonio.	Idanha a nova.	1630
Santo Antonio.	Penamacor.	1571
N. Senhora do Seixo.	Covilhã.	1526
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1577
Santo Antonio.	Front. da Covilhã.	1553
S. Francisco.	Chaves.	1637
Santo Antonio.	Guimarães.	1664
S. Frutuoso.	Perto de Braga.	. . .
S. Francisco.	Barcelos.	1649
Bom Jesus do Monte.	Mey, leg. de Barcel.	1497
N. Senhora dos Anjos.	Perto de Azurara.	. . .
Santo Antonio.	Arrifana de Sousa.	1663
N. S. do Soccorro.	Mey. leg. de Chaves	1673
Santo Antonio Enferm.	Porto.	1735

§. XXXI.

Theatinos.

1 TEve esta Religiaõ seu nascimento em Roma no anno de 1524. Foy seu Fundador o glorioso S. Caetano, natural de Vicencia, Cidade de Napoles, juntamente com tres insignes illustres Companheiros Joaõ Pedro Caraffa, que depois foy Summo Pontifice com o nome de Paulo IV.

D.

D. Bonifacio del Colle, e D. Paulo Consiliario, Cavalheiro Romano. Clemente VII. a 24 de Junho de 1524 approvou seu Instituto.

3 Em Portugal a introduzio o Padre D. Antonio Ardizoni Spinola, natural de Napoles, Varaõ Apostolico, virtuoso, e letrado, o qual chegando da Missaõ da India com outros seus Companheiros no anno de 1648. ElRey D. Joaõ IV. lhe concedeo o Hospicio, que lhe pedia para os seus Religiosos, que passavaõ a servir nas Missões do Oriente. Antes de se escolher sitio para a fundaçaõ viveraõ estes Padres em humas casas às portas de Santa Catharina; e fundada a nova Casa, e benta a Igreja em 28 de Setembro de 1653 com o titulo de Hospicio, para cuja fabrica tinha concorrido D. Marianna de Noronha e Castro, bisneta do grande D. Joaõ de Castro, passaraõ os Padres a tomar posse da Igreja com grande contentamento, e beneplacito de todos. Depois no anno de 1681 lhe concedeo ElRey D. Pedro II. licença para fundarem Casa, e tomar Noviços, e assim deraõ ordem à nova Fabrica, a qual completa, será huma das grandiosas.

Casas.

N.S.da Divin.Providenc.	Lisboa.	1653
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1698
S. Caetano Hospicio.	Campo grande.	. . .

§. XXXIII.

Terceiros Regulares de Jesus.

1 FOy instituida a Terceira Ordem Regular Serafica neste Reino por hum Religioso de Galiza, cujo nome se ignora, o qual no anno de 1443 com outros Companheiros, que se lhe aggregaraõ,

garaõ, foraõ habitar nos arrabaldes de Santarem, hum quarto de legua para o Norte, em hum Valle solitario, e proprio ao exercicio da penitencia. Alli erigiraõ hum pequeno Oratorio, dedicando-o a Santa Catharina, e começaraõ a viver exemplarmente.

2 Depois tendo noticia ElRey D. Affonso V. dos virtuosos procedimentos destes Religiosos, lhes deu licença no anno de 1470 para fundarem mayor Casa, ajudando-os com maõ liberal, e grandiosa, e pelo tempo adiante foraõ erigindo novas Casas subordinadas à Provincia da Observancia, até que no anno de 1594 os absolveo a Sé Apostolica da tal subordinaçaõ, e se tem estabelecido pelas terras de Tras os Montes, Beira, Estremadura, e Algarves com os Conventos seguintes.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
N. Senhora de Jesus.	Lisboa.	1595
S. Pedro Collegio.	Coimbra.	1584
N. Senhora de Jesus.	Santarem.	1617
S. Francisco.	Caría.	1444
S. Francisco.	Viana do Alentejo.	1580
S. Francisco.	S. Joaõ da Pesqueira	1581
S. Francisco.	Vimieiro.	1554
N. S. da Esperança.	Belmonte.	1564
S. Francisco.	Mogadouro.	1617
S Francisco dos Villares.	Marialva.	1447
S. Francisco.	Erra.	1582
S. Francisco.	Sylves.	1518
N. S. do Desterro.	Monchique.	1631
S. Francisco.	Arrayolos.	1633
Santa Catharina.	Santarem.	1470
N. S. da Conceiçaõ.	Almodovar.	1680
N. S. das Flores.	Sesulfe.	1679

Mos-

Mosteiros de Religiosas.

N. S. do Loreto.	Almeida.	1555
Madre de Deos.	Junto a Aveiro.	1644
S. Francisco.	Monçaõ.	1563
O Bom Jesus.	Valença do Minho.	1499

§. XXXIV.

Thomaristas.

1 ESta Ordem verdadeiramente he Militar, e já fallámos della, quando tratámos da Ordem de Christo; porém como pela sua reforma houve mudança no habito Clerical ao Monacal, pertence juntamente a esta jerarquia; e assim he de saber, que o piissimo Rey D. Joaõ III. tomando por cuidadosa empreza restituir todas as Religiões à sua primitiva observancia com huma exemplar reforma, naõ quiz deixar de fóra, como Administrador da Ordem de Christo, aos seus Freires, que desde El-Rey D. Diniz viviaõ conventualmente no Regio Templo de Thomar.

2 Para taõ grande empreza elegeo ao Padre Fr. Antonio Moniz da Silva, ou de Lisboa, da Ordem de S. Jeronymo, da Provincia de Guadalupe, donde veyo para Reformador, e Prelado do novo rebanho, principiando com doze sujeitos, aos quaes lançou o habito em 24 de Junho de 1530 com grande solemnidade. O habito, que lhes vestio, foy composto de tunica, e escapulario branco, murça aberta adiante para se ver a Cruz da Ordem, que lhes poz nos peitos, talho, que deu a Serenissima Rainha D. Catharina. A Regra foy tirada da de S. Bento com particulares Constituições, que depois confirmou o Papa Gregorio XIII. O mesmo zelosissimo Rey D. Joaõ III. os isentou da visita do Abbade

de

de Alcobaça. O Cardeal Henrique, chegando a empunhar o Cetro; pretendeo extinguir esta nova Reformaçaõ; porém Deos até agora a tem conservado em toda a observancia Regular. Consta dos seguintes

Conventos.

N. Senhor Jesu Christo.	Thomar.	1147
2 Fundaçaõ.	Ibid.	15...
3 Reedificaçaõ.	Ibid.	15...
N. Senhora da Luz.	Carnide.	1463
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1545
N. Senhor Jesu Christo.	Coimbra Collegio.	. . .

§. XXXV.

Trinitarios.

1 TEve a sagrada Religiaõ da Santissima Trindade por Fundadores aos esclarecidos, e Santos Varões Joaõ da Mata, que, segundo opiniaõ provavel, era Portuguez, (1) e Felix de Valois no anno de 1198. Divulgou-se brevemente por toda a Christandade, e naõ passou muito tempo, que naõ chegasse à Portugal, onde era taõ necessaria por causa das guerras domesticas, que tinhamos com os Mouros, em que forçosamente havia de haver cativos, e necessidade de os resgatar.

2 Corria o anno de 1217, em que governava este Reino D. Affonso II. quando acontecendo no mar Oceano pelo mez de Outubro huma terrivel tempestade, entrou quasi milagrosamente no porto de Lisboa huma náo, que partindo do Reino de França em conserva de outras duas, fazia viagem

(1) Maçed. nas Flor. de Hesp. cap. 9. excel. 8. Monarch. Lusitan. tom. 4. nas advertencias que vem no fim do liv. 15.

para a Terra Santa. Perderaõ-se as duas à violencia da tormenta; porém esta, que trazia oito Religiosos Trinitarios, que por mandado do seu Geral hiaõ povoar os Conventos da Palestina, naõ só entrou livre, mas esteve surta, em quanto naõ desembarcaraõ os Religiosos, os quaes tanto que pozeraõ os pés em terra, prodigiosamente, sem outras algumas diligencias, sahio a náo pela barra fóra, e foy buscando o rumo, a que antecedentemente se encaminhava.

3 Era Bispo de Lisboa neste tempo D. Sueiro Viegas, ou, como affirmaõ outros, D. Mattheus Sueiro, e Governador desta Cidade Pedro Alvares, os quaes visitaraõ os Religiosos; e persuadidos de que aquelle acaso fosse alta providencia de Deos, os mandaraõ conduzir a Santarem, onde entaõ estava a Corte. Foraõ recebidos delRey com grande benevolencia, e com o seu Real favor fundaraõ nesta Villa a sua primeira Casa em huma Ermida de Nossa Senhora intitulada da Abobeda, que o mesmo Rey D. Affonso II. lhes deu com hum Hospital de cativos, que tinha mandado fazer seu pay ElRey D. Sancho I.

3 No seguinte anno o Veneravel Padre Fr. Mattheus Anes, hum dos primeiros Portuguezes, que em Santarem tomaraõ o habito Trinitario da maõ do Veneravel Padre Fr. André Claramont, tendo feito varias redempções, e ultimamente huma por ordem do dito seu Prelado em Alcacere do Sal, Villa entaõ de Mouros muy populosa, e fortificada, onde havia innumeraveis cativos Portuguezes, e vendo a grande utilidade, que resultaria ao Reino se dalli expulsassem os Mouros, persuadio ao Bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas tomasse à sua conta esta empreza.

5 Aceitou o Bispo o conselho pela grande opiniaõ que fazia deste Padre, mas duvidava no modo, com que o podia pôr em praxe. Neste tempo apor-

tou

tou a Lisboa outra armada das partes Septentrionaes, que hia à restauraçaõ da Terra Santa, a qual entrou com alguma ruina por força de huma tormenta, e communicando ao General o seu intento, parte da armada, como diz Brandaõ, (1) se unio com vinte mil Portuguezes, que passando a Setubal, e dalli a Alcacere, estes por terra, e os Estrangeiros por mar, tiveraõ a fortuna de renderem, e ganharem a Praça com a morte de trinta mil Mouros, e outros dizem sessenta mil. Achou-se na batalha o Veneravel Fr. Mattheus com dous Religiosos seus companheiros, que eraõ Fr. Juliaõ Alvares, e Fr. Bras de Lisboa, que os levou o Bispo comsigo.

6 Entre os muitos prodigios, que na batalha se viraõ, e refere o Chronista Brandaõ, (2) he o mais memoravel descerem do Ceo Anjos vestidos com o habito desta Religiaõ, como dá a entender Cesareo Monge de Alcobaça, que vivia naquelle tempo, e descreveo o successo:

Agmen in auxilium nostris venit ecce supernum
Dante Deo signum, qui dedit ante Crucis.
Vestis ei splendens ut sol, ut nix nova candens,
Suntque suo roseæ pectora signa Crucis.

7 Conseguida a victoria se recolheo o Bispo; e reconhecendo que muita parte della devia ao Veneravel Fr. Mattheus, naõ só pelo conselho, senaõ tambem pelo trabalho, que nella tivera, determinou fundarlhe Convento, para gozar de mais perto da companhia do dito Padre, e seus Companheiros. Deu conta a ElRey D. Affonso II., pedindo-lhe licença para lhe dar a Ermida de Santa Catharina, que estava extramuros da Cidade de Lisboa, e de que ElRey era Padroeiro: concedeo-lha, e todo o mais campo, que o dito Bispo quizesse para a fundaçaõ. De tudo tomaraõ posse em Fevereiro de

 1218.

(1) Monarq. Lusit. liv. 13, c. 10. (2) Ibid. cap. 12.

1218. O Veneravel Fr. Mattheus foy o Superior. Fr. Juliaõ Alvares, Fr. Estevaõ de Santa Luzia, e Fr. Braz de Lisboa foraõ os primeiros Conventuaes.

8 Já ElRey tinha pedido ao Veneravel Fr. André Claramont Religiosos para fundarem em Lisboa, e terem os resgates mayor expediente, e os Fieis mais Ministros dos Sacramentos, e Prégaçaõ Evangelica, pois naõ havia aqui mais Convento, que o de S. Vicente de Fóra. (1) A Bulla de Honorio III. expedida em Roma a 2 de Abril de 1219 já faz mençaõ deste Convento, porque diz: *Vestram domum Ulisiponensem in Erimitorio S. Catharinæ V. & M. à Rege donatione, & à fidelibus omnibus pertinentiis &c.* (2)

9 Pelos annos adiante se foraõ fundando os mais Conventos sujeitos à Provincia de Castella, até que no anno de 1312 de desuniraõ, e começou a ser Provincia separada governada por Vigarios Geraes; porém no de 1329 se elegeo Provincial, e foy o primeiro Fr. Affonso Pires, Varaõ sabio, prudente, e virtuoso, que depois foy promovido à dignidade de Bispo de Evora. ElRey D. Joaõ III. mandou reformar esta Religiaõ pelo Padre Fr. Salvador de Mello, Religioso da Ordem de Christo, o qual lhe deu principio a 25 de Março de 1545, e com os novos sujeitos, que se criaraõ no Convento de S. Vicente de Fóra, donde foraõ em procissaõ no anno de 1552 para o Convento Trinitario de Santarem, se fez eleiçaõ, e foy eleito Provincial o Veneravel Padre Fr. Roque do Espirito Santo, o qual com sua prudencia, e exemplar vida reformou os mais Conventos desta Ordem, e lhes deu novos Estatutos

(1) Consta da Chronica de Fr. Marcos de Moura cap 58 e de Fr. Antonio da Trindade e Torre nos Annaes Sacros, e Martyrolog. Trinitario. (2) Fr. Jorge do Pombal no liv dos Docum. espirit. liv. 3. cap. 23: Hayedo na Histor. gener. de Argel seu Topograf.

tos da Reforma, que confirmou depois o Papa Pio IV. no anno de 1561. (1)

10 Tem esta Religiaõ a gloria de ser ella donde emanou por todo o Reino a santa, e illustre Irmandade da Misericordia, taõ cheia de piedade. Foy seu primeiro Instituidor, e Provedor no anno de 1498 o Apostolico Varaõ Fr. Miguel de Contreiras, Valenciano, donde procede trazer a dita Irmandade, para conservar a memoria do Fundador, pintada nas bandeiras da Casa a copia do seu retrato no mesmo habito da Ordem Trinitaria com estas letras F. M. I. que querem dizer: Fr. Miguel Instituidor. (2) Consta esta Religiaõ dos Conventos, e Mosteiros seguintes.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Santissima Trindade.	Santarem.	1217
Santissima Trindade.	Lisboa.	1218
Santissima Trindade.	Cintra.	1400
Santissima Trindade.	Louza.	1500
SS. Trindade Collegio.	Coimbra.	1552
Santissima Trindade.	Lagos.	1599
Santissima Trindade.	Alvito.	1366
Santissima Trindade.	Setubal.	1669
N. S. do Livramento.	Alcantara.	1679

Mosteiros de Religiosas.

N. Senhora da Soledade.	Mocambo.	1657
N. Senhora dos Remedios.	Campolide.	1720

§. XXXVI.

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. cap. 31. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2 pag. 422. e tom. 3. pag. 219. Barbos Decis. Apostolic. Collect. 387. (2) Cardos. no Agiolog. tom. 1. pag. 289. Barbos. nas Decis. Apostol. Collect. 387. num. 7.

§. XXXVI.

Xabreganos.

1 OS Religiosos da Serafica Observancia, chamados Xabreganos, por ser a cabeça da sua Provincia o Convento de Xabregas junto a Lisboa, tambem se intitulaõ da Provincia dos Algarves, que se dividio da de Portugal no Capitulo, que se celebrou em Tolosa no anno de 1532. Como esta separaçaõ se fez à instancia delRey D. Joaõ III escolheo a Provincia para seu sello a imagem de S. Joaõ Evangelista sobre huma estera com as armas do Algarve, e assim conservou muitos annos o titulo de Provincia de S. Joaõ Evangelista até se absolver da sua subordinaçaõ a Custodia da Ilha dos Açores no anno de 1640; porque entaõ esta tomou para si o titulo de S. Joaõ Evangelista, e a de que tratamos agora, ficou com o nome da *Provincia dos Algarves*, verdadeiramente Provincia magna, pois consta de trinta e dous Conventos de Religiosos, e dezasete de Religiosas, entre as quaes governa alguns de Reformadas, que guardaõ a primeira Regra de Santa Clara, e administraõ os Sacramentos às Maltezas de Estremoz.

Conventos de Religiosos.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Santa Maria de Jesus.	Xabregas.	1455
S. Francisco.	Evora.	1224
S. Francisco.	Setubal.	1410
S. Francisco.	Béja.	1286
S. Boaventura Collegio.	Coimbra.	1530
S. Francisco.	Tavira.	1328
S. Francisco.	Portalegre.	1265
S. Francisco.	Estremoz.	1239

S. Ber-

S. Bernardino.	Atouguia.	1451
Santo Antonio.	Campo-Mayor.	1494
2 Fundaçaõ.	Dentro do Castello	1646
3 Fundaçaõ.	Dentro da Villa.	1708
S. Francisco.	Olivença.	1500
2 Fundaçaõ.	Ibid.	1594
Santo Antonio.	Sines.	1504
N. Senhora do Loreto.	Santiago de Cacem.	1505
Santo Antonio.	Serpa.	1502
Santo Antonio.	Alcacer do Sal.	1524
Santo Antonio.	Cascaes.	1527
Santo Antonio.	Faro.	1516
N. S. dos Martyres.	Alvito.	1524
N. S. da Visitaçaõ.	Villa-Verde.	1540
S. Francisco.	Montemór o Novo	1516
S. Francisco.	Moura.	1547
N. S. da Estrella.	Marvaõ.	1448
Santo Antonio.	Odemira.	1531
N. S. da Conceiçaõ.	Messejana.	1567
O Bom Jesus.	Peniche.	1452
N. S. do Soccorro.	Alcochete.	1572
N. S. da Conceiçaõ.	Castello de Vide.	1585
Santo Antonio.	Lourinhã.	1598
Santo Antonio.	Crato.	1603
Santo Antonio.	Torraõ.	1604
S. Francisco.	Mertola.	1612
Santo Antonio.	Estombar.	1615

Mosteiros de Religiosas.

N. S. da Conceiçaõ.	Béja.	1467
As Chagas.	Villa-Viçosa.	1534
N. S. dos Martyres.	Sacavem.	1577
Santa Clara.	Béja.	1340
Santa Clara.	Evora.	1458
Jesus.	Setubal.	1490
Madre de Deos.	Lisboa.	1508
Bom Jesus.	Monforte.	1513

N. Se-

N. Senhora da Eſperança.	Villa-Viçoſa.	1516
N. S. da Conceiçaõ.	Elvas.	1526
N. S. de Ara Cœli.	Alcacer do Sal.	1573
N. S. da Aſſumpçaõ.	Faro.	1519
S. Elena do Calvario.	Evora.	1570
Santa Clara.	Portalegre.	1389
Santa Clara.	Moura.	1610
N. S. da Quietaçaõ.	Lisboa.	1584
N. S. das Hervas. ou das Servas.	Borba.	1600

§. XXXVII.

De outras Ordens Religioſas, que já naõ exiſtem neſte Reino.

1 C*Onegos de Santo Antaõ.* Deraõ principio no anno de 1095 a eſta Religiaõ em França dous nobiliſſimos Varões, pay, e filho, chamados Gaſtaõ, e Gerino, os quaes livres de hum perigoſiſſimo achaque por virtude de Santo Antaõ, cujo glorioſo corpo trazido de Conſtantinopla ſe venera em Viena do Delfinado, lhe prometteraõ fundar eſta Ordem, cujos individuos ſe applicaſſem a curar os pobres opprimidos do mal chamado de Santo Antaõ, ou fogo ſacro, que naquelle tempo opprimia as terras do Occidente. Permaneceraõ os ſeus Congregados quaſi duzentos annos em habito ſecular, até que Bonifacio VIII. no anno de 1297 os fez Religioſos, e Conegos com o titulo de Santo Antaõ, mas debaixo da Regra de Santo Agoſtinho. (1)

Entraraõ em Portugal pouco depois da ſua confirmaçaõ, e os ſeus Prelados ſe chamavaõ *Commendadores* pelo *Tau*, que traziaõ na capa, que he huma letra Grega correſpondente ao noſſo T, a que na

(1) Caſſan. Catal. glor. mund. part. 4. conſid. 65.

na dita Religiaõ chamavaõ *Potentia.* Chegaraõ a ter neste Reino os Conventos seguintes.

Santo Antaõ de Benespera no Bispado da Guarda.
Santo Antaõ em Lisboa ao pé do Castello.
Santo Antaõ de Marvilla em Santarem.
Santo Antaõ de Aveleiro, Comarca de Pinhel.
S. Domingos de Basto, Bispado de Viseu.

Todos estes Conventos estavaõ unidos aos Padres da Companhia por Bulla de Julio III. do anno de 1550. Chamavaõ-se estes Conventos *Petitorios*, os quaes por justas causas foraõ prohibidos por S. Pio V. no anno de 1566, até se extinguirem de todo. (1)

2 *Conegos Premonstratenses.* Entraraõ em Portugal no anno de 1147 na occasiaõ, em que ElRey D. Affonso Henriques tinha de cerco a Cidade de Lisboa, e elles tinhaõ vindo na armada dos Christãos do Norte. Edificando entaõ ElRey hum Templo a S. Vicente, delle tomaraõ posse no anno de 1148. Vendo porém ElRey, que o seu Abbade Gualter intentava sujeitar este Mosteiro ao de Premóstrato de França, o naõ consentio, e o Abbade desavindo-se com ElRey voltou para França. Refere isto a Chronica dos Conegos Regrantes, (2) porém padece suas difficuldades, e naõ se conforma com o que diz o Padre Purificaçaõ na Chronologia Monastica, pois lhe assina de entrada o anno de 1400, e hum Convento no Bispado de Lamego.

3 *Conegos chamados da vida commua* instituida em Alexandria por S. Marcos. Entrou em Portugal no anno de 1082, porém naõ permaneceo mais que cem annos. (3)

4 *Congregaçaõ de Terceiros de S. Jeronymo.* Entre

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom 1. pag. 74 (2) Chronic. dos Coneg. Regrant. liv. 4. cap. 15. num. 9. (3) Purific. Chronol. Monastic. in Proœmio.

as ſeis, que refere o Padre Gubernatis, (1) derivadas da Ordem Serafica, he huma a que introduzio em Portugal o Beato Stupa, da qual naõ ſabemos mais, que iſto ſómente, que eſcreve eſte Author.

5. *Jeſuitas.* Entrou eſta Religiaõ em Portugal no anno de 1540, governando ElRey D. Joaõ III., o qual à maneira do antigo Numa Pompilio Romano adornou de religiaõ, e piedade todo o ſeu pacifico reinado; e como naquella primitiva Ordem inſtituida por Santo Ignacio ſe faziaõ eſtimaveis os ſeus individuos, ſupplicou ElRey ao Pontifice Paulo III. lhe quizeſſe mandar para o ſeu Reino alguns daquelles novos Miſſionarios. Promptamente ſatisfez o Papa os dezejos do Rey, e lhe enviou ao Padre Simaõ Rodrigues de Azevedo Portuguez, e a S. Franciſco Xavier, os quaes chegaraõ a Lisboa em 30 de Mayo de 1540, e ſe mandaraõ hoſpedar no Hoſpital de Todos os Santos, por ficarem mais perto do Paço, que entaõ era os chamados Eſtáos. Dalli começaraõ a fazer as ſuas Miſsões com fruto. No anno ſeguinte partio o Santo Xavier para a India, e ElRey determinou logo a fundaçaõ do Collegio de Coimbra para os novos Padres, dando-lhe para ſua renda a Commenda de Carquere, que o Padre Simaõ Rodrigues trocou depois com a de Beneſpera, por ficar com o Collegio de S. Antaõ junto ao monte do Caſtello de Lisboa, que lhe pertencia, e para onde ſe mudou com o Padre Gonçalo de Medeiros aos 5 de Janeiro de 1542. De tal fórte ſe foraõ eſtabelecendo, radicando, e creſcendo em numero, e em Caſas, que em breves tempos ſe diſtinguiraõ entre as outras Religiões mais antigas, e opulentas, cuidando muito em ſaber attrahir ſobre tudo a vontade dos Principes, que ſempre naõ ha duvida foraõ de ſingular benignidade para

---

(1) Orb. Seraph. l. 13. cap. 2.

ra com os individuos da Companhia, admittindo-os já para Meſtres, já para ſeus Confeſſores, e outros miniſterios honorificos por todo o eſpaço de dous ſeculos. A eſte auge tinha ſubido o periodo Jeſuitico, quando chegou a epoca da ſua decadencia em Portugal; porque ſabendo-ſe que elles embaraçavaõ na America a execuçaõ do Tratado de limites das Conquiſtas entre as duas Coroas Portugueza, e Heſpanhola, que deſde 16 de Janeiro de 1750 ſe havia celebrado, procurando com outros deſignios, e maquinações obliquas remover a idéa das duas Cortes, e naõ achando a Mageſtade Fideliſſima do Senhor D. Joſeph I. remedios mais efficazes para obviar os ſeus projectos, que deſterrallos dos ſeus Reinos, e Dominios: determinou a 21 de Setembro de 1757 excluir primeiramente do Paço a todos os Jeſuitas Confeſſores das Peſſoas Reaes, que com eſſe pretexto alli reſidiaõ. A 2 de Mayo do anno ſeguinte ſe lhe intimou o Breve de Benedicto XIV., em que fazia ſeu Reformador ao Cardeal Saldanha. A 5 de Junho do meſmo anno publicou o dito Eminentiſſimo Reformador huma Paſtoral, em que os prohibia de todo o genero de negocio, mandando-lhe que dentro de tres dias lhe apreſentaſſem todos os livros, e papeis de contas. A 7 do proprio mez, e anno paſſou o Patriarca D. Joſeph Manoel hum Edital aſſignado pelo ſeu punho, em que os prohibia de prégar, e confeſſar neſte Patriarcado por juſtos motivos, e por ſerviço de Deos, e do bem publico. E como neſte meyo tempo ſe deſcobrio a horrivel, e ſacrilega conjuraçaõ contra a precioſiſſima vida de Sua Mageſtade, em a qual os ditos Jeſuitas tiveraõ grande parte, como conſta da Sentença dos Reos juſtiçados a 13 de Janeiro de 1759; a 5 de Fevereiro do dito anno ſe lhe fez ſequeſtro em todas as Caſas, e fazendas que poſſuhiaõ, ficando elles recluſos em S. Roque, e no Collegio de S. Antaõ com guardas militares; e a 19 do dito levaraõ

prezos a todos os que eſtavaõ em o novo Hoſpicio de S. Franciſco de Borja na Cotovia; até que finalmente a 16 de Setembro do dito anno pela madrugada ſe mandaraõ embarcar em huma náo que hia para Genova, e expulſos totalmente do Reino, foraõ para o ſeu Geral. Neſte deploravel eſtado em que ſaõ viſtos, ſe verificou (póde ſer) a profecia do Santo Borja, quando lhes annunciara: *Veniet tempus cum ſe Societas multis quidem hominibus abundantem, ſed ſpiritu, & virtute deſtitutam, mœrens intuebitur.* (1) Conſtava dos Collegios, e Caſas ſeguintes.

Collegios.

Invocaçaõ.	*Situaçaõ.*	*Fundaçaõ.*
Santo Nome de Jeſus.	Coimbra.	1542
Eſpirito S. Univerſidade.	Evora.	1551
Santo Antaõ.	Lisboa.	1552
S. Roque Caſa profeſſa.	Lisboa.	1553
S. Paulo.	Braga.	1560
S. Lourenço.	Porto.	1560
Santo Nome de Jeſus.	Bragança.	1561
S. Patricio.	Lisboa.	1593
Aſſumpç. de N. S. Novic.	Campolide.	1597
2 Fundaçaõ.	Cotovia.	1603
Santiago Mayor.	Faro.	1599
N. S. da Purificaçaõ.	Evora.	1577
N. S. Madre de Deos.	Evora.	1583
S. Joaõ Evangeliſta.	Villa-Viçoſa.	1601
S. Sebaſtiaõ.	Portalegre.	1605
Conceiçaõ de N. S.	Santarem.	1621
Santiago Mayor.	Elvas.	1644
S. Franciſco Xavier.	Setubal.	1655
S. Franciſco Xavier.	Villanova de Port.	1660

S.

(1) Eſta profecia allega Lacroix no tom. 1. tract. de conſcientia num. 166.

S. Francisco Xavier.	Béja.	1670
S. Francisco Xavier.	Lisboa.	1679
N.S. da Nazareth Novic.	Lisboa.	1705
Santos Reys.	Viça-Viçosa.	1735
Santissima Trindade.	Gouvea.	1739

Residencias.

Situaçaõ.	*Sujeiçaõ.*	*Dieceses.*
Barrocal.	Evora.	Evora.
Canal.	Coimbra.	Coimbra.
Canissos.	Santo Antaõ.	Lisboa.
Carquere.	Coimbra.	Lamego.
Fassalamim.	Evora.	Coimbra.
S. Fins.	Coimbra.	Braga.
S. Joaõ de Longos valles.	Coimbra.	Braga.
Labruja.	Santarem.	Lisboa.
N. Senhora da Lapa.	Coimbra.	Lamego.
Monte agraço.	Evora.	Lisboa.
Monte da Barca.	Evora.	Evora.
Paço de Sousa.	Evora.	Porto.
Pedrozo.	Coimbra.	Porto.
Pernes.	Santarem.	Lisboa.
Roriz.	Braga.	Braga.
Val-bom.	Evora.	Evora.
Villa-franca.	Coimbra.	Coimbra.

6 *Mercenarios.* Vieraõ a Portugal no anno de 1284 em companhia da Rainha Santa Isabel. O primeiro Convento, que fundaraõ, foy o de Santa Victoria no termo de Béja, e durou até o anno de 1503, em que se unio ao de Santa Clara da mesma Cidade, e hoje he Curado. Na pedra do portal da dita Paroquia, ainda existem gravadas as armas dos ditos Religiosos Mercenarios. Em Lisboa tiveraõ outra Casa, que se extinguio pelos annos de 1504, naõ só por falta de Religiosos, que residiaõ

diaõ nella, mas por ferem poucas as efmolas, que tiravaõ para o refgate dos Cativos, que he o fim, para que efta Religiaõ foy inftituida, cujo emprego como tambem he do inftituto da Ordem da Santiffima Trindade, pareceo que baftava efta para a grandeza, e capacidade defte Reino. (1)

Todavia no anno de 1682 a 22 de Junho lhe concedeo o Senhor Rey D. Pedro II. fendo ainda Principe Regente, licença para terem Hofpicio, efpecialmente os que vinhaõ a efte Reino da America, onde ElRey D. Joaõ IV. no anno de 1648 lhes tinha feito reftituir o feu antigo Convento do Pará, e de facto fe eftabeleceraõ em Lisboa no bairro do Mocambo, até que reprefentando alguns inconvenientes, houve por bem concederlhes ElRey D. Joaõ V. faculdade para novo Hofpicio (largando o outro) em 22 de Novembro de 1746, o qual começaraõ a fundar em Março de 1747 no bairro, e Freguezia de S. Jofeph da mefma Cidade de Lifboa, na rua chamada do Paffadiço.

7 *Roque amador*. O Author do Santuario Mariano diz, que efta Ordem tivera em Portugal muitas Cafas, e Hofpitaes em tempo delRey D. Sancho I. no anno de 1112, e que florecera com muito nome até o reinado delRey D. Joaõ II., em o qual tempo fe extinguio, mas ignora o motivo. (2)

Mappa

---

(1) Agiolog. Lufitan. tom. 1. Efperanç. Hiftor. Seraf. tom. 1. pag. 342. Monarq. Lufit. tom. 5. liv. 16. cap. 34. (2) Sant. Marian. tom. 1. liv. 1. tit. 9. Monarq. Lufit. p. 5.

Mappa de todas as Ordens Religiosas, que ha em Portugal.

Religiões.	*Entrada no Reino.*	*Convẽt. e Hosp.*	*Mosteiros*	*Casa principal.*
Agostinhos calçad.	1147	18	4	Lisboa.
— Descalços.	1663	17	1	Lisboa.
Arrabidos.	1539	30	. .	Lisboa.
Bentos.	543	22	11	Tibães.
Bernardos.	1122	17	11	Alcobaça.
Brigidas.	1594	. .	2	Lisboa.
Brunos.	1587	3	. .	Laveiras.
Capuchos.	1565	15	. .	Lisboa.
— Da Conceiçaõ.	1705	17	. .	Viana.
— Francezes.	1647	1	. .	. . . .
— Italianos.	1680	1	. .	. . . .
Carmelit. calçados.	1250	12	4	Lisboa.
— Descalços.	1581	16	7	Lisboa.
— Descalç. Alem.	1708	1	. .	. . . .
Claristas.	1250	. .	12	. . . .
Conceiç. de Maria.	1625	. .	7	Braga.
Conegos Regrant.	1131	15	1	Lisboa.
Con. Sec. S. J. Ev.	1421	9	. .	Villar.
Congr. de Cler. Ag.	1709	5	. .	. . . .

Religiões.	Entrada no Reino.	Convět. e Hosp.	Mosteiros	Casa principal.
— Das Covas.	1713	1	...	Monfurado.
— Boa Morte.	1728	1	...	Lisboa.
— Marian. Conc.	1754	1	...	Chacim.
— Da Missaõ.	1717	1	...	Lisboa.
— Da Oliveira.	1679	2	...	Porto.
— Do Oratorio.	1668	7	...	Lisboa.
Dominicanos.	1217	27	18	Lisboa.
Franciscanos.	1217	30	27	Lisboa.
Hospitalarios.	1606	2	...	Lisboa.
Jeronymos.	1355	9	1	Lisboa.
Minimos.	1717	1	...	Lisboa.
Missionar. Apostol.	1680	4	...	Varatojo.
Paulistas.	1578	18	...	Serra d'Ossa.
Piedosos.	1673	21	...	Villa-Viçosa
— Soledade.	......	21	...	......
Theatinos.	1648	2	...	......
Terceiros de Jesus.	1443	17	4	Lisboa.
Thomaristas.	1530	3	...	Thomar.
Trinitarios.	1217	9	2	Lisboa.
Xabreganos.	1532	32	17	Lisboa.

CAPITULO IV.

Dos Pontifices, e Cardeaes Portuguezes.

1 A Tantas Religiosas Jerarquias, quantas vemos florecer no fertil terreno de Portugal, bem se segue a memoria, ainda que abbreviada, daquelles egregios Portuguezes, que tem condecorado o Sacro Collegio Pontificio, naõ só com a eminente honra da Purpura, mas com a dignidade suprema da Tiara. Todos os que até agora subiraõ pelos seus merecimentos a estas preclarissimas preeminencias, tem sido muy especiaes, cujos nomes, patrias, e outras circunstancias competentes se expressaõ no seguinte Mappa.

Pontifices Portuguezes.

Nome.	*Patria.*	*Eleiçaõ.*	*Governo.*
S. Damaso.	Guimarães	Ann. 367	17 annos.
Joaõ XXI. ou XXII.	Lisboa.	Ann. 1276	8 mezes.

Nomes.	Patria.	Papa.	Eleiç.
S. Damaſo.	Guimarães.	Liberio.	366
D. Payo Galvaõ.	Guimarães.	Innoc. 3.	1206
D. Joaõ Froes.	Coimbra.	Gregor. 9.	......
D. Pedro Juliaõ.	Lisboa.	S. Gr. 10.	1274
D. Ordonho.	. . . . . .	Nicol. 3.	1278
D. Joaõ Affonſo.	Azambuja.	Joaõ 23.	1411
D. Pedro da Fõſec.	. . . . . .	Mart. 5.	1419
D. Antaõ Martins	Chaves.	Eugen. 4.	1439
D. Jayme.	. . . . . .	Calixt. 3.	1456
D. Jorge da Coſta.	Alpedrinha.	Xiſto 4.	1476
O Inf. D. Affonſo.	Evora.	Leaõ 10.	1517
D. Miguel da Silva	. . . . . .	Paulo 3.	1539
O Inf. D. Henriq.	Lisboa.	Paulo 3.	1545
D. Veriſ. de Lanc.	Lisboa.	Innoc. 11.	1686
D. Luiz de Souſa.	Porto.	Innoc. 12.	1697
D. Nuno da Cunha	Lisboa.	Clem. 11.	1712
D. Joſeph Pereira.	Moura.	Clem. 11.	1719
D. Joaõ da Motta.	Caſtel. brãc.	Bened. 13.	1727
D. Thom. de Alm.	Lisboa.	Clem. 12.	1737
D. Joſeph Manoel.	Lisboa.	Bened. 14.	1747
D. Franciſco.	Lisboa.	Bened. 14.	1756

Titulo.	*Ann. da morte.*	*Lug. da morte.*	*Sepultura.*
. . . .	384	Roma.	Roma.
S. Maria in 7. fol.	1228	M. Caſſin.	Mõt. Caſſin.
. . . .	1236	. . . . .	. . . .
. . . .	1277	Viterbo.	Viterbo.
. . . .	1285	Roma.	Salamanca.
Santa Eudoxia.	1415	Bruges.	Lisboa.
S. Angel. in Piſcin.	1422	Tivoli.	Roma.
S. Chryſogono.	1447	Roma.	Roma.
Santo Euſtaquio.	1459	Florença.	Florença.
S. Maria trans Tib.	1508	Roma.	Roma.
Santa Luzia.	1540	Lisboa.	Belém.
Dos doze Apoſt.	1556	Roma.	Roma.
Dos Ss. 4. Coroad.	1580	Almeirim	Belém.
. . . .	1692	Lisboa.	S. P. de Alc.
. . . .	1702	Lisboa.	Sé de Lisboa
Santa Anaſtaſia.	1750	Lisboa.	S. D. de Lisb.
Santa Suſana.	1738	Faro.	Sé de Faro.
. . . .	1747	Lisboa.	Carmo.
. . . .	1754	Lisboa.	S. Roque.
. . . .	1758	Atalaya.	Atalaya.
. . . .	.....	. . . . .	. . . .

CAPITULO V.

Dos Varões mais memoraveis em ſantidade, e virtude.

1 DEterminamos recolher neſte Capitulo as memorias reſpeitaveis de alguns Santos Portuguezes, porque de todos naõ ſó ſeria improprio à brevidade do noſſo methodo, mas taõ impoſſivel, como o pretender formar calculo ao numero das eſtrellas: taõ fecundo he de Varões Santos o Luſitano Imperio. Porém antes que principiemos, he juſto proteſtar, que nos conformamos com os Decretos do Papa Urbano VIII. àcerca do titulo de ſantidade, martyrio, e favores do Ceo, de que faremos mençaõ em algumas partes, quando fallarmos de alguns Varões virtuoſos, pois o noſſo ſentido naõ he querer alterar nem o credito dos Authores, de quem extrahimos eſtas noticias, nem a Fé immutavel da Igreja, cujas determinações catholicamente abraçamos.

§. I.

Santos da Provincia do Minho.

2 SAnto *Abſolonio*, natural da antiga Viana de Caminha, na perſeguiçaõ de Nero padeceo glorioſo martyrio em Cappadocia acompanhado de outros Santos Companheiros, e de S. Lucio ſeu Prelado.

3 *Santa Adozinda*, grande luſtre da Cidade do Porto, onde teve ſeu naſcimento dos Illuſtriſſimos Condes de Agueda D. Guterres Arias, e D. Aldara,

ra. Seguindo os veſtigios de ſeu irmaõ S. Rolendo, profeſſou vida Religioſa no Moſteiro chamado Villa-Nova, em que acabou ſantamente; e naõ com menor felicidade deixou de ſi eterna memoria ſua venturoſa mãy D. Aldara. (1)

4 *Santo Avito*, Presbytero, natural de Braga, e Arcediago da ſua Metropolitana. Suas acções foraõ taõ virtuoſas, que naõ ſó acreditaraõ ſua patria, mas illuſtraraõ grandemente a ſanta Cidade de Jeruſalem, onde concluio ſeus dias felizmente a 17 de Junho de 440. (2)

5 *Santa Baſilia, ou Baſiliſſa*, huma das nove irmãs Santas, que naſceraõ de hum maravilhoſo parto na Cidade de Braga, e filhas de C. Atilio Regulo. Alcançou eſta a palma do martyrio em Syria da Aſia, huns dizem que a 29 de Agoſto, outros no primeiro de Novembro. (3)

6 *S. Caſſiano, e Ceciliano*, que na companhia de outros Cavalleiros Portuguezes partiraõ de Braga com a Princeza Santa Engracia, e juntamente com ella conſeguiraõ em C,aragoça de Aragaõ o glorioſo triunfo de Martyres.

7 *Santa Columbina, ou Comba*, a qual na comitiva de vinte e nove patricias donzellas com outros muitos Chriſtãos Portuguezes no meſmo dia, anno, e lugar, em que padeceo Santa Quiteria, foraõ todos coroados da ſempre florente coroa do martyrio a 22 de Mayo. (4)

8 *S. Cucufate* natural de Braga, e irmaõ dos Santos Suſana, e Torcato, que na meſma patria, e perſeguiçaõ de Nero ficou victorioſo da ſua tyrannia

---

(1) Cunha no Catalog. dos Biſp. do Port. part. 1. cap. 13. Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 141. e 144. (2) Vaſæus ad ann. 388. Vaſconcel. in Deſcript. Luſitan. num. 4. Poſſevin. in Apparat. Sacr. tom. 1. pag. 141. Eſtaço, Antig. de Port. cap. 71. num 4. Argote tom. 4. das Memor. de Braga. (3) Maced. Eva, e Ave part. 2. cap. 65. num. 16. Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 44. (4) Cardoſ. no Agiolog. Luſit. tom. 3. pag. 370.

rannia em 15 de Abril, e cujo glorioſo corpo ſe venera na Cathedral de Santiago em Caſtella. Dizem alguns, que eſte Santo era natural de Barcelona.

9 *S. Damaſo Papa*, que na melhor opiniaõ foy natural de Guimarães, ou, como diz Joaõ de Barros, do Couto de Pedralva, que he entre Braga, e Guimarães. Dos Pontifices da Igreja foy hum dos mais inſignes, que occuparaõ a Cadeira Pontificia. Naõ ſó poſſuia huma grande ſciencia, e diſcriçaõ, mas huma eminente virtude, e taõ eſpecioſiſſima, que muitas Provincias eſtranhas o pretendem para ſeu Patrono, e o perfilhaõ por ſeu conterraneo. O Academico Manoel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda diz, que S. Damaſo fora natural da Idanha. (1)

10 *Santa Engracia*, glorioſo ornamento da Cidade de Braga, derramou pela Fé ſeu virginal, e nobiliſſimo ſangue em C,aragoça de Aragaõ com os mais exquiſitos tormentos, que podia inventar a crueldade. Muitos dias eſteve com os figados arrancados, o coraçaõ patente, e raſgado o peito, proteſtando ainda aſſim alegremente a Fé de Chriſto, e merecendo ainda viva o raro titulo de Martyr, como elegantemente cantou Prudencio em hum admiravel Hymno, como teſtemunha de viſta. (2) Outra Santa *Engracia* houve tambem no territorio de Braga, que foy martyrizada pela Fé em Carvajales junto a Leaõ, de que ſe lembra Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portugal pag. 126.

11 *Santo Epitacio*, diſcipulo de S. Pedro de Rates, e natural de Ambracia, que, ſegundo a opiniaõ de alguns, foy Barcellos.

12 *Santo Evento*, hum dos dezoito Cavalleiros Por-

(1) Leal, Memor. da Guard. part. 1. tit. 3. cap. 4. Gandar. Arm. y triunf. de Galiza cap. 17. num. 3 Macedo nas Flor. de Heſp. cap. 9. excell. 10. num. 6. Corograf. Portug. tom. 1. pag. 81. (2) Prudentius in Periſtaphanon. Hymn. 4.

Portuguezes, que em companhia da Princeza Santa Engracia deraõ as vidas pela Religiaõ Chriſtã.

13 *Santa Euſemia, ou Eumelia*, filha quarta de C. Atilio Regulo de Braga, e illuſtre Martyr da Igreja Catholica no anno de 138 mereceo ſeu ſanto cadaver venerações na Sé de Orenſe.

14 *S. Fauſto*, ultimo dos Companheiros de Santa Engracia, e com ella em Ç,aragoça de Aragaõ martyrizado, donde ſendo levado ſeu glorioſo corpo para Buyarda, Biſpado de Calahorra, he alli continuamente viſitado, e com eſpecialidade das mulheres infecundas, que conſeguem do Santo maravilhoſos deſpachos. (1)

15 *S. Felis*, diſcipulo de S. Pedro de Rates, a cujo corpo deu decente ſepultura por celeſtial aviſo. Foy o primeiro, que ſantificou os deſertos deſta Provincia com a vida eremitica muitos centos de annos antes, que S. Paulo abriſſe o caminho a eſte modo de viver Angelico na Thebaida do Egypto. (2)

16 *S. Fronto*, Cavalleiro, que na comitiva de Santa Engracia triunfou da tyrannia em credito da Religiaõ.

17 *S. Frutuoſo* em tempo dos Godos foy Conego, e Biſpo de Braga. Jaz ſeu corpo em Santiago de Galiza.

18 *O Beato D. Garcia Martins*, Ballio de Leſſa na Religiaõ de Malta, e nella Commendador em cinco Reinos de Heſpanha. Seu corpo he venerado na Igreja de Leſſa, onde os moradores daquella Comarca o viſitaõ com o nome de *Homem Santo*. (3)

19 *Santa Gemma*, huma das nove filhas de C. Atilio Regulo Bracarenſe. Alguns lhe chamaõ *Marinha*,

---

(1) Agiologio Luſitano tom. 2. pag. 721. (2) Idem. tom. 1. pag. 1. Argot. nas Memor. de Braga tom. 4. liv. 1. cap. 2. num. 36. (3) Bzovio, Ann. Eccleſ. tom. 13. ann. 1286. Funes, Chronic. de Malta liv. 1. cap. 26. e outros, que allega Cardoſ. no Agiolog. tom. 1. pag. 7.

rinha, e outros *Margarida*. Com igual gloria ſe prezaõ os patricios de Braga de outras duas irmãs *Genebra*, e *Germana*, eſta martyr em Cartago de Africa, e aquella em Tuy.

20 *S. Gennadio*, natural de Braga, donde ſe auſentou de menor idade para ſer Monge Benedictino, e fez naquella vida Monaſtica taes progreſſos, que foy elevado à dignidade de Biſpo de Aſtorga; porém ſaudoſo da ſolidaõ, veyo acabar nella ſantamente, e com a prerogativa de milagres. (1)

21 *S. Gonçalo de Amarante* naſceo no Lugar da Riconha, termo de Guimarães. Suas virtudes, e ſantidade foraõ taõ admiraveis, que as duas Religiões Benedictina, e Dominicana ambas o pretendem poſſuir como proprio filho, (2) ſendo que mais razaõ tinha o noſſo honorifico Eſtado Clerical de o numerar entre os inſignes heroes, que o illuſtraõ, por elle ter ſido Conego na inſigne Collegiada de Guimarães, ſegundo moſtra, e perſuade Gaſpar Eſtaço nas Antiguidades cap. 30, e 31.

22 *O Beato Fr. Gonçalo* Abbade Ciſterclenſe, natural de Chaves, cuja vida foy cheia de merecimentos, e a morte de prodigios; porque exhalando o eſpirito no meyo do caminho, fazendo jornada, em que ficou ſubmergido em hum grande monte de neve, naõ ceſſaraõ os ſinos de ſe tocarem milagroſamente per ſi até o darem à ſepultura. (3)

23 *O Beato Fr. Gonçalo Dias*, natural da Villa de Amarante, menos conhecido na patria, que nas Indias de Heſpanha, onde no Convento Mercenario de Calháo de Lima floreceo pelos annos de 1600 com ſingulares favores da Omnipotencia no dom de profecia, no dote da agilidade, e no portento de milagres. (4) *S.*

(1) Salazar, Martyrol. Hiſp. a 25 de Mayo, e no meſmo dia o Agiolog. Luſitan. de Cardoſ. (2) Fr. Leaõ de S. Thom. no Prol. às Conſtit. cap. 3. §. *Fulſere*. Corograf. Port. tom. 1. pag. 85. e 109. (3) Cunha, Hiſtor. de Brag. part. 2. c. 68. (4) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 23. e 30. e tom. 3. p. 286. Chronol. Monaſt. liv. 2. cap. 4.

24 *S. Januario*, hum dos Cavalleiros Portuguezes, que em Ç,aragoça de Aragaõ foy martyrizado pela Fé em companhia da glorioſa Princeza Santa Engracia.

25 *O Padre Ignacio de Azevedo*, ditoſo Martyr, o qual navegando para o Braſil a dilatar a Fé, foy morto por hum Corſario herege Francez com trinta e nove Companheiros, e Miſſionarios da Companhia de Jeſus aos 15 de Julho de 1570. No meſdia foraõ todos viſtos por Santa Tereſa ſubir ao Ceo laureados com a coroa, e palma de martyrio, como conſta da vida da Santa; e a 21 de Setembro de 1742 Benedicto XIV. paſſou hum Decreto de declaraçaõ do martyrio. (1)

26 *O Veneravel Fr. Joaõ Cerita*, Religioſo Abbade Ciſtercienſe, floreceo em virtude em tempo dos primeiros Reys Portuguezes, ſendo hum dos principaes meyos de ſe introduzir neſte Reino a melliflua Religiaõ de S. Bernardo.

27 *S. Joaõ do Porto*, a quem huns lhe chamaõ *Terçon*, outros *Teyçon*, ou *Içon*, fez vida ſolitaria, ou contemplativa em Tuy, onde hoje eſtá o Convento Dominicano, e alli reſplandece em milagres o ſeu ſepulchro.

28 *S. Juliaõ*, que na Cidade antiga chamada Flavia Lambria junto das ribeiras do Lima, ſendo mancebo de dezoito annos, foy coroado de glorioſo martyrio, e he hoje venerado ſeu incorrupto corpo em Arimino, Cidade Adriatica. (2)

29 *Santa Iria, ou Herena*, irmã do Pontifice S. Damaſo, com o qual viveo em Roma ſantamente. Jaz ſeu veneravel corpo na Igreja de S. Sebaſtiaõ da meſma Cidade em companhia de ſeu irmaõ, e de ſua mãy. (3)

30 *Santa Liberata, ou Wilge-Forte*, filha do Re-

(1) Agiolog. Luſit. tom, 4. pag. 175. (2) Petr. à Natal. in Catalog. Sanctor. liv. 5. cap. 141. (3) Baron. tom. 4. Annal. ann. 384.

gulo Lucio C. Atilio, a qual depois de converter muitos gentios à Fé de Christo, e os doutrinar nos santos Preceitos, por cujo motivo se lhe dá o titulo de primeira Doutora Portugueza, e por viver retirada no ermo, em cuja vida solitaria tambem foy a primeira das Portuguezas, que abraçou semelhante modo de viver, padeceo finalmente glorioso martyrio na Cidade do Porto em tormento de Cruz a 20 de Julho do anno de 138, e he venerado seu corpo na Sé de Siguença, de que he Padroeira, e se lhe faz festa a 18 de Janeiro. (1)

31 *O Beato Fr. Lourenço Mendes*, da Ordem dos Prégadores, em Guimarães, o qual compadecido dos moradores desta Comarca, fabricou a ponte de Cavez, duas leguas além da de S. Gonçalo, em cuja obra resplandeceo a sua virtude com evidentes prodigios. Elle foy a quem hum Anjo em fórma humana lhe entregou em Chaves, que alguns dizem ser sua patria, hum cofre de reliquias, que por mandado de Deos havia recolhido de huma Cidade de Christãos, que naquella mesma hora fora entrada de infieis. Faleceo em fim a 27 de Janeiro de 1280.

32 *S. Luperco*, tio da Princeza Santa Engracia, e principal Capitaõ da nobilissima tropa de Cavalleiros Portuguezes, que pela Ley de Christo foraõ Martyres em C,aragoça de Aragaõ na perseguiçaõ de Diocleciano no anno de 303, cujos veneraveis corpos saõ hoje na Igreja do Convento de Jeronymos da mesma Cidade de C,aragoça respeitados com toda a veneraçaõ. (2)

33 *S. Marcial*, hum dos Companheiros de Santa Engracia.

San-

---

(1) Bivar ad Dextr. ann. 138. Gretser. de Cruc. liv. 1. cap. 98. Jardim de Portug. p. 33. Macedo, Eva, e Ave part. 2. cap 65. n. 8.
(2) Martyrol. Rom. a 16 de Abril. Brito na Monarq. liv. 5. cap. 21. Vasconcel. in Descr. Lusitan. p. 447. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 721. e 728.

34 *Santa Marciana*, *ou Marcia*, filha de C. Atilio, e martyrizada em Toledo a 12 de Julho do anno de 155. (1)

35 *Santa Marinha*, martyrizada em Anfiloquia de Galiza, cujo glorioso corpo se conserva, e venera em Aguas Santas do mesmo Reino.

36 *Santa Matrona* Virgem, e naõ Martyr, como alguns disseraõ, (2) sendo filha de Remismundo, Regulo da Lusitania em tempo dos Suevos, ausentando-se de Braga sua patria, passou a Italia, e na Cidade de Capua à sombra das sagradas Reliquias de S. Prisco, hum dos setenta e dous Discipulos de Christo, que a Santa descubrio por divina revelaçaõ, passou a vida, e acabou santamente. (3)

37 *Santo Optato*, Companheiro dos dezasete Fidalgos Portuguezes, que em C,aragoça de Aragaõ triunfaraõ da crueldade, e dos tormentos.

38 *S. Pascasio*, Discipulo, e Amanuense de S. Martinho de Dume, floreceo pelos annos de 560 naõ só em letras, mas em virtudes, de que se lembra S. Gregorio Papa nos seus Dialogos.

39 *S. Pedro de Rates*, discipulo do Apostolo Santiago, por quem foy constituido em primeiro Arcebispo de Braga. Depois de prégar em varias partes de Hespanha com grande fervor, aos 26 de Abril do anno 64 de Christo pouco mais, ou menos, foy morto em Rates pelos idolatras odiosos da Fé Catholica, estando em oraçaõ diante do Altar. (4)

T ii *O Ir-*

---

(1) Baron. in Notis ad Martyrol. 12. Jul. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 13. (2) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. n. 38. e outros apud Cardos. no Agiolog. tom. 1. p. 244. (3) Idem Cardos. tom. 2. p. 185. (4) Dizem muitos, que S Pedro de Rates era hum daquelles Judeos das doze Tribus, que Nabucodonosor desterrara de Babylonia para Hespanha, e lhe chamavaõ Malaquias o velho, ou Samuel o moço, e que entrando Santiago em Hespanha, se fora à sepultura do tal Malaquias, que havia mais de seiscentos annos que estava enterrado, e o resuscitara em Illipula, Cidade proxima a Granada,

40 *O Irmaõ Pedro de Basto*, da Companhia de Jesus, illustre em todas as virtudes, e Deos o enriqueceo de dons sobrenaturaes taõ antecipadamente, que de menino lhe communicou em varias visões muitos segredos, e successos occultos.

41 *S. Primitivo*, hum daquelles Companheiros Portuguezes, que morreraõ Martyres com Santa Engracia em Ç,aragoça de Aragaõ.

42 *Santa Quiteria, ou Guiteria*, irmã das nove filhas de C. Atilio, a qual sendo martyrizada junto à Cidade de Toledo aos 22 de Mayo, levou em suas mãos degollada a propria cabeça por espaço de duas leguas até Marguelizza, onde na Ermida de S. Pedro foy sepultada, e se conservaõ com grande veneraçaõ suas reliquias. (1)

43 *S. Quintiliano*, Martyr da comitiva de Santa Engracia.

44 *S. Raymundo* Pastor, e natural de Medelhim, Colonia da antiga Lusitania, morreo no anno de 900 cheyo de maravilhosas obras, e merecimentos, cuja memoria se celebra no terceiro dia de Pascoa da Resurreiçaõ. (2)

45 *S. Recesuintho*, natural de Braga, e Abbade do Mosteiro de S. Martinho de Sande, Varaõ de singular virtude, e letras, como bem mostrou no decimo quarto Concilio Toletano, a que assistio pelos annos de 684.

46 *Santa Revocata*, natural de Viana de Caminha,

---

nada, bautizando o com o nome de Pedro, e o mandara a Braga prégar a Ley de Christo. Este facto sem embargo de constar do Breviario Bracarense modernamente reimpresso, e ser tido por certo de todos os Authores, que allega o Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 725. com tudo muitos, e gravissimos Escritores tem isto por fabula, como se póde ver em Nicoláo Antonio liv. 1. Bibliot. Hispan. veter. cap. 21. num. 456. Aguirre tom. 2. Concil. Hisp. dis. 3. Estaço nas Antiguid. cap. 59. e no Padre D. Jeronym. Argote no tom. 4. das Memor. de Braga liv. 1. cap. 2. (1) Bivar ad ann. 138. Jardim de Portug. pag. 37. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 178. (2) Idem. tom. 2. pag. 428.

nha, e alli mesmo Martyr a 6 de Fevereiro do anno de 253.

47 *S. Rosendo*, irmaõ de Santa Adozinda, sendo de vinte e oito annos foy promovido ao Bispado de Dume, e depois ao de Mondonhedo, e de Compostella. Sua alma foy levada ao Ceo entre Coros de Anjos, e celestiaes melodias, como ouvio a gloriosa Santa Senhorinha, estando no Coro no Mosteiro de Vieira. (1) Foy gozar da Bemaventurança em o primeiro de Março de 977. Alexandre III. o declarou Santo, e foy o primeiro, que foy canonizado com as diligencias, que determinou a Igreja.

48 *S. Saturnino* foy Martyr em Viana de Caminha juntamente com Santa Revocata.

49 *Santa Senhorinha*, natural de Basto, onde nasceo pelos annos de 924. Outros dizem que foy natural de Attei, povoaçaõ antiga sobre a ribeira de Baça, onde agora se vê o Lugar de Cunhas, e que seu pay Huso Huses Belfajal, Conde da mayor parte da Beira, e Minho, e illustrissimo principio da familia dos Sousas, hoje Condes do Redondo, lhe pozera por nome *Domitilla*, ou *Genovesa*; porém os nossos nunca lhe souberaõ outro nome, que o de Santa Senhorinha de Basto. Criou-se no Mosteiro Benedictino de Vieira com sua tia *Santa Godina*, Abbadessa do mesmo Mosteiro, por cuja morte foy eleita em Prelada, obrando, e acabando naquelle emprego cheya de merecimentos, e prodigios. (2)

50 *S. Silvestre*, natural de Braga, e Bispo da mesma Cidade, triunfou dos idolatras no anno de 70.

San-

(1) Cunha no Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 13. Jardim de Portug. pag. 150. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag 5. (2) Monarq. Lusit. liv. 7. cap. 25. Cunha no Catalog. dos Bisp. do Porto part. 1. cap. 23. Jardim de Portug. pag. 147. Benedict. Lusitan. tom. 2. trat. 1. part. 3. cap. 6. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 669.

51 *Santa Susana*, irmã dos Santos Torcato, Victor, e Cucufate, e todos naturaes de Braga, e Martyres pela Fé de Christo na perseguiçaõ de Nero. Veneraõ-se as Reliquias desta Santa na Paroquia de seu nome fóra dos muros da Cidade de Santiago em Hespanha. (1)

52 *S. Theofilo* Martyr pela confissaõ da Fé em companhia de S. Saturnino, e Revocata, no anno de 260 em Viana da Foz do Lima.

53 *S. Theotonio*, natural da Freguezia de Garfey junto à Villa de Valença do Minho, e naõ de Tuy, como diz Duarte Nunes. (2) Foy Varaõ de admiraveis virtudes, e prodigios; e querendo o Conde D. Henrique fazello Bispo de Viseu, elle por naõ aceitar aquella dignidade fugio para Jerusalem, e tornando para a patria, se aggregou ao novo Convento de Santa Cruz, a que havia dado principio D. Tello, Arcediago de Coimbra, onde foy eleito primeiro Prior daquella santa Congregaçaõ, florecendo com acções taõ meritorias, que alcançou para si eterna gloria no Ceo, e para os seus nacionaes avantajados creditos de honra. Foy seu transito a 18 de Fevereiro de 1162, e jaz seu glorioso corpo no Convento de Santa Cruz em sumptuoso mausoleo. (3)

54 *S. Torcato*, irmaõ de Santa Susana, e Cucufate, naturaes de Braga, com elles padeceo martyrio na mesma Cidade a 12 de Abril, imperando Nero. Houve outro *S. Torcato*, Bispo do Porto, e natural de Toledo, que na invasaõ dos Mouros junto a Guimarães foy Martyr em defensa da Fé com vinte e sete Companheiros tambem naturaes de Braga. (4)

55 *Santa Veatride* Bracarense, que em companhia

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 582. (2) Nunes, Descriç de Port. cap. 80. (3) Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 43. Gunh. Histor. de Brag. part. 1. cap. 17. (4) Idem. Catalogo dos Bispos do Porto part. 2. cap. 48.

nhia de dezoito patricias foy pela abbreviada estrada do martyrio gozar da patria celestial. (1)

56 *S. Victor*, *ou Vitouro*, natural dos arrebaldes de Braga, e a quem o Capitaõ Victor Photino, filho da Samaritana, converteo à Fé de Christo. Sendo ainda catecumeno, por naõ querer sacrificar aos idolos de Silvano, e Ceres, que a cega gentilidade festejava aos 12 de Abril fóra da dita Cidade de Braga huma milha, foy martyrizado, e degollado. (2)

27 *Santa Victoria*, filha de C. Atilio, e igualmente Virgem, e Martyr com as mais irmãs; padeceo porém em Cordova com S. Zoilo, ou Azielo a 17 de Novembro, em cujo dia affirmaõ alguns Authores se colhem rosas, que nascem junto da sua sepultura. (3) No termo de Béja ha huma Freguezia de Santa Victoria, que no meyo da Capella mór tem hum tumulo de madeira levantado, onde erradamente affirmaõ estar alli enterrada a Santa; sendo constante o existir no Convento Dominico de Cordova.

58 *S. Urbano*, illustre Companheiro da gloriosa Santa Engracia, que tambem gozou da coroa de Martyr pela Fé de Christo.

§. II.

Santos da Provincia de Tras os Montes.

1 S*Anta Aquilea*, *ou Aquila*, que na companhia de outros Martyres todos naturaes da Cidade de Bragança, padeceraõ no anno de 300 pela Religiaõ Catholica glorioso martyrio a 23 de Março.

S.

(1) Cunh. Histor. de Brag. part. 1. cap. 95. (2) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 40. (3) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. p. 45. Maced. Eva, e Ave part. 2. c. 65. n. 10.

2 *S. Domicio*, Companheiro de Santa Aquila na patria, e no martyrio.

3 *Santo Eparchio*, outro Companheiro dos antecedentes Martyres.

4 *O Apostolico Varaõ Fr. Filippe Dias* da Ordem dos Menores, natural da mesma Cidade de Bragança, grande lustre da sua Religiaõ, e honra da sua patria; porque além de ter singular persuasaõ no pulpito, o seu raro exemplo ainda persuadia mais as reformas das vidas. Morreo com opiniaõ de Santo em Salamanca a 9 de Abril de 1600. (1)

5 *S. Frutuoso*, natural da Freguezia de Santa Maria de Constantim, meya legua de Villa-Real, Abbade que foy daquella Igreja, em que se houve exemplarissimamente no pasto espiritual das suas ovelhas, nos braços das quaes espirou a 16 de Abril em tempo de Eleutherio, Arcebispo de Braga, depois de ter visitado em Jerusalem, e Roma em devota romaria os Lugares sagrados. Jaz seu corpo no pavimento da Capella mór da sua Igreja, obrando Deos por seu meyo innumeraveis milagres. (2)

6 *S. Gallicano Ovino*, natural da Cidade de Bragança, foy em Roma Capitaõ valerosissimo, que conseguio insignes victorias, e duas vezes obteve a dignidade de Consul. Milagrosamente naõ só triunfou do barbaro Scytha, que opprimia Thracia, mas o fez tributario, e elle se fez Christaõ pelos rogos de S. Joaõ, e S. Paulo seus parentes. Vendo que pela verdadeira Religiaõ, e Fé de Christo conseguira tantos triunfos, repudiando os desposorios de Constancia, filha do Imperador Constantino, se recolheo ao deserto a fazer vida Anacoretica, onde depois de succeder no Imperio o apostata Juliano, pa-

(1) Esperança part. 1. da Chron. Seraf. liv. 1. cap. 5. num. 7. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom 2. pag. 494. (2) Duarte Nun. Descr. de Portug. cap. 56. e Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 595.

padeceo martyrio na ſua perſeguiçaõ em Alexandria a 25 de Junho de 362. (1)

7 *S. João , e Paulo* , irmãos naſcidos em Bragança, donde ſe auſentaraõ com Gallicano para Roma, e lá foy Joaõ Mordomo mór de Conſtancia, filha do Imperador Conſtantino, e Paulo ſeu Secretario. Governando o apoſtata Juliano, e ſabendo que eraõ Chriſtãos, os mandou degollar dentro a ſua caſa em Roma a 26 de Junho de 372. (2)

8 *O Veneravel Irmaõ João Fernandes Varejaõ*, natural da Villa de Freixo de Eſpadacinta, como diz o Author da Corografia Portugueza, (3) ſem embargo que outros o fazem natural de Cordova, como diz Jorge Cardoſo, (4) e o Padre Antonio Franco no livro *Annus glorioſus Soc. Jeſ. Luſit.* foy na ſagrada Religiaõ Jeſuitica hum dos mayores obreiros nas Miſſões do Japaõ, onde converteo innumeraveis almas ao gremio do Chriſtianiſmo com a grande efficacia do ſeu eſpirito, e admiravel intelligencia daquelle idioma, em que compoz algumas obras utiliſſimas para o miniſterio, e facilidade da Miſſaõ. Delle ſe aproveitou muitas vezes o Santo Xavier, como quem lhe conhecia a ſua virtude; até que cançado de trabalhos, tendo revelaçaõ da ſua morte, entregou o eſpirito a Deos a 27 de Junho de 1568, e foy deſcançar no Paraiſo, ficando ſeu corpo venerado em Firando, Reino do Japaõ, e na Igreja de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, que elle fundara. Na Igreja da Miſericordia da Villa de Freixo de Eſpadacinta ſe conſerva com eſtimaçaõ hum ſeu retrato. (5)

9 *O Servo de Deos Fr. João Hortelaõ*, natural

 do

(1) Cardoſ. Agiolog. Luſit. tom. 3. pag. 814. (2) Ibid. pag. 836. (3) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 430. (4) Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 833. (5) Nieremberg, Var. illuſtr. tom. 5. pag. 584. Lucena, Vida de S. Franc. Xavier liv. 7. cap. 25. Telles, Chron. part. 1. liv. 2. cap. 19 e 35. P. Anton. Franco, *Annus glorioſ. Soc. Jeſu Luſitan.* diz que morrera a 26 de Junho de 1567.

do Lugar de Valverde, termo da Villa de Alfandega da Fé, o qual ſervindo de paſtor, era taõ devoto de ouvir Miſſa, que pela naõ perder todos os dias, deixava cravado no chaõ o ſeu cajado, donde o gado naõ ſe afaſtava até elle naõ vir; e prohibindo-lhe ſeu amo aquella devoçaõ pelo riſco, a que expunha todo o rebanho, dando por ordem aos barqueiros do rio Sabor que o naõ paſſaſſem, o Servo de Deos, ouvindo tocar à Miſſa, e vendo o embaraço, lançou a capa no rio, e com grande fé na Omnipotencia, nella facilitou a paſſagem. Correndo o tempo, tomou o habito de Leigo obſervante no Convento de Santa Marina em Caſtella a velha, mudando o nome de Paſcoal, que até alli tinha, em Fr. Joaõ Hortelaõ; appellido, que elle tomou pelo exercicio, que na Religiaõ lhe deraõ de tratar da horta, na qual, porque os paſſaros lhe naõ comeſſem as ſementes, elle os deixava fechados em huma caſinha, em quanto hia à Miſſa, e depois os ſoltava para irem buſcar ſua vida em outra parte. Foy ſummamente devoto do Santiſſimo Sacramento da Euchariſtia, cujo Altar ornava, e concertava todos os dias com ſummo cuidado, e affecto: a caridade para com os pobres era grande, e muito mais a penitencia, que uſava comſigo: na oraçaõ muitas vezes o viraõ em extaſes arrebatado; e entre as mais virtudes teve ſciencia infuſa, e eſpirito profetico, até que declarando o dia, e hora de ſeu tranſito, acabou em o Senhor aos 11 de Janeiro de 1499 no Convento de Salamanca, onde jaz ſeu corpo. (1)

10 *O Veneravel Padre Joaõ Cardim*, natural da Torre de Moncorvo, onde naſceo no anno de 1586, e entrando na Companhia, reſplandeceo nella em grandes virtudes, com as quaes acabou no Collegio de

[1] Gil Gonçalv. Hiſtor. de Salam. liv. 3. cap. 20. Cardoſ. no Agiolog. Luſit. dit. dia. Corogr. Portug. tom. 1. pag. 457.

de Braga a 18 de Fevereiro de 1615, merecendo que ao tempo de espirar, o Crucifixo, que tinha nas mãos, despregando os pés, e o braço direito, lhe cahio sobre o rostro prodigiosamente, e na mesma hora apparecendo a sua mãy, que morava em Viana de Alentejo, lhe disse, que pela misericordia de Deos hia gozar da Bemaventurança. (1)

11 *O Padre Fr. Luiz da Cruz*, filho da Cidade de Bragança, e Religioso Franciscano da Provincia de S. Gabriel, muy virtuoso, e douto, foy de vida integerrima, insigne em erudiçaõ, e letras sagradas, porque foy summamente respeitado em Italia, e com especialidade do Papa Gregorio XV. Morreo finalmente em C,aragoça de Aragaõ no anno de 1633. (2)

12 *Santa Marina*, a qual nascendo na Villa do Mogadouro, se retirou pelos annos de 1450 aos desertos de Salamanca, e alli, escolhendo huma gruta mais desabrida, fez morada, viveo, e acabou santamente; manifestando o Ceo pelas maravilhas, que esta Santa Anacoreta obrava, os grandes merecimentos, que tinha feito, para adquirir a bemaventurança, que possue. Jaz seu corpo no mesmo sitio, mas dentro de hum grandioso Templo, e Convento Serafico da sua mesma invocaçaõ, onde em dia da Ascensaõ se dá a beijar sua santa cabeça ao povo, que alli concorre. (3)

13 *O Pastor Santo* de Izeda, Lugar, que dista cinco leguas de Bragança, o qual, ainda que naõ se lhe sabe o nome, todavia venera-se a sua cabeça na Igreja de S. Braz do dito Lugar, pela qual obra Deos muitos milagres, e he fama, e tradiçaõ constante que alli nascera. (4)

14 *Santa Pelagia*, natural de Bragança, e alli

 mes-

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag 466 Corograf Portug. tom 1. pag 421. (2) Wading. dos Escrit. da Ord. Esperança liv. 1. cap 5. (3) Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 65. (4) Ibidem tom. 1. pag. 333.

mesmo com outros Companheiros no glorioso certame da Fé triunfou, como elles, da barbaridade, desprezando os idolos, e morrendo por Christo, e sua santa Ley. (1)

15 *O Veneravel Padre Pedro de Mesquita*, Presbytero do habito de S. Pedro, e natural da Torre de Moncorvo, e da principal gente della. Os ultimos dez annos de sua vida os empregou em santa penitencia, retirando-se para isso à Serra da Arrabida, onde exercitou as virtudes em tal competencia, e fervor, que lhe grangearaõ huma felicissima morte a 25 de Março de 1649; e depois huma gloriosa opiniaõ. (2)

§. III.

Santos da Provincia da Beira.

1 SAnto *Amador*, natural da Villa de Monsanto, que na antiquissima Ermida de S. Pedro de Viracorça feito Ermitaõ perseverou até à morte em continuas penitencias; confirmando Deos suas virtudes com os prodigios, que obrava, e com a morte feliz, que teve. (3)

2 *Santa Antonina*, glorioso lustre da Villa de Cea, onde nasceo, e padeceo constante pela Fé de Christo no anno de 300, sendo seu corpo encerrado em huma urna de madeira, e precipitado pelo tyranno na celebre lagoa da Serra da Estrella, brilhante cofre de taõ preciosa reliquia. (4)

4 *O Veneravel Bartholomeu da Costa*, Thesoureiro, e Conego da Sé de Lisboa, chamado vulgarmente

(1) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portug. pag. 91. (2) Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 291. Corogr. Port. tom. 1. pag. 422. (3) Cardos. no Agiolog. tom. 2. pag. 320. (4) Ibid. tom. 2 pag. 2 e 11. Martyrol. Roman. a 2 de Março. O Academico Manoel Pereira nas Memor. da Guarda he de contrario parecer, e veja-se na part. 1. tit. 3. cap. 3.

mente o *Thesoureiro Santo*, nasceo na Villa de Castellobranco a 24 de Agosto de 1553, e foraõ as suas acções taõ louvaveis em todo o tempo, que sempre servio de exemplar. A caridade para os pobres resplandecia nelle singularmente, vindo a gastar com elles tudo, quanto possuia, e herdara. Faleceo a 27 de Março de 1608 com opiniaõ de Santo, e jaz na mesma Sé diante da Capella do Santissimo Sacramento, conservando-se na Casa do Cabido hum retrato seu com grande veneraçaõ. (1)

4 *Santa Comba Ozores*, Abbadessa do Mosteiro Archense Benedictino, que os Mouros destruiraõ, padecendo pela confissaõ da Fé a tyrannia do alfange Agareno esta Santa Abbadessa, e todas as mais Religiosas no sitio de tres leguas distante de Lamego.

5 *Santa Comba, ou Columba* Virgem, natural de Coimbra, deu sua vida pela Fé de Christo, e desensa da sua castidade naõ longe do Mosteiro de Cellas. (2)

6 *O Padre Diogo Carvalho*, da Companhia de Jesus, e natural de Coimbra, padeceo em Japaõ com oito Companheiros no anno de 1624. (3)

7 *O Veneravel Fr. Antonio de S. Pedro*, Mercenario, natural de Celorico, foy portento da mortificaçaõ propria nas principaes potencias de juizo, e vontade. Morreo no anno de 1300, e he hum dos servos de Deos, que andaõ na Rota Romana para serem beatificados.

8 *Santa Espinella*, Religiosa de Cister no Mosteiro de Arouca, donde foy natural, e onde se veneraõ suas Reliquias muy milagrosas. (4)

9 *A Beata Feliciana* Virgem, Conega que foy do Convento de S. Joaõ das Donas, contiguo ao de Santa Cruz de Coimbra, e do mesmo Instituto, flo-

---

(1) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag 324. (2) Duarte Nun. Descr. de Port. cap. 50. Corograf. Port. tom. 2. pag. 30. (3) Alegamb. Bibliot. pag. 570. (4) Fr. Luiz dos Anjos pag. 194.

floreceo em grande obſervancia Religioſa, e Deos lhe fez eſpeciaes favores, como foy o de lhe reſponder a huma ſupplica pela boca de hum devoto Crucifixo, e de lhe acreditar a ſua virtude com as prodigioſas maravilhas depois da morte, que foy a 4 de Fevereiro do anno de 1192. (1)

10 *S. Fr. Gil*, da Ordem dos Prégadores, e natural de Vouzella, Biſpado de Viſeu, e da principal Nobreza do Reino. Foy no ſeculo inſigne Doutor em Filoſofia, Medicina, e Nigromancia, que dizem aprendera do demonio, e obteve além de outros beneficios o Arcediagado da terceira Cadeira da Sè de Lisboa, e a Theſouraria na de Coimbra. Depois arrependido, por inſpiraçaõ de Deos tomou o habito da Religiaõ Dominicana, onde com penitencias continuas, e efficazes deprecações à Virgem Maria, alcançou della reſtituirlhe o principe das trevas a cedula, que lhe tinha feito, e aſſinado Fr. Gil para ſer ſeu. Logo dando-ſe a eſtudos de Theologia, em que ſe graduou de Doutor, foy na ſua Religiaõ o primeiro Meſtre de Filoſofia, e Theologia, onde tambem foy Provincial algumas vezes, e Prégador delRey, até que cheyo de merecimentos, e dias, faleceo no Convento de Santarém a 14 de Mayo de 1265. (2)

11 *Santo Hermogio*, tio de S. Payo, e natural de Coimbra, o qual renunciando o Biſpado de Tuy depois de ficar cativo de Mouros na infeliz batalha de Val de Junqueira, em que acompanhou a ElRey D. Ordonho II. acabou ſantamente na ſua primitiva Religiaõ Benedictina da Serra de Labruja perto da

---

(1) Fr Anton. da Purific na Chronolog. Monaſt. Luſit. pag. 30. Fr Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. pag. 171. ſem lhe declarar o nome Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 341. (2) Souſa part. 1 da Chron. de S. Doming. liv 2. cap. 36. Nun. Deſcr. de Portug. cap. 47. Monarq. Luſit. liv. 15. cap. 32. Delrio, Diſq. Magicar. liv. 6. cap. 2. ſect. 3 q 3 e outros, entre os quaes Echard. tom. 1. pag. 241. Script. Ord. Præd. tem por apocryfa a hiſtoria da ſua converſaõ.

da estrada, que vay de Braga para Tuy.

12 *O Padre Mestre Ignacio Martins*, da Companhia de Jesus, e grande gloria da Villa de Gouvea sua patria. Foy o primeiro, que leo Filosofia nos Collegios de Coimbra, e Evora. Teve huma ardente caridade, e zelo da salvaçaõ das almas; hum fervor Apostolico em seus Sermões, e exercicio da doutrina Christã, com que instruio os meninos de Lisboa no espaço de dezaseis annos, acreditando o Ceo com prodigios o seu santo intento. Faleceo com opiniaõ de justo a 8 de Fevereiro de 1598, e jaz no Collegio da Companhia de Coimbra. (1)

13 *A Beata Mafalda*, Infanta de Portugal, filha delRey D. Sancho I., e da Rainha D. Dulce, que supposto casar com ElRey D. Henrique I. de Castella, como o matrimonio se naõ consummou pela nullidade, adquirio o titulo de Virgem prudentissima, dando-se toda aos affectos do Divino Esposo, e a obras de piedade, e Religiaõ, acabando santamente no Mosteiro Cisterciense de Arouca ao primeiro de Mayo de 1256, e conforme o Author do Agiologio Lusitano a 2 de Mayo de 1252. (2)

14 *O Beato Mendo*, Prior de Ribas, Mosteiro antigamente de Conegos Regulares, foy Varaõ de assinalada virtude, e perfeiçaõ Religiosa, e taõ observante, que se lhe mandou gravar na sepultura as especiaes palavras: *Qui nunquam, dum vixit, pedem movit, nisi in obsequium Dei.* Passados mais de quatrocentos annos, porque elle faleceo a 27 de Junho de 1160, lhe mandou abrir a sepultura D. Rodrigo de Mello, Commendatario daquelle Convento no anno de 1565, e se achou o cadaver desfeito, e só os pés estavaõ incorruptos em manifesta confirmaçaõ, de que assim como na vida nunca deraõ passo, se-

(1) Fonseca, Evora glorios. pag. 432 Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 378. (2) Ibid. tom. 3. pag. 37.

ſenaõ em ſerviço de Deos, era bem que ficaſſem livres da corrupçaõ com publico prodigio. (1)

15 *S. Payo, ou Pelagio*; natural, conforme a melhor opiniaõ, da Cidade de Coimbra. (2) Em tenra idade mereceo ſer victima de Chriſto na Cidade de Cordova por Abderramen, Rey Mouro, que o mandou cruelmente atenazar por ſer conſtante na Fé, até que com taõ illuſtre martyrio aſſombrando o mundo, e illuſtrando a Igreja Catholica, foy glorificar a Deos a 26 de Junho do anno de 925, e treze de ſua idade, depois de eſtar cativo tres annos em rigoroſo calabouço.

16 *S. Fr. Payo*, tambem natural de Coimbra, filho primitivo da Religiaõ Dominicana neſte Reino, e ſeu primeiro Prior. Prégou, e doutrinou com grande fruto dos que o ouviaõ, e com grande zelo da honra de Deos. Faleceo na meſma Cidade pelos annos de 1240. A terra da ſua ſepultura fez hum evidente milagre na fundiçaõ de hum ſino, para o qual faltando metal, eſtando o mais derretido para ſe lançar nas formas, creſceo tanto a liquida maſſa, que ſahindo perfeitamente o ſino dos moldes, ainda ſobejaraõ vinte arrobas, e vinte e quatro arrateis. Perſevera hoje eſte ſino em o Convento novo, vendo-ſe nelle o metal arenoſo da miſtura da terra, ſem que por iſſo tenha máo ſonido, antes quando ſe toca, produz hum tom grato, e harmonioſo ao ouvido, e faz trazer à memoria aquelle prodigio. (3)

17 *S. Paſchaſio*, Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra, donde ſe crê foy natural, e que floreceo em illuſtres acçóes de virtude logo nos primeiros ſeculos daquella Religioſa Ordem. (4)

O Bea-

---

(1) Cunha, Hiſtor. de Brag. tom. 2. cap. 107. (2) Monarq. Luſit. liv. 7. cap. 19. Benedict. Luſit. tom. 2. part. 3. cap. 2 § 2. e outros apud Cardoſ. no Agiolog. Luſit. tom. 3. p. 338. (3) Nun. Deſcr. de Portug. c. 54. Souſ. Chronic. de S. Doming. liv. 3. c. 2. Monarq. Luſit. liv. 4. c. 23. (4) Agiolog. Luſit. tom. 2. p. 35.

18 *O Beato Fr. Pedro da Guarda*, Religioso Leigo Franciscano, e natural da mesma Cidade do seu appellido, foy Varaõ de conhecida virtude, e summa caridade, continua oraçaõ, e aspera penitencia. Na sua morte, que foy no Convento de S. Bernardino da Ilha da Madeira a 11 de Fevereiro de 1505, se tocaraõ os sinos per si mesmo, e no anno de 1597 foraõ achadas suas santas Reliquias por divina revelaçaõ, e collocadas pelo Bispo do Funchal D. Luiz Figueiredo de Lemos na Capella mór do seu Convento, pelas quaes obra Deos muitos milagres, naõ sendo pequeno o verem-se continuadas vezes na gruta, em que de ordinario orava, luzes, e resplandores celestiaes. (1)

19 *O Beato Remisol*, Bispo que foy da Sé de Viseu sua patria em tempo dos Suevos. O Ariano Rey Leovigildo o desterrou para introduzir na Dignidade a Sunilla da mesma seita, padecendo o Santo Prelado naquelle degredo tantos trabalhos, que lhe abbreviaraõ a vida, grangeando-lhe porém eterno descanço na patria dos viventes, e perduravel fama na memoria dos homens. (2)

20 *A memoravel Infanta D. Sancha*, filha de D. Reimaõ, Conde de Coimbra, onde esta illustre filha nasceo pelos annos de 1094. A entranhavel devoçaõ, que tinha aos Mysterios da Paixaõ de Christo, a obrigou a peregrinar até Jerusalem, onde esteve sete annos occupada em pios exercicios, e alli recebeo a soberana merce em dia do Espirito Santo de lhe dar fogo novo em sua alampada administrado pelas mãos dos Anjos. De Jerusalem veyo a Roma visitar os santos sepulchros dos Sagrados Apostolos, e voltando para Hespanha, acabou cheya de virtuosos merecimentos no Convento de Espi-

(1) Wading. Annal. tom. 2 ad ann 1268 e tom. 8. ann. 1529 e outros apud Card. s. tom. 1. pag. 412. e tom. 3. pag. 416. (2) Monarq. Lusit. liv. 6. cap. 17.

na, que ella fundou no Biſpado de Placencia. (1)

21 *Santa Teixelina*, patricia Conimbricenſe, que floreceo em tempo dos Godos com fama de ſantidade. (2)

22 *O Santo Rey Wamba*, gloria da antiga Idanha ſua patria, hoje Cidade da Guarda, o qual ſoube unir o valor militar à piedade Chriſtã, authorizando a Omnipotencia Divina com maravilhoſos prodigios as ſuas acções, com as quaes deixou glorioſa memoria, acabando ſantamente a vida no Convento Benedictino de Arlança a 20 de Janeiro.

23 *Santa Xantippe*, natural de Idanha, caſada com Probo, Varaõ illuſtre. Teve a felicidade de hoſpedar em ſua caſa ao Apoſtolo S. Paulo, e receber delle as primeiras luzes da Fé, e depois de obrar grandes milagres, deſcançou em o Senhor. (3)

§. IV.

Santos da Provincia da Eſtremadura.

1 O *Santo Fr. Alvaro de Cordova*, Portuguez, e natural de Lisboa, como tem a verdadeira opiniaõ. (4) De tenra idade paſſou a Caſtella, e lá tomando o habito Dominicano, floreceo em virtude, e notaveis milagres ainda depois de ſua morte, que foy no anno de 1420.

2 *Santo Antonio*, Lisbonenſe, portento de ſantidade, e de prodigios, eterna gloria de Portugal, eſplendor honorifico de Italia, clarim do Evangelho, Arca do Teſtamento, grande dos Menores, ſo-

(1) Fr. Luiz dos Anjos Jardim de Port. pag. 155 (2) Agiolog. Luſitan. tom. 3. pag. 75. (3) Bolland. Continuat. tom. 5. Acta Sanctor. pag. 400. e outros muitos, que allega o Academico Manoel Pereira da Silva Leal nas Memorias da Guarda part. 1. tit. 3. cap. 1. (4) Fr. Luiz de Souſa, Chronic. de S. Doming. part. 1, liv. 5. cap. 13.

ſoberano dos humildes, genito, ſenaõ o primeiro, o mais querido de ſeu Pay o Serafim dos Patriarcas. Naſceo em Lisboa a 15 de Agoſto de 1195, e foy canonizado com grandiſſima ſolemnidade na Cathedral de Eſpoleto por Gregorio IX. a 30 de Mayo de 1232, onze mezes depois de ſeu feliz tranſito, com a ſingular maravilha de ſe repicarem os ſinos em Lisboa ſem induſtria humana no meſmo dia, por cujas acções taõ glorioſas foy ſempre Antonio Santo devotiſſima ſaudade dos Portuguezes; porque ſuppoſto a morte o enterraſſe em Padua, o amor o ſepultou nos corações dos ſeus nacionaes.

3 *O Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ*, com quem ſe honra a Villa de Pombal ſua patria, e a ſagrada Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, de que foy brilhante Aſtro. A' ſua eximia confiança na Providencia de Deos ſe deve a erecçaõ fundamental do Regio Convento de S. Bento de Xabregas, a cujo edificio deu principio com cinco toſtões. Depois de accumular os oitenta annos de vida com preclaras virtudes, pagou o tributo de mortal a 12 de Mayo de 1602.

4 *O Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, natural de Lisboa, que depois de illuſtrar a ſua Religiaõ Dominicana com a doutrina de Meſtre, o Arcebiſpado de Braga com o exemplo de Paſtor, e o Concilio de Trento com o conſelho, e praxe das virtudes, eſpirou aos 16 de Junho de 1592 com evidentes demonſtrações de predeſtinado.

5 *O Veneravel Celio*, tio da glorioſa Virgem, e Martyr Santa Iria, e luſtre da Villa de Thomar, chamada antigamente Nabancia, Abbade do Convento Benedictino, que houve em Santa Maria dos Olivaes. Por divina revelaçaõ deſcubrio, e fez ver no fundo do Tejo defronte de Santarem o glorioſo corpo de Santa Iria ſua ſobrinha com o manifeſto prodigio de ſe afaſtarem as aguas contra a ſua natural corrente. Com o grande augmento de virtudes

foy gozar da Bemaventurança pelos annos de 660, e jaz ſeu corpo na meſma Igreja daquelle antigo Convento, mas ignora-ſe o lugar. (1)

6 *S. Domingos Martins*, decimo quinto Abbade de Alcobaça, cujo inſigne cargo regeo ſete annos com admiravel exemplo, e depois renunciando a Abbadia, ſe retirou à quietaçaõ da ſua cella, onde em continua oraçaõ, e penitencias, e a prerogativa de milagres alcançou huma ſanta, e precioſa morte a 22 de Janeiro de 1302. (2)

7 *Os Santos Martyres Donato, Secundiano, Romulo*, e oitenta e ſeis Companheiros naturaes de Bezelga, territorio de Thomar, padeceraõ alli meſmo pela confiſſaõ da Fé no anno de 145 governando o Imperador Antonino. (3)

8 *Santa Feliciſſima* Virgem, e Martyr, natural de Alcacer do Sal, onde triunfou da tyrannia com ſua mãy, e Gratiliano em 12 de Agoſto de 269, e foraõ ſeus corpos transferidos para a Cidade Caſtellana de Italia, em cujo dia ſaõ feſtejados. (4)

9 *S. Felis* Diacono, e Martyr, natural de Santarem, Arcediago de S. Narciſo Arcebiſpo de Braga, a quem acompanhou ſempre em todas as ſuas funções, e operações Evangelicas até conſeguir com elle a immarceſſivel coroa do martyrio em Girona a 18 de Março do anno de 277 na perſeguiçaõ de Aureliano, e ſeu glorioſo corpo goza a Cidade de Pariz com grande inveja de Portugal. (5)

10 *O Beato Filippe* (que em Italia, por elle ſer pequeno do corpo, chamavaõ *Filippino*) foy natural de Lisboa, e a quem eſcolheo o eſclarecido Santo Antonio, por ſer patricio, para ſeu Companheiro lei-

(1) Monarq. Luſit. liv. 6. cap. 24. Benedict. Luſit. trat. 2. part. 4. cap. 11. Cunha, Hiſtor. de Lisb. part. 1. cap. 28. (2) Brito, Chronic. de Ciſter liv. 3. cap. 22. Monarq. Luſit. liv. 15. cap. 8 (3) Cunha, Catalog. dos Biſp. de Lisb. part. 1. cap. 14. Bened. Luſit. tom. 1. part. 4. trat. 11. cap. 8. Martyrol. Roman. a 17 de Fever. (4) Jardim de Portug. pag. 58. (5) Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 286.

leigo, quando emprendeo a jornada de Marrocos, a qual embaraçada pela divina Providencia, passou a viver angelicamente no Convento de Columbario de Castellania, Cidade de Italia, onde lhe succedeo o feliz transito para a Bemaventurança no primeiro de Mayo de 1290, e descançando alli seu veneravel corpo até o anno de 1349, foy a 25 de Abril transferido para o Convento de S. Marcos no Monte Alcino em occasiaõ, que chovendo incessantemente por todo o caminho em grande abundancia, naõ cahio huma só pinga de agua no feretro das santas Reliquias, nem nas pessoas, que o levavaõ. (1)

11 *O Infante D. Fernando*, grande gloria de todo o Reino, e com especialidade da Villa de Santarem sua patria. Depois de hum rigoroso cativeiro em Féz, Cidade de Berberia, foy gozar da eterna liberdade na Corte celeste entre a jerarquia dos Martyres em 25 de Junho de 1443.

12 *O Veneravel Padre Gonçalo da Silveira*, illustre por nascimento, porque foy filho do primeiro Conde da Sortelha D. Luiz da Silveira, Guarda mór delRey D. Joaõ III., e insigne por virtudes heroicas, com que honrou a Companhia, em que foy professo, engrandeceo Almeirim sua patria, e servio de grande gloria ao Reino, e à Religiaõ, derramando seu nobre sangue por ella em Monomotapa da Ethiopia Oriental a 16 de Março de 1561, aos trinta e seis annos da sua idade, seguindo-se ao seu martyrio gravissimos castigos do Ceo naquelle Imperio. (2)

13 *O Beato Fr. Jeronymo da Cruz*, filho de pays no-

(1) Fr. Marcos de Lisb. Chron. de S. Franc. part. 2. liv. 1. cap. 46. e liv. 5 cap. 19. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 715. e tom. 3. pag. 20. (2) Maffeu, Histor. Ind lib. 16 Franc. Ann. glorios. Soc. Jes. Camões nas Rim. cent. 1. Sonet. 37. em cuja interpretaçaõ naõ atinou o celebre Manoel de Faria seu Commentador,

nobres da Cidade de Lisboa, e luminoſo aſtro da Religiaõ Dominicana. Por obediencia paſſou ao Oriente, e no Reino de Siaõ, exercitando o ſagrado miniſterio de Miſſionario Apoſtolico, foy morto, e alanceado pelos Mouros a 25 de Janeiro de 1566.

14 *S. Joaõ Godo*, inclyto, e glorioſo filho de Santarem, gerado de pays Godos Luſitanos. Em Toledo aprendeo as primeiras letras humanas, e em Conſtantinopla ſe aperfeiçoou nas divinas. Voltando à patria, reduzio ſeus pays à Fé Catholica, e a muitos amigos, e parentes, ſequazes todos da Ariana ſeita, por cuja cauſa o pérfido Rey Leovigildo o deſterrou para Barcelona, onde elle à cuſta de graves perſeguições naõ ceſſou de impugnar fortemente aquella hereſia. Alli fundou o celebre Moſteiro Benedictino de Val-clara, e reſuſcitando à Fé com o novo governo do Chriſtianiſſimo Recaredo, eſte o conſtituio Biſpo de Girona, com o qual Paſtoral officio creſceo geralmente o aproveitamento eſpiritual das ovelhas, até que cheio de avantajados meritos de piedade, e doutrina, paſſou do mundo ao Paraiſo a 6 de Mayo de 621. (1)

15 *O Veneravel Meſtre Joaõ Vicente*, natural de Lisboa, e Fundador da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, chamada dos Loyos, viveo, e morreo com opiniaõ de Santo a 29 de Agoſto de 1463, ouvindo-ſe no ponto, em que eſpirou, muſicas celeſtes, cantando a Antifona: *Euge, ſerve bone, &c.*, e os ſinos todos da Cidade de Lamego, onde ſuccedeo o ſeu tranſito, ſe dobraraõ per ſi. Da ſua ſepultura manou oleo por muito tempo, que curava muitas enfermidades. Teve dom de profecia, e obrou Deos por elle muitos milagres. Fazem delle ho-

---

(1) Baron. tom. 7 ad ann. 584. Monarq. Luſitan. liv. 6. cap. 17. Cunha, Hiſtor Ecleſ de Lisb. part. 1. cap 31. Bened. Luſit. tom. 1. tract 2. part. 5. cap 32 P. Purificaçaõ na Chronolog Monaſtic. pag. 54. e outros apud Barboſ. Bibliot. Luſit. tom. 2 pag. 575.

honorifica mençaõ os Authores abaixo allegados. (1)

16 *O Servo de Deos Fr. Joſeph de Santa Anna*, Religioſo da Obſervancia de S. Franciſco da Provincia dos Algarves, e natural do Lugar dos Francos, Freguezia de S. Silveſtre, termo de Obidos, exercitou em ſua vida virtudes heroicas, e foy adornado de outras ſobrenaturaes. Manifeſtou Deos a predeſtinaçaõ da ſua alma com a morte prodigioſa, que neſta Corte admirámos em 18 de Abril de 1731, continuando até o preſente effeitos milagroſos, que os ſeus devotos experimentaõ. (2)

17 *Santa Iria, ou Eiria* Virgem, e Martyr náſcida de nobres pays na antiga Nabancia, hoje a Villa de Thomar, a qual por conſervaçaõ da ſua pureza alcançou a coroa virginal, e a palma de Martyr a 20 de Outubro do anno de 653, merecendo que o Ceo deſcubriſſe a ſua innocencia com o prodigio de ſe patentear ſeu ſepulchro no fundo do Tejo fabricado pelas mãos dos Anjos. (3)

18 *A Santa Princeza D. Joanna*, filha delRey D. Affonſo V. a quem Deos dotou de perfeições ſem numero até a honrar com a prerogativa de milagres.

19 *S. Narciſo*, odorifera flor do jardim eſpiritual de Santarem, de cuja producçaõ juſtamente ſe gloria eſta inſigne Villa. Foy elle o duodecimo Arcebiſpo de Braga, e em Girona prégando a Fé, e eſtando celebrando Miſſa, foy traſpaſſado com tres penetrantes feridas em 18 de Março de 277, imperando

---

(1) O Chroniſta Santa Maria em diverſas partes, principalmente do cap. 1. até 14. Vaſconcell. na Deſcr. de Portug. pag. 522. Far. na Europ. part. 3. pag. 194. Purific. Chronol. Monaſt. pag. 63. Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 53. nas Advert. Bened. Luſitan. tom. 2. pag. 350. Souſa, Chron. de S. Dom. part. 2 cap. 27. Cunha, Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 2. O Biſpo Jacob Filipp. Thomazino Annal. pag. 1480.
(2) Fr. Jeronym. de Belém na Vida eſpecial deſte Servo de Deos.
(3) Monarq. Luſit. liv. 6. cap. 24. Nunes, Deſcr. de Port. cap. 45. Fr. Luiz dos Anjos pag. 116.

rando Aureliano. He especial Patrono de Girona; Cidade de Catalunha, onde jaz seu incorrupto corpo na Igreja de S. Felis, e he advogado contra a peste, e contra os rayos. (1)

20 *Santo Olympio*, preclaro alumno da Cidade de Lisboa, à qual por muitos titulos se lhe augmenta a gloria em haver gerado tal filho, que na sciencia foy eruditissimo, cujas excellentes obras saõ applaudidas grandemente por Santo Agostinho: na dignidade zelosissimo Arcebispo de Toledo, illustrando com os rayos de sua sciencia, e virtude os Concilios Gangrense, Sardicense, Cordubense, Toletano, e Ariminense, a que assistio: na santidade heroico, de que saõ qualificadas testemunhas S. Gregorio Nazianzeno, Santo Athanasio, Santo Agostinho, Sozomeno, Volaterrano, e outros innumeraveis. Com taõ portentosos merecimentos poz fim a seus dias em 12 de Junho de 360. (2)

21 *O Beato Pedro Negles*, natural de Lisboa, onde teve o seu berço no anno de 1348. He mais conhecido em Italia, que em Portugal, e lá foy assombro da penitencia, e vida eremitica. Deixou de viver no mundo em 15 de Outubro de 1405, para viver na eternidade, enchendo de prodigios continuos o Lugar de Bettona, onde he Patrono. (3)

22 *Santa Silla*, de quem Calcia, mulher de C. Atilio, se fiou para lhe extinguir, e lançar no rio as filhas, que prodigiosamente parira de hum ventre; porém a piedosa Parteira entregando-as ao Santo Prelado Ovidio, para que as bautizasse, mandou criar depois todas nove creaturas por differentes amas Christãs, que com a doutrina, e instrucçaõ

---

(1) Surio tom 4 a 5 de Agosto Padilha. Histor. Eccles. de Hesp. cent. 3 cap. 17. Barreir. Corograf. pag. 137. Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 210. (2) Peres in Chron. ad ann 354. num. 161. e outros apud Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3 pag. 655 (3) D. Joseph Barbosa na Vida especial deste Santo impressa em Lisboa no anno de 1738.

ção Evangelica forão as primeiras, que derramarão o ſeu ſangue virginal pela pureza da Fé, cuja palma conſeguio tambem Silla na mayor perſeguição do gentiliſmo. (1)

23 *O Beato Thadeu*, chamado vulgarmente o Apoſtolo das Canarias, para cujas Ilhas paſſou cheyo de zelo Apoſtolico deſde Lisboa, donde era natural, e profeſſo no Convento Auguſtiniano de Noſſa Senhora da Graça. Dalli paſſou a Berberia, onde prégou a divina palavra aos infieis com grande utilidade delles, e vantagem do Chriſtianiſmo. Em premio de taõ relevantes merecimentos foy gozar da perenne gloria a 8 de Janeiro de 1470. (2)

24 *O Veneravel Fr. Vaſco da Cunha*, natural de Camarate, de illuſtre deſcendencia. Foy o primeiro, que introduzio neſte Reino a Ordem de S. Jeronymo, donde paſſando para Andaluzia, lá reſplandeceo em virtude, e em alguns prodigios, até voar ſeu eſpirito ao eterno deſcanço do Ceo. (3)

25 *S. Veriſſimo*, *Maxima*, *e Julia*, todos tres irmãos, e Luſitanos, os quaes auſentando-ſe da ſua patria com o piedoſo intuito de viſitar em Roma os devotos Santuarios, lá forão aviſados por hum Anjo, que voltaſſem para Lisboa, onde havião de ſer Martyres. Aſſim o executárão, e offerecendo-ſe ao furor dos crueis miniſtros de Daciano, depois que eſtes os mandarão arraſtar pelas ruas publicas, e vingar em ſeus corpos com varios generos de tormentos o odio de Chriſto, os degollarão, e deitarão no mar entre Lisboa, e Almada; e ſem embargo de atarem a todos com grandes pedras para irem ao fundo, immediatamente apparecerão na praya com grande eſpanto dos meſmos tyrannos, onde os Chriſtãos lhes derão ſolemne ſepultura, e ſe lhes erigio depois ſumptuoſo Templo. A Lenda

(1) Vaſconcell. in Deſcript. Luſit. pag. 446 (2) Calvo, Lagrimas dos Juſtos liv. 2. cap. 12. e outros apud Cardoſ. Agiól Luſit. tom. 1. pag. 83. e tom. 3. pag. 254. (3) Purific. Chronol. Monaſtic. pag. 58.

da Igreja de Lisboa faz ſer a eſtes Santos naturaes della, por ſer o anfiteatro de ſua conſtancia, ſendo que a hiſtoria da ſua vida, que de letra Gotica ſe conſerva no archivo das Commendadeiras de Santos, os fazem oriundos de Roma. (1)

§. V.

Santos da Provincia do Alentejo.

1 O *Beato Amadeo*, maravilhoſo heroe da Igreja de Deos, grande reſplandor da illuſtriſſima familia dos Sylvas, e Menezes, filho de Ruy Gomes da Sylva, Alcaide mór de Campo-mayor, e Ouguella, e de D. Iſabel de Menezes, filha do primeiro Conde de Villa-Real, e Capitaõ de Ceuta. Antes de ir para Italia ſe chamava D. Joaõ de Menezes, e com extremado affecto amava dentro dos limites do reſpeito a Infanta D. Leonor, filha delRey D. Duarte, a quem tinha offerecido todos os ſeus penſamentos, explicando a ſua ſympathica veneraçaõ na empreza, que tomou de hum falcaõ volante com a letra: *Ignoto Deo.* Vendo porém, que o objecto do ſeu amor paſſava a differente hemiſferio com os deſpoſorios de Federico III. Imperador de Alemanha, paſſou elle tambem occultamente no anno de 1452 na meſma armada até Roma, onde a vio coroada da maõ do Pontifice Nicoláo IV. Entaõ deſenganado do mundo, e conhecendo quem era Deos, que havia de amar verdadeiramente, tomou o habito de Eremita de S. Jeronymo no Moſteiro de Guadalupe, e alli teve revelaçaõ para ſeguir o Inſtituto Serafico, cujo habito recebeo em Aſſis, onde Deos por ſuas deprecações obrou relevantes maravilhas, pelas quaes era buſ-

(1) Cunha, Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 1. c. 18. num 8. Duarte Nun. Deſcripç. de Portug. cap. 39. Anjos, Jardim de Portug. pag 83.

buſcado, e reverenciado de todos; e porque alcançou de Deos hum filho herdeiro aos Duques de Milaõ, eſtes lhe deraõ ſitio na ſua Cidade, onde fundou o Convento da Paz, dando principio nelle à Congregaçaõ dos Amadeos no anno de 1460. Xiſto IV. o elegeo por ſeu Confeſſor, approvou a ſua Congregaçaõ, ou Reforma, e lhe deu o domicilio de S. Pedro Montorio em Roma para fundar Convento, e alli foy reconhecido por D. Garcia de Menezes, ſeu primo, Biſpo de Evora, que paſſou a Roma por Capitaõ General de huma armada, que ElRey D. Affonſo V. mandava ao Papa para ſoccorrer Otranto. Morto Xiſto IV. ſe paſſou o Beato Amadeo ao Convento da Paz de Milaõ, e alli eſcreveo as ſuas celebres profecias, e depois a 10 de Agoſto de 1482 foy gozar da felicidade eterna, deixando de ſi a opiniaõ, que correſpondia a ſuas heroicas virtudes. Eſtá ſepultado no meyo da Capella mór, ſobre o qual ſepulchro ſe vê a ſua imagem de pedra com rayos na cabeça, aſſim como eſtá pintado em S. Pedro Montorio em Roma, que nós vimos. He de advertir, que Poſſevino o celebra com diverſos nomes, de Amedeo, Amador, Ameoli, e Amodei. Tambem diſcrepaõ, quando lhe aſſinaõ patria; porque huns o fazem natural de Ceuta, outros de Tangere, outros de Lisboa, outros de Campo-mayor, e outros de Evora, opiniaõ, que modernamente ſeguio o Padre Fonſeca na ſua Evora glorioſa. (1)

2 *O Veneravel Fr. Antonio das Chagas*, illuſtre

 eſ-

(1) Wading. Annal. Minor. tom. 6 ad ann. 1482. Torres, Conſuelo de los devot. de la Concepcion liv. 1. cap. 5. Salazar, y Caſtro, Hiſtor. da Caſa Sylva part 2 liv. 6 cap. 4. Nunes, Deſcr. de Port cap. 48. Vaſconcel. in Deſcr. Luſit. pag. 625. Barreir. Corograf. pag. 246. Sever. de Far. no Promptuar. eſpir. pag. 141. Barbos. Bibliot. Luſit tom. 1. Carv. Corograf. Port. tom. 2. pag. 550. Figueiroa, Plaça univerſ. diſc. 3. § 4. num 17. Fonſec. Evora glorioſa n. 422. Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Portug. pag. 322.

eſplendor da Vidigueira ſua patria, onde vio a primeira luz do mundo a 25 de Junho de 1631. Cultivou as letras, as armas, e as virtudes, portandoſe em tudo com engenho, e capacidade taõ ſublime, que de todos os profeſſores he venerado por Meſtre, e exemplar Director da ſalvaçaõ das almas, crendo-ſe piamente, que a ſua eſtá gozando da viſaõ beatifica, ſegundo os merecimentos de ſua vida, que finalizou a 20 de Outubro de 1682 com vinte annos de Religiaõ, e cincoenta e hum de idade. Jaz na Caſa do Capitulo do Seminario de Varatojo, que elle eſtabeleceo para Miſſionarios Apoſtolicos. (1)

3 *Santo Atto*, natural da Cidade de Béja. Sendo Conego, paſſou à Paleſtina a viſitar os Lugares ſagrados, e daqui inſpirado por Deos foy no anno de 1125 profeſſar o Inſtituto Monachal de Vallumbroſa, onde ſe houve com tal exemplo, que vindo a ſer Abbade Geral, conſervou ſempre no primitivo rigor aquella obſervante Religiaõ, por cujas virtudes, e maravilhas Innocencio II. o elegeo Biſpo de Piſtoya em Toſcana no anno de 1133, cuja Dignidade regeo dous annos com evidente utilidade do ſeu rebanho, até que cheyo de merecimentos foy poſſuir o premio da viſaõ beata a 22 de Mayo de 1135. Clemente VIII. concedeo Breve ao Clero de Piſtoya para poderem rezar delle como de Beato por Breve expedido a 24 de Mayo de 1605. (2)

4 *O Veneravel Padre Bautiſta*, e por outro nome *Fernando Alvares*, natural de Evora, foy Meſtre dos filhos de D. Affonſo, primeiro Duque de Bragança, e em Lisboa occupou huma das Cadeiras da Univerſidade, quando aqui reſidia. Excitado da vida Eremitica, paſſou a viver na Serra d'Oſſa,

(1) Barboſ. Bibliot. Luſit. tom. 1. pag. 238. (2) Nicol. Ant. Bibl. Vet. Hiſp. liv. 7. cap. 4. num. 82. Ughell. Ital. Sacr. tom. 3. pag. 359. Ferrar. Catal. Sanctor. Ital. fol. 302. e outros.

ſa, onde Deos lhe fez alguns favores; porém reconhecendo que era do ſeu mayor agrado ſervillo na Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, recebeo a ſanta Murça no Convento de Villar, e proſeguio huma vida taõ obſervante da perfeiçaõ religioſa, que diſcorrendo por todo o Reino, e ſendo incançavel em prégar, nunca aceitou eſmola de Sermaõ, e com elles fez innumeraveis conversões de peccadores. Como era ſummamente prudente, e de grande authoridade, foy por obediencia da ſua Congregaçaõ tratar varios negocios della a Roma, onde lhe chegou a hora ultima de vida, e aſſim a terminou a 12 de Janeiro de 1465, e foy ſeu corpo ſepultado na Igreja de Santa Maria Mayor com grande pompa na ſepultura da Caſa Urſina, cuja nobiliſſima progenie ſempre ſoube eſtimar a virtude. (1)

5 *S. Baraõ*, famoſo Eremita, natural de Mertola, e irmaõ dos Santos Martyres *Briſſos*, e *Barbara.* Retirado em aſpera gruta legua e meya da ſua patria viveo ſolitario em continua contemplaçaõ, e penitencia; e coſtumando nos Sabbados vir a povoado pedir eſmola, ſe repicavaõ os ſinos ſem impulſo humano milagroſamente, como querendo o Ceo manifeſtar por aquelle modo a ſantidade daquelle Anacoreta: e faltando a execuçaõ daquelle prodigio, antes em lugar de repicar dobrando os ſinos, o povo ſuſpeitando a morte do Santo Eremita, correo à ſua cova, e o achou de joelhos com as mãos erguidas, e os olhos no Ceo, para onde tinha voado ſeu eſpirito a 17 de Março do anno de 700 conforme a Chronologia Monaſtica, (2) ou pelos annos de 300 ſegundo o Agiologio Luſitano. (3)

6 *S. Briſſos*, tambem natural de Mertola, e obſervante da meſma vida ſolitaria. S. Jordaõ o tirou

(1) Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 118. Fonſec. Evora glorioſ. num. 430 e 431. (2) Purif. Chron. Monaſt. pag. 128. (3) Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 207.

rou do deſerto, e o ordenou de Sacerdote. Procedeo elle com tal exemplo, que lhe ſuccedeo na Cadeira Epiſcopal; porém em Mertola o Preſidente Marciano, vendo, e examinando quanto o Santo Biſpo abominava os idolos, o mandou açoutar, e quebrarlhe os dentes, e metello no carcere; mas ſuccedendo hum grande terremoto, em que o Preſidente ficou ſepultado nas ruinas, os ſeus miniſtros temeroſos deraõ liberdade ao Santo, que ainda ſobreviveo quatro annos, e no de 312 foy gozar da Bemaventurança. (1)

7 *A memoravel D. Brites, ou Beatriz da Silva*, irmã do Beato Amadeo. Sendo Dama da Rainha D. Iſabel, que de Portugal foy caſar a Caſtella com ElRey D. Joaõ II., era tal a ſua formoſura, que aturdindo a todos, andava a Corte inquieta nas competencias do galanteyo, de que a honeſtiſſima D. Brites ſummamente ſe affligia, vendo que lhe attribuiaõ aquellas deſordens; e muito mais, quando a Rainha, ſem mais crime que a ſua belleza, a mandou prender dentro em hum eſtreito carcere, onde eſteve tres dias, no qual lhe appareceo a Virgem noſſa Senhora, conſolando-a naquella agonia, e fazendo D. Brites diante della voto de caſtidade. Inſtituio depois a Ordem da Conceiçaõ, como deixamos dito no Capitulo 3., e cheya de merecimentos acabou ſeus dias em Toledo a 17 de Agoſto de 1490, e foy viſta em ſua teſta, quando a eſtavaõ ungindo, huma eſtrella de ouro, e huma grande claridade em ſeu roſtro. Jaz ſeu corpo no primeiro Moſteiro da ſua Ordem no Coro em hum arco da parte direita ornada com as imagens de N. Senhora, S. Franciſco, e Santo Antonio ſeus Padroeiros. (2)

A Ve-

---

(1) Fonſca, Evor. glorioſ n. 365 (2) Duarte Nun. Deſcr de Port. c. 49. Fr Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p. 312. Fonſeca, Evor. glorioſ. n 424. Yepes, Avila, e outros apud Maced. Eva, e Ave part. 2, c. 15. n. 27. Fr. Franc. de Bivar na Vida deſta Vener. impreſſa no anno de 1618. Figueir. Plaça univ. pag. 132. n. 18.

8 *A Veneravel Madre Brites da Coluna*, natural de Viana do Alentejo, foy dotada de grande espirito, e virtude. Fundou o Mosteiro de Jesus de Viana, da Ordem de S. Jeronymo, unico neste Reino deste Instituto. Teve revelação da sua morte, e morreo felizmente. Jaz seu corpo no mesmo Mosteiro. (1)

9 *Santa Celerina*, illustrissima Senadora Lusitana, e senhora de grande parte do Alentejo, onde havia nascido, conforme huns na Villa de Sines, e segundo outros na Cidade de Evora, a qual deu honorifica sepultura ao glorioso S. Torpes, quando prodigiosamente aportou em Sines; e sendo notoria sua grande caridade, e religião Christã, foy martyrizada pelos impios ministros de Nero a 17 de Mayo do anno de 263, ou conforme outros Authores na perseguição de Domiciano. (2)

10 *Santa Christeta*, com seus irmãos *Vicente*, e *Sabina* todos tres Eborenses, e todos laureados com a coroa, e a palma do martyrio pelo cruel Daciano em 28 de Outubro de 303 na Cidade de Avila. Suas santas Reliquias forão descubertas prodigiosamente pelo Santo D. Garcia, Abbade de S. Pedro de Arlança em Avila no anno de 1062. (3)

11 *S. Comba*, e *Anonymata*, irmãs, e Martyres em Ourega, ou Tourega, Lugar distante de Evora oito milhas, que na perseguição de Diocleciano pelos annos de 303, e em companhia de outros Santos Martyres, dando a vida por Christo, acreditarão a verdade da Fé, e illustrarão a Igreja. (4)

A vir-

---

(1) Agiol. Lusit. tom. 4. p. 332. (2) Vasæus tom. 1. Chron. Anjos, Jardim de Port. p. 24. Cardos. no Agiol Lusit. tom. 3. p. 293. Fonsec. Evora gloriosa. n 346. Estevaõ de Lis Velho na Vida de S. Torpes n. 56. (3) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p. 79. Agiolog Lusitan. tom. 2. p. 695 Fonsec. Evor. gloriosa. n. 360. Martyr. Rom. a 28 de Outub. Nun. Descr. de Portug. c. 38. (4) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 6. Anjos, Jardim de Portug. p. 57. Fonseca, Evora gloriosa num. 364.

12 *A virtuosa Constança Xira*, e sua irmã *Maria*, grandes servas de Deos, naturaes de Evora, e chamadas de vida pobre, nome, que antigamente se dava às Beatas, ou Emparedadas, as quaes floreceraõ em tanta virtude, que mereceraõ particular culto de Santas, celebrandose-lhe festa na primeira Oitava do Espirito Santo, cuja solemnidade acabou com a publicaçaõ do Concilio Tridentino, e Decretos de Urbano VIII. Foraõ estas duas Beatas as que fundaraõ o Mosteiro Augustiniano de Santa Monica em Evora no anno de 1380. Faleceo esta Serva de Deos a 23 de Março, segundo affirma o Padre Fonseca; (1) porém o Agiologio Lusitano faz memoria della a 30 de Mayo, (2) e a Chronologia Monastica a 31. (3)

13 *O Beato Fr. Domingos da Cuba*, natural da Aldeya de seu mesmo sobrenome, que fica tres leguas distante de Béja, foy discipulo do Patriarca S. Domingos, de cujas mãos recebeo o habito, e o zelo Apostolico; porque no sagrado ministerio do pulpito grangeou muitas almas para Deos, e adquirio tantas esmolas, que pôde fundar em Santarem o Convento da sua Ordem, em que sempre floreceo a virtude nos seus Religiosos. Querendo Deos premiarlhe taõ incançavel trabalho, o levou para o Paraiso celeste pelos annos de 1363. (4)

14 *Santo Elias* Presbytero, e natural de Béja, Martyr em Cordova na perseguiçaõ Mahometana em 17 de Abril do anno de 856. Teve por Chronista das suas proezas, que obrou pela Fé, o famoso Martyr Santo Eulogio. (5)

15 *Santa Guiteria* teve por patrio solar a Villa de

---

(1) Fonseca, Evora glorios. n. 425. (2) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p 453. (3) Purif. Chronolog. Monastic. pag 61. Vide Jardim de Portug. p. 247. (4) Sousa, Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 2. c. 12. Cunha, Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 64. (5) Purific. Chronol. Monastic. pag. 48. Moral. Chron. de Hesp. liv. 14. cap. 24.

de Montemór o Novo, e vivia em huma cova santamente em pouca distancia da Villa; mas na perseguiçaõ do cruel Daciano, depois de padecer varios tormentos pela constancia da Fé de Christo, foy lançada ao rio Canha com huma pedra de moinho ao pescoço pelos annos de 300 pouco mais, ou menos, a qual pedra dizem que apparecera no anno de 1738. (1)

16 *S. Joaõ de Deos*, brilhante Sol de Portugal, e Astro luminoso de Montemór o Novo, em cuja Villa teve o seu feliz nascimento a 25 de Março de 1495, manifestando o Ceo com repiques dos sinos da sua Paroquia movidos pelas mãos dos Anjos a vinda ao mundo de taõ grande Personagem nos olhos de Deos. Depois de varios progressos, e acções de sua vida radicadas em caridade, que lhe grangearaõ sobrenaturaes favores, instituio em Granada a Religiaõ da Hospitalidade; e accumulado de virtudes, merecimentos, e prodigios, foy viver com Christo na celestial morada em 8 de Março de 1550, ennobrecendo a Cidade de Granada com o precioso relicario de seu milagroso corpo. (2)

17 *O Santo Eremita Joaõ Guarim*, de cuja exquisita penitencia, e abalizada santidade vive sempre fresca a memoria nas montanhas de Monserrate em Catalunha.

18 *S. Jordaõ* Bispo, e natural de Evora, e irmaõ das gloriosas Santas Martyres Comba, e Anonymata. Confortou valerosamente a suas irmãs para padecerem o martyrio, e elle a rogos de suas ovelhas, retirando-se à Serra da Espinheira, foy todavia descuberto pelos crueis exploradores de Daciano, e no sitio, onde hoje está a Paroquia de

---

(1) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port. pag. 40. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 335. (2) Vilhegas, Flos Sanctor. Nunes, Descr. de Portug. cap. 57 e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 106. e Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 2. pag. 646.

ſeu nome, foy degollado aos 6 de Agoſto de 305. (1)

19 *S. Juliaõ, Dativo*, e *Vincencio* com outros vinte e ſete Companheiros, dos quaes era Capitaõ S. Juliaõ, inclyto filho da Villa de Moura, triunfaraõ todos pela confiſſaõ da Fé do impio Domiciano em Galiza a 27 de Janeiro do anno de 95. [2]

20 *A Beata Margarida Fernandes*, Terceira Dominicana, natural de Eſtremoz, paſſou a viſitar os Lugares ſantos de Jeruſalem, e depois reſidio em Bolonha com prodigioſa penitencia, e conhecida virtude. Faleceo a 16 de Janeiro de 1540, e jaz ſeu corpo veneravel collocado aos pés de S. Domingos ſeu Patriarca. [3]

21 *A Serva de Deos Maria da Cruz*, da Terceira Ordem Seraſica, e natural da Villa de Olivença, foy de notavel penitencia, e mereceo grandes favores de Deos até acabar ſantamente os ſeus dias no primeiro de Janeiro de 1635. Jaz ſeu corpo na Capella de Santa Iſabel do Convento de S. Franciſco da meſma Villa. [4]

22 *O inclyto, e Veneravel Herbe D. Nuno Alvares Pereira*, Condeſtavel de Portugal, e glorioſa inveja de Elvas, e Portalegre, que ambas o pretendem por filho, naſceo em Junho do anno de 1360, e foy terror dos Caſtelhanos, a quem ganhou dezaſete vitorias em gloria dos Portuguezes. Suas relevantes façanhas iguaes às ſuas heroicas virtudes taõ conhecidas viviráõ eternamente freſcas na memoria dos homens, ainda que deixou de viver na companhia delles deſde o primeiro de Novembro de 1431, em que foy chamado ao premio da Bemaventurança. Jaz ſeu corpo em Lisboa no Convento do Carmo, que edificou. [5] S.

(1) Fonſeca, Evor. glorioſ. num. 364. Cardoſ. Agiolog Luſitan. tom. 3. no primeiro de Mayo let. E. (2) Dextr. ad ann. 95. (3) Souſa na Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres liv. 2. cap. 19. Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 159 (4) Fr. Jeronymo de Belém na Vida eſpecial deſta Serva de Deos. (5) Pereir. Chron. dos Carmelit. tom. 1. num. 1003. Purificaçaõ na Chronol. Monaſt. liv. 2. c. 8.

23 *S. Sisenando* Martyr em Cordova, para onde tinha ido de Béja sua patria a ordenarse de Diacono, e alli padeceo atrocissimos tormentos pelo cruel Abderramen a 16 de Julho. [1]

24 *S. Silvano*, da illustrissima Casa dos Sylvas, Bispo, e Martyr de Gaza na Palestina, onde padeceo no anno de 303. [2] De outro S. Silvano faz mençaõ o allegado Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano pag. 57, que parece ser diverso deste.

§. VI.

Varões insignes em virtude da Provincia, e Reino do Algarve.

1 ALvaro Garcia com outros seis Cavalleiros da Ordem Militar de Santiago, chamados *D. Pedro Rodrigues*, *Mem do Valle*, *Damiaõ Vaz*, *Estevaõ Vasques*, *Valerio de Ora*, e *Garcia Rodrigues*, que no Lugar das Antas, huma legua de Tavira, defenderaõ a Fé de Christo até darem a vida por ella, resistindo valerosamente aos Mouros, em cujos alfanges espiraraõ, e saõ seus corpos venerados na Igreja Matriz de Santa Maria de Tavira, aos quaes commummente chamaõ os Santos Martyres. (3)

2 *A Veneravel Madre Catharina da Conceiçaõ*, natural de Tavira, e de nobilissimos pays, que depois de varios transes da fortuna mereceo receber da propria maõ da Madre Santa Teresa o habito da nova Reforma Carmelitana com o prodigio de que naõ sabendo ler, começou logo a pronunciar excellentemente pelo Breviario o Psalmo *Beatus vir* com grande admiraçaõ dos circunstantes. Depois de ter

Z ii o Ceo

(1) Duarte Nunes, Descripç. de Portug. cap. 42. (2) Martyrolog. Roman. a 4 de Mayo, e outros apud Agiolog. Lusit. tom. 3. pag. 64. (3) Monarq. Lusit. liv. 14. cap. 20. Mariz, Dial. 2. cap. 15. Barbuda, Emprez. Milit. pag. 12. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 631.

o Ceo moſtrado a qualidade de ſua virtude em diverſas maravilhas, que por ſeu reſpeito obrou, acabou em paz no Moſteiro de Ç,aragoça de Aragaõ, e rindo, como havia profetizado a meſma Madre Santa Tereſa. Foy ſeu tranſito a 20 de Fevereiro de 1617. Conſerva-ſe ſeu corpo incorrupto, e as Religioſas em algumas ſolemnidades a aſſentaõ no Coro em cadeira, como ſe eſtivera viva, com huma devota poſtura de mãos, por eſtar o corpo tratavel, e taõ leve, que ſendo grande, poſta em pé, a ſuſtenta hum ſó dedo. (1)

3 *O memoravel Padre Diogo Fernandes*, natural de Faro, Capellaõ da Capella Real, exactiſſimo no Coro, e de grande ſilencio, devoçaõ, e aſſiſtencia. A caridade nelle era tanta, que chegou a dar a propria cama, em que dormia, por cujas virtudes era tido por Varaõ ſanto; e eſta opiniaõ deixou depois de falecer em Lisboa em 6 de Março de 1599. Seu corpo jaz no Moſteiro de Santo Alberto de Carmelitas Deſcalças na Capella de Jeſus, que elle erigio a proprias expenſas. (2)

4 *O Padre Diogo da Madre de Deos*, que tambem teve por berço nacional a Cidade de Faro, floreceo na Ilha de S. Miguel no Valle das Furnas pelos annos de 1614 com procedimento naõ ſó virtuoſo, e exemplar, mas com opiniaõ, e veneraçaõ de Santo, ſendo elle o que inſtituio o Recolhimento junto à Ermida de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ, onde acabou felizmente em 11 de Abril de 1630, e jaz ſeu corpo incorrupto na Capella mór de Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Valle de Cabaços, para onde ſe paſſaraõ os Eremitas ſeus companheiros no anno de 1634 por cauſa do horrendo vulcaõ de fogo, que rebentara no Valle das Furnas. (3)

5 *O Padre Gonçalo Fernandes*, natural de Villa-No-

(1) Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 481. (2) Ibid tom. 2. pag. 63. (3) Ibid. tom. 2. pag. 514. Franc. Affonſo Chaves na Deſcr. da Ilha de S. Miguel pag. 316.

Nova de Portimaõ, ſendo graduado em Theologia paſſou a Madrid no anno de 1616 para tomar o habito na Religiaõ dos Clerigos Menores, e alli floreceo em todas as virtudes com igual emulaçaõ de humas, e outras, e foy tido por Varaõ ſanto, como na ſua feliz morte, que foy a 23 de Janeiro de 1628, ſe confirmou. (1)

6 *O Beato Fr. Gonçalo de Lagos*, natural da Cidade do ſeu meſmo appellido, tomou o habito Auguſtiniano no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa pelos annos de 1389, pouco mais, ou menos. Foy dotado de hum grande eſpirito, e zelo Apoſtolico, e de grande perſuaſaõ no pulpito. Obrou acções verdadeiramente prodigioſas, e cheyo de merecimentos, e virtudes, paſſou deſta vida à eterna aos 15 de Outubro de 1422 em Torres Vedras, cujos moradores o tomaraõ por ſeu Padroeiro. (2)

7 *Fr. Joaõ Bautiſta*, Carmelita Deſcalço, honra da Cidade de Silves, e na ſua Religiaõ o mayor exemplar da penitencia, e modeſtia nos deſertos de Bolarque em Caſtella, e de Buſſaco em Portugal, devendo-lhe eſte o beneficio de plantar por ſua maõ quaſi todos os arvoredos daquella ſanta ſoledade com incançavel trabalho. Naõ contente com eſtes merecimentos, paſſou a Moçambique com o deſignio, e emprego de Miſſionario, que naõ exercitou, porque logo faleceo a 25 de Fevereiro de 1643, deixando de ſi eterna fama correſpondente às ſuas virtudes. (3)

8 *Joaõ Galego*, e *Pero Galego*, pay, e filho, Lavradores, naturaes de Aljezur, aos quaes communicou o Ceo aquella eſpecial virtude curativa, que a Medicina terrena ignora, ſendo por eſſa cauſa continuamente cercado o ſeu alvergue de innumeraveis

---

(1) Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 230. (2) Purific. Chron dos Eremit. de S. Agoſt. liv. 7. tit. 7. (3) Agiol. Luſit. tom. 1. pag. 520.

meraveis enfermos, continuando ainda depois de mortos a acreditar Deos sua virtude com os prodigios, que as suas cabeças veneraveis executaõ, e se conservaõ com suave cheiro. (1)

9 *O penitente Varaõ Fr. Martinho dos Santos*, da santa Provincia da Arrabida, no qual se comprovou bem quanto pódem as repugnancias espirituaes contra as inclinaçóes humanas, fazendo seu corpo hum theatro de continua guerra, em quanto viveo, em que peleijou o espirito contra a carne, mortificando esta com o portentoso jejum, e penitencias, de que recebeo conhecidos augmentos na virtude. Esta recendia tanto, que chegou à noticia da Infanta D. Maria, que o elegeo por seu Confessor. Finalmente completando os dias de vida neste mundo, foy gozar das celestiaes delicias no primeiro de Mayo de 1571, deixando seu corpo no Convento de Santarem acompanhado da memoria de suas virtuosissimas, e exemplares acções. (2)

10 *O Padre Pedro de Sousa*, hum dos primeiros Religiosos dos Clerigos Menores, que se matriculou em Madrid, sendo patricio de Villa-Nova de Portimaõ. Alli floreceo em grandes quilates de perfeiçaõ Religiosa, e Regular observancia, deixando eterna saudade na sua Religiaõ, quando faleceo, que foy a 10 de Junho de 1626.

CA-

(1) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 251. (2) Idem tom. 3. pag. 10.

CAPITULO VI.

Das ſagradas Reliquias mais notaveis, que ſe veneraõ em alguns Santuarios deſte Reino.

1 MUito deve a Igreja Luſitana à providencia de Deos, pois permittio foſſe ella das primeiras de Heſpanha, que ſe enriqueceſſe com o precioſo theſouro dos veneraveis corpos dos Santos. Como Portugal em todo eſte tracto Hiſpanico foy o primeiro Reino, que abraçou a Fé de Chriſto, era juſto que tambem o foſſe na poſſe, e veneraçaõ das ineſtimaveis Reliquias, verdadeiros penhores da eternidade.

2 As do Protomartyr Santo Eſtevaõ foraõ as primeiras, que ſe veneraraõ em toda a univerſal Igreja, e de Jeruſalem enviou, logo que ſe deſcubriraõ, grande porçaõ dellas o ſanto Sacerdote Portuguez Avito à Metropoli de Braga, depoſitando-as nas mãos do Veneravel Paulo Oroſio para as entregar ao Arcebiſpo Balconio. (1) De ſorte, que por meyo da Igreja Bracarenſe vieraõ depois a alcançar as outras, até as de Africa, da precioſidade deſta mina, que repartio com algumas.

3 Augmentou Portugal eſta gloria com outras muitas notaveis Reliquias, que poſſue, eſmerandoſe grandemente no ſeu culto deſde os primitivos tempos da Religiaõ. Aſſim o cremos da ſumma vigilancia,

(1) Surio tom. 4. a 3 de Agoſto. Monarq. Luſitan. liv. 6. cap. 27. Cunha, Hiſtor. de Brag. part. 1. cap. 57. Cardoſ. Agiolog. Luſitan. tom. 3. pag. 710. e 727. D. Sancho Davila, trat. de la Venerac. de las Reliq. liv. 3. cap. 8. Gandara, Triunf. Eccleſ. de Galiza part. 2. liv. 6. cap. 8. Argot. Memor. de Braga tom. 4. pag. 775.

cia, que os Prelados applicaraõ para o ſeu reſguardo, logo que os Barbaros invadiraõ a Luſitania. Determinaraõ zeloſos no primeiro Concilio Bracarenſe a fórma de ſe ſalvarem as ſantas Reliquias, porque os hereges naõ as ultrajaſſem. (1) Depois no terceiro Concilio tambem Bracarenſe evitaraõ hum abuſo de alguns Biſpos, que nas prociſsões, deitando Reliquias ao peſcoço, ſe faziaõ levar em andores aos hombros dos Diaconos. (2)

4 Todo eſte cuidado bem prova a grande devoçaõ, com que em Portugal ſaõ veneradas as precioſas Reliquias com o verdadeiro fim, que he de agradar a Deos, e honrar a ſeus Santos, cujos oſſos, e cinzas, à maneira de fontes ſaudaveis, eſtaõ continuamente derramando beneficios de muitos modos; porque elles curaõ as enfermidades, tiraõ as tentações, affugentaõ as triſtezas, e communicaõ mil bens, porque Chriſto Senhor noſſo aſſiſte nelles, infundindo-lhes ainda ao pó, a que eſtaõ reduzidos, a virtude da gloria, que ſeus eſpiritos participaõ no Ceo. (3)

5 Para dar pois noticia das Reliquias mais notaveis, que exiſtem diſperſas pelo Reino, achámos ſer mais proprio ao noſſo methodo coordenallas, e diſtribuillas pelas terras, onde ſaõ veneradas, que alfabeticamente nomearemos primeiro da maneira ſeguinte.

6 *Abrantes.* Neſta Villa ſe venera na Paroquial Igreja de S. Vicente hum dente deſte glorioſo Martyr, dadiva do ſeu primeiro Alcaide mór, que ſe achou na tomada de Lisboa, donde levando para aquel-

---

(1) Monarq. Luſit. liv. 6. cap. 2. (2) Ibid. cap. 27. (3) Concil. Nicen. action. 3. *Servator noſter Chriſtus fontes ſalutares Sanctorum Reliquias nobis reliquit, multis modis beneficia in debiles fundentes..... atque id per Chriſtum, qui in ipſis habitat*; e S. Gregor. Nazianz. apud Brancat. de Virtut. Theol. tom. 3. pag. 214. *Quorum vel ſola corpora idem poſſunt, quod anima..... Quorum vel ſolùm ſanguinis gutta, atque exigua paſſionis ſigna, idem poſſunt, quod corpora.*

aquella Villa a ſobredita Reliquia, fez edificar a Igreja à honra deſte Santo, e por cujo reſpeito ſe aggregaraõ às armas, ou inſignias deſta Villa os corvos junto das lizes. (1) Ha tradiçaõ, que no lugar, onde eſtá hoje a Capella de Santo Antonio na dita Igreja, jazem ſepultados dous diſcipulos de S. Franciſco, os quaes prégando na dita Villa o Evangelho, morreraõ ſantamente.

6 *Alcacer do Sal.* Em pouca diſtancia deſta Villa, e em ſitio eminente fica o Convento de Santo Antonio de Religioſos Xabreganos, e nelle exiſte hum ineſtimavel theſouro das ſeguintes Reliquias: hum cabello da ſantiſſima barba de Chriſto Senhor noſſo; hum retalho da ſua ſagrada Purpura; algumas particulas do Santo Lenho da Cruz; hum dos trinta dinheiros, porque o aleivoſo diſcipulo vendeo a ſeu Divino Meſtre; leite da Virgem Maria Senhora noſſa; a cabeça de Santa Reſponſa, huma das onze mil Virgens, e a de outra ſua Companheira juntamente com os peitos, e outras muitas Reliquias de outros Santos Martyres, todas encaixilhadas em decentes relicarios de prata, às quaes ſe faz ſolemne feſta na Dominga do Bom Paſtor com Officio duplex, e jubileo concedido por Clemente VII., e confirmado por Paulo III. Foy eſte theſouro dadiva do famoſo Vice-Rey da India D. Pedro Maſcarenhas, que adquirio em Roma, quando lá foy por Embaixador delRey D. Joaõ III. (2)

8 *Alcobaça.* Hum dos Santuarios mais mageſtoſos, e veneraveis, que tem eſte Reino, he o que ſe conſerva no Real Moſteiro de Alcobaça. Occupa huma nobre Capella, cuja porta ſahe para o Cruzeiro, e alli eſtaõ as Reliquias collocadas com toda a decencia, e diſtinçaõ, conforme os titulos, que comprehende.

---

(1) Cardoſ. Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 468. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 187. (2) Cardoſ. Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 684.

No titulo 1. estaõ reliquias da esponja do Senhor, da columna, do santo Sepulchro, da palmeira, que deu tamaras, quando o Senhor hia para o Egypto; da Purpura, que lhe vestiraõ; do Santo Sudario; da Mesa, em que celebrou a Cea com seus Discipulos; e hum pedaço do Santo Lenho.

No titulo 2. contém cabellos da Virgem Maria Senhora nossa, e huma unha sua; dos seus preciosos vestidos; do seu sepulchro; reliquias das onze mil Virgens, e de outras Santas.

No titulo 3. parte de hum braço de S. Sebastiaõ; reliquia de S. Vicente; hum osso de S. Lourenço; outro de S. Braz; hum dedo de S. Felis Martyr; hum dente de S. Christovaõ, e de outros Santos Martyres.

No titulo 4. dos vestidos dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e de outros Apostolos.

No titulo 5. dentes de S. Bernardo, e dos seus vestidos, e de S. Bento; da capa de S. Domingos; hum pedaço do braço de S. Malaquias Bispo, e reliquias de outros Santos Pontifices.

Em hum relicario grande guarnecido de prata estaõ cabellos da Magdalena; hum pedaço da estola, com que foy sepultado S. Bernardo; da mitra de S. Edmundo; da barca, em que veyo o glorioso corpo de S. Vicente; do cilicio de S. Thomás de Cantuaria; hum osso de Santo Alexandre; reliquias de S. Zacharias, pay do Santo Bautista; do habito de S. Francisco; e reliquias das onze mil Virgens.

Em outro relicario triangular estaõ reliquias de S. Malaquias Bispo; de S. Bernardo; de S. Guilherme; hum osso de Santa Maria de Tortosa; e outras mais reliquias.

No relicario do *Agnus Dei* ha reliquias da Coroa de Christo; cabellos de Maria Santissima; ossos de S. Lourenço; hum dente de S. Vicente Mar-

tyr;

tyr; do cilicio de S. Bartholomeu; do prato, em que ſe poz a cabeça do grande Bautiſta quando o degollaraõ; reliquias de Santa Barbara, Santa Agueda, Santa Margarida, S. Braz, S. Marcello, e outros Santos.

No relicario de feitio de arca ſe guardaõ reliquias de Santa Marinha, de S. Jorge, de S. Nicoláo, de S. Gregorio Papa, de S. Cypriano, e de S. Simeaõ; das varas com que açoutaraõ a Chriſto; do ſeu Santo Sudario, e das pedras do monte Calvario. Em outros relicarios ha innumeraveis reliquias, que por naõ terem letreiros, naõ ſe ſabem de quem ſaõ. (1)

Neſte meſmo Convento, e na Caſa do Capitulo jazem os veneraveis oſſos de S. Domingos Martins, decimo quinto Abbade deſta eſclarecida Ordem, entre as mais ſepulturas de outros Abbades ſeus predeceſſores, com o prodigio de que as pedras das ſepulturas dos outros pelo tempo do inverno ſe fazem denegridas em razaõ do ſitio; porém a deſte Santo Abbade permanece alva, por cuja cauſa lhe chamaõ a ſepultura ſanta. (2)

9 *Alenquer*. No Convento de S. Franciſco à parte direita da Capella mór ſe conſerva collocado em hum nicho o corpo do Beato Fr. Zacharias, diſcipulo amado do Patriarca Serafim, cujas veneraveis reliquias foraõ trasladadas para eſte lugar em 11 de Abril de 1611 por conſentimento do Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro, deixando-ſe de fóra algumas reliquias do meſmo Santo, que no ſeu dia, e outros feſtivos ſe expõem à publica veneraçaõ dos fieis, huma das quaes ſe guarda no Oratorio de Santa Catharina da meſma Villa, e outra no peito de huma imagem do Santo, que ſe põem no Altar em correſpondencia de outra de S. Franciſco, a qual

Aa ii moſ-

(1) Fr. Jeronym. Roman. Hiſtor. do Moſteiro de Alcobaça cap. 9.
(2) Monarq. Luſit. liv. 15. cap. 8. Cardoſ. Agiolog. Luſitan. tom. 1. pag. 224.

moſtra no lado hum retalho do habito, com que recebeo as chagas. (1)

10 *Aljezur.* Na Freguezia de Noſſa Senhora da Alva exiſtente neſta Villa do Reino do Algarve ſe veneraõ as cabeças ſantas de dous bemaventurados Lavradores Joaõ Gallego, e Pedro Gallego, pay, e filho, cuja virtude tem Deos confirmado com os continuos milagres, que obra por meyo dellas, eſpecialmente com os feridos de mal contagioſo, e mordidos de cães danados, os quaes concorrem alli com tanta fé, que infallivelmente ſe recolhem utilizados de taõ ſaudavel medicina. (2)

11 *Almoſter*, que diſta de Santarem duas leguas, e ſe illuſtra com o Moſteiro de Religioſas Bernardas, numéra entre as precioſas reliquias, que eſte poſſue, huma grande porçaõ do Santo Lenho; hum dente de S. Bernardo; a cabeça de huma das onze mil Virgens, e reliquias de S. Braz, com outras de varios Santos collocadas em primoroſos relicarios no Altar, que eſtá no Coro. (3)

12 *Amarante.* Venera-ſe neſta Villa o corpo do milagroſo S. Gonçalo, que jaz na Capella mór do ſeu Convento em precioſo tumulo, fechado com grades, e allumiado com perpetuos lumes. Concorre todo o anno, e com eſpecialidade no ſeu dia, grande numero de gente em romaria devota para venerarem taõ ineſtimavel theſouro. (4)

13 *Anſede.* Na Vigairaria Dominicana deſte Couto, que diſta do Porto dez leguas pelo Douro acima, ſe venera eſpecialmente no primeiro de Mayo a cabeça ſanta de hum virtuoſo Conego Regular, chamado D. Giraldo, pela qual obra Deos maravilhas ſem numero nos inficionados de mal contagioſo; e aſſim meſmo toda a peſſoa achacada de dor de coſ-

---

(1) Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 2. p. 508. e tom. 3. p. 61. (2) Idem tom. 2. p. 251. Corograf. Portug. tom. 3. p. 7. (3) Vaſconcel. Hiſtor. de Santar. part. 2. p. 272. (4) Fernand. Milagr. do Roſar. liv. 10. cap. 5. Davila, Tratad. de la Veneracion de las Reliquias p. 296.

coſtas, tocando com ellas na ſepultura do dito Santo, alcança perfeita melhoria. (1)

14 *Arcos de Valdevez.* Na Freguezia de Santa Maria de Grade he venerada no Altar collateral da maõ direita a famoſa Reliquia do Santo Lenho da mayor grandeza, que ſe ſabe haver no Reino. He viſitada de muita romagem todo o anno, e particularmente em 3 de Mayo, 8 de Setembro, dia da Aſcenſaõ, e na primeira Oitava do Eſpirito Santo. (2)

15 *Arganil.* Junto a eſta Villa no antigo Moſteiro de S. Pedro de Folques de Conegos Regulares ſe conſerva em cofre com muita veneraçaõ a cana da perna de hum dos primeiros Priores deſte Convento, chamado Goldrofe, o qual floreceo em virtude no tempo, que os Mouros dominaraõ Heſpanha. Concorre muita gente veſpera de Noſſa Senhora de Setembro a viſitar eſta Reliquia. (3)

16 *Ariz.* Na Freguezia de S. Martinho deſte Lugar, que fica no Concelho de Bem-viver, Biſpado do Porto, ſe conſervaõ muitas reliquias notaveis, a ſaber: huma boa porçaõ do Santo Lenho; parte de hum eſpinho da coroa de Chriſto; parte de huma vara, com que foy açoutado; do Santo Sudario; leite da puriſſima Virgem; oſſos dos Apoſtolos S. Bartholomeu, Santo André, Santiago Menor, S. Mathias, e de outros Santos, que todas ſe feſtejaõ aos 3 de Mayo. (4)

17 *Arouca.* No Conveuto de S. Bernardo ſe guarda huma Cruz do Santo Lenho, que foy da Rainha D. Mafalda, que na atteſtaçaõ confeſſa tinha ſido da Rainha Santa Elena. Tambem ſe guarda o queixo de S. Braz com tres dentes, e hum dente de S. Pe-

(1) Souſa, Chronic. de S. Doming. part. 3. liv. 6. cap. 2. (2) Monarq. Luſitan. liv. 9. cap. 16. Agiol. Luſit. tom. 3. pag. 54. Corograf. Portug. tom. 1. p. 227. (3) Agiolog. Luſit. tom. 1. p. 341. (4) Ibid. tom. 3. p. 45. Corogr. Portug. tom. 1. p. 398.

Pedro, e o corpo da ſoberana Infanta D. Mafalda, filha delRey D. Sancho I. (1)

18 *Aveiro.* No Moſteiro de Jeſus da Ordem Dominicana ſe conſerva o dedo polegar de S. Pantaleaõ Martyr; e em ſepultura honorifica o corpo da Princeza de Portugal Santa Joanna, filha delRey D. Affonſo V. Na meſma Cidade, e no Convento de Carmelitas Deſcalços exiſte com devida veneraçaõ huma particula do Santo Lenho, e hum grande retalho do eſcapulario da glorioſa Santa Tereſa. (2)

19 *Aviz.* No Convento dos Freires ſe conſervaõ reliquias de Santo Urbano, Aniceto, Fabiaõ, Bonifacio, Martinho, Patricio, Manilino, Julio, Sergio, Theodoro, e de outros Santos Martyres, que trouxe de Roma no anno de 1601 Fr. Damiaõ Vaz da Matta. (3)

20 *Baſto.* Venera-ſe no Benedictino Convento de Baſto o glorioſo corpo de Santa Senhorinha, ou Senorina, entre o de S. Gervaz ſeu irmaõ, e o de Santa Godinha ſua tia Abbadeſſa.

21 *Belém.* No magnifico, e Regio Convento de Belém entre as muitas reliquias, de que eſtá de poſſe, he venerada a cabeça de Santa Priſca Romana Virgem, e Martyr, e ſe feſteja a 18 de Janeiro. (4)

22 *Belver.* Por couſa prodigioſa ſe reputa a conſervaçaõ das ſagradas Reliquias, que na Ermida de S. Braz dentro do Caſtello deſta Villa depoſitou o devoto Infante D. Luiz, filho delRey D. Manoel, as quaes dentro em hum cofre vieraõ pelo Tejo abaixo; e ſendo em differentes tempos levadas para a Igreja Matriz da dita Villa, tornaraõ milagroſamente para o meſmo ſitio, onde ſaõ veneradas pelos

---

(1) Monarq. Luſit. liv. 15. cap. 20. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 26. (2) Corogr. Portug. tom. 2. p. 104. (3) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 1. p. 139. (4) Ibid. tom. 1. p. 178.

los fieis, que alli concorrem quatro vezes no anno, a ſaber: nas Feſtas da Santa Cruz de Mayo, e Setembro, Quinta feira mayor, e dia de S. Braz. As precioſas Reliquias ſaõ eſtas: parte do ſanto Preſepio, em que Chriſto Senhor noſſo naſceo; parte da Meſa, em que inſtituio o Santiſſimo Sacramento; hum pedaço do Santo Lenho, e do Santo Sudario, e porçaõ da terra do monte Calvario; hum vaſo de marfim do feitio de huma caixa grande de hoſtias, em que a Santa Magdalena levou o odoriſero balſamo, com que ungio os ſacroſantos pés do Redemptor do mundo; gotas do virginal leite de Maria Santiſſima; hum de ſeus precioſiſſimos cabellos; bocadinhos daquella pedra, em que deſcançou no caminho do Egypto, e terra de ſeu glorioſo ſepulchro; reliquias de S. Joſeph, de S. Joaõ Bautiſta, e dos Santos Innocentes; da ſepultura de Lazaro; cabellos da Santa Magdalena; da anfora de S. Paulo Apoſtolo; do cilicio de S. Thomé; da pelle de S. Bartholomeu, oſſos de Santo Eſtevaõ, de S. Sebaſtiaõ, de Santo Arcadio, e de S. Cyriaco; o dedo index da maõ direita de S. Braz, carne de Santo Antaõ, e de Santo Arſenio; da cabeça de Santo Albino; reliquias de Santa Margarida, de S. Salvador Monge, da capa de S. Domingos, e outras de varios Santos. (1)

23 *Bemfica.* No grandioſo, e obſervante Convento da Familia Dominicana no ſitio de Bemfica quaſi huma legua de Lisboa, na eſtrada que vay para Cintra, exiſte hum dedo do Angelico Doutor S. Thomaz de Aquino, dadiva do glorioſo Santo Antonino de Florença, que no dia do Santo ſe expôem à veneraçaõ publica dentro de hum relicario de cryſtal guarnecido de prata em fórma pyramidal. (2)

24 *Bombarral*, Lugar do termo de Obidos. Venera-ſe

(1) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 332. Santuar. Marian. tom. 3. p. 415.
(2) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 48.

nera-ſe na Freguezia de S. Braz a ſanta cabeça, que dizem ſer de hum ditoſo Lavrador, a qual em certos dias feſtivos do anno ſe expõem publicamente, como infallivel remedio ao gado doente daquelles contornos, obrando o Ceo evidentes maravilhas em confirmaçaõ da virtude deſta ſanta Reliquia. (1)

25 *Braga.* Entre o riquiſſimo Santuario, com que ſe orna, e engrandece a ſanta Sé de Braga, tem principal lugar o veneravel corpo de S. Pedro de Rates, o qual da Igreja de ſeu nome foy trasladado a 17 de Outubro de 1552 pelo Arcebiſpo D. Fr. Balthazar Limpo, e levado à Sé, onde jaz em tumulo decente, ficando de fóra a veneravel cabeça encaſtoada em prata, que ſe conſerva com as mais Reliquias. (2) Aqui meſmo permanece o eſtimavel corpo de S. Jacobo Interciſo, Perſiano de naçaõ, que trouxe de Roma D. Mauricio Burdino, que depois obteve a Dignidade Primacial deſta Metropole. Eſtando eſte ſagrado penhor muitos annos occulto, o ſempre memoravel Arcebiſpo D. Agoſtinho de Caſtro por ſuas diligencias, e deprecações ao Ceo o deſcubrio em hum cofre chapeado de prata, o qual aberto, mandou depoſitar o ſanto corpo em particular tumulo na Capella do Eſpirito Santo no anno de 1606, cuja trasladaçaõ celebra a Igreja de Braga com Officio particular a 12 de Mayo. (3) Na meſma Igreja ſe conſerva o milagroſo corpo de Santo Ovidio, ſeu terceiro Arcebiſpo, o qual da antiga ſepultura, em que jazia com menos decencia, o trasladou no anno de 1527 o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa para hum bem lavrado tumulo de pedra, que fez collocar na parede do Cruzeiro elevado da terra dous covados, ſobre o qual ſe vê a Imagem do proprio Santo, de que muitos fieis ſe valem, como efficaz remedio para as dores de ouvidos,

---

(1) Agiol. Luſit. p. 333. (2) Ibid. tom. 2. p. 727. (3) Cunha, Hiſtor. Eccleſ. de Braga part. 2. cap. 10. e 90. Nunes, Deſcr. de Portug. cap. 75.

vidos, chegando a cabeça para esse effeito ao marmore da mesma sepultura. (1) Possue mais o glorioso corpo do insigne Prelado S. Martinho de Dume, o qual falecendo pelos annos de 583, e sepultado no Mosteiro de Dume, que elle edificara, com a invasaõ dos Mouros se occultou a memoria do lugar, em que jazia, até que passados oitocentos e setenta e sete annos; por diligencias do piissimo Primaz D. Agostinho de Castro, e quasi por divina revelaçaõ foy descuberto a 5 de Fevereiro de 1591, e collocado a 22 de Outubro, onde agora se venera. (2) Possue mais hum braço do Martyr S. Vicente, Patrono de Lisboa, que no anno de 1176 foy alli collocado pelo inclyto Prelado D. Godinho. Existe mais na Capella de S. Thomaz desta Cathedral o veneravel corpo de S. Lourenço de boa memoria; (3) mais hum espinho da Coroa de Christo; gotas do candido leite de Maria purissima; hum braço do Evangelista S. Lucas; algumas Cruzes formadas do Santo Lenho; e as milagrosas cadeyas do glorioso S. Giraldo. (4) Junto aos muros da mesma Cidade na Igreja de S. Joaõ Marcos he tambem venerado o corpo deste glorioso Santo, que os Martyrologios fazem Discipulo de Christo, e primo de S. Barnabé. (5) Na mesma Cidade, e Convento Augustiniano, e Collegio de Nossa Senhora do Populo estaõ reliquias da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Susana; (6) e na antiquissima Igreja de S. Victor, ou Vitouro, o corpo deste invicto Martyr. (7)

26 *Castello branco.* No Convento de Santo Antonio de Piedosos se venera huma notavel porçaõ do Santo Lenho, e a milagrosa cabeça de huma das on-

---

(1) Vasconcel. in Descript Lusit. p. 441. e 559. (2) Monarq. Lusit. liv. 6 cap. 18. Benedict. Lusit. tom 1 p. 367. (3) Corograf. Port. tom. 1. p. 177. (4) Cunha, Hist. de Brag. part 2 cap 7. e 56. Benedict. Lusit. tom. 2 p. 302. (5) Ferrar. Catalog. Sanctor. fol. 221. (6) Fr. Luiz dos Anjos, Jardim de Port. p. 32. (7) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 529.

ze mil Virgens em primoroſo relicario com letras authenticas de Ottho Turches de Velarbuch, Cardeal de Auguſta, em que teſtifica ſer eſta ſanta cabeça extrahida da aurea Camera de Santa Cecilia de Colonia. Trouxe-a de Roma D. Fernando de Menezes, Padroeiro deſte Convento, onde a collocou. (1)

27 *Cazevel.* Na Paroquial Igreja de S. Joaõ Bautiſta deſta Villa no Arcebiſpado de Evora ſe conſerva a veneravel cabeça de S. Fabiaõ Papa, e Martyr, a qual ſe expõem à publica veneraçaõ dos fieis em hum dos Domingos de Agoſto, e nas primeiras Oitavas das tres Paſcoas. (2)

28 *Chelas.* Conſerva-ſe no Moſteiro de Conegas Regulares fundado neſte ſitio, que fica nos ſuburbios de Lisboa, hum grande numero de reliquias dos Santos Martyres, Felis, Adriaõ, Natalia, com vinte e tres Companheiros, que todos padeceraõ glorioſo martyrio em Nicomedia de Bithynia pelos annos de 306. A hiſtoria da trasladaçaõ deſtas ſagradas reliquias póde-ſe ver mais extenſamente nos Authores abaixo allegados. (3)

29 *Cete.* Na Freguezia de S. Pedro, que fica na Comarca Eccleſiaſtica de Pena-fiel, do Biſpado do Porto, ſe venera do Santo Lenho huma boa porçaõ, e ſe feſteja a 3 de Mayo, aonde concorrem quaſi vinte mil peſſoas em romaria. (4)

30 *Coimbra.* Poſſue eſta antiquiſſima, e nobre Cidade hum theſouro riquiſſimo de reliquias notaveis, eſpecialmente no Convento de Santa Cruz, onde além dos veneraveis corpos dos Santos Martyres de Marrocos, chamados Berardo, Pedro, Acurſio, Adjuto, e Ottho, primicias, que a Religiaõ

---

(1) Monforte, Chronic. da Provinc. da Piedade liv. 3. cap. 46
(2) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 1. p. 196. (3) Idem p. 140. e tom. 2. p. 46. e tom. 4. p. 395. Fr. Lucas na Malta Portug. liv. 2. cap. 7. n. 77 (4) Agiol. Luſit. tom. 3. p. 54. Purificaç. Chron. dos Eremit. de S. Agoſt. part. 3.

giaõ Serafica offereceo ao Ceo; o corpo de S. Vidal, de Santa Comba, de S. Theotonio, do Santo Rey D. Affonſo Henriques, tambem conſerva reliquias da tunica inconſutil de Chriſto; da columma em que foy atado; da meſa em que ceou com ſeus Diſcipulos; da pedra do ſanto Sepulchro; da pedra em que foy arvorada a Cruz no Calvario; da pedra ſobre a qual chorou Chriſto Senhor noſſo à viſta de Jeruſalem; da terra, ſobre que cahio ſeu precioſo ſangue, quando ſuou no Horto; hum eſpinho da Coroa do Senhor encaſtoado em outra de ouro da meſma grandeza, como a que foy cravada na ſacroſanta cabeça do Redemptor; outros dous eſpinhos tirados do meſmo eſpinheiro, donde ſe arrancaraõ aquelles, de que ſe teceo a Coroa; huma Cruz de prata, que contém hum pedaço do Santo Lenho. Ha tambem reliquias dos veſtidos da Virgem; de ſeu ſantiſſimo leite; da Caſa ſanta do Loreto; a cabeça de S. Palmacio; oſſos de S. Sebaſtiaõ; hum braço, e hum dente de S. Vicente Martyr; dous oſſos de S. Juliaõ Martyr; dous oſſos de Santo Antaõ; a cabeça de S. Claudio Martyr; e grande parte da de S. Braz; reliquia de Santo Antonio; de S. Joaõ Bautiſta; grande parte do eſpinhaço de S. Jorge; e outras muitas, de que ha livro impreſſo. (1)

No Collegio dos Monges Benedictinos ſe venera huma notavel reliquia do Patriarca S. Bento, pela qual obra Deos muitos prodigios. (2)

No Collegio da Companhia de Jeſus exiſtem reliquias notaveis, de que ſe reza, a ſaber: de Santo Ireneo, S. Candido, S. Theotonio, primeiro Prior do Convento de Santa Cruz, Santo Antonino, S. Coulizio, S. Alizandro, Santa Celeſtina, S. Rufino; S. Bento, S. Donato, S. Dionyſio,

(1) Fr. Jeronym. Roman. Hiſtor. de S. Cruz de Coimbr. cap. 9. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 147. Corograf. Port. tom. 2. p. . . (2) Benedict. Luſit. tom. 2. p. 441.

S. Martinho, S. Julizio, Santa Honorata, S. Conſtantino, Santa Juſtina, Santa Innocencia, Santa Baſilea, S. Timotheo, S. Pacifico, Santo Eleutherio, S. Quirino, S. Juſtino, S. Leoncio, Santo Acolano, S. Fauſtino, e ſeus Companheiros, S. Laurentino, Santa Luzia, S. Coronato, S. Zenaõ, Santa Rufina, S. Verino, Santo Evagrio, S. Maximo, Santa Urſula, e ſuas Companheiras, Santa Victoria; S. Saturnino, Santos Martyres de Treveris, e os mais delles quaſi todos Martyres.

No Moſteiro de Santa Clara he venerado o incorrupto corpo da Santa Iſabel, Rainha de Portugal, que no infauſto dia da ſempre lamentavel perda delRey D. Sebaſtiaõ ſe cubrio de copioſo ſuor.

31 *Conſtantim.* Na Freguezia de Santa Maria Magdalena deſte Lugar, que fica no termo de Villa-Real, ſe conſerva, e venera além do corpo, e cabeça de S. Fructuoſo Gonçalves, Abbade que foy da meſma Igreja, huma particula do ſagrado Lenho; outra do ſanto Sepulchro de Chriſto; da ſua inconſutil tunica; do Paõ da Cea; leite da Virgem immaculada, e de ſeu precioſo cingulo; oſſos de S. Pedro Apoſtolo; carne de S. Bartholomeu; oſſos de S. Lourenço, e de S. Braz, e das onze mil Virgens, cujas precioſas reliquias trouxe de Roma o meſmo S. Fructuoſo. (1)

32 *Evora.* He venerado religioſamente na Santa Sé Metropolitana hum braço do glorioſo Martyr S. Manços, primeiro Apoſtolo deſta Provincia, cuja ſagrada reliquia foy alli collocada pelo Arcebiſpo D. Theotonio de Bragança no anno de 1592, fazendo-a transferir do Real Moſteiro de Sahagum, onde jaz o veneravel corpo. (2)

Na meſma Cidade, e na ſumptuoſa Cartuxa de *Scala Cœli* entre outras veneraveis reliquias he reverenciada

(1) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 2. p. 607. Corograf Port. tom. 1. p. 519. (2) Bened. Luſit. tom. 1. p. 451. Agiol. Luſit. tom. 3. pag. 350. Fonſeca, Evora glorioſ. n. 344.

verenciada a cabeça de Santo Erasmo, Bispo, e Martyr de Antioquia, a qual foy aqui depositada pelo seu Fundador o Arcebispo D. Theotonio de Bragança, e da qual reza a Ordem solemnemente a 8 de Novembro. (1)

No Collegio da Companhia existem as seguintes reliquias todas notaveis, de que se reza: de S. Vital, Santa Clara, Santa Clemencia, S. Pio, Santo Emiliano, S. Marcellino, S. Justo, Santo Innocencio, S. Lucillo, Santa Celestina, S. Firmo, Santa Perpetua, Santa Lucilla, S. Basileu, S. Felis, S. Bento, S. Castulo, S. Victorino, S. Crescencio, Santo Emerito, S. Conciano, S. Nominando, S. Cesario, S. Vicente, S. Luciniano, S. Serviliano, S. Peregrino, S. Celestino, S. Justino, S. Vito, Santo Albano, S. Celso, Santo Antonino, S. Columbano, Santa Felicissima, alguns dos Santos Martyres Thebeos, e de Treveris, Santa Ursula, e suas Companheiras, Santa Lucida, S. Theofilo, S. Clemente, S. Bajulo, quasi todos Martyres.

Na Sacristia dos Carmelitas Descalços entre as muitas reliquias de hum rico Santuario, que possuem, he venerada a cabeça de Santo Apollonio Martyr, e a de S. Lucio, Discipulo de Christo, dadiva do Arcebispo D. Joseph de Mello, que trouxe de Roma, e depositou alli no anno de 1609. (2)

33 *Guarda.* No Mosteiro de Santa Clara se guardaõ dous espinhos da Coroa de Christo, e o corpo de S. Pancracio, cuja estimavel reliquia alcançou em Roma o Padre Francisco Saraiva, Secretario do Arcebispo D. Joseph de Mello, Agente naquella Curia dos negocios de Portugal, e a 10 de Março de 1614 a offereceo, e depositou neste Mosteiro juntamente com as reliquias dos Santos Rustico, Vital,

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 505. (2) Ibid. tom. 1. p. 622.

tal, Antigonio, Nicoláo, Satyro, Claro, e outros Martyres. (1)

34 *Guimarães.* Ennobrece grandemente esta Villa o estimavel thesouro de reliquias, que se conserva no Convento de S. Domingos depositadas pelo Beato Fr. Lourenço Mendes, a quem as havia entregado prodigiosamente hum Anjo, declarandolhe como naquella hora tendo destruido os infieis a Cidade de Antioquia, salvara por mandado de Deos aquellas santas Reliquias, para naõ padecerem o desprezo dos hereges, e tivessem culto devido no seu Convento. Eraõ ellas as seguintes: parte do Santo Lenho; das faxas, e mantilhas, com que Maria Santissima envolveo seu amado Filho; huma pedra do Sepulchro de Christo, e outra donde subio glorioso ao Ceo; do véo de Nossa Senhora; ossos dos Santos Apostolos; do manná que se achou no sepulchro de S. Joaõ Evangelista; da vara de Moysés; reliquias dos Santos Innocentes, e de muitos Santos Martyres, Confessores, e Virgens, cujos sacros despojos se collocaraõ no anno de 1415 no formoso retabulo, onde presentemente se veneraõ, ficando de fóra huma das mais insignes, que he o coraçaõ de Santo Ignacio, Bispo de Antioquia, no qual depois de morto se achou gravado com letras de ouro o Santissimo Nome de Jesus. (2) Na Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira se conserva hum pedaço do Santo Lenho, leite da Virgem Maria Senhora nossa, huma massaroca da mesma Senhora, hum tornozelo do pé de S. Torcato, ossos de S. Pedro Martyr, e outras reliquias. (3)

35 *Lamego.* Na Igreja de Reriz se venera o corpo daquelle Santo Eremita Vigildo Pires de Almidra, ou Almeida, a quem muitos chamaõ Magayo, que por mandado de Deos animou ao invencivel, e San-

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 71. e 213. (2) Ibid. tom. 3. p. 236. (3) Corogr. Port. tom. 1. p. 32.

Santo Rey D. Affonſo Henriques a noite antecedente à famoſa batalha do Campo de Ourique, annunciando-lhe juntamente a victoria, que conſeguio.

36 *Leſſa.* Junto do Porto na Igreja da Ordem Militar de Malta he venerado o corpo do ſeu Ballio o Beato D. Garcia Martins, o qual havendo quaſi trezentos annos, que eſtava ſepultado, foy achado inteiro. (1)

37 *Lisboa.* Na Santa Igreja Patriarcal ſe depoſitou no anno de 1743 em primoroſo Santuario hum copioſo, e ineſtimavel theſouro de notaveis Reliquias, as quaes nos dias de mayor feſtividade ſe expunhaõ à publica veneraçaõ.

Na Baſilica de Santa Maria, antiga Metropole de Lisboa, deſcançava honorificamente na Capella mór o glorioſo corpo do inclyto Martyr S. Vicente, para onde foy trasladado do Promontorio Sacro, onde eſtivera muitos ſeculos occultos, e por zelo do preclariſſimo, e Santo Rey D. Affonſo Henriques deſcuberto, e transferido a 15 de Setembro de 1173. (2) Aqui meſmo permanecem humas limitadas memorias, que o eſclarecido Thaumaturgo Santo Antonio nos deixou: tal he a Pia, em que foy bautizado, a qual exiſte debaixo de hum arco à maõ eſquerda da porta principal com o ſeguinte diſtico aberto em jaſpe negro:

Hic ſacris luſtratus aquis Antonius orbem
Luce beat, Paduam corpore, mente polum.

Tambem na eſcada do Coro exiſte, e ſe venera huma Cruz, que o Santo abrio com o dedo na dureza da pedra para affugentar o demonio tentador.

Na Igreja, *e Caſa do meſmo Santo Antonio* ſe guarda em cofre de prata dourado hum pedaço do caſco ainda com cabello do circilo do Santo, que o Infante

(1) Agiol. Luſit. tom. 3. no primeiro de Mayo. (2) Ibid. tom. 4. a 15 de Setemb. Yañes, Eſpaña en la S. Biblia tom. 2. c. 26. n. 36.

ſante D. Pedro ; filho delRey D. Joaõ I. alcançou de Padua. Tambem ſe guarda hum dedo do proprio, e glorioſo Lisbonenſe , que no anno de 1610 conſeguio da Republica de Veneza a Rainha D. Margarida de Auſtria , mulher de Filippe III. (1)

Na Paroquial Igreja de Santa Juſta era venerado o caſco de huma das onze mil Virgens , dadiva da Serva de Deos Anna Maria da Conceiçaõ , Terceirá Carmelitana. Tambem exiſtia huma reliquia da glorioſa Santa Barbara ; que deu o Eminentiſſimo Senhor Cardeal da Cunha no anno de 1744.

Na Freguezia de Santa Cruz do Caſtello ha huma porçaõ do Santo Lenho.

Na Freguezia de Santo André entre outras reliquias ſe guarda em precioſo cofre huma do Apoſtolo Padroeiro deſta Igreja.

Na Paroquial de Santo Eſtevaõ exiſte huma notavel reliquia deſte Santo dentro de huma ambula de prata dourada , e della rezaõ os Beneficiados com Officio duplex.

Na Paroquial de S. Mamede he venerado hum eſpinho da Coroa de Chriſto Senhor noſſo , ao qual ſe faz ſolemne feſta em dia da Circumciſaõ , e Invençaõ da Cruz.

Na Freguezia de Santa Engracia na Ermida de S. Pedro de Alcantara exiſte o corpo de S. Celeſtino Martyr , que com outras reliquias depoſitou alli o Doutor Gaſpar de Abreu de Freitas no anno de 1676 , as quaes adquirio em Roma.

Na Paroquial Igreja de S. Chriſtovaõ ſe venera o caſco deſte Santo , que com huma reliquia de S. Marcos ſe vê incluſo no meſmo cofre.

Na Freguezia de S. Sebaſtiaõ da Pedreira ha hum oſſo deſte glorioſo Martyr.

Na Paroquial Igreja de S. Juliaõ entre outras reliquias

(1) Soares da Silva , Memor. delRey D. Joaõ I. tom. 1. p. 317. Souſa no Agiol. Luſit. tom. 4. p. 678.

liquias he o casco inteiro de S. Bartholomeu na Capella do mesmo Santo com duas canas inteiras do mesmo Santo, dadiva da Rainha D. Leonor, terceira mulher delRey D. Manoel. Tambem se guarda com estimaçaõ huma custodia do primeiro ouro da mina, que deu para esta Freguezia o mesmo Rey D. Manoel.

Na Paroquial Igreja do Santissimo Sacramento era venerado com toda a decencia o corpo inteiro do glorioso Martyr S. Basilio, estimavel prenda, que fez aqui depositar no anno de 1745 Manoel de Sande de Vasconcellos, Thesoureiro mór da Junta dos Tres Estados, mas pereceo com o incendio.

Na Casa do Despacho da Santa Igreja da Misericordia se guardava desde o anno de 1554 huma cana do braço com a maõ até o cotovelo da gloriosa Santa Anna, Mãy da Virgem Maria nossa Senhora, engastada em prata, pela qual obrava Deos muitos prodigios.

No Convento dos Religiosos Carmelitas Calçados se conservava hum grande thesouro de muito notaveis Reliquias. Em todo o vaõ do Altar, que estava no Coro alto, estavaõ as seguintes: huma Cruz formada da taboa, em que o Senhor ceou; dentro desta Cruz estava outra do Santo Lenho, e nos lados partes do ferro da lança, e da esponja; mais cinco reliquias do Santo Lenho juntas com particulas do berço do Menino Jesus; da aspa de Santo André; da lança do Apostolo S. Thomé; do leito em que S. Joseph faleceo; cabellos do Menino Jesus, e de Nossa Senhora, e de Santa Isabel Rainha de Portugal, e de S. Joaõ Evangelista, e de Santa Joanna Infanta Portugueza, e de Santa Catharina, e de Santa Iria, e de Santa Agueda, e de Santa Rosa de Viterbo, e de Santa Maria Magdalena; hum espinho da Coroa do Senhor com sinaes de sangue; parte da corda, com que o Senhor foy prezo; huma ponta das varas, com que açoutaraõ ao Senhor;

parte da cinta , ou toalha , com que cubriraõ a deſnudez de Chriſto na Cruz com ſinaes de ſangue ; parte da camizinha do Menino Jeſus ; parte da beatilha de Noſſa Senhora ; parte da taboa , em que ſe entalharaõ as letras do titulo da Cruz de Chriſto ; parte da haſte da lança , com que abriraõ o lado ao Senhor ; parte da tunica de Chriſto ; parte da beatilha da Senhora Santa Anna ; parte da roupa de S. Joaõ Evangeliſta ; parte do habito de S. Pedro de Alcantara ; parte da pedra da columna , onde foy prezo Chriſto bem noſſo ; pedra do horto de Gethſemani ; pedra do lugar onde crucificaraõ ao Senhor ; pedra do lugar onde aſſentaraõ a Chriſto para o coroarem ; pedra do ſepulchro , do preſepio , do monte Olivete , e do ſepulchro de Noſſa Senhora ; parte da purpura , que por zombaria pozeraõ a Chriſto ; parte da toalha , com que a mulher pia alimpou o roſtro ao Senhor ; parte da veſte inconſutil ; parte da tunica da Virgem noſſa Senhora ; parte da cuberta da cama de Maria Santiſſima ; parte do lençol , em que foy envolto o corpo de Chriſto para o ſepultarem ; parte das faixas , em que a Senhora envolveo ſeu bento Filho no Preſepio ; parte do véo do Templo , que ſe raſgou na morte de Chriſto ; parte dos habitos de Santo Antonio , e de S. Franciſco de Paula , e de Santa Tereſa de Jeſus , e de S. Franciſco Xavier ; e reliquias de outros muitos Santos Doutores , e Martyres inſignes : finalmente continha letras eſcritas pelas mãos dos quatro Evangeliſtas , e por S. Paulo Apoſtolo ; e dos quatro Doutores da Igreja , Epiſtolas inteiras aſſinadas de ſeus nomes , e outra de Santa Monica.

No Coro da Igreja ſe veneravaõ muitas reliquias de varios Santos collocadas em meyos corpos , e em cuſtodias com toda a decencia , que por ſerem innumeraveis , e incomprehenſiveis na pequenhez do noſſo Mappa , contentamo-nos com as inculcar ao Leitor , que ſe quizer ter dellas individual noticia ,

pó-

póde ler o tom. 1. da Chronica dos Carmelitas part. 4. num. 1300 do Padre Fr. Joſeph Pereira, e as Memorias Hiſtoricas do Padre Fr. Manoel de Sá part. 1. liv. 2. cap. 12. Mas todavia naõ deixaremos de fazer eſpecial memoria do Breviario, por onde rezava Santa Tereſa de Jeſus, e hum livro de Poeſias varias, e humas diſciplinas de ferro, tudo da meſma Santa, que ſe conſervavaõ neſte Santuario.

Na Caſa Profeſſa de S. Roque da Companhia de Jeſus ha hum dos grandioſos theſouros de Reliquias notaveis, que ainda tem Lisboa. Diremos das mais inſignes, de que rezavaõ os Jeſuitas quando aqui reſidiaõ, e ſe conſervaõ nos dous Altares do Cruzeiro da Igreja.

S. Brigida Virgem.	Cabeça.	Fevereiro 1.
S. Dorothea Virg. M.	Cabeça.	6.
S. Apollonia Virg. M.	Dente.	9.
S Clemente Biſp. M.	Cabeça.	14.
S Joaõ Eſmoler B.C.	Cana do br.	18.
S. Gabino M.	Cana.	19.
S. Vedaſto Biſp. C.	Cabeça.	21.
S. Amancio M.	Cana.	23.
S.Jozippa Virg. M.	Cabeça.	Março 1.
S. Ethereo Biſp. M.	Cabeça.	4.
S. Bento M.	Cana.	11.
S. Urbana Virg. M.	Cana.	14.
S. Liberal M.	Cana.	16.
S. Baſilio M.	Cabeça.	22.
S. Geva Virg. M.	Cabeça.	28. (te mez
Da Coroa de Chriſto.	1. Eſpinho.	1. ſeſt. feira deſ-
S. Benigno M.	Cana.	Abril 3.
S. Tiburcio M.	Cana.	14.
S. Cayo Pap. M.	Cana.	22.
S. Bonifacio M.	Cana.	Mayo 14.
S. Pudenciana Virg.	Cana.	21.
S. Paulino M.	Cana.	23.
S. Marcellino M.	Cana.	Junho 2.

S. Otho Bisp. Conf.	Cana.	3.
S. Justino M.	Cana.	18.
S. Lauro M.	Cana.	Agosto 19.
S. Filippe M.	Cana.	Setembro 2.
S. Joaõ M.	Cana de br.	7.
Dos Mm. Thebeos.	6 Cabeças.	22.
S. Placido M.	Cana.	Outubro 5.
S. Gereaõ M.	Cana.	11.
S. Aurelia Virg.	Cabeça.	16.
Das onze mil Virgens.	12 Cabeças.	21.
S. Cordula Virg. M.	Cana.	22.
S. Chrysantho B. C.	Cabeça.	26.
S. Feliciano M.	Cana.	29.
S. Gregorio Thaum.	Cabeça.	Novembro 17.
S. Isabel R. de Hung.	Cana.	19.
S. Clemente M.	Cana.	26.
Dos Ss. Innocentes.	Canas varias.	Dezembro 28.

Existem mais outras muitas Reliquias singulares, a saber: alguns pedaços do Santo Lenho, e pequena porçaõ das toalhas da mesa, em que Christo instituio o Santissimo Sacramento. O Padre Leandro no tom. 2. tract. 7. disp. 1. *De Eucharistia* quæst. 12. com Granados, e Vulterio diz, que nesta Casa de S. Roque de Lisboa se conservaõ as taes toalhas. Levado desta informaçaõ, que naõ ha duvida nós communicámos ao Padre Valerio de Oliveira, este assim o escreveo tambem nas *Memorias dos instrumentos da Paixaõ*, que ajuntou ao Methodo devoto de ouvir Missa; porém nós informando-nos melhor, achámos que sómente nesta Casa de S. Roque existe huma pequenina parte das taes toalhas. Existem tambem cabellos de N. Senhora; huma varinha da Coroa de espinhos de Christo Senhor nosso; do véo, camiza, e roupa exterior de Maria Santissima; das taboas do Presepio, em que Christo nasceo, cuja mayor porçaõ se venera em Santa Maria Mayor de Roma; reliquias dos Santos Apostolos, e Evangelistas;

liſtas; das oliveiras do monte Olivete; reliquias de Santa Anna, de S. Joſeph, e dos quatro Santos Doutores da Igreja; hum dente, oſſo, e caſula de Santo Ignacio de Loyola; oſſos de S. Joaõ Bautiſta, de S. Bento, de Santo Antonio, de Santa Maria Magdalena, de S. Joaõ Chryſoſtomo, de S. Roque, de S. Franciſco de Borja; hum dedo ainda com carne de S. Baſilio Magno; pedaço de queixo com cinco dentes de S. Vicente Martyr; e de outros muitos inclytos, e inſignes Martyres, Confeſſores, e Virgens, que ſeria demaziado em referir, pois ha livro impreſſo, que trata de todas eſtas reliquias. Só advertimos, que na Sacriſtia deſta Caſa ſe guarda hum quadro com a Imagem de Noſſa Senhora, a primeira, que ſe copiou do original pintado por S. Lucas, que eſtá em Santa Maria Mayor de Roma, e o mandou o Santo Franciſco de Borja à Rainha D. Catharina pelo ditoſo Martyr o Padre Ignacio de Azevedo, e a Rainha por ſua morte o deixou a eſta Caſa. Eſta noticia, que ſe nos communicou por tradiçaõ conſtante, em parte naõ ſe conforma com o que diz o Padre Alexandre de Guſmaõ no ſeu livro intitulado: *Roſa de Nazareth*, porque diz, que o tal quadro eſtá na Bahia; mas bem podia ſer que de lá vieſſe para eſta Caſa. Dizemos iſto preſcindindo da opiniaõ, que ſegue o douto Serry nas *Exercitationes Hiſtoricæ*, de que S. Lucas naõ fora Pintor, nem ſaõ delle as taes pinturas, ou quadros.

Na Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri ſe venerava grande numero de Reliquias no Altar de Jeſus Maria Joſeph, cujo Catalogo ſe imprimio no anno de 1723 na Officina de Franciſco Xavier de Andrade, e tambem o Padre Manoel Conſciencia faz memoria dellas em hum Tomo da *Innocencia prodigioſa*. Conſtava o tal Santuario do Altar de cento e noventa e ſete relicarios entre mayores, medianos, e pequenos; e nelles ſe achavaõ incluſas ſeiſcentas e

trin-

trinta e quatro ſagradas reliquias de Santos, e Santas.

No Convento de Clerigos Regulares de S. Caetano ſe guarda decentemente o corpo de S. Venancio Martyr, e o de Santa Eufemia Virgem, e Martyr; duas canas inteiras, huma de S. Jacinto Martyr, outra de S. Vicente, com outras reliquias notaveis de Santa Luzia Virgem, e Martyr, de S. Donato, de Santo Urbano, de Santa Peregrina, e outras, que trouxe de Roma o Embaixador Francisco de Souſa Coutinho.

No Convento de Santo Eloy havia huma formoſa reliquia do Santo Lenho; parte da Dalmatica do Protomartyr Santo Eſtevaõ, e hum dos ſeixos, com que foy apedrejado; dous dentes de Santa Apollonia; huma cabeça inteira das onze mil Virgens, e parte do caſco de outra; e varias reliquias de outros Santos: porém como couſa ſingular, e de eſtimaçaõ ſe conſervava ha muitos annos huma daquellas bandeiras, que eſtando encoſtadas à parede do Pretorio de Pilatos ao tempo, que Chriſto Senhor noſſo entrou por elle prezo, e ſuccedendo cahirem por terra ſem impulſo humano, o Senhor paſſou por cima dellas, e as ſantificou com o contacto fiſico de ſeus pés ſacratiſſimos. Eſta bandeira enviou de Roma a eſte Convento no anno de 1480 o Cardeal D. Jorge da Coſta: era de ſeda exquiſita de cor vermelha eſcura, e fórma quadrada, que acabava na parte inferior em cinco linguas boleadas: expunha ſe no Cruzeiro da Igreja todos os annos deſde quinta feira mayor atè à ſegunda feira dos Prazeres. (1)

No Convento da Santiſſima Trindade havia hum grande Santuario de notáveis reliquias na Capella de todos os Santos, entre as quaes era memoravel o corpo de S. Bono Presbytero, e Martyr, com huma

(1) Refere Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. liv. 2. c. 21.

huma redoma de seu sangue, e huma reliquia de Santo Acacio Martyr.

No Convento de Nossa Senhora da Graça, especialmente da Sacristia sumptuósa, existe ainda hum copioso numero de reliquias de varios Santos, de muitos dos quaes rezaõ os Religiosos, e com especialidade he venerada a cabeça de Santa Christina Virgem, e Martyr, e a cana do braço do glorioso S. Joaõ de S. Facundo, ou Sahagum.

No Convento de S. Joaõ Nepomuceno de Carmelitas Descalços Alemães occupaõ os vãos de dous Altares da Igreja os veneraveis corpos de Santa Bonina Virgem, e Martyr, e de S. Fortunato Martyr, e cabellos da Virgem Maria, dadiva da devota Rainha a Senhora D. Marianna de Austria sua Fundadora.

No Regio Mosteiro das Commendadeiras de Santos estaõ depositados os veneraveis corpos dos tres irmãos Martyres S. Verissimo, Maxima, e Julia.

No Mosteiro do Salvador ha huma boa porçaõ do Santo Lenho, o quàl guardando-se decentemente na Sacristia, foy collocado em hum sacrario sobre o Altar do Coro por causa de hum prodigio, que refere Cardoso. (1)

No Mosteiro de Santo Alberto de Religiosas Carmelitas Descalças se guarda reverentemente a preciosa reliquia, que he huma das mãos da Madre Santa Teresa de Jesus inclusa em huma ambula de crystal.

No Mosteiro exemplarissimo da Madre de Deos existe hum santo Sudario retratado pelo que está em Turim, o qual mandou o Imperador Maximiliano à Rainha D. Leonor, Fundadora deste Mosteiro: he a copia mais propria que ha, e dizem, que quasi prodigiosamente forá copiada. O Patriarca de Jerusalem, quando veyo a este Reino pelos annos de 1597, ven-

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 234.

vendo este santo Sudario, disse, que se equivocava muito com o de Turim. Mostra-se quinta feira de Endoenças, e concorre a vello, e venerallo toda a Nobreza, e povo de Lisboa assim por mar, como por terra em grande concurso. Existe mais hum espinho da Coroa de Christo com humas pingas de sangue; huma Cruz formada de pedacinhos de Santo Lenho unidos, que fazem a grandeza da quarta parte de hum palmo, e a grossura de hum dedo delgado; o corpo de Santa Auta, huma das onze mil Virgens, collocado em hum cofre de madre perola; duas cabeças das onze mil Virgens; hum osso grande de hum dos Santos Innocentes; huma tigelinha de páo por onde Santo Antonio bebia; hum pedaço de pedra da columna de Christo do tamanho de huma avelã, e outras muitas mais reliquias, sendo a mayor parte dellas dadiva da Rainha D. Leonor sua Fundadora.

No Mosteiro do Calvario existia huma cabeça das onze mil Virgens; huma grande reliquia do Santo Lenho; e hum espinho da Coroa de Christo.

No Mosteiro das Brigidas ao Mocambo se venera entre outras reliquias hum braço de Santa Catharina Virgem, filha de Santa Brigida, Fundadora desta sagrada Religiaõ.

No Mosteiro das Flamengas junto a Alcantara se conserva o dedo de hum pé do Apostolo S. Filippe, que com outras muitas Reliquias trouxeraõ as Fundadoras de Flandes.

Em casas particulares de Cavalheiros há tambem nesta Cidade reliquias muy notaveis, especialmente

No Palacio da Inquisiçaõ guardava o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha na sua Capella o corpo de S. Marciano Martyr com huma redoma de seu sangue; pedaço do habito de S. Francisco, com que recebeo as chagas; hum bom retalho da capa de S. Joseph, Esposo da Vir-

gem

gem Maria noſſa Senhora, e outras muitas.

No Oratorio dos Barões de Alvito eſtaõ depoſitados os veneraveis corpos de Santo Eugenio Papa, de S. Lucio Papa Martyr, e de Santa Anaſtaſia Virgem, e Martyr, os quaes trouxe de Roma a eſte Reino o Padre Luiz Lobo da Companhia no anno de 1619.

No Palacio, e Oratorio dos Excellentiſſimos Viſcondes de Barbacena ſe conſerva hum cofre de prata, que mandou o Pontifice Gregorio XIII. a ElRey D. Sebaſtiaõ, e contém hum pedaço de ferro de huma das ſettas de S. Sebaſtiaõ banhada em ſangue; huma particula do Santo Lenho; hum eſpinho da Coroa; reliquia notavel de S. Franciſco Xavier, e outras mais pequenas.

No Cartorio da Sereniſſima Caſa de Bragança ſe conſervavaõ com todo o recato, e eſtimaçaõ innumeraveis Cartas originaes de muitos Santos, e outras peſſoas inſignes em virtude, cujo catalogo, que nos communicou o Senhor Manoel da Maya, he o ſeguinte.

De S. Alberto Magno 2.
D. Fr. Aleixo de Menezes 1.
Aymerico de Malafayla, Patriarca de Antioquia 3.
B. Amadeo 4.
B. Ambroſio Senenſe 1.
S. André Avellino 15.
S. André Corſino 5.
S. Antonio de Lisboa 20.
V. P. Antonio da Conceiçaõ 2.
S. Antonino de Flor. 1.
S. Agoſtinho 1.
P. Balthazar Alvares 1.
B. Baronica 2.
V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres 3.
Cardeal Baronio 2.
Cardeal Bellarmino 5.
S. Baſilio 1.
S. Benedicta de Catan. 3.
S. Benardino de Sena 5.
S. Bernardo 5.
V. D. Brites da Silva 3.
S. Brigida 1.
S. Bruno 1.
S. Caetano 24.
Cardeal Caetano 1.
S. Carlos Borromeo 8.
S. Cathar. de Bolonha 1.

Por todas saõ 545 Cartas.

38 *Lorvaõ*. No Mosteiro de Religiosas Bernardas he venerado o corpo da gloriosa Infanta D. Sancha; mais hum espinho da Coroa de Christo; grande parte do Santo Lenho; e a cabeça de hum Santo Abbade, que alli floreceo em virtude, chamado Joaõ.

29 *Loulé*. No Convento de Santo Antonio da Provincia da Piedade existem reliquias do Santo Lenho, de S. Joaõ Bautista, de Santo Estevaõ, de

S. Mattheus, de S. Bento, de S. Braz, e de Santa Catharina. (1)

40 *Lumiar*, termo de Lisboa. Na Igreja de S. Joaõ ſe conſerva a cabeça de Santa Brigida Virgem, a qual querendo-a collocar ElRey D. Diniz pelos annos de 1300 no Moſteiro de Odivellas, por duas vezes foy viſta milagroſamente à porta da Igreja do Lumiar, onde finalmente ſe depoſitou, e ſe guarda em ſacrario com particular culto, concorrendo em todo o anno grande numero de peſſoas pelos innumeraveis prodigios, que Deos obra por interceſſaõ deſta Santa. Na Caſa profeſſa de S. Roque de Lisboa rambem ſe venera a cabeça de Santa Brigida Virgem, e como de tal rezaõ della os Reverendos Padres no primeiro de Fevereiro, donde naõ he certa a advertencia do erudito Jorge Cardoſo, (2) que diz ſer aquella de Santa Brigida Viuva, canonizada no anno de 1391 para a diſtinguir deſta do Lumiar. Eſte ponto ſó ſe pudera averiguar bem, ſe das authenticas conſtara; mas o certo he que naõ conſta: todavia para as differençarmos podemos dizer, que a veneravel cabeça, que eſtá no Lumiar, he de Santa Brigida Virgem natural de Lisboa, como diz a Chronologia Monaſtica; (3) e a que eſtá em S. Roque ſerá de Santa Brigida Virgem natural de Eſcocia.

41 *Meinedo*. Neſte lugar, que fica no Biſpado do Porto, diſtante huma pequena legua de Arriſana de Souſa, em huma Ermida junto da Igreja Paroquial ſe depoſitaraõ as ſagradas reliquias de S. Tyrſo Martyr, natural de Toledo, as quaes trouxe de Conſtantinopla hum Conde da Luſitania, chamado Fonſa, no anno de 600 de Chriſto. (4)

Mi-

(1) Monfort. Chronic. da Pied. liv. 3. c. 23. (2) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 1. p. 317. (3) Chronol. Monaſtic. 1. Febr. *Genus illius Regale, patria Lisbona; ubi ſacrum ejus caput ſervatur . . . in Eccleſia ſui nominis, quæ extra muros à parte Aquilonis viſitur ad oppidum Luminare.* (4) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 274.

42 *Miranda.* Na Igreja Cathedral depositou a piedosa Rainha D. Catharina as Reliquias seguintes: Parte grande do Santo Lenho, hum osso de S João Bautista; huma correa de vara atamarada, e pospontada de branco, que dizem ser do Apostolo S. Pedro; dous ossos de S. Paulo; reliquia de S. Lourenço; cana do braço de S. Braz; outra de S. Donato Martyr; cabeça de S. Henrique Martyr; reliquias de S. Sempronio, de Santo Eustaquio, S. Gregorio, Santo Athanasio, e S. Espiridonio; huma coifa bordada de aljofar, de que usava Santa Maria Magdalena, e hum osso da mesma; tres ossos de Santa Catharina; hum de Santa Cecilia; calco de Santa Agueda; dente de Santa Barbara; ossos de Santa Marinha, Santa Basilissa, Santa Miliana, Santa Abcela, e das onze mil Virgens, com outras muitas reliquias, de que naõ se sabem os nomes. (1)

43 *Mogadouro.* No Mosteiro de Santa Marina, meya legua ao nascente do Lugar de Lagoaça, se venera o corpo da mesma Santa Marina, a cuja veneraçaõ concorre muita gente em dia da Ascensaõ, em que se dá a beijar sua santa cabeça. (2)

44 *Monsanto.* Nesta Villa, que he do Bispado da Guarda, se conservaõ os ossos do glorioso Santo Amador Anacoreta em hum cofre dourado forrado de setim carmesim em huma Ermida de S. Pedro de Viracorsa. (3)

45 *Montemór o Novo.* No Convento de S. Francisco desta Villa se conserva, e venera desde o anno de 1564 a cabeça do Apostolo S. Filippe em hum nicho da parte do Evangelho na Capella mór, fechado a tres chaves, das quaes tem huma o Guardiaõ, outra o Padroeiro, outra o Procurador mais velho do Senado. Foy dadiva do insigne D. Fernaõ Mar-tins

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 396. (2) Ibid, tom. 3. p. 73. (3) Ibid. tom. 2. p. 331.

tins Maſcarenhas, Embaixador delRey D. Sebaſtiaõ ao Concilio Tridentino, o qual a adquirio em Alemanha com outra tambem notavel de outro Santo, que ſe ſuppõem ſer de S. Pedro Martyr. Grandes diligencias fez ElRey Filippe III. para levar daqui eſta notavel Reliquia, e collocalla no Eſcurial, mas naõ lhe foy poſſivel. (1)

46 *Moreira.* Na Freguezia deſte Lugar do Biſpado do Porto, que he Convento de Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, ſe conſerva huma grande, e notavel Reliquia do Santo Lenho de tempo antiquiſſimo. He innumeravel o concurſo de gente, que alli concorre a 3 de Mayo, e 14 de Setembro, experimentando-ſe continuamente os milagres, que Deos Senhor noſſo alli obra; attribuindo-ſe tambem à virtude deſta Reliquia o prodigio de que ſendo todas as Freguezias circumviſinhas infeſtadas de muitas viboras, ſó neſta de Moreira naõ mordem, nem ha memoria que alli cahiſſe nunca rayo. (2)

47 *Moura.* No Convento do Carmo ha parte do Santo Lenho, e reliquias de Santo Alberto Confeſſor, S. Bartholomeu, Santa Baſiliſſa Virgem, e Martyr, S. Braz Biſpo, e Martyr, e de outros Santos Martyres. (3)

48 *Odivellas.* No Moſteiro Regio de Religioſas Bernardas, fundado neſte ſitio por ElRey D. Diniz, ſe conſerva em cofre de prata o glorioſo corpo de S. Guilherme, Arcebiſpo de Bituria, do qual rezaõ a 10 de Janeiro. No meſmo cofre eſtá a cabeça de Santa Urſula, e grande parte da de ſua tia a Rainha Jeraſina, com outras reliquias das onze mil Virgens. Tambem ſe venera hum dedo de S. Sebaſtiaõ Martyr. (4)

49 *Ourega*, que diſta de Evora duas leguas para

(1) Agiol. Luſit. tom. 3. p 1. e 14. (2) Cunha, Catalog. dos Biſpos do Porto part. 2 c 45. Agiol. Luſit. tom. 3. p 54. Corogr. Portug. tom. 1. p. 363. (3) Sá, Memor. Hiſtoric. part. 1. p. 52. (4) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 102.

ra o Occidente , no ſitio , onde chamaõ a Cova dos Martyres , he tradiçaõ eſtarem alli ſepultados os corpos de S. Jordaõ Biſpo , Santa Comba , e Santa Anonyma ſuas irmãs , com outros muitos Martyres , que alli padeceraõ. (1)

50 *Panoyas*, Villa do Campo de Ourique. Conſerva-ſe na Igreja Matriz a cabeça de S. Romaõ Eremita , natural de França , que tem ſobrenatural virtude para os mordidos de cães danados. No meſmo ſitio , e Ermida de ſeu proprio nome exiſte o corpo do meſmo S. Romaõ , onde he continuamente frequentado dos devotos peregrinos. (2)

51 *Paredes* , Villa da Comarca de Pinhel, Biſpado de Lamego. Na Ermida do Deſembargador Joſeph de Azevedo Vieira , dedicada a Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ , exiſte em primoroſo Santuario huma grande parte do Santo Lenho , e os corpos inteiros dos glorioſos Martyres S. Paulo , e S. Felis , cujas reliquias alcançou de Roma o R. P. Manoel de Azevedo , Religioſo da Companhia de Jeſus , filho do dito Deſembargador , e as depoſitou neſta Capella , que preſentemente he das mais ſumptuoſas da Provincia , aonde concorre baſtante gente para venerarem as ſantas Reliquias. O Santiſſimo Padre Benedicto XIV. por eſpecial graça (declarando que naõ ſe pudeſſe ao diante allegar por exemplo) em Breve de 7 de Junho de 1747 ſe dignou conceder a eſta Capella , e a todos os que vaõ viſitar eſte Santuario , muitas Indulgencias plenarias , e perpetuas ; que o Altar da Senhora da Aſſumpçaõ foſſe todos os dias privilegiado para todos, e para todas as Miſſas , que nelle ſe diſſerem , e para ſempre ; e em fim preſentemente naõ ha neſte Reino Capella particular , que tenha alcançado da Sé Apoſtolica tantas graças. Conſta tudo do Breve, que

---

(1) Agiol. Luſit. tom. 3. p. 18. Evora glorioſ. n. 363. (2) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 542. Purific. Chronol Monaſt. die 28. Februar. Fr. Jacint. de S. Miguel Tract. Hiſtor. tom. 1. p. 462.

que nos communicou o M. R. P. D. Joaõ de Santa Maria, Conego Regrante de Santo Agoſtinho, e filho do ſobredito Deſembargador Joſeph de Azevedo Vieira, inſtituidor da ſobredita Capella.

52 *Pendorada.* No Convento de Religioſos Benedictinos diſtante do Porto ſeis leguas ao Norte exiſte com ſumma veneraçaõ o prodigioſo dedo index da maõ eſquerda do ſantificado Bautiſta, livre de toda a corrupçaõ, e ainda reveſtido de carne, poſto que mirrada, mas com perfeitiſſima unha, por cuja reliquia notavel obra Deos milagres ſem numero. Naõ conſta ao certo quem trouxe eſta precioſa reliquia; porém conjectura-ſe por tradiçaõ, que fora o Biſpo D. Siſnando. (1) Aqui meſmo exiſtem reliquias de Santa Comba, Santa Eugenia, e S. Romano. (2)

53 *Peſqueira.* Na devotiſſima Ermida de S. Salvador, meya legua diſtante da Villa, entre muitas reliquias, que alli depoſitou o virtuoſo Eremita Gaſpar da Piedade, adquiridas em Roma, e Jeruſalem, he inſigne huma formoſa cana do braço do grande Doutor da Igreja S. Jeronymo, a qual nas Oitavas da Paſcoa, e Pentecoſte ſe moſtra ao povo, que a eſte Santuario concorre com devoçaõ. (3)

54 *Pinhel.* No Moſteiro de S. Luiz de Religioſas Clariſtas exiſtem, e ſe veneraõ, além de outras reliquias, quatro corpos inteiros de Santos, a ſaber: o de S. Cayo Papa, e Martyr; o de S. Vital; o de Santa Theodora Virgem; e o de Santa Chriſtina, os quaes de Roma foraõ transferidos a eſte Reino por Heitor da Sella Falcaõ, a quem o Pontifice Paulo V. fez mercê delles com outras reliquias no anno de 1620. (4) No termo de Pinhel desfazendo-ſe no anno de 1620 o Altar de S. Juliaõ do

(1) Benedict. Luſit. tom. 2. p. 223. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 808.
(2) Corogr. Portug. tom. 1. p. 400. (3) Agiol. Luſit. tom. 2. p. 319.
(4) Ibid. tom. 2. p. 387. e 679.

do Pereiro, ſe achou debaixo delle huma arca de pedra, e nella boa quantidade das myſticas offertas do ouro, incenſo, e myrrha, que os Santos Magos tributaraõ ao Menino Jeſus no portal de Belém, como ſe referia nos pergaminhos, que juntamente ſe acharaõ. Eſtas reliquias ſe authenticaraõ, e eſtaõ approvadas pelo Ordinario, e todos os annos em dia da Aſcenſaõ ſe moſtraõ ao povo, que alli concorre para as venerar. (1)

55 *Pombeiro*. No Convento de Religioſos Benedictinos ſe venera huma precioſa reliquia do Precurſor de Chriſto S. Joaõ Bautiſta, e he hum pedaço do queixo encaſtoado em prata em huma cuſtodia com letreiro em circulo, que diz: *Demonſtravit Deo homini*. (2)

56 *Portalegre*. Ennobrece a Cathedral deſta Cidade o precioſo cofre de reliquias, que alli ſe veneraõ, e vem a ſer: huma cabeça das onze mil Virgens; hum oſſo do Martyr S. Lourenço; outro de S. Mauricio; outro de S. Joaõ Chryſoſtomo; hum admiravel Santo Lenho em ambula de cryſtal, que foy dadiva da Rainha D. Catharina ſua Padroeira. (3)

57 *Portel*. Na Freguezia da Vera Cruz de Marmelal, que fica no termo deſta Villa, he venerada huma notabiliſſima, e milagroſa reliquia do Santo Lenho. (4)

58 *Porto*. Na Cathedral ſe venera o corpo do invicto Martyr S. Pantaleaõ ſeu Padroeiro, e hum braço do Martyr S. Vicente. Aqui meſmo no Convento de S. Bento da Vitoria ſe conſerva hum rico Santuario de varias reliquias em trinta e dous meyos corpos, quatorze braços, dous pés, e quatro pyramides. (5) Na Freguezia de S. Miguel do Couto deſte Biſpado ſe guarda com veneraçaõ a pia, em

(1) Agiol. Luſit tom. 1. p. 58. (2) Idem tom. 3. p. 808. (3) Idem tom. 1. p. 428. e tom. 3 p. 248. (4) Mariz, Dialog. 3. c. 4. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 55. (5) Benedict. Luſit. tom. 2. p. 433.

que foy bautizado S. Rosendo; e pela devoçaõ dos que se valem de suas reliquias para remedio de varias enfermidades, está já pela parte de fóra notavelmente gastada. (1) Outras muitas Reliquias reservou o Ceo para esta nobre Cidade pela grande piedade de seus moradores.

59 *Porto de Mós.* Na Freguezia de Nossa Senhora dos Murtinhos se veneraõ em sacrario particular as reliquias, que do Convento de Merida, chamado Cauliniana, trouxe o Santo Eremita Romano pelos annos de 714 em companhia delRey D. Rodrigo, ultimo dos Godos, quando veyo parar à Pederneira. Saõ ellas as seguintes: hum pedaço do casco de S. Braz da largura de tres dedos; hum osso de hum dos quarenta Martyres; hum retalho da vestidura de huma das onze mil Virgens; hum osso de S. Sebastiaõ; outro de Santo Erasmo; e outras pequenas Reliquias, que naõ se sabem de quem saõ. (2)

60 *Refoyos.* Junto ao rio Lima no Convento de Santa Maria de Conegos Regrantes se conserva o corpo do Beato Romeo, natural de Itàlia. (3)

61 *Salvaterra.* No Convento de Nossa Senhora da Piedade se venera a cabeça de S. Bacho Martyr, que em doentes de febres obra maravilhas. (4)

62 *Sacavem.* No Mosteiro Serafico de Nossa Senhora dos Martyres se conservaõ notaveis reliquias, a saber: hum espinho da Coroa de Christo; hum pedaço da veste purpurea do mesmo Senhor; a cabeça de Santa Barbara, (que entendemos naõ he a de Nicomedia; porque essa, como dissemos na vida da Santa a pag. 128. existe em Napoles) e a mayor parte da de Santa Juliana, e de huma das onze mil Virgens; o espinhaço de S. Sebastiaõ Martyr; duas cabeças dos Santos Thebeos; hum pedaço do San-

(1) Jardim de Port. p. 143. (2) Santuar. Marian. tom. 3. p. 320. (3) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 507. (4) Histor. de Santarem tom. 2. p. 363.

Santo Lenho do tamanho de hum alfinete grosso; huma pequena de cera do milagre de Santarem; hum pedaço do lençol, do tamanho da palma da maõ, em que pozeraõ a Christo Senhor nosso, quando o tiraraõ da Cruz, e com sangue; hum retrato do santo Sudario, que se mostra em quinta feira de Endoenças; hum dedo de Santa Ignez; dous dentes de Santa Juliana; dous ossos de Santa Cecilia; hum pequeno do casco de Santa Maria Magdalena do tamanho de tres dedos; hum osso de S. Marcos Evangelista; sete ossos pequenos de Santo André Apostolo, e de outros Santos Martyres; cujas reliquias mandou collocar, e venerar, vistas suas authenticas, o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida por duas Provisões suas, que se guardaõ no Cartorio deste Mosteiro; e a fol. 59. do tombo delle dá o seu Padroeiro Miguel de Moura attestaçaõ do modo, com que alcançara estas reliquias. (1)

63 *Santarem*. Hum dos singulares theatros de maravilhas, que admira, e venera a piedade Christã em o nosso Reino, he a Villa de Santarem; porque na Freguezia de Santo Estevaõ se conserva, e admira a santa Particula, vulgarmente chamada o *Santo Milagre*. He ella do tamanho ordinario com algumas manchas de sangue distinctas, mas já denegridas, o resto della branco; e no fundo do vaso em que se guarda, se divisaõ algumas gotas de sangue da propria cor do da Particula. No Convento de S. Domingos da mesma Villa estaõ parte dos despojos deste famoso milagre, e vem a ser: a santa beatilha conservada, e venerada no sacrario em ambula de crystal, na qual se vê o sangue taõ fresco, que causa admiraçaõ; e juntamente duas pilulas daquella sagrada cera do tamanho de grãos, em que se recolheo o precioso sangue. (2) Na mesma Villa, e

Ee ii na

(1) Agiol. Lusit. tom. 1. p 445. (2) Monarq. Lusit. liv. 15. c.32. Sousa, Histor. de S. Doming. part. 1. liv. 2. c. 43. e outros apud Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 451.

na Igreja de S. Bartholomeu do Alfange existem dous corpos inteiros dos ditosos pays daquelles Santos Meninos, que no anno de 1277 no dia da Ascensaõ subiraõ prodigiosamente ao Ceo. No Convento de S. Francisco da mesma Villa se conserva hum pedaço da pelle de S. Jorge, hum espinho da Coroa de Christo, e a cabeça de Santa Aurea, companheira de Santa Ursula. (1)

61 *Santiago de Cacem.* Conserva-se aqui com grande veneraçaõ a notavel reliquia do Santo Lenho, que trouxe de Grecia a devota matrona D. Bataza. (2)

65 *Setubal.* No Mosteiro das Descalças de Jesus existe a cabeça de S. Eliodo Martyr, do qual se reza a 22 de Junho com jubileo concedido por Paulo V. hum prodigioso pedaço do Santo Lenho do tamanho, e largura de huma polegada; huma cabeça das onze mil Virgens; cinco contas, e hum pedaço do habito, e véo de Santa Clara; hum Santo Sudario tirado pelo que está em Turim; e outras muitas reliquias de Martyres.

66 *Sines.* He venerado na Igreja Matriz em Capella propria o corpo do glorioso Martyr S. Tórpes, que padeceo em Piza a 29 de Abril, e deitando-o os tyrannos em huma barca velha com hum caõ, e hum gallo no rio Arno, veyo a portar no porto de Sines, onde lhe deu sepultura decente a illustre, e santa Matrona Celerina; e perdendo-se com o tempo sua memoria, o Arcebispo D. Theotonio persuadido do Papa Xisto V. fazendo exactas diligencias, o foy achar nas prayas do rio Junqueira em huma urna de pedra, e o depositou na Matriz desta Villa, onde se conserva até agora com grande veneraçaõ, obrando Deos por elle continuos prodigios; entre os quaes se refere hum notavel, de que

(1) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 191. (2) Resend. de Antiquit. Lusitan.

que todos os annos em ſeſta feira mayor, a tempo que ſe fazia a Prociſſaõ do Enterro do Senhor, ſahia da parte da urna, em que eſtaõ as ſantas reliquias, quantidade de borboletas com azas prateadas, e acabada a Prociſſaõ deſappareciaõ. Continuou eſte prodigio até o anno de 1730, no qual demolindo-ſe a Igreja Matriz, nunca mais appareceraõ as borboletas. (1)

67 *Tavira.* Na Igreja Matriz de Santa Maria ſe guardaõ os corpos dos glorioſos ſete invenciveis Cavalleiros da Militar Ordem de Santiago, D. Pedro Rodrigues, Mem do Valle, Damiaõ Vaz, Alvaro Garcia, Eſtevaõ Vaſques, Valerio de Ora, e Garcia Rodrigues, os quaes antes da recuperaçaõ deſta Cidade foraõ martyrizados pelos Mouros em defenſa da Fé. (2)

68 *Thomar.* Aqui ſe conſerva o veneravel corpo de Santa Cita, que de Italia trouxe hum certo Ermitaõ para o Lugar da Aceiceira. (3) Tambem ſe venera hum pedaço do craneo de S. Sebaſtiaõ Martyr, que alli depoſitou ElRey D. Sebaſtiaõ; tres eſpinhos da Coroa do Senhor collocados em huma Cruz precioſiſſima, onde tambem ha grandes porções do Santo Lenho, e huma maõ do bemaventurado S. Gregorio Nazianzeno, e huma pedra com ſalpicos de ſangue de Santa Iria, cujas reliquias eraõ dos Cavalleiros Templarios. (4)

69 *Torres Novas.* No Convento dos Carmelitas exiſte a veneravel, e milagroſa cabeça de S. Gregorio Magno, dadiva do Arcebiſpo de Ceuta D. Jayme de Lancaſtre.

70 *Torres Vedras.* Em Noſſa Senhora do Ameal, Ermida da Freguezia de S. Miguel, huma das quatro, que contém eſta Villa, ſaõ veneradas, e tidas

---

(1) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 297. com outros que allega Fonſeca na Evora glorioſ. n. 349. Luiz Velho na Vid. de S. Tórpes p. 162. (2) Agiol. Luſit. tom. 3. p. 642. (3) Anjos, Jardim de Port. p. 55. (4) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 142.

das em grande estimaçaõ as reliquias seguintes: huma grande parte de huma camizinha do Menino Jesus; huma maçaroca fiada pelas divinas mãos de Maria Santissima; hum novelinho de linhas com duas agulhas da mesma Senhora, e huma ambula de crystal com o leite da purissima Virgem, tudo dentro em hum precioso cofre, cujas chaves tem o Prior da Igreja de S. Miguel. (1)

71 *Val-bem-feito*, legua e meya de Peniche. No Convento de Religiosos Jeronymos depositou a Rainha D. Catharina a veneravel cabeça de S. Gereaõ Martyr, que lhe mandou de presente D. Fernando Rey de Hungria no anno de 1532. No Convento de Nossa Senhora da Graça em Evora tambem dizem, que está a cabeça de S. Gereaõ; mas como bem adverte o insigne Jorge Cardoso, deve ser de algum companheiro de S. Gereaõ Martyr. (2)

72 *Vianna do Alentejo*. Goza o Convento de S. Francisco de Religiosos da Terceira Ordem, entre outras reliquias, a preciosa cabeça de hum dos Santos tres Reys Magos encastoada em prata com inscripçaõ no craneo da propria letra da Rainha D. Catharina, que foy a que deu esta reliquia, a qual veyo entre as que mandou o Imperador Maximiliano à Rainha D. Leonor, mulher delRey D. Joaõ II. (3) No Mosteiro de Jeronymas ha hum braço de S. Alexandre Martyr de Hungria; e na Capella da Conceiçaõ se guarda em relicario de prata a fórma da profissaõ, que depois do noviciado fez na Companhia o Veneravel Padre Joaõ Cardim, escrita com o seu proprio sangue em papel, pelo qual applicado

---

(1) Corograf. Port. tom. 3. p. 20. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p. 18. (3) Idem tom. 1. p. 58. Depois desta noticia achey na Relaçaõ da jornada que fez o Conde de Villar Mayor a Alemanha, escrita pelo P. Fonseca p. 444. que se veneraõ em Colonia todas as tres cabeças dos Santos Reys Magos. O mesmo diz o P. Pedro Correa,

do a doentes tem Deos obrado muitas maravilhas. (1)

73 *Vidigueira.* No Convento de Piedosos de N. Senhora da Assumpçaõ existe hum grande numero de reliquias, a saber: porçaõ do Santo Lenho; da tunica de Christo; da vestidura que lhe vestiraõ em casa de Pilatos; da corda com que o ataraõ; do páo da mesa em que deu de cear a seus Discipulos; do santo Sudario; do berço em que nasceo; da pedra sobre a qual chorou à vista de Jerusalem; da pedra da columna em que o ataraõ para o flagellarem; da pedra do sepulchro; da beatilha de Maria Santissima; da cera que offereceo no Templo em dia da Purificaçaõ; pedra da casa em que S. Joaõ Evangelista costumava dizer Missa; reliquias de S. Joaõ Bautista, e de outros muitos Santos Apostolos, Martyres, Confessores, e Virgens; as quaes reliquias foraõ achadas por hum caso milagroso, que extensamente se conta na Chronica da Provincia da Piedade. (2) Aqui mesmo, e no Convento do Carmo se veneraõ reliquias de Santo Alberto, e dous dedos de S. Cosme, e S. Damiaõ com outras muitas mais reliquias insignes de outros Santos. (3)

74 *Villa-Viçosa.* No Mosteiro das Chagas existem os veneraveis corpos de tres Santos Martyres, a saber, Santo Hilario, S. Clemente, e Santo Anastasio, offerta do Arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, que os adquirio em Roma. (4) Aqui mesmo nesta Villa, e na Capella Ducal se conserva o corpo de S. Gandulfo, que outros chamaõ Goldrofe, que alcançou em Alemanha o Senhor D. Duarte pelos annos de 1638.

75 *Villar de Frades.* No Convento de S. Salvador de Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista se venera hum retalho do manto de Nossa Senhora, que

(1) Alegambe apud Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 469. Carvalh. Corogr. Port. tom. 1. p. 422. (2) Monforte liv. 3. c. 22. (3) Sá, Memor. do Carm. part. 1. p. 244. (4) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 530. e tom. 2. p. 56. e 189.

que he de panno de cór azul, além de outras reliquias, entre as quaes tambem ſe guarda o proprio Calix, e Patena, com que S. Giraldo Arcebiſpo de Braga dizia Miſſa. (1)

76 *Viſeu*. Na Cathedral entre outras reliquias ſe venera hum braço de S. Theotonio.

77 Ainda que naõ vem em ſeu lugar proprio, vem todavia a tempo a memoria ſeguinte.

78 Em *Lisboa*, na Igreja de N. Senhora do Loreto, Paroquia famoſa da naçaõ Italiana, ſe conſerva o corpo de S. Juſtino Martyr com toda a veneraçaõ.

No Convento de Noſſa Senhora da Porciuncula de Capuchinhos Italianos ſe venera no polido Altar mór o corpo de S. Benigno Martyr, dadiva do Excellentiſſimo Nuncio Cavalieri; e na Sacriſtia da meſma Igreja ſe conſerva a cabeça inteira com todos os ſeus dentes do glorioſo, e invicto Martyr S. Maximo.

No Real Convento de S. Vicente de Fóra exiſtem as reliquias ſeguintes: cabeça de hum dos cinco Santos Martyres de Marrocos; cabeça de huma das Companheiras de Santa Urſula; huma grande reliquia de S. Sebaſtiaõ; huma cana do braço de S. Theotonio; hum dedo de Santo Agoſtinho; reliquias de S. Vicente Martyr; cabeça de Santa Margarida; reliquias de Santa Catharina Virgem, e Martyr, Santa Urſula, S. Roque, S. Gregorio Magno, Santo Agapito, S. Pedro de Arbues; leite de Noſſa Senhora; huma Cruz de prata com dous grandes pedaços do Santo Lenho; o corpo de hum Santo, cujo nome ſe ignora; e outras muitas reliquias.

79 De outras varias reliquias puderamos fazer memoria, ſe eſcrevera-mos unicamente dellas, donde naõ eſtranhará o Leitor, ſe vir que paſſamos algumas em ſilencio.

CA-

---

(1) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 25. e 378.

CAPITULO VII.

Das Imagens milagroſas.

1 A Veneraçaõ, e culto das ſagradas Imagens he taõ antigo em Portugal como a meſma Religiaõ. Logo que o Apoſtolo Santiago a eſtabeleceo neſte Reino, edificou Altar à Māy de Deos em Braga. (1) Foy continuando o culto com ſingulariſſimo zelo, como ſe prova do Canon 36. do Concilio Eliberitano. Sobreveio a invaſaõ dos Mouros, com os quaes vendo os afflictos Chriſtãos a irreverencia, e ultraje, a que ſe expunhaõ as ſantas Imagens, imitando aos Sacerdotes antigos na deſtruiçaõ do Templo de Jeruſalem, trataraõ de occultallas, como melhor puderaõ, aſſim como aquelles tinhaõ eſcondido em hum poço profundo o fogo ſacro; até que permittindo Deos ſerenaſſe aquella turbulenta perſeguiçaõ dos barbaros, expulſos elles do Reino, ſe foraõ deſcubrindo pouco a pouco a mayor parte deſtas Imagens com particulares maravilhas.

2 Naõ he para deſprezar a reflexaõ, que devemos fazer no eſpecial favor, com que Deos Senhor noſſo por ſua immenſa bondade, e por meyo das ſuas venerandas Imagens, e dos ſeus Santos aſſiſte benigno a eſte Reino, trazendo-as a elle por meyos taõ exquiſitos, e conſervando tantas, que com os frequentes milagres que obraõ, naõ ſó nos corroboraõ na devoçaõ, mas nos ſervem de refugio para nos valermos do ſeu patrocinio em noſſas urgentes neceſſidades. (3)

(1) Macedo nas Flor. de Heſp. c. 9 excel. 5. (2) 2. Machab. 1. 2. Paralipom. 7. (3) Concil. Trid. ſeſſ. 25. de Sacr. Imagin.

§. I.

Imagens de Chriſto Senhor noſſo.

1 EM *Matoſinhos*, Lugar maritimo diſtante huma legua da Cidade do Porto, he venerada a devota, e reſpeitoſa Imagem chamada do Santo Chriſto de Bouças. Eſta Imagem he a mais antiga que ha em Portugal, e dizem ſer feita pelo nobre Decuriaõ Nicodemus, Diſcipulo de Chriſto, e achada milagroſamente por huns peſcadores toda cuberta de limos no ſitio do Eſpinheiro, onde a expulſaraõ as ondas. O vulto ſerá pouco mayor que a Imagem do Senhor Jeſus, que eſtá na Igreja de S. Domingos de Lisboa: tem nove palmos de alto, e oito de braço a braço: o veneravel roſtro levantado: dos olhos o direito eſtá fechado para a terra, e o eſquerdo aberto para o Ceo. Sem ter muſculos, veyas, ou feições polidas, naõ ha Imagem mais perfeita, nem mais excellente. Cauſa nos que empregaõ nella a viſta hum reverencial temor, e quaſi ſobrenatural compunçaõ. He o aſylo, e refugio dos moradores do Porto, que cada dia experimentaõ por meyo deſta Santa Imagem infinitas miſericordias de Deos. (1)

2 Na Villa de *Barcellos* he reverenciada huma Santa Imagem de Chriſto com a Cruz às coſtas, a qual no anno de 1505 foy achada nas prayas de Biſcaya, e trazida para o ſitio, onde hoje eſtá, com grande decencia, e ornato, fazendo logo o primeiro milagre na ſua collocaçaõ na Capella de Santa Cruz, porque entrou pela porta da Ermida com facilidade, ſendo a imagem grande, e a porta pequena.

(1) Cunha, Catalog. dos Biſpos do Porto part. 2. c. 45. Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Port. num. 182. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 615. Corograf. Portug. tom. 1. p. 361. Fernandes, Alma inſtruida tom. 2. p. 792.

quena. Em circuito desta Ermida se vê cada anno o celeberrimo prodigio da appariçaõ das Cruzes nos dias 3 de Mayo, e 14 de Setembro, e algumas vezes pela Quaresma, porque no espaçoso rocio, que cerca a Igreja, sendo o terreno de cor barrenta, apparecem por estes tempos varias Cruzes cinzentas, ou a sombra dellas, huns annos em mayor numero, outros em menor; humas grandes, outras pequenas; e naõ apparecem só na superficie da terra, mas tanto se profunda aquella sombra, que por mais que se cave, sempre se encontra a mesma Cruz. Passado o dia desapparecem, ficando o terrenno da mesma fórma. Em 20 de Mayo de 1730 foy notavel o grande numero de Cruzes, com que se alcatifou aquelle terreiro. (1)

3 Em *Santarem* no Convento de Religiosos Benedictinos se adora com especial culto huma devotissima, e milagrosa Imagem de Jesu Christo crucificado com os braços despregados, estendido o direito, offerecida a maõ, e curvado o santissimo Corpo na mesma postura, com que testemunhou ha tantos seculos a verdade de huma afflicta Pastora, que com lagrimas, e verdadeira fé lhe pedia justificasse na presença dos Ministros da Justiça o seu requerimento, como irrefragavel testemunha, que havia sido dos esponsaes, que lhe fizera certo moço. Os Summos Pontifices tem concedido muitas Indulgencias aos Confrades, que ha naquelle Convento em obsequio da mesma Imagem, de que ha Summario impresso no anno de 1739 na Officina de Miguel Rodrigues. (2)

---

(1) Cunha, Histor. Eccles. de Braga p. 2. c. 55. Faria no Epitom. part. 4 c. 17. Severim, Promptuar. espirit. p 89 Cardos. Agiol Lusit. tom. 3 p. 58. Nobiliarq. Port. c 9. Corogr. Port. tom. 1. pag. 298. (2) Faria na Europ. Port. Mariz no especial tratad. deste milagre. Benedict. Lusit. tom. 2. p 367. Vasconcel na Histor. de Santar. tom. 2. liv. 1. c. 8. Jardim de Port. p. 559. Corog. Port. tom. 3. p. 245.

4 Na mesma Villa no Convento Dominicano ha outra devota Imagem de Christo crucificado com o titulo do Senhor dos Afflictos, ao qual dizem, que lhe crescem os cabellos da barba, e as unhas dos pés, e que fallara a hum Noviço, que queria deixar a Religiaõ, de cujas vozes atemorizado permaneceo, e nella acabou santamente. (1) Tambem no Convento de S. Francisco da propria Villa logo à entrada da porta principal, à maõ esquerda, se venera huma devotissima Imagem de hum Crucifixo, que mandou fazer ElRey D. Joaõ I. pela sua propria estatura, e delle ha milagres authenticos. (2)

5 Venera-se no Convento Franciscano da Villa de Balhelhas, ou Valhelhas, tres leguas distante da Cidade da Guarda, a milagrosa Imagem do Bom Jesus, em cuja Capella se vê pendurada huma taboa, que relata a historia do seu prodigioso apparecimento no anno de 1502 por hum piedoso Pastor, o qual observando, que o seu gado se detinha demasiadamente em huma lapa, querendo desviallo, ouvio huma voz, que o chamava pelo seu nome, e caminhando para aquella parte, foy dar com a santa Imagem de magestoso aspecto. (3)

6 Em huma Ermida de S. Nicoláo da Cidade do *Porto* he venerado hum santo Crucifixo com grande devoçaõ, porque nas publicas necessidades de Sol, ou chuva tem obrado evidentes maravilhas, levando-o em procissaõ da Ermida para a Sé; e quando o restituem, he com igual concurso de gente. (4) Nesta mesma Cidade tem os Religiosos Dominicanos no seu Convento huma devota Imagem de Christo crucificado, pela qual o mesmo Senhor obra muitos milagres, e com especialidade por meyo de huma toalha, chamada *Toalha de Jesus*, por onde tem

---

(1) Historia de Santarem tom. 2. p 55. (2) Ibid p. 190. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3 p. 583. e 591. (4) Cunha, Catalog. dos Bisp. do Port. part. 2. c. 42.

tem conſeguido ſaude muitos enfermos. (1)

7 Adorna ao Regio Convento de Santa Cruz de *Coimbra* hum ſanto Crucifixo, que eſtá em huma Capella da Sacriſtia, para onde veyo do antigo Moſteiro das Donas, o qual reſpondeo à Beata Feliciana por deſpacho de huma injuſta petiçaõ aquellas palavras, que já o meſmo Senhor tinha dito à máy dos filhos de Zebedeo: *Neſcitis quid petatis.* (2)

8 De igual reſpeito, e devoçaõ he huma Imagem de Chriſto crucificado, que ſe venera em *Guimarães* na Capella de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ do Campo da Feira, cujo devoto roſtro ſe julga foy obrado pelas mãos dos Anjos. [3] Tambem no *Concelho de Felgueiras*, e Freguezia de Santiago de Sandim exiſte hum devoto Crucifixo, que dizem fora do famoſo Egas Moniz. [4] E na Vigairaria de Santa Vaya de *Tonois*, termo de Braga, ha a milagroſa Imagem do Bom Jeſus do Monte, naõ ſó viſitada de grande numero de romeiros, mas feſtejada ſumptuoſamente. [5] Naõ o he menos o Santo Chriſto de Cabeça boa, que he huma Imagem muy milagroſa, que ſe venera fóra dos muros da Cidade de Bragança. [6]

9 Faz baſtantemente reſpeitavel ao Convento de S. Franciſco de *Chaves* hum ſanto Crucifixo de grandeza, e proporçaõ natural, cujo aſpecto infunde ſacro terror, e provoca a devoçaõ: he muy viſitado com frequentes romarias, e tido por milagroſo. [7]

10 Ennobrece naõ pouco a Villa de *Alenquer* outra ſanta Imagem de Chriſto crucificado, que muitas vezes fallou ao Santo Fr. Zacharias, a qual ſe guar-

---

(1) Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Port p. 485 Bullar. Dominic. tom. 3. p. 284. onde vem hum Breve ſobre a deciſaõ de pertencer eſta ſanta Imagem ao Convento de S. Domingos depois do anno de 1449. (2) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 348. e tom. 3. p. 625. (3) Corograf. Port tom. 1. p. 68. (4) Ibid. p. 121. (5) Ibid. pag. 185. (6) Ibid. p. 496. (7) Monforte, Chronic. da Pied. liv. 2. c. 10.

guarda no Convento de S. Francisco no Cruzeiro da Igreja em Sacrario fechado, que naõ se abre senaõ nas sestas feiras da Quaresma, e em 3 de Mayo. (1)

11 Na grandiosa Igreja da Misericordia da Villa de *Aveiro* he venerada a Imagem de Christo com o titulo de *Ecce Homo*, de estatura natural, e taõ perfeita na proporçaõ symmetrica de todas as suas partes, que he suspensaõ dos artifices, e attractivo da devoçaõ: no Reino dizem que naõ ha outra semelhante. (2)

12 Com especial favor coube mayor numero de santas Imagens de Christo Senhor nosso a esta famosa Cidade de *Lisboa*, porque no Mosteiro do *Salvador* de Religiosas Dominicas existe com grande veneraçaõ huma antiquissima Imagem do Santo Crucifixo achada naquelle sitio entre humas espessas matas logo nos principios, que o Santo Rey D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos Mouros. Foy descuberta por hum nobre Cavalleiro, o qual ao pé da Cruz, em que a Imagem pendia, achou hum Altar de cera, que as abelhas prodigiosamente haviaõ fabricado. (3)

13 Illustrava muito ao famoso Templo de *S. Domingos* a antiga, e respeitavel Imagem do Senhor Jesus crucificado, em cujo lado de tempo immemorial estava continuamente exposto o Santissimo Sacramento. A ella recorria o devoto povo Lisbonense nas suas urgentes necessidades certo da sua infallivel clemencia.

14 Na Igreja de *Santa Barbara do Castello* se adora hum santo Christo de vulto pouco menor que a estatura natural, e ha tradiçaõ que fallava muitas ve-

(1) Esperança, Histor. Serafic. part. 1. c. 16. Cardos. Agiol Lusit. tom. 3. p. 61, e 625. (2) Corogr. Port tom. 2 p 101. (3) Agiol. Lusit tom, 3, p. 61. Corogr. Port. tom. 3. p. 385 Sousa, Histor. de S. Dom. part, 2, Anjos, Jardim de Port, n 89. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 45.

vezes com a Rainha Santa Isabel. Porém entre as Imagens de Christo notaveis, que ha em Lisboa, goza o Religiosissimo Convento da *Graça* de duas muy respeitaveis: huma he o Santo Crucifixo, o qual dizem fora trazido ao Veneravel Padre Montoya pelos Anjos, e he tradiçaõ antiquissima, que muitas vezes se ouvia estar fallando com o dito Padre: a outra Imagem he do Senhor Jesus dos Passos, que tem feito grandes prodigios. Succedeo na sua compra hum mysterio memoravel; porque andando o grande servo de Deos Luiz Alvares de Andrade com o piedoso intento de estabelecer nesta Corte pelos annos de 1587 a devoçaõ dos Passos, como com effeito estabeleceo, veyo à sua casa hum estrangeiro, que trazia varias cabeças de imagens para vender, e entre ellas a devotissima do Senhor Jesus, a qual comprou o dito devoto por tres cruzados, preço com que alguns contemplativos querem que fosse vendido o divino Original. He tida esta Imagem por huma das de mayor veneraçaõ, que tem esta Corte, e assim he servida com huma grandiosa Irmandade, em que entra a mayor parte da Nobreza. (1)

15 Adorava-se no Convento do *Carmo* a Imagem do Santo Christo cativo, porque o esteve em Argel. No seu resgate concorreraõ circunstancias prodigiosas, que o faziaõ mais veneravel. (2) Aqui mesmo em huma Capella dos claustros estava collocada a sagrada Imagem do Senhor Jesus dos Agonizados, que veyo do Convento de Moura, onde he constante fallara a hum Religioso Leigo, e que tinha obrado innumeraveis prodigios.

16 Em *S. Francisco de Xabregas* em huma nave da Igreja para a parte da Sacristia está collocada em huma Capella a devotissima Imagem com o titulo do

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 409. (2) Pegas Forens. tom. 6. c. 164. n. 10. Corograf. Port. tom. 3. p. 472. Pereira, Chronic. dos Carmelit. tom. 1.

do Senhor Jesus do Bom despacho, com a qual he tradiçaõ, que corria a Via-Sacra o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, assistindo ainda neste Convento. Desta santa Imagem foy devotissimo o Servo de Deos Fr. Joseph de Santa Anna, Religioso do mesmo Convento, que morreo com opiniaõ de virtude.

17 Enriquecia o Convento da *Santissima Trindade* a Imagem do Santo Crucifixo, que no anno de 1140 estando no Coro, e cahindo este a tempo, que por baixo passavaõ dous Religiosos, ficando ambos opprimidos da ruina, de tal fórma os amparou o Crucifixo, com quem se acharaõ abraçados, que elles naõ receberaõ damno algum; porém a Imagem ficou com a nodoa de huma grande pizadura no peito. (1) Tambem aqui era venerada a Imagem do Senhor Jesus do Resgate.

18 No Mosteiro das *Inglezinhas* se venera hum Crucifixo chamado do Milagre: guarda-se na cella das Abbadessas, da qual he levado ao Coro em Procissaõ todas as sestas feiras. Trouxe-o a Madre Soror Isabel Arte, a qual, quando residia em huma das Cidades, que os hereges saquearaõ em tempo do scisma de Henrique VIII. tirando-lhe hum das mãos por força a tal Imagem, com que a Serva de Deos estava abraçada, e lançando-a em huma fogueira, ella com grande valor correo, e a tirou do meyo das lavaredas sem lesaõ alguma, perdendo o fogo por entaõ a sua actividade. (2)

19 O Santo Christo da Cruz Archiepiscopal da antiga *Sé de Lisboa* merece particular memoria, porque no dia da feliz acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. (escrevem os nossos Historiadores) despregou o braço defronte da Igreja de Santo Antonio com geral ad-

---

(1) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 463. (2) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 819.

admiraçaõ de todos. De igual respeito saõ os veneraveis Crucifixos, que se adoraõ, hum no grande Templo da *Misericordia*, a que chamaõ o Santo Christo dos padecentes, por ser levado diante delles até o lugar do supplicio; outro na Freguezia de *Santa Maria Magdalena*, chamado o Senhor Jesus dos Perdões, cujo cravo da maõ direita, que por varias vezes tem deixado cahir prodigiosamente, se expõem todas as sestas feiras à publica veneraçaõ.

20 O Senhor Jesus da Boa-Morte, que se venera no sitio de Buenos Aires, e no Convento dos *Padres da Caridade*, obra maravilhas notorias, naõ sendo menos prodigio conservarse ha mais de oito annos hum pé de feto, que nasceo no pedestal, em que assenta a Cruz, que está fóra da Igreja, pois estando encerrado onde lhe naõ entra Sol, nem chuva, nem se lhe lança agua alguma, permanece fresco todavia ha tanto tempo, de que somos testemunha de vista; e alguns devotos pedem, e levaõ raminhos da tal herva, que pelo antigo contacto da Cruz, e daquella Imagem tem obrado alguns prodigios em febricitantes.

21 Naõ ha muitos tempos que o zeloso, e devoto Irmaõ Antonio dos Santos resuscitando a sensivel memoria do ultraje, que o Senhor soffreo no roubo da sagrada pyxide da Eucharistia de Odivellas, e querendo justamente que naquelle mesmo sitio, em que foy achado o vaso, se reverenciasse a Deos, e se convertessem os desprezos em adorações, arvorou hum Cruzeiro obrado pelas suas mãos em Novembro de 1744, a que deu o titulo do Senhor Jesus roubado, o qual faz tantos milagres, que hoje concorre alli já muita gente em romaria de varias partes.

22 He tida em grande veneraçaõ na *Igreja de S. Roque* huma Imagem de Christo retratada conforme a visaõ, que teve a Veneravel Marina

de Eſcobar. Nella ſe vê huma modeſta formoſura de roſtro, proporçaõ de corpo admiravel, e hum ornato de veſtidos, que por novidade ſaõ dignos de referirſe. Primeiramente ſe vê no braço mais junto à maõ camiza de linho de cor branca, e depois ſe vê mais recolhida a manga juſta no pulſo do braço de cor entre vermelha, e roxa, que he a tunica inconſutil, a qual cor ſe vê tambem na Imagem, que ſe nos propõem pintada por S. Lucas. Segue-ſe logo huma veſtidura a modo de toga uſada entre os Romanos, ou pallio entre os Gregos, com a manga larga, e o demais corpo; a cor he violada, e ſe aperta com hum cingidouro da meſma cor. Ultimamente o manto he de cor naõ totalmente preta, mas tem alguma ſemelhança com a toga: no mais he ſegundo o modo dos Hebreos graves, e honeſtos. Tambem ſe lhe diviſaõ alparcas, que era calçado muito uſado entre os Hebreos. (1)

23 Eſte quadro deu a Condeſſa de Sortelha, que trouxe de Caſtella, e tem feito alguns milagres applicado a doentes, que já eſtavaõ deſconfiados dos Medicos. Hoje ſe vê collocado por cima da porta interior da Capella chamada da Communidade em hum dos dormitorios deſta Caſa, que nós vimos, e obſervámos miudamente, e achámos ſer conforme ao que nos diz o Padre Manoel Fernandes allegado. Tambem no Convento de Carmelitas deſcalços de *Aveiro* exiſte hum retrato proprio de Chriſto Senhor noſſo, que foy tirado de Amiralda, e o enviou de preſente o Graõ Turco ao Papa Innocencio VIII. para effeito de lhe reſgatar hum irmaõ ſeu, que tinha cativo. (2) Em huma exacta noticia, que dos Conventos da ſanta Provincia dos Algarves da Regular obſervancia nos communicou o M. R. P. Fr. Jeronymo de Belém, achámos, que

(1) Fernandes, Alma inſtruid. tom. 2. p. 734. (2) Corogr. Port. tom. 2. pag. 106.

que no Convento da Conceiçaõ de Castello de Vide existe huma preciosa lamina de cobre com a vera effigie de Christo Senhor nosso metida em huma vidraça com hum letreiro por fóra, que diz ser tirado de Amiralda pelo Graõ Turco, e mandado de presente ao Papa Innocencio VIII. para effeito de lhe resgatar hum irmaõ, que tinha cativo. Desta sorte naõ sabemos qual destes dous retratos he o verdadeiro, que se mandou ao Pontifice, porque pela identidade dos letreiros se conhece, que algum delles he copia.

24 Modernamente he muy frequentada a Imagem do Senhor Jesus da Pedra nos arrebaldes da Villa de *Obidos*, muito milagrosa; e he tanta o occurrencia da gente, que só de esmolas se lhe erigio huma sumptuosa Igreja de cantaria, que importou quasi duzentos mil cruzados, em cuja magnificencia logra a mayor parte a liberalissima piedade, e devoçaõ do nosso inclyto Monarca D. Joaõ V. Foy este Templo em Mayo de 1747 bento pelo Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa. Tambem em *Villa Franca de Xira* se renovou no anno de 1745 a devoçaõ dos fieis com os prodigios do Senhor dos Incuraveis, Imagem composta de hum certo genero de pasta, ou papelaõ conglutinado, que se venera junto da Misericordia da dita Villa, sendo alli muy frequentes as romarias, e visitas do povo devoto.

25 Conservava-mos ainda outras Santas Imagens em Lisboa, de que naõ he justo esquecermo-nos. Com especialidade na Freguezia de *S. Mamede* existia a devotissima Imagem de Christo crucificado, que obrava continuos prodigios. Na Freguezia de *Santa Justa* a veneravel Imagem do Senhor Jesus atado à columna, que ainda existe, e he de summo respeito. Na Igreja da *Conceiçaõ dos Freires* da Ordem de Christo a devotissima Imagem, que se adorava na segunda Capella à maõ esquerda entran-

do pela Igreja. No Convento de Agoſtinhos Deſcalços da *Boa-Hora* o Senhor Jeſus de Tangere, que era frequentado de muitos devotos pelos milagres, que experimentavaõ da efficacia das ſuas ſupplicas.

26 Além deſtas Imagens ha outros muitos Santos Crucifixos pelo Reino de grande devoçaõ, a ſaber: o da Freguezia do Salvador de Torres-Novas, o do Convento dos Agoſtinhos de Torres-Vedras, o Senhor Jeſus da Carnota, o Santo Crucifixo de Poyares, o do Convento de S. Cruz de Lamego, o de Soure, o de Maçaõ, o de Chacim, o de Algoſo, o de Oiteiro, o de Alvor, o de Moncarapacho no Algarve, o de Vianna, o de Valença, o de Setubal chamado Senhor do Bom Fim, o da Freguezia de S. Martinho de Lordelo chamado o Santo Chriſto da Ajuda, o que eſtá junto da Villa de Ferreira de Aves com o titulo do Senhor da Fraga muito milagroſo, e de grande veneraçaõ pela muita gente, que alli concorre em romaria de todo o Biſpado de Viſeu attrahidos naõ ſó das maravilhas do Senhor, mas tambem da virtude da agua de huma fertil fonte, que alli ha poucos tempos brotou. No meſmo Biſpado he celebre, e muy viſitado hum Santo Crucifixo, que haverá ſeis annos appareceo milagroſamente, e exiſte na Igreja de Ribafeita.

27 Outras Imagens de Chriſto Menino ſe conſervaõ, e adoraõ em noſſo Reino com grande devoçaõ. Em *Santarem* no Convento Dominicano he famoſiſſima a do Menino Jeſus dos Milagres, naõ ſó pela continuada maravilha de creſcer evidentemente, mas pelo authenticado prodigio de vir muitas tardes merendar com dous Meninos nos degráos do Altar, que com ſanta, e pura ſinceridade o convidavaõ, voltando elle outra vez a collocarſe nos braços da Imagem de ſua Santiſſima Mãy. Recompenſoulhes depois eſte convite, e a ſeu feliz Meſtre o Beato Fr. Bernardo de Merlans, Sacriſtaõ da meſ-

ma Igreja, com o eterno banquete da Bemaventurança, determinando-lhes o dia, que foy o da admiravel Ascensaõ do Senhor, em que foraõ achados todos tres no mesmo Altar, o Mestre paramentado com vestes sacerdotaes, e os Meninos discipulos, que lhe serviaõ de Acolytos, todos de joelhos, com as mãos, e olhos erguidos ao Ceo, em cuja postura espiraraõ. Guardaõ-se ainda hoje suas santas reliquias, e à prodigiosa Imagem se faz todos os annos solemne festa. (1)

28 Em *Evora* no Mosteiro Augustiniano de Santa Monica he venerada outra Imagem do Menino Jesus ha muitos annos, a qual pelos seus estupendos milagres, que principiou a manifestar pelos annos de 1570, quer o Mestre Anjos que se propagasse em Portugal a grande devoçaõ, que nelle ha do Menino Deos. (2)

29 Em *Lisboa* gozamos a milagrosa Imagem do Menino Jesu no Recolhimento do Menino Deos de Mantellatas, ou Beatas da Terceira Ordem de Xabregas, cujos prodigios saõ bem notorios nesta Corte. (3) No *Mosteiro do Salvador* ha outra Imagem de Christo Menino com o titulo de Rey Salvador tambem muito milagrosa.

30 Em *Setubal* no Mosteiro de Jesus situado fóra dos muros he tambem venerada outra Imagem do Menino Jesus, que se chama dos Milagres pelos muitos, que tem feito quasi em todo este Reino.

§. II.

(1) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 61. (2) Fr. Luiz dos Anjos no Jard. de Port. n. 145. Purific. Chronol. Monast. p. 61. Fonsec. Evora gloriof. n. 690. (3) Corogr. Port. tom. 3 p. 353.

§. II.

Imagens de Maria Santissima.

1 N*Ossa Senhora dos Açores* he venerada na Villa do seu mesmo nome. Esta imagem he muito antiga, e milagrosa ainda em tempo dos Godos, fazendo a hum Rey daquelle seculo muitos prodigios, quaes foraõ darlhe hum filho successor, resuscitallo depois de morto, e trazerlhe à maõ hum falcaõ, que elle muito estimava. Reinando em Portugal D. Sancho I. foy esta Senhora a causa de conseguir ElRey huma famosa victoria contra ElRey de Leaõ, fazendo a maravilha, de que sendo já sol posto quando começou a batalha, e durando o conflicto algumas horas, naõ se experimentou falta de claridade para acabar de vencer, vendo-se na Lua, e nas estrellas reproduzida verdadeiramente mayor luz, e resplandor, que o ordinario; e como esta maravilha foy visivelmente alcançada por intercessaõ da Senhora, que ElRey, e o exercito implorou, fizeraõ voto de ir todos os annos à Igreja celebrar obsequiosos o favor recebido. De facto ainda o cumprem a Villa de Trancoso, e os Concelhos de Algodres, e Fornos na primeira Oitava do Espirito Santo; a Villa de Linhares na terceira Oitava; a Villa de Celorico a 3 de Mayo; e a Cidade da Guarda na primeira Oitava da Pascoa. (1)

2 *Nossa Senhora da Alagoa*, que se venera na Freguezia de Argomil, termo da Villa de Jarmello, duas leguas distante da Cidade da Guarda, he Imagem, que appareceo a huma Pastorinha, e obra tantos prodigios, especialmente nos que padecem o achaque de gota coral, e gota podagra, que he a sua Igreja hum dos mais frequentados Santuarios de toda a Provincia da Beira. (2)

Nossa

---

(1) Monarq. Lusit. liv. 12. c. 5. Santuar. Mar. tom. 3. p. 51. (2) Ibid. p. 41.

3 *Nossa Senhora da Ameixoeira*, duas leguas distante de Alenquer, Imagem que antes da invasaõ dos Mouros já era milagrosa, e servida por huns devotos Anacoretas, que viviaõ naquelle mesmo sitio, ao qual se dignou honrar a Mãy de Deos, descendo corporalmente a visitallo, e imprimindo para memoria eterna deste prodigio huma das suas sagradas plantas em huma pedra, que ainda hoje se conserva. Foy achada esta Imagem pelo Veneravel Fr. Sueiro Gomes, Religioso Dominicano. (1)

4 *Nossa Senhora da Arrabida.* Esta Santa Imagem, que existe na Serra do mesmo nome, na Comarca de Setubal, e termo de Cezimbra, fugio (digamos assim) de huma Náo Ingleza, em que a trazia o Capellaõ della chamado Haldebrant, em huma noite de tanta tormenta na altura de Lisboa, que se naõ fora a mesma Senhora, que allumiou a Náo com hum prodigioso resplandor, certamente ficaria submergida das ondas. Socegada a tempestade, e examinando no outro dia os navegantes o sitio daquella luz, acharaõ a Imagem da Senhora nelle, de que admirados, e agradecidos, conjecturando ser aquelle lugar escolhido pela Mãy de Deos para nelle a venerarem, com esmolas lhe fizeraõ huma Ermida, ficando o Padre Haldebrant por seu Capellaõ. (2)

5 *Nossa Senhora da Atalaya.* Venera-se em huma formosa Ermida meya legua afastada da Villa de Aldea Galega da outra parte do Tejo. Appareceo esta Senhora em cima de huma aroeira, cujas folhas depois produziaõ certa especie de balsamo, ou rezina cheirosa, que era remedio admiravel para as sezões, de que usavaõ os devotos da Senhora. Entre o grande numero de milagres, que esta Santa Imagem tem feito, foy celebre o que aconteceo em tempo del-

(1) Sousa Chronic. de S. Doming. part. 1. liv. 1. c. 12. Monarq. Lusit. part 4. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 132. (2) Idem tom. 1. p. 17 Purificaç. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 4. tit. 5. §. 2.

delRey Filippe I., o qual mandando cortar alguns pinheiros, que povoaõ o largo campo, ou rocio daquelle terreno, para fabrica de algumas embarcações, todos os que tinhaõ final para o córte, ao outro dia eſtavaõ taõ retrocidos, que por incapazes naõ ſó ſe deixaraõ, mas todos os mais, percebendo-ſe com eſpanto o prodigio: aſſim ſe conſervaõ ainda alguns, que nós vimos, quando fomos viſitar no anno de 1736 eſte Santuario muy frequentadó de gente naõ ſó do Alentejo, mas da Eſtremadura. (1)

6 *Noſſa Senhora da Barroquinha* junto da Villa da Caſtanheira. Manifeſtou-ſe no anno de 1658 no ſitio de huma barroca, de que fez brotar huma fontezinha de agua, a qual ſarava muitas enfermidades. He Imagem de muita romaria. (2)

7 *Noſſa Senhora da Boa-Viagem*. Venera-ſe no Convento de Religioſos da Provincia da Arrabida, duas leguas de Lisboa rio abaixo ſobre as prayas do mar, e he muy buſcada da gente de Lisboa, e de todos os navegantes, que lhe fazem ſua feſta nas Oitavas do Eſpirito Santo.

8 *Noſſa Senhora das Brotas* famoſo Santuario da Provincia do Alentejo. Exiſte no termo da Villa das Aguias, ſete leguas afaſtado de Evora para o Noroeſte, entre dous montes altiſſimos: o Templo he ſumptuoſo, e ſerve de Paroquia: a Imagem da Senhora naõ tem hum palmo de altura: dizem que he feita pelas mãos dos Anjos, e da canella da maõ de huma vaca, que a Senhora reſuſcitara no anno de 1470 a ſupplicas de hum pobre, e ſincero Lavrador. O certo he, que a Imagem he milagroſiſſima, e que para a feſtejarem concorrem todos os annos em romaria deſde a Paſcoa até Setembro os moradores de dezaſete Villas. (3)

Noſ-

(1) Santuar. Marian tom. 2. p. 407. (2) Ibid. p. 356. (3) Vaſconcel. in Deſcript. Luſit. p. 538. Santuar. Marian. tom. 6. p. 125.

9 *Nossa Senhora do Cabo*, Imagem de grande respeito, mas muy pequenina, com o Menino Jesus nos braços, que existe no Cabo de Espichel. He muito milagrosa, e à sua Igreja concorre muita gente em romaria, e lhe fazem grandiosas festas. (1)

10 *Nossa Senhora do Capitulo* do Convento de S. Francisco de Alenquer. Em huma occasiaõ declarou esta Imagem a hum Noviço, que o Hymno *O' gloriosa Domina &c.* era de seu mayor agrado; e para credito deste dito mudou o Menino, que tinha no braço direito, para o esquerdo. Está dentro de hum especial Sacrario, em cujas portas da parte de fóra se vê pintado o milagre. (2)

11 *Nossa Senhora de Carquere.* He venerada esta Senhora tres leguas distante de Lamego, em cuja Casa, e Altar recebeo nosso primeiro Rey aquella singular mercê de poder andar sem o defeito, com que nascera. (3)

12 *Nossa Senhora do Carmo.* Venera-se em Lisboa no Convento de Religiosos Carmelitanos: he Imagem muy formosa, e em agradecimento dos beneficios, que della recebeo o Veneravel Condestavel Nuno Alvares Pereira, lhe edificou magestoso Templo, em que fosse servida, e adorada. (4)

13 *Nossa Senhora da Conceiçaõ* da Ermida de Messejana, termo de Torres Vedras. He Imagem muito milagrosa, e tem suado varias vezes com prodigiosas circunstancias. (5)

14 *Nossa Senhora da Incarnaçaõ* do Convento de S. Jeronymo do Mato, duas leguas de Alenquer. Hoje está na Casa do Capitulo, mas antigamente estava sobre o pórtico do alpendre da Igreja. Sen-

(1) Faria na Europa Portug. tom. 1. part. 2. cap. 16. (2) Cunha, Histor de Lisb. part. 2. cap. 27 Cardos. Agiol Lusit. tom. 1. p. 179. e 513. Santuar. Marian tom. 2 p. 335. (3) Monarq. Lusit. liv. 9. c. 6. Faria na Europa Port. tom. 3. c. 12. §. 3. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 75. (4) Pereir. Chronic. do Carm. tom. 1. (5) Santuar. Marian. tom. 1.

do muy devoto desta Senhora o Veneravel Padre Fr. Lourenço, Confessor da Rainha D. Leonor, succedeo morrer, e mandarse enterrar no adro defronte daquella Imagem, que tanto venerava; e passado algum tempo, da cabeceira da sepultura nasceo hum mysterioso espinheiro, cujos ramos se estendiaõ em fórma de cruz, e em cada huma das folhas com distinctas letras se viaõ escritas estas palavras: *Rubum, quem viderat Moyses incombustum*, o qual durou até trasladarem dalli o corpo daquelle Veneravel Religioso, de cujo tempo até agora cessou tambem aquella maravilha, da qual ha hum instrumento authentico com muitas testemunhas, que se guarda no Cartorio daquelle Convento. (1)

15 *Nossa Senhora dos Enfermos* no Almargem do Bispo, cuja Imagem pela sua esccultura mostra antiguidade, e pelas circunstancias do seu apparecimento indica ser obrada por impulso superior. He venerada, e buscada de muita gente de Lisboa, e seus termos em continuas romarias. (2)

16 *Nossa Senhora da Escada, ou da Purificaçaõ* junto ao Convento de S. Domingos de Lisboa. Era Imagem antiquissima, e muy venerada delRey D. Affonso III. quando assistia nos Paços dos Estáos. A mesma devoçaõ tiveraõ ElRey D. Joaõ I., D. Duarte, D. Affonso V., D. Manoel, D. Joaõ III., e outros Principes. Sendo Capellaõ desta Senhora o Padre Fr. Fernando do Cadaval, Religioso de S. Domingos, decia dos braços da Senhora o Menino Jesus, e se punha sobre o Altar para o abraçar, mercê que a soberana Mãy de Deos lhe alcançava repetidas vezes em premio da grande devoçaõ, com que aquelle Religioso a servia, e amava. (3) O insigne Padre Sebastiaõ Barradas teve a felicidade de que

---

(1) Cunha, Catal. dos Bispos de Lisb. part. 2. cap. 96. Agiol Lusit. tom 1. p. 383. Santuar. Marian. tom. 2. p. 331. (2) Ibid. tom. 7. p. 189. (3) Sousa, Hist. de S. Dom. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 61.

que eſta Senhora lhe fallaſſe, dizendo-lhe, que entraſſe na Companhia.

17 *Noſſa Senhora do Eſpinheiro* junto a Evora, e exiſtente no Convento de Monges Jeronymos, he Imagem antiga, e muito milagroſa. Chama-ſe do Eſpinheiro, por apparecer a hum Paſtor em cima de huma çarça perto da atalaya, que ſervia antigamente aos Mouros de vigia. Por ſua interceſſaõ ſe vio prodigioſamente livre das maſmorras Africanas, e reſtituido à ſua liberdade certo Portuguez cativo, que ſem ſaber como, entrou pela Igreja dentro da Senhora, e lhe rendeo as graças de taõ grande favor, pendurando para trofeo, e memoria daquelle milagre os meſmos grilhões do ſeu cativeiro. (1)

18 *Noſſa Senhora do Faro.* Venera-ſe em huma Ermida, que eſtá ſobre hum monte fronteiro à Villa de Valença. Deſta Senhora recebeo outro cativo de Argel igual mercê, amanhecendo hum dia à porta da Igreja com o meſmo grilhaõ nos pés, o qual para memoria eſtá pendurado na parede da Capella mór. Além deſte obra continuamente outros muitos milagres, attrahida dos quaes concorre baſtante gente a eſte Santuario. (2)

19 *Noſſa Senhora da Flor da Roſa* na Villa do Crato, que alli appareceo milagroſamente, ordenando que ſe edificaſſe a Igreja, em que he venerada. He Imagem de rara formoſura, e de ſoberana mageſtade. Concorre muita gente a veneralla do Alentejo, e Beira, e lhe fazem os devotos grandioſa feſta na primeira ſeſta feira de Março. (3)

20 *Noſſa Senhora da Graça*, que ſe adora em Liſboa no Convento Auguſtiniano. Foy achada nas redes de huns Peſcadores da Villa de Caſcaes a tempo, que eſtando recolhendo o ſeu lanço, veyo entre o mais peixe eſta prodigioſa Imagem ſem a mi-

(1) Vaſconcel. Deſcr. Luſit. p. 536. (2) Corogr. Port. tom. 1. p. 275. (3) Santuar. Marian. tom. 3. p. 416.

nima lesaõ na escultura, ou colorido das roupas, obrando logo a estupenda maravilha, de que huma menina de peito, que no concurso da muita gente, que acudio a ver aquelle prodigio, se achava ao collo de sua mãy, articulasse vozes, dizendo: *Esta Senhora quer que a levem ao Mosteiro dos seus Frades.* A' vista do que vieraõ todos em Procissaõ, e a collocaraõ onde hoje se venera. Succedeo isto pelos annos de 1362, e sendo até entaõ nomeado o Convento de Santo Agostinho, dalli por diante se começou a chamar de Nossa Senhora da Graça. Tambem o grande Mathias de Albuquerque, estando na India, foy livre milagrosamente de que o pelouro de hum arcabuz o naõ matasse, invocando esta Senhora. (1) Com o mesmo titulo de *Senhora da Graça* se venera outra Imagem na Paroquial de S. Bartholomeu de Lisboa, que obra innumeraveis prodigios.

21 *Nossa Senhora a Grande*, ou *de Betancourt.* Venera-se na antiga Sé de Lisboa: he Imagem de grande magestade, e respeito. No litigio, que a Paroquia de S. Paulo teve com a Cathedral sobre a posse em que estava de ser a sua Igreja a primeira, onde se collocou a Senhora, e alcançando sentença contra o Cabido, sendo a Senhora levada em Procissaõ para a Freguezia, no seguinte dia se achou a veneravel Imagem outra vez na Sé, onde ficou, e se adora presentemente, fazendo muitos milagres a quem recorre ao seu patrocinio com devoçaõ. (2)

22 *Nossa Senhora da Lapa.* He hum dos mais frequentados Santuarios da Provincia da Beira, e Bispado de Viseu, existente em pouca distancia do Lugar de Quintella. Foy achada no anno de 1498 por huma Pastorinha chamada Joanna, que sendo muda, a Senhora lhe deu falla. A Imagem he do tamanho de dous palmos, e se venera em huma Igreja sujei-

ta

(1) Corograf. Portug. tom. 3. p. 358. Santuar. Marian. tom. 1. p. 88. (2) Ibid. p. 132.

ta ao Collegio que foy dos Padres da Companhia de Coimbra. A'parte da Epistola está a mesma lapa, onde a Senhora appareceo, formada de quatro pedras muy grandes, e de hum natural, e exquisito artificio. Obra esta Senhora grandes prodigios, e se lhe fazem muitas festas, que começaõ desde o Espirito Santo até Outubro, a que concorre muita gente com offertas, naõ só de Portugal, mas de Castella. (1)

23 *Nossa Senhora do Livramento.* Venera-se no sitio de Alcantara na Igreja dos Religiosos Trinitarios. He Imagem, que infunde grande respeito, e que obra muitos prodigios.

24 *Nossa Senhora da Luz* do Lugar de Carnide, termo de Lisboa, a qual entre os innumeraveis prodigios, que tem obrado, permanece ainda a memoria do extraordinario beneficio, que no anno de 1463 fez a hum Pedro Martins, natural do sobredito Lugar de Carnide, transferindo o do cativeiro de Africa, em que estava afflicto, para a sua patria com as mesmas cadeas, as quaes por muitos annos se conservaraõ na Igreja para memoria do admiravel milagre. (2) Outro semelhante se conta, que obrara Deos por intercessaõ da *Senhora dos Covões* da Villa de Alvayazere.

25 *Nossa Senhora Madre de Deos*, Imagem perfeitissima, e Santuario de mayor frequencia nesta Corte. Venera-se no Mosteiro de Religiosas Franciscanas, a que a milagrosa, e formosissima Imagem deu o nome. A Rainha D. Leonor, mulher delRey D. Joaõ II. Fundadora deste Mosteiro, naõ sabendo a invocaçaõ, que lhe havia de impor, acaso lhe trouxeraõ certos estrangeiros esta Imagem pa-

---

(1) Monarq. Lusit liv. 7. c 23. Vasconcel. na Descripç. de Port. p. 538. n. 15. Anjos, Jardim de Port n. 48 Telles, Chronic. da Companh. part 2. liv 5. c 51. (2) Santuar. Marian. tom. 1. tit. 13. Cardoso no Agiol. Lusit. tom. 2 p. 175. Fr. Roque de Soveral no Tratad. do Apparecimento desta Senhora.

para feirar, pela qual pediaõ hum altiſſimo preço. Irreſoluta a Rainha, os mandou ir ao outro dia; porém elles naõ tornaraõ mais a apparecer. Entaõ conheceo a Princeza, que naõ ſem myſterio permittia iſto o Ceo, e mandou collocar a Imagem no Altar da ſua Capella, e deſde entaõ começou a chamarſe aquelle Moſteiro da Madre de Deos. Faz eſta Senhora innumeraveis maravilhas a quem ſe encomenda a ella: aſſim o teſtifica o continuo concurſo de gente devota, eſpecialmente nos ſabbados, que vay à ſua Caſa renderlhe as graças dos beneficios recebidos. (1)

26 *Noſſa Senhora da Nazareth*, que ſe venera junto da Pederneira. Conſta por tradiçaõ, que eſta veneranda Imagem fora obrada pelas mãos de S. Joſeph na propria preſença da Mãy de Deos, e encarnada por S. Lucas, e que da Cidade de Nazareth a trouxera hum Monge Grego chamado Syriaco, em tempo que ſe levantou nas partes do Oriente huma hereſia contra a veneraçaõ das Imagens; e como eſta era eſtimavel, e reſplandecia em milagres, o tal Monge a deu a S. Jeronymo, e eſte a enviou a Santo Agoſtinho, que eſtava em Africa, e era Biſpo de Hipponia, o qual a mandou para o Moſteiro de Eremitas de Santo Agoſtinho, que havia em diſtancia de duas leguas de Merida, chamado Cauliano, do qual a trouxe o Monge Romano na companhia delRey D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos, para Portugal, e para o monte de S. Bartholomeu no anno de Chriſto de 714, em que aconteceo a perda geral de Heſpanha. Dahi a dias a trouxeraõ para o lugar junto da Villa da Pederneira, onde eſteve occulta 469 annos. Depois, ſendo acha-

(1) Agiol. Luſit. tom. 1. p. 374. Faria na Europa tom. 3. p. 3. c. 11. Santuar. Marian. tom. 1. p. 122. O Author da Corografia Portuguez. tom. 3. p. 350. diz, que no Palacio contiguo à Freguezia de S. Bartholomeu de Lisboa apparecera eſta devotiſſima Imagem, ſendo que a pag. 372. convem com o que temos dito.

achada por D. Fuas Roupinho no anno de 1182 ſuccedeo, que andando à caça, arremeçando inconſideradamente o cavallo no alcance de hum veado que lhe fugia, e na realidade era ficçaõ diabolica, indo já para cahir da ultima ponta de hum grande deſpenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foy livre do precipicio, e em remuneraçaõ lhe erigio huma Ermida, que depois ElRey D. Fernando mudou para melhorado ſitio, ainda que em pouca diſtancia, no anno de 1377. A Rainha D. Leonor accreſcentou eſte Templo. ElRey D. Manoel o cercou de alpendres; e no anno de 1600 ſe lhe fez o pórtico, e as eſcadas com bom goſto de arquitectura. A Imagem da Senhora he de madeira, e ainda perſevera com a meſma pintura, com que ha tantos ſeculos ſe pintou: eſtá ſentada com o Menino Jeſus nos braços, e neſta poſtura tem de alto quaſi palmo e meyo; mas concilía com extraordinario attractivo grande devoçaó: aſſim o experimentámos em Julho de 1742, quando viſitámos eſte Santuario. Os milagres que obra, ſaõ infinitos. O concurſo da gente, que alli vay em romaria, naõ tem numero, principalmente da Provincia da Eſtremadura, e no Veraõ, em cujo tempo ha dia, que ſe achaõ alli vinte mil peſſoas, fazendo à Senhora feſtas grandioſas treze Confrarias, em que ſe gaſtaõ muitos mil cruzados, parecendo pouco todo o diſpendio, que os fieis gaſtaõ no culto deſta devotiſſima Imagem, a qual certamente tudo merece. (1)

27 *Noſſa Senhora das Neceſſidades.* Com eſte titulo he venerada huma formoſa Imagem de Maria Santiſſima no ſitio de Alcantara de Lisboa, por meyo da qual obra Deos muitos milagres, ſendo muy

(1) Monarq. Luſit. liv. 11. cap. 33. Far. no Epitom. e p. 2. c. 71. n. 6. §. 2. Santuar. Marian tom. 2. p. 143. Benedictin. Luſit. tom. 1. p. 433 Agiol. Luſit. tom. 1. p. 83. e tom. 2. p. 287. Cunha, Hiſtor. de Lisb. part. 1. c. 34. Manoel de Brito Alaõ em eſpecial Tratad. deſta Sagrada Imagem, que compoz no anno de 1624.

muy celebre o do azeite da ſua alampada, que viſivelmente creſceo tanto à viſta de huma ſua devota, que trasbordou, e correo até à porta da Igreja. Muita gente concorre a ella, como a verdadeiro refugio das neceſſidades, e ſaude de enfermos, e muitos ſoberanos Principes, e Rainhas de Portugal lhe foraõ devotiſſimos: excedeo a todos noſſo inclyto Monarca D. Joaõ V., que na ſua moleſtia a implorou efficazmente, mandando-lhe fabricar novo Templo com todo o primor da arte, e exceſſos de grandeza. Era o ſeu affecto taõ inſeparavel deſta Senhora, que em quanto durou a dilatada doença de que morreo, a conſervou ſempre em ſeu Palacio com Regia decencia; e para qualquer parte que foſſe, a levava em ſua companhia.

28 *N. Senhora da Oliveira.* Eſta Imagem que antes ſe venerava em Lisboa na rua dos Confeiteiros em hum nicho, floreceo eſtes annos paſſados em tantos milagres, que era innumeravel a gente, que alli concorria: hoje enfraquecendo com o tempo a devoçaõ, naõ he tanto o concurſo do povo; mas a Senhora naõ ceſſa de favorecer a quem com fé, e affecto a buſca nas ſuas tribulações. Mayor permanencia tem tido a devoçaõ dos Fieis com a Imagem da Senhora da *Oliveira* de Guimarães, onde ſaõ alli continuas as ſupplicas, e as maravilhas.

29 *Noſſa Senhora de Penha de França.* Acha-ſe collocada eſta Senhora em hum formoſo Templo, e ſervida pelos Religioſos de Santo Agoſtinho. Deſde o anno de 1599 continúa a Camera, e o Senado de Lisboa a execuçaõ de hum voto que fez, de ir em Prociſſaõ à Caſa deſta Senhora na madrugada de 5 de Agoſto, por applacar o contagio, que atribulava eſte povo. Os prodigios, que eſta Senhora obra, ſe manifeſtaõ pelos muitos troféos, e memorias, que ſe vem pendurados das paredes do Templo, e do concurſo da gente, que alli vay ſempre ſen-

ſendo eſte Santuario hum dos famoſos entre os de Lisboa. (1)

30 *Noſſa Senhora da Peninha.* Fica no termo de Cintra huma legua de diſtancia no alto de huma eminente ſerra. Appareceo eſta Imagem a huma paſtorinha muda, fazendo-lhe logo o milagre de lhe dar falla. Eſtá collocada em huma formoſa Igreja, a que concorre muita gente em romaria, e obra muitos prodigios. (2)

31 *Noſſa Senhora da Piedade* do Convento dos Agoſtinhos Deſcalços de Santarem. Entre os grandes, e innumeraveis milagres, que a Mãy de Deos tem obrado por meyo deſta ſua ſanta Imagem, foy famoſiſſimo o que ſuccedeo a 22 de Mayo de 1663; porque eſtando neſſe dia, que era ſabbado, encommendando à Senhora algumas peſſoas devotas o bom ſucceſſo das noſſas armas, e os grandes apertos, em que ſe via o Reino com o inimigo de portas a dentro ſenhor da Cidade de Evora, viraõ o roſtro da Senhora inflammado, e reſplandecente, e o do Senhor muito mais enfiado do que ſe coſtuma ver, a qual maravilha naõ revelaraõ logo as taes peſſoas. Continuaraõ de tarde na ſua oraçaõ, e viraõ o roſtro da Virgem Senhora mais inclinado, e ſahido para fóra do nicho, e a do Senhor ir levantando ſeu laſtimado roſtro para cima, diviſando-ſe melhor a chaga do lado, que até entaõ eſtava encuberta, e a cor do ſangue, que era denegrida, mais rubicunda, movendo-ſe tambem ſeu ſacroſanto corpo, de ſorte, que ficou nos braços da Senhora muito mais levantado do que ſe via de antes, chegando-ſe os divinos roſtros tanto hum ao outro, que apenas cabe entre elles hum dedo, ſendo que até alli eſtavaõ taõ afaſtados, que bem cabia huma maõ traveſſa, deixando-ſe conhecer no geſto, fórma, poſtura, e cor das ſantas Imagens huma nota-

(1) Vieir. tom. 1. Serm. 10. (2) Santuar. Marian. tom. 2. p. 53.

vel differença ; e ſendo eſtas de barro fragil, e quebradiço, ficaraõ ſãs, e ſem gretas, diviſando-ſe nellas algumas couſas, que até àquella hora ſe naõ viaõ. Divulgada a maravilha, ſe fizeraõ proceſſos authenticos, e começou a creſcer a devoçaõ da piedade Chriſtã, e a viſitar eſte Santuario com grande zelo, e fervor. (1)

32 *Noſſa Senhora do Porto Salvo.* Eſta Santa Imagem venera-ſe em huma formoſa Igreja diſtante de Lisboa tres leguas, e pouco menos de meya legua do Lugar de Oeiras. Tem a gente maritima grande devoçaõ com eſta Imagem, e nas tormentas a invocaõ com a experiencia de a acharem ſempre propicia. Pelos rogos de huma mulher, que tinha ſeu filho cativo em Argel, lhe appareceo ſem ſaber como, com o meſmo grilhaõ no pé, que para memoria exiſte pendurado na meſma Igreja. (2)

33 *Noſſa Senhora do Roſario.* No Convento de S. Domingos de Lisboa era muy venerada a Imagem deſta Senhora, naõ ſó por ſer de huma admiravel formoſura, mas por alcançar de ſeu bento Filho infinitos favores para com os ſeus devotos.

34 *Noſſa Senhora da Saude.* Em Lisboa no bairro da Mouraria ſe venera eſta Senhora em huma Igreja do ſeu nome, que antes tinha ſido de S. Sebaſtiaõ, e ſe collocou nella pelos annos de 1569. O povo de Lisboa tem grande devoçaõ com eſta mageſtoſa Imagem, que evidentemente livrou eſta Cidade de hum terrivel mal de peſte, que padeceo no anno de 1560, e continuaria, ſe eſta clementiſſima Senhora naõ quizeſſe aſſentir piedoſa aos clamores do ſeu povo.

35 *Noſſa Senhora do Valle.* Tambem he grande a devoçaõ, que o povo de Lisboa tem com a Imagem deſta Senhora, que ſe venera no Convento de San-

---

(1) Agiol. Luſit. tom. 3. p. 542. Santuar. Marian. tom. 2. p. 249. Hiſtor. de Santar. tom. 2. p. 123. (2) Santuar. Marian. tom. 2. p. 19.

Santo Eloy. Obra ella muitos prodigios, e dizem que tem mostrado sinaes de lagrimas em seu magestoso rostro. (1)

§. III.

Imagens de outros Santos.

1 SAnto Alberto. Na Igreja do Convento Carmelitano de Lisboa era venerada a Imagem deste glorioso Santo, especialissimo advogado contra as febres. Com esta grande fé concorre ainda hoje muita gente a 7 de Agosto a beber, e buscar agua, que em muitas vasilhas se benze, e se distribue para este fim na sobredita Igreja.

2 *Santo Alcastor.* No territorio da Villa do Vimieiro ha huma notavel Imagem em Ermida propria do Martyr *Santo Alcastor*, esculpido em marmore, e descuberta no mesmo sitio no anno de 1562. Obra Deos por sua intercessaõ evidentes milagres nos queixosos de maleitas, e sezões, trazendo da dita Imagem pendurada ao pescoço alguma lasca, a qual ao depois se lhe restitue. (2)

3 *Santo Amaro.* Deste Santo temos no Reino algumas Imagens milagrosissimas: tal he a do termo da Villa de Veiros, a do lugar de Bertelhe, Bispado de Viseu, e a dos suburbios de Lisboa.

4 *Santa Anna.* He muito milagrosa a que se venera no Convento do Carmo da Villa de Moura. As mulheres com especialidade a buscaõ, quando tem necessidade de leite para criarem seus filhos, e ordinariamente conseguem o remedio. (3) Em Aveiro ha outra Imagem desta esclarecida Santa muy milagrosa, por cujos favores a Villa a tomou por padroeira. (4)

(1) Agiol. tom. 3. p. 290. S. Maria no Céo aberto na terra tom. 1. liv. 2. c. 20. p. 439. (2) Agiol. Lusit. tom. 3. p 627. (3) Chronic. do Carm. tom. 1. p. 201. (4) Corograf. Port. tom. 2. p. 116.

5 *Santo Antonio.* Só no Patriarcado de Lisboa existem mais de trezentas Imagens deste gloriosissimo Santo nosso Patricio, como se póde ver no *Oratorio de Santo Antonio*, que compoz o incansavel, e Apostolico Varaõ Fr. Joaõ de Nossa Senhora. Por maravilhosa he tida a Imagem chamada *D' entre as vinhas*, à vista de Punhete. Está assentada, as mãos descançaõ sobre os joelhos, e os olhos elevados ao Ceo. Dizem que em tempo de necessidade salta do Altar, sendo de pederneira, e vay acudir aos que o invocaõ intercessor, e muitas vezes torna orvalhado, ou empoado do caminho. (1) Naõ era menos maravilhosa a que se venerava na Sacristia do Convento de Nossa Senhora do Carmo desta Corte. Esta Imagem, que tinha dous palmos de alto, e era de escultura antiga, foy aquella, que fugindo do oratorio, em que a tinha hum seu devoto, e saltando no poço, veyo depois preza na fateixa com hum embrulho das peças preciosas, que lhe tinhaõ roubado. (2) No Convento de S. Francisco de Santarem existe outra Imagem antiquissima deste Santo com as mãos juntas erguidas, e os olhos levantados para o Ceo: he muito milagrosa. (3) E naõ será menos outra qualquer deste Santo invocada com fé, pois para os Portuguezes he Santo Antonio o conhecido, e geral refugio das tribulações, e advogado das cousas perdidas.

6 *S. Bartholomeu.* Em Santa Clara de Coimbra com especial devoçaõ he venerada huma formosa Imagem do Apostolo S. Bartholomeu seu particular advogado, o qual notoriamente livrou este Mosteiro do irremediavel mal da peste, em que ardia todo o terreno; porque depois que as afflictas Religiosas o tinhaõ elegido naquella tribulaçaõ para seu Patrono, nas sortes que tiraraõ para isso, apparecendo

---

(1) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 680. (2) Pereir. Chronic. do Carmo tom. 1. p. 753. (3) Esper. Histor. Serafic. tom. 1. c. 23. Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 192.

recendo hum pobre na portaria, (cujo disfarce se presumio tomara o mesmo Santo) este communicou à Abbadessa D. Margarida de Menezes a Antifona *Stela Cœli*, escrita em hum papel, para que se rezasse todos os dias, e que com o favor Divino ficariaõ livres do susto, como de facto ficaraõ, introduzindo dalli por diante no mesmo Mosteiro a sobredita Abbadessa cantarse sempre a tal Antifona, e que o dia do Santo fosse festejado, e se désse de comer aos pobres em abundancia. (1) Tambem junto aos muros de Evora ha hum Templo dedicado ao mesmo glorioso Apostolo, por cuja Imagem tem obrado Deos muitos milagres. (2)

7 *S. Bento.* Na Villa do Alandroal se venera huma Imagem deste Santo muy milagrosa. Tem livrado prodigiosamente aos moradores daquelles contornos em todas as occasiões, que houve peste no Alentejo, e com especialidade no anno de 1600, onde se observou, que muitas pessoas feridas daquelle mal, recolhendo-se à dita Villa, saravaõ. (3) Outra Imagem do mesmo Santo ha na serra de Pomares, qaatro leguas distante de Evora, em cujo sitio, e Freguezia nunca houve peste, nem mal contagioso; e sendo toda aquella serra cheia de viboras, que faziaõ muito damno à gente, e gado, depois que os moradores tomaraõ por padroeiro ao Santo, (porque lhe cahio seu nome em sorte, que para isso tiraraõ) naõ ha memoria, que dalli por diante mordesse vibora a pessoa alguma. (4) Tambem no Convento, e Igreja de Villar de Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista he venerada huma antiquissima Imagem de S. Bento muito milagrosa, e como tal buscada da gente de toda a Provincia do Minho, à qual concorre muitas vezes em fórma de Procissaõ com rogativas, a que chamaõ clamores, de-

---

(1) Jardim de Portug. p. 330. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 28.
(2) Fonseca Evora gloriof. n. 401. (3) Benedictin. Lusit. tom. 1. p. 435. (4) Ibid. p. 451.

deprecando o ſeu patrocinio. (1) Naõ he menos milagroſa outra Imagem deſte Santo, que ſe venera no Couto de Feães do Concelho de Valladares. (2)

8 *S. Bernardino.* Em toda a Comarca de Chaves he venerada com ſumma devoçaõ a Imagem deſte Santo, e em agradecimento dos muitos beneficios, que tem recebido os moradores daquella Comarca, lhe edificaraõ huma Ermida afaſtada da Villa huma legua, onde o feſtejaõ todos os annos a 20 de Mayo com grande pompa, e ſolemnidade. [3]

9 *S. Caetano.* Entre o copioſo numero de Imagens, que deſte Santo venera a devoçaõ dos Portuguezes, as que ſaõ viſitadas com mais frequencia em razaõ, ou dos favores, ou dos milagres devidos à ſua invocaçaõ, ſaõ eſtas: primeira a que exiſte em Villa Ruiva no Alentejo, que he a primeira Imagem deſte Santo, que entrou no Reino quaſi prodigioſamente, e ſe venera na Igreja de Noſſa Senhora da Repreza, pintada em hum quadro: ſegunda a de Porto de Mós no Convento dos Agoſtinhos Deſcalços: terceira a de Linhares na Collegiada de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ: quarta a que ſe venera na Igreja de S. Joaõ de Longos Valles, Arcebiſpado de Braga: quinta a que eſtá collocada na Igreja dos Capuchos de Torres Novas: ſexta a da Villa da Atalaya: ſetima a de Santa Clara do Porto; e outras, de que naõ temos por ora noticia. [4]

10 *Santa Catharina de Sena.* Venera-ſe a Imagem deſta Santa na Igreja dos Religioſos Dominicanos de Santarem com muita devoçaõ, pelos prodigios que obra. [5]

11 *S. Cornelio.* Perto da Villa de Belmonte, Biſpado da Guarda, ha huma antiga Ermida de S. Cornelio,

(1) Santa Maria no Ceo aberto na terra tom. 1. p. 398 (2) Corograf. Port. tom. 1. p. 293. (3) Monforte Chron. da Piedade liv. 2. c. 9 (4) Argote na Vida de S. Caet. p. 475. (5) Vaſconcel. Hiſtor. de Santar. tom. 2. p. 72.

nelio, em cujo sitio dizem, que estivera o Santo desterrado: [1] sendo que outros escritores de critica mais exacta tem isto por historia, e tradiçaõ destituida de fundamento. [2] O certo he, que pela Imagem do Santo, que alli se venera, obra Deos muitos prodigios. Os devotos usaõ huma particularidade celebre, que parece irrisoria, e he, que os molestados de dores de cabeça, quando vaõ em romaria à dita Ermida, levaõ por offerta ao Santo huma ponta de boy, a qual deixaõ à porta da tal Ermida, e logo alcançaõ saude. He taõ antigo, e frequente este uso, que destas retrocidas offertas estaõ feitos grandes montes ao redor da Igreja. D. Nuno de Noronha, Bispo da Guarda, pelos annos de 1600 quiz prohibir isso, e de facto mandou tirar aquellas armações da porta da Ermida; porém sobrevieraõ-lhe taes dores de cabeça, que advertido lhas mandou restituir ao proprio lugar: assim o diz o Author do Agiologio Lusitano no lugar allegado; valha porém unicamente a verdade, a que sempre nos aggregamos.

No Convento Arrabido de S. Cornelio dos Olivaes, legua e meya de Lisboa, tambem he venerada huma Imagem deste Santo, e se tolera sinceramente huma especie daquella ceremonia de Belmonte, introduzida pelos devotos, que justamente reprova o Padre Feijó. [3] O mesmo se observa em outra Ermida de S. Cornelio, meya legua afastada de Evora.

12 *S. Domingos.* No termo da Villa de Alvayazere ha huma Ermida deste Santo, cuja Imagem de vulto he muito milagrosa, e por tal buscada, e visitada dos devotos; e he cousa certa, que ha nella huma pedra, da qual levaõ o pó, que raspando pódem

(1) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 338. Monarq. Lusitan. liv. 5. cap. 24 (2) Pereira Leal nas Memor. dos Bisp. da Guarda p. 335. e segg. com outros muitos. (3) Feijó no Theatro Critic. tom. 7. disc. 8. n. 25. allegando ao Padre Casnedi na Crisis Theologica.

dem colher para reliquias, e mesinha contra as febres. [1]

Tambem pouco distante da Villa de Penamacor existe huma Ermida do glorioso S. Domingos, por cuja Imagem obra Deos muitos prodigios, entre os quaes he muy notavel o que se refere no tom. 1. do Anno Historico pag. 182.

13 *Santa Eufemia.* As Imagens desta Santa mais frequentadas dos devotos em razaõ dos seus milagres, ou dos seus favores saõ estas: huma, que existe no Lugar de Vouguinha, Bispado de Viseu, muy visitada dos que padecem quebraduras, inchaços, e verrugas: outra no destricto da Freguezia de S. Pedro de Penafirrim da Villa de Cintra, a qual obra evidentes maravilhas.

14 *S. Gonçalo.* No adro da Freguezia de S. Juliaõ desta Cidade de Lisboa na Ermida de Nossa Senhora da Olivera era venerada huma Imagem de S. Gonçalo, e tida por milagrosa; e com o mesmo culto he visitada outra, que existe em Santarem no Convento de S. Domingos. [2]

15 *S. Joaõ Bautista.* A veneravel Imagem do Santo Precursor de Christo, que se adora em Campo-Mayor, he taõ milagrosa, que naquella Villa, e Praça de Armas o tomou por Padroeiro, e lhe erigio sumptuosa Igreja no anno de 1520. Na Villa de Abrantes ha tambem outra Imagem do mesmo Santo, de quem ElRey D. Joaõ I. foy devotissimo, e a quem deveo a victoria de Aljubarrota. [3] Na Igreja de S. Joaõ de Longos Valles, que antigamente foy Convento de Conegos Regrantes, e depois Residencia dos Jesuitas, ha no Altar mór huma Imagem de *S. Joaõ Bautista*, a que chamaõ *da Gorra*, por huma que tem na cabeça, à qual visitaõ todos daquelles contornos com grande devoçaõ pe-

(1) Sousa, Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 4. c. 7. (2) Vasconcel. Histor. de Santar. tom. 2. p. 74. (3) Agiol. Lusit. tom. 1. p. 215.

pelos muitos, e frequentes prodigios, que Deos obra pelas supplicas deste Santo. (1)

16 *S. Jorge.* Naõ he pequena a devoçaõ, que os Portuguezes tem com o Senhor S. Jorge, pois o constituiraõ desde o anno de 1381 Defensor do Reino, e Tutelar da Milicia Lusitana, costumando os soldados de entaõ para cá invocallo nas batalhas, para se animarem com o seu auxilio em valor contra os inimigos. Huma das suas Imagens, que venerava-mos, e se conservava em Lisboa no Templo do Hospital Real, hia todos os annos na solemne Procissaõ de *Corpus Christi* a cavallo desde o anno de 1387, com tal postura, e brio, que representava hum famoso General, armado de lança, e adarga, acompanhado de Alferes vestido de armas brancas, pagem da lança, e de huma pomposa comitiva de cavallos custosamente ajaezados, e os melhores das pessoas Reaes. No anno de 1610 prohibio o Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, que por decencia do Santissimo Sacramento naõ fossem os cavallos na Procissaõ; porém o que levava sobre si a Imagem do Santo, chegando ao topo da Padaria, parou, e como se ficara immovel, naõ foy possivel a quantas diligencias fizeraõ, que elle désse hum só passo para diante. Desta sorte empatada a Procissaó, recorreraõ ao Prelado, o qual conhecendo que Deos se pagava desta pompa, mandou que fosse como de antes hia, e logo marchou o cavallo. Conta-se mais, que no Domingo seguinte, administrando à Missa no seu Altar o Mordomo, que fora causa desta novidade, cahindo-lhe ao Santo a lança da maõ, o ferio na cabeça. No anno de 1601, queimando-se a Igreja do Hospital, ficou esta sagrada Imagem intacta do fogo; porém com o incendio geral do anno de 1755 pereçeo. Hoje existe outra na Igreja do Convento de S. Bento. He este

(1) Corograf. Port. tom. 1. p. 215.

Santo eſpecial Patrono da Cidade de Bragança, e os ſeus Cidadãos vaõ todos os annos no ſeu dia inviolavelmente por voto, que lhe fizeraõ deſde o anno de 879 à ſua Igreja, que fica meya legua da Cidade, cantarlhe Miſſa, e feſtejallo. O meſmo fazem os moradores do Lugar de Samil. (1)

17 *S. Joſeph.* Na Igreja do Hoſpital da Cidade de Tavira no Algarve ſe venera a Imagem deſte glorioſo Patriarca, o qual tem feito muitos prodigios, e por varias vezes tem ſuado com abundancia em Domingo de Lazaro, quinta feira, e ſabbado ſeguinte do anno de 1722; e na Quareſma ſeguinte tornou a repetir o meſmo, por cuja cauſa os moradores lhe tributaõ com devoçaõ muitos obſequios.

18 *S. Liborio.* Venerava-ſe na Igreja da Congregaçaõ do Oratorio deſta Corte huma Imagem deſte Santo advogado contra a dor de pedra, experimentando os devotos, que recorriaõ a eſta Imagem, conhecidas maravilhas em ſuas afflições.

19 *S. Lourenço.* Na Villa da Ponte da Barca ha a Freguezia de S. Lourenço de Tovedo, onde ſe tem por fé, que no dia deſte Santo toda a peſſoa, que entra primeiro neſta Igreja, fica livre de qualquer achaque, que padeça, e por iſto he venerado com muita romagem, e procisſões. (2)

20 *Santa Luzia.* A' viſta da Cidade de Viſeu no alto de hum monte, e na diſtancia de huma legua he venerada com frequencia de devotos huma Imagem deſta Santa muito prodigioſa em milagres.

21 *S. Macario.* He muy frequentada de romagens a antiga, e devota Imagem deſte Santo, que ſe venera em huma Ermida na Freguezia de S. Martinho das Moitas, do Concelho de Gafanhaõ, Biſpado de Viſeu, pela qual obra Deos innumeraveis pro-

(1) Refere tudo Cardoſ. no Agiol. Luſit tom. 2. p. 691. e Faria no Epitom. part. 3. c. 11. (2) Corogr. Port. tom. 1. p. 238.

prodigios em todo o genero de enfermidades.

22 *S. Mamede.* Em Lisboa na Freguezia de S. Mamede era venerada huma Imagem deste Santo, com o qual tinhaõ muita devoçaõ as Matronas Lusitanas; pois tanto que se lhes secava o leite, com que criavaõ seus filhos, recorriaõ ao Santo milagroso, e conseguiaõ a abundancia, que desejavaõ. Outra Imagem milagrosa deste Santo ha no termo da Villa de Bellas no sitio da ribeira de aguas livres. (1)

23 *Santa Maria Magdalena.* Na Freguezia de Cernache, termo da Villa da Certã, se venera huma Imagem desta Santa collocada em lugar deserto, onde he buscada do povo attrahido dos grandes prodigios, que obra Deos pelos merecimentos desta Santa. (2)

24 *S. Miguel Archanjo.* Foy sempre conhecido dos Portuguezes por Anjo Custodio deste Reino, depois que o invicto Rey D. Affonso Henriques venceo com seu patrocinio a Albaraque nos campos de Santarem; e por isso lhe erigio copiosas Capellas, assim na Igreja de Alcaçova da dita Villa, como nos Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e Santa Maria de Alcobaça, onde suas santas Imagens saõ veneradas, e milagrosas. (3)

25 *S. Pedro Gonçalves.* Em Lisboa no bairro chamado o Corpo Santo ha huma Ermidinha, onde se venera huma antiga Imagem deste Santo, a que os homens maritimos chamaõ S. Telmo. Fazem-lhe grande festa em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, levando o Santo debaixo do pallio em Procissaõ com muita folia por varias hortas, e casas particulares de Lisboa, e he recebido pela Communidade de S. Domingos com muito applauso, no claustro de cujo Convento se lhe faz breve, porém vistoso obsequio. Recebem os navegantes deste San-

(1) Corogr. Port. tom. 3 p. 52. (2) Fr. Lucas de S. Catharin. na Malta Portug. p. 255. (3) Agiol. Lusit. tom. 3. p. 126.

to conhecidos favores, quando o invocaõ afflictos nas tempestades.

26 *S. Pedro de Viracorça.* Na Villa de Monsanto na raiz do monte está huma Ermida da invocaçaõ deste Santo, e dizem ser a primeira Igreja, que se erigio no mundo ao sagrado Apostolo S. Pedro. He a Imagem do Santo, que alli se venera, muito milagrosa, e por isso frequentada de continuas romagens de gente devota de toda a Provincia da Beira, e achaõ no Santo remedio infallivel para o achaque de quebraduras. (1)

27 *Santa Quiteria.* He venerada no termo de Alenquer a antiquissima Imagem desta Santa, que faz incessantes milagres nos mordidos de cães danados, e ainda nos mesmos cães raivosos, dando-lhe a comer paõ molhado no azeite da sua alampada. Esta Imagem foy achada quasi milagrosamente por huns Pastores. (2)

28 *S. Roque.* Junto à estrada, que está perto de Santo Antonio do Tojal, ha huma Ermida de S. Roque, cuja Imagem dizem, que apparecera naquelle sitio. He muito milagrosa, e a segunda deste Santo, que houve neste Reino. Os habitadores daquellas visinhanças lhe chamaõ o seu Medico, porque para todas as enfermidades achaõ remedio prompto na sua intercessaõ: e he cousa infallivel, que os meninos doentes de ozagre chegando-os a lavar com a agua de hum poço, que está junto da dita Ermida, e em huma pia, que para este effeito se vê collocada na beira da estrada, ficaõ sãos, e livres daquella molestia.

29 *S. Sebastiaõ.* Entre as muitas Imagens, que ha no Reino do glorioso Martyr S. Sebastiaõ, he mais venerada por milagrosa a de Albufeira no Algarve, naõ sendo menos famosas a de Casevel em Campo de Ourique, a de Alcacer do Sal, a de Villa

---

(1) Agiol. Lusit. tom. 2. p. 331. (2) *Idem* tom. 3. p. 369.

la de Rey, que quaſi todos os annos ſua no dia do Santo, em quanto ſe canta o Evangelho.

30 *Santa Suſana.* A Imagem deſta Santa, que eſtá na Ermida de S. Braz no territorio de Palmella, onde ſe feſteja nas Oitavas da Paſcoa com grande concurſo de gente, he muito milagroſa. Permanece alli viva a tradiçaõ do celebre prodigio, que eſta Santa obrára, transferindo àquelle ſitio o Conde Oliberto, que eſtava cativo em terra de Mouros, e atado com cadea de ferro a huma mó de pedra. (1) Já hoje naõ exiſte couſa alguma do que diz o Agiologio.

31 *S. Tude*, ou *Antidio.* Venera-ſe a Imagem deſte Santo no Convento de Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho de Lisboa, e ha mais de ſeiſcentos annos com a meſma encarnaçaõ, e polimento, que trouxe de França. He Imagem milagroſa, e as ſuas veſtes Sacerdotaes andaõ ſempre por caſa dos enfermos febricitantes, e opprimidos de toſſe, com o contacto das quaes recebem conhecidas melhorias. (2)

32 Outras muitas Imagens de Santos ha pelo Reino milagroſas, que a piedade Portugueza venera, de que nós preſentemente naõ damos noticia, por naõ ſermos demaſiadamente importunos. Só advertimos, que muitas terras de Portugal em agradecimento de alguns beneficios tem eſcolhido para ſeus Patronos differentes Santos, que naõ confirma pouco a piedade, e Religiaõ Catholica dos Portuguezes; taes ſaõ: *Alenquer* ao Beato Zacarias Minorita; *Aveiro* a Santa Anna; *Béja* a S. Sizenando Martyr; *Braga* a S. Giraldo; *Bragança* a S. Jorge Martyr; *Campo-Mayor* a S. Joaõ Bautiſta; *Coimbra* a Santiago Apoſtolo; *Elvas* a S. Jorge; *Evora* a S. Manços; *Guimarães* a S. Damaſo, e S. Gualter;

La-

(1) Agiolog. Luſitan. tom. 2. pag. 582. (2) Idem tom. 3. pag. 728.

Lamego a S. Sebaſtiaõ, e S. Vicente; *Leiria* a S. Theotonio; *Lisboa* a S. Vicente, S. Sebaſtiaõ, Santo Antonio, e Noſſa Senhora da Conceiçaõ; *Porto* a S. Vicente, e S. Pantaleaõ; *Santarem* a Santa Iria; *Thomar* a S. Thomaz de Villa-Nova; *Viſeu* a S. Theotonio. (1)

(1) Veja-ſe ao Padre Antonio de Macedo no Tratado *Divi Tutelares orbis Chriſtiani* pag. 10. e ſeguint.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

MAP-

MAPPA
DE
PORTUGAL.
PARTE IV.

CAPITULO I.

Da origem, e progreſſos das letras, e Univerſidades neſte Reino.

1 AMOR, e propenſaõ, que os Portuguezes tiveraõ ſempre à cultura das ſciencias he antiquiſſimo. Alguns Authores deduzem eſte genio eſtudioſo deſde o fundamental principio de Tubal, fundados na authoridade de Eſtrabo, o qual affirma, que em ſeu tempo, que foy no imperio de Octaviano Auguſto, corria ainda a tradiçaõ, de

de que os Beticos, iſto he, os Portuguezes antigos habitadores da mayor parte do Alentejo, (1) eraõ os mais doutos dos Heſpanhoes, pois uſavaõ da arte de eſcrever, e conſervavaõ muitas poeſias, e leys em verſo, com varios monumentos de grande antiguidade, e em que naõ ſó moſtravaõ as glorioſas memorias de ſeus progenitores, mas a elevada ſciencia de ſeus antepaſſados. (2)

2 Eſta erudita inclinaçaõ, ou natural capacidade foy bem conhecida pelo grande Romano Capitaõ Sertorio; porque inſtituindo em Oſca huma Univerſidade, ou Eſcola publica de artes, ordenou que foſſem a ella eſtudar os moços Portuguezes, filhos daquelles, que ſeguiaõ o ſeu partido, (3) os quaes deſempenharaõ de ſorte o bom conceito, e intento de Sertorio, que foraõ depois oſtentar dentro a Roma plauſivelmente. (4) E ſe he certo o que eſcreve nos ſeus Apparatos o Arcipreſte Juliaõ Peres, (5) os meſmos Romanos chamavaõ a Braga *Nimis lucida* pelos eſclarecidos ſojeitos em letras, que viaõ produzirſe neſta fecundiſſima terra.

3 Porém accommettido o Reino de nações barbaras, que o dominaraõ, fizeraõ affugentar as Muſas, e resfriar muito a applicaçaõ litteraria, (6) e de todo eſtaria murcha neſte Continente a arvore da ſciencia, ſe o Conde D. Siſnando, logo que obteve

---

(1) Cardol. no Agiol. a 13 de Junh nos Commentar. lit. A. diz que eraõ os Turdetanos. (2) Strabo lib. 3 *Rerum Geographic.* diz: *Hi inter Hiſpania populos ſapientiâ putantur excellere, & litterarum ſtudiis utuntur, & memoranda vetuſtatis volumina habent, poemata, leges quoque verſibus conſcriptas, è ſex annorum millibus.* Veja-ſe a Oliveira nas Grandez de Lisb. trat. 2. cap 4. a Fr. Bernardin. da Silv. na Defenſ. da Monarq. Luſit. part 1. cap. 30. e Marinho de Azeved. nas Antiguid. de Lisb. cap. 12. Bento Pereir. na Republic. Litter. lib. 1. quæſt. 6. n. 113. (3) Juſto Lipſio lib. 5. epiſt. 66. (4) Cicer. pro Archia Poet. (5) Per. in Adverſar. n. 245. Gandara nas Palm. y triunf. de Galiz. tom. 1 p. 233. (6) Viv. in lib. 8. c. 9 de Civit. Dei. Lamentou eſta perda Camões cant. 5. das Luſiad. eſt. 97. e Sá de Mirand. cart. 4. eſt. 3.

ve a investidura do governo nas terras de entre Douro, e Mondego pelos annos de Christo 1073 naõ tivesse o cuidado de plantar em Coimbra hum Seminario, ou Collegio para nelle aprenderem as divinas letras as pessoas, que se escolhiaõ para o estado Ecclesiastico. (1)

4 Desde aquelle tempo começou a florecer em Portugal a Theologia, em cuja sagrada faculdade se abalizou entre os mais o doutissimo Portuguez Gastaõ de Fox, a quem elegera o santo Rey D. Affonso Henriques para Bispo de Evora, e Embaixador de Roma. (2) Ensinavaõ-se tambem nas Cathedraes algumas sciencias, e pnblicamente em Santa Cruz de Coimbra se lia Grammatica, Logica, Theologia, e Medicina com grande aproveitamento dos seus alumnos. (3)

5 Como as sciencias, e artes se viaõ amparadas, e favorecidas por hum Monarca taõ pio, e douto, teve o Reino a felicidade de produzir logo no principio do seu imperio varões sabios, perspicazes, e prudentes, como se collige, e observa no bem, que elles souberaõ discorrer nas Cortes de Lamego àcerca dos interesses, e isenções da Monarquia Portugueza. (4)

6 Governando já ElRey D. Diniz, Principe amante das letras, emprendeo fundar neste Reino casa fixa à sabedoria, e evitar o grande descommodo, que os naturaes padeciaõ em ir mendigar dos estrangeiros muitas sciencias, que na patria podiaõ aprender; e assim consentio, que alguns Prelados dos Mosteiros, e Igrejas do Reino se congregassem na Villa de Montemór o Novo, e determinassem em 12 de Novembro de 1288 supplicar uniformemente

(1) Monarq. Lusit. liv. 8. cap. 5. Leitaõ Ferr. nas Notic. Chronolog. da Universid. de Coimbr. (2) Monarq. Lusit. part. 5. liv. 16. c. 3. (3) Ibid. c. 72. Chronic. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 7. c. 15. n. 7. (4) Joaõ Pinto Ribeiro na Preferenc. das letras às armas faz esta observaçaõ muy judiciosa, naõ duvidando dás taes Cortes.

ao Papa Nicoláo IV. o indulto Apoſtolico de ſe poder erigir huma Univerſidade de letras em Portugal. (1)

7 Chegou a ſupplica a Roma, e a 12 de Agoſto de 1290 expedio o Pontifice a Bulla para o eſtudo geral da Cidade de Lisboa com amplos privilegios, (2) e elRey aſſinou para ſe fundarem eſtes utiliſſimos eſtudos o ſitio chamado da Pedreira no bairro de Alfama junto às portas da Cruz nas caſas da moeda velha. [3] Alli ſe enſinavaõ Leys, Canones, Logica, Muſica, Grammatica, e Medicina. Naõ havia Lentes de Theologia, porque eſta ſe aprendia nos Conventos dos Religioſos, nem taõ pouco havia Lentes de Mathematica, nem das linguas Hebraica, e Grega, como erradamente eſcreveo o Padre Purificaçaõ. [4]

8 Permaneceo eſta Univerſidade em Lisboa dezoito annos, quando no de 1307, repreſentando ElRey D. Diniz ao Papa Clemente V. as grandes diſcordias, que havia entre os moradores, e os eſtudantes, as quaes difficilmente ſe podiaõ ſerenar, lhe expoz, que a Cidade de Coimbra pelo delicioſo do ſitio, pela abundancia de mantimentos, e por ficar no coraçaõ do Reino, parecia a parte mais opportuna, para onde ſe podia transferir a Univerſidade. Admittio o Papa benignamente a ſupplica, e mandou paſſar huma Bulla aos 26 de Fevereiro de 1308, applicando para ſuſtentaçaõ da Univerſidade, e ſalarios dos Lentes os frutos de ſeis Igrejas do Padroado Real, que ſupprimio. [5]

9 Havia trinta annos, que a Univerſidade reſidia em Coimbra, quando ElRey D. Affonſo IV. re-

(1) Monarq. Luſit. part. 5 no Append. eſcrit. 21. (2) Ibid liv. 16. c. 72. (3) Leitaõ Ferr nas Notic. Chronol. da Univ. de Coimbr. n. 136. e 137. (4) Purific. Chronic. de S. Agoſt. part. 2. liv 7. tit. 1. (5) Cunha, Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 2. c. 74. n. 3 Mariz, Dialog. 5. c. 3. Faria, Europ. tom. 3. part. 3. cap. 12. n. 237. Cabedo de Patronat. c. 47.

resolvendo collocar a sua Corte naquella Cidade, ordenou no anno de de 1338, que se mudassem as escolas geraes para Lisboa, a fim de que os estudantes com o trafego, e negocios dos cortezãos naõ se divertissem dos seus estudos. [1] Restituida a Universidade outra vez ao seu primeiro berço, he verosimel que viria para as casas da sua primeira habitaçaõ, e aqui persistio sómente quinze annos, pois no de 1354 consta, que o mesmo Rey D. Affonso IV. a fizera trasplantar para Coimbra. [2]

10 No governo delRey D. Fernando, e pelos annos de 1377 houve outra mudança da Universidade para Lisboa, por causa de que alguns Mestres, que ElRey mandara vir de fóra, naõ queriaõ ler senaõ nesta Cidade, e aqui permaneceo com grande protecçaõ, e privilegios, que os soberanos Reys lhe concederaõ; porém como para subsistencia dos Lentes eraõ pequenas as rendas, e a promoçaõ das cadeiras se fazia em pessoas de menos sufficiencia, acontecia que os estudantes desgostosos naõ frequentavaõ as aulas, e se experimentou huma conhecida decadencia nas letras desde o anno de 1440 até o de 1480, como affirma Joaõ de Barros. [3]

11 Acudio a esta ruina litteraria ElRey D. Manoel, o qual, como taõ affeiçoado às sciencias, [4] fez no anno de 1496 novos estatutos à Universidade de Lisboa, edificou escolas novas no bairro de Alfama abaixo de Santa Marinha, que ainda conservaõ hoje o nome de Escolas geraes; [5] accrescentou o ordenado aos Lentes, e o numero das Cadeiras, creando de novo a de Vespera de Theologia, a de Filosofia moral, e a de Astronomia. [5]

12 Succedeo no governo ElRey D. Joaõ III.

 in-

(1) Leitaõ Ferr. nas Notic. Chronol. da Univ. n. 321. (2) Ibid. n. 333. (3) Barr. na Descripç. do Minho c. 4. Notic. Chronol allegad. n. 814. e 832. (4) Goes, Chronic. delRey D Manoel part. 4. c. 84. (5) Notic. Chronol. da Univ. n. 930. (6) Ibid. n. 983. Monarq. Lusit. liv. 16. c. 73.

insigne Mecenas dos eruditos, e parecendo-lhe Coimbra melhor sitio para os estudos publicos, os fez mudar ultimamente para aquella Cidade no anno de 1537, e para que alli naõ só brilhassem as sciencias, e artes, mas se perpetuassem, fundou muitos Collegios, por cujo augmento lhe chamaraõ alguns Escritores instituidor, (1) sendo propriamente reparador, e illustrador daquella Universidade.

13 A este respeito convidou à custa de grandes dispendios os melhores homens de letras, que havia na Europa, de sorte que restabeleceo em Coimbra a mais florente, e nobilissima Academia das sciencias, como testificou o insigne Clenardo (2) escrevendo a Joaõ Vaseu admirado de ouvir alli ao Mestre Vicente Fabricio explicar a Homero, como se na mesma Athenas o estivesse lendo.

14 Com taõ regio amparo, e nativa habilidade dos Portuguezes foraõ tendo as sciencias em nossos paizes progresso, e augmento felicissimo até o tempo do Cardeal Rey D. Henrique, o qual para mostrar naõ só o quanto amava as boas letras, mas o muito, e bem que ellas tinhaõ produzido no Reino, fez consagrar à sabedoria na Cidade de Evora outro Templo litterario.

15 Principiou esta segunda Universidade no anno de 1553 em fórma de Collegio, regido pelos Padres Jesuitas, (3) e no anno de 1558 foy erecta em Universidade por Bulla do Pontifice Paulo IV. passada a 18 de Setembro com o indulto de se ensinarem alli todas as sciencias, excepto Leys, e Medicina.

---

(1) Mendo de Jure Academ. lib. 1. q. 6. n. 110. Suar. de Relig. tom. 4. trat. 10. liv. 5. cap. 4. (2) Clen apud Notic. Chronol. num. 1166. *Omitto reliqua, quò properemus Conimbricam, ubi Rex novam tum moliebatur Academiam. Hìc opus est multis laudibus, quando sese ipsa in dies magis, ac magis commendat... E' quibus auspiciis, si fas est divinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis.* (3) Sever. Notic. de Port. disc. 5. §. 4. Telles, Chron. da Companh. part. 1. liv. 3. c. 19. Fonseca, Evor. glorios. n. 723.

dicina. (1) Por outra Bulla do mesmo Papa, expedida a 13 de Abril de 1559 se lhe concederaõ os privilegios de todas as Universidades de Christandade.

16 Pódem entrar tambem por privilegio especial em titulo de Universidade as cinco escolas publicas, que os Religiosos Dominicanos tem em outros tantos Conventos da sua Ordem, a saber, em S. Domingos de Lisboa, na Villa da Batalha, e nas Cidades de Evora, de Coimbra, e do Porto, nas quaes por Bullas de S. Pio V., Benedicto XIII., e Clemente XII. pódem dar o gráo de Doutor em Theologia naõ só aos seus Religiosos, mas tambem aos estudantes seculares, que alli aprenderem. (2)

17 Com estes publicos erarios da sabedoria, e outras mais particulares litterarias disciplinas naõ só tem Portugal radicadas as artes, e com ellas enriquecido o Reino proprio, mas demonstrado ao mundo toda a eminencia do talento de seus alumnos para todo o genero de artefactos scientificos. A cada passo se acredita este nobre estudo nas eruditas, e engenhosas producções de seus nacionaes. Florecem, e brotaõ nas Academias copiosissimos frutos das faculdades assim amenas, como severas, merecendo esta universal intelligencia os repetidos elogios, que os Varões mais doutos, estrangeiros, e desinteressados nos tributaõ. (3) Passemos agora a mos-

---

(1) Bent. Pereir. de Academ. lib 1 quæst. 7. n 112. & seq. Fonseca allegad. n. 727. (2) Transcreve estas Bullas Fr. Pedro Monteiro no Claustr. Dominic. lanço 3. p 436. & seq (3) Just. Lips. epist. 96. a Man. Correa : *Gentem illam vestram dico, id est, Lusitanos, jam olim armis, & litteris inclytos, quas primus Sertorius intulit .... Semina ejus instituti etiam nunc fructificant; & ardet in animis vestris semel accensus honestior ille ignis. Audimus certè non in alio Hispaniæ tractu magis veteres artes coli; & exempla, ac scripta sunt, quæ ad nos quoque manant, & testantur.* Crusenius in Monast. part. 3. c. 48. ad an 1617. Janus Nicius Erythræus in Pinacothec. part. 2. imag. 18. Andr. Schot. in Epist dedicator. Bibl. Hisp. e na p. 472. Dian. tom. 4. Resol. Mor. 27. §. 1. Nicol. Ant. Bibl. Hispan. tom. 2. p. 251. Bossius

moſtrar com diſtincaõ, ainda que ſuccinta, eſta aptidaõ mental dos Portuguezes verſada na cultura das ſciencias.

CAPITULO II.

De alguns famoſos Eſcritores Portuguezes, que floreceraõ em varios generos de litteratura.

NAõ obſtante haver publicado com grande deſvélo, erudiçaõ, e elegancia neſte nobre argumento a *Bibliotheca Luſitana* o incançavel Academico, e Reverendo Abbade de Sever Diogo Barboſa Machado, noſſo amigo, a quem ſoccorremos tambem com precioſas noticias, e algumas originaes, conducentes ao material de taõ inſigne obra, com tudo, por naõ defraudarmos aos Leitores de memorias taõ glorioſas à naçaõ, recolheremos aqui alguns dos noſſos Eſcritores de mayor fama, diſtribuidos pelas faculdades, e materias nos parrafos ſeguintes.

§. I. *Theologia Eſcolaſtica, e Moral.*
§. II. *Aſcetica, e Myſtica.*
§. III. *Eſcritura Sacra.*
§. IV. *Juriſprudencia Canonica, e Civil.*
§. V. *Filoſofia.*
§. VI. *Grammatica, Rhetorica, e bellas letras.*
§. VII. *Oratoria ſacra, e profana.*
§. VIII. *Poeſia Epica, e Lyrica.*
§. IX. *Comica.*

§. X.

ſius tom. 3. de Sign. Eccl. lib. 8. c. 1. n. 8. & ſeq. Guicciardin. in Hiſtor. Ital. lib. 6. Zuinger in Theatr. vit. hum. vol. 19 lib. 2. Marian. de reb. Hiſpan. lib. 10. c. 14. Valdecebro no Templ. de la fama cap. 25. Gracian. no Critic. p. 3. criſ. 8. &c.

§. I.

Theologia Escolastica, e Moral.

1 A*Lvaro Gomes*, insigne filho da Cidade de Evora, e hum dos mais celebres Theologos do seu tempo. Nesta divina sciencia illustrou em publico magisterio as Universidades de Pariz, Salamanca, e Coimbra; e reconhecendo ElRey D. Joaõ III. neste grande varaõ talento profundo, e merecimentos relevantes, o elegeo para seu Confessor, e o nomeou em Prior, huns dizem que da Paroquia de S. Nicoláo, (1) outros que de Santa Justa. (2) Delle fazem honorifica mençaõ muitos Authores, e o famoso Poeta Henrique Cayado no liv. 2. epigr. 95. que he todo em seu louvor, conclue assim:

Nil mortale sapis, divinas cuncta, Gomesi:
Dicere te possent barbara sæcla Deum.

2 *D. Fr. Alvaro Paes*, Bispo de Sylves, e natural de Santarem, posto que alguns o fazem natural de Galiza. Foy discipulo em Pariz do subtil Escoto, e sahio taõ instruido na disciplina, e perspicacia do Mestre, que a sua vasta erudiçaõ lhe grangeou hum especial affecto no Pontifice Joaõ XXII. Com-

(1) Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. p. 104. (2) P. Francisc. da Cruz no Appar. m s. para a Bibl. dos Escritor. Portug. que conservamos em nosso poder. (3) Raynaud Annal. Eccl. tom. 20. ad ann. 1531. Fonseca, Evor. glorios. p. 409.

Compoz, além de outras, a insigne obra intitulada *De planctu Ecclesiæ*, taõ applaudida dos varões sabios. (1)

3 *D. André de Almada*, filho egregio de Lisboa, e taõ venerado por sua litteratura, juizo, e capacidade, que entre todos os Cathedraticos da Universidade de Coimbra foy elle nomeado para escrever ao Papa, supplicando-lhe a definiçaõ da immaculada pureza da Senhora. Foy Lente de Vespera de Theologia, duas vezes jubilado, e socio no magisterio do eximio Suares Granatense. Escreveo hum doutissimo tratado *De Incarnatione*, e mereceo as estimações dos homens mais eruditos da Europa. Acabou a vida no anno de 1642 em Coimbra. (2)

4 *Fr. Antonio de Senna*, natural de Guimarães, e brilhante astro do Paraiso Dominicano, incansavel na faculdade Theologica, em que naõ só foy graduado, mas pela sua grande fama eleito Regente dos estudos geraes do seu Convento de Lovanha. Deve-se à sua diligencia o melhor methodo, e formalidade, com que hoje se vem impressas as obras do Doutor Angelico, as quaes elle sabia de memoria. Escreveo muitas obras uteis, e eruditas, e faleceo em Nantes no primeiro de Fevereiro do anno de 1584. (3)

5 *V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, Arcebispo de Braga, varaõ excellente em letras sagradas, e pureza de vida. A Cidade de Lisboa sua patria se gloría muito de o ter por filho, pois no zelo da reforma, e observancia do estado Ecclesiastico foy effi-

---

(1) Graveson, Hist. Eccles. liv. 5 e outros apud Barbos. in Bibl. Lusit tom. 1. P. Franc. da Cruz no App para a Bibl. Lusit. Histor. Serafic. part. 1. c. 32. (2) Fr. Leaõ de S. Thom. Bened. Lusit. tom. 2. p. 439. Cunha no Catalog. dos Bispos do Porto part. 2. c. 42. (3) Possevin. Apparat. Sac. tom. 1. p. 92. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 4. c. 6. Monteir. Claustr. Dominic. tom. 3. p. 160. ainda que discrepa no anno do seu falecimento, pois diz que foy no de 1586. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 384.

efficaz a sua disciplina. Com ella admirou no Concilio Tridentino, a que assistio, os veneraveis Prelados de taõ santa Assemblea, e mereceo as estimações, e amizade, que com elle tiveraõ S. Pio V., e S. Carlos Borromeo. Edificou em Braga hum Seminario para nelle aprenderem as sciencias quarenta e quatro Collegiaes naturaes do seu Arcebispado. Compoz varias obras espirituaes cheyas de solida, e santa doutrina, e acabou santamente. (1)

6 *P. Bautista Fragoso*, Jesuita, e natural do Algarve, floreceo pelos annos de 1600 na Theologia Moral, e ambos os Direitos, em cuja faculdade igualou os mais insignes professores do seu tempo. Escreveo *De Regimine Reipublicæ Christianæ* tres volumes grandemente applaudidos dos doutos, e varias vezes reimpressos. (2)

7 *P. Bento Pereira*, Religioso da Companhia de Jesus, nasceo em Borba, e floreceo em varias faculdades, especialmente na Theologica, em que se graduou Doutor, e escreveo com applauso o *Promptuarium Morale*, além de outras obras recommendaveis. Morreo no anno de 1681. (3)

8 *P. Christovaõ Gil*, famoso Jesuita, natural da Cidade de Bragança, foy tido, e estimado pelo mayor Theologo do seu tempo. O grande Suares disse delle, ouvindo-o argumentar, que era na Theologia Escolastica o credito naõ só de Portugal, mas do mundo todo. Compoz *De Essentia, & virtute Dei* dous tomos summamente eruditos. Morreo no anno de 1608. (4)

9 *Diogo de Gouvea* nasceo no termo de Santarem,

---

(1) Nicol. Anton. Bibl. Hispan. tom. 1. p. 154. col. 2. e outros muitos apud Barbos na Bibliothec. tom. 1. p. 468. (2) Macedo na Eva, e Ave part. 1. c. 11. n. 15. (3) Franco, Annus glorios. Societ. Jesu p. 61. Fonseca, Evor. glorios. p. 427. (4) Franco, Ann. glorios. Soc. Jesu p. 9. Fonseca na Evor. glorios. p. 428. Nicol Anton. Bibliot. Hisp. tom. 1. p. 187. Ann. histor. tom. 1. p. 56. e Barbos. na Bibliot. tom. 1.

eſtudou em Pariz, onde ſe doutorou em Theologia, e nella foy taõ inſigne, e famoſo, que ElRey D. Joaõ III. o elegeo ſeu Theologo para o Concilio de Trento. Faleceo Prior mór de Palmella no anno de 1576, e alli jaz. (1)

10 *Diogo de Paiva de Andrade*, illuſtre filho da Cidade de Coimbra, mereceo pela grande ſciencia Theologica, de que era dotado, que ElRey D. Sebaſtiaõ o nomeaſſe para aſſiſtir ao Concilio Tridentino, onde aſſombrou com a ſua erudiçaõ, e elegancia de ſorte, que juntamente ſe fez venerado pelos Catholicos, e temido pelos Hereges, entre os quaes Kemnicio, ſummamente atrevido contra a Igreja, e ſuas ſagradas determinações, ceſſou de blasfemar, ouvindo o que contra elle publicara eſte profundo Theologo. Bem notorios ſaõ os Elogios, que muitos ſabios eſcritores fizeraõ a Diogo de Paiva. (2) Morreo finalmente em Lisboa no anno de 1575, quando ſó contava quarenta e ſete annos de idade.

11 *Fr. Egidio da Apreſentaçaõ*, honroſo credito da Villa de Caſtello-Branco, donde era filho, e inſigne ornamento da Religiaõ Auguſtiniana em o Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa, onde era profeſſo, foy bem conhecido pela faculdade Theologica, em que era conſummado, e muy diſtincto pelo epitheto de Meſtre. Eſcreveo algumas obras dignas de todo o apreço, eſpecialmente o tratado *De voluntario, & involuntario*, pela ſua profunda, e ſolida doutrina. Morreo no anno de 1626 em Coimbra. (3)

12 *P. Eſtevaõ Fagundes*, da Companhia de Jeſus, e natural de Vianna foz do Lima, foy hum dos mais gra-

(1) Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 2. p. 380. (2) Nicol. Anton. in Bibl. Hiſp. tom. 1. p. 235. Bayle no Diccionar Critic. Capaſſi in Hiſtor. Philoſoph. p. 453. e outros apud Barboſ. Bibl. Luſit. tom. 1. p. 686. (3) Brand Monarq. Luſit. liv. 19. c. 23. Marrac. Bibl. Marian. part. 1. pag. 17.

graves, e profundos Theologos deste Reino, e por isso todas as suas obras saõ universalmente estimadas, e allegadas, e com especialidade os tratados *Dos Preceitos do Decalogo*, *e da Igreja*. Morreo em Lisboa no anno de 1645. (1)

13 *Fr. Francisco de Araujo*, natural de Chaves, e Religioso Dominico, foy dotado de eminente engenho, e erudiçaõ na faculdade Theologica, na qual adquirio tal credito para com ElRey Filippe IV., que prefiria o seu voto a todos os mais, ainda que fosse só. Compoz muito, e morreo em Madrid Bispo de Carthagena em o anno de 1614 com opiniaõ de santidade. (2)

14 *Fr. Francisco Foreiro*, Lisbonense, da Veneravel Ordem dos Prégadores, varaõ egregio na sagrada Theologia, em que foy Mestre. As suas grandes letras, e talento lhe grangearaõ os honorificos empregos de Prégador delRey D. Joaõ III., e Confessor delRey D. Sebastiaõ, e da Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel. Foy mandado assistir ao Concilio Tridentino por Theologo deste Reino, e lá brilhou de maneira, que aquelles veneraveis Padres reconhecendo o seu juizo, e erudiçaõ, o escolheraõ para Secretario da Junta, que se fez para a censura dos livros prohibidos, e reforma do Missal, e Breviario Romano, cujo Proemio he composto por Fr. Francisco Foreiro. Juntamente com o Arcebispo de Lanciano, e Bispo de Modena formou o Catecismo Romano. Conferio, e emendou do Hebreo, em cujo idioma era perito, os mais dos livros da Escritura, a que tambem fez excellentes exposições. Faleceo na Villa de Almada anno de 1580. [3]

(1) Moreri, Diccion. Histor. Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tom. 1. p. 234. (2) Echard. apud Fr. Pedr. Monteir no Claustr. Dominic. tom. 3. p 210 (3) Xysto Senens. in Bibliot. Palavicin. Histor. Concil. Trident. part. 1. liv. 15. cap. 11. n. 3. Cardos. no Agiol. tom. 1. pag. 429.

15 *P. Gaſpar Gonçalves*, Conimbricenſe, e Doutor Theologo da Companhia de Jeſus, varaõ igualmente egregio neſta faculdade, e em todas as mais, Xiſto V. eſtando bem informado das ſuas letras o nomeou entre os Theologos de mayor nome para hum dos Correctores da ſagrada Biblia. Floreceo pelos annos de 1560. [1]

16 *Fr. Joaõ de S. Thomaz*, natural de Lisboa, e Religioſo Dominico, foy taõ grande Theologo, que ElRey Filippe IV. o elegeo para ſeu Confeſſor, e em Caſtella lhe chamavaõ o S. Thomaz daquelle ſeculo. Compoz muito, e bem neſta faculdade. Finalizou os ſeus dias no anno de 1644. [2]

17 *Fr. Iſidoro da Luz*, natural da Villa de Santarem, e Religioſo Trinitario, Doutor na ſagrada Theologia, em cuja faculdade era attendido como Oraculo, foy o primeiro Lente de Prima, que leo Controverſias em Coimbra, nas quaes compoz, e imprimio eruditamente. Faleceo em o anno de 1670. [3]

18 *Fr. Lourenço de Portel*, a quem a patria deu o appellido, Religioſo dos Menores na Provincia dos Algarves, eſcreveo doutamente na Theologia Moral, e floreceo pelos annos de 1600.

19 *P. Luiz Nogueira*, natural de Fermozelhe, e douto Jeſuita, que na expoſiçaõ da Bulla da Cruzada adquirio eterno, e famoſo nome. Morreo no anno de 1696.

20 *Fr. Luiz de Béja Pereſtrello*, Religioſo Auguſtiniano, e natural de Coimbra, foy Meſtre de Theologia em algumas Univerſidades de Italia, e em Bolonha teve por ouvinte ao Cardeal Paleoto, que muito ſe prezava de ſer ſeu diſcipulo. (4)

21 *Fr. Manoel Rodrigues*, Religioſo Franciſcano da Provincia de Santiago, foy em Salamanca venerado

(1) Telles, Chron. Soc. Jeſu part. 2. liv. 5. num. 9. cap. 45. (2) Fr. Pedr. Monteir. no Clauſtr. Dom. tom. 3. (3) Barboſ. in Bibliot. Luſit. tom. 2. (4) Cruſenius in Monaſt. part. 3. c. 48. ad ann. 1581.

nerado por todos os Cathedraticos como Oraculo na ſciencia Theologica, pois nas duvidas mais difficeis recorriaõ a elle para lhas ſoltar. Floreceo pelos annos de 1590, e compoz baſtante, e plauſivelmente.

22 *P. Sebaſtiaõ de Abreu*, natural da Villa do Crato, Religioſo Jeſuita, e inſigne Theologo, como ſe vê no ſeu livro *Inſtitutio Parochi*, ſummamente louvado pelos eſtranhos. Morreo em Outubro de 1674. (2)

23 *P. Vicente da Reſurreiçaõ*, Conego Secular de S. Joaõ Evangeliſta, foy chamado pela ſua vaſta litteratura, e ſciencia Theologica, o Salamaõ Luſitano. Floreceo pelos annos de 1600. (2)

§. II.

Theologia Aſcetica, ou Myſtica.

1 F*Rey Affonſo dos Prazeres*, natural de Penamacor, e filho do Viſconde de Barbacena. Seguio primeiramente a vida militar com grandes creditos de valeroſo, chegando a exercitar o poſto de Sargento mór de batalha, que deſempenhou com honra, e reputaçaõ. Depois deſenganado do mundo, deixando até a primogenitura de ſua caſa, ſe retirou para a Religiaõ de S. Bento, onde eſteve quatorze annos exercitando com grande edificaçaõ o pulpito, e confeſſionario; porém dezejando vida mais auſtera, paſſou para o Seminario de Varatojo, e aqui foy incançavel varaõ verdadeiramente Apoſtolico em cumprir diligente o ſeu inſtituto, fazendo por muitas partes utiliſſimos Sermões; e como taõ inſtruido nas doutrinas myſticas, publicou as *Maximas eſpirituaes*, e *varias Conſultas* cheas de ſolidos

(1) Coronelli, Bibl. Univ. tom. 1. verb. *Abreu*. (2) Santa Maria no Ceo aberto tom. 1. p. 526.

lidos documentos. Morreo no anno de 17...

2 *P. Alexandre de Gusmaõ*, natural de Lisboa, e Religioso veneravel da Companhia de Jesus, foy insigne cultor da vida espiritual, de elevada meditaçaõ, e grande Mestre de espirito, cuja doutrina he venerada em todas as suas obras, como de varaõ sabio, prudente, e santo. Morreo na Bahia aos 15 de Março de 1724.

3 *V. Fr. Antonio das Chagas*, de quem já fizemos mençaõ na terceira Parte deste Mappa, foy dotado de hum espirito, e efficacia taõ especial para instruir a mente, e commover os affectos às cousas celestes, que ainda reverberaõ nas suas obras espirituaes as faiscas do amor Divino, em que sempre andava inflammada a sua ardente contemplaçaõ.

4 *Fr. Antonio do Espirito Santo*, natural de Montemór o Velho, Religioso dos Carmelitas Descalços, e depois Bispo de Angola, compoz hum *Directorium mysticum* com grande juizo, e acerto, pois nelle se mostra a melhor exposiçaõ do Doutor Angelico, e de Santa Teresa. (1)

5 *V. Fr. Bartholomeu dos Martyres.* Ninguem ignora o elevado espirito deste varaõ insigne, nem a clareza, com que demonstrou muitos reconditos da sciencia Mystica nos seus admiraveis escritos Asceticos.

6 *V. Bartholomeu do Quental*, que nasceo na Ilha de S. Miguel, e instituio neste Reino a Congregaçaõ do Oratorio, ensinando, e praticando a virtude, deixou documentos de Mestre, que servem de seguras, e luzentes maximas para a direcçaõ do espirito. Morreo santamente a 20 de Dezembro de 1698.

7 *P. Diogo Monteiro*, Eborense, varaõ illustre da Companhia de Jesus, foy o primeiro, que poz, e re-

(1) Fr. Joseph de Santa Teresa na Chronic. tom. 4. liv. 18. c. 40. num. 35.

e reduzio a arte, e preceitos as ſubtilezas da Myſtica, em cuja ſciencia foy extatico profeſſor. (1) Faleceo no anno de 1634 com opiniaõ de Santo.

8 *Fr. Luiz de Granada*, a quem podemos chamar noſſo, porque entre nós viveo, enſinou, e morreo. Em materias Aſceticas foy Meſtre, e luz efficaz, que aclarou o caminho taõ pouco trilhado da Myſtica Theologia. Saõ neſte genero eſtimadas as ſuas obras por ſublimes. (2)

9 *P. Manoel Bernardes*, natural de Lisboa, e da Congregaçaõ do Oratorio, foy hum dos engenhos mais claros, agudos, e affectuoſos, que o ſeculo preſente, e paſſado admirou neſta divina faculdade. A ſua eloquencia, energia, profundidade, e erudiçaõ reſplandecem em todas as ſuas obras, em que ſe vem os mais vivos, importantes, e efficazes documentos para afervorar a vontade no exercicio da vida eſpiritual. Faleceo aos 17 de Agoſto de 1710.

10 *P. Manoel Conſciencia*, filho de Lisboa, e hum dos Congregados do Oratorio. Foy varaõ muito eſtudioſo, pio, e perfeito nas ſuas obras, as quaes ſaõ a mayor prova da ſua erudiçaõ. Faleceo em Lisboa no anno de 1739.

11 *Fr. Manoel Guilherme.* Naſceo em Lisboa, e foy Religioſo Dominicano, a cuja Religiaõ ſervio de grande luſtre, e utilidade pelos ſeus Sermões, que eraõ cheios de muito eſpirito, e efficaz doutrina, acompanhados de huma voz terna, e mavioſa: ſoube grangear para os ouvintes muitas converſões, e para a Communidade hum groſſo, e importante cabedal, com que fez varias obras, eſpecialmente a livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa, a qual pereceo toda fatalmente no incendio geral de 1755. Faleceo eſte memoravel Religioſo em Lisboa no

(1) Nieremberg. tom. 1. dos var. illuſtr. da Comp. p. 562 Franco, Ann. glorioſ Soc. Jeſ. Barboſ. in Bibliot. Luſit. tom. 1. e outros.
(2) Souſa, Chronic. de S. Dom. part. 1. liv. 5. c. 12. e outros apud P. Monteir. Clauſtr. Dom. tom. 3. p. 266.

no anno de 1730, deixando varias composições dignas dos seus vastos estudos, como o *Conselheiro fiel*, e outras obras mysticas, elegantes, e eruditas.

12 *P. Manoel Monteiro*, da Companhia de Jesus. Os seus *Exercicios espirituaes* estaõ cheios de solida doutrina, e zelo ardente do aproveitamento das almas.

13 *Fr. Paulo de Vasconcellos* na *Arte espiritual* desempenhou o titulo de Mestre na clareza dos preceitos mysticos. Foy D. Prior geral dos Thomaristas, em cujo Real Convento faleceo no anno de 1654.

14 *V. Fr. Thomé de Jesus*, Eremita de Santo Agostinho, e irmaõ do grande Diogo de Paiva de Andrade, mereceo possuir hum elevado espirito, e coraçaõ grande; como se observa nos varios livros asceticos, que compoz, principalmente os *Trabalhos de Jesus*, e *Oratorio Sacro*, taõ estimados pelos doutos nesta sciencia. Faleceo no anno de 1582, depois de haver estado cativo quatro annos em Marrocos.

§. III.

Exposiçaõ da Sagrada Escritura.

1 B*Eato Amadeo.* Já em outra parte desta obra damos noticia deste Veneravel Varaõ. Pelo que toca à jerarquia de escritor, foy elle famoso na composiçaõ das suas celebres profecias, a que deu titulo de *Apocalypsis nova*, na qual vaticina muitas cousas do estado futuro da Igreja. Huma das copias mais pura se conserva em Barcellona em o Collegio de S. Boaventura.

2 *P. André Pinto Ramires*, Lisbonense, e varaõ insigne da Companhia de Jesus, foy discipulo do grande Mendoça, e conspicuo na interpretaçaõ do *Apocalypse*, e *Cantares*. Floreceo pelos annos de 1600. (1) *Fr.*

(1) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 65.

3 *Fr. Antonio da Madre de Deos Arouca*, natural de Lisboa, e Religioso da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita, foy sogeito de grande credito, e talvez o mais insigne do seu tempo. A inveja lhe naõ pode esconder os elogios, que às suas obras lhe fizeraõ os estranhos, a quem foy assombro. Contava pouco mais de vinte annos, quando compoz o *Apis Libani*, que he huma exposiçaõ litteral, e mystica das Parabolas de Salamaõ cheya de elegancia, subtileza, e profunda investigaçaõ do sentido genuino. Morreo aos 19 de Junho de 1696. (1)

4 *P. Antonio Vieira*, insigne, e singular varaõ da Companhia, sempre famoso, e em todos os seculos memoravel, e do qual outra vez nos lembraremos. Para prova do seu raro talento na intelligencia das sagradas Escrituras bastava a grande obra intitulada *Clavis Prophetarum*, em que gastou cincoenta annos com o dilatado estudo dos Santos Padres, e sagrados Interpretes. Fazia o Padre Vieira deste livro tanto apreço, que costumava dizer, queimaria de boamente todos os seus papeis, se podesse concluir como queria esta grande obra. O Arcebispo de Goa D. Ignacio de Santa Teresa, que depois foy Bispo do Algarve, na *Crisi Paradoxa*, que fez sobre este livro do *Clavis Prophetarum*, diz, que vira na Bahia dous exemplares, hum mais resumido que outro; mas eu tenho huma copia que trasladey, da que o Eminentissimo Cardeal da Cunha trouxe de Roma, extrahida do verdadeiro original, que se conserva no Vaticano, e encontro differença segundo o que leyo no mencionado Arcebispo. Esta obra sempre foy dezejada, mas nunca se imprimio. Principia assim o titulo della:

Clavis Prophetarum, verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in terris consummati intelligentiam assequendam. A P. Antonio Vieira Soc. Jesu sum-

(1) Le Long. in Bibl. Sac. p. 611.

ſummo ſtudio elaborata, ſed morte preveniente non abſoluta, nec ultima manu expolita. Opus poſthumum, ac deſideratiſſimum à Collegio Bahienſi ad admodum R. P. noſtrum Thyrſum Gonzales ejuſdem Soc. Præpoſitum Generalem miſſum. Ann. 1699.

Divide-ſe em tres livros toda eſta obra. O primeiro trata *De regno Chriſti in terris conſummato*, e conſta de doze Capitulos. O ſegundo *De ejuſdem conſummationis ſincera imagine, novuſque in mundo ſtatus elucidatur*, e conſta de dez Capitulos. O terceiro livro trata *De tempore, quo, & quando conſummandum eſt, & quandiu duraturum*, e conſta de treze Capitulos.

6 *S. Antonio* Lisbonenſe, o mayor credito da noſſa patria, e brilhante aſtro da Religiaõ Serafica, a quem o Pontifice Gregorio IX. chamava Arca do Teſtamento, e theſouro das letras ſagradas: compoz muitos Sermões, e huma expoſiçaõ myſtica da ſagrada Eſcritura, como diz Labbé no tratado dos Eſcritores Eccleſiaſticos,

6 *Fr. Balthazar Paes* naſceo em Lisboa, e foy Religioſo Trinitario, hum dos mais inſignes Expoſitores da Divina Eſcritura, em cujo eſtudo foy muy verſado, incanſavel, e inceſſante, e por iſſo muy celebrado pelos eruditos. Morreo a 13 de Março de 1638. (1)

7 *P. Bento Fernandes*, natural da Villa de Borba, e inſigne Jeſuita na pericia eſcrituraria, em cuja ardua empreza inveſtigou com felicidade os ſentidos moraes reconditos do Geneſis, e Evangelho de S. Lucas. Morreo no anno de 1630. (2)

8 *P. Bento Pereira*, diverſo do outro, de quem já nos lembrámos, o qual ſuppoſto ſer Valenciano, muitos Authores o fazem Portuguez, foy tambem Jeſuita, e nos admiraveis Commentarios, que eruditamente

---

(1) Nicol. Ant. Chronic. de S Agoſt. liv. 4. c. 7. n. 11. (2) Telles, Chronic. part. 2. liv. 4. c. 47. n. 7.

ditamente compoz sobre a Escrirura, desempenhou o arduissimo caracter de Expositor sagrado, especialmente no *Genesis*. Morreo em Roma no anno de 1610. (1)

9 *P. Braz Viegas*, Eborense, foy Jesuita grave, e doutissimo Escriturario, de engenho excellente, de juizo agudo, e de doutrina exquisita. Expoz o Apocalypse de S. Joaõ magistralmente, e he tida pela melhor exposiçaõ, que ha naquelle genero. Finalizou os seus dias na mesma patria a 22 de Agosto de 1599. (2)

10 *P. Cosme de Magalhães*, Bracarense, e tambem Jesuita eminente nas divinas letras, compoz com profunda clareza Commentarios á diversos livros da Escritura, que lograõ a estimaçaõ dos doutos. Deixou a mortal vida aos 9 de Outubro de 1624. (3)

11 *Fr. Diogo Estella*, Religioso Franciscano da Provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do Reino de Navarra, sendo verdadeiramente Portuguez, (4) foy varaõ muy douto nos livros sagrados, como se vê nas reflexões, e interpretaçaõ litteral, que fez ao Evangelho de S. Lucas.

12 *P. Francisco de Mendoça*, varaõ illustre em sangue, e letras entre os famosos da Companhia de Jesus. Os seus Commentarios aos livros dos Reys saõ estimaveis; e diz Calmet na Bibliotheca Sacra, que se o Padre Mendoça chegasse á concluir a obra, naõ haveria mais que desejar em semelhante assumpto. Morreo em Leaõ de França aos 3 de Junho de 1626. (5)

13 *Fr. Heitor Pinto*, Religioso de S. Jeronymo, a quem verdadeiramente chamaraõ o Heitor dos Ex-

 positores,

---

(1) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom 1. p. 507. (2) Macedo in Propugn. Lusitano Gallic. ad art. 10. (3) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. p 519. (4) Natal. Alexand. e outros muitos apud Barbos Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 650. col. 2. (5) Franc. de Franciscis in Philologia.

positores, porque expoz profundamente os Profetas mayores. He lastima, que semelhante homem morresse desterrado em Castella por cauza do zelo Portuguez.

14 *Fr. Jeronymo da Azambuja*, chamado vulgarmente Oleastro, insigne ornamento da Ordem Dominicana, e dignamente louvado em todo o mundo pelos singulares Commentarios, que fez aos primeiros cinco livros da Escritura chamados *Pentateuco.* Faleceo no anno de 1563. (1)

15 *D. Jeronymo Osorio*, Bispo do Algarve, insigne Escriturario, e em tudo o que escreveo foy applaudido. Varaõ, que acreditou naõ só a Portugal, mas a Igreja Catholica. A sua fama fez abalar de longe aos estrangeiros para o verem, assim como se escreve de T. Livio. Expirou no mez de Agosto de 1580.

16 *Fr. Joaõ da Silveira*, Religioso Carmelita, foy dotado de summa erudiçaõ, como se observa na grande copia de livros, que compoz, em que sem duvida se fez estimavel dos estrangeiros primeiro que dos nacionaes. Foy certamente hum dos grandes Expositores das divinas Escrituras, que tivemos no seculo passado.

17 *Fr. Luiz de Souto-Mayor*, Religioso Dominico, famoso em letras sagradas, e Mestre dellas nas Universidades de Lovanha, e Coimbra. O Papa Clemente VIII. no anno de 1587 expedio hum Breve em 28 de Março, excitando-o a que fizesse publicos os seus Commentarios à Escritura, que de facto publicou em grande credito seu, e da naçaõ. [2]

18 *P. Manoel de Sá*, da Companhia de Jesus, foy Mestre do Santo Borja, e no exercicio das virtudes

(1) Sousa, Chronic. de S. Dom. tom. 1. pag. 364. Monteiro no Claustr. Dominic. tom. 3. (2) Nicol. Ant. in Bibl. tom. 2. p. 50 Fr. Luiz de Sousa, Chron. de S Dom. part. 1. liv. 3. c. 38. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 457. e 467.

tudes igualou o das sciencias. Fez notas a toda a Biblia muy judiciosas, e morreo no Ducado de Milaõ aos 30 de Dezembro de 1595 com grande fama de santidade. (1)

19 *Fr. Manoel da Incarnaçaõ*, chamado *Pontevel*, por ser esta terra, que fica no termo de Santarem, sua patria, na exposiçaõ do Evangelho de S. Mattheus hombreou com os mais profundos Expositores. Floreceo nos principios deste nosso seculo, e faleceo no anno de 1720.

20 *D. Pedro de Figueiró*, Conego Regular de Santo Agostinho, e natural de Figueiró dos Vinhos, foy chamado vulgarmente o *Hebreo*, por ser perito naquelle idioma, cuja intelligencia lhe facilitou a penetraçaõ, com que manifestou os mais occultos segredos dos Sagrados Profetas. ElRey Filippe II. lhe fez mercê da Cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra persuadido da grande fama, que as suas letras lhe tinhaõ grangeado. Cheyo de boa opiniaõ faleceo em Coimbra aos 11 de Janeiro de 1587. (2)

21 *P. Sebastiaõ Barradas*, natural de Lisboa, e filho da Companhia de Jesus, gravissimo Escriturario, a quem o grande A' Lapide (3) numera entre os famosos Expositores do Evangelho. Naõ foy menor na efficacia do pulpito, cuja persuasaõ fez reduzir muita gente ao caminho verdadeiro da eternidade. Morreo com opiniaõ de Santo aos 14 de Abril de 1615. (4)

§. IV.

---

(1) Aubert. Miræus in Chron. Beyerl. in Chron. (2) D. Nicol. Chron. part 2. liv. 10. c. 29. n. 8. Nabonati in Biblioth. Latino-Hebraic. p. 455. (3) A' Lapide in Prooemio ad Euang. c. 3. (4) Sousa de Maced. Lusit. Liberat. append. c. 1. n. 67. Nieremberg., Var. illustr. p. 589.

§. IV.

Jurisprudencia Canonica, e Civil.

1 AFfonso Alvares Guerreiro, nascendo na Villa de Almodovar, foy illustrar Italia, especialmente Napoles, onde subio a ser Presidente da Chancellaria, e Bispo de Monopoli, dignidades, a que a sua grande litteratura no Direito Pontificio o elevou. Cheyo de meritos faleceo no anno de 1577. (1)

2 *Agostinho Barbosa*, filho do solido Jurista Manoel Barbosa, nasceo em Guimarães no anno de 1590 para assombro, e corifeo da Jurisprudencia, em que chegou a compor trinta e tres volumes. Lourenço Crasso nos elogios dos homens eruditos, fallando deste famoso Jurisconsulto, lhe dá o primeiro lugar entre todos os Canonistas; e ainda que o doutissimo Padre Feijó (2) siga a opiniaõ de que as primeiras obras, que o nosso Barbosa deu à luz, naõ foraõ suas, mas de seu pay, todavia este *ad lib. 4. Ordin. ad tit. 97. & ad 1. Ord. n.* 4. antevendo o tal conceito, o deixou testificado de erroneo, pois diz: *Quos DD. fideliter refert filius meus Augustinus Barbosa in Remissionib. ad Concil. Trid. sess. 21. de Reform. . . . quos non à nobis, ut aliqui opinantur, mutuatus est; imò Musæo nostro perpetuò sedens, & suas, & nostras lucubrationes miro ordine disposuit, multa addidit, & quæstionum, quas remissivè colligebam, iterum DD. percurrens dubia nimiùm obscura explanavit, dum ageret prædictus filius ætatis suæ annum 26. quem, dum puer esset, priùs Latina lingua, quàm Lusitana docui.*

3 *Ayres Pinhel*, famoso, e conspicuo Jurisconsulto,

---

(1) Ughel. na Ital. Sacr. tom. 1. p. 974. Ann. historic. tom. 3 p. 336. (2) Feijó, Theatr. critic. tom. 4. p. 374.

ſulto, natural de Coimbra, dotado de huma tenaz retentiva, e comprehenſaõ taõ feliz, que ſe pudera dizer della àcerca das Leys Ceſareas o meſmo, que ſe dizia de Eſdras a reſpeito da Eſcritura ſagrada; iſto he, que perdendo ſe ellas, ſó elle as poderia recuperar. Em Salamanca foy diſcipulo do grande Navarro, e em Coimbra Meſtre naõ ſó de toda aquella Provincia, como diz certo Author, (1) mas de todo o Reino com grande aproveitamento dos ouvintes, que o eſtimavaõ como a oraculo. Morreo em Coimbra, deixando eſcrito neſta faculdade alguns Commentarios eruditos. (2)

4 *Alvaro Valaſco*, eximio, e celeberrimo Juriſta, natural de Evora. A ſua grande erudiçaõ, e engenho lhe adquirio as eſtimações, que delle fez ElRey D. Sebaſtiaõ, quando o honrou com o honorifico emprego de Deſembargador dos Aggravos, o qual deſempenhou com applauſo de todos. Deixou acreditado baſtantemente o ſeu talento, e ſciencia nos varios livros, que compoz em grande utilidade da Republica litteraria. Morreo no anno de 1593 aos 17 de Abril. (3)

5 *Antonio de Gouvea*, natural de Béja, foy de hum engenho, e capacidade taõ ſingular, que aſſombrou as Univerſidades de França, onde aprendeo, e enſinou. Diſſe delle Jacob Cujacio, Principe dos Juriſconſultos, que entre quantos Interpretes tinha havido do Direito Juſtinianéo, era Antonio de Gouvea o unico, a quem ſe devia de juſtiça a palma. (4) Sendo taõ conſummado na Juriſprudencia, cultivou a Filoſofia até o ſupremo gráo, chegando a convencer publicamente diante de muitos ſabios ao grande Pedro Ramos, que ſe oppunha

(1) Figueiroa na Plaza Univerſ. diſc. 5. §. 5. n. 25. (2) Genebrad. in vita Pii IV. e outros apud Barboſ. in Bibliot. Luſit. (3) Idem tom. 1. p. 116. (4) Cujac. in Not. ad Ulpian. tit. 6 *Antonius Goveanus, cui ex omnibus, quotquot ſunt, aut fuere, Juſtinianai juris Interpretibus, ſi quæramus quis unus excellat, palma deferenda ſit.*

nha à doutrina de Ariſtoteles. Em fim entre os talentos dos varões ſabios, que ſe fizeraõ celebres na poſteridade, foy eſte hum dos mais famoſos, e inſignes. (1) Morreo em Turim no anno de 1565.

6 *Antonio da Gama*, natural da Ilha da Madeira, Lente de Coimbra famigerado pela ſua grande clareza, e profundidade, attributos, que tambem o fizeraõ celebre em Bolonha, e lhe mereceraõ as honras, com que o condecorou o Senhor Rey D. Joaõ III. ſingular Mecenas dos homens doutos. Eſte eſcreveo na faculdade varias decisões, e outros tratados de credito, e eſtimaçaõ. Morreo no anno de 1595. (2)

7 *Antonio Gomes*, cuja patria ſe ignora, mas taõ conhecido pelo ſeu talento, que ſem aggravo dos outros he reputado por hum dos mais graves, e ſolidos Juriſconſultos Portuguezes. As ſuas decisões tem quaſi a meſma força que as Leys dos Imperadores. Commentou as Leys chamadas *del Toro* magiſtralmente.

8 *Bartholomeu Filippe*, filho de Lisboa, que cauſou grandes invejas pela ſua litteratura aos mayores profeſſores da Juriſprudencia, que no ſeu tempo concorreraõ nas Univerſidades de Salamanca, e Coimbra. Eſta lhe fazia hum importante partido, para que naõ ſahiſſe della. Eſcreveo baſtante, e bem. (3)

9 *Belchior Febos*, Lisbonenſe, entre os Advogados do Reino o mais perito, e intelligente na pratica judicial, e Leys municipaes delle. Imprimio algumas deciſões utiliſſimas. Morreo no anno de 1632. (4)

10 *Bento Gil*, natural de Béja, tambem foy hum dos Advogados da Corte muy affamado, naõ ſó

---

(1) Thuan. in Hiſtor. ad ann. 1565. Hofman in Lexic. Univerſ. tom. 1. p. 250 Feijó, Theatr. critic. tom. 4. p. 374 &c (2) Salazar, y Caſtro na Hiſtor. Geneal. da Caſa de Silva liv. 8 c. 9. (3) Nicol. Anton. Bibliot. Hiſp. tom. 1. p. 156. (4) Idem tom. 2. p. 99.

só pela erudiçaõ, e elegancia das suas allegações terminantes, mas pela rectidaõ, e integridade, com que vivia. Os nossos Juristas Reinicolas, e ainda os estrangeiros, allegaõ as suas obras com respeito. Morreo em Mayo de 1623. (1)

11 *Bento Pinhel* nasceo em Lisboa, e foy bem estimada a sua sciencia Juridica nas Universidades de Pisa, e de Praga, onde regentou a Cadeira de Prima, concorrendo às suas interpretações insignes ouvintes. Compoz sobre o mais selecto do Direito Cesareo. (2)

12 *Diogo de Brito de Carvalho*, natural da Provincia da Beira, muito douto no Direito Pontificio, e Mestre do insigne Joaõ de Carvalho. Servio em varios Tribunaes da Corte Ecclesiasticos, e seculares com grande rectidaõ, e applauso. Morreo no anno de 1635, deixando impressas varias obras Juridicas. [3]

13 *Diogo Guerreiro Camacho*, Transtagano, cultivou a espinosa faculdade da Jurisprudencia com credito das suas estudiosas vigilias, e utilidade da Republica, mostrando juntamente até à morte a rectidaõ de seu animo. Acabou os seus dias em Agosto de 1709, conservando-se ainda entre nós muito fresca a memoria da sua estimavel pessoa, sciencia, e virtude.

14 *Domingos Antunes Portugal*, natural de Penamacor, adquirio no seu tempo as estimações mais respeitosas dos homens de letras contemporaneos, e hoje saõ Chronistas da sua litteratura os seus eruditos tratados *De Donationibus Regiis.* Morreo no anno de 1677.

15 *Duarte Caldeira*, insigne filho de Lisboa, grande imitador dos celebres Covarruvias, e Ma-

(1) Nicol. Anton. Bibliot. Hisp. tom. 2. p. 284. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 68. (2) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 2. p. 499. (3) Nicol. Ant. Bibl. Hisp. tom. 1. p. 208 Nouvel. Bibl. Histor. tom. 2. p. 51.

noel da Costa seus Mestres, que muito se gloriaraõ de o ter por discipulo. Filippe Prudente o estimou, e distinguio com o honrado ministerio de Ouvidor Geral dos Castelhanos. Deixou escrito em ambos os Direitos utilissimos tratados.

16 *Francisco Caldas Pereira*, professor meritissimo do Direito Cesareo, Senador Regio, e doutissimo nas questões da materia Enfyteutica, em que adquirio especial authoridade.

17 *Gabriel Pereira de Castro*, filho do antecedente, foy Desembargador, e Corregedor da Corte, Ministro de muita affabilidade, engenho, e sciencia, como se vê no seu livro *De Manu Regia*, e outros mais, de que em outro lugar fallaremos. [1]

18 *Gonçalo Vaz Pinto*, luz dos Juristas seus contemporaneos, como lhe chama Manoel de Faria em hum Catalogo manuscrito da sua mesma letra, que temos em nosso poder, e o communicámos ao Reverendo Abbade Diogo Barbosa para a construçaõ da sua erudita, e sempre louvavel Bibliotheca.

19 *Joaõ das Regras*, natural de Lisboa, e hum dos mayores talentos que conheceo o Reino. Foy este preclaro Jurista discipulo de Bartolo em Bolonha, e em Portugal o Bartolo proprio; varaõ de taõ grande respeito, e sciencia em ambos os Direitos, que por seu conselho lhe mandou ElRey D. Joaõ I. de quem foy valído, ajuntar em hum volume no idioma Portuguez as Leys do Codigo de Justiniano mais praticaveis neste Reino com algumas declarações de Acursio, e Bartolo, e que se dessem a ellas plena authoridade. As suas letras o elevaraõ tambem a ser o tronco da illustre Casa de Monsanto, e Cascaes. Faleceo a 3 de Mayo de 1404. [2]

Ma-

(1) Barbos. de Potest. Episc. part. 1. tit. 3. c. 8. n. 4. Mend. à Castr. in Prax. Lusit. lib. 1. c. 2. n. 8. (2) Sous. Chron. de S. Dom. part. 2. liv. 2. c. 17. Soar. da Silv. Memor. delRey D. Joaõ I. liv. 2. c. 114. §. 676.

20 *Manoel Alvares Pegas*, natural de Eſtremoz, foy hum dos mais intelligentes Advogados da Corte, e de taõ vaſta erudiçaõ, que naõ ſó defendeo com felicidade as mayores cauſas forenſes, mas expoz huma grande parte das Ordenaçóes do Reino com muita clareza em beneficio da pratica judicial. Floreceo com geral eſtimaçaõ de todos, e morreo a 12 de Novembro de 1696. [1]

21 *Manoel Barboſa*, pay do celebrado Agoſtinho Barboſa, e grande luſtre da Villa de Guimarães onde naſceo, foy hum dos talentos mais ſolidos, que conheceo a jerarquia dos Juriſconſultos. Acompanhava eſtas maſſiças letras hum engenho de penetrante conhecimento das outras boas prendas, que conſtituem hum homem grande, e eſtimavel. Morreo de noventa e tres annos no de 1639. [2]

22 *Manoel da Coſta*, a quem o Author da Bibliotheca Hiſpanica intitula o ſegundo Papiniano, foy raro portento na Juriſprudencia, de ſubtil, e profundo juizo, vaſta erudiçaõ, exquiſita memoria, honra em fim de Portugal, e de Lisboa com inveja das outras naçóes. Faleceo em Salamanca no anno de 1563. [3]

23 *Manoel Mendes de Caſtro*, naõ teve outro Letrado em ſeu tempo que o igualaſſe. A ſua ſingular comprehenſaõ, e memoria excedia a tudo. Naõ contando mais que dezaſete annos de idade, ſubſtituio em Salamanca a Cadeira de Prima, em que era Meſtre Diogo Henriques. No anno de 1587 ſe incorporou na Univerſidade de Coimbra, onde foy Conductario. Chamavaõ-lhe o ſegundo Nerva filho de Ulpiano. [4]

24 *Manoel Themudo da Fonſeca*, natural da Certã, Vigario geral do Arcebiſpado de Lisboa, bem

Oo ii co-

---

(1) Ann. Hiſtoric. tom. 3. Barboſ. na Bibliot. tom. 3 (2) Maced. Flores de Heſp. c. 1. excel. 1. Gabr. Per. deciſ. 27. n. 4 (3) Nicol. Ant. Bibl. Hiſp. in Præf. Ann. Hiſtor. tom. 3. p 553. (4) Idem Emman. in Leg. *Cùm oportet*, in Præfat.

conhecido pelas ſuas Decisões Eccleſiaſticas, que tanto ſerviraõ para allumiar a cegueira dos intrincados caſos, que apparecem continuamente pelos Tribunaes. Graves varões as allegaõ por grande authoridade. Faleceo pelos annos de 1652.

25 *Miguel Cabedo de Vaſconcellos*, natural de Setubal, celebre Juriſconſulto, e muy ſinalado no conhecimento das bellas letras, as quaes parece que andaõ em herança nos Varões deſte honrado appellido. Faleceo em Lisboa no anno de 1577. [1]

26 *Pedro Barboſa*, natural de Viana do Minho, foy inſigne Juriſta, e por tal conhecido em todo o mundo, que como a oraculo de ambas as Juriſprudencias veneravaõ. Foy hum dos primeiros Letrados, que ElRey Filippe II. eſcolheo para o Conſelho de Eſtado de Portugal em Madrid. Compoz muitas obras em Direito, e faleceo em Lisboa a 15 de Julho de 1606.

27 *Ruy Lopes da Veiga*, Lente de Prima jubilado na faculdade de Leys em Coimbra, e reconduzido nella trinta e ſete annos. Os Lentes daquella Univerſidade, quando allegaõ as ſuas poſtillas, lhe daõ o titulo de *Grande*, e *omni ævo memorandus*. [2]

§. V.

Filoſofia.

1 P*Adre Agoſtinho Lourenço*, Jeſuita, natural da Provincia do Alentejo, floreceo pelos annos de 1600 com fama de excellente Filoſofo, em cuja faculdade compoz, e imprimio em Inglaterra tres tomos bem aceitos dos profeſſores.

2 *Alvaro Thomaz*, Lisbonenſe, aprendeo em Pariz Filoſofia com o grande Pedro Aliaco, o qual ſen-

(1) Cardoſ. Agiolog. Luſitan. tom. 2. p. 24. (2) Maced. Flores de Heſpanh.

ſendo o mayor Meſtre de Sorbona, dizia, que entre todos os Filoſofos de fama ſó Alvaro Thomaz merecia a ſuperioridade. Imprimio no anno de 1510 hum doutiſſimo livro *De triplici motu*, que Dionyſio Faber, e Jorge Bruneau elogiaraõ grandemente. [1]

3 *P. Antonio Cordeiro*, Jeſuita, natural da Ilha Terceira, conſeguio em noſſos dias a fama de ſingular Filoſofo Peripatetico, em cuja ſciencia eraõ taõ veneradas as ſuas opiniões, que os Meſtres o allegavaõ, ainda elle preſente, para ſe authorizarem, e defenderem. Faleceo em Fevereiro de 1722.

4 *P. Balthazar Telles*, natural de Lisboa, e varaõ illuſtre da Companhia de Jeſus, engenhoſo, e erudito Filoſofo, cuja *Summa*, que publicou, he univerſalmente lida, eſtudada, defendida, e prezada em ſummo gráo na America, e com preferencia aos mais livros da Filoſofia. [2]

5 *Curſo Conimbricenſe*, em que moſtraraõ os primeiros Meſtres do Collegio da Companhia de Coimbra os progreſſos, que tinhaõ feito neſta faculdade. Obteve os applauſos, que varões ſabios, e eſtrangeiros lhe fizeraõ, affirmando o Padre Antonio Poſſevino, que nem em eſtylo, nem em juizo, nem em clareza tinha viſto couſa, que em ſemelhante aſſumpto lhe pudeſſe igualar. [3]

6 *P. Franciſco Soares*, Luſitano, Jeſuita, vivo retrato, e imitador do Granatenſe, tanto em nome, como nas letras.

7 *P. Gregorio Barreto*, da ſagrada Religiaõ da Companhia de Jeſus, mereceo em noſſos dias geral eſ-

---

(1) Faber in Epigr. e outros apud Barboſ. in Bibliot. tom. 1. (2) D. Franc. Man. cent. 3. cart. 1. (3) *Collegium Societatis noſtræ Conimbricenſe in Luſitania Philoſophiæ curriculum noviſſimè edidit, quo neſcio, an quidquam vel acriori judicio, vel aptiori dicendi, vel ſinceriori philoſophandi genere unquam ad nos manarit.* Poſſevin. in Biblot. Select. lib. 1. c. 5. Madeir. in Nov. Philoſoph. part. 1. diſp. 1. ſect. 3. n. 6. Soar. Luſit. in Præf. curſ.

eſtimaçaõ com a ſua *Logica*, em que foy peritiſſimo.

8 *P. Joaõ Bautiſta*, natural de Setubal, e da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa. Foy o primeiro que neſta Corte dictou a Filoſofia moderna, conciliando a doutrina de Ariſtoteles com os ſyſtemas de Neuwton, e de outros celebres Filoſofos experimentaes, fazendo imprimir o ſeu novo Methodo em dous tomos de folha muito eſtimados dos eruditos. Faleceo em o anno de 1761.

9 *P. Pedro da Fonſeca*, da Companhia de Jeſus, a quem ſe pudera chamar pay de toda a Filoſofia Portugueza, pois foy o primeiro, que a leo em Coimbra. Venera-o muito o Author da Hiſtoria Filoſofica. [1]

10 *P. Sebaſtiaõ do Couto* foy muito douto neſta ſciencia, e he ſua a Logica incorporada no Curſo Conimbricenſe. [2]

§. VI.

Grammatica, Rhetorica, e Bellas letras.

1 A*Quilles Eſtaço*, natural da Vidigueira, foy Portuguez de raro engenho, ſubtileza, e erudiçaõ. Por eſtes, e outros predicados adquirio em Roma as attenções naõ vulgares de tres Summos Pontifices, Pio IV., Gregorio XIII., e S. Pio V. diante dos quaes orou muitas vezes elegantiſſimamente. Soube as linguas Latina, Grega, e Hebraica na ultima perfeiçaõ: communicou com os mayores ſabios do ſeu tempo, Paulo Manucio, Mureto, e Rebortelo, que todos o veneravaõ como a Meſtre; e ſegundo eſcreve Ghilino, brilhava elle entre os mais, como o Sol entre as eſtrellas. Cultivou a Poeſia com fertil felicidade: foy Secretario do

---

(1) Capaſſ. Hiſtor. Philoſoph. Vide Ann. Hiſtor. tom. 3. p. 123. e 297. (2) P. Bent. Per. in Republic. litterar. lib. 1. n. 114.

do Concilio Tridentino, e das Cartas Latinas Pontificias. Quando faleceo, que foy em Roma aos 17 de Setembro de 1581, diſſe delle o diſcreto Cardeal Farneſe, que morrera o homem mais inſigne em letras, que ſahira de Portugal. Hum groſſo volume ſe pudera fazer ſó dos elogios, que deſte famoſo Sabio publicaraõ os Authores noſſos, e eſtrangeiros. (1)

2 *Ayres Barboſa*, natural de Aveiro, diſcipulo de Angelo Policiano em Florença, e Meſtre de André de Reſende em Salamanca, foy o reſtaurador das letras humanas em toda Heſpanha, que naquelle tempo jaziaõ nas trevas da corrupçaõ. Antonio de Nebriſſa ſeu contemporaneo fazia delle tal conceito, que recommendou no ſeu teſtamento ſe lhe entregaſſem as ſuas obras, para que as emendaſſe. Baſtava-lhe para credito do ſeu talento ter ſido procurado com empenho pela judicioſa eleiçaõ delRey D. Joaõ III. para enſinar a ſeus irmãos D. Affonſo, e D. Henrique, ambos depois Cardeaes, e eſtudioſos, cujo honorifico emprego exerceo ſó por ſete annos, porque no de 1530 expirou, e jaz na Villa da Eſgueira. (2)

3 *Amaro de Reboredo*, hum dos excellentes Grammaticos Latinos, que vio o ſeculo paſſado. Naſceo em Algozo, Villa de Tras os Montes; e como era taõ verſado nos eſtudos da Latinidade, muitos Cavalheiros o eſcolheraõ para Meſtre de ſeus filhos, aos quaes ſoube inſtruir fundamentalmente. Imprimio alguns livros deſta arte com bom methodo. (3)

An-

---

(1) Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 3. a 3 de Mayo. Gaſp. Eſtaç. na famil. dos Eſtaç. p. 46. Fonſec. Evor. glorioſ. num. 716. Ann. Hiſtor. tom. 3. p. 104. Poſſevin. Apparat. Sacr. tom. 1. Baron. Annal. ad ann. Chriſt 599. n. 9. Thuan. Hiſtor. ad an. 1566. Padilh. Hiſtor. Eccl. cent. 4. c. 52. e Barboſ. na Bibliot. tom. 1. p. 4. (2) Lilio Girald. de Potiorib. ſui ſæcul. Poet. Baillet Jugem. des Sçavans tom. 4. p. 331. Lour. Craſſ. Hiſtor. di Poet. Grec. p. 63. Ann. Hiſtor. tom. 2. p. 328. (3) Nicol. Anton. Bibl. Hiſp. tom. 2. p. 95.

4 *André de Resende*, Eborense, de taõ elevado talento, que ainda hoje causa invejas aos sabios das outras nações. Teve por Mestres das linguas Hebraica, Grega, e Latina aos professores mais insignes, que houve na Hespanha, Nicoláo Clenardo, Antonio de Nebrissa, e Ayres Barbosa, e com as suas instrucções sahio taõ bom discipulo, que depois teve a gloria de ensinar tambem a Aquilles Estaço, e a outros muitos famosos, e illustres ouvintes. Cultivou a Oratoria, a Historia, a Critica, e a Poetica com elegancia, juizo, prudencia, e discriçaõ: até na arte da Musica era perito. As prendas deste grande homem nem ignoraõ, nem negaõ os estrangeiros. (1)

5 *P. Antonio Franco*, Jesuita Transtagano, professor memoravel da arte Grammatical, em que compoz com laborioso desvelo o *Promptuario da Syntaxe* para uso dos estudantes, de cujo methodo se tem aproveitado muitos Mestres de Hespanha. Faleceo em 3 de Mayo de 1732.

6 *D. Antonio Pinheiro*, natural de Porto de Mós, cuja rara erudiçaõ, e sublime eloquencia o fez subir ao elevado gráo de Bispo de Miranda, e Leiria. Foy Mestre dos Moços Fidalgos no reinado del-Rey D. Joaõ III., e deste seu Prégador, Chronista, e Reformador da Universidade de Coimbra. Chamavaõ-lhe o Cicero Portuguez. Compoz Commentarios a Quintiliano, que imprimio, fez varios preceitos da Rhetorica, e delle se lembraõ para o elogiarem muitos Escritores. (2)

7 *Antonio Rodrigues da Costa*, natural de Setubal, e Conselheiro do Ultramar, em nossos dias conseguio até dos estrangeiros huma geral acclamaçaõ de sabio na lingua Latina, a qual fallava, e escrevia facilmente com toda a energia, e natural pro-

(1) Possevin. Apparat Sacr. tom. 1 p. 76. (2) Telles, Chronic. Soc. Jesu p. 2. liv. 6. c. 18. n. 12. Ann. Histor. tom. 3. p. 315. e outros apud Barbos. Bibl. Lusit.

propriedade. Foy bem eſtimado por iſſo, e por outras muitas virtudes. Morreo em Liſboa no anno de 1732.

8 *P. Antonio Velez* teve o ſeu naſcimento na Cidade de Portalegre, e adquirio com eſtudos continuos a fama de grande Humaniſta, Orador, e Poeta. Illuſtrou a Arte grammatical do Padre Manoel Alvares, accreſcentando-lhe os verſos, em que meteo as regras da Grammatica primoroſamente; pois, como bem diz o Padre Franco, (1) em materia taõ ſeca, e eſteril, apenas ſe póde eſperar poeſia mais ſubida. Engrandecem, e louvaõ muito aos ſeus Commentarios os profeſſores deſta arte.

9 *P. Bento Pereira*, bem conhecido, e applaudido por inſigne obſervante, e profeſſor de Humanidades. A ſua *Pallas Togata*, e outras obras eruditas o recommendaõ memoravel.

10 *Diogo Mendes de Vaſcencellos*, illuſtre filho de Alter do Chaõ, e grandemente inſtruido nas bellas letras pelos melhores homens, que havia na Europa, com os quaes teve eſtreita amizade. Compoz nas linguas Latina, e vulgar com elegancia, e pureza; illuſtrou o livro quarto de Reſende, e accreſcentou o quinto. Teve a primazia de Chroniſta do Reino na lingua Latina, foy muito eſtimado dos Principes, e elogiado dos ſabios. (2)

11 *Diogo de Teive*, Bracarenſe, e grande competidor na eloquencia com os celebres Bucanano, e Moreto ſeus contemporaneos. Foy dos primeiros Meſtres de Humanidades, que regentaraõ as Cadeiras da Univerſidade de Coimbra, convidado por El-Rey D. Joaõ III. Eſcreveo na lingua Latina algumas obras elegantemente. (3)

12 *Duarte Nunes de Leaõ*, natural de Evora, além de outras faculdades, a que ſe applicou feliz-

(1) Franco na Contramina grammatical in princ (2) Monarq. Luſit. liv. 1. c. 28. e liv. 2. c. 9. e 12. Nicol. Ant. Bibl. Hiſp. tom. 1. p. 230. (3) Barboſ. in Bibliot. Luſit. tom. 1. p. 702.

mente, efcreveo da *Ortografia Portugueza*, que para o tempo, em que floreceo, foy plaufivel. Morreo no anno de 1608.

13 *Eftevaõ Cavalleiro* Presbytero, e o primeiro que efcreveo Arte de Grammatica, e a fez imprimir em Lisboa no anno de 1516. Foy Meftre do infigne André de Refende, o qual na Oraçaõ de *Sapientia* lhe dá o epitheto de excellentiffimo Grammatico.

14 *Fernando Soares*, que na fua Grammatica Latina feita para ufo do Excellentiffimo Duque de Bragança moftrou a vafta noticia, e clareza nos preceitos defta arte. Floreceo pelos annos de 1570.

15 *Fr. Francifco de Santo Agoftinho Macedo*, filho da Cidade de Coimbra, primeiramente Religiofo Jefuita, e depois Capucho obfervante, foy dotado de hum talento incomparavel, e tranfcendente para todo o genero de litteratura, que excedeo os mayores elogios. Em outro lugar faremos mais extenfa memoria defte grande homem.

16 *Jeronymo Cardofo*, natural de Lamego, e profeffor publico de letras humanas em Lisboa, taõ infigne, que no feu tempo naõ houve fegundo, que o igualaffe. Teve a felicidade de ferem feus difcipulos muitas peffoas famofiffimas, e da primeira Nobreza. Compoz hum *Vocabulario Lufitano-Latino*, que muitos julgaõ melhor que o de Nebriffa. Manoel de Faria no Catalogo dos Efcritores Portuguezes manufcrito lembra-fe de dous Jeronymos Cardofos, hum natural de Villa-Real, a quem faz Author do Vocabulario, e a quem diz que na contextura delle o ajudava huma fua filha, depois que elle cegara; porém no de Lamego diz, que fó accrefcentara alguma coufa ao tal Vocabulario. Qualquer dos dous he digno de memoria.

17 *D. Jeronymo Oforio*, Bifpo do Algarve, a quem Mariz chama Principe dos Oradores, (1) foy cer-

(1) Mariz, Dialog. cap. 13.

certamente grande imitador de Cicero, e muy versado em toda a erudiçaõ. A sua fama se acredita com as suas obras bem conhecidas, e estimadas em todo o mundo.

18 *Joaõ de Barros*, de quem em outra classe nos tornaremos a lembrar, resuscitou a memoria de Tullio, e o foy em Portugal. Deu preceitos para a lingua Portugueza, cuja *Grammatica* hoje vista de bem poucos, anda junta aos mais Opusculos do Author, que conservamos em nosso poder em hum tomo de quarto summamente exquisito, e raro.

19 *P. Joaõ de Moraes Madureira Feijó* desempenhou o honrado emprego de Mestre do Excellentissimo Duque de Lafões, e imprimio huma explicaçaõ da Grammatica Latina, que os doutos estimaõ.

20 *Lourenço Botelho Sotto-Mayor*, Cavalheiro Lisbonense, e erudito Academico. Devo por veneraçaõ, e respeito da sua memoria fazella aqui delle, de quem fiz sempre igual apreço, como amigo, e como discipulo, pois conservo a gloria de lhe ouvir os primeiros elementos da Rhetorica, os quaes soube unir magistralmente com os da Filosofia, em que tambem foy perito. Publicou sem nome o *Systema Rhetorico*, livro em semelhante genero muy solido, engenhoso, e de estimaçaõ. Tinha prompto para dar ao publico o *Orador extemporaneo*. Faleceo no anno de 1738.

21 *P. Manoel Alvares*, natural da Ilha da Madeira, e Religioso da Companhia de Jesus, hum dos heróes sabios, que acreditaraõ a naçaõ Portugueza, e dos primeiros Mestres de Humanidades, que houve no Collegio de Santo Antaõ desta Corte. Foy eminente nas linguas Latina, Grega, e Hebraica, e compoz a excellente *Arte de Grammatica* Latina approvada com grandes louvores por homens doutos, e de rigorosa critica, sem embargo que o Scioppio, Vossio, e outros, especialmente os Reverendos Padres do Oratorio, Authores do novo Me-

thodo da Grammatica Latina lhe tem descuberto mais de cento e vinte erros enormes, e censurado a incoherencia, e superfluidade de algumas regras. Faleceo no Collegio de Evora aos 30 de Dezembro de 1583. (1)

22 *Manoel Coelho de Sousa*, Sargento mór dos Privilegiados da Corte, foy homem, que em nossos dias penetrou com perspicacia os segredos mais reconditos da Grammatica Latina, e deu aos principiantes huma facil explicaçaõ das oito partes da oraçaõ com incansavel trabalho, excogitando sobre as regras do Padre Manoel Alvares reflexões, e crises subtilissimas em estylo claro, breve, e genuino.

23 *D. Maximo de Sousa*, Conego Regular de Santo Agostinho, famoso Grammatico. A sua Arte de Grammatica Latina foy impressa por ordem delRey D. Joaõ III. para uso das escolas de Santa Cruz de Coimbra, e pela qual aprenderaõ os Senhores D. Fulgencio, e D. Theotonio, filhos dos Duques de Bragança. O Chronista dos Conegos Regrantes D. Nicoláo de Santa Maria diz, que a Arte de D. Maximo fora a primeira, que em Portugal sahio à luz publica, mas o erudito Abbade Barbosa na Bibliotheca tom. 3. pag. 456. diz, que miseravelmente se enganara D. Nicoláo, porque antes se havia impresso a Arte de Joaõ Pastrana anterior trinta e quatro annos à de D. Maximo, e promettendo fazer mençaõ do dito Joaõ Pastrana, totalmente lhe esqueceo, nem se acha no tom. 4. do Additamento.

§. VII.

---

(1) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 262. e o P. Anton. Franco na Contramin. grammatic. Far. in cant. 9. est. 65. de Cam.

§. VII.

Oratoria Sacra, e profana.

1 PAdre Antonio Vieira, Jeſuita famoſiſſimo, e veneravel Lisbonenſe, foy dotado de hum engenho agudo, e fecundo, o qual unido a huma ſolida, e vaſta erudiçaõ das Eſcrituras, que em continuos eſtudos adquirio na patria, e fóra della, mereceo o applauſo commum, que à ſua peſſoa, e aos ſeus eſcritos ſe dá, naõ ſó em Portugal, mas no mundo todo. (1) Elle foy o ſagrado Cicero, e o Pay da eloquencia Portugueza, cujo idioma ſoube fallar com verdadeira energia, e natural propriedade. Blasfemou certo critico moderno, quando diſſe, (2) que nos Sermões de Vieira naõ ſe acha artificio algum Rhetorico, nem eloquencia, que perſuada; porque iſto facilmente ſe convence de falſo com a meſma experiencia; (3) e em credito da ſua valente facundia, efficaz perſuaſaõ, e methodo proporcionado para o miniſterio do Pulpito o tomaõ por exemplar as outras nações. (4) Aſſombro

(1) Franc. Xav. de Oliv. nas Memoir. Hiſtoriq. concernant le Portug. &c. tom. 1. p 339. (2) Luiz Anton. Verney no Verdadeir. methodo de eſtudar tom. 1. cart. 6. p. 206. impreſſ. em Valença no anno de 1746. (3) Se eſte meſmo erudito, ainda que ſevero critico, aſſenta comſigo a p. 160. que a eloquencia ſublime conſiſte no bom uſo das figuras Rhetoricas, quem melhor que Vieira ſoube uſar dellas? Nós já o moſtrámos no *Eſpelho da Eloquencia Portugueza.* (4) D. Gregor. Mayans, Bibliothecario delRey Catholico Filippe V. no *Orador Chriſtiano* impreſſo em Valença no ann. de 1733. a pag XXIII. da Dedicator. diz: *Me he valido del Orador más iluſtre, que en eſte ſiglo paſſado ha tenido Eſpaña, el P. Antonio Vieira, varon de admirable ingenio, y ſingular eloquencia. Y como eſte Padre es el Principe de la Predicacion Eſpañola, y mi intento es que ſe mejore eſta, acercando-ſe más (ſegun lo pide tambien el miſmo genio de la Nacion, grave, y vehemente) al natural modo de orar de los Demoſthenes Griegos, y Cicerones Romanos, ò por mejor decir, al methodo de orar de los más eloquentes Padres de*

ſombro chamou o Reverendo Feijó (1) a cada Sermaõ do Padre Vieira ; e ſe eſte anonymo, imitador de Scioppio, mal contente lêra as diſcretas reflexões, que neſte particular eſcreveo o Padre D. Rafael Bluteau no Anteloquio da terceira Parte dos ſeus Sermões, talvez que fora menos acre neſta parte; e mais prudente o ſeu juizo cenſorio.

2 *D. Fr. Balthazar Limpo* natural da Villa de Moura, honra da Religiaõ Carmelitana, e grande luſtre de Braga, onde foy Arcebiſpo oito annos. Foy elle o Orador Evangelico mais afamado no ſeu tempo ; e ſuccedia, quando prégava na Igreja do Carmo em Lisboa, concorrer o povo para o ouvir deſde a meya noite em ordem a tomar lugar ; e tal era o concurſo da gente, que naõ cabia, havendo ſempre mil brigas ſobre os aſſentos. Veja-ſe a Barboſa na Bibliotheca, e a Cardoſo no Agiologio tom. 2. pag. 375.

3 *D. Fr. Chriſtovaõ de Almeida*, Biſpo de Martyria, e natural da Golegã, cultivou o exercicio predicativo inſignemente, e no ſeculo paſſado teve a gloria de ſer hum dos mais eloquentes Oradores, que ſubiraõ ao pulpito com applauſo univerſal. Ainda reluzem nos ſeus Sermões impreſſos a elegancia, e erudiçaõ. Morreo no anno de 1679.

4 *P. Diogo de Aréda*, natural de Arrayolos, e Jeſuita, conſeguio tambem no ſeu tempo fama de grande Orador Evangelico. Exiſtem delle alguns Sermões muito bons.

Dio-

---

de la Igleſia Griega, y Latina, he alegado varios teſtimonios de dicho Padre, de cuya ingenua, y generoſa confeſſion conſta, que el methodo, que yo propongo, de orar, es el mejor, ſupueſto que es el miſmo, que el P. Antonio Vieira propuſo, como deſengañado, ſegun el miſmo lo confeſsó, &c. Tambem o douto Padre Fr. Joaõ de Ayala no ſeu *Pictor Chriſtianus* lib. 4. c. 5. n. 3. fallando de Vieira, diz : *Is enim eſt Pater Antonius Vieira, Concionator Sereniſſimi Regis Portugalliæ, imò (ut aliàs taceam doctrinæ laudes) ſui, & noſtri ſæculi Concionatorum omnium, ut mea fert opinio ; facilè princeps.* (1) Feijó. Theatr. Critic. tom. 4. diſc. 14. n. 37.

5 *Diogo de Paiva de Andrade*, illustre Clerigo secular, de quem já fizemos mençaõ entre os insignes Theologos, foy tambem hum famoso Orador Evangelico, e de grande authoridade; e posto que nos seus Sermões impressos se encontre hum estylo apostillado, e conciso, destituido da frugalidade dos conceitos modernos, era todavia o que entaõ melhor se usava, sem faltar ao essencial da persuasaõ.

6 *Fr. Filippe Dias*, natural de Bragança, e Religioso Franciscano, teve especial talento para o pulpito, no qual conseguio admiravelmente os effeitos de Orador Apostolico. Foy douto, pio, e virtuoso. Na Universidade de Salamanca adquirio tal respeito, que por algumas vezes lhe encarregou o Bispo D. Manrique de Lara a reformaçaõ nos costumes dos Academicos, que só às suas vozes tremiaõ como de trovaõ. A esta efficacia allude hum Epigramma, que anda no principio do tom. 2. dos seus Sermões, que diz:

Læta Brigantinos, Salmantica, suscipe fructus,
Quos hæc terra suo lacte rigata tulit.

Faleceo em Salamanca aos 9 dias de Abril de 1600. Fazem delle mençaõ honorifica os Authores seguintes. (2)

7 *Fr. Thimoteo de Ceabra*, da Veneravel Ordem Carmelitana, e natural de Lisboa, foy hum dos mais celebres Oradores do seu tempo, sempre attendido com applauso, naõ só em Portugal, e Castella, mas na Italia, e Alemanha, onde foy Prégador do Imperador. Existem delle muitos Sermões, e Panegyricos cheios de eloquente facundia. Morreo a 17 de Fevereiro de 1651. (2)

§. VIII.

(1) Wading. Annal. Seraphic. ad ann. 1600. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 2. p. 494. Gil Gonsalv. Histor. Salmant. liv. 3. c. 3. (2) Fr. Jorge Cotrim nas Flores produzid. nel Carmel. Lusit. c. 42.

§. VIII.

Poezia Epica, e Lyrica.

1 A*Ntonio Barboſa Bacelar*, natural de Lisboa, cultivou além de outras faculdades a Poezia Lyrica felizmente. Os ſeus Sonetos tem harmonia, e elegancia ſuaviſſima, elevaçaõ nas expreſsões, e muita naturalidade nos conceitos, por iſſo he ſummamente eſtimavel.

2 *Antonio da Fonſeca Soares*, mais conhecido hoje por Fr. Antonio das Chagas, varaõ veneravel na virtude, no eſpirito, e numen Poetico. Foy muy feliz nos Romances: deſcobrem-ſe nelles boa fraze, muita energia, ſubtis penſamentos, e natural expreſſaõ dos affectos. O ſeu Poema tragico da *Filis*, e *Demofoonte*, eſcrito no idioma Caſtelhano, ainda que incompleto, he eloquente, e elevado, e muito merecedor de ſe fazer publico pela impreſſaõ, (1) ſem embargo da rigoroſa analyſe, que lhe faz o Author do verdadeiro methodo de eſtudar. (2)

3 *Antonio Ferreira*, filho de Lisboa, ſendo profeſſor da Juriſprudencia, teve inclinaçaõ, e furor natural para a Poezia. na qual floreceo com grande fama deſde o anno de 1536 até o de 1569, em que morreo. Nos ſeus *Poemas Luſitanos* logrou entre nós a primazia da ſublime fraze; e ſe tivera tanto eſpirito, como teve de eſtudo, excedera aos Poetas antigos, a quem muito imitou. (3)

An-

---

(1) Franc. Xav. de Oliveir. nas Memoir. Hiſtor. tom. 1. pag. 350.
(2) Eſte Cenſor critíca o tal Poema com ſeveridade, e paixaõ Deſcobre lhe alguns defeitos, que devem ſer deſculpaveis, attendendo ao fervoroſo impeto do genio, e da naçaõ Portugueza; até o condemna de imitar muito a Virgilio. He verdade que em alguns dos reparos tem razaõ o juizo deſte critico; mas naõ podemos deixar de lhe eſtranhar o exceſſo de algumas propoſições, querendo regular as materias Poeticas por huma idéa demaſiadamente filoſofica. (3) Far. na Introd. às Eclog. de Cam. n. 4. D. Franc. Man. no Hoſp. das letr. p. 343.

4 *Antonio Figueira Duraõ*, Lisbonense, participou tambem de hum genio, e habilidade nativa para o metro, pois de quinze annos compoz o Poema *Ignatiados* com tanta felicidade, e harmonia, que alguns o igualaõ a Claudiano. (1)

5 *Antonio Gomes de Oliveira*, de Torres novas, tudo o que escreveo em verso he merecedor da classe Poetica, e foy o primeiro Poeta, que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos. O mesmo Gongora assás presumido, e seu contemporaneo, lhe guardou summo respeito aos *Idyllios maritimos*. (2)

6 *Antonio Henriques Gomes* foy sogeito de vivo entendimento, e perspicacia. O espirito, e enthusiasmo Poetico, de que a natureza o dotou, lhe supprio os estudos, que naõ teve; e sem embargo de se observar nas suas obras grande força de invençaõ, cadencia, e viveza nas expressões, ha quem o condemne de fantastico no seu *Siglo Pythagorico*. [3]

7 *P. Antonio dos Reys*, da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa, e natural de Pernes, termo de Santarem, foy engenho, que em nossos dias cultivou sublimemente a divina arte da Poezia. Resuscitou a agudeza de Marcial nos seus *Epigrammas*, e imitou nobremente os conceitos de Owen, os equivocos, e as paranomasias de Hoffmani. Deve-lhe muito o Reino pelo trabalho, e desvelo, que teve em fazer huma collecçaõ dos Poetas Portuguezes, que escreveraõ em Latim, de que já se imprimiraõ sete tomos, em cuja utilissima obra vay continuando o estudioso Padre Manoel Monteiro da mesma Congregaçaõ.

8 *Antonio de Sousa de Macedo*, natural do Porto, e conhecido no mundo pela sua erudiçaõ, e talento.

(1) Man. de Galheg. no juizo, que fez deste Poeta, e vem no tom. 5. Corp. Poetar. Lusitan. pag. 381. (2) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 385. Far. na Introd. às Oitav. de Cam. tom. 4. part. 2. p. 83. (3) D. Franc. Man. nos Dialog. já allegad.

to. No Parnaſo Portuguez teve hum lugar muy diſtincto, o que mereceo pelo ſeu Poema heroico, intitulado *Ulyſſipo*, regular, e conforme aos preceitos da arte. Imita nelle felizmente a Marino em muitos lances do ſeu Adonis.

9 *P. Bartholomeu Pereira*, Jeſuita, e natural de Monçaõ, ſeguio engenhoſamente os paſſos de Virgilio na elevada, e ſonora compoſiçaõ do ſeu *Paciecidos*.

10 *Bartholomeu Varella* teve eſpecial dom para o eſtylo jocoſo, em que fez algumas obras, que naõ viraõ a luz publica, mas correm pelas mãos dos curioſos com eſtimaçaõ: entre as mais he muy celebre a converſaõ do primeiro canto de Camões ao burleſco pelos meſmos conſoantes, e numero de Oitavas com muita felicidade. (1)

11 *D. Bernarda Ferreira de Lacerda*, a quem o inſigne Lope da Vega intitulou *Decima Muſa*, e os mais celebres Poetas do ſeu tempo veneraraõ muito, foy matrona muito nobre do Porto, filha do Deſembargador Ignacio Ferreira Leitaõ, e ornada de grandes prendas, pois reſplandeceo nella famoſamente o talento naõ ſó para a Latinidade, Rhetorica, Filoſofias, e Mathematicas, mas com eſpecialidade para a Poetica. Os ſeus Poemas da *Eſpaña libertada* illuſtraraõ muito a fraze Caſtelhana; e ainda que D. Ignacio de Luzan na Arte Poetica (2) os exclue da razaõ de Poema Epico, os poem junto da *Pharſalia* de Lucano. Morreo no anno de 1644.

12 *Bernardino Ribeiro*, Moço Fidalgo no tempo delRey D. Manoel, e natural do Torraõ, de genio naturalmente propenſo para a Poezia vulgar, em

(1) Deſte Author naõ ſe lembra a Bibliotheca Luſitana; porém o P. Franc. da Cruz o allega nos ſeus Apparatos, confeſſando que naõ fora eſte Author ſó o que transformara o canto de Camões, mas concorreraõ tambem outros Poetas, Manoel Luiz Freire, Manoel do Valle, e Luiz Mendes de Vaſconcellos. (2) D. Ignacio de Luzan nas Reglas de la Poeſia liv. 4. regl. 1.

em que floreceo com tanta excellencia, que o grande Camões lhe chamava o seu Ennio. Compoz hum livro, a que intitulou *Saudades*, cheyo de singulares imagens, admiraveis pensamentos, e affectos. Manoel de Faria tem para si, que foy o primeiro Author, que escreveo Eclogas em Hespanha. (1)

13 *Fr. Bernardo de Brito*, mais conhecido por Historiador, que por Poeta; porém sem duvida foy hum dos canoros Cisnes, que se ouviraõ pelas margens do Coa. Delle he a *Sylvia de Lizardo*, livrinho assim intitulado, que consta de Sonetos, e Eclogas, na opiniaõ de Manoel de Faria melhores que as de Diogo Bernardes. (2)

14 *Braz Garcia Mascarenhas*, da Provincia da Beira, valente Soldado, e valente Poeta. Compoz o Poema de *Viriato tragico*, e outras Poezias de engenho, porque se fez famoso. Morreo no anno de 1656.

15 *Cadaval Gravio*, natural de Braga, foy illustre Poeta Latino. O Bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro o estimava muito, e o obrigou a fazer hum Tomo consideravel de varios Poemas, que se imprimio, no qual descreve gentilmente a Quinta da Santa Cruz, que aquelle Bispo fabricara para recreyo dos Prelados. Consta de huma bellissima descripçaõ do sitio, e do Palacio em verso heroico, e a cada quarto delle, acada Ermida, a cada fonte, a cada estatua, e a cada bosque ha seu epigramma elegantissimo. Camões vendo estas Poezias, pareceraõ-lhe taõ boas, que teve inveja dellas: assim o dá a entender no *Soneto 90. da Centur.* 2. conforme a interpretaçaõ de seu Commentador. (3)

Qq ii *Chris-*

(1) Far. na Fonte de Aganip. part. 1. no Disc. dos Sonet. Idem part. 3. disc. das Sextin. n 2. Idem part. 3. cent. 2. madrig. 33. Idem na Introd. às Eclog. de Cam. n. 4. (2) Idem ibid. n. 6. (3) Deste Author se lembra Manoel de Faria, commentando o tal Soneto, e Jorge Cardoso no Catalogo dos Escritores. A Bibliotheca Lusitana do Reverendo Abbade Barbosa naõ falla nelle em lugar proprio, só no tom. 1. p. 702. col. 2. o allega nos elogios de Diogo de Teive.

16 *Christovaõ Falcaõ* foy muito celebre nas ſuas Poezias, às quaes intitulou *Chrisfal*, fabricando eſte nome do ſeu proprio nome, e appellido, tomando deſte o *fal*, e daquelle o *Chris*. Conſta de coplas bem feitas. (1)

17 *Diogo Bernardes*, homem de limpo naſcimento, e natural de Ponte de Lima. Nas Poezias, que publicou, moſtrou ſuavidade, brandura, e eſtylo muy adequado ao ſeu aſſumpto paſtoril, e ruſtico, eſpecialmente nas Eclogas, que vem no livro intitulado *Lima*, em que mereceo a coroa de Apollo, que o conſtituio Principe da Poezia Paſtoril. (2) Verdade ſeja, que Manoel de Faria ſuſpeita ſerem alguns verſos de Bernardes uſurpados a Camões. (3) Morreo em Lisboa no anno de 1596, e jaz enterrado junto do meſmo Camões no Moſteiro de Santa Anna. (4)

18 *Diogo de Paiva de Andrade*, ſobrinho do que já referimos na claſſe dos Theologos, naſceo em Lisboa, e foy filho do Chroniſta mór do Reino Franciſco de Andrade. Teve natural cadencia para a Poezia Latina, em que compoz o Poema *Chauleidos*, que conſta das guerras, que os Portuguezes tiveraõ em Chaul, imitando nelle a valentia dos verſos de Eſtacio. Fez outras Poezias Lyricas, que andaõ no tom. 3. da Collecçaõ dos Poetas Portuguezes. (5)

19 *Diogo de Souſa*, Author da celebre *Jornada do Parnazo*, que anda no tom. 5. da Fenix renaſcida em nome ſuppoſto de Diogo Camacho, Poeta Bordalengo, foy natural do termo de Coimbra, e bem moſtrou o genio feſtival, com que a natureza o do-

(1) Far. Comment. das Rim. de Cam. Eclog. 4. eſt. 7. (2) Aſſim o cantou Lope da Vega no Laurel de Apollo, em que celebra varios Poetas dignos delle. (3) Faria no Prolog. da 4. part. da Fonte de Aganip. n. 4. e no Juizo às Rim. de Cam. n. 20. (4) Barboſ. na Bibliot. Luſit. tom. 1. p. 637. (5) D. Franc. Man. nos Dialog. p. 396. o condemna de muito melancolico.

o dotou, inclinando-o à Poezia alegre, pois naquelle genero he a tal obra muy galante, e de juizo. (1)

20 *Diogo de Teive*, Bracarense, de quem já nos lembrámos, foy hum dos primeiros Mestres de Humanidades, que lançaraõ os alicerses à Universidade de Coimbra. Reluzio nelle hum engenho capacissimo para todo o genero de letras, e na Poezia competio com os melhores professores da arte. (2)

21 *Estevaõ Rodrigues de Castro*, Medico de profissaõ, natural de Lisboa. As suas Rimas no juizo critico de Manoel de Faria naõ devem nada às melhores; donde se vê, que com igual talento, e engenho foy admiravel professor de ambas as faculdades. (3)

22 *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo.* O genio Poetico foy nelle naturalissimo. Compoz muito, e bem sem comparaçaõ. Delle fallaremos ainda outra vez mais extensamente.

23 *Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos*, natural da Torre de Moncorvo, e das primeiras familias de Tras os Montes, teve furor, e enthusiasmo Poetico de grande elevaçaõ, e especie maravilhosa. O seu Poema Epico intitulado *Alfonso*, feliz imitaçaõ de Lucano, ennobreceo a lingua Castelhana, acreditou o Parnaso, a naçaõ, e ao Author, pois por elle mereceo, que a Augusta Magestade delRey D. Joaõ V. lhe fizesse a mercê do habito de Christo com huma decente pensaõ na Commenda de S. Pedro de Folgozinho, valendo-lhe mais esta benignidade do Soberano, (em que se vio naõ ser a Poezia desvalida) do que se o mesmo Apollo coroasse ao Author de louro. Alguns Legisladores da Poetica

(1) D. Franc. Man. nos Dialog p. 390. (2) Ant. Ferr. Eclog. 5. Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 235. O livrinho intitulado *Portugallia* p. 366. *Jacob Tevius Bracharensis . . . edidit poemata partim Latina, partim Lusitanica pereruditè.* (3) Far. Comm. das Rim. de Cam. tom. 3. p. 1.

tica lhe fizeraõ varios reparos fobre a contextura, maquina, e artificio do Poema, (1) a que elle talvez refpondeo no Prologo da ultima impreffaõ de 1741. Morreo em fim em Salamanca no anno de 1747.

24 *Francifco de França da Cofta* foy hum dos polidos, e engenhofos Poetas Lyricos do feu tempo, e ainda hoje conferva muito boa fama, efcrevendo taõ pouco. Floreceo no anno de 1600.

25 *D. Francifco Manoel de Mello*, natural de Lifboa, illuftre por fangue, e letras, defde bem pouca idade moftrou a grande, e particular inclinaçaõ, que fempre confervou às Mufas. Militando em varias partes da Europa com brio, e valor, nunca fe efqueceo do feu commercio; e affim quando fe achou mais defembaraçado, inftituio a celebre Academia dos Singulares de Lisboa, que fe fazia em fua cafa todos os Domingos. Nefta Affemblea de doutos, e luzidiffimos engenhos manifeftava D. Francifco os quilates do feu, com a felicidade de efcrever em todos os eftylos com propriedade, difcriçaõ, e elegancia. Das muitas obras, que compoz, vem hum Catalogo no principio do feu livro *Victoria del hombre*, e fe repetem em hum dos feus Dialogos. Morreo em Lisboa no anno de 1666, e eftá fepultado na Capella do Santo Chrifto dos Cardaes, onde tem Miffa quotidiana. (2)

26 *D. Francifco de Portugal*, primeiro Conde de Vi-

---

(1) D. Ignacio de Luzan na fua Poetica liv. 4. nota de impropriedade nefte Poema, que os Anjos affaltem as muralhas de huma Cidade, pois ifto era empenho proprio do Heroe, e de feus foldados. Mayor critica, e mais rigorofa he a que lhe faz o Author do Verdadeiro methodo de eftudar tom. 1. p. 269. onde diz, que efte Poema naõ tem artificio algum de Epopeia, e que as fabulas faõ affectadas, e com baftantes inverofimilidades; que os verfos faõ duros, e que em todo o Poema reina huma efcuridade infoffrivel. (2) Gregor. de Almeid na Reftauraçaõ de Portug. prodigiofa part 2. c. 24. p. 391. P. Man. Godinh. na Jornad. da India. Feijó, Theatr. Critic. tom. 1. difc. 16. n. 74. Barbof. Bibl. Lufit. tom. 2.

Vimioſo, e hum dos mais eſtimados Cortezãos do ſeu ſeculo, ſoube ajuntar nos ſeus verſos com raridade a gala à decencia em eſtylo polido, myſterioſo, e nobre.

27 *Francſco Rodrigues Lobo*, natural de Leiria, de profiſſaõ Juriſta, e de genio muy aprazivel, eſcreveo varios livros de proſa, e verſo, eſpecialmente tres, que o honraraõ muito, as *Eclogas*, a *Primavera*, e a *Corte na Aldeya*. O eſtylo he ſuave, natural, affectuoſo, puro, e na ſua esfera feliciſſimo. Louvaõ-no muito os melhores Meſtres da faculdade. Só o Poema intitulado *Condeſtavel* naõ teve entre elles tanta eſtimaçaõ. (1)

28 *Franciſco de Sá de Miranda*, memoravel Conimbricenſe, que podendo ſeguir as Cadeiras da Univerſidade com applauſo naõ vulgar, quiz antes obedecer ao genio, que o inclinava para a Poezia. Neſta foy feliz em tudo que eſcreveo de verſo curto, como Eclogas, e Redondilhas Portuguezas. O ſeu eſtylo he muy ſentencioſo, e natural, mas em Portuguez cerrado, e allegorico. Das ſuas ſentenças ſe aproveitaraõ grandes homens para confirmarem doutrinas moraes. [2] Morreo no anno de 1558.

29 *Gabriel Pereira de Caſtro* he tambem numerado

(1) Faria na Introd. às Eclog. de Cam. n. 6. e 7. Lope no Laurel de Apollo p. 26. Gracian. no Critic. Cervant. na Vid. de D. Quix. (2) Vieir. tom. 4. n. 522. e tom 8. p. 250. P. Fernand. Alma inſtruid. tom. 2. p. 52. e 258. D. Franc. de Portug. na Carta 1. Sever. Diſc. da Ling. Port. p. 82. Ann. Hiſtor. a 15 de Março, e no tom. 3. p. 246. P. Macedo no liv. *Domus Sadica* faz a eſte Author hum elogio, em que manifeſta o caracter das ſuas obras, dizendo a p. 16. *Franciſcus Sá Miranda, an mirandus? Celeberrimus ob ingenii acumen, & judicii pondus, & ſcientiarum varietatem, & morum integritatem, qui primus Luſitani ſtyli naſum produxit, ſoccoſque cothurnis miſcuit feliciter, togataſque ſatyras in aulam induxit, & illud paſtorino carmine conſecutus eſt, ut ſilvæ conſule dignæ fierent; ultra fabulas Poeta, immò & ſui temporis gratus Momus, & familiaris vates, quemadmodum ejus ſcripta demonſtrant. Certè nemo meliùs eo, & aptiùs jocos ſeriis, & ſeria jocis diſtinxit.*

do entre os famofos Poetas, que illuftraraõ efte Reino, fendo o feu Poema da *Ulysféa* huma das grandes provas do fublime engenho, de que foy dotado, porque he tecido de Oitavas excellentes em limpeza, facilidade, elegancia, e formofura Poetica. [1]

30 *Henrique Cayado*, celeberrimo Poeta Latino em tempo de Policiano, de quem aprendeo paffando a Italia no anno de 1495, e com a communicaçaõ dos melhores engenhos, que entaõ floreciaõ em Florença, Ferrara, e Bolonha, fe aperfeiçoou de maneira, que foy eftimada entre todos por admiravel a fua veya Poetica, defcobrindo-fe nas fuas *Eclogas*, *Sylvas*, e *Epigrammas* muita elegancia, muita regularidade, juizo, e engenho. Morreo no Lugar de Bemfica junto de Lisboa. [2]

31 *D. Francifco Xavier de Menezes*, Conde de Ericeira, foy hum dos talentos, que em noffos dias vimos tranfcender por todas as materias eruditas com admiraçaõ. Pelo que toca à Poezia foy fem duvida affiftido de Apollo, e a fua *Henriqueida* nos faz reflectir, que hum genio elevado fabe abrir novos, e difficeis caminhos, como fez Hercules nos Alpes, nem eftá efperando a que outros inventem para os feguir. [3]

32 *Fr. Jeronymo Bahia*, Monge Benedictino, mereceo particular eftimaçaõ no feu caracter, e eftylo de efcrever.

33 *Jeronymo Corte-Real*, Cavalheiro de Lisboa, excellente Poeta, ainda que compoz em verfo folto.

34 *Fr. Joaõ Felix*, ou *Freire*, Trinitario, compoz em toda a variedade de verfos Latinos com aceitaçaõ

---

(1) Far. foy inconftante no juizo, que fez defte Poeta. Vide Fonte de Aganip. p 1. no Prol. e nas Rim. de Cam. e Lufiad. (2) Franc. Botelh no Prol. do Alfonfo da ultim. impreffaõ de Salamanc. em oitav. (3) As obras defte Poeta andaõ juntas no tom. 1. Corp. Poetar. Lufit. de p. 51. por diante.

taçaõ muitos Poemas, e Epigrammas, como se vê no seu livro intitulado *Isagoge*.

35 *D. Joaõ de Tarsis*, Conde de Villa Mediana, que nos conceitos nobres, e expressões graves excedeo os mais insignes Poetas seus contemporaneos.

26 *Jorge de Monte-Mayor* foy Poeta elegantissimo, e enriqueceo bastantemente com frazes, e termos proprios a lingua Hespanhola. Entre as suas obras he inimitavel a primeira parte da *Diana*, e a fabula de Pyramo, e Tisbe quasi que he invencivel. O Cavalleiro Marino celebre Poeta a traduzio sem confessar o Author. (1)

37 *Lopo Serraõ*, natural de Evora, Medico del-Rey D. Sebastiaõ, bem mostrou a elegante veya Poetica nas varias Elegias, que compoz com inveja do mesmo Ovidio, a quem soube imitar admiravelmente. (2)

38 *Luiz de Camões*, insigne, e illustre filho de Lisboa, Principe dos Poetas Portuguezes, unico discipulo de Homero, e de Virgilio, e unico Mestre de quantos lhe succederaõ. Lope da Vega lhe dá o epitheto de *Divino*, e de *Excellente*. Valdecebro chama-lhe *Fenix dos Poetas Portuguezes*, e *Cisne Lusitano*. Fr. Fernando de Camargo o trata com o titulo de *Immortal*, e raro he o Author estrangeiro, que o naõ venere por hum dos Poetas, que mais mereceraõ a coroa de Apollo, tanto na Poezia heroica, como lyrica. Naõ allegamos com Authores Portuguezes por escusar a suspeita. Antonio Paggi, nobre Genovez, fallando das *Lusiadas* de Camões no principio da sua traducaõ Italiana, diz, que semelhante Poema he dignissimo no assumpto, facilissimo no estylo, elegante na fraze, profundo nas allegorias, solido nas moralidades, exquisito na erudiçaõ, proprio nos affectos, ornado nos episo-

(1) Dr. Franc. Man. nos Dial. p. 343. Faria no cant. 5. est. 15. (2) Corp. Poet. Lusit. tom. 4.

dios, moderado nas metaforas, abſtinente nos hyperboles, exemplar nos coſtumes, pio na religiaõ, engenhoſo na contextura, e finalmente huma idéa de todas as perfeições. Monſieur du Perron de Caſtera, que tamdem traduzio fideliſſimamente em Francez as *Luſiadas*, e as fez imprimir no anno de 1735 em tres tomos de oitavo, pinta no principio o monte Parnaſo, e de huma parte a Muſa Calliope apertando a ſeus peitos a Camões, como a filho, da outra parte Apollo offerecendo-lhe a lyra, no meyo a Fama tecendo-lhe huma coroa, e em baixo a Inveja deſpedaçando-ſe. Em pouco expreſſou hum grande elogio deſte Poeta.

39 Sem embargo teve elle contra ſi alguns, que lhe quizeraõ deſcobrir defeitos, eſpecialmente no Poema heroico: tal foy Rapin, que o cenſurou de eſcuro, e niſto bem moſtrou que naõ entendia a lingua Portugueza. Monſieur de Voltaire no *Diſcurſo da Poezia Epica*, ſuppoſto fazer alguns reparos nas meſmas Luſiadas, confeſſa que no eſtylo, e modo de expreſſar ninguem tem que dizer a Camões, e que eſta tal arte he baſtante para disfarçar quaeſquer eſcrupulos da critica. O Author moderno do *Verdadeiro methodo de eſtudar*, foy quem fez mayor anatomia a Camões, porém cortou em partes, por onde outros já tinhaõ cortado; e a pezar de toda a cenſura ſempre a Poezia de Camões ha de ſer excellente, eterna, e admiravel. (1)

40 *Luiz Pereira*, Cavalleiro do Habito de Chriſto, e dos que melhor ſentiraõ a perda delRey D. Sebaſtiaõ, pois deſde entaõ até morrer nunca deſpio

(1) Lope da Vega na Arcadia p. mihi 234. e no Laurel de Apollo p. 25. verſ. Valdecebro no Templo de la fama art. 14. Camargo na Continuaçaõ da Hiſtor. de Marian. ad ann. 1649. O Baraõ de Lahontan tom. 3. dos Dial. p. 214. Solorzano de Jure Indiar. tom. 1. liv. 1. cap. 3. n. 48. D. Thomaz Tamayo de Vargas na Approvaçaõ dos Commentos, que fez ao Poeta Manoel de Faria, além de outros muitos.

pio o luto. Escreveo hum Poema daquella perda, a que intitulou *Elegiada*, com bons lances poeticos.

41 *P. Manoel de Abrantes* foy excellente Poeta Latino, e se fez memoravel pelos seus Epigrammas sacros, que compoz.

42 *Manoel Bocarro*, de quem nos lembraremos na classe da Medicina, cultivou tambem a Poezia com enthusiasmo, e furor natural, como se vê no seu *Anacæphaleosis*.

43 *Fr. Manoel de S. Joseph*, natural de Lisboa, e Religioso Eremita de Santo Agostinho, foy em Castella Prégador delRey Filippe IV., e de grande nome, e engenho, do qual deu provas evidentes no exercicio de varias faculdades, naõ se fazendo menos insigne, e famoso na Poetica. Seu he o Poema dos sentimentos de *Lydia*, e *Armindo*, que vem no tom. 1. da Collecçaõ da Fenix renascida todo ornado de grande elegancia, e primores poeticos. Morreo em Madrid pelos annos de 1656.

44 *Manoel de Faria e Sousa*, do Couto de Pombeiro, que fica entre Guimarães, e Amarante, onde teve o seu nascimento a 18 de Março de 1590, foy hum dos engenhos raros de Portugal, muito erudito, e de grandes estudos. Na Poezia foy Mestre, e soube exercitalla com furor, e fertilidade, porque compoz muito, e bem, por isso estimado em Madrid, e Roma de grandes Personagens. Teve hum juizo acre, e severo, que difficilmente se agradava das cousas, e no exame dos seus escritos, e alheios, propendia mais para a complacencia dos proprios, que ainda que sejaõ todos merecedores de applauso, he nota, que muitos lhe censuraõ. [1] Morreo em fim em Madrid a 3 de Junho de 1649.

45 *Manoel de Gallegos*, muy douto nas letras humanas, e naõ menos versado na Poezia especulati-

(1) Joaõ Soar. de Brito na Bibl. Lusit. m. s. *Vir fuit multæ lectionis, & eloquentiæ magnæ, sed (quo plerumque vitio Grammatici laborant) admodùm sibi placens, philautia magnoperè tangebatur.*

va, e pratica. Compoz o *Templo da Memoria*, onde collocou para eterna veneraçaõ alguns Authores Portuguezes infignes no metro. (1)

46 *Manoel Mendes de Barbuda*, que no feu Poema facro intitulado *Virginidos* expreffou o genio eminente para a Poezia, conforme o juizo poetico, que fez delle Fr. André de Chrifto, famofo Meftre da faculdade.

47 *P. Manoel Pimenta*, da Companhia de Jefus, cujos Epigrammas naõ devem nada aos preceitos da arte, alcançou applaufos merecidos à fua fciencia, e ao feu talento.

48 *Manoel Pinheiro Arnaut* exercitou a Poezia com felicidade, pois naõ fó foy affiftido das Mufas, mas das Graças. O feu Poema de *Alfeo*, e *Arethufa* he eftimavel, e applaudido dos doutos pela fua galantaria, e clareza do eftylo.

49 *Manoel das Povoas* compoz a Vida de Chrifto em tercetos Caftelhanos, affim como o Dante, e he Poema digno de eftimaçaõ no fentir de Manoel de Faria. (2)

50 *Manoel Thomaz*, Poeta das Ilhas, naõ mereceo pequenos louvores com a fua *Infulana*, e *Fenix da Lufitania*, nos quaes livros moftrou capacidade, e veya poetica.

51 *Marçal de Gouvea*, Meftre de letras humanas em Coimbra, e Poeta laureado em Pariz. Tinha tal felicidade, que fabia imitar o eftylo, e furor de qualquer Poeta; porém a fua forte imitaçaõ era de Ovidio. (3)

52 *Miguel de Barros* foy dotado de hum agudo engenho, e natural cadencia para o metro com tal facilidade, que parece o haviaõ embalado as Mufas defde os feus primeiros annos.

53 *Miguel Botelho de Carvalho* foube executar os lan-

(1) Efte Author no liv. Templo da Memoria liv. 4. eft. 174. faz mençaõ de trinta e cinco Poetas famofiffimos. (2) Far. na Introd. às Eclog. de Cam. (3) P. Scot. in Bibl. Ann. Hiftor. tom. 3. p. 352.

lances de bom Poeta, isto he, unir a elevaçaõ dos conceitos com a facilidade do estylo, especialmente no seu Poema da *Filis*, o qual está cheio de valentia, suavidade, e gerfeiçaõ.

54 *Miguel da Silveira*, natural de Celorico da Beira, e canoro Cisne da Europa, (1) foy professor de Filosofia, Jurisprudencia, Medicina, e Mathematica, as quaes sciencias leo vinte annos na Corte de Madrid com grande applauso até o de 1636. Depois foy para Napoles com o Vice-Rey D. Ramiro, Duque de Medina de las Torres, que tinha sido seu discipulo, e lá publicou o Poema heroico intitulado *Macabeo*, em cuja composiçaõ havia gastado mais de vinte annos, dando-o a ver a muitos engenhos, que julgou o podiaõ melhorar; mas depois de impresso pareceo menos bem que antes, pois por imitar o modo de Gongora se fez aspero: todavia he digno de estimarse pelo engenhoso, altiloquo, e modesto estylo em todas as expressões. (2)

55 *Paulo Machado Sacoto*, natural de Béja, Poeta lyrico, muy celebrado nos seus Sonetos; mas sendo elles a causa de que o Author viva na memoria das gentes, tambem foraõ o motivo desgraçado, porque D. Francisco Rolim seu emulo o privou da vida no anno de 1600.

56 *Pedro da Costa Perestrelo* atreveo-se a competir com Luiz de Camões, escrevendo a acçaõ de Vasco da Gama; porém vendo a Lusiada, desmayou. Foy todavia muy applaudido nos seus versos; até em reconhecer a vantagem alheya se fez digno de memoria.

57 *Simaõ Torrezaõ* teve grande estimaçaõ no seu tempo pela natural cadencia do metro, com que facilmente compunha. As *Saudades*, *e zelos de Albanio* saõ applaudidas.

Tho-

(1) Rodrig. Mend. da Silva na Poblac. Gener. de España cap. 166.
(2) D. Franc. Man. Hosp. das letr. p. 351.

58 *Thomaz Pinto Brandaõ*, celebre Poeta dos noſſos tempos, que para o eſtylo jocoſo teve natural energia, e propendeo muito para o ſatyrico; porém naquelle ſeu genero ſempre os ſeus verſos ſeraõ memoraveis. Morreo em 31 de Outubro de 1743.

59 *D. Fr. Thomé de Faria*, Biſpo de Targa, e Religioſo da Sagrada Familia Carmelitana Lisbonenſe, foy varaõ conſummadiſſimo nas divinas, e humanas letras, e taõ excellente Poeta na lingua Latina, que converteo no tal idioma as *Luſiadas de Camões* com admiravel elegancia.

60 *Thomé Tavares* foy hum grande engenho, que produzio a Cidade do Porto, e a quem as Muſas fiáraõ todo o ſeu enthuſiaſmo poetico. As ſuas obras ſaõ veneraveis, e tidas pela melhor couſa, que ha no genero de Poezia ſatyrica: naõ ſe imprimiraõ, mas iſſo naõ tira que o ſeu Author ſeja merecedor de ſe lhe collocar a ſua eſtatua no Muſéo de Apollo.

61 *Vaſco Mouſinho de Quevedo*, natural de Setubal, Poeta inſigne, e taõ famoſo, que na opiniaõ de Manoel de Faria naõ reconhece ſuperior depois de Camões no ſeu heroico, e regular Poema de *Affonſo Africano.* [1]

62 *Soror Violante do Ceo*, Religioſa no Moſteiro da Roſa de Lisboa, poſſuio as influencias do numen Poetico abundantemente. Saõ as ſuas Poezias lyricas benemeritas de toda a eſtimaçaõ. [2]

§. IX.

---

(1) Man. de Far. no cant 2. eſt. 103. de Cam. diz deſte Poema: *Es obra, que deſpues deſta en eſte genero nò conocemos otra en orden, imitacion, y facilidad, y mueſtras de juizio, (hablo de Authores Portuguezes haſta eſte año de 1638.) haviendolos examinado a todos para eſta ſentencia, que yo confio aprovará el miſmo Apolo, porque la di deſpues de haver rebuelto todos los textos de las Muſas, por nó parecerme a los que ſin examen ſe hazen Juezes.* (2) Monteir. Clauſtr. Dom. tom. 3. p. 325.

§. IX.

Poezia Comica.

1 A*Ntonio Ferreira* foy tambem famoso neste genero de Poezia.

2 *Antonio Joseph da Silva*, que supposto ser infeliz na morte, naõ se póde negar ser dotado de hum grande engenho, e feliz para esta composiçaõ comica, já conforme o estylo morato em ordem à expressaõ dos costumes, ou já pathetico, segundo o predominio, e descripçaõ dos affectos. Testemunhas saõ do seu engenho os dous tomos do *Theatro comico* impressos no anno de 1744.

3 *Antonio Prestes*, natural de Santarem, teve a assistencia de hum particular numen para o comico, em cujo estylo compunha com muita facilidade.

4 *Antonio Ribeiro Chiado*, natural dos suburbios de Evora, escreveo muitas Comedias graciosas, e facetas, para cujo estylo teve hum genio muito especial. No seu tempo foy unico: glosava de repente com muita galantaria: logrou estimaçaõ universal, e se fez memoravel. Morreo no anno de 1591.

5 *Diogo Ferreira de Figueiroa*, natural da Arruda, na invençaõ dos *Desmayos de Mayo* mostrou grande elegancia, e erudiçaõ.

6 *Francisco de Sá de Miranda* nos seus *Villalpandos*, e *Estrangeiros*, Comedias famosissimas, excede em graça, e eloquencia às melhores dos antigos mais celebrados.

7 *Gil Vicente* foy o Plauto Portuguez. Naõ teve outro desvio para lhe levantarem estatua, que o naõ escrever em Latim, para se fazer mais publico o seu engenho; porém verdadeiramente no estylo vulgar, jocoso, e faceto venceo em seu tempo a Terencio, e a Menandro. [1]

Joaõ

(1) Sever. de Far. nos Disc. Polit. p. 83.

8 *Joaõ Bautista Diamante* compoz muitas Comedias, que no seu tempo tiveraõ estimaçaõ.

9 *Joaõ de Matos Fragoso*, de engenho claro, e de rara invençaõ para os enredos comicos, e tragicos. Saõ muy celebradas as suas Comedias.

10 *Jorge Ferreira de Vasconcellos*, Cavalleiro da Ordem de Christo, bom Humanista, e digno de estimaçaõ nas Comedias da *Aulagrafia*, *Ulyssipo*, e *Eufrosyna*, as quaes a juizo dos doutos naõ admittem superioridade.

11 *Luiz de Camões* no seu *Amfitryaõ* dá documentos aos Mestres comicos. Saõ as suas Comedias, conforme parece a Faria, as melhores que se tinhaõ escrito até o seu tempo.

12 *Luiz Vicente*, filho do memoravel Gil Vicente, compoz a Comedia dos *Cativos* com tanta felicidade, que conhecendo seu pay a vantagem, que lhe fazia o filho, lembrou-se menos do amor de pay, que da emulaçaõ de author, e assim o fez embarcar para a India, onde morreo.

13 *Paula Vicente*, ou verdadeiramente Pola Portugueza, porque depois que seu pay Gil Vicente cegou, o ajudava ella nas suas composições comicas, assim como fazia Pola a seu marido Lucano. [1]

14 *Pedro Salgado*, natural de Peniche, Poeta com igual juizo no serio, e no jocoso, e muy merecedor da eterna lembrança, e veneraçaõ no comico. Floreceo pelos annos de 1644.

15 *Simaõ Machado*. Saõ as suas Comedias de boa invençaõ, e pensamentos, e na parte jocosa invenciveis. Muitos julgaõ que a Comedia *Eufrosyna* he composiçaõ sua. [2]

§.X.

---

(1) P. Reys no Enthusiasm. Poetic. n 66.
- - - - Paula parentem
Ægidium sociat nunc celso in vertice Montis,
Quem juvisse ferunt, velut olim Pola maritum
Scribentem juvit Lucanum. - - - -

(2) Far. no cant. 7. de Camões est. 21. e cant. 10. est. 35.

§. X.

Historia Ecclesiastica, e Secular.

1 F*Rey Antonio Brandaõ*, filho de Alcobaça, e Religioso de S. Bernardo, foy insigne substituto de Fr. Bernardo de Brito no honroso emprego de Chronista mór do Reino, e o primeiro, que descubrio a historia delle pela liçaõ dos Cartorios, de que teceo com muita legalidade a terceira, e quarta parte da *Monarquia Lusitana.* Completou os seus dias a 27 de Novembro de 1637. D. Thomaz Tamayo de Vargas, Chronista mór de Castella, e de juizo critico, lendo a terceira parte da Monarquia, disse, que era a Historia mais bem trabalhada, que até aquellle tempo tinha sahido ao publico, em estylo, disposiçaõ, clareza, e fundamento.

2 *Antonio de Castilho*, natural de Thomar, Jurista de profissaõ, Guarda mór da Torre do Tombo, muy versado nas linguas mais polidas da Europa, Chronista mór do Reino, que succedeo a Damiaõ de Goes. Escreveo pedaços de Historia com judicioso estylo, e pureza de fraze, imitando muito a Tacito. (1)

3 *Antonio Paes Viegas*, dos suburbios de Lisboa, e Secretario delRey D. Joaõ IV., o qual o consultava nos negocios mais difficeis, e seguia o seu parecer como de varaõ prudente, e de juizo. Na Historia foy exacto, serio, e puro, como se vê no livro dos *Principios de Portugal*, que escreveo com diligente investigaçaõ. (2)

4 *Antonio de Sousa de Macedo*, de quem já referimos a grande propensaõ, que teve para a Poe-

(1) Far. na Europ. tom. 2. part. 1. c. 1. n. 7. (2) Birago, Histor. de Port. p. 132.

zia, naõ foy menor a que logrou para a Historia, cujas leys executou severamente com juizo, e escolhida advertencia.

5 *P. Antonio de Vasconcellos*, Religioso Jesuita, foy insigne na lingua Latina, e nella escreveo excellentemente as acções dos Serenissimos Reys Portuguezes, e huma breve descripçaõ do Reino com muita clareza, a que intitulou *Anacephalæosis*.

6 *P. Balthazar Telles*, Jesuita Lisbonense, engenhoso, e erudito na observancia dos preceitos da Historia, que escreveo com bem aparada penna. A *Chronica da Companhia de Jesus na Provinca de Portugal*, e a *Historia Ethiopica* seraõ eternos padrões da sua recommendavel memoria.

7 *Fr. Bernardino da Silva*, natural de Lisboa, e Religioso Cisterciense, foy muito versado na liçaõ da Historia, e na melhor parte della, que he a critica; e assim o mostrou na Apologia, que fez à primeira parte da *Monarquia Lusitana*, que defendeo nervosamente contra o *Exame de Antiguidades* de Diogo de Paiva. Acabou religiosamente em Fevereiro de 1641.

8 *Fr. Bernardo de Brito*, Chronista mór do Reino, que succedeo a Francisco de Andrade com grande reputaçaõ do seu ministerio, naõ só pela erudiçaõ sacra, e profana, em que era perito, mas pelo grande trabalho, que teve em descobrir as antiguidades do Reino, do qual naõ houve parte, que naõ visse, e revolvesse, em que se fez memoravel, sem embargo de que alguns Escritores lhe condemnaõ o seguir elle em varias opiniões a Authores menos conhecidos, e reputados por naõ verdadeiros. Faleceo no anno de 1617.

9 *Damiaõ de Goes*, natural de Alenquer, varaõ illustre, e insigne em todo o genero de erudiçaõ sagrada, e profana, adquirida com incansaveis estudos, e com a communicaçaõ dos mayores homens da Europa, a cujas principaes Cortes foy varias vezes

tra-

tratar negocios por ordem delRey D. Joaõ III. Este o fez Guarda mór da Torre do Tombo, e seu Chronista, nos quaes empregos trabalhou incessantemente, no primeiro pondo em ordem os papeis desordenados daquelle grande Cartorio; no segundo compondo as Chronicas delRey D. Joaõ II., e delRey D. Manoel, sendo esta na crise de Manoel de Faria a que de Rey existe mais bem escrita; porque se no estylo lhe falta aquelle adorno, que serve de salsa ao appetite de ler, na ordem, e gravidade he excellente. (1) Morreo no anno de 1567, e fazem delle honorifica memoria muitos Authores. (2)

10 *Diogo do Couto* nasceo em Lisboa, aprendeo Latim com os melhores Mestres, que entaõ havia, o Padre Manoel Alvares, e Cypriano Soares, e servindo ao Infante D. Luiz, ouvio com este Filosofia do Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres. Passou à India com praça de soldado, e lá até dos Principes Gentios foy estimado pela grande cortezia, com que tratava a todos. Applicouse à Poezia, e Mathematica, e naquella faculdade compoz bastantes versos com tanto fundamento, que o insigne Camões seu contemporaneo o consultava. Pela fama do seu talento, e pericia, foy escolhido por ElRey Filippe Prudente para continuar as Decadas de Joaõ de Barros com o titulo de Chronista da India, que elle completou até o numero de doze Decadas, principiando desde a quarta com estylo claro, verdadeiro, e sentencioso, mostrando em tudo summo

(1) Far. no tom. 4. dos Com às Rimas de Cam. p 101. e no Catalog. m s. dos Escritor Portug. que conservamos, diz: *Damiaõ de Goes de Alenquer, Cavallero de calidad, y en artes, y costumbres, y peregrinaciones notable, perito en todas sciencias, discurrió por toda Europa; excelente en letras humanas, escrevió mucho, y vario, y bueno, en Latin, y vulgar. Fué Guarda mór del Archivo Real, y Chronista por ElRey D. Joaõ III* (2) Maced. in *Domo Sadica* p 56. Brito na Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 22. Galv. liv. dos Descobrimentos, e outros muitos.

zelo da patria, e da naçaõ. Finalizou os ſeus dias em Goa no anno de 1616. (1)

11 *Fr. Diogo do Roſario*, varaõ inſigne em letras, e virtude, da eſclarecida Ordem Dominicana, e natural de Evora, foy o primeiro, que em Heſpanha eſcreveo as vidas dos Santos, e com o titulo de *Flos Sanctorum.*

12 *Diogo de Teive* foy Reitor dos eſtudos de Coimbra, antes de ſe entregarem aos Reverendos Padres da Companhia, e na Hiſtoria grande imitador de T. Livio. Joaõ Vaſeu confeſſa, que ſe Teive completara a Hiſtoria Luſitana, que tinha promettido, ſeria nella inimitavel. (2)

13 *Duarte Galvaõ*, natural de Evora, Chroniſta mór do Reino, emprego que lhe deu ElRey D. Affonſo V. pela ſua grande prudencia, talento, e erudiçaõ. Compoz, ou reduzio a melhor eſtylo a Chronica do Santo Rey D. Affonſo Henriques, e delle fazem honorifica memoria noſſos, e alheyos Eſcritores. (3)

14 *Duarte Nunes de Leaõ*, Eborenſe, muy noticioſo da Hiſtoria do Reino, da qual compoz as Chronicas dos Reys de Portugal até ElRey D. Fernando com diligente, e verdadeira inveſtigaçaõ, naõ obſtante ter contra o ſeu eſtylo Manoel de Faria e Souſa, que o reprova.

15 *Fernando Lopes*, Cavalheiro de prendas, e authoridade nos tempos delRey D. Duarte, foy o primeiro Chroniſta das Chronicas dos Reys Portuguezes até aquelle tempo, as quaes, conforme o conceito de Brandaõ, ſaõ as de mais juizo, que andavaõ impreſſas. (4)

16 *Fernando Lopes de Caſtanheda* paſſou à India com ſeu pay, e lá eſcreveo a Hiſtoria das armas Por-

---

(1) Telles, Hiſtor. da Ethiop, liv. 1. c. 27. Far. tom. 1. da Aſia nas Advertenc. Moreri, Diccion. Hiſtor. verb *Couto*. (2) Vaſ. Chronic. tom. 1. c. 4. (3) Brand. Monarq. Luſit. liv. 8 c. 1. Nicol. Anton. Bibl. Hiſp. tom. 1. p. 259. (4) Monarq. Luſit. liv. 16. c. 8.

Portuguezas com muita particularidade, e incansavel diligencia.

17 *Fernaõ Mendes Pinto*, natural de Montemór o Velho. O livro notorio das suas famosas peregrinações he o mais bem escrito de Historia, que ha em Portugal, segundo a opiniaõ de Manoel de Faria. (1) Os que o viraõ, pouco duvidaõ da verdade delle; porém he digno de toda a estimaçaõ, e bem se prova pelas muitas traducções, que do tal livro ha em varias linguas.

18 *D. Francisco Manoel de Mello*, de quem entre os Poetas nos lembrámos, cultivou tambem a Historia do Reino com felicidade, principalmente nas *Epanaforas*, e Historia de Catalunha, cujo estylo he muy observante, e conforme aos preceitos da arte.

19 *Gaspar Alvares Lousada* foy hum dos eminentes em Historia, que teve Hespanha, e a quem naõ fez vantagem André de Resende com todas as suas letras. (2) Trabalhou muito em investigar as antiguidades deste Reino, de cujos estudos se aproveitaraõ outros, que talvez levaraõ o premio, que naõ mereciaõ. (3)

20 *Gaspar Barreiros*, sobrinho do grande Joaõ de Barros, compoz varios opusculos de Historia muito doutos, os quaes fizeraõ emendar a Paulo Jovio a sua Historia depois que os vio. (4)

21 *Gaspar Estaço*, sobrinho do famoso Aquilles Estaço, e Conego em Guimarães, foy notavel investigador das antiguidades do Reino, de que imprimio hum livro com muito acerto, erudiçaõ, e elegancia.

22 *Gomes Anes de Zurara* foy o segundo Chronista de Portugal, e Guarda mór da Torre do Tombo, homem capacissimo, e o mais eloquente do seu

(1) Far. tom. 1. da Asia no Prolog. (2) Ferrer. Histor. de Santiag. liv. 1. c. 16. (3) Cunha, Catalog. dos Bisp. do Port. part. 1. cap. 2. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 7. (4) Sever. Disc. var. p. mihi 36.

ſeu tempo. ElRey D. Affonſo V. lhe eſcrevia de ſua propria maõ, e hoje ſe conſerva entre os curioſos huma carta, que he para ſe notar, porque entre outras clauſulas (tendo-ſe ElRey por ſciente, e elegante) lhe diz: *Porque eſto, como vós mejor ſabeis.* Em fim alentando-o com favores, e merces, fez que foſſe o mais proveitoſo Eſcritor, e Miniſtro daquelle genero. Eſcreveo a Hiſtoria de todas as acções dos Portuguezes em Africa, e outras muitas, e deu fórma a muitos papeis do Real Archivo. Seu eſtylo he louvado pelo grande Joaõ de Barros. (1)

23 *Jacinto Freire de Andrade*, que na Hiſtoria panegyrica do memoravel Vice-Rey da India D. Joaõ de Caſtro mereceo univerſaes eſtimações pela elegancia, e pureza da ſua fraze, e eſtylo.

24 *D. Jeronymo Oſorio*, Biſpo de Sylves, naõ teve igual em eſtylo, erudiçaõ, e eloquencia. Na vida, que eſcreveo em latim delRey D. Manoel, excedeo a Suetonio, e igualou com Cicero.

25 *Joaõ de Barros*, natural da Villa de Pombal, conforme diz Severim de Faria; ou de Viſeu, ſegundo Barboſa na Bibliotheca. Foy pay dos Hiſtoriadores de Heſpanha, inſigne Geografo, varaõ celeberrimo em todas as idades, e Author das famoſas Decadas da Aſia, nas quaes guardou com igualdade as partes de hum perfeito Hiſtoriador, que vem a ſer, verdade, clareza, individuaçaõ, e diſcurſo; por iſſo lhe chamaraõ o Tito Livio Portuguez, e na ſua ſepultura tem hum elegante epitafio, ſemelhante ao que tem Livio em Padua. Pio IV. lhe levantou eſtatua na Vaticano junto à de Ptolomeo, e os Venezianos fizeraõ o meſmo entre a dos varões mais inſignes. (2) Faleceo no anno de 1570.

26 *P. Joaõ de Lucena*, da Companhia de Jeſus, foy inſigne Hiſtoriador da vida do Santo Xavier, a qual

(1) Monarq. Luſit. liv. 17. c. 3. e Far. no Catalog. m. ſ. dos AA. Portug. (2) Sever. na vida deſte Eſcritor, e outros.

qual Hiſtoria traduziraõ os Italianos, Francezes, e Caſtelhanos nas ſuas linguas, e tambem anda na Latina, ſinal evidente de ſer naquelle genero perfeitiſſima.

27 *P. Jorge Cardoſo*, incanſavel, e famoſiſſimo nas vidas dos varões Santos Portuguezes, que recolheo em tres volumes com titulo de *Agiologio*. Muito lhe deve o Reino: e ſem duvida ſe eſcrevera fóra delle, tivera eſtatua. (1)

28 *Julio de Mello*, elegante, e ſentencioſo Hiſtoriador, e digno de eſtimarſe.

29 *Fr. Leaõ de S. Thomaz*, Benedictino Conimbricenſe, muy laborioſo, e exacto na Hiſtoria da ſua Provincia.

30 *Fr. Luiz dos Anjos*, muy zeloſo, e douto nas vidas das Santas Portuguezas, que fez publicar com o titulo de *Jardim de Portugal*.

31 *D. Luiz de Menezes*, Conde da Ericeira, Author do *Portugal reſtaurado*, Hiſtoria eſcrita com toda a delicadeza, força, e energia poſſivel, ſendo que na criſe de Monſ. de la Clede naõ he Hiſtoria regular.

32 *Fr. Luiz de Souſa*, Religioſo Dominico, e no ſeculo chamado Manoel de Souſa Coutinho, Cavalhero de muito engenho, e bem inſtruido nas letras humanas. Eſcreveo parte da Hiſtoria da ſua Religiaõ, e a Vida do Santo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres com toda a pureza de fraze, methodo, juizo, e elegancia. (2)

33 *D. Manoel Caetano de Souſa*, Clerigo Regular Theatino, de vaſta, e mais que ordinaria erudiçaõ, de talento diſtincto, e incanſaveis eſtudos. A ſua *Expeditio Hiſpanica* ſobre a vinda de Santiago a Heſpanha he a obra mais bem trabalhada, que neſtes

(1) Valdecebr. no Templ. de la Fama c. 25. (2) Monteir. no Clauſtr. Dom. lanço 3. p. 268.

tes tempos tem visto a luz publica. Faleceo no anno de 1734. (1)

34 *Manoel de Faria e Sousa* soube executar os assumptos litterarios com engenho, e erudiçaõ. Na Historia Portugueza, em quanto a genero de Epitome, excede a Justino, abbreviador de Trogo Pompeyo. He verdade que se dilata às vezes em descripçóes, reflexões, e exclamaçóes mais proprias de Orador, que de Historiador, e com a mesma força de eloquencia narra as acçóes grandes, e pequenas dos seus Heróes. (2)

35 *Fr. Manoel de Monforte*, natural da Villa do seu appelido. Foy Religioso Franciscano da Provincia da Piedade, de que escreveo a sua Chronica taõ aceita pelos doutos, que he numerado entre os melhores Historiadores pela pureza do estylo, e prudencia em a narraçaõ dos factos. Faleceo no anno de 1711.

36 *Manoel Severim de Faria*, a quem este Reino deve muito pelo incansavel trabalho, e louvavel curiosidade, com que indagou muitas antiguidades delle, resuscitando-as do esquecimento, em que jaziaõ. Foy homem de grandes estudos, e compoz pedaços de Historia com exacçaõ, e verdade. Faleceo em Setembro de 1655, e jaz na Cartuxa de Evora.

37 *Manoel Sueiro*, natural de Loulé no Algarve, Cavalheiro honrado, e illustre na erudiçaõ de letras humanas, e exercicio de varias linguas, que soube com perfeiçaõ. Estudou em Flandes com os melhores Mestres, e sahio taõ perito, que de trinta e sete annos de idade deu à luz no anno de 1624 a Historia dos Annaes de Flandes escrita com todo

(1) O Author do Verdadeiro methodo de estudar no tom. 1. pag. 181. diz: *Eu creyo que D. Manoel Caetano foy douto, e soube mais que o commum dos Portuguezes .... e pelas suas obras o discorro.* (2) Mons. de la Clede tom. 1. da Histor. de Port. no Prefacio.

do o acerto, e louvada por varões doutos. [1]

38 *Pedro de Mariz* foy Author dotado de muita erudiçaõ, e eſcreveo as vidas dos Monarcas Portuguezes em eſtylo de Dialogo, mas com muita verdade, e noticias curioſas do Reino.

39 *D. Rodrigo da Cunha*, Biſpo de Portalegre, e Porto, e depois Arcebiſpo de Braga, e Lisboa, em todas eſtas dignidades Prelaticias enſinou ſempre com o exemplo os documentos de Paſtor, e a obſervancia das virtudes. No exercicio das letras foy incanſavel, devendo-ſe à ſua diligencia a memoria de muitas noticias pertencentes a eſte Reino, que hiaõ perecendo de todo. Compoz a Hiſtoria Eccleſiaſtica do Porto, Braga, e Lisboa com muita averiguaçaõ, ajudando-o tambem Pantaleaõ de Ciabra Cidadaõ do Porto, como diz Fr. Antonio da Purificaçaõ. Concluio os alentos vitaes em Lisboa ſua patria aos 3 dias de Janeiro de 1643. [2]

40 *Ruy de Pina*, Cavalheiro no tempo delRey D. Manoel famoſiſſimo, ſuccedeo no cargo de Chroniſta, e Guarda mór do Archivo Real a Duarte Galvaõ. Eſcreveo varias Chronicas dos Reys Portuguezes, eſtremado no juizo, e caprichoſo no eſtylo, porque affectou fallar com palavras, e termos antigos, mas polindo-o a ſeu modo: he Eſcritor de veneraçaõ.

---

(1) Vaſconcel. in Deſcript. Luſitan. Monarq. Luſit liv. 8. cap. 2. Swertius in Athen. Belgic. p. 228. (2) Barboſ. de Poteſt. Epiſcop. in Prolog. Birag. Hiſtor. de Portug. liv. 2 p. 158. Rodrig. Mend. da Silva no Catalog. Real pag. 55. verſ. Joaõ Pinto Ribeiro no Luſtre ao Deſemb. do Paço c. 1. n. 157. Purific. Chron. de S. Agoſt. part. 2. liv. 5. tit. 3. §. 9.

§. XI.

Historia Genealogica.

1 A*Ffonso de Torres*, pay do primeiro Conde da Ponte, foy Genealogico pontualissimo, e bem intencionado. Escreveo das familias do Reino oito volumes de folha com as armas debuxadas, que nós vimos na Livraria manuscrita da Excellentissima Condessa do Redondo D. Margarida, e saõ estimaveis, e delles ha copias em outras Livrarias desta Corte. [1]

2 *D. Agostinho Manoel de Vasconcellos*, illustre Eborense, aquelle, que convencido de huma conjuraçaõ contra a Serenissima Casa de Bragança, foy degollado no Rocio de Lisboa a 29 de Agosto de 1641, e naõ obstante foy grande venerador da mesma Casa, pois escreveo hum *Memorial da Genealogia, e Privilegios da Casa de Bragança* em admiravel estylo, e discurso claro, de que foy dotado, e se conservava na selecta Livraria do Conde de Vimieiro. [2]

3 *Alvaro Ferreira de Vera*, natural de Lisboa, muito estudioso na investigaçaõ da Genealogia, e Familias illustres deste Reino, para o que revolveo, e examinou os Cartorios mais famosos da Corte, especialmente o Archivo Real. Compoz hum livro da Nobreza com estylo claro, e humas Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro utilissimas. [3]

4 *D. Antonio Alvares da Cunha*, Trinchante del-Rey D. Pedro II., e Guarda mór da Torre do Tombo, foy Cavalheiro muito erudito, muito discreto, e cultivador das bellas letras, com genio naturalmente estudioso; e entre varias obras, que compoz metricas, e historicas de grande applauso, naõ

---

(1) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 1. Sousa Apparat. à Histor. Geneal. §. 54. (2) Barbos. in Bibliot. Lusit. tom. 1. p. 68. (3) Sousa no Apparat. à Histor. Geneal. da Casa Real Port. n. 57.

naõ adquirio menores elogios o ſeu *Obeliſco Portuguez Chronologico*, *Genealogico*, que ſe imprimio, e outras mais composições ſobre o argumento de Genealogias, em que foy verſadiſſimo. [1] Faleceo no anno de 1690.

5 *D. Antonio Caetano de Souſa*, Clerigo Regular da Divina Providencia em Lisboa, donde foy natural, era muito applicado aos eſtudos Genealogicos, em cujo aſſumpto compoz com incançavel trabalho a *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza* deſde a ſua origem até o preſente, com as Familias illuſtres, que procedem dos Reys, e dos Sereniſſimos Duques de Bragança, obra ſolidamente provada com os melhores documentos. Faleceo em Lisboa no anno de 1758.

6 *D. Antonio de Lima*, Senhor de Caſtro Dairo, foy hum dos mais acreditados Genealogicos, que houve em Portugal, de tal ſorte, que quaſi todos, ou a mayor parte dos Nobiliarios Portuguezes ſaõ traslados do que fez D. Antonio de Lima, poſto que accreſcentados, ou diminutos em muitas couſas. Louvaõ-no os Authores mais intelligentes na materia. [2]

7 *D. Antonio Soares de Alarcaõ*, chamado em Caſtella Marquez do Trocifal, foy Cavalhero muito applicado à Hiſtoria Genealogica, em que compoz Relações da Caſa de Trocifal, e outras arvores de Familias, provado tudo com documentos excellentemente. [3]

8 *Antonio Soares de Albergaria*, natural de Caſtello-Branco, e Beneficiado em Lisboa na Igreja de Santo Eſtevaõ de Alfama, compoz *Trofeos Luſitanos* no anno de 1631, e outros livros mais das Familias do Reino com o eſcudo das ſuas armas, e ou-

(1) Corograf Port tom. 2. trat. 5. c. 26. Barboſ. na Bibl. Luſit. tom. 1 (2) Severim, Notic. de Port. diſc. 3. D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. Franckenau na Bibl. Geneal. p. 38. (3) Idem ibid. p. 46. Nicol. Anton. in Bibl. Hiſp. tom. 1. p. 601.

tras curiosidades deste assumpto, em que foy peritissimo.

9 *Antonio de Sousa de Macedo*, nobre Jurisconsulto, e Poeta insigne, de quem já referimos seu caracter, erudiçaõ, e genio versado em o exercicio das bellas letras, como testemunhaõ os muitos livros, que compoz, foy tambem applicado ao estudo Genealogico, e nelle escreveo *Genealogia Regum Lusitaniæ*, que imprimio em Londres no anno de 1645 com geral estimaçaõ dos doutos.

10 *Antonio de Villas-Boas e Sampayo*, natural de Guimarães, e Jurista de profissaõ, compoz o livro intitulado *Nobiliarquia Portugueza*, em que mostra muita noticia, e estudo na Historia Genealogica do Reino.

11 *Damiaõ de Goes*, Guarda mór da Torre do Tombo, e Chronista mór do Reino, foy varaõ muito douto, e de recommendavel memoria. Compoz varias obras, como já vimos, e he muy celebrado o seu Nobiliario, em que foy seguindo ao Conde D. Pedro no augmento das linhagens. Notase-lhe o cortar em algumas pela reputaçaõ alheia. [1]

12 *Duarte Nunes de Leaõ* soube a Historia de Portugal muito bem, e nella, pelo que pertence à Genealogica, escreveo, e fez imprimir em Lisboa no anno de 1585 hum livro de quarto *De Vera Regum Portugalliæ Genealogia*, juntamente com huma censura, que fez a Fr. Joseph Teixeira, sobre outro livro do mesmo assumpto, e naquelle segue ser o Conde D. Henrique descendente dos Condes de Borgonha, e naõ dos Duques. Delle, como de varaõ sciente, e famoso Genealogico, faz honrosa memoria a Bibliotheca Hispanica. (2)

13 *Duarte Ribeiro de Macedo* teve seu nascimento

---

(1) Souf. tom. 1. da Histor. Geneal. no Appar. dos Author. n. 11.
(2) Bibl. Hisp. tom. 1. p. 260. e outros que allega Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. p. 737.

to na Villa do Cadaval, e foy taõ notoria a sua sciencia em varias faculdades, e estimado o seu talento, e juizo, que ElRey D. Affonso VI. lhe deu empregos honorificos na Corte, e o da Enviatura a Madrid, Turim, e Saboya, como taõ intelligente nos interesses da Monarquia. Compoz algumas obras todas de Mestre, e do assumpto Genealogico imprimio em Pariz a Genealogia do Conde D. Henrique, e hum Panegyrico Historico Genealogico da Serenissima Casa de Nemours. (1)

14 *Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos*, Marquez de Monte-Bello em Italia, mercê que lhe fez ElRey Filippe IV. no anno de 1630, foy muito inclinado à liçaõ da Historia Genealogica, em cujo argumento imprimio hum *Memorial*, em que trata da sua ascendencia, e de alguns solares, baronias, e armas, e humas *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro*. Tambem Felix Machado de Mendoça, neto deste, foy applicado aos estudos Genealogicos, em que trabalhou bastante, e existem delle varias arvores de Familias na sumptuosa Livraria de Nossa Senhora da Graça desta Corte.

15 *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo*, de quem em outras classes litterarias temos fallado, para ser universal em todas, tambem teve os estudos de Genealogico famoso, como se prova do seu erudito livro, que intitulou *Domus Sadica*.

16 *Gaspar Alvares de Louzada*, Clerigo do Habito de S. Pedro, Escrivaõ da Torre do Tombo, onde servio alguns tempos de Guarda mór, foy hum dos homens mais applicados, que conheceo o seculo passado, e nas antiguidades do Reino o mais incansavel investigador. No assumpto Genealogico fez alguns Tratados, de que se lembra honorificamente D. Antonio Caetano de Sousa. (2)

Gas-

---

(1) Sous. no tom. 1. da Histor. Geneal. no Apparat. dos Author. n. 148. (2) Cunha, Catal. dos Bisp. do Port. part. 1. p. 22. Brand. no Prol. da 3. part. da Monarq.

17 *Gaſpar Barreiros*, natural de Viſeu, e Conego de Evora, e depois Religioſo de S. Franciſco, varaõ doutiſſimo, e ſobrinho do grande Joaõ de Barros, compoz, além de outros livros, hum intitulado *Verdadeira Nobreza*, muito eſtimado, e raro. (1)

18 *Gaſpar Eſtaço*, Conego da Collegiada de Guimarães, e natural de Evora, foy muito douto, e no ponto de Genealogias perito, de que dá prova irrefragavel o Tratado da *Familia dos Eſtaços*, que ajuntou ao ſeu livro eſtimadiſſimo das antiguidades de Portugal.

19 *Fr. Jeronymo de Souſa*, Religioſo Franciſcano, e entre os ſeus de reſpeito, e authoridade, applicou-ſe à Hiſtoria Genealogica do Reino, em que compoz hum doutiſſimo livro com o titulo de *Pericope Genealogica* em nome de D. Tiviſco de Naſao Zarco y Colona. (2)

20 *Joaõ Bautiſta Lavanha*, natural de Lisboa, Coſmografo mór do Reino, e Meſtre de Mathematica dos Reys Filippe III., e IV. de Caſtella, illuſtrou o Nobiliario do Conde D. Pedro com utiliſſimas notas, e fez outras Arvores Genealogicas, em que moſtrou noticias, e eſtudo.

21 *Joaõ Pinto Ribeiro*, natural de Amarante, varaõ famoſiſſimo em varios generos de litteratura, porque profeſſou a Juriſprudencia, cultivou a Hiſtoria, e a Poetica; e em diverſos negocios conſideraveis, politicos, e de intereſſes do Reino, eſpecialmente o da Acclamaçaõ, em que foy grande motor, e agente, provou a elevada esfera do ſeu talento. Imprimio varios livros, e compoz alguns tratados tambem do aſſumpto Genealogico dignos da ſua erudiçaõ, e por iſſo eſtimados, e applaudidos pelos ſabios. (3)

Joaõ

(1) Morales, Hiſtor. Ger. de Heſp. liv. 10. c. 31. Eſtaço nas Antiguid. de Port. c. 53. (2) Souſa no Apparat. à Hiſtor. Geneal. da Caſa Real tom. 1. n. 74. (3) Portug. Reſtaurad. liv. 2. p. 88. Souſa na Hiſtor. Geneal. tom. 1. §. 101.

22 *João Rodrigues de Sá de Menezes*, Cavalheiro muito authorizado, e douto, que floreceo, e alcançou os reinados dos Sereniſſimos Reys D. Affonſo V., D. Joaõ II., D. Manoel, D. Joaõ III., e D. Sebaſtiaõ, e a todos ſervio em graves empregos com ſatisfaçaõ, e honra. A elle deve a Nobreza do Reino o exercicio litterario, com quem até o ſeu tempo andava em divorcio; e a iſto allude o grande Sá de Miranda em huma das ſuas Cartas. (1) Em fim, como homem ſabio, illuſtrou a naçaõ com varias compoſições, e na materia de Genealogias ſaõ celebres as ſuas quarenta e nove Quintilhas, em que declara os brazões das armas de algumas Familias de Portugal. Morreo no anno de 1579, quando contava cento e quinze annos de idade.

23 *Joaõ Salgado de Araujo*, natural de Monçaõ, e Abbade de S. Miguel de Pera no Biſpado de Viſeu, foy letrado, e diligente averiguador das Familias nobres de Galiza, e algumas de Portugal. Lembra-ſe delle com honrada memoria Manoel de Faria, D. Nicoláo Antonio, e outros. (2)

24 *Joſeph de Faria*, Guarda mór da Torre do Tombo, Chroniſta mór do Reino, e Secretario de Eſtado da Mageſtade delRey D. Pedro II. foy peſſoa muito erudita, e intelligente da Hiſtoria Genealogica naõ ſó deſte Reino, mas de quaſi toda a Europa, cuja ſciencia manifeſtou em varios Tratados de Familias muito trabalhados, de que faz mençaõ o inſigne Genealogico moderno D. Antonio Caetano de Souſa.

Fr.

(1) Sá de Mirand. carta 4. eſt. 3.
As letras, que naõ achaſtes,
Vós as metteſtes na terra,
A' Nobreza as ajuntaſtes,
Com quem dantes tinhaõ guerra.

(2) Faria na Vida de Cam. que vem no tom. 1. dos Comment. n. 4. Gandara nos Triunf. de Galiza p. 489. Nicol. Anton. na Bibliot. Hiſpan. e Frankenau na Bibliot. Genealog.

25 *Fr. Joseph Teixeira*, Religioso de S. Domingos, que seguio o partido do Senhor D. Antonio, de quem foy Prégador, e Confessor, deu-se aos estudos da Genealogia, sobre que compoz o livro de *Portugalliæ ortu &c.* o qual censurou Duarte Nunes de Leaõ acerrimamente.

26 *D. Luiz Lobo da Silveira*, progenitor illustre dos Excellentissimos Condes de Sarzedas, foy Cavalheiro de grandes noticias na Historia do Reino, e he reputado por hum dos mais exactos Genealogicos, que entre nós tem havido, pois os seus Nobiliarios, que se compoem de muitos volumes, e contém as ascendencias, e acções dos Serenissimos Reys Portuguezes, estaõ provados com documentos irrefragaveis. Delles faz honorifica mençaõ D. Antonio Caetano de Sousa. (1)

27 *Luiz Vieira da Silva*, Fidalgo honrado, que rejeitou os mayores lugares, e occupações do Reino, de que as suas letras, e merecimentos se faziaõ crédores, logrou huma universal estimaçaõ da Corte bem devida às suas prendas. Escreveo diversos livros de Familias com juizo, prudencia, e elegancia. Faleceo em Janeiro de 1725. (2)

28 *Manoel de Carvalho de Ataide*, Moço Fidalgo, Capitaõ de Cavallos, e Commendador na Ordem de Christo, foy bem intelligente na Historia Genealogica, e compoz o *Theatro Genealogico* em nome do Prior D. Tivisco de Nasao, que trata das Arvores de costados das principaes Familias de Portugal por ordem alfabetica; e supposto conter alguns erros, foraõ descuidos de quem lidou com a impressaõ, como bem adverte D. Antonio Caetano de Sousa no Apparato dos Authores Genealogicos num. 179. Faleceo este Cavalheiro em Março de 1720.

Ma-

---

(1) Franckenau na Bibliot. Genealog. e outros apud Sousa tom. 1. Histor. Genealog. (2) Idem Sousa no Apparat. à Histor. Gen.

29 *Manoel Constantino* nasceo na Ilha da Madeira, e teve em Roma grande estimaçaõ pelas suas letras, e lá imprimio em Latim no anno de 1601 a Historia da origem, e acções dos Serenissimos Reys Portuguezes excellentemente.

30 *Manoel Delgado de Matos*, natural da Guarda, Lente na Universidade de Coimbra das Cadeiras de Codigo, e Digesto, Desembargador, e Chanceller da Casa da Supplicaçaõ. Escreveo seis volumes de Familias da Europa, e foy dotado de huma tal comprehensaõ, intelligencia, e memoria muito distincta nesta materia Genealogica, que no seu tempo ninguem o excedia, e talvez causará invejas ao futuro. De memoria fazia a arvore de costado de qualquer Familia da Europa com exacçaõ, e de fórma, que admirava. (1)

31 *Manoel de Faria e Sousa*, Cavalheiro de conhecida, e honrada fama, douto na Historia, e Poezia, e nas letras sagradas abundantemente. Entre as producções do seu talento saõ applaudidas as suas Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro, posto que se demorou mais no que tocava a seu proprio interesse.

32 *Manoel Severim de Faria*, Chantre da Sé de Evora, varaõ memoravel pela sua vasta noticia, e intelligencia em varias faculdades, no argumento de Nobiliarios compoz diversos tratados, filhos do seu juizo, e erudiçaõ. (2)

33 *Manoel de Sousa Moreira*, natural de Tras os Montes, e das principaes familias daquella Provincia. Foy Abbade das Chans, e Secretario do Padroado Real, sendo Capellaõ mór o Illustrissimo Arcebispo D. Luiz de Sousa, a cujos rogos escreveo com estylo discreto o *Theatro Historico, Genealogico, y Panegyrico de la Excelentissima Casa de Sosa*, ornado com os retratos de seus ascendentes magnificamente.

(1) Sousa tom. 1. n. 126. (2) Ibid. n. 102.

34 *D. Pedro Affonso*, filho delRey D. Diniz, e Conde de Barcellos, foy valeroso, e entendido. Escreveo o celebre *Nobiliario*, principio, e fundamento de todas as Historias Genealogicas de Hespanha, e quanto à antiguidade, nesta materia he o quarto livro, que se escreveo neste Reino, conforme a judiciosa observaçaõ do douto Genealogico D. Antonio Caetano de Sousa. (1) O original do Conde se conserva no Arquivo Real da Torre do Tombo, e he muito mais breve do que os transumptos, que andaõ impressos juntamente com as notas de Joaõ Bautista Lavanha, Manoel de Faria e Sousa, Alvaro Ferreira de Vera, e Felix Machado. Alguns Authores Castelhanos de conhecida intelligencia tambem o annotaraõ, e taes foraõ Jeronymo Zurita, Ambrosio de Morales, Joaõ Rodrigues de Sá, e outros, que todos tiveraõ sempre a esta obra por estimavel, e a seu Author de relevante merecimento, e credito.

35 *Rodrigo Mendes da Silva*, natural de Celorico da Beira, Chronista mór delRey Catholico, foy bastantemente versado na Genealogia, em cujo assumpto escreveo o Catalogo Real muito seguido, e allegado dos doutos. (2)

36 *Xysto Tavares*, Lisbonense, e Quartanario na Sé, foy hum dos mais antigos, e famosos Genealogicos, que tivemos, e o seu Nobiliario he de estimaçaõ, naõ obstante comprehender alguns descuidos. Morreo no reinado delRey D. Joaõ III.

§. XII.

---

(1) Historia Geneal. da Casa Real Port. tom. 1. p. 272. (2) Bocangel em hum Soneto lhe chama Livio Hispano. Sousa no tom. 1. da Hist. Geneal. e no Apparat. n. 114.

§. XII.

Historia Fabulosa.

1 FRey *Antonio de Escobar*, Religioso Carmelita, natural de Coimbra, deu claras provas do seu grande engenho, sciencia, e habilidade em varias composições de Novellas organizadas de prosa, e verso muito elegantes, e discretas. Morreo no anno de 1681.

2 *Balthazar Gonçalves Lobato*, natural de Tavira, continuou a quinta, e sexta parte do Palmeirim de Inglaterra com felicidade em tempo delRey Filippe II., e fez outros livros com a mesma idéa, para o que bem mostrou a natural propensaõ que tinha.

3 *Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos*, Cavalheiro, e Poeta memoravel Transmontano, escreveo, e imprimio à imitaçaõ de Barclayo hum Satyricon, ou Historia fabulosa em lingua Hespanhola nas decantadas *Covas de Salamanca*, producçaõ, que segundo a intelligencia do mesmo Author, era muito do seu agrado, como filho gerado na sua velhice, e filho traveço, e faceto, que muito o fazia rir. A verdade he, que semelhante obra bem indica o genio, e engenho do Author fecundo, e erudito.

4. *Francisco de Moraes*, natural de Bragança, e Author do celebrado *Palmeirim de Inglaterra*, do qual diz o Padre Telles, (1) que o Author com a amenidade do seu florido engenho, e com a suavidade do seu eloquente estylo só pertendeo recrear os leitores com fabulas doutas, e com engenhosas ficções.

5 *Joaõ de Barros* compoz a historia fabulosa do Im-

(1) Telles, Histor. Ethiopica liv. 1. c. 1.

Imperador *Clarimundo* para provar o estylo, como diz Severim de Faria na sua vida; [1] e naõ contando naquelle tempo o Author mais que vinte annos de idade, nem gastando naquella composiçaõ mais que oito mezes, bem mostrou a fecundidade do seu engenho, eternamente digno de estimaçaõ.

6 *Martim Cardoso de Azevedo*, natural de Evora, compoz a Historia das antiguidades da sua patria com o nome supposto de Amador Patricio, na qual com summa habilidade misturando as fabulas com as historias, e accommodando-as engenhosamente aos sitios, nomes, e bairros da mesma Cidade, teceo huma galante liçaõ para o divertimento. [2]

7 *Vasco de Lobeira* compoz em tempo delRey D. Joaõ I. o celebrado livro das Cavallarias de *Amadiz de Gaula*, o primeiro, que se compoz deste genero; e de quem diz Tasso, que em decoro, e elegancia excede a todas as historias de Hespanha. [3]

§. XIII.

Mathematica.

1 ANdré de Avellar, natural de Lisboa, foy douto, e celebre professor desta sciencia, e Mestre na Universidade de Coimbra, cuja Cadeira regentou vinte annos com geral applauso. Compoz hum tratado da *Esfera*, e outro do *Reportorio dos tempos*. (4)

2 *P. Antonio Carvalho da Costa*, Lisbonense, muito applicado aos estudos Mathematicos, em cuja faculdade compoz eruditamente alguns tratados Geograficos, e Astronomicos. A sua *Corografia Portugueza* dividida em tres tomos, ainda que em algumas

(1) Sever. na vida de Joaõ de Barros p. 25. vers. (2) Fonseca na Evor. glorios. p. 413. (3) Far. tom 3. da Europ. Port. part. 4. c. 8. (4) Nicol. Ant. in Bibl. Hisp. tom. 1. p. 54.

mas partes padeça equivocações, merece eterno elogio, pois he obra instructiva, de immenso trabalho, e para as forças de hum homem só particular, e destituido de cabedaes, como elle era, assás prova ter genio incansavel, estudioso, e amante da naçaõ. Morreo pobre em 27 de Novembro de 1715, e jaz no Claustro do Convento do Carmo de Lisboa. (1)

3 *Antonio Mariz Carneiro*, Desembargador, e Cosmografo mór do Reino, applicou-se com desvelo às Mathematicas, em que foy perito. Chamavaõ-lhe o *Agulha fixa*, por imaginar que tinha dado no segredo de fixar a agulha de marear. Compoz *Regimento de Pilotos*, e *Hydrografia curiosa*.

4 *Antonio de Naxera*, natural de Lisboa, compoz hum curioso tratado da Navegaçaõ especulativa, e pratica pelas observações do famoso Ticho Brahe. Teve tal propensaõ às disciplinas Mathematicas, que o obrigou o genio a sahir fóra da patria para communicar com os professores estrangeiros doutos nesta faculdade, e alcançou com esta diligencia emendar muitos erros dos antigos. (2)

5 *P. Antonio Pimenta*, nasceo na Villa de Torres-Novas, e foy Doutor em Theologia, e Direito Canonico pela Universidade de Coimbra, e Prior de S. Pedro na sua mesma patria. Na Mathematica foy Mestre, e leo em Coimbra alguns annos esta faculdade com grande credito do seu talento. Escreveo alguns tratados de engenho nesta sciencia, para a qual tinha genio taõ natural, que no seu tempo naõ houve outrem, que o excedesse nella. Persuadido de que havia achado a soluçaõ ao celeberrimo, e difficillimo problema da quadratura do circulo, escreveo, e imprimio no anno de 1685 hum livro intitulado *Epiphania*, ou *Demonstraçaõ Geometrica*,

(1) Lenglet, Method. pour etudier l'Histoir. tom. 4. p. 357. Sá, Memor. Histor. part. 1. liv. 2. c. 16. (2) D. Franc. Man. na 1. carta, centur. 4. Anton. de Leaõ na Bibl. Judic. tit. 3.

trica, nos dous idiomas Latino, e Hespanhol, em que mostrou quanto o seu engenho, e estudo podia alcançar; mas naõ basta só o desvelo humano sem influencia superior para penetrar o recondito de muitas proposições até agora occultas desta sciencia.

6 *Fernando Alvares Seco* foy hum dos mais intelligentes Geografos do seu tempo. Fez huma descripçaõ, ou Mappa de Portugal muito exacto, e por ser digno de estimaçaõ o mandou imprimir em Roma o grande Portuguez Aquilles Estaço, e o dedicou ao Cardeal Sforcia no anno de 1560.

7 *Fernando de Magalhães*, hum dos mais peritos homens na arte de navegar, que conheceo o mundo; e supposto naõ ter escrito desta faculdade, sempre he digno de memoria, e que a façamos delle neste nosso Mappa. Servio na Africa, e na India com o grande Affonso de Albuquerque sempre com honra, e valor; e porque ElRey D. Manoel naõ quiz accrescentarlhe na sua moradia mais hum tostaõ para ficar igual a seus antepassados, se passou a Castella, e foy servir a Carlos V. a quem persuadio lhe pertenciaõ as Ilhas de Maluco, e outros descubrimentos. Fez-lhe ElRey D. Carlos muitas merces com hum honroso, e utilissimo contrato assinado em Valhadolid a 22 de Março de 1517, e era que de todas as terras, que descubrisse Magalhães, lhe dava o titulo de Adiantado, e Regedor, com vintena de todas as rendas, e direitos Reaes; e que descubrindo mais de seis Ilhas, ElRey escolheria as seis, e elle duas, em que teria a quinzena de tudo, e isto ficaria para seus filhos, e descendentes. Partio Fernando de Magalhães de Sevilha a 10 de Agosto de 1519 com cinco náos, das quaes era elle Capitaõ General com poder mayor civil, e crime: fez sua derrota pelo Brazil, donde navegando contra o Sul, descubrio hum estreito até alli incognito, em 21 de Setembro de 1520: nelle andaraõ

os

os navegantes até os 17 de Outubro, em que passaraõ à outra banda do mar, no qual caminho o mataraõ. (1)

8 *Gaspar Barreiros*, de quem já nos lembrámos, foy tambem eminente na Geografia, e os seus estudos serviraõ de emendar muitos erros nos Mappas da Asia pelo muito, que sabia da nossa navegaçaõ, e pela grande communicaçaõ, que tivera com seu tio Joaõ de Barros, que entaõ compunha as suas Decadas. Escreveo mais hum livro de *Observações Cosmograficas* de muitos lugares maritimos de Hespanha com todos seus campos, e promontorios, e outro intitulado *Corografia*, muito erudito, que universalmente he tido em grande estimaçaõ.

9 *Gaspar Ferreira Reimaõ* foy Piloto mór do Reino, e na pratica perito. Imprimio hum Roteiro da navegaçaõ, e carreira da India com seus caminhos, e derrotas, que no seu tempo foy aceito.

10 *D. Henrique*, Infante, filho delRey D. Joaõ I. foy chamado por antonomasia o *Mathematico*, porque dando-se com particular inclinaçaõ a esta sciencia, sahio eminente na Geografia, e Astronomia. Manoel de Faria diz delle, que fora o Prometheo de Hespanha; porque se aquelle do monte Caucaso investigou o progresso, e gyro dos Planetas, este deixando a Corte, e indo viver no Promontorio de Sagres, dalli penetrou os astros de sorte, que achou por elles o descubrimento de nossos mares, e Conquistas. (2)

11 *Joaõ Bautista Lavanha*, professor insigne de Mathematicas, na Geografia foy perito, como se vê das Notas, que fez à quarta Decada de Joaõ de Bar-

(1) Aubert. Miræus ad ann. 1519. Goes na Chronic. delRey D. Manoel part. 4. c. 37. Andrad. Chron. delRey D. Joaõ III. part 1. cap. 10. Abrah. Bucholcer. in Indic. Chronol. ad ann. Christ. 1519 (2) Far. no Epitom. D Franc. Man. Epanaf. 3 p. 309. Vasconcel. Chron. do Brazil liv. 1. num. 13. Sousa, Chron. de S. Dom. part. 2. liv. 2. cap. 20.

Barros, e do ſeu Mappa de Portugal, o mais correcto que tenho viſto quanto à expreſſaõ dos nomes das terras.

12 *Luiz Serraõ Pimentel*, Engenheiro mór, e Coſmografo mór do Reino, peſſoa de grande eſtudo, ſciencia, e averiguaçaõ nas obſervações Mathematicas. O ſeu *Methodo Luſitano de fortificar as Praças*, e o *Roteiro de Pilotos* ſaõ os livros mais ſolidos, e exactos, que em ſemelhante genero ſahiraõ até agora ao publico. (1)

13 *D. Manoel de Menezes*, filho de D. Joaõ de Menezes, chamado de Campo-Mayor, por ſer herdado na vizinhança daquella Villa, inclinouſe com feliciſſimo progreſſo às ſciencias Mathematicas, em que teve por Meſtre ao Padre Delgado, diſcipulo de Clavio. Nas materias nauticas foy o mais ſabio de todos os homens, que naquelle tempo ſerviaõ em Portugal, e Caſtella: foy muitas vezes Capitaõ mór das náos da India, e por General da noſſa armada à recuperaçaõ da Bahia, lançando daquelle Eſtado aos Hollandezes no primeiro de Mayo de 1625. Eſcreveo alguns tratados, e relações dos ſeus ſucceſſos; e antes de morrer, que foy a 28 de Julho de 1628, tinha determinado abrir em S. Vicente de Fóra aula de Coſmografia, a que convidava os amigos. Eſtá ſepultado na Igreja da Madre de Deos de Lisboa. (2)

14 *Manoel Pimentel*, Coſmografo mór do Reino, e Meſtre de Mathematica do Sereniſſimo Rey D. Joſeph I. que Deos guarde, foy varaõ conſummado em letras humanas, e de hum talento profundo, e ſolida doutrina. Compoz a *Arte de navegar*,

(1) Moreri no Diccion. Hiſtoric. verb. *Pimentel*. Sá, Memor Hiſtor. do Carm. tom. 2 p 184. (2) D. Franc. Man. Epanafor. 2. pag. 268. e Epanafor. 5. p. 576. D. Luiz de Salazar e Caſtro na Caſa de Silva part 2. liv. 6. cap. 33. Luiz de Torres de Lima nos Succeſſos de Port. c. 41.

gar, que naquelle argumento he texto, e applaudida ainda dos professores estranhos. (1)

15 *Pedro Nunes*, natural da Villa de Alcacer do Sal, foy hum dos mais excellentes Mathematicos, que teve o mundo até o seu tempo, e por singular o numera entre os mais insignes de Hespanha a Geografia Blaviana. Escreveo quasi de todas as materias Mathematicas, como Mestre que era dellas, e o primeiro Lente, que houve desta faculdade na Universidade de Coimbra, naõ lhe sendo pequena gloria ter por discipulos ao Infante D. Luiz, filho delRey D. Manoel, ao famoso Vice-Rey D. Joaõ de Castro, e a ElRey D. Sebastiaõ. A este prognosticou no mesmo dia, em que foy coroado Rey, o infeliz catastrofe, que havia de ter. Escrevem deste insigne Mathematico muitos homens doutos, e ainda desinteressados nas nossas glorias. (2)

§. XIV.

Musica.

1 AFfonso *Vaz da Costa*, famoso Musico Lisbonense, que floreceo nos principios do seculo passado. Aprendeo em Roma, e lá assistido de sciencia, e numen, mereceo lograr com a sua melodia todos os primores harmoniosos. Foy Mestre da Capella em Badajoz convidado com grosso partido, e depois em Avila, onde morreo. Existiaõ delle algumas obras na insigne Livraria da Musica do Se-

 renissimo

---

(1) Feijó, Theatr. critic. tom. 4. p. 415. (2) Ludov. Nun. in Hispan. c. 34. P. Clav. in Sphær. Sacr. Bosch. Abrah. Bucholcer. in Indice Chronol. ad ann. Christ. 1577. Osor. de reb. Emmanuel. lib. 11. p. mihi 1056. Goes, Chron. delRey D. Man. part. 1. cap. 101. D. Nicol. Chron. dos Coneg. Regr. liv. 10. c. 3 n. 11. Mariz, Dialog. 5. c. 3. p. 356. Far. no Epitom. part. 3. c. 16. n. 4. e na Asia tom. 3. part. 2. c. 5. n. 9. Leit. Ferr. Notic. Chronolog. que andaõ nas Collecções Academ. do anno de 1729.

reniſſimo Rey D. Joaõ IV. grande profeſſor, e Mecenas deſta arte ſuaviſſima, na eſtante 28. num. 710. conforme o Index impreſſo no anno de 1649.

2 *Alexandre de Aguiar*, Muſico do Cardeal Rey D. Henrique, e de Filippe II. era natural do Porto, e taõ inſigne, e deſtro na ſuavidade da voz, e conſonancias da viola, que por antonomaſia lhe chamavaõ o Orfeo. Grangeou particulares eſtimações dos Principes; compoz em appropriada ſolfa, e conforme ao genio da letra as *Lamentações de Jeremias*, e morreo no anno de 1605 deſgraçadamente naufragando em hum rio de Caſtella. (1)

3 *André de Eſcobar*. Sendo perito na Muſica, ſingularizouſe no inſtrumento da charamelinha, ou boé, com o qual arrebatou a attençaõ no Eſtado da India, que até o ſeu tempo nunca ninguem alli tinha ouvido ſemelhante harmonia; e neſte Reino foy nas Cathedraes de Evora, e Coimbra o mais celebre Inſtrumentiſta, que executava com gracioſa energia a compoſiçaõ mais difficil. Eſcreveo preceitos para ſe aprender o meſmo inſtrumento com facilidade. Lembra-ſe delle Barboſa na Bibliotheca Luſitana.

4 *P. Antonio Fernandes*, da Provincia do Alentejo, e natural de Souſel, foy Meſtre do Coro na Freguezia de Santa Catharina de Lisboa, e teve aula publica deſta arte, aonde concorriaõ muitos diſcipulos, que enſinou com credito do ſeu nome. Compoz muitos livros da faculdade curioſos, e ſcientificos, eſpecialmente a Eſpeculaçaõ de ſegredos da Muſica. (2)

5 *Fr. Antonio de Jeſus*, Religioſo Trinitario de Lisboa, eſtupendo profeſſor, e Cathedratico de Muſica na Univerſidade de Coimbra. Neſta faculdade compoz varias obras de eſtimaçaõ. Faleceo no anno de 1682. (3) *An-*

---

(1) Barboſ. in Bibl. Luſit. tom. 1. (2) D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. Barboſ. na Bibl. Luſit. tom. 1. p. 269. (3) Idem ibid. p. 305.

6 *Antonio Marques Lesbio*, doutissimo em varias faculdades, e com huma habilidade rara para todas. Na Musurgia foy Oraculo, e dos mais celebres, e insignes Contrapontistas que houve, e excellente Instrumentista. O Serenissimo Rey D. Pedro II., e os Principes o estimavaõ com distinçaõ. Foy Mestre da Capella Real, e estando compondo a *Magnificat* para nella se cantar, foy assaltado da morte vespera de Santa Cecilia no anno de 1709, acabando em Lisboa sua patria, como verdadeiro Cisne entre as suavidades da Musica. (1)

7 *Antonio Marques Fagote*, natural de Tancos, foy Mestre da Capella delRey D. Joaõ IV., e no instrumento musico do seu mesmo appellido foy insigne. Compoz regra para elle.

8 *Antonio Pinheiro*, filho de Montemór o Novo, e Mestre da Capella Ducal de Villa-Viçosa, e depois da Sé de Evora, foy excellente professor, e Mestre muito methodico desta arte, na qual deixou escrito hum grosso volume da *Magnificat* por diversas vozes.

9 *Bento Nunes Pegado* foy discipulo do grande Antonio Pinheiro, e teve hum especial genio para esta arte, em que compoz algumas obras com bom estylo.

10 *Cosme Baena Ferreira*, Mestre da Sé de Coimbra, e natural de Evora, foy hum dos afamados

Xx ii pro-

(1) P. Reys no Enthusiasm. Poetic. n. 142. na traducçaõ de Caria canta delle assim:

O Lesbio Mestre do sagrado Coro,
Em quanto estreita ao numero sonoro
De airosa melodia
As palavras da candida MARIA,
Dispondo em vozes puras
Se por arte Apollinea altas figuras,
Morrendo como Cisne, acha desdouro
Das Musas aceitar o verde louro,
Tendo por certa no estrellado assento
Coroa de mais alto luzimento.

professores desta faculdade, e nella compoz com grande applauso.

11 *Cosme Delgado*, natural do Cartaxo, termo de Santarem, e naõ Villa, como lhe chama a Bibliotheca Lusitana, foy Mestre da Capella na Sé de Evora, e celebre Cantor no tempo do Cardeal Alberto. Compoz hum Manual da Musica, e outras composições Musurgicas, como de Mestre.

12 *Damiaõ de Goes*, de quem já fizemos honorifica lembrança, tambem foy insigne na Musica. Era nella taõ destro, e cantava com tanta suavidade, e melodia, que pelas terras, por onde andou, lhe chamavaõ o *Musico* de alcunha, accrescentando a isto a admiravel agilidade em varios instrumentos, que tocava gentilmente. Delle existiaõ Motetes, e Canções a tres, quatro, cinco, e seis vozes na Bibliotheca Regia da Musica estant. 21. num. 592.

13 *Duarte Lobo*, Mestre da Sé de Evora, e Reitor do Seminario de Lisboa, onde tambem foy Mestre de Musica na sua Cathedral, para cujo ministerio o elevou a sua profunda sciencia nesta faculdade. Morreo contando cento e tres annos de idade, e deixando muitas obras estimaveis. (1)

14 *Fr. Estevaõ de Christo*, Religioso Thomarista, e natural de Torres-Novas, insigne Mestre de Contraponto, e taõ afamado, que foy a Madrid por empenho do Capellaõ mór D. Jorge de Ataide a dispor a Musica da semana Santa, segundo a cantoria da Capella do Papa, o que executou magistralmente. Deixou algumas composições admiraveis, e morreo no Convento da Luz junto a Lisboa no anno de 1609. (2)

15 *Filippe da Cruz*, natural de Liboa, e Freire de

(1) Far. na Fonte de Aganip. part. 2 Poem. 10. est. 72. diz delle:
El Lobo en la theorica lustroso
Deste estudio, que tanto oydo engaña.

(2) Thalef. na Arte de canto chaõ p. 35.

de Santiago em Palmella, pessoa muito nobre, e como Author do canto Ecclesiastico de Defuntos o cita, e nomea por insigne o grande Pedro Thalesio. (1)

16 *Filippe de Magalhães* foy no seu tempo o mais famoso Mestre de Musica deste Reino, e teve a gloria de instruir os melhores homens, que tambem foraõ depois insignes nesta suavissima arte, como foy Estevaõ de Brito, e outros.

17 *D. Francisco Castelhano* de nome, mas Portuguez de nascimento, Conego Regrante de Santo Agostinho, e Mestre da Capella no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, insigne Contrapontista. Compoz varias obras; e com primor harmonico as *Lamentações*, *e Bradados das Paixões*, que por ordem delRey Filippe II. foraõ pedidas pelo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide para se cantarem no Escurial no anno de 1590. (2)

18 *Joaõ Alvares Frouvo*, natural de Lisboa, e na Cathedral Mestre da Capella, e seu Quartanario, foy discipulo de Joaõ Duarte Lobo, e famoso compositor. Imprimio hum discurso sobre a perfeiçaõ do Diatessaron muito erudito. Faleceo no anno de 1682.

19 *Fr. Joaõ Fogaça*, Religioso da Serra d'Ossa, e natural de Villa-Viçosa, foy perito na arte da Musica, e compoz em solfa luctuosa varias lições, e motetes, que se conservaõ na Livraria Regia.

20 *Joaõ Lourenço Rebello*, Commendador na Ordem de Christo, e peritissimo nesta Divina faculdade, em que seguio o estylo do insigne Capitan. Dizia delle o Serenissimo Rey D. Joaõ IV. (cujo voto neste particular sempre foy o melhor, como de Mestre intelligente, que era insigne na materia) que tendo noticia dos talentos de tantos, e taõ grandes

des

(1) Thales. na Arte de canto chaõ p. 68. (2) D. Nicol. Chronic. dos Coneg. Regr. liv. 11. c. 28. n. 4.

des homens Muficos, naõ tinha achado outrem, que fe igualaffe com a habilidade de Rebello na prefteza, difpofiçaõ, e artificio, e affim o antepunha a todos os profeffores defta infigne arte. Mereceo que ElRey lhe dedicaffe a *Defenfa da Mufica moderna.*

21 *D. Joaõ IV.* Sereniffimo Rey de Portugal, entre as virtuofas prendas, com que o feu mageftofo efpirito foy ornado, fe numera o profundo conhecimento, e affecto que teve à Mufica. Naõ cantava, diz delle Soufa de Macedo, (1) mas fem controverfia foy na Mufica o mais fciente do feu tempo. As compofições, que com nome fuppofto communicava ao mundo, por fuperiores eraõ logo conhecidas por fuas em toda a Europa. Com defpezas confideraveis, e diligencias particulares ajuntou huma numerofa Livraria das obras Muficas melhores, e mais exquifitas, e a tinha difpofta com curiofidade, e clareza notavel. Sendo continuo nos confelhos, e defpachos, todos os dias tomava depois de jantar huma hora de alivio na Mufica. Defta foube a theorica magiftralmente, e compoz, e fez imprimir a *Defenfa da Mufica moderna* contra a errada opiniaõ do Bifpo Cyrillo Franco, em que moftra que a Mufica antiga naõ tinha mais força para mover que a de agora, e que naõ fazer os mefmos effeitos, naõ he falta da Mufica, e muito menos do Compofitor. (2)

22 *Fr. Manoel Cardofo*, Carmelita, natural de Fron-

---

(1) Soufa de Macedo na Eva, e Ave part. 1. c 23. n. 15. (2) Duarte Madeira no liv. intitulado *Nova Philofophia* difp. 9. tom 2 part. 1. fect. 6. n. 3. faz hum bom elogio a efte Monarca. Delle vi o tratado da Defenfa da Mufica impreffo em Roma fem expreffar anno, nem nome do Author, porém trazia em feu louvor hum Soneto acroftico. que dizia: *ElRey de Portugal*, e começava affim:

El que la nueva mufica defiende
Lufo Efcritor, con peregrinas flores,
Retratar fabe en metricos colores
Efectos, con que el alma fe fufpende. &c.

Fronteira no Alentejo, foy tido pelo mais celebre Organista, e Contrapontista, que houve no seu tempo em Portugal, e Castella, cujos Monarcas D. Joaõ IV., e Filippe IV. o estimaraõ summamente, naõ só pela pericia da sua faculdade, mas pela integridade da sua vida. ElRey D. Joaõ IV. fazia delle tal conceito, que muitas vezes o hia visitar à sua cella, e consultava em pontos Musurgicos. Quando mandou ornar a sua Bibliotheca Musical com os retratos naturaes de professores mais insignes, quiz que o primeiro fosse o de Fr. Manoel Cardoso. Compoz cinco livros de varias solfas de grande soccorro para os Musicos, e entre as suas composições he muy celebre a Missa, que por mandado delRey de Castella compoz engenhosamente sobre as palavras *Philippus Quartus*. Morreo em 24 de Novembro de 1650, repetindo o Hymno *Te Deum laudamus*. (1)

23 *Manoel Correa*, Racioneiro em Sevilha, onde floreceo com applauso pelos annos de 1630, compoz, e imprimio as melhores obras de solfa do seu tempo.

24 *Manoel Mendes* foy chamado o Principe da Musica, e a leo em Evora. Imprimio huma arte desta faculdade. (2)

25 *Manoel Rebello*, insigne Mestre de Musica em Evora. Conservavaõ-se varias composições suas na Bibliotheca Regia. (3)

26 *Manoel Soares*, Presbytero, natural de Lisboa,

(1) Deste falla Man. de Faria na Fonte de Aganippe part. 2. Poem 10. est. 72. e diz:

Desde el Carmelo altissimo el Cardoso,
Que excede al gran Ruger, se le acompaña.

(2) Far. ibid. est. 73.

Del Mendes raro a la Nobleza cupo
El canto, que es de oydos el arrobo.

(3) Far. ibid. num. 72. e 73.

Y Rebelo que pudo desde el monte Pindo
Baxar al Acheronte.

boa, e hum dos mais infignes profeffores da faculdade armonica. Foy Meftre, que deitou admiraveis difcipulos pelo bom methodo que teve de enfinar, confervando fempre hum refpeito, e modeftia inalteravel. Compoz varias obras para fe cantarem na Santa Igreja Patriarcal por ordem do Fideliffimo Rey D. Joaõ V. as quaes mereceraõ univerfal applaufo de todos os profeffores. Faleceo em Lisboa no anno de 1756, e jaz na Igreja dos Padres da Miffaõ em Relhafoles.

27 *Pedro Thalefio*, grande profeffor de Mufica, compoz huma arte de Canto chaõ muy methodica.

28 *Peixoto da Pena* era natural de Tras os montes, e o mais famofo, e perito Inftrumentifta, que fe conheceo no feu feculo. Achando-fe em Caftella, e no Paço do Imperador Carlos V. fe admirou de que os feus Muficos temperaffem os inftrumentos: elles zombando lhe deraõ huma viola deftemperada, para que tangeffe: pegou nella Peixoto, e de tal fórma regulou a pofitura variavel dos dedos, que foube produzir confonancias, e fufpender docemente os ouvintes. (1)

§. XV.

Medicina, e Cirurgia.

1 ALeixo de Abreu, Medico de grande experiencia, natural das Alcaçovas, e difcipulo do famofo Balthazar de Azeredo, foy o primeiro, que efcreveo do mal de Loanda. ElRey Filippe III. o elegeo para Medico da Camera pela fama da fua fciencia curativa. Efcreveo hum tratado de fete enfermidades, que padeceo todas juntamente, e cu-

---

(1) Maced. na Eva, e Ave part. 1. c. 23. num. 8. refere efte cafo, ao qual puderamos accrefcentar muitos femelhantes, que fuccederaõ ao infigne, e celebre Thefoureiro mór do Algarve.

e curou só, sem admittir Medico de fóra. Morreo em Lisboa no anno de 1630. (1)

2 *Alvaro Nunes*, Santareno, Fysico mór do Archiduque Alberto, a quem acompanhou a Flandes, onde foy summamente estimado de todos pelo mayor professor da Medicina. Como era feliz nas curas que fazia, brilhava nelle grandemente a sciencia, e experiencia, que tinha adquirido. Faleceo em Anvers no anno de 1603. (2)

3 *Amato Lusitano*, ou *Joaõ Rodrigues de Castello-Branco*, natural desta Villa, insigne Filosofo, excellente Medico, e numerado entre os mais celebres, e eruditos da faculdade. Foy em Salamanca condiscipulo de André de Laguna, a quem excedeo, e vio varias Cidades da Italia, e Flandes, onde communicou com os homens mais eruditos desta arte, e teve os mais avultados partidos de Principes, que faziaõ delle especial estimaçaõ. Compoz muito na faculdade, e morreo infeliz, porque acabou judaizante no anno de 1568, porém vive a sua fama nos seus admiraveis escritos. (3)

4 *Ambrosio Nunes* nasceo em Lisboa dotado de hum raro engenho. D. Joaõ III. o mandou estudar Medicina a Coimbra, onde se doutorou, e leo algum tempo, e depois passou a Salamanca, em que foy Cathedratico de Prima com geral applauso. Voava a fama da sua sciencia por toda a Hespanha, e em Madrid, Sevilha, e outras terras fez curas prodigiosas. Restituio-se à patria, e nella feito Medico da Camera, e Cirurgiaõ mór, deu fim a seus dias a 11 de Abril de 1611, deixando perpetuada sua memoria nos eruditos livros, que compoz, e imprimio sobre os Aforismos de Hippocrates, e sobre a peste. (4)

(1) Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. (2) Ibid. (3) Zacut. Lusit in Histor. Princip. Medic. lib. 2 hist. 85. quæst. 46. Ann. Histor. tom. 1. p. 101. Moreri, Diccion. Histor. verb. *Amato.* (4) D. Franc. Man. cent. 4. cart. 1. Ann. Histor. tom. 1.

5 *André Antonio de Castro*, filho benemerito de Villa-Viçosa, ainda que alguns o fazem natural de Leiria, foy Fysico mór delRey D. Joaõ IV. de quem era muito estimado, e no seu tempo famosissimo pela felicidade, com que curava ainda as molestias mais renitentes. Compoz varios tratados Medicos cheios de erudiçaõ, e experiencia. (1)

6 *Antonio da Cruz* foy hum dos Cirurgiões de mais experiencia, e pratica, que vio o Reino, porque o continuo uso, e exercicio do Hospital Real de Lisboa o fez expedito, e sciente de sorte, que compoz huma Recopilaçaõ da Cirurgia para aquelle tempo a melhor, que se tinha visto. Floreceo entre o seculo de 1500, e o de 1600.

7 *Antonio Ferreira* natural de Lisboa, e hum dos mais peritos, e experimentados na Arte Cirurgica, em que compoz *Luz verdadeira de toda a Cirurgia* applaudida dos professores, especialmente o tratado das feridas. Faleceo em Lisboa no anno de 1679.

8 *Antonio da Fonseca*, natural de Lisboa, teve em Flandes, e no Palatinado hum grande nome, especialmente por occasiaõ de huma epidemia, de que elle triunfou, atalhando-a, e curando-a com singular credito da sua sciencia no anno de 1620, expondo depois ao publico os fundamentos, com que obrara, para cautela dos vindouros.

9 *Antonio Pires da Silva*, Bragantino, famoso Medico da Villa de Alafões, de cujas Caldas compoz hum tratado, em que dá mostras de grande Medico, e Filosofo.

10 *Balthazar de Azeredo*, natural de Guimarães, Cathedratico na Universidade de Coimbra, e alli jubilado na de Prima, depois Fysico mór do Reino, e taõ insigne, que no seu tempo lhe chamavaõ o Hip-

(1) Zacut. allegad. lib. 4. hist. 25. quæst. 26.

o Hippocrates, e o Galeno. Escreveo na faculdade, e morreo em Janeiro no anno de 1631. (1)

11 *Brudo*, Lusitano, filho de Dionysio Lusitano, cujos nomes proprios de ambos se ignoraõ, e saõ mais conhecidos entre os Inglezes, do que entre nós. Foy Brudo peritissimo nas linguas Latina, Grega, e Arabica, e insigne Medico, e deixou eternos monumentos da sua sciencia no livro, que escreveo *De ratione victûs in febribus*, impresso em Veneza no anno de 1544. (2)

12 *D. Caetano de Santo Antonio*, Conego Regrante de Santo Agostinho, e natural de Buarcos, foy admiravel Botanico, e compoz a *Pharmacopeæ Lusitana* com o methodo pratico para preparar os medicamentos.

13 *Christovaõ Sardinha*, natural de Elvas, floreceo no reinado delRey D. Joaõ III., e na Provincia do Alentejo era tido pelo Deos Esculapio pela facilidade, e bom exito dos seus remedios.

14 *Diogo de Contreiras*, Eborense, Medico taõ famoso, e izento, que convidando-o ElRey D. Sebastiaõ para Medico da sua Camera, elle naõ aceitou o emprego. (3)

15 *Diogo Mouraõ*, natural da Covilhã, eximio, e peritissimo professor da arte Medica, à qual deu grandes creditos, e à sua pessoa estimaçaõ na Provença, onde a exercitou com felicidade no anno de 1639. Imprimio alguns tratados eruditamente. (4)

16 *Diogo de Rosales*, de quem se ignora a patria, porém Zacuto o numera entre os insignes Medicos Portuguezes. Compoz algumas obras, de que se lembra o mesmo Zacuto, e Bartoloc. na Bibliotheca Rabbinica tom. 3.

Yy ii *Dio-*

---

(1) Maced. Flores de Hesp. c. 8. excel. 9. (2) Lembra-se deste Author o P. Franc. da Cruz na Bibl. Lusit. m. s. (3) Fonseca na Evor. glorios. (4) Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1.

17 *Diogo da Silva*, excellente profeſſor deſta arte em Roterdaõ, e Paris, e nella compoz varios livros, que os doutos veneraõ.

18 *Duarte Madeira Arraes*, Fyſico mór delRey D. Joaõ IV., e natural da Moimenta da Beira, foy excellente Filoſofo, inſigne Medico, e admiravel Cirurgiaõ: tudo executou como Meſtre, e com deſembaraço. A ſua nova Filoſofia das qualidades occultas, que imprimio em Lisboa no anno de 1650, he applaudida atê pelos eſtranhos menos affeiçoados. O ſeu tratado *De morbo Gallico* he ſeguido pelos profeſſores como texto de Hippocrates, ou Galeno. Morreo em Lisboa no anno de 1652. (1)

19 *Eſtevaõ Rodrigues de Caſtro*, Lisbonenſe, e hum dos mais illuſtres, e excellentes Medicos, que naſceraõ em Portugal, em Piſa foy Lente de Prima, e o Graõ Duque de Toſcana o fez ſeu Fyſico mór. A mayor prova da ſua inceſſante applicaçaõ, e talento ſaõ os ſeus eruditos livros, e os innumeraveis elogios, que varões ſabios lhe fizeraõ. Morreo no anno de 1637. (2)

20 *Fernando Cardoſo*, narural de Celorico, floreceo nas Heſpanhas com grande nome pelos annos de 1630. Imprimio hum livro *De febri ſyncopali*, com admiraveis obſervações, e outro muito curioſo *De las utilidades del agua, y de la nieve; del bever frio, y caliente.*

21 *Franciſco da Fonſeca Henriques*, natural de Mirandella, foy hum dos Medicos mais doutos, que floreceraõ no noſſo ſeculo. Deixou eſcrito varias obras de grande utilidade, e cheias de erudiçaõ.

22 *Franciſco Morato* naſceo em Caſtello de Vide, e foy

(1) Wanderl. in Script. Medic. Anton. de Leaõ Bibl. Orient. (2) Zacut. Hiſtor. Medic. liv. 3. hiſtor. 9. queſt. 18. e hiſt 25. Nicol. Anton. in Bibl. Hiſpan. tom. 2. Moreri no Diccion. verb. *Caſtro*. D. Franc. Manoel cent. 4. cart. 1. Ann. Hiſtor. tom. 3. p. 513.

e foy Medico da Camera delRey D. Joaõ IV. que muito o estimava. Compoz a *Luz da Medicina*, com que illustrou grandemente o seu nome, e a sua arte.

23 *Francisco Sanches*, famoso, e engenhoso Medico, natural de Braga, teve em Mompelher de França Cadeira publica, contando sómente de idade vinte e quatro annos, e lá chegou a compor, e imprimir vinte e tantos tomos da mesma faculdade. Com ser taõ estudioso, e applicado, veyo a tirar por conclusaõ certissima, que neste mundo nada se sabia, e desta sentença compoz hum livro elegante, a que intitulou *Nihil scitur*, impresso no anno de 1649.

24 *Gabriel da Fonseca* era natural de Lamego, e taõ applicado à Medicina, que foy Cathedratico della em Pisa, e Medico da Camara em Roma do Papa Innocencio X., e Alexandre VII. em o tempo dos quaes naõ havia outro da sua profissaõ, que o excedesse, nem que o igualasse.

25 *Garcia de Orta*, do qual podemos dizer que venceo a Plinio, e Dioscorides em indagar a verdadeira virtude das hervas Indianas. Nesta materia foy taõ curioso, que depois de se distinguir nos actos litterarios entre todos os seus Collegas nas Universidades de Alcalá, e Salamanca, e ler nos estudos de Lisboa por alguns annos com muita diligencia, exercitando-se juntamente na cura dos doentes, passou ao estado da India no anno de 1534, e lá empregou sua vida pelo espaço de trinta annos em inquirir, e saber a verdade das medicinas simples daquellas Regiões, das quaes tantos enganos, e fabulas escreveraõ naõ só os antigos, mas muitos dos modernos. De tudo compoz o admiravel livro intitulado *Colloquios dos simples, e drogas, e cousas medicinaes da India, e frutas achadas nella*, o qual se imprimio no anno de 1563 em Goa, e teve a fortuna de que os insignes Costa, Monardes, Marrucino, e Carlos Clusio o traduzissem em differentes

tes idiomas, merecendo tambem a ſua ſciencia o grande elogio, que lhe fez Camões. [1]

26 *Gaſpar dos Reys Franco*, natural de Evora, foy erudito, e aſſim o moſtrou no livro *Campus Elyſius jucundarum quæſtionum*, impreſſo em Bruxellas no anno de 1661, ainda que nelle ſegue algumas opiniões extravagantes.

27 *Henrique Jorge Henriques*, natural da Guarda, foy Lente em Coimbra, e em Salamanca, e de grande opiniaõ em toda Caſtella. Imprimio o *Retrato do verdadeiro Medico* fundado em grandes experiencias pelos annos de 1595.

28 *Jeronymo Nunes Ramires*, honrado diſcipulo do inſigne Thomaz Rodrigues da Veiga, naſceo em Lisboa, e nella grangeou tal nome na Medicina, que era procurado inceſſantemente por todos, a que elle aſſiſtia promptamente à cuſta do ſeu deſcanço, e com mayor vigilancia nas doenças de perigo. Sem embargo do pouco tempo, que lhe reſtava, de que elle ſe queixa no Prologo dos *Commentarios a Galeno*, que fez, e imprimio no anno de 1608, eſcreveo com elegancia, e ſciencia, dando evidentes moſtras de ſer erudito nas linguas Grega, e Latina, de que foy publico profeſſor.

29 *Joaõ Bravo Chamiço*, a que huns fazem natural de Torres Novas, outros de Leiria, foy Cirurgiaõ

---

(1) Cam. Ode 9. eſcrita ao Conde de Redondo Vice Rey da India, pedindo-lhe que favoreceſſe a Garcia de Orta, e diz-lhe:

Favorecey a antiga
Sciencia, que já Aquiles eſtimou:
Olhay que vos obriga
O ver que em voſſo tempo rebentou
O fruto daquell'Orta, onde florecem
Plantas novas, que os doutos naõ conhecem.
Olhay que em voſſos annos
Produz hum'Orta inſigne varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doutas, e protervas
Medea, e Circe nunca conheceraõ,
Poſto que a ley da Magica excederaõ, &c.

rurgiaõ mór do Reino, e escreveo de Cirurgia, e Medicina doutamente, como refere Zacuto. (1)

30 *Joaõ Curvo Semedo*, natural de Monforte, foy nesta faculdade, e nos nossos tempos Medico de grande fama, especulaçaõ, e experiencia, com a qual inventou alguns remedios especiaes de muita utilidade, menos aquelles sympathicos, e antipathicos, que todos os sabios modernos fundados em melhores, e irrefragaveis experiencias reprovaõ, como ficções dos antigos. (2)

31 *Manoel Bocarro Francez*, Medico, Filosofo, Mathematico, e Poeta Lusitano insigne, aprendeo Medicina em Mompelher, onde se doutorou nelle, depois veyo para Alcalá de Henares, e alli ouvindo o celeberrimo Lente da mesma faculdade Pedro Garcia Carrero, tomou delle tambem o gráo de Doutor, e em Coimbra: o Imperador Fernando III. lhe concedeo hum privilegio para poder curar em toda a parte. Desta sorte extendeo a sua fama tanto, que veyo a ser Medico de muitos Principes da Europa, e até do Imperador Turco em Constantinopla. Correo a mayor parte do mundo, e tratou com os mais insignes homens de letras, que entaõ floreciaõ, como foraõ Galileo Galilei, e Keplero. Saõ innumeraveis os livros, que compoz em varias faculdades, todos irrefragaveis pregoeiros do seu engenho, e erudiçaõ: delles se imprimio hum Catalogo em Hamburgo no anno de 1644. Estando em Liorne, e sendo chamado para curar a Duqueza Strozzi, que estava em Florença, morreo no caminho pelos annos de 1662. (3)

Pau-

(1) Zacut. Histor. Medic. liv. 2 histor. Galen. 15. (2) Feijó no tom. 1. das Cartas eruditas cart. 17. n. 20. e 21. justamente censura este Author nesta parte, condenando-o tambem de muito credulo, e sem criterio em muitas cousas; porém no mais he merecedor da estimaçaõ, que delle se faz commummente. (3) Este Author certamente celebre diz Vieira na *Palavra do Prégador empenhada* §. 9. fin. que profetizara a Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. ao menos verificouse com o successo o que Bocarro havia escrito vinte e quatro annos antes de acontecer.

32 *Paulo Correa*, natural de Marialva, foy Lente de Vespera na Universidade de Alcalá, e taõ grande professor da arte Medica, que foy chamado de Roma para curar varios Principes, e Prelados daquella Curia, onde viveo alguns annos, e fez celebre o seu nome. (1)

33 *Pedro de Peramato*, excellente Medico do Duque de Medina Sidonia, e excellente Escritor da faculdade. Imprimio tres tomos em San Lucar de Barrameda no anno de 1576, que deraõ grande brado pelo mundo; e varões doutos allegaõ sua doutrina para confirmarem a propria, por ser solida, e bem fundada. (2)

34 *Rodrigo da Fonseca*, Lisbonense, Cathedratico de Medicina em Pisa, e depois Lente de Prima em Padua, compoz muito na faculdade, e he louvado dos professores, e delles seguido. (3)

35 *Thomaz Rodrigues da Veiga*, Eborense, Cathedratico de Prima em Coimbra, e hum dos mais famosos letrados, com que ElRey D. Joaõ III. ennobreceo aquella Universidade. Muitos saõ os elogios, com que varões sabios recommendaõ as suas obras de eruditas, e a elle de insigne, e eminente na faculdade. (4)

36 *Zacuto Lusitano*, natural de Lisboa, Medico de rara, e exquisita fama. Escreveo a historia dos varões sabios da Medicina com profunda erudiçaõ: foy homem consummadissimo na sua arte: os epi-

---

(1) P Franc. da Cruz no Catalog. dos Authores Portuguezes. (2) Quintanadueñas tom. 2. singular. ad 4. Eccles. præcept. tract. 9. sing. 1. num. 5 (3) Servio, Dissert. de Unguent. Armario num. 28. Zacut. liv. 6 histo. 7. fin. (4) Nicol. Anton. in Bibliot. Hispan. tom. 2. pag. 251. Jeron. Nun. nos Comment. de Galen cap. 3. fol. 11. e cap. 4. fol. 21 O P. Ant. Vieir. tom. 11. no Serm. de S Luc. num. 261 diz delle: *Adoeceo de huma febre ElRey D. Sebastiaõ, e sendo chamado de Coimbra aquelle Oraculo da Medicina, que nas Cadeiras da mesma Universidade he allegado com o nome de* Magnus Thomas, *ordenou que lhe fizessem huma cama de rosas, e deitado nella, ficou saõ.*

epithetos honorificos, que lhe daõ graves Authores, saõ innumeraveis; [1] só teve porém a infelicidade de morrer judaizante fóra da nossa verdadeira Religiaõ no anno de 1642.

§. XVI.

Erudiçaõ varia.

1 DE Heroes litterarios Portuguezes, que abarcaraõ toda a erudiçaõ, e se fizeraõ celebres no mundo pela sua amplissima capacidade, puderamos numerar bastantes, sem repetir muitos dos que temos referido. *Fr. Eusebio de Matos*, que primeiro foy Religioso da Companhia, onde entrou no anno de 1644, e depois se passou para a Religiaõ Carmelitana, foy talento extraordinario. Dizia delle o Veneravel Vieira, que Deos se empenhara a fazello em tudo grande. Soube eminentemente letras humanas: leo Filosofia, e Theologia com assombro, e utilidade: foy maravilhoso Poeta Latino, e vulgar: grande Musico por natureza, e arte: subtil Arithmetico, e taõ estimado nesta materia, que tendo os homens de negocio duvidas nas suas contas, o consultavaõ, e elle decidia

(1) Luiz de Lemos na Vida de Zacuto allega muitos elogios, que lhe fizeraõ, os quaes he impossivel referir neste pequeno Mappa. Debaixo do retrato deste insigne Medico, que vem no principio das suas obras, se lê esta inscripçaõ: *En Zacutum Lusitanæ fulgidum sydus plagæ, Principem chori medentum, sæculi miraculum.* Paul. Zachias o louva no liv. 5. quæst. Medico Legal. titul. *De monstris*; porém Gaspar dos Reys Franco no Campo Elysio quest. 31. n. 12. o censura de pouco verdadeiro: *Fuit quippè pessimus hic Judæus, alter mendaciorum pater, ut de Amato illi simillimo non absque ratione dicebat Fallopius: uterque enim, ut legentes in sui admirationem trahant, & novitatibus, inauditisque demulceant, chimaras mille, atque putidissima mendacia scribere non erubuerunt, cujus audaciæ, vaniloquentiæ, ac Judaicæ falsitatis, non citra rationem eumdem Zacutum convincit, & taxat Fortunatus Pemplius, &c.*

cidia as mais ambiguas, e intrincadas: foy caprichoso Pintor, mayormente no desenho: Orador Evangelico insigne, e eloquente: até na conversaçaõ era discreto, communicavel, e affabilissimo. [1]

2 *D. Heliodoro de Paiva*, colaço delRey D. Joaõ III., e filho de Bartholomeu de Paiva, Guarda-roupa do mesmo Rey, e Védor das obras do Reino, desenganado do mundo antes de tempo, foy buscar o seguro da salvaçaõ entre os Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, e lá unindo a virtude com o juizo, e engenho profundo, de que era dotado, se fez estimavel por todos os principios. Era sogeito de portentosa vivacidade, e se inteirou tanto nas linguas Hebrea, Grega, e Latina, que em todas compunha, e fallava como proprias. Conta-se delle, que ao mesmo tempo que postillava Theologia, convertia tudo em verso Grego, quanto o Mestre dictava em Latim. Foy o mayor Filosofo, Theologo, e Escriturario do seu tempo: imitava primorosamente quaesquer caracteres, e na pintura foy agil: cantava suavissimamente, e com o mesmo desembaraço tocava orgaõ, rebeca, e arpa, sendo juntamente insigne no contraponto. A todos estes extraordinarios dotes, com que a natureza o havia adornado, ajuntou o da modestia, e humildade, rejeitando diversos Bispados, que El-Rey lhe offerecia por varias vezes. Faleceo em Coimbra aos 20 de Dezembro de 1552. [2]

3 Naõ fallamos em outros muitos, por naõ engrossarmos demasiadamente por este ponto a estreita circumferencia do nosso Mappa; porém para dar lustre à naçaõ, basta que façamos memoria de hum famoso Portuguez, cuja vasta comprehensaõ de todas as faculdades o fará ser no mundo admiravel portento

---

(1) Sá nas Memor. Histor. apud Barbos. in Bibl. Lusit. tom. 1. (2) D. Nicol. Ant. Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. liv. 10. n. 8.

tento em todos os seculos. He este o incomparavel

4 *Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo*, de quem já nos lembrámos succintamente, foy Religioso scientifico de esfera extraordinaria: na Theologia eximio, na Filosofia insigne, no Direito Civil, e Canonico peritissimo, na Oratoria eloquente, e na Poezia taõ facil, e prompto, que podemos dizer nasceo Poeta, pois perguntado de qualquer assumpto, logo dava a resposta em verso. Tinha de memoria todas as obras de Cicero, de Salustio, de T. Livio, de Cesar, Curcio, Paterculo, Suetonio, Tacito, Virgilio, Ovidio, Horacio, Catullo, Tibullo, Propercio, Estacio, Silio, e Claudiano. Sabia as Historias de todas as nações, de todas as idades, e as succesões dos Imperios, e a Historia Ecclesiastica. Possuia além da nativa vinte duas linguas. Naõ se achou cousa taõ escura, ou impenetravel em algum Escritor antigo Grego, ou Hebreo, que perguntado sobre o caso naõ respondesse promptamente. Era certamente Bibliotheca viva de todas as sciencias, e Oraculo commum de toda a Europa.

5 As muitas, e diversas obras que compoz, e imprimio em todas as materias, saõ outros tantos abonos da sua erudiçaõ. Os elogios innumeraveis, que os varões sabios de todas as nações da Europa, por onde andou, lhe fizeraõ, saõ tambem evidentes provas da universal estimaçaõ, em que era tido; porém a mais incontrastavel, e qualificada testemunha da sua portentosa memoria, saõ as Conclusões seguintes, que elle com assombro do mundo litterario sustentou em Veneza por espaço de oito dias, permittindo aos que concorressem ao acto, poderlhe perguntar o que cada hum quizesse em qualquer materia, a que elle promptamente responderia.

Leonis
S. MARCI
Rugitus Litterarii
Ore
R. P. Fr. FRANCISCI
A' S. Augustino Macedi,
Lusitani, Observantis Minoritæ prolati,
Serenissimo Principi
D. D. DOMINICO
Contareno,
Venetiarum Duci, dicati.

I.

De Sacra Scriptura, tum Veteris, tum Novi Testamenti, deque ejusdem sensibus, versionibus, interpretatione, & expositione.

II.

De Romanorum Pontificum serie, successione, auctoritate suprema, deque Conciliis Œcumenicis, ac eorum causis, Præsidibus, & doctrina.

III.

De Historia Ecclesiastica, tum ab Adamo usque ad Christum, tum à Christo usque ad annum præsentem.

IV.

De Sanctorum, & Græcorum, & Latinorum ætate, & doctrina, ac præcipuè S. Augustini, cujus opera omnia exponentur; sententiæ afferentur, defendentur.

V.

De tota Philosophia, & Theologia speculativa, & Morali, ac illius Scholis, præcipuè Scotica, Thomistica, Jesuitica, deque Sacris Canonibus, & Institutis, ac libris Juris Civilis.

VI.

De Historia Græca, Latina, Barbara, præcipuè Itala, & Veneta.

VII.

De Rhetorica, ac illius arte, & methodo, ad usum ita redacta, ut quamcumque quis quæstionem dicenti ponat, de ea ex tempore dicentem audiat.

VIII.

VIII.

De Poetica ad mentem Aristotelis, deque illius formis, & versibus, Poetis præcipuè Græcis, Latinis, Italis, Hispanis, Gallis, oblata quavis materia extemporali, eam Poeta suscipiet, & versu describet.

Cuilibet disputaturo ponere, & rogare, quid velit, licitum esto, à die Lunæ 26 Septembris 1667. Publicè in Ecclesia S. Francisci de Vinea Venetiarum.

6 Aquelles, que sabem quantos volumes he preciso revolver, e ter estudado para manter hum semelhante desafio litterario, necessariamente haõ de confessar ser pasmosa tal memoria, e talento, e que naõ se poderia executar o acto, sem que o Presidente fosse juntamente dotado de huma profunda sabedoria, e perspicacia de engenho em gráo supremo.

7 Quanto ao successo destas Conclusões, refere o Padre Arcangelo de Parma em huma carta, que escreveo ao Cardeal de Noris, (1) dizendo: ,, Estas Theses recebidas de todos com summa expectaçaõ, e admiraçaõ, manteve o Padre Macedo com felicissimo successo, achando-se presentes muitos Senadores, e Nobres da Republica de Veneza, e grande numero de Doutores, e Religiosos, ainda dos Estrangeiros, que a fama havia convocado. Tentaraõ no com innumeraveis perguntas, e argumentos varios Doutores, e Mestres de todas as Ordens, respondendo elle a todos, como se tivesse de antemaõ premeditadas as respostas com tanta felicidade, que nunca se vio titubear, deterse, ou embaraçarse; antes succedeo muitas vezes, que esquecendo-se os arguentes de alguma cousa, que proferiaõ, ou recitando-o mal, elle lhes acudia, suggerindo-,, lhe

(1) Apud Feijó tom. 9. do Theatr. Critic. supplem. ao 4. n. 156. p. 161.

,, lhe o que queriaõ dizer, ou emendava o que ti-
,, nhaõ dito. Houve hum, que citou mal hum tex-
,, to da Efcritura; outro, que fe efqueceo de hu-
,, ma paffagem de Virgilio; e outro, que allegou
,, alguns Authores fufpeitofos a favor da fua fenten-
,, ça. Ao primeiro corrigio o texto da Efcritura,
,, ao fegundo fubminiftrou os verfos do Poeta, e
,, ao terceiro removendo os Authores dubios fubf-
,, tituio por elles a outros idoneos.

8 Em Roma oftentou, e fez outra femelhante prova da fua fabedoria, mantendo por tres dias Conclusões *De omni fcibili*, de maneira, que ou na Cadeira prefidindo, ou no pulpito prégando, ou na cella efcrevendo, fempre admirou Macedo ao mundo em todo o genero de letras. Faleceo finalmente em Padua no primeiro de Mayo de 1681, huns dizem que de oitenta annos, outros que de noventa. Os feus Religiofos lhe deraõ no mefmo Convento honrofa fepultura, junto da qual fe lê efta infcripçaõ:

D. O. M.

Patri Francifco de Macedo Lufitano: hujus domus PP. eximio contubernali fuo iftam ex ære imaginem pro aurea illa, quam in Patavino Gymnafio Moralis Philofophiæ Doctor, & undique linguâ, & calamo vir doctiffimus protulit, unanimiter decrevere. Obiit ann. Domini 1681. *die* 1 *Maii ætat.* 90.

9 No Convento de *Ara-Cœli* em Roma, defronte da efcada, que fóbe para o dormitorio, mandou Fr. Miguel Angelo Farulfo, Prégador do Sacro Palacio, collocar a imagem de Macedo em hum bufto de marmore, e no feu pedeftal fe vê aberto efte cenotafio:

P. M.

P. M. S.
Viro omniscio
P. Fr. Francisco à S. Augustino Macedo,
Patriâ Lusitano, Veneto Civi
Minor. Observ. Prov. Portug. Lector. Jubil.
In Patavina Acad. Ethicæ Professori,
Regis Lusit. Joannis IV. Chronol. Latino,
S. Officii Rom. Qualific.
In Colleg. Propag. Fidei Controv. Lector.
In Rom. Sap. Histor. Ecclesiast. Mag.
Poetæ ex tempore celeberrimo,
Pluribus in Catholic. & litterar. Reipubl.
Obsequium laboribus claro,
Encyclopæd. non paucis speciminibus,
Ac certaminibus illustri,
Adversæ fortunæ ictibus intrepido,
Ingenio acri, infallibili memoria,
LXX. voluminum patri,
Die 1 *Maii* 1681 *ætat. suæ ann.* 88.
Paduæ ad Superos profecto
Fr. Michael Angelus Faroisus de Candia
Sacri Palat. Apostolic. Prædicat.
Cism. Fam. Min. Obs. & Ref. Discr. perp.
Grati discipulatûs M. P. C.
Anno Domini 1691.

10 Se naõ temera-mos ser fastidioso, transcrevera-mos aqui o Catalogo das obras deste varaõ insigne, e talvez mais extenso, e exacto, que o elenco ha pouco impresso no principio do tom. 6. *Corp. Poetar. Lusitanor.* sómente allegaremos os Authores, que delle fazem honorifica mençaõ. (1)
Tam-

(1) Nicol. Anton. Bibl. Script. Hispan. tom. 1. p. 336. Alegambe, Bibl. Scriptor. Societ. p. 126. Moreri in Supplement. lit. M. p. 4. Monf. de Bayle, Diccion. Critic. D. Franc. Man. centur. 4. cart. 1. P. Reys tom. 1. Histor. Lusit. in Vita Ferdinand. de Menezes. Fr. Martinho do Amor de Deos na Chronic. dos Capuch. D. Anton. Caetan. de Sousa tom. 1. Histor. Genealog. no Apparat. dos Escritor. Portug. n. 152. Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 2.

11 Tambem pela mesma causa deixamos de dar noticia de outros muitos Escritores Portuguezes insignes, e memoraveis em outros generos de erudiçaõ; como Apologistas, Antiquarios, Politicos, Criticos, e Miscellaneos.

CAPITULO III.

Do Militar deste Reino, com os presidios, e forças do mar, e terra.

1 SEndo tantas, e taõ differentes nações as que vieraõ em varios tempos invadirnos à patria, e pondo nossos antepassados toda a felicidade da guerra no ardimento, e constancia, com que se defendiaõ, ou litigavaõ com seus contrarios, naõ cuidaraõ em estabelecer leys fixas militares para regular suas Tropas, porque a experiencia lhes mostrava talvez falliveis os preceitos bellicos na oppressaõ de tantos inimigos instruidos em outros tantos diversos methodos Marciaes.

2 Durou este inconstante, e confuso modo de guerrear até o tempo dos Arabes, de cuja milicia recebemos bastante doutrina, extendendo-se mais particularmente o seu estylo ao exercicio da Cavallaria, e passando inteiramente a nós os seus termos, armas, e nomes, que reformou em parte ElRey D. Fernando com alguma luz, e imitaçaõ do Conde de Cambrige (1) por se conformar com alguns Reinos, e nações da Europa, especialmente França, Inglaterra, e Hespanha, mais scientes na militar disciplina.

3 Até este tempo chamavaõ ao exercito *Hoste*, que constava de *Dianteira*, isto he, vanguarda; *Ca-*

(1) Monarq. Lusit. part. 8. liv. 22. c. 27. e 48.

C,*aga*, ou retaguarda; *Coſtaneiras*, iſto he, lados, ou alas direita, e eſquerda. Compunha-ſe a Hoſte de Infantaria, e Cavallaria: eſta peleijava com lanças, e aquella com dardos, fundas, béſtas, virotões, páos toſtados, e outras ſemelhantes armas, a que chamavaõ de arremeço.

4 As lanças, ou Cavallaria parte eraõ delRey, parte dos ſenhores de terras, e parte dos Concelhos, ou Villas do Reino, mas todos pagos por ElRey quando andavaõ em acçaõ. O numero da gente era incerto tanto na Cavallaria, como Infantaria: ſó o que ſabemos he, que o Santo Rey D. Affonſo Henriques na batalha de Campo de Ourique levara doze mil Infantes; ElRey D. Joaõ I. vinte mil, quando foy ſobre Ceuta; e ſeu neto ElRey D. Affonſo V. quando paſſou a Caſtella ſobre a pertençaõ da *Excellente Senhora*, levara cinco mil e ſetecentos de cavallo, e quatorze mil de pé; (1) de ſorte que até o tempo delRey D. Manoel nunca o noſſo exercito paſſou de nove mil cavallos, (2) e depois era menor o numero da gente paga no Reino por cauſa da extracçaõ, que ſe fazia della para as Conquiſtas, de cuja falta procedeo naõ levar ElRey D. Sebaſtiaõ, quando paſſou com pouca ventura a Africa, mais que onze mil homens.

5 Inſtituio, e reformou tambem ElRey D. Fernando algumas dignidades militares: a de *Condeſtavel*, que era o mayor poſto do exercito correſpondente ao General das armas, nomeando logo no tal emprego a D. Alvaro Pires de Caſtro, Conde de Arrayolos, e irmaõ da Rainha D. Ignez de Caſtro, com as preeminencias, e exercicio, de que falla o Regimento antigo da guerra. (3) No tempo preſente ceſſou na Milicia eſte officio ſupremo de Con-

(1) Severim, Notic. de Port. diſcurſ. 2. §. 7. (2) Goes, Chron. delRey D. Man. part. 1. c. 47. (3) Monarq. Luſit. liv 22. c 48 Souſ. tom. 3. das Provas das Hiſtor. Geneal. p. 252. Lima, Geogr. Hiſtor. tom. 2. [illegible]00. Garma tom. 3. do Theatr. Univ. de Heſp. c. 50.

destavel, e parece ser só titulo honorario, que vemos praticarse na coroaçaõ do novo Rey, e no juramento dos novos Principes, nos quaes actos tem o Condestavel o estoque Real levantado diante da pessoa do Rey, como insignia propria da dignidade, a qual até agora tem andado nos principaes Senhores do Reino, sendo o ultimo que o exerceo, o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro.

6 O outro officio do exercito, que instituio o mesmo Rey D. Fernando, era o de *Marechal*, correspondente ao de Mestre de Campo General. (1) Creou mais outros officios subalternos, e inferiores: *Adail*, ou Capitaõ do Campo; *Anadel*, ou Capitaõ dos Bésteiros; e *Almocadem*, ou Guia, e encaminhador dos exercitos, cujos postos, e nomes se usaõ ainda hoje em Mazagaõ, principalmente na Cavallaria. Quem quizer inteirarse com mayor individuaçaõ das obrigações destas Dignidades Militares, póde ler ao curiosissimo Manoel Severim de Faria no seu erudito livro das *Noticias de Portugal* discurs. 2. §. 6. e o tom. 8. da *Monarquia Lusitana.*

7 Seguiraõ-se as guerras de Castella no reinado do Serenissimo Rey D. Joaõ I., e na celebre batalha de Aljubarrota ainda naõ havia entre nós o uso da polvora, e artelharia, o que entaõ nos naõ foy muito necessario; com tudo foraõ trazidas pelos Castelhanos na vanguarda do seu exercito dezaseis peças, ou bombardas, a que chamavaõ *Trons*, com que atiravaõ balas de pedra, cousa nova em toda a Hespanha, como diz Fernaõ Lopes, (2) e que causara grande admiraçaõ aos Portuguezes (3) os quaes

---

(1) Lima, Geogr. Histor. tom. 1. (2) Chron. delRey D. Joaõ I. part. 2. c. 42. (3) Franc. Rodrig. Lobo no Condestav. cant. 14.

Foraõ do som horrisono espantados
Muitos da primeira ala Lusitana
De alguns tiros aos nossos desusados;
Que vinhaõ na vanguarda Castelhana.

quaes pouco depois melhoraraõ o invento, pois no mesmo reinado delRey D. Joaõ I. lemos, que Joaõ Gonçalves Zarco, ayo do Infante D. Henrique, fora o primeiro que usara de polvora, e artelharia. (1)

8 No tempo delRey D. Affonso V. já os nossos exercitos pelejavaõ com melhor ordem pelo beneficio, que recebiaõ da arte, e Regimento militar, que lhes mandou fazer este Principe com grande acerto, o qual depois melhorou ElRey D. Manoel, e aperfeiçoou ElRey D. Sebastiaõ, mandando-o imprimir no anno de 1570 com o titulo de *Regimento de Capitães Móres*, cujo methodo só respeitava à gente da Ordenança das Cidades, e Villas do Reino, que naquelle tempo eraõ as Tropas, que havia em Portugal. (2)

9 Quem cuidou com mais diligencia neste ponto, foy o felicissimo Rey D. Joaõ IV., pois tanto que empunhou o governo do Reino, tratou logo de dar formalidade, e disciplina às suas Tropas, mandando compor para isso varios Regimentos, e Leys, que respeitavaõ naõ só à boa regra, e doutrina dos soldados, mas à boa arrecadaçaõ da fazenda Real: tal he o Regimento chamado das Fronteiras, e outros, de que faz mençaõ o erudito, e excellente Author dos *Discursos sobre a Disciplina Militar*.

10 Naõ ha duvida que das nações estrangeiras temos abraçado muitas regras militares, e assim de

Que até àquelles bons tempos celebrados
Nos naõ mostrava a vã malicia humana
Que com o estrondo, e fumo, que faziaõ,
Aos nossos forças, e armas suspendiaõ.

(1) Man. Thom. na Insulana liv. 1. est. 83.

Bem he verdade que este o Lusitano
Primeiro foy no mar com nome eterno,
Que usou da dura fruta de Vulcano,
E o salitrado aljofar do Inferno.

(2) Disc. sobre a Discipl. Milit. disc. 3. p. 15.

Alemanha, e Italia tomamos o louvavel costume de repartir em determinadas porções toda a Infantaria do exercito, às quaes chamamos *Terços*, ou *Coronelias*, por ser a terceira parte de hum Regimento; (1) e attendendo à utilidade desta imitaçaõ, mandou a Serenissima Rainha D. Luiza, como Regente do Reino, no anno de 1658, governando as armas da Provincia do Alentejo Joanne Mendes de Vasconcellos, indo sitiar a Praça de Badajoz, que se observasse o Regimento do Duque de Parma, o qual Regimento impresso no anno de 1641, e mais documentos irrefragaveis em como se observou, vimos na maõ de hum nosso curioso, e intelligente Official de guerra.

11 A esta imitaçaõ tambem o magnanimo Rey D. Joaõ V. em tudo providente, mandou no anno de 1707, que se guardassem humas novas Ordenanças, em que deu fórma à Infantaria, Cavallaria, e Dragões, determinando que cada Regimento de Infantaria se compozesse de doze Companhias, inclusa a de Garnadeiros, e cada huma dellas tivesse hum Capitaõ, hum Tenente, hum Alferes, dous Sargentos, quatro Cabos de esquadra, dous tambores, que pouco depois reduzio a hum só, dando-lhe o soldo de ambos, e quarenta e quatro Soldados, e que o dito Regimento tivesse tres Officiaes superiores, a saber, Coronel, Tenente Coronel, e Sargento mór com seus Ajudantes.

12 No anno de 1735 foy servido o mesmo Soberano, que cada Regimento de Infantaria tivesse dous batalhões, e cada hum constasse de seiscentos homens, divididos em dez Companhias, a sessenta homens por Companhia, inclusos os Officiaes, ficando cada Regimento de mil e duzentos homens, naõ entrando neste numero dous Ajudantes, dous Capellães, dous Cirurgiões, e hum Tambor mór.

Na

(1) D. Franc. Manoel Epanafor. 2.

13 Na Cavallaria ligeira, e Dragões mandou, que cada Regimento se compozesse de quinhentos cavallos, divididos em dez Companhias, cada huma de cincoenta cavallos, inclusos os dos Officiaes, naõ entrando neste numero hum Ajudante, hum Capellaõ, hum Cirurgiaõ, e hum Furriel mór, que hoje se acha extincto.

14 Este Regimento, sem embargo de pertender incluir os preceitos de toda a Disciplina Militar, copiou quasi em tudo as Ordenanças de França, que naquelle tempo ainda naõ estavaõ reduzidas a taõ boa ordem, como hoje se vê no Codigo Militar de Monsieur Briquet; e em tudo que he economia, se encontra grande differença nas duas nações, além de ser diminuto em pontos essenciaes; e assim parece que os seus reglamentos se naõ pódem praticar com exacçaõ nas Tropas Portuguezas; de sorte, que, segundo exclama hum excellente professor militar, ainda a Milicia Portugueza suspira por melhor methodo, que se conforme com os nossos costumes, e possibilidade. Daremos noticia da guarniçaõ pelas Provincias conforme o tempo da paz.

§. I.

Estremadura.

15 HA nesta Provincia dous Regimentos de Cavallaria, e quatro de Infantaria, de que dous chamados da Armada, e da Junta eraõ pagos pele repartiçaõ dos Armazens. Ha mais oito Terços de Auxiliares, e as Ordenanças, que todos tem por praça de armas a Corte de Lisboa. Nesta Provincia ha as Praças, e Fortalezas seguintes.

§. II.

Praças, e Fortalezas maritimas no rio Tejo da banda do Norte.

Fortaleza de S. Miguel da Nazareth.

Forte de S. Martinho da Pederneira.

Fortaleza de S. Joaõ da Berlenga, Ilheo separado da terra.

Praça de Peniche, a mais fortiſſima do Reino, porque pela parte, com que prende à terra firme ſe lhe communica o mar, e os baluartes, com que ſe defende, eſtaõ em huma linha curva, que offerece para a campanha a parte concava, de ſorte que qualquer ponto do terreno, por onde póde ſer atacada, he deſcuberto de tres, ou quatro baluartes, e como he areal movediço, naõ ſe pódem facilmente cubrir, ſem que a fachina lhe venha de muito longe, e a maré baſta para arruinar as trincheiras. He guarnecida com hum Regimento de Infantaria.

Forte de Noſſa Senhora da Luz.

Forte de Noſſa Senhora da Vitoria.

Forte de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ.

Forte de N. Senhora dos Anjos chamado *Paymogo.*

Forte de Pena firme.

Forte de Santa Suſana.

Forte de Noſſa Senhora da Graça de Porto-Novo.

Forte de S. Pedro de Mil regos.

Todos eſtes Fortes eſtaõ ſubordinadas ao Governador de Peniche.

Forte de N. Senhora da Natividade da Ericeira.

Forte de Santa Maria de Magoute.

Forte da Roca.

Forte do Guincho.

Forte de S. Braz de Sanxete.

Forte de S. Jorge.

Forte de Noſſa Senhora da Guia, onde ha obriga-

çaõ

çaõ de accender farol para guiar as embarcações, que vem demandar a barra de Lisboa.

Forte de Santa Martha.

Forte de Santa Catharina de Caſcaes.

Fortaleza de Noſſa Senhora da Luz.

Todos eſtes Fortes eſtaõ fóra da barra, e ſubordinados ao Governador de Caſcaes.

Praça de Caſcaes com ſua Cidadella ſobre o mar, e preſidiada com hum Regimento de Infantaria paga: foy antigamente Capital da Provincia.

Forte dos Innocentes.

Forte de S. Roque.

Forte de Santo Antonio.

Forte da Cruz de Santo Antonio.

Forte de S. Theodoſio.

Forte de S. Joaõ.

Fortaleza de Santo Antonio ſituada ſobre rocha viva, que entra pelo mar dentro na Coſta, que faz a bahia de Caſcaes fronteira à Fortaleza de Noſſa Senhora da Luz. He Fortaleza regular com foſſo ſeco pela banda da terra, e bataria pela parte do mar com oito peças de bronze, e poço de agua nativa. Guarnecem-na vinte e ſete ſoldados, e doze artilheiros.

Forte de S. Domingos de Rana.

Fortaleza de S. Juliaõ da Barra fundada ſobre huma rocha viva com cinco baluartes irregulares, e hum revelim para a parte da terra. Aqui exiſte o grande canhaõ de artelharia chamado *Tiro de Dio*, por ſer fundido na Ilha de Dio, e de lá ſer mandado a ElRey D. Sebaſtiaõ, como diz Ufano trat. 1. cap. 6. O ſeu comprimento he de vinte e cinco calibres, e a bala de noventa, ou cem libras de calibre. Gamboa no cap. 6. affirma que he de cento e doze libras, e mais.

Forte de Santo Amaro.

Fortaleza de S. Joaõ das Mayas.

Forte de S. Pedro de Paço de Arcos.

Forte de Noſſa Senhora do Porto Salvo.
Forte de S. Bruno.
Forte de Noſſa Senhora do Valle.
Forte de S. Franciſco da Boa Viagem.
Forte de Noſſa Senhora da Boa-Viagem.
Forte da Cruz quebrada.
Forte de S. Joſeph de Ribamar.
Forte de N. Senhora da Conceiçaõ de Pedrouços.

Torre de S. Vicente de Belém, que ſerve de regiſtrar os navios, que entraõ na barra de Lisboa, os quaes ſaõ obrigados a ſalvalla, quando paſſaõ por ella. Conſta de duas batarias, alta, e baixa, bem artilhadas, e huma plataforma avançada fortalecida de hum bom parapeito.

Forte da Eſtrella.
Forte de S. Joaõ da Junqueira.
Forte do Sacramento.
Forte de S. Joaõ de Deos.
Fortim de S. Paulo.
Fortim do Remolares.

Baluarte de S. Joaõ no Terreiro do Paço, onde exiſtio a Vedoria da Provincia.

Fortim da Ribeira.
Forte de Santa Apolonia.
Forte da Cruz da Pedra.
Forte de S. Franciſco de Xabregas.

Caſtello de S. Jorge, Praça de armas em Lisboa, que domina a Cidade toda.

Praça de Abrantes.

§. III.

Praças, e Fortes maritimos, que eſtaõ fundados no rio Tejo para a banda do Sul.

F*Orte de Caſſilhas.*
Caſtello de Almada.
Caſtello de Palmella.

For-

Forte de Arialva.

Forte da Fonte da pipa.

Fortaleza de S. Sebaſtiaõ de Caparica, ou *Torre velha*, que cruza com a de Belém. Eſtá aſſentada na eſcarpa de hum monte com varias batarias.

Forte da Trafaria.

Fortaleza de S. Lourenço da Cabeça ſeca, ou *Torre do Bogio*, de figura circular. Eſtá no meyo da barra de Lisboa.

Forte da Foz.

Forte de Noſſa Senhora do Cabo.

Forte de S. Theodoſio na ponta do cavallo.

Fortaleza de Cezimbra.

Forte da Arrabida.

Forte de S. Domingos da Baralha.

Torre de Outaõ ſituada na fralda da Serra da Arrabida ſobre o mar, e pouco para dentro da barra de Setubal. Accende-ſe aqui farol para guiar as embarcações.

Forte das Vieiras. Communica-ſe com a torre de Outaõ, e tem bataria com ſeis peças de bronze.

Forte de Noſſa Senhora da Ajuda.

Forte de Albarquel.

Praça de Setubal guarnecida de hum Regimento de Infantaria, e nova fortificaçaõ de onze baluartes, e dous meyos baluartes.

Caſtello de S. Filippe deſenhado pelo celebre Arquitecto Filippe Terzo. Domina a Praça de Setubal com bataria bem artilhada tanto pela parte da terra, como do mar.

Fortaleza de Sines com dous baluartes petrechados de ſufficiente artilharia.

16 Tem eſta Provincia por capital Praça a Corte, e Cidade de Lisboa, onde ha a melhor fabrica de armas, que póde haver, e de todo o genero dellas hum grande, e famoſo Arſenal, ou armazem, diſpoſto com taõ boa ordem, e arrimaçaõ, que ex-

cede aos melhores da Europa. Deu-lhe principio a actividade do Tenente General da Artilharia Fernando de Chegaray, continuou-o o zelo de Amaro de Macedo, e vay proseguindo na sua conservaçaõ, e augmento o bom gosto, e intelligencia do Tenente General Manoel Gomes de Carvalho. Ha tambem huma fabrica de polvora no sitio de Alcantara da melhor perfeiçaõ, que se sabe, mandada erigir pela Real providencia de Sua Magestade, e encarregada primeiramente à boa direcçaõ de Antonio Cremer.

17 Quanto à fortificaçaõ desta Cidade he de saber, que até o tempo delRey D. Fernando existiaõ ainda as mesmas muralhas antigas, que edificaraõ os Romanos, cujo breve recinto começava desde o alto do Castello, donde descia pelas portas da Alfofa até à do Ferro, e desta pela Misericordia voltava ao longo do mar; e do chafariz delRey subia ao arco de S. Pedro, e delle até às portas do Sol hia fechar no mesmo Castello. (1) Porém como a povoaçaõ tinha crescido demasiadamente fóra dos muros, intentou D. Fernando cercalla de novo, e assim o poz por execuçaõ no ultimo de Setembro de 1373, incluindo na circumferencia de tres leguas a nova fortificaçaõ fabricada de formosas, e firmes muralhas com setenta e sete torres, e trinta e oito portas, vinte e duas para a parte da marinha, e dezaseis para a banda da terra. (2)

18 Neste estado se achava Lisboa até o reinado do Senhor Rey D. Joaõ IV. o qual vendo quanto se havia extendido a povoaçaõ, e quanto se necessitava de mayor segurança, deu ordem para se fortificar a Cidade de novos muros mais amplamente, e se principiou pelos baluartes; porque como a circumval-

(1) Monarq. Lusit. liv. 10. c. 26. (2) Idem liv. 22. c. 27. Oliveir. nas Grandez. de Lisb. c. 1. Luiz Marinho na Fundaç. e antiguidad. de Lisb. c. 29. Luiz Nun. no tratado que fez de Lisboa, e vem na *Hispania illustrata.*

cumvallação que se tomou, era grande, e elles sejaõ as partes principaes da defensa, por isso se tratou logo de fabricar a mayor parte delles, a qual está feita, por quanto as cortinas, ainda que se offerecesse occasiaõ de ataque, se poderiaõ levantar facilmente de terra, e formar de fachina huns parapeitos, que supprissem a sua falta, e podessem unir, e communicarse huns baluartes com outros.

19 O primeiro baluarte he o chamado do *Sacramento*, cabeça da fortificaçaõ, e por isso se ordenou com duas batarias, alta, e baixa. Determinou-se logo o baluarte collateral de *Nossa Senhora do Livramento*, o qual por corresponder ao sitio de Alcantara, fez entrar a fortificaçaõ para dentro; e no meyo da cortina destes dous baluartes se fez a porta principal da Cidade, onde vem desembocar a estrada de Santo Amaro.

29 Pelo mesmo modo se foraõ determinando os mais baluartes até chegar quasi a Nossa Senhora dos Prazeres, e dahi até o *Arco do Carvalhaõ* se fez sómente huma trincheira formada da mesma materia com varios redentes, porque por esta parte naõ era necessaria outra fortificaçaõ, cujos redentes se fizeraõ com angulos reintrantes, e salientes, como permittia a disposiçaõ do terreno.

21 O dito baluarte de *Nossa Senhora do Livramento* se dispoz de tal sorte, que a Igreja da mesma Senhora ficasse dentro delle, e assim se abrio hum postigo na face do tal baluarte para serventia da Igreja. A mesma devoçaõ observou o Senhor Rey D. Pedro II., o qual naõ consentio que o flanco do dito baluarte se continuasse mais para dentro, naõ obstante a grande defensa, que receberia disto a Praça; porque se se continuasse, faria damno á Igreja de Nossa Senhora das Necessidades. Tambem attendendo a naõ arruinarem o palacio do Conde de Sarzedas, dispozeraõ o baluarte superior de Campolide de fórma, que o domina, e serve de defen-

ſa ao damno , e expugnaçaõ , que das ditas caſas ſe poderia fazer.

22 Os baluartes que olhaõ para *Campolide*, todos ſe defendem huns aos outros , e flanqueaõ bem o terreno , no que ſe moſtra a boa diſpoſiçaõ , com que ſe intentou fortificar a Cidade por aquella parte , pela qual ſó podia ſer invadida ; e aſſim como na cortina , que cahe na eſtrada , que vem do ſobredito campo até o canto da quinta que foy dos Padres Jeſuitas , ſe havia de pôr huma das portas principaes da Cidade , por iſſo naquella parte ſe ordenaraõ os baluartes de modo , que os ſeus angulos flanqueados ſe retiraſſem da linha recta , ficando os dos extremos , a ſaber , da Fonte quente , e o do lado da quinta do Conde de Sarzedas , avançados à campanha , e os do meyo mettidos mais para dentro.

23 Quando o noſſo Engenheiro Manoel Mexia , ſendo chamado a eſta Corte , intentou tirar para dentro aquella fortificaçaõ , que vay de Noſſa Senhora dos Prazeres até o arco do Carvalhaõ , achando a difficuldade de cavar os foſſos , e enterrar os reparos , logo mudou de parecer , e approvou o que eſtava executado ; por iſſo no dito arco ſe nota a boa collocaçaõ , que tem no terreno natural , pois nelle eſtá bem mettido , por cuja cauſa o baluarte ficava da parte do Norte quaſi a nivel com o ſeu immediato para a meſma parte.

24 Nota-ſe no baluarte , que eſtá em cima do monte proximo ao meſmo arco , huma obra a cavalleiro , a qual ſe collocou alli a fim de poder ficar a nivel com o baluarte poſto na quinta do Conde de Sarzedas ; e além diſto ſe adverte , que no meſmo baluarte ſe fez huma ſerventia fechada de abobeda , a qual conduz para ſe chegar ao flanco , que ſe metteo muito no terreno por nivelar com o baluarte proximo ; e naõ ſe pode fazer em parte mais ſuperior por cauſa de poder flanquear hum valle , que vem do rio de Alcantara , e ſervia de aproche natural.

Para

25 Para flanquear o valle fronteiro ao mesmo arco se fazia hum redente à maneira de triangulo equilatero, o que naõ chegou a executarse. Tambem no baluarte, que está no sitio de Nossa Senhora dos Prazeres, se fez o seu angulo reintrante por naõ cahir o angulo flanqueado delle em huma parte, que lá se acha abatida. Na face do baluarte de Nossa Senhora das Necessidades, que olha para o rio de Alcantara, se applicou por baixo della huma berma por cauza de assentar este baluarte sobre huma pedreira alta. Finalmente continuada a dita fortificaçaõ se procedeo com desenho da marinha até ir terminar no baluarte da *Cruz da pedra*, que tambem serve de cabeça à Praça.

26 Esta fortificaçaõ ficou imperfeita, e como Mons. de Schomberg fez ver a demaziada área, que occupava a sua delineaçaõ, e que toda a gente, e artilharia do Reino era pouca para se distribuir por taõ grande recinto, naõ se cuidou muito nella, e o tempo a vay arruinando. Se se pozesse em praxe a idéa de Luiz Mendes de Vasconcellos, que assina no curioso Tratado do *Sitio de Lisboa* pag. 233. ficaria esta Cidade com huma fortificaçaõ vantajosa; e vem a ser, communicarse o rio de Sacavem com o de Alcantara, que para hum Monarca Portuguez naõ seria empreza difficil, e cercando toda a Cidade com este fosso de agua corrente, conseguiriamos a melhor defensa, que se póde imaginar.

§. IV.

Alentejo.

27 NEsta Provincia, em tempo de paz, ordinariamente ha dous Regimentos de Cavallaria, que guarnecem as Praças de Elvas, e Moura: ha mais dous de Dragões nas Praças de Campo-Mayor, e Olivença, com doze Companhias cada hum.

hum. Aloja tambem ſete Regimentos de Infantaria, e hum de Artilharia com dous batalhões cada hum de dez Companhias, em que entra hum de Granadeiros, além dos Auxiliares, e Ordenanças, de que ſe contaõ oito Terços. Saõ da ſua dependencia, e repartiçaõ as Praças, e Fortalezas ſeguintes.

Praça de Mertola junto ao Guadiana, que faz frente à Puebla de Guſman.

Praça de Serpa, a quem banha a ribeira de Chouchou, e cercaõ bons muros com cinco portas, e forte Caſtello. Pouco diſtante ha o ſalto do Lobo no Guadiana, que ſe lhe póde fazer ponte, e tres leguas para baixo tem o váo chamado do Lucas junto da Aldea da Corte do Garfo, onde póde paſſar Infantaria. Faz-lhe frente Paymogo.

Praça de Moura. Tem hum recinto muito grande, e hum Caſtello naturalmente defenſavel; porém os Caſtelhanos no anno de 1707 o demoliraõ, e a mayor parte das ſuas fortificações. Faz-lhe frente Xerez.

Praça de Béja em planicie eminente, e fortificada em figura circular com quarenta torres, e grande Caſtello.

Caſtello de Noudar ſobre o rio Mortigaõ.

Praça de Mouraõ de omenagem, e cercada com reducto inexpugnavel com ſua barbacã. Foy no anno de 1657 dominada dos Caſtelhanos, que demoliraõ, e arrazaraõ as caſas, mas reſtaurada brevemente, ſe conſerva com ſufficiente fortificaçaõ.

Praça de Olivença, huma das melhores do Alentejo. Conſta o ſeu recinto de nove baluartes, e oito revelins, e huma admiravel torre no Caſtello, onde ſe póde ir a cavallo. He memoravel a ſua grande ponte ſobre o Guadiana, que os Caſtelhanos tem arruinado algumas vezes.

Praça de Ferreira com Caſtello em pouca diſtancia da Villa para a parte do Sul.

Praça de Evora fortificada modernamente com doze baluartes, e dous meyos baluartes, com o forte de Santo Antonio de figura quadrada, que consta de quatro baluartes, e quatro revelins.

Praça de Villa-Viçosa cercada de muros com cinco portas, e hum forte Castello com fosso de cincoenta pés de fundo. No anno de 1665 a atacou o Marquez de Carracena com taõ pouca ventura, que perdeo mais de quatro mil homens na celebre batalha de Montes-Claros.

Praça de Jurumenha junto ao Guadiana fundada em sitio eminente, e forte por natureza, com bom Castello, que consta de dezasete torres. Faz-lhe frente Alconchel.

Praça de Estremoz cercada de dez baluartes, e hum redente. O Castello tem sua retirada com torre de homenagem, obra delRey D. Diniz, e por ser muito alto, serve de atalaya das fertilissimas campinas desta Villa. Seus antigos moradores prevenindo a falta de agua, que com algum cerco podiaõ padecer, fabricaraõ huma fortissima couraça de duplicados muros, por entre os quaes desce huma estrada encuberta continuada da muralha da Villa até o arrabalde, donde levavaõ ao alto agua de hum poço guardado com seu revelim, como affirma Luiz Marinho de Azevedo nos *Commentar. da guerra do Alentejo* liv. 1. pag. 39. Nesta Praça ha presentemente hum arsenal, ou armazem de toda a Provincia, obra digna da grandeza, e magestade delRey D. Joaõ V.

Praça de Elvas defronte de Badajoz, donde dista tres leguas, e de quem a divide o rio Cáya. Está situada em lugar eminente, cercada de duplicados muros, fóra dos quaes a tiro de mosquete está o grande Forte de Santa Luzia, que consta de quatro baluartes, e dous revelins, obra perfeitissima na arquitectura militar, e feita pelo insigne Cosmandel. Tem Castello fortissimo, e hum magnifico

gnifico aqueducto, memoravel pela fabrica incontrastavel de tres ordens de arcos, que dizem custaraõ mais de hum milhaõ. Conserva tambem dentro huma grandissima cisterna, onde lhe entra agua da celebre fonte da Amoreira. O Conde Duque de Olivares no anno de 1658 poz sitio a esta Praça com fortes linhas, e revelins; porém soccorida pelo Conde de Catanhede D. Antonio Luiz de Menezes, se venceo a celebre batalha chamada das Linhas de Elvas em 14 de Janeiro de 1659.

Castello de Barbacena.

Praça de Campo-Mayor fortificada com quatro baluartes, e cinco meyos baluartes, com os Fortes de S. Joaõ, e de Schomberg, e hum bom Castello, que póde servir de Cidadella. No anno de 1712 teve esta Praça hum rigoroso sitio, que lhe poz o Marquez de Bay com trinta e tres batalhões, e setenta esquadrões; mas a boa intelligencia, e valor do Conde da Ribeira, e do Brigadeiro Thomás da Silva Telles, que a presidiavaõ, obrigou aos Castelhanos a levantar o sitio depois de terem introduzido dentro mil e trezentas bombas, e dez mil e oitocentas e setenta balas no espaço de trinta dias, que durou o assedio. Ao presente se acha esta Praça fortemente reedificada por ordem delRey D. Joaõ V. depois que padeceo no anno de 1732 o fatal estrago, que lhe fez hum rayo cahido sobre a torre grande do Castello, em que estava o payol da polvora.

Castello de Ouguella situado em hum monte distante de Campo-Mayor huma legua.

Praça de Arronches, fronteira a Albuquerque, he cercada de muros, e barbacã, e tem hum Castello em lugar eminente. D. Joaõ de Austria no anno de 1661 a rendeo, e a tiveraõ os Castelhanos quasi dous annos, até que no de 1664 naõ a podendo conservar a desempararaõ. No anno de 1712 a pertenderaõ levar à escala, e lhe chegaraõ a arru-

mar

mar eſcadas na noite de 17 de Junho, o que naõ executaraõ.

Praça de Alegrete com ſeu Caſtello notavel, e boa Ciſterna.

Praça de Portalegre com fortificaçaõ antiga, e em ſitio irregular. Tem doze torres em igual diſtancia capazes de artelharia. No anno de 1704 a rendeo Filippe V. mas brevemente a largou.

Praça de Marvaõ inexpugnavel por natureza, ſituada no cume de huma ſerra, que terá quaſi huma legua de alto, ſervindo-lhe de muralha pela parte que olha a Portugal, as meſmas penhas, e pelo lado de Caſtella tem baſtante muro, e barbacã com Caſtello, e grande Praça de armas edificado por El-Rey D. Diniz, nem tem padraſto, que poſſa ſer offendido com artelharia. Dentro tem huma ciſterna da mayor grandeza, que ha no Reino, da qual ſe bebe; de ſorte que com pouca gente podem ſeus moradores defender Marvaõ de todo o poder de Caſtella. Pelas tres partes, Norte, Sul, e Poente, eſtá fundada ſobre huma viva rocha, que ſe vay a pique atê o fundo dos valles, taõ aſpera, que he impoſſivel haver ſerventia, nem a tem, e ſómente ſe ſerve o povo pela parte do Naſcente, por onde o monte he ſem penhas, mas vai-ſe fazendo o caminho em loros para facilitar a ſubida, e neſta parte eſtá huma fonte de muita agua, de que o povo bebe. Fica eſta Força, ou Praça diſtante huma legua da raya de Caſtella, e duas da Villa de Valença de Alcantara, primeiro Lugar della.

Praça de Caſtello de Vide fronteira a Valença de Alcantara. Tem hum forte Caſtello chamado de S. Roque bem guarnecido.

Ha neſta Provincia além deſtas outras Forças de menos conſideraçaõ, como he o *Crato*, *Terena*, *Monſarás*, *Monforte*, *Veiros*, *Montalvaõ*, e outros Caſtellos, de que naõ fazemos memoria eſpecial.

§. V.

Beira.

28 GUarnecem esta Provincia dous Regimentos de Infantaria, hum de Cavallaria, e outro de Dragões: mais huma Companhia de Infantaria da guarniçaõ de Buarcos, e da Figueira: duas de Artilheiros, com oito Terços de Auxiliares, e as Ordenanças. Da sua repartiçaõ saõ as seguintes Praças.

Praça de Rosmaninhal dista seis leguas de Castello-Branco. Hoje naõ tem fortificaçaõ consideravel mais que a que lhe fazem os rios Tejo, e Elja, que a cercaõ. D. Alvaro de Abranches fez nas ruinas das suas antigas muralhas hum reducto capaz de recolher a gente da Villa.

Praça, e Castello de Segura, obra delRey D. Diniz, edificado em sitio alto junto da raya Castelhana. Tem ponte sobre o Elja, cuja ametade he deste Reino, e a outra de Castella.

Praça, e Castello de Salvaterra do Estremo fronteiro da Villa de Sarça de Castella, de quem dista huma legua.

Praça, e Castello de Penagarcia situado sobre hum penhasco.

Castello de Idanha a Velha fica nas costas de Penagarcia, e quasi no meyo do rio Ponsul.

Praça, e Castello de Monsanto, que tem por opposto o de Trebejo. Póde defenderse com quatro homens de todo hum exercito, porque está fundado no cimo de huma aspera montanha, onde se naõ póde subir mais que por hum só caminho, o qual faz muitas voltas, e rodeios por entre grandes penedias.

Castello de Belmonte. Os senhores deste Castello, que

que saõ os Cabraes, lograõ o privilegio de naõ darem homenagem, quando tomaõ posse delle.

Praça de Penamacor. Faz-lhe frente Moraleja. He cercada de muros, e vistoso Castello, obra de D. Galdim Paes, fundado em huma aspera eminencia, que domina todo o terreno das suas campinas. He esta a principal Praça da Beira baixa.

Praça de Castello-Branco cercada de fortes muralhas com quatro portas, e sete torres, entre as quaes ha huma de sete quinas, a que chamaõ da homenagem. O seu alto Castello he inexpugnavel, e de fabrica antiga. No anno de 1704 foy invadida pelas Tropas delRey Filippe V. que a senhorearaõ, mas por pouco tempo lograraõ o seu dominio.

Castello do Sabugal com sua torre muito alta, e cinco quinas, obra delRey D. Diniz.

Praça de Sortelha, forte por natureza, por ser o seu sitio em alto penhasco, e tambem por arte, pois está cercada de bons muros, e inexpugnavel Castello.

Praça de Alfayates em sitio elevado com muros, e trincheiras sufficientemente defensaveis. Tem seu Castello dentro do recinto, e fóra huma atalaya. Antigamente foy da Coroa de Castella, e se chamava *Castillo de Luna*, o qual se desfez, e ElRey D. Manoel o mudou para o sitio, em que hoje está. Sendo General da Beira Fernaõ Telles, foy esta Praça cercada em gyro com muros, e baluartes, em cujas cavas se acharaõ moedas antigas de prata, e cobre: hoje he huma das principaes Praças da Provincia.

Castello de Villar-Mayor junto do rio Coa da parte do Poente.

Castello Mendo junto do mesmo rio.

Castello Bom.

Praça de Almeida cabeça da Provincia quanto ao Militar, onde assiste o Governador, e está a Vedoria. Dista do rio Coa meya legua. Tem fortifi-

caçaõ regular com tudo o preciſo para a boa defenſa, com gente, muniçaõ, armamento, bons foſſos, e bons quarteis. No meyo da Praça, onde faz o terreno mayor elevaçaõ, ſe vê o ſeu famoſo Caſtello, donde ſe deſquartinaõ terras de onze Biſpados, e onde eſtá o armazem da polvora feito a prova de bomba; e poço de agua nativa muito boa. Faz-lhe frente Ciudad Rodrigo.

Fortaleza de Almendra junto ao rio Agueda.

Praça de Caſtello Rodrigo em ſitio alto, e forte, cercada de muros com duas portas, e hum Caſtello com ſuas torres. Fica-lhe fronteiro o Caſtello de S. Felis.

Praça da Guarda cercada de muros de cantaria com ſeis portas, e varias torres, e hum Caſtello no mais alto da Cidade.

Praça de Pinhel fica na ladeira de hum monte, e tem bom recinto de muros de cantaria com ſeis portas, forte Caſtello com duas torres muito altas, obra delRey D. Diniz.

Tem mais eſta Provincia outras muitas Forças, e Caſtellos, como ſaõ o de *Marialva*, *Moreira*, *Penedono*, *Freixo de Nemaõ*, *Cernancelhe*, *Trancoſo*, *Celorico*, *Linhares*, *Cabriz*, *Germões*, a mayor parte delles mettidos pelo certaõ; e as Fortalezas de *Aveiro*, *Figueira*, e *Buarcos*, onde fazem foz os rios *Vouga*, e *Mondego*, todas ſufficientemente defenſaveis.

§. VI.

Minho.

29 FOrma-ſe a guarniçaõ deſta Provincia de dous Regimentos de Infantaria, e do preſidio, que tem o Caſtello da barra de Vianna, com oito Terços de Auxiliares, e as Ordenanças. A Cidade do Porto ſuſtenta, e paga hum Regimento de

 In-

Infantaria, e os muitos Fortes, que comprehende a sua marinha. Comprehendem-se na sua dependencia os seguintes Fortes, e Praças.

Praça de Melgaço na raya de Portugal, que a divide de Galiza o rio Varzeas. Tem por fronteiros os Lugares de Crecente, Fornelos, e outros. O seu Castello he defendido com huma barbacã, e tres meyos baluartes em gyro. Toda a mais fortificaçaõ he muito irregular, porque o terreno cheyo de penhascos assim o permitte. He esta a ultima terra do Reino por aquella parte.

Praça de Valladares.

Praça de Monçaõ junto das ribeiras do Minho, e fronteira à Villa de Salvaterra do Reino de Galiza. ElRey D. Diniz a cercou do muro alto, e ElRey D. Joaõ II. do mais baixo com baluartes muito fortes, e quatro portas, na principal das quaes lhe poz a divisa do Pelicano. Tem hum inexpugnavel Castello, e exquisitamente collocado sobre penhascos. Nas Chronicas antigas foy chamado o Castello do Minho.

Castello de Lapella fronteiro a Arentei.

Castro laboreiro fronteiro ao Castello da Lobeira, e Concelho de Instrimo.

Praça de Valença muito bem fortificada ao moderno, e com algumas obras pelo metho de Monsieur de Vauban, insigne Engenheiro. Fica fronteira à Cidade Galiziana de Tuy na distancia de meyo tiro de canhaõ. Está bem presidiada de gente, artelharia, muniçóes, e agua dentro das muralhas, que se tira do poço de S. Vicente.

Praça de Villa-Nova de Cerveira opposta ao Forte de Gayaõ presidio Castelhano. Está fortemente defensavel com bons baluartes, muralhas, e Castello. Para a parte, que olha para Valença, está o Forte de S. Francisco, cujos baluartes, e plataformas saõ do feitio de hum pentagono, e defronte des-

deste Forte está huma Atalaya, que domina todo o terreno da Praça, a qual tem de presidio tres Companhias de Infantaria paga.

Praça de Caminha situada entre os dous rios Minho, e Coura. Descobremse-lhe tres fortificações, e a mais moderna cerca a mayor parte da Villa com muralhas de alvenaria, fosso, e contra-escarpa muito bem defensavel. Fica-lhe opposta a Villa da Guarda, e os Lugares de Tamugem, Rosal, e outros de Galiza.

Fortaleza de Santo Antonio defronte da barra de Caminha, de figura quadrada, com dous baluartes inteiros, e dous meyos baluartes. He esta Fortaleza cercada do rio Minho, e a faz quasi insula, ou insoa, conforme vulgarmente lhe chamaõ.

Forte de Ancora junto ao mar da Villa de Caminha, e na barra, que alli fórma o rio Ancora. El-Rey D. Pedro II. commovido das queixas dos moradores daquelles contornos de ser aquella enseada couto dos Mouros, mandou fazer este Forte, a que presentemente chamaõ da *Lagarteira*.

Forte de Porto de Caõ junto do mar.

Forte de Montedos.

Castello de Santiago sobre a barra de Viana composto de cinco baluartes, dous revelins, e fosso aquatico aberto em rocha viva. Antonio do Couto de Castello-Branco no tom. 1. das *Memorias Militares* pag. 290. lembra-se de hum Castello chamado de Santa Barbara nesta mesma barra, que entendo he equivocaçaõ.

Praça de Viana cercada de fortes muros com cinco portas, e sufficiente presidio de gente paga.

Castello de Neiva.

Forte de S. Joaõ de Espozende.

Forte de Nossa Senhora da Assumpçaõ na barra da Villa do Conde com cinco baluartes artilhados, obra do celebre Engenheiro Filippe Terzo Italiano.

Forte de Matozinhos.

For-

Forte dos Leixões.

Castello de S. João da Foz na barra da Cidade do Porto com quatro baluartes, e fosso aberto na rocha.

Praça do Porto cercada de muros de cantaria de vinte e quatro pés de alto com vinte e seis torres quadradas. Tem esta Praça presidio separado das mais Provincias, que consiste em hum Regimento de Infantaria, e disposição para quatro Terços Auxiliares.

§. VII.

Traz os Montes.

30 AS Tropas desta Provincia são compostas de dous Regimentos de Infantaria, hum de Cavallaria, e outro de Dragões, com cincoenta e tres Artilheiros, e seis Terços de Auxiliares, além das Ordenanças. Comprehende as Praças, e Forças seguintes guarnecidas militarmente.

Praça de Chaves fronteira na distancia de tres leguas da Praça de Monte-Rey Galiziana. He cercada de muros reedificados à moderna, com tres baluartes, e dous meyos baluartes, e alguns Fortes. Neste anno de 1762 se apoderou della o Marquez de Sarria Castelhano sem resistencia alguma.

Forte de S. Noutel com quatro baluartes.

Forte de S. Francisco em fórma de Cidadella com quatro baluartes.

Praça de Montalegre.

Praça de Monforte do rio livre.

Forte de Vilharelhos.

Praça de Vinhaes.

Praça de Bragança fronteira quatro leguas da Puebla de Sanabria.

Forte de S. João de Deos, de pouca defensa.

For-

Forte de Santo Antonio.

Castello de Vimioso fronteiro a Alcaniças.

Castello de Outeiro fronteiro a C,amora.

Praça de Miranda fronteira a Carvalhaes. A fortificaçaõ mais segura, que tem esta Cidade, he o Forte, que fica entre o Norte, e Nascente contiguo à mesma Praça. No anno de 1710 esteve ella prizioneira pelo Marquez de Bay quasi nove mezes, até que o Conde de Atalaya D. Joaõ Manoel naõ só a restaurou, mas lhe tomou toda a guarniçaõ, que os Castelhanos lhe tinhaõ introduzido. Neste anno de 1762, succedendo na Praça o desastre de pegar fogo em huns barris de polvora, que fez arruinar as muralhas, se lhe introduzio injusta, e iniquamente o Marquez de Sarria com hum destacamento, sem haver mais resistencia da nossa parte.

Praça de Freixo *de Espadacinta.*

§. VIII.

Algarve.

31 COmpoem-se este Presidio de dous Regimentos de Infantaria, e hum de Cavallaria. Ha mais dous Terços de Auxiliares com as Ordenanças, que tudo governa o Gorvenador desta Provincia, e Reino, que na sua ausencia substitue o Bispo. Consta das Praças, e Fortes seguintes.

Forte da Carrapateira.

Fortaleza de Sagres.

Cabo de S. Vicente. Sobre huma ponta muito escarpada está hum Mosteiro fortificado, e tem artilharia.

Forte de Nossa Senhora da Guia.

Forte de Santo Ignacio do Azevial.

Forte da Vera Cruz da Figueira.

Forte de S. Luiz de Almadem.

Forte de Nossa Senhora da Luz situado sobre huma lagem pouco mais alta que o mar, e distan-

tè de Lagos huma legua para o Poente.

Fortaleza de Lagos, a que chamaõ da *Bandeira*.

Fortaleza, *ou Castello de Pinhaõ*.

Praça de Lagos cercada de nove baluartes para a parte da terra, e de cinco reductos para a banda do rio.

Forte de Alvor com seu Castello junto do mar.

Forte de S. Joaõ, *e de Santa Catharina*. Estas duas Fortalezas estaõ na barra de Villa-Nova de Portimaõ, huma de cada banda com suas batarias para a parte do mar, e baluartes para a terra.

Forte de Pera.

Forte de Nossa Senhora da Incarnaçaõ no Cabo de Carvoeiro.

Forte de Nossa Senhora da Rocha sobre hum alto, que sahe ao mar.

Praça de Albofeira presidiada com huma Companhia de soldados pagos, e murada, com seu Castello, armazem de polvora, e mais petrechos de guerra.

Fortaleza de Valongo, legua e meya de Albofeira, com duas torres chamadas da *Zimbeira*, e *Val de Porcarisso* guarnecida de gente, e artilharia.

Forte de Santo Antonio da Quarteira.

Praça de Faro.

Fortaleza de S. Lourenço.

Forte de Tavira.

Praça de Alcoutim fronteira a San Lucar.

Praça de Castro-Marim fronteira a Ayamonte. Contém mais outros Fortes tambem artilhados, mas de menor consideraçaõ.

§. IX.

Das Forças navaes.

32 NAs Armadas foy Portugal sempre temido, e estimado, e por ellas floreceo nos descubrimentos de innumeraveis terras Orien-

taes, e da America em grande augmento, e respeito do seu dominio. O conceito, que os Soberanos Reys Portuguezes sempre fizeraõ de que as armadas eraõ a segurança da Monarquia, extensaõ do Imperio, e terror dos inimigos, os animou a conservar opulentos esquadrões navaes, como largamente escrevem nossos Historiadores. (1)

33 Nesta vigilancia parece que excedeo a todos seus antepassados ElRey D. Joaõ III. Principe de paz guerreira, pela boa ordem, com que manteve em todo o seu reinado huma Armada viva de vinte navios fortes, que andavaõ todo o anno à vista da terra em guarda costa. Repartiaõ-se tres para Cascaes, quatro para Atouguia, quatro para Caminha, quatro para Lagos, dous em Villa-Nova, e tres em Cezimbra.

34 Além desta Armada havia outra de quatro galeões muito grandes, e bem fornecidos, que andavaõ gyrando mais avançados ao mar. Quando era monçaõ de virem as Frotas, passavaõ à altura das Ilhas dez navios com tres grandes náos de guerra, e vinhaõ conduzindo as Frotas da India, Brasil, Minas, S. Thomé, e Cabo-Verde, que ordinariamente com esta segurança chegavaõ ao porto de Lisboa com felicidade, e sem sustos. (2)

35 Porém nos tempos presentes ainda que naõ imitamos o grande poder, que os Soberanos Reys desta Monarquia conservavaõ sobre os mares, conserva

---

(1) Far. tom. 3. da Asia, onde exhibe hum Catalogo de todas as Armadas, que sahiraõ da barra de Lisboa para as Conquistas em varios tempos. Outro mais accrescentado expende Fr. Manoel Homem no livro intitulado *Memoria da disposiçaõ das Armas Castelhanas* c. 28. porém o mais exacto, e completo he o que conserva Francisco Luiz Ameno, ordenado por elle mesmo, pelos livros do Registo das Armadas da Casa da India. Sobre este ponto pódem os curiosos ver a Severim de Faria nas Notic. de Port. disc. 2. §. 15. (2) Fr. Man. Homem allegado p. 149.

ſerva todavia Portugal ainda os meſmos admiraveis portos, ribeiras, e arſenaes capaciſſimos para a factura, e apreſto de toda a copia de náos, em Liſboa, em Setubal, na Villa de S. Martinho, em Aveiro, no Porto, e em Viana, ſem fallar nos admiraveis eſtaleiros da America, e mais Conquiſtas, nem nas ſuas excellentes madeiras, fortiſſimas, e incorruptiveis.

36 Permanece a grande providencia, e proviſaõ de todo o armamento, munições, e petrechos militares, com que ſe acha prevenido. Sobre tudo permanece ainda o grande valor, e brio no coraçaõ dos Portuguezes, que vale mais que tudo: donde naõ devemos temer na occaziaõ preſente o grande numero de ſoldados, com que Caſtella ſoberba injuſtamente pretende arruinarmos; porque o forte braço de Deos, que he o que dá as victorias, enfraquecerá as ſuas forças. Como o noſſo juſtificado, e recto fim ſe encaminha à conſervaçaõ, e defenſa da propria liberdade, faz-ſe digno, e capaz de o favorecer Deos, e com o auxilio Divino naõ ha que recear exercitos inimigos, como diz David no *Pſalmo* 36.

CAPITULO IV.

Do valor militar, e memoria de alguns Portuguezes mais inſignes em armas.

1 EM todos os tempos foraõ os Portuguezes reputados por gente valeroſiſſima, e ornados de ſingular diſpoſiçaõ para o exercicio das armas: aſſim o moſtra com toda a evidencia Antonio de Souſa de Macedo no cap. 14. do ſeu curioſo li-

vro das *Excellencias de Heſpanha*; pois ſendo certo havermos guerreado tantos centenarios de annos com differentes nações, ainda que algumas nos ſujeitaraõ, foy taõ grande a noſſa reſiſtencia, e esforço, que à cuſta de innumeraveis batalhas nunca perdemos a opiniaõ do marcial eſpirito.

2 Os Romanos, cuja naçaõ julgaõ todos haver ſido a mais bellicoſa, e formidavel, e a quem foy ardua empreza ſobmetter debaixo do ſeu jugo o peſcoço Luſitano, (e ainda aſſim nunca bem domado) acreditaraõ tanto noſſo valor, que nas Provincias mais remotas, e menos ſeguras do ſeu Imperio eſcolhiaõ para preſidio ſempre ſoldados Portuguezes. (1)

3 A fama deſta intrepidez, e animoſidade nativa dos Luſitanos he taõ indubitavel, que naõ ſó ſe prova com o teſtemunho dos Eſcritores mais conſpicuos, mas com a authoridade expreſſa, e incorporada em hum texto de Direito *in Leg. Nam & Servius* 21. *ff. de Negot. geſtis*, onde ſe adverte o glorioſo coſtume, que tinha-mos de vencedores. (2) Naõ com menos credito conſervamos o nome na invaſaõ dos Barbaros, e tyrannia dos Africanos.

4 Com o meſmo venturoſo exercicio derivado a quaſi todos os Monarcas, e Principes Portuguezes paſſámos a caſtigar a Berberia, a conquiſtar, a deſcubrir, e a ganhar novas terras na Aſia, e hum novo mundo na America. Quem quizer formar conceito das valeroſas acções dos Portuguezes, (diz hum douto Eſcritor) (3) lea o livro dos *Parallelos dos Varões illuſtres de Portugal*, em que conſideradas as longas terras, que os noſſos conquiſtaraõ; os immenſos mares, e promontorios, que romperaõ; os Ceos,

(1) Monarq. Luſit. liv. 5. c. 24. (2) *Ubi jam tunc temporis aſſueti erant Luſitani victorias reportare.* Vide Peg. Forenſ. tom. 4. pag. 437. (3) Bluteau no Vocab. Portug. verb. *Valor.*

Ceos, e estrellas novas, que descubriraõ; as sedes, fomes, frios, calmas, e doenças que soffreraõ; gentes feras, barbaras, e bellicosas, que domaraõ; famosos cercos, que defenderaõ; Praças que expugnaraõ; batalhas que deraõ; victorias que conseguiraõ sem parar, sem tornar atraz, e indo sempre avante, justamente os compara o Author (1) com os mayores Heroes da antiguidade.

5 Obrigou a experiencia constante deste caracter a dizer Luiz Vertemano, natural, e Senador de Veneza, que depois de haver gyrado por todo o mundo, e militado em varias partes, naõ encontrara em todo elle gente mais valerosa, e esforçada que a Portugueza. (2) Do mesmo parecer he Magino, (3) e igual justiça se naõ atreveo a tirarnos o celebre Jeronymo Franchi Conestagio, Genovez, pouco affecto à nossa gente, pois no livro, que estampou em lingua Italiana com o titulo: *Uniaõ de Portugal a Castella*, chegou a dizer o seguinte:

6 ,, Verdadeiramente he digna de grande louvor esta Naçaõ, pois naõ tendo mais que hum pequeno, e esteril Reino, com a boa instituiçaõ, com a parcimonia, e com a virtude de alguns de seus Reys, naõ sómente se igualou a todos os Reinos de Hespanha, porém gloriosamente sustentou a guerra muitos annos contra Castella, Reino mais rico, e poderoso que Portugal. O mesmo esforço mostrou tambem longe de sua casa, assim em Africa, como na India, naõ só por haver alcançado o fim de sua estupenda, e admiravel navegaçaõ, que ao principio foy reputada por temeraria, e louca pelos mais sabios, e entendidos, como tambem por haver dado nas ,, di-

(1) He este Author Francisco Soares Toscano, que fez imprimír o tal livro em Evora no an. de 1623. (2) *Ego universum terrarum Orbem peragravi, multis sæpè bellis interfui, sed hac gente Lusitanorum fortiorem vidi neminem.* Apud Joaõ Salg. de Araujo nos Success. Milit. liv. 2. p. 85. vers. (3) Magin. in nov. Geograph. §. *Portugal.*

„ ditas partes grande prova de ſeu valor nas armas,
„ e tal, que muitas das acções, que fizeraõ com
„ ellas, attribuiraõ os Hiſtoriadores a milagre pe-
„ la deſigualdade, com que as faziaõ: e nas bata-
„ lhas navaes, e defenſa das Fortalezas ſe moſtra-
„ raõ ainda mais valeroſos, que em todas as outras
„ couſas, &c. (1)

7 Confirmaõ todo eſte conceito Eſtevaõ de Garibay no Compendio da Hiſtoria de Heſpanha, Sandoval na Hiſtoria do Imperador Carlos V. Fr. Antonio de S. Romaõ na Hiſtoria geral da India, (2) e outros muitos mais, que naõ ſeria difficil allegar, o que evitamos por ſer eſte hum ponto, que naõ neceſſita de muita ſatisfaçaõ, e ſeria dilatarnos demaſiadamente contra o methodo que temos ſeguido; mas em recompenſa de mais authoridades paſſemos às acções dos meſmos Portuguezes executadas em varios ſucceſſos de armas honroſos, e memoraveis.

8 *D. Affonſo de Albuquerque*, ſegundo Vice Rey da India, e Heróe da primeira claſſe, taõ grande, que todos os titulos, e epithetos honorificos juntos ſaõ poucos para explicar o eminente gráo da ſua heroicidade. Eſcureceraõ as ſuas acções as mais celebres dos antigos. Foy Heróe capaz de metter de poſſe do mundo todo ao Monarca Portuguez. A elle ſe deve o eſtabelecimento do Imperio Aſiatico Luſitano, onde ſempre com valor incanſavel, e forças deſiguaes fez tremer o Perſa, atropellar o Camorí, render o Malabar, enfrear o Turco, affugentar o Idalcaõ. Igual no vencimento à ſua eſpada foy a ſua fama, pois entrando em Goa de volta da tomada de Malaca, achou nella aos Embaixadores dos Reys de Maldiva, de Vengapor, e de Calecut, que em obſequio, e reconhecimento da ſua potencia ſe lhe mandaraõ ſujeitar, e entregar eſpontaneamente.

---

(1) Coneſtagio lib. 1 p. 12. (2) Garib. tom. 4. liv. 35. cap. 16. Sandov. part. 2. liv. 22 §. 4. Roman. liv. 1. c. 16.

mente. A eſte exemplo ſe lhe offereceraõ tributarios outros Reys amedrontados com taõ formidaveis ſucceſſos. No mar da Arabia abrazou trinta náos mercantís inimigas, que eſtavaõ no porto de Adem. Suſtentou, e metteo de poſſe de varios Reinos a muitos Reys amigos, e edificou muitas Fortalezas com grande diſpendio. Determinou mudar a corrente ao Nilo para eſterilizar as terras do Turco, e aſſollar o ſepulchro de Mafamede para extinguir os ſeus ſequazes. Neſtas duas bem premeditadas emprezas faltoulhe a vida, naõ o animo. Obrou o Ceo prodigios em ſeu favor, já moſtrando-lhe nas nuvens ſobre o eſtreito do mar Roxo para confiança da vitoria o final da Cruz, como a outro Conſtantino, e Affonſo I. Rey de Portugal, já na expugnaçaõ de Ormuz, fazendo reciprocarſe, ou voltarſe no ar as meſmas ſettas dos Perſianos contra elles proprios. No fim de tantas fadigas, e acções glorioſas teve poder a calumnia para o tirar do throno, e governo da India, onde havia entrado deſde o anno de 1509, e entregue a ſeus proprios accuſadores, para eſte ultimo golpe, em poucas horas de ſentimento à viſta de Goa, recebidos os Sacramentos da Igreja aos 16 de Dezembro de 1515 lhe cortou a injuſta Parca os fios daquella honrada vida, taõ merecedora de ſer immortal, como a ſua fama. Jazem ſeus oſſos no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Religioſos Agoſtinhos em Liſboa deſde 19 de Mayo de 1566, porque antecedentemente havia eſtado ſeu reſpeitoſo cadaver em depoſito na Ermida da Conceiçaõ, que elle mandara edificar em Goa, donde naõ queria ElRey D. Manoel que vieſſe, dizendo eſtava ainda com elle depois de morto ſegura a India. (1)

Affon-

(1) Aubert. Miræus in Chron. ad an. 1515. Maff. liv. 2. 4. e 5. Barbud. Emprez. Milit. liv. 5. e 6. Far. tom. 1. Aſia Portug. e nos Comment. das Luſiad. cant. 1. p. 118. Ann. Hiſtor. tom. 2. p. 498. e tom. 3. p. 478. e 590.

9 *Affonso Furtado de Mendoça*, General de Cavallaria, foy dotado de espirito intrepido, e sciencia militar. Do seu valor dependeraõ varias facções gloriosas das armas Portuguezas. Na celebre batalha do Ameixial obrou proezas dignas de eterna memoria. Foy açoite dos Castelhanos, e tambem o seu destroço, especialmente na ruina do novo Forte da Aldeya do Bispo. (1)

10 *D. Affonso de Noronha*, sobrinho do grande Affonso de Albuquerque, e de quem pelo vinculo do sangue herdara a igualdade do valor. Havialhe ElRey D. Manoel feito a mercê antecipada de Capitaõ, e Governador da Fortaleza de Zocotorá, Ilha estendida na boca do estreito do mar Roxo, e dominada por ElRey de Caxem na Arabia fronteira da Ilha. Esta honrosa promessa, e glorioso annuncio obrigou a D. Affonso a fazer mais activa a diligencia da posse. Chegou alli no anno de 1508, e sendo o primeiro que saltou em terra, como achasse resistencia, e pouca attençaõ no Xeque, por entre balas, e pedras rompeo de sorte furioso, e valente, que com sua mesma lança derribou ao Governador, e entrou no Castello, achando-se nesta perigosa empreza acompanhado de seis homens unicamente. Os Mouros, que eraõ oitenta, defenderaõ-se com tanta constancia, que naõ quizeraõ admittir outro partido, senaõ o da morte. Deu-lhe posse da Fortaleza Tristaõ da Cunha, onde esteve D. Affonso governando até o anno de 1510, em que achando-se na India, e tomando huma rica náo de Mouros, veyo a perecer no seyo de Cambaya à furia de huma tormenta. (2)

11 *D. Alvaro de Abranches* foy hum dos Fidalgos Portuguezes dotado de grande espirito, a quem se deveo tambem o bom exito da feliz acclamaçaõ del-

---

(1) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 2. e 3. (3) Faria na Asia tom. 1. p. 99. e 131.

delRey D. Joaõ IV. Elle foy o primeiro, que naquelle glorioſo, e memoravel dia pegando, e arvorando bandeira da Cidade, animou a todos a que o ſeguiſſem, e acclamaſſem o novo Rey libertador da patria. Elle o primeiro, que tomou poſſe do Caſtello de Lisboa, obrando a generoſa acçaõ de ſoltar a Mathias de Albuquerque, e Rodrigo Botelho, Conſelheiro da Fazenda, que alli eſtavaõ prezos. Elle o que governou as armas na Provincia da Beira, onde obrou acções dignas do ſeu valor, como foraõ abrazar, e ſaquear varias Villas de Caſtella, e outras operações, que ficaráõ exemplo à poſteridade na eſclarecida memoria de ſeu nome. (1)

12 *Alvaro Gonçalves Coutinho*, chamado o *Magriço*, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro Marichal do Reino, e irmaõ do primeiro Conde de Marialva, foy hum daquelles doze celebrados Portuguezes, que paſſaraõ a Londres para defenderem em publico deſafio as Damas de Palacio affrontadas de humas palavras injurioſas, que certos Cavalheiros Inglezes diſſeraõ contra ellas, as quaes por conſelho do Duque de Alencaſtro Joaõ de Gante, os convidaraõ, e elles admittiraõ com grande goſto o combate, o qual ſuccedeo no anno de 1390, vencendo aos doze Inglezes com grande credito da naçaõ Portugueza. O famoſo Magriço depois de acabar a primeira façanha, ſe foy a Flandes, e lá em outro deſafio, ſegundo o coſtume daquelle tempo, por ſervir a Condeſſa daquelle Eſtado, matando hum valeroſo Francez chamado Monſ. de Lanſay, lhe tirou hum collar de ouro, que o Francez trazia ao peſcoço, e o lançou ao ſeu por troféo da vitoria. (2) Os outros companheiros de Magriço foraõ os ſeguintes.

(1) Menez. Portug. Reſtaur. tom. 1. p. 104. 254. e 418 Salgad. Succeſſ. Milit. liv. 3. c. 30. & ſeq. (2) Alguns Eſcritores tem eſta acçaõ por fabuloſa; porém Manoel de Faria commentando a eſt. 43. e 50. do cant. 6. de Camões, a julga verdadeira, e allega a Manoel Soeiro nos Annaes de Flandes, que a refere.

I. *Alvaro de Almada*, chamado o *Justador.*

II. *Alvaro Mendes Cerveira.*

III. *Alvaro Vaz de Almada*, o qual em Normandia com acções valerosas conseguio o titulo de Conde de Abranches, e a insignia da Ordem da Jarretea em Inglaterra. Vindo depois para Portugal, o mataraõ na batalha de Alfarrobeira, seguindo o partido do Infante D. Pedro. Lembra-se delle Duarte Nunes na *Descripçaõ de Portugal* cap. 87.

IV. *Joaõ Pereira Agostinho*, filho de Gil Vaz da Cunha, senhor de Basto, e sobrinho do Condestavel o Veneravel D. Nuno Alvares Pereira.

V. *Lopo Fernandes Pacheco*, irmaõ do progenitor dos Duques de Escalona.

VI. *Luiz Gonçalves Malafaya.*

VII. *Martim Lopes de Azevedo.*

VIII. *Pedro Homem da Costa.*

IX. *Ruy Gomes da Silva.*

X. *Ruy Mendes Cerveira.*

XI. *Soeiro da Costa*, o que na Africa deu nome ao rio, que hoje conserva.

13. *André de Albuquerque Ribafria*, natural da Villa de Cintra, donde foy Alcaide mór, e Commendador na Ordem de Christo, Heróe de illustre, e immortal fama. Foy Fidalgo de grandes prendas, e na disciplina militar fez hum muito distincto progresso, porque primeiro aprendeo a obedecer promptamente na simples praça de soldado voluntario em a guerra Brasilica, e depois a mandar com sabia prudencia nos honrosos cargos até o de Mestre de Campo, em cujo exercicio sempre foy amado, e respeitado. Nelle o valor nunca chegou a temeridade, nem a prudencia a timida circunspecçaõ. Acomettendo a Villa de Alconchel, cujos valerosos resistentes obrigados das nossas armas se haviaõ refugiado em huma Igreja, na qual o incendio se atrevia já aos Altares, André de Albuquerque meditando o sacrilegio do fogo, fez tregoas por tres horas, e com

com zelo impaciente, lançando-se por entre as chammas, libertou do meyo dellas o sagrado deposito do Sacramento; e continuando outra vez o ataque, fez render o Castello, e a Villa. Com o mesmo animo arruinou o Castello da Codiceira, e abrazou, e saqueou os arrebaldes de Albuquerque. A'vista de Arronches em huma sanguinolenta batalha derrotou as Tropas de Badajoz, cativando setecentos cavallos, e ficando deste choque mortalmente ferido, e atropellado dos nossos mesmos esquadrões, tanto que se restituio com os remedios ao primeiro acordo, perguntou se tinha vencido. Tal era a ambiçaõ da gloria militar, e o zelo da patria, que residia em seu generoso peito. Sendo General da Cavallaria ganhou com tanta felicidade a Villa de Salvaterra, que só lhe custou as vidas de tres soldados. Na interpreza de Oliva, em que os Castelhanos se entregaraõ no fim de tres dias, desamparando casas, filhas, e mulheres, obrou André de Albuquerque huma piedosa magnanimidade, preservando com cautela particular a fragilidade do sexo da liberdade dos soldados. Finalmente na campanha, e batalha das Linhas de Elvas intentando render hum Forte, e arremeçando-se a tocar com a bengala a estacada do inimigo, ao levantar do braço recebeo huma balla, que atravessando-lhe o peito, lhe tirou a vida aos 14 de Janeiro de 1659, tendo trinta e nove annos de idade. Ficou seu corpo depois de morto ainda immovel sobre o cavallo, mostrando constante a fortaleza de seu coraçaõ, que até desanimado resistia aos perigos. (1)

14 *André Furtado de Mendoça* foy hum tal Heróe Portuguez, que, como diz Mons. de la Clede, desde os primeiros alentos da vida cuidou sempre em ser homem grande, e de viver memoravel nos

(1) La Clede, Histoir. de Port. tom. 8. ad ann. 1659. Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. e 2. e outros apud Barbos. Bibl. Lusit. tom. 1. e Fast. da Lusit. tom. 1. p. 175.

faſtos dos que ſouberaõ diſtinguirſe pelo brio, valor, prudencia, generoſidade, e nobre deſintereſſe, que tanto luſtre dá à verdadeira virtude. Militou na India, e a governou algum tempo, e infinitas vezes ſoube grangear naquelle Eſtado naõ ſó o renome de *Grande Capitaõ* por antonomaſia, mas o terror em todos os Indios. No vice-reinado de Mathias de Albuquerque deſtruio a Cidade, e matou o Rey de Jafanapataõ; alimpou os mares de Malabar de Corſarios inimigos; ganhou muitas Fortalezas aos Turcos, fez tributarios a muitos Reys, defendeo prodigioſamente com pouca gente, e enferma a Cidade de Malaca do poder de ſete Reys Mouros, que a cercaraõ juntos com as Tropas dos Hollandezes: finalmente naõ houve parte na India, onde naõ introduziſſe o reſpeito, e antigo terror das armas Portuguezas. Vindo para Portugal morreo no mar aos 15 de Abril de 1609, e ſeus oſſos foraõ depoſitados com a pompa conveniente a ſeu illuſtre naſcimento no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa. (1)

15 *André Vidal de Negreiros*, valente, e deſtriſſimo Meſtre de Campo na Bahia, e Governador de Pernambuco, ſoube unir o brio com a prudencia, e uſar das occaſiões com a prevençaõ dos futuros. Deſtruio os Hollandezes em Pernambuco, e Paraiba, libertando aquelles opprimidos povos das hoſtilidades, que os hereges commettiaõ. Na celebre batalha dos Goararapes foy elle o primeiro, que começou a pelejar com tal impulſo, que desbaratou os eſquadrões inimigos, e ſe lhe deveo grande parte daquella victoria. (2)

16 *Anna Fernandes* fez celebre, e eternamente lembrado o ſeu nome, quando no cerco de Dio obrou

(1) La Clede tom. 6 Hiſtoir. da Portug. Far. na Aſia. Menez. na Malac. Conquiſtad. l. 10. eſt. 123. (2) Menez. Portug Reſtaur. tom. 1. De la Cled. tom. 7. ad ann. 1653. Rocha Pita Hiſtor. da America liv. 6.

obrou acções filhas do mayor valor. Vendo que aos ſoldados cançados com as fadigas inceſſantes na violenta porfia do ataque ſe lhe hiaõ diminuindo as forças, naõ ſó os animava, mas fazendo-ſe Capitaõ de outras mulheres, acudia às obrigações dos ſoldados com ardor, e diligencia de Heroina, executando outras acções memoraveis, que referem as noſſas Hiſtorias. (1)

17 *D. Antaõ de Noronha*, meyo irmaõ do Marquez de Villa-Real, governando a India com o titulo de vigeſimo ſegundo Vice-Rey, foy hum dos Heroes, que eſtabeleceo para ſempre a ſua fama nas glorioſas acções, que obrou. Extinguio as barbaras hoſtilidades do Idalcaõ, vencendo-o com forças muito deſiguaes em huma obſtinada batalha; e ganhando em outra occaſiaõ a Cidade de Mangalor edificou a Fortaleza de S. Sebaſtiaõ, que tanto ſervio para os noſſos ſacudirem as invaſões dos Canarás. (2)

18 *Antonio Correa Baharem*, valeroſo Cavalheiro, fez muitas proezas no Oriente. Aſſentou pazes com ElRey de Pegú. Expellio a ElRey de Bintaõ de huma Fortaleza quaſi inexpugnavel, aſſaltando-a com reſoluçaõ intrepida, e militar confiança. Rendeo no mar da Perſia a Ilha, e o Rey de Baharem, poſſuidores do genero de perolas mais finas, que ſe achaõ no mundo. Em teſtemunho de acçaõ taõ glorioſa lhe fez ElRey D. Joaõ III. mercê do appellido da Ilha, que havia ganhado, e por brazaõ de ſuas armas o timbre da cabeça do Rey Mouro, que matara. (3)

19 *D. Antonio Filippe Camaraõ*, ſendo Indio, mas

---

(1) Jacinto Freire na Vida de D. Joaõ de Caſtro. Far. na Aſia tom. 1. part. 4. c. 10. n. 12. Toſcan. nos Paralel. de var. illuſtr. Sá de Menezes na Malaca conquiſtada liv. 7. eſt. 66. (2) Faria no tom. 2. da Aſia Portug. part. 3. c. 3. Mariz, Dialog. 5. c. 4. p. mihi 501. Ann. Hiſtoric. a 19 de Agoſto. (3) Barr. Decad. 3. liv. 6. c. 3. Far. tom. 3. da Aſia part. 3. c. 6. n. 5. Villas-boas, Nobiliarq. Portug. c. 28.

mas de nobre nascimento, mereceo hum lugar muito distincto entre os insignes varões guerreiros Portuguezes. A estes servio nas guerras de Pernambuco sempre com destemido valor, e com tal experiencia, que difficultosamente poderia haver outro mais pratico, nem de acções mais sinaladas. Conduzio com fidelidade, e prudente astucia à obediencia de Portugal o mayor sequito dos Gentios do Brazil, dos quaes foy Capitaõ General, e com elles venceo em muitas occasiões aos Hollandezes em grande abono das nossas Armas. ElRey Filippe IV. o honrou com a generosa mercê do habito de Christo, e de poder usar de Dom com outras graças devidas aos seus merecimentos. (1)

20 *Antonio Galvaõ*, destro, e valente Restaurador da India, foy Governador das Ilhas de Maluco, e de tal capacidade, que nelle se viraõ competir uniformemente o valor, a prudencia, o desinteresse, e a Religiaõ. Destruio, e abrazou Tidore; tornou-a a reedificar de novo com vantagem; e concordou com sagacidade as desavenças dos barbaros. Quizeraõ os de Ternate fazello seu Rey, e elle desprezou com galhardia o offerecimento. Procedeo na propagaçaõ da Fé com tal zelo, que diziaõ os naturaes daquellas terras já convertidos, que naõ podia deixar de ser verdadeiro o Deos, que de tal homem era adorado. Fundou à sua custa hum Seminario (e foy o primeiro, que houve em nossas Conquistas) para nelle se catequizarem, e aprenderem os que se hiaõ convertendo à Fé. Renovou, e ornou a Fortaleza de Ternate com obras utilissimas, fazendo conduzir agua para ella da distancia de tres leguas. Estabeleceo entre os nossos, e os Mouros huma paz taõ constante, que as armas de to-

(1) Menezes, Portug. Restaur. tom. 1. pag. 675. D. Franc. Man. Epanafor. 5. p. 610. Roch. Pita, Histor. da Americ. liv. 5. n. 94. e 95. La Clede tom. 7. Histoir. de Port. p. mihi 409. Ann. Historic. a 9 de Mayo.

todos chegaraõ a converterſe em inſtrumentos pacificos do campo para a ſua cultura. O nome, que todos lhe davaõ, era o de Pay, e como tal era reverentemente amado, para cuja perpetua lembrança compozeraõ os Ternatenſes cantigas, que eraõ as ſuas Chronicas cheias de louvores. Voltou finalmente a Portugal ſem fazenda, e rico ſó de ſeus relevantes ſerviços, dos quaes naõ vio outro premio mais, que deſprezos, e miſerias, que o obrigaraõ a viver dezaſete annos no Hoſpital de Lisboa, onde morreo no de 1557, taõ pobre, que eſte lhe deu a mortalha, e a Confraria da Corte lhe fez o enterro. O' fatal fortuna dos grandes homens! (1)

21 *D. Antonio Luiz de Menezes*, Conde de Cantanhede, e primeiro Marquez de Marialva, foy tambem o primeiro movel das mayores felicidades de Portugal, e hum dos ſeus Heróes da primeira grandeza. A muita actividade, que poſſuia, deſembaraço, e zelo eſclarecido das glorias da patria o fizeraõ diſtinguir na famoſa, e fauſta empreza da acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV., e que a Sereniſſima Rainha Regente D. Luiza o elegeſſe Governador das armas do Alentejo no mayor perigo daquella Provincia. Soccorreo Elvas a pezar da oppoſiçaõ dos Caſtelhanos, que com hum formidavel ſitio a tinhaõ cercado, rompendo-lhe com ſummo valor as fortes linhas da circumvallaçaõ na feliz batalha de 14 de Janeiro de 1659. Naõ ſó com os triunfos do ſeu braço fez amedrontar Caſtella, baſtava a fama do ſeu nome para fazer fugir os inimigos: aſſim ſuccedeo a D. Joaõ de Auſtria, indo ſobre a Villa de Arronches, e retirando-ſe della, ſabendo que o Marquez de Marialva tornava por General das Armas. Sitiou, e rendeo com felicidade Valença de Alcantara, huma

(1) Barr. Decad. 4. liv. 4. cap. ultim. Far. tom. 1. da Aſia part. 4. c. 9 Menez. Malac. Conquiſtad. liv. 7. eſt. 69. Barboſ. na Bibl Luſit. tom. 1. Franciſco de Souſa Tavares na Dedicat. do Tratado dos Deſcubrimentos, que compoz o meſmo Antonio Galvaõ.

ma das principaes Villas da Estremadura Castelhana. Ganhou ao Marquez de Caracena em Montes-Claros huma taõ disputada batalha, que a gloria do triunfo, que tivemos, fez mais deploravel a desgraça de Castella. Finalmente deixando de ser mortal, passou no anno de 1675 a consagrar a sua saudosa memoria no templo da Fama; e no sagrado de S. Vicente de Lisboa deixou aos pés do Real tumulo do Senhor Rey D. Joaõ IV. depositado o seu coraçaõ. (1)

22 *D. Antonio Luiz de Sousa*, segundo Marquez das Minas, logrou com geral applauso hum pleno dominio nas Armas naõ só de quasi todo este Reino, mas em muitas Provincias de Castella, conseguindo em naõ poucas facções de perigo os creditos de valeroso soldado, e esperto General. Recuperou algumas Praças do Alentejo do poder Castelhano, e soube sempre unir ao valor, e disciplina militar as precisas circunstancias do respeito, e generosidade. Houve quem lhe quiz diminuir a gloria no pouco acerto de elle largar o sitio de Badajoz, como se naõ fora bastante louvor seu seguir o exemplo de outros Generaes, que em differentes occasiões assim o fizeraõ no bloqueyo de outras Praças, sem que ficasse menos memoravel o seu brio na posteridade. Falleceo aos 25 de Dezembro de 1721, e jaz no Convento Dominicano de Azeitaõ.

23 *Antonio Moniz Barreto* deixou perpetuo nas Historias o seu nome, pelo ardente zelo com que augmentou a gloria dos Portuguezes no Estado da India. Alli alcançou em hum dia duas victorias junto de Damaõ, vencendo tres mil Abexins com quinhentos homens. Por entre perigos quasi invenciveis foy soccorrer a Fortaleza de Dio no seu segundo cerco. Em semelhante consternaçaõ, em que os Achens,

(1) Menez. Portug. Restaurad. tom. 2. p. 142. Mello, Histor. de Diniz de Mello liv. 2. n. 113. e 145.

Achens, e Jaos tinhaõ cercado Malaca; vendo-se destituido de cabedaes para a municionar, pedio emprestados à Cidade de Goa quinze mil cruzados, dando-lhe em penhor a Duarte Moniz seu filho, menino de sete annos, estimavel joya, que em breve tempo remio. (1)

24 *D. Antonio de Noronha* em muitas occasiões deu prova do seu valor, e actividade nas guerras da India, onde desbaratou os Turcos sempre com desigual poder, principalmente o C,amorí, e outros Regulos, de que foy aspero açoite.

25 *Antonio de Saldanha* foy hum animoso Capitaõ, que nas varias occasiões, em que passou à India, deixou o seu esforço taõ qualificado nas mais celebres facções militares, que nunca para elle houve successo taõ arduo, que lhe diminuisse a constancia do coraçaõ, antes com generosa ousadia quiz sempre mostrar a grandeza do seu espirito. Achou-se na expugnaçaõ de Dio; queimou a Cidade de Madrefabat dalli pouco distante, e com resistencia dos Mouros; o mesmo fez à de Goga, e aos Lugares de Belsá, Tarapor, Maii, Quelme, Agacim, e Surat, recolhendo de todos opulento, e singular despojo, deixando toda aquella marinha assombrada de tal valor. Voltando a Portugal, foy eleito General de huma forte armada, com que ElRey D. Joaõ III. soccorreo ao Imperador Carlos V. contra o formidavel Barbaroxa na Conquista de Tunes. Nesta empreza de brio conseguio gloriosamente com bizarria o augmento da sua fama, e o credito da naçaõ Portugueza, de quem foy em todo o tempo da sua vida acerrimo defensor. (2)

---

(1) Lemos nos Cercos de Malaca part. 2. c. 4 Sá de Menezes, Malaca Conquistada liv. 7. Toscan. nos Parallel. de var. illustr. c. 39 Far. na Asia tom. 1. part. 4. c. 6. e tom. 2. part. 2. cap. 14. Couto, Decad. 7. liv. 6. c. 6. (2) Faria tom. 1. da Asia part. 4. c. 4. num. 17. Ann. Histor. a 6 de Fever. Barbud. Emprez. Milit. fol. 201. Mariz, Dialog. 5. c. 1.

26 *Antonio da Silveira de Menezes*, Heróe famoso, ganhou perduravel gloria, em quanto durar a lembrança dos varões valerosos. Assistio nas operações militares de mayor empenho, que se executaraõ na Asia, e em todas desempenhou o conceito superior, que se fazia do seu esforço, e bellico exercicio. Excedeo a todo o applauso, quando valerosamente defendeo a Dio de doze mil Turcos, que capitaneava o Rey do Cairo Solimaõ Baxá repartidos em sessenta e cinco vasos, e ao grande poder delRey de Cambaya, que todos se retiraraõ corridos, e desbaratados em virtude do seu inclyto braço. Conquistou as Cidades de Surat, Reyner, Damaõ, e Agaçaim a pezar de toda a resistencia, porque a seu intrepido animo nenhuma força era inconquistavel. Cheio de triunfos, e proezas chegou a Lisboa, onde com reciproca alegria mereceo as estimações de toda a Corte; mas sobre tudo a distincçaõ, que delle fez ElRey Francisco de França, mandando o retratar, e collocarlhe sua effigie entre os outros clarissimos Heróes, com que ornava em seu Palacio de Pariz a galaria da fama. (1)

27 *Barbara Fernandes.* Será sempre ouvido com admiraçaõ o valor desta notavel mulher, que no celebre cerco de Dio vendo mortos, e despedaçados a seus dous filhos, naõ só os naõ chorou como mãy, mas teve alentos, sendo mulher, para lhes estar unindo os pedaços do corpo com maravilhosa constancia. (2)

28 *Belchior de Sousa Tavares* floreceo no vicereinado de Nuno da Cunha, que por conhecer nelle espirito superior de valentia, e desambaraço nas acções, o elegeo para conciliar pazes entre os Reys de Bassorá, e de Gizaira, habitadores com pouca dis-

(1) Cam. cant. 10. est. 62. Faria tom. 1. part. 4. c. 10. Mariz, Dialog. 5. c. 1. Maff. Histor. Indic. lib. 11. Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 123. Ann. Histor. a 7 de Abril. (2) Maff. Histor. Indic. lib. 11. Toscan. Parallel. dos varões illustr. c. 156.

diſtancia hum, e outro dos rios Tigris, e Eufrates. Foy o Souſa o primeiro, que entrou por eſtes rios, aonde naõ havia entrado Grecia, nem Roma. Obrou alli muitas maravilhas; premiou o Nuno da Cunha com lhe dar a Capitanía mór do mar de Ormuz. (1)

29 *Brites de Almeida*, paizana humilde de Aljubarrota, ainda mais ardente no fogo marcial, que no exercicio da ſua occupaçaõ, naõ podendo tolerar o aſſalto dos Caſtelhanos pela ſua patria, e caſa, com huma pá de ferro, que tinha na maõ, inſtrumento do ſeu trabalho, de hum impeto matou ſete ſoldados, e fez amedrontar os mais, ficando juſtamente neſta acçaõ recommendavel nas Hiſtorias entre as ſingulares, e glorioſas, que ſe obraraõ nos campos daquella Villa pelo noſſo exercito contra o delRey D. Joaõ I. de Caſtella. (2)

30 *Caetano de Mello de Caſtro* governou a Provincia de Pernambuco zeloſo, activo, e com muitas qualidades, que lhe grangearaõ os applauſos na memoria das gentes. O ſeu valor, e direcçaõ foy o principal movel para a victoria, que alcançámos dos negros dos Palmares venturoſamente. Subio à dignidade de Vice-Rey da India, onde o elevaraõ ſeus meritos, que ſempre acreditaraõ o ſeu valor. (3)

31 *D. Chriſtovaõ da Gama*, retrato vivo do grande Vaſco da Gama, igual ao pay nos eſpiritos, e nos effeitos. Foraõ as acções que obrou dignas de memoria. Indo por ordem de ſeu irmaõ D. Eſtevaõ, que governava a India, em ſoccorro do Preſ-

(1) Faria no tom. 1. da Aſia part. 4. cap. 3. n. 13. 14. e 15. (2) He bem vulgar eſte caſo da celebre forneira de Aljubarrota, que referimos pelo achar taõ recommendado pelos noſſos Eſcritores, aonde Franciſco Rodrig. Lobo no Poema do Santo Condeſtavel cant. 14. p. 554. conclue aſſim:

Celebre-ſe a mulher, louve-ſe a terra,
Onde com pás ſe faz taõ cruel guerra.

Veja-ſe o Diccionar. Geograf. do P. Luiz Cardoſo tom. 1. pag. 319. (3) Rocha Pita, Americ. Portug. liv. 8. n. 49.

te Joaõ contra ElRey de Zeila, desbaratou com prodigio em primeira, e segunda batalha aos Mouros sómente com quinhentos homens, que levava. (1)

32 *Christovaõ Jaques*, Fidalgo da Casa delRey D. Joaõ III. mereceo a gloria de ser o primeiro descubridor, que entrou pela famosa enseada da Bahia de todos os Santos no anno de 1526, nunca até alli descuberta pelos nossos exploradores; e por fazer mais celebre a memoria do seu valor, fez meter a pique duas náos Francezas, que achou no reconcavo da Bahia, e no rio Paraguassú, que lhe queriaõ fazer resistencia. (2)

33 *D. Constantino de Bragança*, filho do quarto Duque de Bragança D. Jaime, teve hum espirito igual ao nascimento, e de taes quilates, que pareceo, e bem, só por elle se podia restaurar a India, que entaõ se hia arruinando. Passou-se lá, e governou-a de modo, que tendo sido o Vice-Rey D. Luiz de Ataide famoso Governador della, quando ElRey D. Sebastiaõ o mandou segunda vez governalla, lhe disse ao despedirse, que se governasse a India da propria maneira, que a havia governado D. Constantino, elle se daria por bem servido. Entre varias emprezas gloriosas das nossas armas, em que elle se achou, foy famosa a conquista de Damaõ, Praça, que está nos confins do Reino de Cambaya, a qual D. Constantino ganhou felicissimamente, e cuidou em conservalla com prudencia. A outra empreza memoravel foy a de Jafanapataõ, Reino edificado à borda do mar, onde desemboca o rio

---

(1) Far. na Asia. Ann. Histor. no 1. e 8 de Abril. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 96.

Nesta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovaõ o nome seu;
Mas contra o fim fatal naõ ha reparo.

(2) Roch. Pita na Americ. Portug. pag. 56. Ann. Historic. no 1. de Novemb.

o rio Ganges. Era ſeu Rey contrario aos Portuguezes, e D. Conſtantino pelo metter debaixo do noſſo jugo, paſſou lá em peſſoa com huma forte armada. Por entre chuvas de balas, e perigos entrou na Cidade, conquiſtou-a, fez deſertar o Rey com deſordenada fugida, e trouxe hum conſideravel deſpojo, entre o qual foy celebre o Dente de Bugio, que aquelle Rey tinha, e era o Idolo mais famoſo de toda a Aſia. Fello queimar D. Conſtantino em Goa, e desfazello em pó, tendo naõ menos valor, e conſtancia para deſprezar meyo milhaõ, que El-Rey de Pegú lhe offerecia pelo ſeu reſgate. Por eſtas, e outras glorioſas acçóes taõ dignas de eterna lembrança, ſempre D. Conſtantino ſerá famoſo no juizo dos grandes homens, em quanto durarem os Annaes em Portugal. (1)

34 *Deoſadeo Martins*, mulher do Capitaõ mór de Monçaõ Vaſco Gomes de Abreu, he benemerita, e digna de eſpecial elogio; porque ſitiando aquella Praça D. Pedro Rodrigues Sarmento em tempo delRey Henrique II. de Caſtella, inimigo declarado delRey D. Fernando de Portugal, foy tal o ſeu ardil, que obrigou ao General deſconfiar da empreza, e levantar o ſitio, merecendo pela ſua induſtria ficar por timbre das Armas da meſma Villa gravado o ſeu nome à roda de hum meyo corpo de mulher, e delineada tambem nas bandeiras da Camera, a qual inſtituio a honroſa ceremonia de ſe naõ abrirem as pautas dos Vereadores daquella Villa, que ſe coſtumaõ fazer todos os annos, ſenaõ junto da ſepultura de taõ aſſinalada Matrona. (2)

Di-

(1) Far. tom. 2. da Aſia part. 2. c. 14. n. 6. Couto Decad. 7. liv. 6. c. 5. Barbud. Emprez. Milit. p. 234. verſ Cam. nas Rim. Oitav. oit. 2. Toſcan. nos Parallel. de var. illuſtr. c. 20. Ann. Hiſt. a 12 de Março, 7 de Julho, e 14 de Outub. Barb. Faſt. da Luſit. a 2 de Jan. De la Clede, Hiſtoir. de Port. tom. 5. p. 528. (2) Brand. Mon. Luſit. liv. 15. c. 23. Carvalho na Corogr. Port tom. 1 p. 211. Mend. da Silva, Poblacion General de Eſpaña c. 127. Ann. Hiſt. a 7 de Outubr.

35 *Diniz de Mello de Castro*, primeiro Conde das Galveas, lavraraõ-lhe os seus relevantes merecimentos preciosa estatua, que se vê collocada no Capitolio de Portugal, e na segura memoria dos creditos da sua fama. Desde a praça de soldado até o posto de Mestre de Campo General, no dilatado espaço de vinte e oito annos de sanguinolenta guerra na Provincia do Alentejo, assistio a cento e onze occasiões de batalhas, choques, e conflictos, que se pódem reputar por outras tantas victorias, pois dellas o seu valor, e espirito se achou sempre triunfante. Tantas foraõ as hostilidades, que fez a Castella, que lhe chamavaõ os inimigos o açoite das suas campanhas. Naõ he facil descrever as incomparaveis proezas deste famoso Heroe, porque o esforço, a felicidade, o zelo, e a honra, com que obrou em todas, as fez iguaes, e semelhantes para a admiraçaõ, e para assumpto do mayor applauso. Morreo em Lisboa a 18 de Janeiro de 1709, e jaz na Capella mór dos Eremitas de S. Paulo. (1)

36 *Diogo de Anaya Coutinho* foy hum soldado particular, que se achou no cerco de Dio, igualmente valente, e venturoso nos lances de Marte, e assim mereceo iguaes applausos à fama, que attenções à fortuna. Conta-se delle, que desejando o Capitaõ da Praça D. Joaõ Mascarenhas saber noticias dos designios do inimigo, tivera o soldado a resoluçaõ de se deitar da muralha por huma corda, e ir em demanda dos Mouros ao campo, no qual encontrando dous, matou a hum às lançadas, e trouxe o outro, que se defendia com valerosa repugnancia, à presença do Capitaõ. Depois vendo que no conflicto perdera o capacete, que naõ era seu, tornara a descer pela mesma corda, e o fora resgatar

(1) Julio de Mello na sua Vida. Menezes, Portug. Restaur. Sous. nos Grandes de Port. p. 310. Ann. Histor. tom. 1. p. 118. Barb. Fastos da Lusit. tom. 1. p. 215.

tar com desafogo já de entre hum bom numero de inimigos, que haviaõ concorrido ao estrondo da briga. (1)

37 *Diogo Botelho*, tambem soldado, nobre, e valeroso, deu hum testemunho efficaz da grandeza do seu espirito com huma memoravel viagem, em que fez escurecer a famosa expediçaõ da náo Argos taõ decantada. Achava-se em Dio na desgraça del-Rey D. Joaõ III. dezejava restituirse a ella, e sabendo o grande gosto, que ElRey tinha de que se fundasse huma Fortaleza em Dio, tanto que a vio estabelecida pelo Governador Nuno da Cunha, e com licença do Sultaõ Badur, apanhando a planta, e copia das Capitulações, deu ordem a preparar escondidamente huma nova embarcaçaõ nunca até alli vista com dezoito pés de comprido, e seis de largo, e mettendo-se nella o forte, e ousado aventureiro com alguns marinheiros, e mantimento, sem lhe dizer nada se engolfou nos largos mares do Oceano com huma navegaçaõ taõ ardua, e arriscada. Chegou a perder todos os companheiros, e elle só esporeado do estimulo da gloria, e confiado em seu valor, e constancia, passando por varios contratempos, chegou felizmente a Lisboa com a noticia no anno de 1535. Celebrou ElRey, e a Corte a nova; porém muito mais a embarcaçaõ, que se mandou queimar logo, porque naõ se facilitassem os homens, e persuadissem, que em taõ pequeno lenho era factivel emprender de polo a polo carreira taõ perigosa. (2)

Dio-

(1) Ann. Histor. part. 2. a 24 de Junho. Couto Decad. 6. liv. 1. c. ult. (2) Barr. Decad. 4. liv. 4. c. 14. Maff. liv. 11. fol 256. Chron. delRey D. Joaõ III. part. 3. c. 13. Fr, Ant. Histor. Indic. part. 1. liv. 3. c. 18. Couto Decad. 5. liv. 1. c. 2. Man. de Far. tom. 1. part. 4. c. 6. n. 14. onde diz, que a embarcaçaõ tinha vinte e dous palmos de comprido, doze de largo, e seis de alto, e que fora erro de quem aconselhara mandar queimar tal embarcaçaõ, antes se devia mandar pendurar em alguma sala de Palacio para seu mayor adorno, e dura-

vel

38 *Diogo Gomes de Figueiredo* foy peritiſſimo em jogar as armas, e como taõ inſigne em tal ſciencia foy dado por Meſtre ao Principe D. Theodoſio, e a ElRey D. Affonſo VI. Unindo à deſtreza o valor, e experiencia de grande ſoldado, mereceo occupar todos os poſtos da guerra atè o de General da Artilharia da Provincia da Beira, a qual governou algum tempo com ſummo cuidado, vigilancia, e esforço, devendo-ſe à ſua incanſavel actividade a ſegurança da Praça de Almeida, que o Duque de Oſſuna intentou fortemente levar por aſſalto em 2 de Julho de 1663, onde Figueiredo obrou acções de honrada memoria. (2)

39 *Diogo Lopes de Siqueira*, quarto Governador da India, moſtrou os effeitos da ſua actividade, e zelo das glorias do ſeu Soberano, para o qual deſcubrio, e conquiſtou muitas Ilhas Orientaes à cuſta de grandes fadigas, e foy o primeiro, que pelo mar Roxo achou ſahida ao Imperio do Preſte Joaõ, com quem eſtabeleceo amizade venturoſamente. (2)

40 *Diogo da Silveira* exercitou no Oriente com feliz ſucceſſo o brio de Marte. Foy hum dos principaes inſtrumentos, que facilitaraõ a expugnaçaõ de Panane, Praça das melhores de Calecut. Em varias armadas fez evidente oſtentaçaõ do ſeu deſtemido valor, rendendo, ſaqueando, e abrazando todas as povoações maritimas deſde Bandorá atè Surat, a pezar de toda a contraria reſiſtencia, parecendo hum rayo vivo, que conſumia tudo, e deixando aſſombrado o que eſcapava ao furor de ſeu braço. O meſmo eſtrago experimentaraõ os lugares da

---

vel troféo da mayor ouſadia. Toſcan nos Parallel. de var. illuſtr. cap. 116, Ann. Hiſt. a 21 de Mayo, e 1 de Setemb. Mariz, Dial. 5. c. 2. p. mihi 431. (1) Menezes, Portug. Reſtaur. tom. 2. p. 586. (2) Barros, Decad. 2. liv. 4. c. 3. Decad. 3. liv. 3. c. 1. Maced. no Poema Ulyſſipo p. 162. verſ.

da Costa de Dio, de que resultou entrar triunfante em Goa com hum riquissimo despojo, e mais de quatro mil escravos. Naõ he menor prova do seu grande, e generoso animo o que lhe succedeo no porto de Adem, onde encontrando-se com huma náo de Mouros, que vinha de Judá bem importante, e entregando-lhe sinceramente o Capitaõ huma carta de certo Portuguez cativo naquella Cidade com a certeza de que era hum segurissimo salvo conducto, sendo na verdade huma recommendaçaõ da malignidade do mesmo Capitaõ Mouro, naõ quiz Diogo da Silveira fazerlhe mal, por naõ aggravar a fidelidade dos Portuguezes, e dissimulando todo o engano, o deixou ir. (1)

41 *Duarte Brandaõ*, Cavalheiro Inglez, mas naturalizado neste Reino, deu no exercicio das armas a conhecer a sua valentia, e o seu brio. Aproveitou-se, achando-se em Inglaterra, ElRey Duarte V. fazendo-o General de huma Armada, que expedira contra o de França, com a ventura de ficar victorioso por beneficio de sua actividade. Premiou-o, fazendo-o Cavalleiro da insigne Ordem da Garrotea. Tinha tal animo, e honra, que sendo convidado por outros Cavalheiros para hum banquete, e achando, quando veyo, occupados os lugares mais graves, sentando-se em outro inferior, e tirando de hum punhal o cravou na mesa, dizendo: *Aqui onde eu estou he a cabeceira da mesa, e quem o contradisser tire o punhal.* Porém a esta proposiçaõ ninguem se atreveo a dizer cousa alguma. Jaz no Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa. (2)

42 *Duarte Coelho* teve em repetidos conflictos com os Mouros do Oriente no mar, e na terra prosperos successos, onde em credito da naçaõ destruio,

 e ca-

(1) Far. tom. 1. da Asia Portug. part. 4. c. 4. (2) Duarte Nunes na Descripç. de Port. c. 77. Pereir. Chronic. dos Carmel. tom. 1. n. 1394. Villasboas na Nobiliarq. Portug. p. 247. titulo dos *Brandões*.

e cativou a muitos. Estabeleceo pazes com o Rey de Siaõ, e o fez tributario a Portugal. Por estes, e outros serviços lhe fez ElRey D. Joaõ III. mercê da Capitanía de Pernambuco, em cuja fundaçaõ padeceo perigos, e opposições do Gentio, que o seu valor desfez. (1)

43 *D. Duarte de Menezes*, senhor da Casa de Tarouca, pessoa, em que concorreraõ muitas qualidades de varaõ grande, e famoso, e sendo dos grandes de Portugal, foy a menor que teve a do nascimento. Deu illustres mostras de sua espada em Africa, pois sendo Capitaõ, e Governador de Tangere, alcançou dos Mouros felicissimas victorias, até que na infelice batalha de Alcacere, em que se perdeo ElRey D. Sebastiaõ, ficou elle cativo, sendo Mestre de Campo General, naõ obstante obrar alli maravilhas. Passou depois à India no anno de 1521 com o titulo de Governador daquelle Estado, e lá achando rebeldes os vassallos, e o Rey de Ormuz, recuperou tudo, trazendo-os outra vez à nossa obediencia, pondo-lhe mayor tributo por castigo da sua rebeldia. Fez notaveis diligencias para averiguar a certeza das cousas, que se referiaõ do Apostolo S. Thomé, e o conseguio. (2)

44 *Duarte Pacheco Pereira* naõ só foy hum dos mayores Heróes de Portugal, mas do mundo. Camões lhe chama *Aquilles Lusitano*, e o grande Macedo *Sansaõ Portuguez*, e ambas as semelhanças foraõ proprias a Duarte Pacheco, o qual com animoso coraçaõ, e maõ valente foy rayo nas armas, e prodigio no esforço. Passou este insigne Capitaõ à India em companhia do grande Affonso de Albuquerque, por cuja ordem ficou em Cochim para de-

---

(1) Rocha Pita, Histor. da Americ. Portug. liv. 2. num. 69. (2) Barr. Decad. 3. liv. 7. c. 9. Far. tom. 1. p. 3. c. 7. Mous. de Quevedo no Poem. de Affons. African. cant. 11. est. 39. Sous. nos Grand. de Portug. p. 474.

defender ao ſeu Rey do de Calecut. Veyo eſte com hum horrendo exercito de cincoenta mil homens, e o ſoccorro de dezoito Principes a ſeu lado com trezentas e oitenta e duas peças de artelharia, e duzentas e oitenta embarcações differentes para inveſtir o váo de hum rio, por onde ſe entrava na Ilha. A toda eſta prevençaõ ſe oppoz Pacheco com pouco mais de cem homens, e ficou triunfante. Repetio o Malabar ſete vezes a inveſtida em menos de tres ſemanas, empenhando o reſto da colera na ultima com a maquina de oito caſtellos de vinte palmos de alto, collocado cada hum ſobre duas galeras, e cheios de invenções diabolicas de fogo, mas tudo desbaratou a valeroſa induſtria, e incrivel fortaleza de Duarte Pacheco. O noſſo Virgilio na *eſt.* 11. *do cant.* 1. diſſe, que as Proezas dos Portuguezes excediaõ na ſua realidade as fabuloſas: aſſim ſe vio em todas deſte admiravel Capitaõ, do qual he impoſſivel referillas, pois ainda reſumidas occuparaõ grande parte deſte volume contra a brevidade, que profeſſamos. Com taõ eſtupendas acções chegou Duarte Pacheco a Lisboa a 22 de Julho de 1505 opulento de triunfos, e riquezas. Recebeo-o El-Rey D. Manoel com grandes demonſtrações, que acreditavaõ ſeus naõ vulgares merecimentos, pois o levou ao ſeu lado debaixo de hum pallio ſolemnemente deſde a Igreja Matriz até S. Domingos a render a Deos as graças de tantas victorias; mas dahi a poucos dias, ſem motivo conſideravel, o mandou prender, e aſſim eſteve muito tempo até ſe averiguar ſer falſo o crime, que lhe imputavaõ ſeus emulos. Viveo depois de ſolto em tanta pobreza, que veyo a morrer miſerrimamente no Hoſpital de Valença de Aragaõ. Eſte pobre exito de varaõ taõ grande foy hum grave defeito, que ſe encontra nas acções delRey D. Manoel, de que o naõ poderaõ livrar os mayores encarecimentos da liſonja; porém ſe o odio tirou a Duarte Pacheco o premio,

nunca lhe tirará o relevante merecimento, com que alcançou perduravel eſtatua no templo da memoria. (1)

45 *Egas Moniz*, a cujo valor deveo Portugal muita parte da ſua liberdade, era Ayo do Santo Rey D. Affonſo Henriques, o qual ſendo vencido em hum recontro delRey D. Alonſo VII. de Caſtella, ſabendo-o Egas Moniz, acudio depreſſa, quando já ſe vinha retirando o Principe, e o incitou a que tornaſſe ſobre o inimigo victorioſo. Reduzido, e reparado tudo com a induſtria de Egas, voltou ſobre elle, e venceraõ-no. Depois tendo o meſmo Rey cercado ao noſſo na Villa de Guimarães, fez Egas com que o Caſtelhano levantaſſe o ſitio, e ficaſſe deſaſſombrada a Villa do poderoſo exercito, promettendo-lhe para iſſo fazer com ElRey conviesſe em certas clauſulas, que o de Caſtella deſejava. Naõ quiz D. Affonſo Henriques cumprir a promesſa do ſeu Ayo, e eſte paſſando a Toledo com mulher, e filhos, com cordas nas gargantas, pés desçalços, e habitos de condenados, ſe expoz à vontade do Rey por ſatisfaçaõ de naõ poder cumprir a palavra, que lhe dera em nome do ſeu Principe, em cuja acçaõ moſtrou brio, valor, honra, e amor da patria. (2)

46 *Elena Peres*, mulher valeroſa, e honeſta da Pra-

(1) Maced. no Serm. de S. Thomé Barr. Decad. 1 liv. 7. c. 2. até 8. Cam. nas Luſiad. cant 1. eſt. 14. cant. 2. eſt. 52. cant. 10. eſt. 12. Goes, Chronic. delRey D. Manoel part. 1. c. 100. Oſor. l 4. de reb. Emman. Far. tom. 1. da Aſia part. 1. c. 7. Monarq. Luſit. liv. 6. pag. 257. Toſcan. nos Parallel. c. 58. Manoel de Faria dá a entender que Duarte Pacheco eſtá enterrado em Santarem; porque diz no Comm. da eſt. 25. do cant. 10. *Si yó me hallara con la codicia, fuera me a la Villa de Santaren a hurtar la calavera de Duarte Pacheco, y la truxera a Roma, que aunque nó es Romano, creo multiplicara buena ſuma de eſcudos, vendiendo-la.* (2) Galv. na Chron. delRey D. Affonſ. Henriq. c. 8. 9. e 10. Brit. Chron. de Ciſter p. 1. liv. 3. c. 4. Cam. Luſiad. c. 3. eſt. 35. c. 8. eſt. 13. 14. 15. Brand. liv. 9. c. 19 e Duart. Nun. negaõ eſta ultima acçaõ de Moniz; porém defende-a Manoel de Far. no Comm. da eſt. 14. do cant. 8.

Praça de Monçaõ, eſtando eſta em rigoroſo ſitio pelas armas de Caſtella no anno de 1658, e ſendo poucos os defenſores, ſe deliberou com bizarria varonil a governar trinta mulheres, que eſcolheo, e com hum chapeo na cabeça, e hum chuço nas mãos as foy diſtribuindo, e collocando nos lugares mais perigoſos das muralhas, ſem que as podeſſe entibiar a alguma dellas o ſuſto do aſſedio; antes moſtraraõ todas em forças debeis alentos robuſtiſſimos. (1)

47 *D. Eſtevaõ da Gama*, filho do inclyto Vaſco da Gama, e undecimo Governador da India, onde moſtrou o muito, para que era o ſeu esforçado eſpirito em proezas heroicas, fez eſmorecer toda a ouſadia delRey Ujantana no mar Roxo, ganhando-lhe a Cidade de Jor, ſaqueando-a, e abrazando-a depois de huma bem ganhada victoria, e das mais illuſtres, que atê alli ſe tinhaõ viſto em toda a Aſia. (2)

48 *D. Filippa de Vilhena*, Condeſſa de Atouguia, em veneraçaõ da grandeza do ſeu valente, e nobre eſpirito ficou recommendada à poſteridade. Fiandoſe-lhe o ſegredo da acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. teve tal valor, que ajudando a armar a ſeus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Franciſco Coutinho de tenra idade, os exhortou com razões de brio a conſeguir a valeroſa acçaõ, que intentavaõ. (3)

49 *D. Franciſco de Almeida*, primeiro Vice-Rey que houve na India, e o verdadeiro *Machabeo Luſitano*, como lhe chama o noſſo grande Franciſco de Macedo, foy hum taõ inſigne Heróe, que juſtamente diſſe Camões chorará por elle ſempre o Tejo. Poz a fogo, e cutello as Ilhas de Quilóa, Mombaça, Panane, e Dabul. Levantou Fortalezas em Cranganor, Zofala, e outros portos. Desbaratou ar-

(1) Menezes, Portug. Reſtaurad. tom. 2. liv. 4. (2) Far. na Aſia tom. 1. (3) Menez. Portug. Reſtaur. tom. 1. liv. 2. p. 100.

armadas, e fez derramar muito ſangue aos Arabes, Perſas, Mouros, e Turcos, e finalmente fez tremer quaſi toda a Aſia. Mas quem diſſera, que quatro Cafres com páos toſtados tiveraõ poder para tirar a vida nas prayas Africanas a hum Heróe, contra o qual tantos exercitos, e tantas nãos carregadas de tantos homens bellicoſos com armas de fogo, e maquinas horrendas foraõ de nenhum effeito? (1)

50 *Franciſco Barreto*, eſtremado Cavalheiro, e decimo oitavo Governador da India, na qual concluio as emprezas de ſeus antepaſſados com grande gloria da naçaõ, e executou outras de novo com immenſo credito da ſua capacidade, valor, e juizo, foy hum dos Governadores daquelle Eſtado benemerito da eſtimaçaõ, que fizeraõ delle os Senhores Reys D. Joaõ III., e D. Sebaſtiaõ. Só deſmereceo ao noſſo Poeta os louvores, com que honrou aos outros Heróes Portuguezes, deixando eſte inclyto Soldado no eſcuro ſilencio por deſpique de o haver deſterrado para a China por algumas traveſſuras, e principalmente pela ſatyra, que he o ultimo das ſuas obras.

51 *Franciſco Barreto de Menezes*, varaõ diſtincto em ſangue, eſpirito, juizo, e valor, cujas prendas o fizeraõ preferir entre muitos para a dignidade de Meſtre de Campo General do exercito de Pernambuco, ſoube deſempenhar de ſorte o grave conceito da ſua fama, que delle pendeo toda a felicidade, que as noſſas Armas conſeguiraõ contra os Hollandezes nas duas batalhas chamadas dos *Goararapes*. (2)

D.

---

(1) Barr. Decad. 2. liv. 3. c. 4. e 10. Far. tom. 1. part. 2. cap. 3. Cam. Luſiad. cant. 1. eſt. 14. cant. 10. da eſt 26 por diante até 38. Goes, Chron. delRey D. Manoel part. 2. c. 39. Mar. Barbud. e outros que allega Barboſ. nos Faſt. da Luſitan. Ann. Hiſtoric. no 1. de Março. (2) Menez. Portug. Reſtaur. tom. 1. p. 667. D. Franc. Man. Epanaf. 4. p. mihi 592. Rocha Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 107. Eſte Author aſſina o anno deſta batalha no de 1649. e Barboſ. nos Faſt. da Luſit. no de 1688, e o Author do Ann. Hiſtoric. tom. 1. no de 1648.

52 *D. Francisco Coutinho*, segundo Conde do Redondo, e Vice-Rey da India, que succedeo a D. Constantino de Bragança, foy varaõ merecedor dos elogios do Principe dos Poetas Portuguezes. Alcançou elle muitas victorias em Malabar, e Ceilaõ, e obrou outras acções, que ficaraõ para exemplo do valor, e nós as deixamos talvez mais bem descriptas no dilatado estylo do silencio, que na estreiteza deste Mappa.

53 *D. Fuas Roupinho*, Cavalleiro muito valeroso, cujas proezas dezejou celebrar Camões com a cithara de Homero, desbaratou, e prendeo a ElRey Gamy, senhor das terras da Estremadura, que o veyo cercar a Porto de Mós com hum tremendo pé de exercito. Alcançou famosas victorias navaes de inimigos, que inquietavaõ os Lugares maritimos deste Reino, e passando ao porto de Ceuta, queimou algumas náos, até que acabou pelejando valerosamente. Este foy aquelle Cavalleiro, que teve a dita de lhe apparecer a Senhora da Nazareth, e o livrou de hum evidente precipicio, de quem já fizemos memoria na terceira parte desta obra. (1)

54 *D. Garcia de Menezes*, Bispo de Evora, foy igualmente famoso nas letras, que nas armas: nestas se lhe vio o esforço, e valentia em muitas occasiões de empenho. Na batalha de Touro foy hum dos principaes motores da victoria. Assombrou a Italia, vendo-o ir por General da Armada, com que ElRey D. Affonso V. soccorria ao Papa Xisto IV. contra o Turco na oppressaõ de Otranto. (2)

55 *Giraldo Giraldes*, chamado *Sempavor*, era Cavalheiro destemido, e por sua valentia temeraria adquirio o sobrenome que tinha. Andava em desgraça delRey D. Affonso Henriques, e se resolveo a obrar acçaõ, com que se podesse reconciliar, e ElRey per-

(1) Brand. Monarq. Lusit. liv. 7. c. 4. e outros muitos, que allega o Agiolog. Lusit. (2) Pinto Ribeir. na Prefer. das Letr. às Arm.

perdoarlhe. Intentou ganhar a Cidade de Evora aos Mouros, poz-se a observar as sentinellas de huma torre, sentio que estavaõ dormindo, subio, matou-as, e com a gente, que havia disposto de emboscada, assaltou a Cidade de repente, e a ganhou. Com esta façanha recuperou naõ só o perdaõ delRey, mas o governo daquella Cidade, e a eterna memoria da sua pessoa, e valor. (1)

56 *Gomes Freire de Andrada*, General da Artilharia do Reino do Algarve, e Governador do Maranhaõ, mereceo os innumeraveis applausos, com que o venera a fama na memoria de suas illustres proezas. Elle foy dos primeiros soldados, que montou os muros de Badajoz, e sustentou com valor incomparavel a forte opposiçaõ dos Castelhanos em todo o tempo daquelle sitio. Derrotou o inimigo em Valença, fazendo-lhe ceder o campo, e a victoria, sendo muitas mais occasiões, em que o seu braço se vio sempre triunfante até o ultimo alento da vida, que foy aos 3 de Janeiro de 1702. (2)

57 *Gonçalo Mendes da Maya*, o primeiro Adiantado, que houve em Portugal, foy Cavalheiro de taõ grande valor, e esforço, que igualou com os mais insignes, que a fama celebra. Toda a sua vida exercitou a guerra contra os Mouros até a idade de noventa e cinco annos, em que morreo, que foy no de 1170, por cuja causa lhe chamaraõ o *Lidador*. (3)

58 *Henrique Dias* conseguio pelas suas proezas insignes hum clarissimo nome na classe dos Portuguèzes valerosos, ainda que foy negro por nascimento, porque a fama naõ attende ao accidente da cor, senaõ à substancia do coraçaõ. Nas guerras de Pernambuco foy o flagello dos Hollandezes, e a total

(1) Brito, Chron. de Cister part. 1. liv. 5. c. 12. Toscan. Parallel. de var. illustr. c. 114. Cam. Lusiad. cant. 8. est. 21. (2) Fr. Domingos Teixeira na vida especial deste Heróe. (3) Monarq. Lusit. liv. 11. cap. 17. Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. p. 226.

tal destruiçaõ delles naquella Provincia, porque sendo Capitaõ de todos os negros, sabia animallos, e conduzillos de sorte, que com elles venceo muitas batalhas, e assaltou Praças em grande reputaçaõ das nossas armas. (1)

59 *D. Henrique de Menezes*, filho natural de D. Fernando de Menezes, foy chamado o *Roxo*, ou *Ruivo*, porque o era no cabello. Succedeo a Vasco da Gama no vice-reinado, e foy o setimo Governador da India, e hum dos mais excellentes, que ella teve. Começou a governar de vinte e sete annos, cousa nunca vista em Portugal nem antes, nem depois fóra dos Reys, que tem a coroa, e sceptro hereditario: tal era a capacidade, que ElRey D. Joaõ III. conheceo nos poucos annos de D. Henrique, Cavalheiro, e moço professor da honra, e valor. Suas acções foraõ grandes, e iguaes a seus grandes pensamentos. Fez temer ao Imperador do Malabar, e lhe poz gloriosamente o jugo Portuguez, a que até alli sempre havia sido indomavel. Destruio Panane, e Coulete, Lugares nobres da Provincia de Calecut, e bem guarnecidos de artilharia, entrando naquellas Praças por entre nuvens, e chuveiros de balas. Seria prolixo referir outras muitas acções, que obrou pelas armas. Morreo em Goa no principio do anno de 1526, deixando eterna saudade. (1)

60 *Heitor da Silveira*, cujas gloriosas acções o constituiraõ eterno, e mereceraõ bem a comparaçaõ de Aquilles Troyano, que delle fez o nosso grande Poeta. Nas memorias da Asia Portugueza saõ bem notorias as suas façanhas, assolando muitos Lugares pela Costa de Cambaya, e alimpando-a de Corsarios; ganhando a fortaleza de Baçaim, e outras

(1) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusitan. em varias partes. (2) Castanheda liv. 6. Barr. Decad. 3. liv. 9. c. 3. e 4. e liv. 10. c. 10. Far. na Asia tom. 1. part. 3. c. 9. e 10. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 55. e nas Rim. Sonet. 88. Fonsec. na Evor. glorios. n. 232.

tras muitas, fazendo tributarios aos Reys de Adem, e de Xael, e ao Xeque de Taná temerosos do seu valor. (1)

61 *D. Joaõ de Castro*, Governador decimo terceiro, e quarto Vice-Rey da India, merecedor (por quantas partes, e virtudes pódem compor hum Heróe famoso) de eterna lembrança. Foy soldado taõ valente, que em muitas occasiões pareceo temerario, e com singularidade na Praça de Dio, onde pelejou como leaõ desatado, entrando com a espada na maõ no mais forte da batalha, de que sahio com huma das mais gloriosas palmas, que sempre estará verde no templo da fama heroica. Igual valor mostrou na tolerancia, e disfarce, com que soffreo a noticia da morte de seu bizarro filho D. Fernando, pois supprimindo a dor com alegre semblante, fez jogar canas na Praça de Goa, dando á entender quanto estimava que seu filho désse a vida pela honra da patria. Teve a felicidade de morrer nos braços do Santo Xavier aos 6 de Junho de 1548 com quarenta e oito annos de idade, e quasi tres de governo. (2)

62 *D. Joaõ da Costa*, o primeiro Conde de Soure, obrou acções merecedoras de particular elogio, e que avivaõ sempre a memoria do seu valeroso procedimento. No posto de General de Artilharia comprou a defensa da patria na celebre batalha de Montijo, em que foy hum dos principaes instrumentos da sua victoria. Governou as armas em Alentejo com feliz successo, pois destruio as fronteiras inimigas em repetidos assaltos, e triunfos. Morreo

(1) Barros, Decad. 3. liv. 10. c. 1. e Decad. 4. liv. 2. c. 16. Faria na Asia tom. 1. Cam. Lusiad. cant. 10. est. 60. (2) Lucen. Vid. de S. Franc. Xav. liv. 6. cap. 1. e 4. Andrad. Chron. delRey D. Joaõ III. part. 4. c. 1. até 34. Mariz, Dialog. 5. Cam. Lusiad. c. 10. est. 67. até 72. e nas Rim. Sonet. 89. cent. 2. Barr. Decad. Far. na Asia tom. 2. part. 2. e Jacint. Freir. de Andrad. Fonsec. Evor. gloriof. n. 257. & seqq.

reo em Lisboa a 22 de Janeiro de 1664. (3)

63 *Joaõ de Carvalho*, genro do Capitaõ General de Aguer em Africa D. Guterre de Monroy, em tempo delRey D. Joaõ III. vendo perdida a Praça, se poz só com hum montante nas mãos a defender aos Mouros a entrada em huma torre; e investindo-o muitos, matou trinta elle só, e os outros vendo-o rodeado de mortos, se desviavaõ de medo, até que unidos mais, o jarretaraõ. Poz elle animosamente os joelhos em terra, e assim pelejava de modo, que os apartava a todos, até que todos de longe lhe arrojaraõ tantos dardos, que morreo com admiraçaõ universal de valor taõ grande. Mereceo eterna memoria na lyra do Virgilio Portuguez em humas Estancias, que restaurou seu grande Commentador Manoel de Faria, e as refere sobre a est. 72. do cant. 10. da Lusiada pag. 419. e nos Commentos da Egloga 1. est. 7. pag. 167.

Vês o grande Carvalho alli cercado
De inimigos como touro em duro corro:
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz: Pois morro
Celebrem mortos minha morte escura,
E façaõ-me de mortos sepultura.
Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro espedaçado lhas havia:
Dos geolhos, e braços se ajundando
Com nunca visto esforço, e valentia:
Em torno pelo campo retirando
Vay a Agarena dura companhia,
Que com dardos, e settas que tiravaõ,
De longe darlhe a morte procuravaõ.

64 *D. Joaõ Coutinho*, segundo Conde do Redondo, e Capitaõ de Arzilla, floreceo em estre-

(1) Menez. Portug. Restaur. tom. 2. p. 658. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 1. n. 53. 62. 80. e 103. De la Clede, Histoir. de Port. Barbos. nos Fast. da Lusit. tom. 1. p. 284.

mado valor nas Armas em tempo delRey D. Joaõ III. Obrou em Africa acções dignas cada qual de huma estatua capaz de se collocar no Templo da fama, conforme delle canta Camões no Soneto 86. O certo he, que ElRey D. Affonso V. quando armou Cavalleiro em Arzilla a seu filho o Principe D. Joaõ diante daquelle venerando cadaver, lhe disse: *Deos vos faça tal Cavalleiro, como foy o Conde, que tendes diante.*

65 *Joaõ Fernandes Vieira*, natural da Ilha do Funchal, chamado o *Castrioto Lusitano*, porque nas suas destemidas acções se houve entre os Hollandezes da America assim como Castrioto Albanense entre os Turcos, foy hum rayo destruidor daquelles hereges, de cujas mãos, e tyrannia tirou todas as Praças, que dominavaõ pelos contornos de Pernambuco, até lhes consumir em repetidas batalhas todo o poder, e paciencia, alcançando por premio de tanta lida marcial o renome de Restaurador de Pernambuco. (1)

66 *Joaõ*, ou *Joanne Mendes de Vasconcellos* deixou recommendavel o seu nome à posteridade pelas suas gloriosas acções. Elle foy o primeiro Portuguez, que na Bahia acclamou a ElRey D. Joaõ IV. com huma intrepidez de animo digno do mayor applauso. Elle o que nas guerras, que tivemos com Castella, governando as Armas da Provincia do Alentejo, obrou proezas pela espada, além de ser naquelle seculo o primeiro Oraculo da disciplina militar, buscando-o todos para a decisaõ das duvidas marciaes, e se estimava qualquer sua resposta por ley, e maxima infallivel da milicia. (2)

67 *D. Joaõ de Menezes*, chamado o *Famoso*, porque

---

(1) Fr. Rafael de Jesus na Vida especial deste Heroe Roch Pita na Americ. Portug. liv. 5. n. 40. & seqq. D. Franc. Man. Epanaf. 5, p. mihi 590. Ann. Historic. tom. 3. p 265. (2) Menezes, Portug. Restaur. tom. 2. liv. 2. Julio de Mello liv. 1. n. 130. Castriot. Lusit. part. 1. liv. 5. n. 14.

que o foy nas emprezas militares em todo o tempo, que guerreou contra os Mouros de Africa. Na tomada de Azamor foy o primeiro, que pregou a lança nas ſuas portas, e no governo daquella Praça moſtrou os quilates do ſeu coraçaõ ſempre deſtemido, e valente. (1)

68 *Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos*, primeiro Conde de Caſtello-Melhor, e hum dos mais benemeritos Portuguezes da ſerie dos da primeira grandeza, foy muito valeroſo, muito amante da patria, e da ſua liberdade, pela qual ſoffreo com coraçaõ conſtante, e intrepido algumas tyrannias de Caſtella. Soube-as vingar, quando governando as Armas do Minho, e Alentejo, poz a fogo, e ſangue muitas Praças inimigas, e por embaraçar os ſeus aſſaltos, fortificou outras noſſas, obrando ſempre em tudo com ſumma prudencia, diſcriçaõ, e juizo. Morreo em Ponte de Lima aos 13 de Novembro de 1658. (2)

69 *Iſabel Fernandes*, que por alcunha foy chamada a velha de Dio, quando aquella Praça eſteve ſitiada pelos Mouros, em muitas occaſiões acudia a animar os ſoldados naõ *ſó* com o esforço de palavras, mas de obras, porque com huma chuça nas mãos pelejava como o ſoldado mais valeroſo, donde mereceo que duraſſe vivo o ſeu nome entre as celebradas varonís Matronas Portuguezas. (3)

70 *Iſabel Madeira* foy outra ſingulariſſima mulher, que no meſmo cerco moſtrou valor naõ vulgar; porque atando as feridas mortaes a ſeu marido, que lhe eſpirou nos braços, o enterrou por ſuas proprias mãos, e depois com animo intrepido foy continuar o trabalho das tranqueiras com as outras mulheres, ſem ſe lhe ver nos olhos lagrima algu-ma

---

(1) Ann. Hiſtoric. tom. 2. p. 86. (2) Joaõ Salgado de Araujo nos Succeſſ. Milit. liv. 1. Menezes, Portug. Reſtaur. tom. 2. p. 166. (3) Jacinto Freire na Vida de D Joaõ de Caſtr. liv. 2. num. 117. Manoel Thom. na Inſulana liv 9. eſt. 127.

ma com admiraçaõ do meſmo esforço militar. (1)

71 *Iſabel Pereira* eſtando cercada a Praça de Ouguella no Alentejo pelos Caſtelhanos no anno de 1644, e ſendo ferida com huma bala, naõ quiz ir tratar de ſe curar, nem largar o poſto, em que tambem pelejava contra elles, ſem primeiro os ver largar o ſitio. (2)

72 *D. Iſabel da Veiga*, Matrona de ſingular modeſtia, e mulher do Cavalleiro Manoel de Vaſconcellos, oſtentou no cerco de Dio hum animo verdadeiramente heroico, e brioſo; porque rogando a ſeu marido (vendo a defenſa da Fortaleza na ultima miſeria) que ſe retiraſſe para Goa, temendo naõ vieſſe a cahir nas mãos dos Turcos, ella naõ ſó naõ quiz auſentarſe daquelle riſco, mas animou, e perſuadio a outras mulheres a acarretar pedra, e outros materiaes em alcofas, que alguns homens preciſos para a defenſa andavaõ exercitando. (3)

73 *D. Leoniz Pereira*, filho illegitimo de D. Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira, foy dotado de hum eſpirito valente, e deſembaraçado. Tendo à ſua conta a Praça de Malaca, huma das famoſas, que poſſuimos na India, e aſſaltando-a El-Rey de Achem com poderoſa armada no anno de 1568, que conſtava de trezentas e cincoenta embarcações, onde trazia ſua mulher, ſeus filhos, ſuas riquezas, e o principal de ſeu Reino, parecendo-lhe que vinha a entrar por Malaca, como ſe fora por ſua caſa, D. Leoniz andando na praya com alguns Cavalleiros jogando canas em dia de S. Sebaſtiaõ, e vendo a alguns turbados com aquella ineſperada maquina aos olhos, os alentou, fazendo continuar o feſtejo com grande ſocego. Acabado,

(1) Jacinto Freire na Vida de D. Joaõ de Caſtr. liv. 2. num. 119. Duart. Nun. Deſcripç. de Portug. c. 89. p. 146. verſ. (2) Antonio de Souſa de Macedo na Luſitania Liberata liv 3. cap. 9 n. 84. (3) Faria na Aſia tom. 1. part. 4. c. 10. n. 12. Duarte Nunes na Deſcripç. de Portug. c. 89.

do elle, diſpoz a ſua gente, de que ſó eraõ duzentos Portuguezes, e com elles defendeo a Praça, e degollou a muitos dos inimigos, obrigando ao Rey a fugir vergonhoſamente, e a deixar muitas joyas precioſiſſimas, que D. Leoniz diſtribuio grandioſamente pelos vencedores. Mereceo ficar memoravel na eterna lyra de Camões. (1)

74 *Lopo Barriga*, valentiſſimo Cavalleiro, que executou em Africa acções dignas de honrada lembrança, era deſtemido, e nenhum poder contrario lhe cauſava terror. Entre as mais celebres façanhas, que delle ſe eſcrevem, foy a que lhe ſuccedeo no Caſtello de Alguel em C,afim. Inveſtio-o hum numeroſo eſquadraõ de Mouros, e o apanharaõ; porém elle aſſim prezo arrebatou a lança das mãos a hum valente Mouro, e o matou com ella propria, e ſe reſtituio à liberdade com todos os ſeus.

75 *Lopo Soares de Albergaria*, o terceiro entre os Governadores da India, para onde foy no anno de 1515, e no de 1517 deu a conhecer o ſeu valor, ſahindo com huma armada de trinta e ſeis vaſos a aterrar as ribeiras da Arabia. A inſtancias delRey de Cochim deſtruio Cranganor, e Panane. Entrou na Cidade de Zeila, e a entregou ao fogo. Fez a ElRey de Columbo tributario a Portugal, levantou Fortaleza em Ceilaõ, e obrou outras acções de valor. (2)

76 *Lopo Vaz de Sampayo* naõ teve inveja a nenhum dos celebrados da fama em todas as ſuas emprezas militares. Foy o oitavo Governador da India, que regeo quatro annos, nos quaes, como outro Joab, ſubjugou a ElRey de Cambaya poderoſiſſimo, e deſtruio huma armada do de Calecut;

que

(1) Cam. no Sonet. 28. da Centur. 3. e na Eleg. 4. Faria tom. 2. da Aſia Portug. part. 3. c. 9. Vide Macedo nas Flores de Heſp. cap. 9. n. 9. Toſcan. Parallel. de var. illuſtr. c. 15. (2) Barr. Decad. 1. liv. 7. c. 9 e 10. Decad. 3. liv. 1. c. 1. 2. 5. e 6. Cam. Luſiad. cant. 10. eſt. 50. Far. na Aſia tom. 1.

que continha mais de feis mil homens de guerra, e hum Capitaõ delRey de Narfinga, que o foccorria com vinte e cinco mil, achando-fe elle fó com mil e cento. Iguaes moftras de valor deu em Ormuz, fendo o primeiro que atraveffou a punhaladas ao tyranno Raez Hamet, com que affegurou o dominio Portuguez naquelle Reino, e finalmente obrou outras muitas coufas benemeritas de Capitaõ infigne. (1)

77 *D. Lourenço de Almeida*, o Macabeo Lufitano, filho do Vice-Rey D. Francifco, fervirá de admiraçaõ ao mundo fempre que forem ouvidas as fuas acções bizarras militares cheyas de nobiliffimo ardor. Eraõ os golpes de feu braço como rayos fulminantes. Em Panane, Lugar de Calecut, a hum Mouro, que o inveftio membrudo, e forte, lhe defcarregou hum golpe na cabeça, que o abrio até os peitos. Entrava por entre efquadrões armados do inimigo com tal valor, que parecia temeridade. Defronte de Cananor deftruio huma poderofa armada do C,amorí fó com a perda de feis homens. Até quando fe achou nos braços da morte defpedaçado com dous pelouros de bombarda, fazendo refiftencia no porto de Chaul às armadas do Egypto, e de Cambaya, mandando-fe atar ao maftro da náo, dalli com a efpada, e com o animo intrepido, fem faber fer rendido, como diffe Camões, pelejava, e influia efpiritos nos feus à vingança. O mefmo infigne Poeta convida a todos os antigos, e famofos Capitães, que tem havido no mundo, para virem aprender de D. Lourenço valentias, que nunca viraõ em feu tempo. Tal era a fua fciencia, e o feu esforço. (2)

78 *D. Luiz de Ataide*, Conde de Atouguia, Vi-

---

(1) Barr. Decad. 4. liv. 1. c. 2. e liv. 2. c. 9. 12. 13 e 14 Cam. Lufiad. cant. 10. eft. 59. Fir. na Afia tom 1. part 4. c. 4. (2) Barros, Decad. 1. liv. 10. c. 4 e Decad. 2. liv. 2. c. 7. e 8. Cam. Lufiad. cant. 10. eft. 27. até 32. Barbof. Faft. da Lufit. tom. 1. p. 649.

Vice-Rey duas vezes da India, e nella o ſegundo Noé Portuguez, ou o Reparador da gloria Portugueza profanada, foy Heroe mayor que todo o louvor, e obrou elle ſó o que outros Heróes Portuguezes haviaõ executado por varias occaſiões. Vio ſobre ſi aos mais poderoſos Reys do Oriente conjurados a extinguir de hum golpe o dominio Portuguez: o Hidalcaõ em Goa, o Nizamaluco em Chaul, o C,amorí em Achem todos com poderoſiſſimos exercitos foraõ reduzidos a miſeravel deſtroço por D. Luiz, que triunfante lhes concedeo a paz, que pediraõ, e augmentou tributarios ao Reino. Em fim elle foy valente como hum Marte, e juſto como hum Numa. Tirou-o a morte do mundo no anno de 1580 a pezar de outras heroicas emprezas, que do ſeu inclyto animo ſeguramente ſe eſperavaõ. (1)

79 *Martim Affonſo de Souſa*, duodecimo Governador da India, foy valente Cavalheiro, que antecedentemente no Brazil havia moſtrado ſeu valor, e deſtruido huma poderoſa armada de piratas Francezes. Depois na India em tempo do governo de Nuno da Cunha, ſendo Capitaõ mór do mar, eſcalou a praça de Damaõ ſoberbamente fortificada, e defendida, ſendo elle o primeiro, que com extraordinaria ouſadia entrou pela porta cheya de fogo, e nuvens de frechas. Deſtruio a Cidade de Repelim, pondo ao Rey em fugida, e o meſmo fez em Beadalá, e Baticalá. Conſeguio finalmente com ſeu valor, e juizo, que todos o temêſſem como ao proprio Marte. (2)

80 *D. Martim de Freitas*, conhecido pela conſ-

(1) Faria na Aſia tom. 2. part. 3. c. 5. e 6 Cam. Sonet 64. (2) Maff. Hiſtor. Indiar. liv. 11. Caſtanhed. liv. 8. c. 102. Barros, (Decad. 4. liv. 4. c. 27. e liv. 6. c. 12. e liv. 7. c. 19. e liv. 8. c. 13. Far. tom. 2. da Aſia part. 1. c. 11. até 14. Mariz, Dial. 5. c. 1. Vaſconcel. na Chron. do Brazil tom. 1. liv. 1. n. 63. Cam. Luſiad. cant. 10. eſt. 63. e ſegg.

tancia de ſeu valor, e fidelidade, ſoube reſiſtir intrepido ao cerco, que ElRey D. Affonſo II. de Portugal lhe fez em Coimbra para lhe entregar aquella Praça, que ElRey D. Sancho II. tambem de Portugal lhe havia dado para a governar, naõ deſcançando até naõ ir peſſoalmente entregar as chaves do Caſtello nas mãos delRey, que já eſtava ſepultado na Sé de Toledo. (1)

81 *Martim Moniz*, Cavalleiro Portuguez, que na batalha do Campo de Ourique dera irrefragaveis teſtemunhos do ſeu valor, na tomada de Lisboa fez perduravel o ſeu nome com huma acçaõ merecedora do mais elegante elogio. Tendo os noſſos entrado na Cidade pela porta do Caſtello, e ſendo rebatidos dos Mouros, que pertendiaõ fechalla, pelejou com tanto valor o invencivel Moniz, que dando, e recebendo feridas, ſe deixou cahir morto nella, mas com tal acordo, que por cima delle, como por ſegura ponte, entraraõ os Chriſtãos, e ſe fizeraõ ſenhores do Caſtello, merecendo por eſta acçaõ taõ illuſtre ficar para eterna memoria gravada em hum buſto de pedra a imagem da ſua cabeça no meſmo ſitio, onde ſe conſerva ainda hoje. (2)

82 *Mathias de Albuquerque*, unico Conde de Alegrete, e Governador das Armas na Provincia de Alentejo pelos annos de 1640, fez igualmente lembrado o ſeu nome na defenſa da America, nas guerras de Flandres, e emprezas militares da Europa, onde com acções de grande ſoldado conſeguio muitas victorias, e adquirio a reputaçaõ de immortal. (3)

83 *Nuno Alvares Pereira*, ſegundo Condeſtavel de

---

(1) Monarq. Luſit. liv. 14. c. 30. e outros apud Barboſ. nos Faſt. da Luſit. tom. 1. p. 490. (2) Monarq Luſit. liv. 10. c. 28. Franc. Botelho no ſeu Poema epico do Alfonſ. liv. 9. celebra muito eſta acçaõ de Moniz, veja-ſe. (3) Caſtrioto Luſit. liv. 3. Roch. Pita liv. 4. Julio de Mello, Monſ. de la Clede.

de Portugal, Heroe invencivel, Aquilles Santo, Scipiaõ Portuguez, luzeiro dos Capitães valerosos, esclarecido Marte Lusitano, Pay da liberdade da patria, monstro do valor, açoute do soberbo Castelhano: com todos estes epithetos he appellidado nas nossas Historias. Foraõ suas acçóes quasi milagrosas, e fizeraõ parecer o seu braço naõ só instrumento do seu esforço, mas da sua virtude. Saõ ellas taõ memoraveis, e de tal qualidade, que postas em balança com todas as dos Heroes clarissimos pela espada, pela magnificencia, e pela Religiaõ, naõ ha duvida que pezaráõ sempre mais que as dos outros, conforme ponderou Manoel de Faria, (1) porque neste Heroe se viraõ juntas todas as virtudes até chegar a coroar suas singulares proezas em querer morrer no sagrado habito Carmelitano com o mesmo valor, com que tinha vestido o arnez de Marte. (2)

84 *Nuno da Cunha*, nono Governador da India, cujo bastaõ empunhou no anno de 1529, e foy hum dos excellentissimos Heroes Lusitanos, que na Asia augmentou o respeito ao nome Portuguez. Foy sobre Mombaça, e a ganhou, castigando seu Rey, e fazendo-o tributario ao nosso. Destruio a Ilha de Bet, e a de Baçaim: fundou em Chale huma fortaleza, e outra em Dio; e em fim naõ deu passo na Asia, que naõ fosse victorioso. Morreo no mar, e no mar mandou que o sepultassem. (3)

85 *D. Payo Peres Correa*, Mestre da Ordem de Santiago em Castella, e natural de Evora, confor-

 me

(1) Far. no Com. à est. 28. do cant. 8. de Cam. (2) Deste portentoso Heroe escreveraõ muitos, que se pódem ver no tom. 1. da Chronica do Carmo escrita pelo doutissimo Fr. Joseph Pereira. Em Latim he elegante o que do Santo Condestavel publicou Antonio Rodrigues da Costa, e em vulgar lhe escreveo a vida Fr. Domingos Teixeira, imitando muito o estylo de Jacinto Freire. (3) Goes, Chron. delRey D. Manoel part. 3. cap. 54. Faria tom. 1. da Asia part. 4. cap. 10.

me huns, (1) ou de Santarem, ſegundo outros, (2) he chamado o Ceſar Heſpanhol, e o Joſué Luſitano, porque nas grandes victorias, que alcançou contra os Mouros em augmento da Religiaõ, e Monarquia Portugueza com valor, e manha de ſabio Capitaõ, parece que o Ceo lhe fomentava os triunfos, cooperando para elles o meſmo Sol, obedecendo-lhe, e parando como a Joſué, para que concluiſſe à ſua ſatisfaçaõ hum caſo de armas contra os infieis na Serra Morena, de que ſahio victorioſo, e com creditos naõ ſó de Cavalleiro intrepido, mas piiſſimo. Morreo no anno de 1275, e jaz ſepultado na Igreja de Santa Maria de Tudia, que elle mandara edificar. (3)

86 *Pedro Alvares Cabral*, filho de Fernando Cabral, ſenhor de Azurara, e Alcaide mór de Belmonte, mereceo tambem ſer acredor de indefectivel memoria, pois ao ſeu coraçaõ animoſo deve Portugal o Imperio do opulento, e dilatado continente do Braſil, que elle deſcubrio no anno de 1500, fazendo deſde entaõ com que os ſoberanos Reys Portuguezes ſe illuſtraſſem, e deſſem a conhecer ao mundo com titulos novos de Senhores da Navegaçaõ, Commercio de Ethiopia, Arabia, Perſia, e da India. (4)

Pe-

(1) Man. de Far. na oitav. 3. de Cam. que vem nas Rim. eſt. 5. Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 1. p. 401. Toſcan. nos Parallel. de var. illuſtr. c 3. Fonſec. na Evor glorioſ. n. 87. (2) D. Nicol. na Chronic. de S. Agoſt. liv. 4. c. 14. num. 6. Monarq. Luſit. liv. 16. c. 13. Vaſconcel. Hiſtor. de Santar. e outros apud Barboſ. nos Faſt. da Luſit. tom. 1. (2) Do milagroſo caſo de parar o Sol duvidaõ alguns; porém D. Rodrigo da Cunha na Hiſtor. Eccleſ. de Liſb. part. 2. c. 58. o moſtra, e Lope da Vega no liv. 19. da ſua Jeruſalem, ainda que errou o appellido, diſſe:

Y aquel Portuguez Payo Silvera
Sangre de Joſué de nueſtra Eſpaña;
Que al Sol paró por acabar ſu hazaña.

(4) Barros, Decad. 1. liv. 6. c. 1. Faria na Aſia tom. 1. part. 1. cap. 5. Rocha Pita na Americ. Port. liv. 1. n. 5. Brit. Freire Nova Luſit. liv. 1. §. 62.

87 *Pedro Jaques de Magalhães* foy hum General, e dos primeiros Heroes, que no seculo passado immortalizou a sua fama nas repetidas gloriosas emprezas, com que illustrou o Reino, e a naçaõ em alcance da sua liberdade, já expulsando os Hollandezes da America, já soccorrendo os Hespanhoes no sitio de Oraõ, já reprimindo, desbaratando, e vencendo os Castelhanos nas Provincias da Beira, e Alentejo sempre com hum merecimento superior ao premio, e com huma fortuna nas armas muito desigual dos despachos, que as suas acções mereciaõ. (1)

88 *Pedro Mascarenhas*, pessoa illustre por qualidade, e valor, a quem supposto a injustiça lhe tirou da maõ o sceptro do governo da India, naõ poderaõ seus contrarios derrubarlhe da cabeça as coroas, que com valor grande conseguio em differentes casos, humas vezes destruindo a armada delRey de Pam, outras cativando em Bintam seu orgulhoso Rey, e assaltando, e saqueando sua opulenta Cidade com huma das mais gloriosas victorias, que tivemos pelos annos de 1527 na Asia, na qual, como diz Faria, conseguio para si Pedro Mascarenhas em hum só dia de vencimento muitas idades de illustre memoria. (2)

89 *D. Pedro de Menezes*, filho de D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, primeiro Conde de Vianna, e origem da grande Casa dos Marquezes de Villa-Real, assombrou de puro valente aos Mouros estando em Ceuta, Praça, e Cidade, que ElRey D. Joaõ I. lhe entregou depois de a haver ganhado no anno de 1415, naõ porque lha quizesse entregar, mas porque naõ havia outro, que se quizesse entregar della: taõ formidavel se fazia o perigo da sua defensa, e taõ grande era o coraçaõ de D. Pedro

---

(1) Castriot. Lusit. liv. 10. n. 11. 12. e 47. Menez. Portug. Restaur. tom. 2. Ann. Histor. a 8 de Dezembro. (2) Barr. Decad. 4. liv. 1. c. 1. Faria tom. 1. da Asia part. 4. c. 1. n. 11.

dro para o naõ temer, que disse se atrevia a defendella de todo o poder de Africa só com hum cajado de azambujeiro, que acaso tinha na maõ, com que estava jogando à choca ao tempo que vio a todos eximirse daquella empreza. Em fim ElRey lhe encarregou a defensa da Praça, e elle a livrou muitas vezes de estupendos assaltos dos Mouros com gloriosas bizarrias. Daqui veyo ficar o governo desta Praça perpetuamente em seus descendentes, que saõ os Marquezes de Villa-Real; e quando algum Capitaõ entra de novo a governalla, se lhe toma o juramento de fidelidade naquelle cajado, que ainda hoje alli se conserva. (1)

90 *Salvador Ribeiro*, soldado de taõ conhecido valor, que superando a fortuna, e a inveja, se vio nos mayores auges da grandeza a puros merecimentos da sua espada. Fundou no Reino de Pegú huma Fortaleza, e resistio só com trinta Portuguezes, e tres vélas a huma armada de cem náos guarnecida de seis mil Mouros, e a desbaratou, venceo, e prizionou com incrivel ousadia. Com taõ curto numero de gente se empenhou ao desbarate de outra armada inimiga, e o conseguio. Todas estas victorias, que para outros Capitães bastariaõ para os fazer celebres no mundo, foy o menos, que teve Salvador Ribeiro para lhe dar gloria immortal, e acreditallo de hum coraçaõ heroico. Acclamaraõ os mais nobres de Pegú por seu Rey a Salvador Ribeiro, e o trataraõ com todas as ceremonias, que lhe eraõ devidas. Os Reys circumvisinhos lhe mandaraõ naõ só Embaixadores para conciliarem sua aliança, mas regalos preciosos. Toda esta estimaçaõ renunciou o grande Portuguez, retirando-se com hum aviso do Vice-Rey Ayres de Saldanha sem a minima resistencia, e com grande desgosto, e saudade dos

que

(1) Far. Comm. à est. 38. da Lusiad. e à est. 8. da Eglog. 1. do mesmo Cam. Ann. Histor. a 22 de Setembro.

que o acclamaraõ. Oh incomparavel fidelidade dos Portuguezes! Oh nobre, e heroico valor de Portuguez incomparavel! Parece que o Profeta Isaias cap. 60. fallou dos Portuguezes enviados de seus Principes às Conquistas, comparando-os admiravelmente às pombas; porque de quantos Governadores, e Capitães foraõ a partes taõ remotas, e tiveraõ tanta occasiaõ de ser tentados da cubiça para se levantarem com hum pedaço de Imperio, nenhum houve, que o fizesse, e que naõ tratasse, como pomba amorosa, de voltar para sua casa, e a seu Principe com a nova do que tinha achado, como bem pondera Manoel de Faria na primeira Nota das Lusiadas; donde o nosso Virgilio na 147 do 10, fallando da obediencia dos Portuguezes aos seus Reys, diz: (1)

Por servirvos a tudo apparelhados,
De vós taõ longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados
Sem dar resposta promptos, e contentes;
Só com saber que saõ de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetteráõ comvosco, e naõ duvido,
Que vencedor vos façaõ, e naõ vencido.

91 *D. Sancho Manoel*, primeiro Conde de Villa-flor, deixou com fixa segurança encommendado seu glorioso nome à fama. Elle se houve nas guerras da Acclamaçaõ com hum valor, e espirito taõ heroico, e ardente, que do seu braço, e direcçaõ dependeraõ muitas victorias, que alcançámos dos Castelhanos. O famoso triunfo do Ameixial, em que ficou desvanecida toda a generosa actividade de D.

(1) O Author do Anno Historico a 9 de Janeiro diz, que este Heroe fora natural de Guimarães, e he para reparar, que o Padre Costa no tom. 1. da Corografia Portugueza fallando de todos os varões illustres em letras, virtude, e armas dalli nacionaes, lhe escapasse este taõ distincto varaõ.

D. Joaõ de Auſtria, e perdida toda a reputaçaõ das armas de Caſtella, a eſte grande General ſe deve, como tambem o recuperarſe Evora Cidade da injuſta oppreſſaõ, que lhe fazia o Conde de Sartirana. Outras muitas acções, e bizarrias militares obrou D. Sancho todas dignas de memoria reſpeitavel, e glorioſas para Portugal. Morreo aos 5 de Fevereiro do anno de 1667, e jaz ſepultado na Villa de Abrantes no Convento dos Padres Piedoſos. (1)

92 *D. Soeiro Mendes da Maya* foy hum dos varões Portuguezes, que no primeiro ſeculo deſta Monarquia floreceraõ em valor muito diſtincto, eſpecialmente na batalha de Campo de Ourique, e em outras occaſiões de empenho. (2)

93 *Triſtaõ da Cunha*, varaõ Portuguez taõ excellente, que foy o primeiro, que ElRey D. Manoel elegeo para governar a India, e por huma enfermidade, que lhe ſobreveyo, paſſou em ſeu lugar o Vice-Rey D. Franciſco de Almeida. Foy depois Triſtaõ da Cunha por Capitaõ mór de huma armada, onde hia à ſua obediencia Affonſo de Albuquerque, e com eſte obrou maravilhas pelas armas na Ilha de S. Lourenço, e Cidade de Oja, e outras, cativando, abrazando, e ſujeitando-as ao dominio Portuguez; de ſorte, que, ſegundo canta Camões, Albuquerque era a reſpeito de Triſtaõ da Cunha como hum rayo extrahido daquelle Planeta da guerra, como faiſca de Jupiter, como diſcipulo de tal Meſtre. (3)

94 *Vaſco da Gama*, famoſo Argonauta, e primeiro deſcubridor da India Oriental, dotado de hum animo grande, e proprio para a empreza, que ElRey D. Manoel fiou delle. Com o honroſo titu-

lo

(1) Portug. Reſtaurad. tom. 1. e 2. Souſa, Mem. Genealog dos Grand. de Portug. Fonſec. Evora glorioſa, e outros apud Barboſ. nos Faſt. da Luſit. tom. 1. p. 441. (2) Monarq. Luſit. liv. 8. p. 21 (3) Barr. Decad. 1 liv. 8. c. 3. e Decad. 2. liv. 2. cap. 1. Cam. Luſiad. cant. 10. eſt. 40.

lo de Almirante dos mares fez tributario ao Rey de Quiloá, deſtruio a armada de Meca, e do Çamorí, e aſſombrou a Cidade de Calecut. Com o glorioſo emprego de Vice-Rey fez temer naõ ſó os mares, mas tremer a terra de Cambaya; e depois de cauſar tanta inveja às eſtrangeiras nações, e naõ exercitar mais que tres mezes o Vice-reinado, permittio Deos, que a terra do Oriente, que elle deſcubrira, foſſe o ſeu occidente no proprio dia, em que Chriſto teve o oriente no mundo. Jaz na Vidigueira no Convento Carmelitano. (1)

95 *Viriato.* Em Portugal houve dous Viriatos: hum era Regulo, que paſſou com Annibal a Italia acompanhado de ſeus vaſſallos, como refere Silio Italico liv. 3., o outro foy mais conhecido, e deſtro na lança, que no cajado, como diz Camões, e ſegundo affirma Juſtino liv. ult. naõ produzio Heſpanha outro varaõ mais valeroſo em muitos ſeculos do que Viriato. Elle foy o terror de Roma, e a deſtruiçaõ dos Romanos, a quem venceo por muitas vezes, e de todo lhes daria fim, ſe elles com vergonhoſa manha o naõ mataſſem pelos annos 137 antes de Chriſto. (2)

96 Se a conciſaõ do noſſo eſtylo ſoffrera memorias mais dilatadas, de outros muitos varões Portuguezes inſignes em armas a pudera-mos fazer, de cujos lances gentís, e bizarros eſtaõ cheias noſſas Hiſtorias, e ainda as eſtranhas: mas que muito, ſe geralmente os Portuguezes ſaõ animados do eſpi-

(1) Barr. Decad. 3. liv. 9. c. 2. Faria tom. 1. da Aſia, Agiol. Luſit. tom 3. p. 406. (2) Apian. Alexand. lib 3. Affirma Joaõ de Barros na Deſcripçaõ do Minho cap 3 que vira em Bellas pouco diſtante de Lisboa, e na quinta, que fora de Pedro Machado, a ſepultura do famoſo Viriato com as letras já eſtropeadas, mas que bem davaõ a lerſe: *Hic jacet Viriatus Luſitanorum dux*; e que dentro da ſepultura ſe achara tambem huma eſpada, que ainda ſe lhe diviſavaõ letras gravadas nella. Devia ſer ruſtico o deſcubridor, que de tudo fez pouco caſo, pois tudo ſe perdeo, e ſó permanece eſta pequena memoria.

rito de Marte, e ſempre haveria que dizer, ſe neſte predicado quizeſſe-mos dizer tudo ;

Porque de feitos taes, por mais que diga,
Sempre me ha de ficar muito que dizer.

Por iſſo concluimos com a ſentença do grande Macedo *in Propugnac. Gallico-Luſitan. part.* 1. *cap.* 6. o qual fallando dos Portuguezes, diz : *Luſitani (abſit verbo invidia) miſtum quiddam, & temperatum ex diverſis virtutibus ingenium, univerſas propè omnes militares virtutes reddit. Ardent, fulgurant, cùm invadunt; fulminant, cùm feriunt; nec aut terrentur multitudine, aut copias obruuntur: ardorem conſtantia, alacritatem vi, agilitatem fortitudine, virtutem perſeverantia temperant, ſtimulis honoris acti, mortem contemnunt; pudet vinci, & pro gloria dimicant; omnes alias cogitationes in bello, præter unius gloriæ memoriam, abjiciunt. Hæc illis pro anima, cùm pugnam ineunt. Itaque ſinguli ſtrenuiſſimè, & pro ſe quiſque mira patrat.*

CAPITULO V.

Das victorias mais aſſinaladas, que os Portuguezes tem alcançado de varias Nações.

1 NEſte lugar, como parte mais conveniente, e propria, faremos mençaõ de alguns triunfos das noſſas armas de mayor fama, e gloria, já que de todos naõ ſerá factivel tratar em taõ eſtreito ambito, e muito menos ſendo os Portuguezes aquelles, de quem o Veneravel Vieira diz, que *ſempre tiveraõ tanto a guerra por exercicio, como a victoria por coſtume*; ou, ſegundo cantou tambem elegantemente o noſſo grande Poeta, *ſempre tive-*

raõ

raõ os trofeos pendentes da victoria. Nomearemos pois primeiramente os ſitios, onde ſe alcançaraõ, pela meſma formalidade, que ſeguimos. (1)

2 *Alcacer do Sal.* Depois de ter ganhado eſta Villa aos Mouros o invicto, e Santo Rey D. Affonſo Henriques em dia do glorioſo S. Joaõ Bautiſta do anno de 1158, à cuſta de dous mezes de ſitio, em que houveraõ memoraveis lances de valor, (2) tornaraõ os barbaros a conquiſtalla; e deſejando ElRey D. Affonſo II. dar ſobre elles, e reſtauralla, o poz em execuçaõ com o auxilio de huma armada do Norte, que acaſo havia entrado em Lisboa, e conſtava de cem vaſos. Por terra foraõ vinte mil Portuguezes capitaneados pelo Biſpo D. Soeiro, (3) a quem as letras naõ embotaraõ as armas para tamanha empreza. Eſtando todos combatendo a Villa por mar, e terra, ſobrevieraõ em ſoccorro dos Mouros quatro Reys, o de Sevilha, o de Badajoz, o de Jaem, e o de Cordova com quinze mil lanças, e oitenta mil infantes, e dez galeras. Tudo desfizeraõ noſſas armas com taõ grande ruina dos barbaros, que hum valle proximo ficou perpetuamente conſervando a memoria da mortandade com o nome de *Valle da Matança*, e o reſto delles para ſempre ficaraõ amedrontados. Succedeo iſto em dia de S. Lucas Evangeliſta a 18 de Outubro de 1217. (4)

Kkk ii *Al-*

---

(1) Vieir. tom. 7. dos Serm. n. 505. Cam. Luſiad. cant. 1. eſt. 25. Souſa de Macedo nas Flores de Heſp. (2) Monarq. Luſit. liv. 10 c. 39. e liv. 7. c. 5. (3) Camões cant. 8. eſt. 24. e alli ſeu grande Commentador, e outros dizem, que o tal Biſpo de Lisboa ſe chamava D. Mattheus; porém o inſigne Chroniſta Brandaõ na Monarquia Luſit. part. 4. liv. 13. c. 20. e liv. 14 c. 8. e D. Rodrigo nos Biſpos de Lisboa part. 2. c. 25. moſtraõ que fora D. Soeiro. Por naõ deſcontentar as duas opiniões fez bem o Reverendo Padre Luiz Cardoſo em repartir eſta meſma acçaõ pelos dous Biſpos; veja-ſe o tom. 1. do *Diccionario Geografico de Portugal* p. 128. porém ſempre he de preſumir que ſeria equivocaçaõ do amanuenſe. (4) Brito liv. 4. c. 33. Mariz Dial. 2. c. 11. e outros affinaõ o anno deſta victoria no que acima eſcrevemos de 1217, ſó o P. Fonſeca na Evor. glor. n. 82. o ſinala no de 1219.

3 *Aljubarrota.* Pela morte delRey D. Fernando ficou este Reino sem legitimo successor, e logo ElRey D. Joaõ I. de Castella fez tençaõ de o dominar. Embaraçou-lhe os projectos o Mestre de Aviz D. Joaõ, acclamado Rey de Portugal nas Cortes, que se celebraraõ em Coimbra a 6 de Abril de 1385. Ateimou ElRey de Castella na sua injusta pertençaõ com grande fadiga, e entrando por Portugal, tomou sem resistencia algumas Praças; porém o forte libertador da patria D. Joaõ I. unido com o valeroso Condestavel Nuno Alvares Pereira, para disputarem ultimamente à ponta da espada o pertendido direito, entraraõ com ElRey de Castella em batalha no sitio entre as Villas de Aljubarrota, e Alcobaça. Constava o exercito inimigo de trinta mil homens, e dezaseis peças de campanha, primeiros instrumentos bellicos daquelle genero, que viraõ os Portuguezes: nossas Tropas consistiaõ unicamente em seis mil e quinhentos homens. Travouse com furor de parte a parte a peleja, e como Nuno Alvares hia na frente do exercito, e era valentissimo Heroe, foy o Author da primeira ruina no campo contrario, e assim dentro de tres horas de conflicto se viraõ nossas armas victoriosas do formidavel poder de Castella aos 14 de Agosto de 1385, vespera da Assumpçaõ de N. Senhora. Morreraõ dos inimigos dez mil pessoas, e dos nossos sómente cento e cincoenta. Foy o despojo immenso, e precioso, e entre varias cousas se achou huma famosa Reliquia de hum grande pedaço do Santo Lenho, e o rico sceptro do mesmo Rey Castelhano, que tudo se conservava no Convento do Carmo de Lisboa, que por voto, e gratificaçaõ do vencimento edificou, e dedicou a Maria Santissima o insigne Condestavel, assim como ElRey D. Joaõ I. levantara junto ao lugar da victoria outra primorosa fabrica para Convento de S. Domingos, que chamou de Nossa Senhora da Batalha, em memoria desta, a qual obra

com-

compete, ainda eſtando por acabar, com qualquer outra illuſtremente acabada. (1)

4 *Ameixial.* No deſtricto deſta Freguezia, que fica no termo de Eſtremoz na Provincia do Alentejo, conſeguiraõ noſſas Armas a 8 de Junho de 1663 huma famoſa victoria das Tropas Caſtelhanas. Tinhaõ eſtas, que governava o Principe, e Capitaõ General D. Joaõ de Auſtria, rendido a Cidade de Evora no mez de Mayo antecedente; e porque naõ ficaſſe deſvanecida a vaidade Caſtelhana, ſahio o noſſo exercito à campanha, de que era General o Conde de Villa-Flor D. Sancho Manoel, para lhe atalhar, e rebater todos os ſeus deſignios, e atrevimentos. Paſſou o rio Degebe, e querendo os eſquadrões Caſtelhanos tambem intentar o meſmo, encontraraõ tal reſiſtencia na paſſagem da ribeira, que experimentando o conhecido damno do noſſo ferro, resfriaraõ na porfia, achando a perda de oitocentos homens, que lhe cauſou eſte choque, com outros tantos feridos. Deſanimado deſta, e de outras eſcaramuças, ſe retirou D. Joaõ de Auſtria com a mayor parte do exercito, que ainda deſtroçado excedia o noſſo, para a eminencia de huma montanha aſperiſſima. Avançou trepando a noſſa Infantaria, e vencendo aquella difficuldade com ardor impaciente, atacou o inimigo de ſórte, que eſte obrando até os ultimos alentos do esforço, chegou a eſtancarſe de maneira, que obrigado do impulſo vigoroſo do noſſo braço, voltou coſtas, e nos deixou nas mãos as palmas de huma completa victoria, que lhe cuſtou mais de quatro mil mortos, e ainda mais

---

(1) Trataõ deſta victoria Fern. Lopes na Chronic. delRey D. Joaõ I. part. 2. c. 37. Cam. nas Luſiad. cant. 4. Franc. Rodrig Lobo no Poema do Condeſtavel cant. 14. Faria na Europ. Portug. tom. 2. c. 1. n. 83. Mariz Dial. 4 c. 1. Monarq. Luſit. part. 8. fol. 760. Ilheſcas, Hiſtor. Pontif. part. 2. liv. 6. c. 19. Marian. liv. 10. c. 13. Sá, Memor. Hiſtor. part. 1. liv. 2. c. 1. Pereira, Chron. do Carm. tom. 1. part. 3. c. 3. §. 5. e outros muitos que eſtes allegaõ.

mais de ſeis mil prizioneiros, entre os quaes entraraõ muitas peſſoas de qualidade. Tomaraõ-ſe oito peças de artelharia, hum morteiro, muita quantidade de armas, quatrocentos cavallos, mais de dous mil carros carregados de precioſo fato, e juntamente a copa, e baixellas de D. Joaõ de Auſtria, e toda a ſua Secretaria. Para memoria deſta victorioſa batalha ſe mandou levantar na eſtrada, que vay para a Villa do Cano junto do oiteiro dos Ataques hum grande padraõ, ou columna triunfal de marmore, onde ſe lê eſta inſcripçaõ: *No anno de 663 em 8 de Junho, reinando em Caſtella D. Filippe IV. vindo D. Joaõ de Auſtria ſeu filho Capitaõ General do exercito daquelle Reino retirando-ſe com elle da Cidade de Evora, ſe formou neſte ſitio à viſta do exercito de Portugal, que o ſeguia, de que era Governador das Armas D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor, o accommetteo, dandolhe batalha, e deſtruindo ao exercito de Caſtella, em que vinha toda a Nobreza della, ganhando lhe a artilharia, que trazia, e grande quantidade de carruagens, que o acompanhavaõ, e para memoria de taõ glorioſo ſucceſſo mandou ElRey D. Affonſo VI. pôr aqui eſte Padraõ, que he o lugar, em que ſe deu, e venceo a batalha.* (1)

5 *Arcos de Valdevez.* Foy tambem memoravel a batalha, que o Infante D. Affonſo Henriques deu no anno de 1128 a ElRey D. Affonſo VII. de Caſtella neſte ſitio, que fica na Provincia do Minho entre a Villa dos Arcos, e a Freguezia de Santo André de Guilhadezes. Noſſos eſquadrões executaraõ taes primores de valor, que reduziraõ aquella animoſa naçaõ a miſeravel eſtrago, do qual foraõ teſtemunhas por muitos annos os montes de oſſos, que ſe viaõ naquellas campinas, por cujo motivo lhe chamaraõ a *Veiga da Matança*, e ainda hoje deſcobrem

(1) Menezes, Portug. Reſtaur. tom. 2. p. 540. Fonſeca, Evor. glorioſ. n. 321. Cardoſ. Diccion. Geogr. tom. 1. p. 440.

brem os arados pedaços de armas, e esporas. Aqui se apanhou aquella famosa Reliquia do Santo Lenho, que existe na Freguezia de Santa Maria de Grade, e da qual nos lembrámos na terceira parte deste Mappa. (1)

6 *Atoleiros*. Fica este sitio na Provincia do Alentejo, e no termo da Villa de Fronteira, meya legua distante della, e alli alcançaraõ nossas armas outra victoria das de Castella em huma quarta feira de trevas do anno de 1384. Governava nosso exercito, que constava de mil infantes, cem besteiros, e trezentas lanças, o valerosissimo Nuno Alvares Pereira, e o de Castella regia o Almirante Fernaõ Sanches de Tovar com hum numero grandemente excessivo de armas, e pessoas da primeira qualidade. Ficaraõ as Tropas do inimigo desbaratadas, e as de Portugal com a gloria do vencimento sem perda alguma. (2)

7 *Campo de Ourique*. Possuida, e habitada dos Mouros a Provincia do Alentejo, e desejoso nosso preclaro Principe D. Affonso Henriques naõ só de dilatar a estreiteza de Portugal, mas de augmentar nelle o culto à Catholica Religiaõ, se deliberou passar o Tejo, e invadir os Barbaros. Naõ se interpoz muito tempo que o naõ executasse, obrando varias hostilidades por alguns Lugares daquella Provincia, até que chegando ao Campo de Ourique, ultimo limite della, onde tendo já noticia daquelle estrago Ismael Imperador de toda a Mourisma dividida em differentes Reys, determinou embaraçar a arrogancia Portugueza. Para isso fez engrossar as suas Tropas com o auxilio de outros quatro Reys, com que ajuntou hum corpo de exercito summamente

(1) Monarq. Lusit. liv. 9 c 16. Cam. cant. 4. est. 16. dos Lusiad. (2) Monarq. part. 8. pag. 541. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 619. Pereira, Chronic. do Carm. tom. 1. pag. 299. Franc. Rodrig. no Condest.

mente horrivel, e numeroso. (1) Constava o nosso de doze mil soldados unicamente, e segundo a tradiçaõ, havia cem Mouros para cada Portuguez. Obrigou a estes a multidaõ quasi a vacillar na empreza; mas como a fé, e valor de Affonso era invencivel, e constante, animado tambem com o apparecimento de Christo Senhor nosso, que lhe assegurou a victoria, (2) no dia 25 de Julho de 1139, dispoz a batalha, e influio generosa colera nos corações da sua gente. Logo ao primeiro sinal das trombetas destinado para o combate investiraõ nossos esquadrões com taõ heroico esforço, e valor, que desbaratando furiosamente aos infieis Sarracenos, sahimos delles gloriosamente vencedores, e o Santo Rey D. Affonso fez gravar no estandarte das Armas Portuguezas gloriosos sinaes, e insignias de tamanho triunfo. (3)

Dio.

---

(1) André de Resende no liv. 4. *De Antiquitatibus Lusitan.* diz que o numero do exercito barbaro excedia a quatrocentos mil combatentes: *Tantas congregavit copias, ut millia quadraginta exercitus superaret.* Parece muito, supposto que assim o referimos na 2. part. do nosso Mappa c. 6. n 16. por authoridade do mesmo Resende; pois naõ se faz crivel, que quatrocentos mil homens coubessem no Campo de Ourique. (2) Deste apparecimento já escrevemos o que basta para credito, quando resumimos as gloriosas acções deste Santo, primeiro Monarca Portuguez. (3) Da formatura destas Armas, ou Escudo cantou Camões cant. 3. das Lusiad. est 53. e 54. e alli diffusamente seu Commentador Manoel de Faria, e Brand. na Monarq. Lusit. part 3. liv 10. c 7. Passando ElRey D. Sebastiaõ ao Alentejo no anno de 1573, e vendo que naquelle campo naõ havia memoria, que declarasse taõ gloriosa facçaõ, mandou fabricar hum Templo, e erigir hum arco triunfal com a inscripçaõ seguinte, que compoz o Mestre André de Resende: *Heic contra Ismarium, quatuorque alios Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alphonsus Henricus ab exercitu primus Lusit. Rex adpellatus est, & à Christo, qui ei crucifixus adparuit ad fortiter agendum commonitus, copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris, ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint, ingentis, ac stupenda rei, ne in loco, ubi gesta est, per infrequentiam obsolesceret, Sebastianus I. Lusit. Rex, bellica virtutis admirator, & maiorum suorum gloria propagator erecto titulo memoriam renovavit.*

8 *Dio.* Esta Praça, que fica no Reino de Cambaya, e à lingua do mar, estando nas mãos dos Portuguezes foy sitiada duas vezes pelos inimigos: a primeira no anno de 1538 sendo Governador Nuno da Cunha: a segunda no anno de 1554, sendo Governador o famoso D. Joaõ de Castro. Nestes dous sitios obraraõ os Portuguezes taes cousas em armas, que sendo verdadeiras, parecem incriveis, e por isso disse bem nosso grande Poeta, (1) que o proprio Marte lhes teve inveja.

9 *Guararapes.* Na raiz de hum destes asperos montes, que ficaõ tres leguas distantes do Arrecife de Pernambuco para o Sul, ganharaõ nossas Armas às Hollandezas duas bem disputadas victorias. A primeira a 19 de Abril de 1648, sendo Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, e constava o nosso exercito de dous mil e quinhentos soldados, e o do inimigo de sete mil e quatrocentos, e seis peças de artilharia, governadas por Sigismundo Vanscoph, o qual depois de valerosa resistencia se vio obrigado a fugir, deixando no campo mil e duzentos mortos, muitos prizioneiros, e hum rico, e numeroso despojo, que mais parecia de Cidade pacifica, do que de exercito guerreiro. Da nossa parte morreraõ oitenta e quatro, e ficaraõ feridos quatrocentos. A segunda victoria succedeo a 19 de Fevereiro do anno seguinte de 1649, com grande perda do inimigo naõ só da gente, mas de reputaçaõ, ficando nossas Armas com duplicados creditos de honra, e valor. (2)

(1) Cam. cant. 2. est. 59.

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, e sorte
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o graõ Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo.

(2) Fr. Rafael de Jesus no Castrioto Lusit. part. 1. liv. 9. n. 25. e 76. Barb. Fastos da Lusit. tom. 1. p. 597. Anno Histor. tom. 1.

10 *Linhas de Elvas.* Esta victoria assim chamada pelas grandes linhas de circumvallaçaõ, com que as Tropas Castelhanas tinhaõ cercado Elvas, Praça consideravel do Alentejo, foy alcançada aos 14 de Janeiro de 1659 pelo Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, que entaõ governava as Armas daquella Provincia. Ficou memoravel esta famosa victoria naõ só pelo grande estrago, que recebeo o exercito contrario, que passaraõ de dez mil entre mortos, e prizioneiros, mas por nos deixar D. Luiz de Haro, Mestre de Campo General Castelhano, o despojo de todo o seu campo, que constava de dezasete peças, tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, e grande numero de bandeiras. (1)

11 *Montes-Claros.* Foy esta batalha a ultima de seis, que os Portuguezes ganharaõ aos Castelhanos depois da feliz acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. Havia o Marquez de Caracena, a quem a grande experiencia, e sciencia militar tinha dado o cognome de *Marte de Hespanha*, entrado em Villa-Viçosa, e atacado fortemente a cidadella da Praça; preparou-se para a soccorrer o Marquez de Marialva, e sahindo de Estremoz a 17 de Junho de 1665 com hum exercito de quinze mil infantes, cinco mil e quinhentos cavallos, e vinte peças de artilharia, foy investido no sitio de Montes-Claros pelo Caracena com brioso valor, de sorte que chegou a ferir a vanguarda das nossas segundas linhas; porém reforçadas dos nossos batalhões, carregaraõ taõ vigorosamente o inimigo, que este vendo irremediavel o perigo, em que o tinha-mos mettido, nos cedeo a campanha com a perda de quatro mil mortos, e seis mil prizioneiros, escapando os mais na ligeireza dos ca-

(1) Menez. Portug. restaur. tom. 2. p. 206. Fonsec. Evor. gloriosa n. 309. e outros apud Barbos. Fastos da Lusit. tom. 1. Lope Fernandes de Barbuda compoz hum Poema desta batalha intitulado: *Palma Lusitana.*

cavallos, ſendo o Marquez de Caracena o primeiro, que quiz aſſegurar a peſſoa, retirando-ſe apreſſadamente para Jurumenha, e deixando no campo toda a ſua bagagem. (1)

12 *Montijo.* A 26 de Mayo de 1644, dia da feſtividade do Corpo de Deos, governando as armas da Provincia do Alentejo Mathias de Albuquerque, teve o noſſo exercito huma famoſa batalha com os Caſtelhanos no ſitio meya legua diſtante de Montijo meya legua para cá do Guadiana. Conſtava o exercito contrario de dous mil e ſeiſcentos cavallos, e ſeis mil infantes, governados pelo Baraõ de Molinguem, General de Cavallaria: o noſſo exercito era muito inferior no numero. Avançaraõ os batalhões de Molinguem com taõ grande valor, que rompendo os noſſos, tivemos arriſcado o triunfo; porém Mathias de Albuquerque animando a noſſa gente, lhe infundio taes eſpiritos, que inveſtindo com ferocidade o inimigo, lhe matou grande numero de ſoldados, e recuperou a artilharia, que nos tinha tomado. Conceberaõ tamanho terror as Tropas Caſtelhanas, que voltaraõ coſtas para livrarem a vida, e ſe recolheraõ a Talavera, deixando-nos no campo todo o trem de artilharia, e bagagem com mil e ſetecentos ſoldados mortos. (2)

13 *Salado.* Ficou memoravel eſte rio, que fica entre Sevilha, e Granada, pela famoſa batalha, que as Armas Portuguezas ganharaõ aos Mouros. Tinhaõ eſtes paſſado a Heſpanha, e poſto em rigoroſo cerco a Praça de Tarifa: ſobreſaltou-ſe El-Rey D. Affonſo XI. de Caſtella, porque o poder barbaro era innumeravel: de quatrocentos mil infantes, ſetenta mil cavallos, e doze mil lanças contaõ as Hiſtorias, que ſe compunha o formidavel exercito

(1) Menez. Portug. reſtaur. tom. 1. Fonſeca, Evor. glorioſ. n. 325. Julio de Mello na Vida de Diniz de Mello liv. 4. Ann. Hiſtor. a 17 de Junho. (2) Menez. Portug. reſtaur. tom. 1. p. 462. Joaõ Salgad. de Araujo nos Succeſſ. Milit. liv. 4. c. 25. Fonſec. Evor. glorioſ. n. 299.

ercito de Ali-Boacem, ao qual se unio ElRey de Granada com cincoenta mil combatentes. Nesta oppressaõ pedio soccorro Castella ao nosso Rey D. Affonso IV., que em pessoa com o mayor numero de gente, que pôde reclutar, passou a auxiliar empreza taõ importante. Determinou-se o dia da batalha, que huns dizem fora a 28, outros a 29, outros a 30 de Outubro de 1340, e mandando arvorar a preciosa Reliquia do Santo Lenho, que tirara do Marmelar, e que se invocassem aquellas palavras do Psalm. 67. *Exurgat Deus, & dissipentur inimici ejus*, investio contra os esquadrões Africanos com tanto furor, e costancia, que naõ podendo elles atalhar os nossos golpes, deraõ costas, e fugiraõ precipitadamente. Dizem que morreraõ dos Mouros duzentos e cincoenta mil, e dos Christãos sómente vinte. Sem duvida foy esta victoria das mais famosas, para a qual concorreo quasi visivelmente o braço de Deos por ministerio dos seus Anjos, que se viraõ militar da nossa parte. O despojo desta batalha foy riquissimo, e opulento, e delle se naõ quiz aproveitar ElRey D. Affonso IV. mais que de algumas bandeiras, que mandou collocar na Cathedral de Lisboa, e do Infante Abohamo, que elle por sua maõ cativara, e depois mandou gratuitamente a seu pay Abohalí, Rey de Sejulmença. (1)

14 *Santarem.* No anno de 1184 a 10 de Julho estando de presidio nesta Villa o Infante D. Sancho, a atacou Miramolim Rey Mouro, que trazia por alliados os exercitos de treze Reys seus vassallos, e formavaõ todos hum corpo de gente innumeravel. Resistiraõ valerosamente os sitiados ao poder Mourisco, e este vendo que o famoso Rey D. Affonso Henriques chegava a soccorrer a Praça, ficou atemorizado, e muito mais, quando vio sahir

(1) Ruy de Pina na Vida delRey D. Affonso IV. Monarq. Lusit. liv. 9 c. 11. e liv. 20. c. 30. Mariz Dial. 3. c. 4. Toscan. Parallel. c. 16. Fonsec. Evor. gloriof. n. 101. Ann. Hist. a 28 de Outubro.

hir da Villa a D. Sancho, que unindo-se aos esquadrões do pay, investiaõ ambos destemidamente contra os expugnadores peito a peito, de sorte que desbaratando os Portuguezes aquelle monstruoso exercito Africano, alcançaraõ huma illustrissima victoria, e das mais famosas, como quer o Chronista Brandaõ. (1)

15 *Tabocas.* Neste monte, que dista nove leguas do Arrecife de Pernambuco, e que a natureza cingio de hum espesso canaveal brabio, e grosso, se ganhou a primeira batalha aos Hollandezes. Infestavaõ elles aquella Provincia com grande damno dos Portuguezes, os quaes animados do grande valor, e constancia de Joaõ Fernandes Vieira, ainda que com forças muy inferiores às daquella naçaõ taõ poderosa, os rechaçaraõ, e destruiraõ neste sitio aos 3 de Agosto de 1645. (2)

16 *Trancoso.* Sitiada esta Villa no anno de 1155 por Albucazan Rey Mouro de Badajós, e ganhada por elles, a tornou ElRey D. Affonso Henriques a recuperar com grande valor; porém a victoria mais famosa que aqui houve, foy no anno de 1385 em dia de S. Marcos, governando o Mestre de Avís. Pelejavaõ Portuguezes contra Castelhanos, e supposto era o numero das suas Tropas muy superior ao nosso, os vencemos gloriosamente. Aqui se vio pelejar da nossa parte o Bemaventurado Evangelista S. Marcos com lança, e adarga sobre hum cavallo branco, fazendo voltar costas ao inimigo. Para memoria de taõ assinalado favor permittio aquelle illustre, e Santo General, que as ferraduras do brioso ginete, em que vinha, ficassem impressas em huma lage até o dia de hoje, que se mostraõ no dia do Santo em huma Igreja, que se edificou em veneraçaõ ao seu glorioso nome. (3)

Val-

(1) Monarq. Lusit. liv. 11. c. 36. (2) Castriot. Lusit. part. 1. liv. 6. n. 28. (3) Monarq. Lusit. liv. 9 c. 21. e liv. 10. cap. 42. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 706. Ann. Hist. a 25 de Abril.

17 *Valverde.* Neste campo, que fica duas leguas distante da Cidade de Merida, conseguio o insigne Portuguez Nuno Alvares Pereira huma memoravel victoria dos Castelhanos. Combatiaõ elles fortificados com hum exercito de trinta e tres mil homens, a quem governava D. Pedro Moniz, Mestre de Santiago, e D. Gonçalo Nunes de Gusmaõ, Mestre de Calatrava. Reconheceo Nuno Alvares o perigo, e se occultou entre os penhascos, onde o foraõ achar posto em oraçaõ. Expressaraõ-lhe o aperto, e o quanto estavaõ promptos os esquadrões para o combate, e elle respondeo com pausa, que *ainda naõ era tempo.* Acabada porém a oraçaõ, tornou à batalha, mandou avançar, e brevemente venceo toda a maquina do inimigo, e acabou neste triunfo de jarretar todas as esperanças de Castella. (1) O certo he, que nos Heroes Portuguezes houve muitas daquellas acções dos famosos Gregos, e Romanos, que pararaõ em fama gloriosa depois de commettidas, parecendo temerarias, quando se commetteraõ.

18 *Varzea*, Villa celebre em Pernambuco, na qual ficaraõ os Portuguezes victoriosos em 17 de Agosto de 1645 das armas Hollandezas. Haviaõ-se estas apoderado violentamente daquella rica povoaçaõ, e fazendo-se fortes em hum dos seus chamados engenhos, pertendiaõ zombar do nosso exercito, que governava Joaõ Fernandes Vieira, e alli atacara os contrarios com força. Viraõ-se opprimidos os Hollandezes, e quasi sem valor já para a defeza: occorreo-lhes, e bem, abrandar nosso furor sem bala, nem polvora, e foy mandar pôr pelas janellas daquella fabrica as matronas Pernambucanas, que lá retinhaõ prizioneiras, as quaes, como se foraõ

(1) Fern. Lop. Chron. delRey D. Joaõ I. part. 2. c 57. Cam. nas Lusiad. cant. 8. est. 30. e 31. Rodrig. Lobo no Condestav. cant. 16. Toscan Paralle1. de var. illustr. c. 12. Pereira, Chron. do Carm. tom. 1. part. 3. c. 4. §. 1. Ann. Hist. a 5 de Outubr.

raõ outras tantas cabeças de Medusa, fizeraõ converter em piedade toda a nossa oppugnaçaõ. Logo Joaõ Fernandes Vieira com espirito de verdadeiro valor lhes mandou offerecer alguns partidos para se renderem pacificamente, que interpretados pelos hereges a effeitos de fraqueza nos responderaõ com huma surriada de bala miuda. Aqui se accendeo vigorosamente no coraçaõ dos Portuguezes a ira de Marte: avançaraõ sem mais demora, e com tal efficacia, que os inimigos em breves minutos se viraõ desbaratados, e cativos, rendendo mais de oitocentos as vidas aos fios das nossas espadas. Seguiose a esta victoria huma pomposa, e magnifica Prociſſaõ triunfal. Precediaõ os soldados vencedores com as bandeiras despregadas, caminhando a passo lento ao toque das caixas, pifanos, trombetas, e clarins, que fazendo bello prospecto aos olhos, e harmonia aos ouvidos, enchiaõ de alegria os corações. Seguiaõ-se em grande numero de carros os ricos despojos, e entre estes aquellas nossas nobres matronas conduzidas em palanquins, e serpentinas, que saõ as carroças daquelle Paiz, até serem restituidas a suas proprias habitações. Depois disto a multidaõ dos cativos Hollandezes em fileiras maniatados, e entre elles despojados das insignias militares os seus Cabos principaes Henrique Hus, e Joaõ Blar. Rematava-se este formoso, e solemne triunfo com hum esquadraõ de tropas Portuguezas, que de espaço a espaço com os trovões das descargas hiaõ augmentando estrondosamente os applausos, e repetindo os vivas daquella insigne victoria. (1)

---

(1) Fr. Rafael de Jesus no Castriot. Lusit. e no Ann. Histor. tom. 2. p. 535.

IN-

INDICE
DAS COUSAS NOTAVEIS
deste segundo Tomo.

A

B

C

D

E

Bal-

Fr.

F

G

H

I

L

M

N

O

P

R

S

S.

Fr.

S.

T

V

X

FIM.